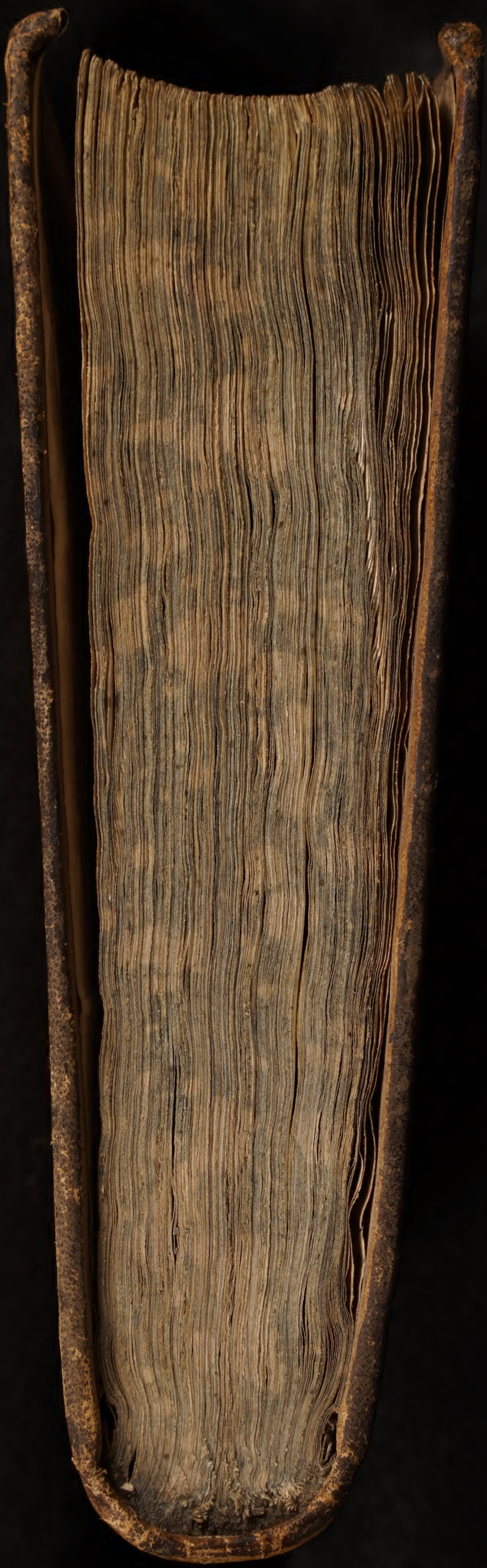
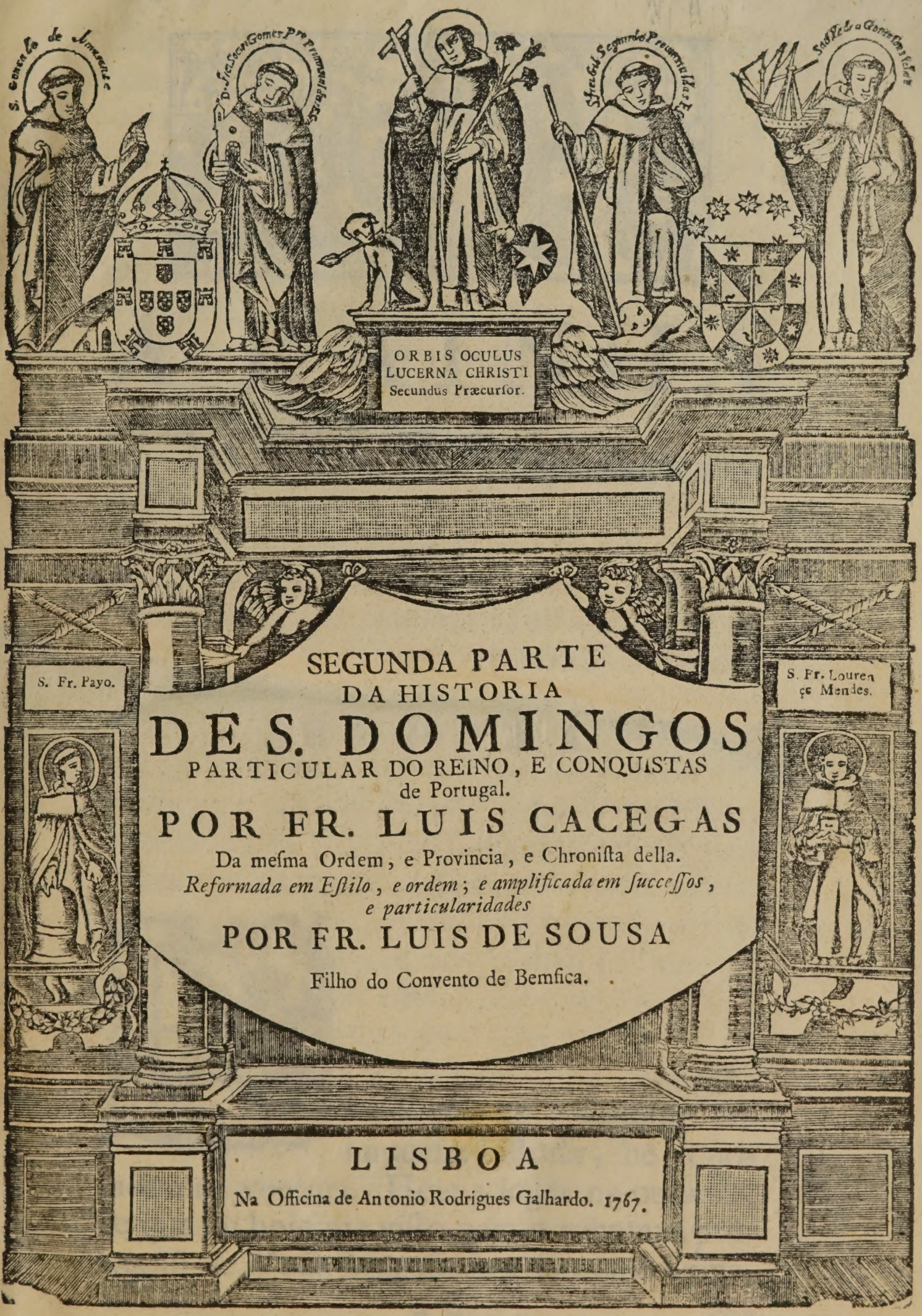
HISTO
DES-
DOMIN
TII





SEGUNDA PARTE
DA HISTORIA

DE S. DOMINGOS

PARTICULAR DO REINO, E CONQUISTAS
de Portugal.

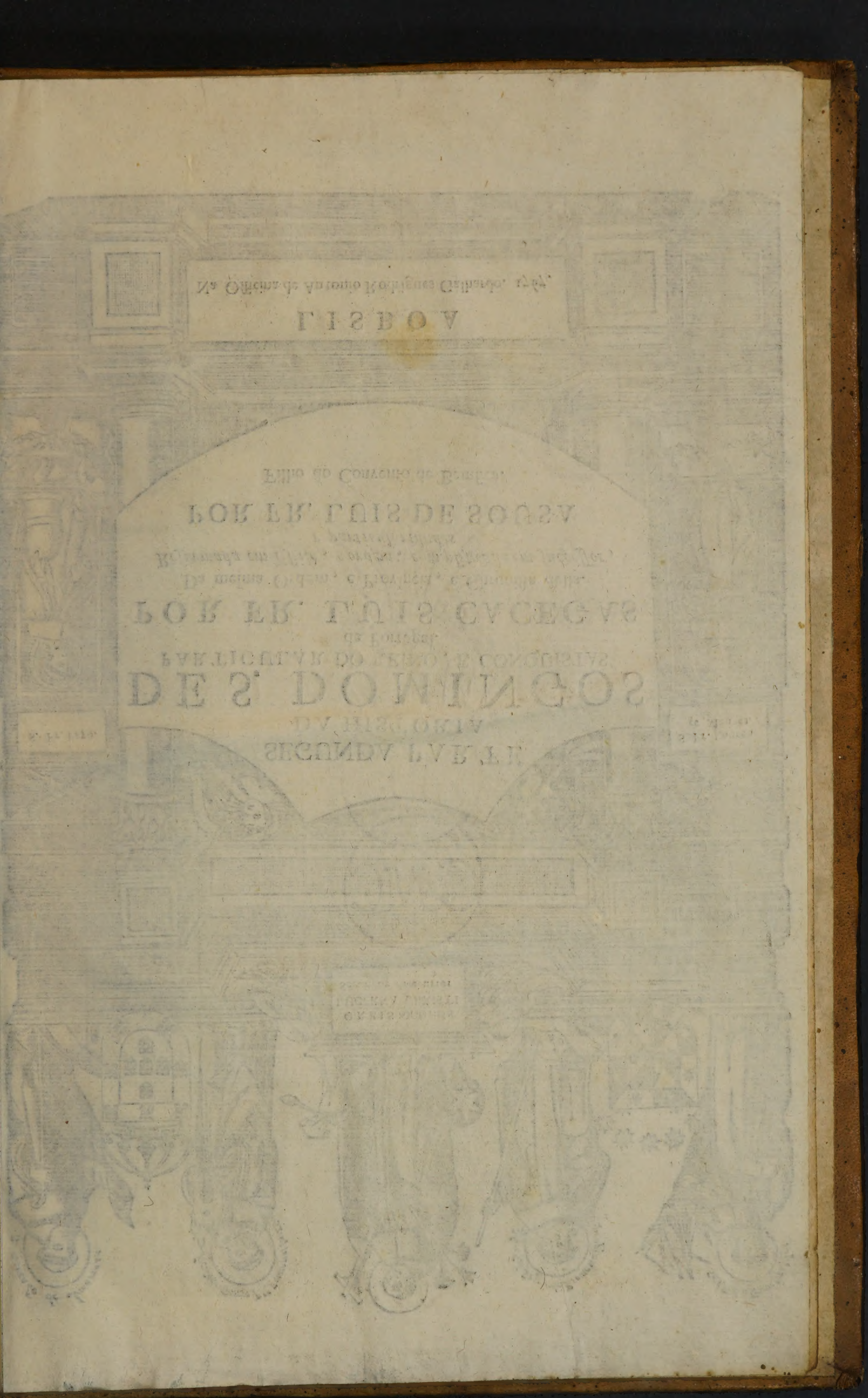
POR FR. LUIS CACEGAS

Da meſma Ordem, e Provincia, e Chroniſta della.
Reformada em Eſtilo, e ordem; e amplificada em ſucceſſos, e particularidades

POR FR. LUIS DE SOUSA

Filho do Convento de Bemfica.

LISBOA
Na Officina de Antonio Rodrigues Galhardo. 1767.



Á RAINHA
NOSSA SENHORA.
SENHORA.

ESTE que he o ſegundo volume na hiſtoria, he o primeiro na ventura. Hoje a logra na ouzadia, de que eu hoje me viſto pera o tributar à protecçaõ de Voſſa Mageſtade, em cujo ampa-

ro, e auſpicio ſe naõ atreverá, nem a eſquivala a enveja, nem a mordela a calumnia. Livre elle, e ſeguro com eſte ſeguro real, daquella eſquivança, e deſta mordacidade, entra aos reaes pés de Voſſa Mageſtade confiado, e ſahe delles prezumido, creſceriaõ ſuas preſunçoens a ſoberbas, ſe eſte vicio naõ encontrara, nem deſmentira as virtudes religioſas que nelle ſe trataõ, ainda que com eſtilo elegante, em argumento humilde; pois he a humildade monaſtica, o apoyo a toda a perfeiçaõ evangelica.

Naõ he, Senhora, a Voſſa Mageſtade dadiva, he divida; e divida por muitos direitos, todos procedidos de ſeu aſſumpto. He elle a hiſtoria de S. Domingos, particular do Reino de Portugal: por ſer da Ordem de S. Domingos, he todo, pois he ella toda de Voſſa Mageſtade porque ſendo Guſmaõ eſte ſanctiſſimo Patriarcha, eſtá vinculado ao natural ſangue de Voſſa Mageſtade com hum travado parenteſco, em que ſe competem tantos titulos de Regio, quantos ſeculos de antigo. Por ſer tambem hiſtoria particular do Reyno de Portugal, he tambem todo de Voſſa Mageſtade pollo Scetro Portugues que impunhou, meneado com huma regencia, aceitada com eſtranho valor, dimitida com ſingular deſapego, continuada com huma prudencia, tanto como acertada, ditoza digo, já por lograr, nas perigozas batalhas que V. Mageſtade emprendeo, taõ glorioſas vitorias, que fazendo pezares de tempo, e ſem dar lugar

ao deſcuido, as eſcreve a fama, mais que em marmores, em diamantes, mais que em diamantes, em immortalidades: já pollos feliciſſimos deſpoſorios da Sereniſſima Infante, Rainha da grão Bretanha, por lograrem os animos naquelle Reyno Catholicos, deſafogo no trato das couſas concernentes à religiaõ Catholica, com huma porta aberta a mayores eſperanças. He finalmente eſte volume todo devido a Voſſa Mageſtade por ſer a materia, de que trata, hum trato eſpiritual de vidas ſantas, de que Voſſa Mageſtade ſe paga tanto, que nas tregoas que faz com as occupaçoens do eſtado, tem por dilicias o retiro pera ſe recrear neſta liçaõ.

E aſſi póde ſervir eſte livro a Voſſa Mageſtade, ou de fiador à vontade, ou de arrefens ao alivio, pois foy ſeu Author o Padre Fr. Luis de Souſa, taõ dilicioſo na penna, como auſtero na vida. Toda a gaſtou neſta Religiaõ; foy taõ penitente, que o matou, mais do que o mortificou, porque pareceo ſempre mais morto, que mortificado. Nunca o poderá eſtar quem lêr eſte livro, o qual no caſto das palavras, no culto da locuçaõ, no claro das ſentenças (he a clareza ligitima cultura) no proprio do Idioma, faz conhecer, e confeſſar na noſſa lingoa Portugueſa, huma mageſtade elequente, e huma eloquencia mageſtoſa, ſem pedir lizonjas aos hyperboles, nem temeridades às lizonjas. Nunca as fez, nem ſoube fazer o Author deſte livro, nem eu as faço offerecendoo ambos a Voſſa Ma-

Mageſtade, a quem peço humilhado a ſeus reaes pés, ſeja ſervida permittir, que neſta minha acçaõ pera que naõ fique meu atrevimento queixoſo, fique meu animo diſculpado. Guarde Noſſo Senhor a peſſoa de Voſſa Mageſtade por feliciſſimos annos.

Fr. Antonio da Encarnaçaõ.

PRO-

PROLOGO,

E VIDA DO AUTHOR.

HE eſta ſegunda parte da Hiſtoria de S. Domingos particular do Reyno, e Conquiſtas de Portugal, parto poſthumo do Padre Frey Luis de Souſa, ſae à luz pera dar ſatisfaçaõ aos deſejos que moſtravaõ todos, os que o conheceraõ; e ainda os que ſómente tiveraõ liçaõ de ſuas obras, de verem eſtampadas as que faltavaõ; e tambem por atalhar as queixas com que muitos ambicioſos deſte theſouro eſcondido arguiaõ o deſcuido com que ſe avia a Religiaõ, em o ter tanto tempo ſepultado, e quaſi ja eſquecido; e certo que parece foy providencia particular, que como theſouro de grande preço foſſem dar os originais da propria letra do Author, no Moſteiro do Sacramento, como a porto ſeguro, aonde o achamos taõ guardado, como eſtimado das Religioſas por ſua liçaõ, igualmente devota, e deleitoſa pera naõ fazerem naufragio, como fizeraõ outras obras do meſmo Eſcritor.

E ſuppoſto ſae à luz depois de ſua morte, já nos fica liberdade, e nos corre juntamente obrigaçaõ de darmos huma breve noticia de ſeu naſcimento, vida, e morte: pois naõ ſe póde negar que he divida de agradecimento, divulgarmos pollo mundo as qualidades, e virtudes de hum ſujeito, poſto que com humilde eſtilo, que com taõ nobre, e levantado methodo, à cuſta de tanto trabalho ſeu, honrou tanto a Religiaõ, e ſeus filhos com ſeus eſcritos. Alem de que como neſta ſegunda parte ſe trata do Convento de S. Domingos de Bemfica, e de ſeus filhos; e o P. F. Luis de Sou-

ſa

ſa he filho , na profiſſaõ do meſmo Convento , fica eſte lugar devido a ſeu naſcimento , e virtudes. Ao naſcimento porque ſendo eſte taõ nobre como foy, fica realçando mais a reſoluçaõ com que ſe retirou do mundo , e fugio pera o ſagrado da religiaõ em cuja immunidade ficou livre de ſer preſo dos affectos delle , e dando luſtre muy notavel às heroicas virtudes que em ſua vida obrou : que quando a nobreza vem abraços com a virtude , naõ ſe pode negar , que lhe communica eſmaltes taõ viſtoſos , que muitos como envejoſos ſe movem , e reſolvem a ſeguilla.

As virtudes , e das virtudes , porque ſendo eſtas liçaõ viva , e animada , daõ nova alma , e tal vida à eſcritura que quem a lê , fica com os olhos da alma abertos pera ver que o acerto principal , e unico da vida he guiar os paſſos pollo caminho da virtude. Da morte finalmente , porque como foy placida por ter ſido acompanhada de boas confianças no Pay das miſericordias , fará enveja a muitos pera eſcolherem antes viver na Religiaõ com pobrezas , e trabalhos pera ter felicidades na morte ; que paſſar a vida no mundo com abundancias pera morrerem pobres de merecimentos , e com ſuſtos nas almas.

Começando pois pollo naſcimento , o Padre Frey Luis de Souſa , no mundo chamouſe Manoel de Souſa Coutinho , foy filho de Loupo de Souſa Coutinho , e de Dona Maria de Noronha , foy ſeu pay muy celebrado entre fidalgos do ſeu tempo , por ſeu grande valor , juizo , gravidade da peſſoa , prendas ſingulares , muita Philoſophia em ſaber viver , e ſaber retirarſe ; e ſobre tudo por ſer grande Chriſtaõ. O valor moſtrou na India , ſendo Governador della o grande Nuno da Cunha , nas heroicas obras que fez : mormente no cerco de Dio , em que ſe achou. O juizo , no governo com que foy Capitaõ na Mina , e no provimento que levou , e ſoube diſtribuir aos lugares de Africa por mandado d'elRey Dom Sebaſtiaõ. A preſença , e gravidade da peſſoa era taõ digna de reſpeito , que obrigava a ſe comporem por ſy , todos os que o converſavaõ , e dizem que até o meſmo Rey ſe compunha quando fallava com elle , naõ era tanto artificio , quanto natural ,

tinha

tinha grandes obrigaçoens à natureza, e por iſſo teve taõ poucas à fortuna: que de ordinario naõ ſe compadecem humas com outras; foy taõ Philoſopho, que lhe chamaraõ o Cataõ Uticenſe de ſeu tempo, e aſſi ſendo muito aplaudido por ſer a gala da converſaçaõ, grande Latino, humaniſta, baſtante antiquario, e hiſtorico, grande Poeta, como moſtraraõ as memorias que deixou do Cerco de Dio, e da perdiçaõ de Manoel de Souſa de Sepulveda; huma, e outra couſa relatada em verſo ſolto; e ſingular Matematico, como ſe vio em muitas obras ſuas. Sendo pois eſte, retirouſe a Santarem, aonde ſoube em vida enſinar ſeus filhos, e moſtrarſe na morte bom Chriſtaõ: morreo ſem embaraços, porque em vida ajuſtou ſeu eſtado com ſuas rendas: eſcolheo pera ſeu jaſigo a Capella mór do Salvador, Freguefia ſua em Santarem.

Seu filho Manoel de Souſa Coutinho, ſe naõ herdou ſeu Morgado por ſer o quinto filho na idade de ſeis que teve, foy herdeiro de ſuas prendas, imitando como bom filho a taõ bom pay. De pequeno foy logo moſtrando o que deſpois veyo a ſer; que de ordinario ſe moſtra hum naõ ſei que de bem naquelles, que Deos tem eſcolhido pera ſy, que logo os dá a conhecer no modo, que neſta vida ſe permitte. Ajudou a boa criaçaõ ao bom natural, foy crecendo na Latinidade, na Poeſia, nas noticias de hiſtorias, nas antiguidades, e no conhecimento de todas as couſas, no trato, nos termos, na diſcriçaõ, e na Philoſophia Chriſtãa, que parecia já noſſo Cataõ em poucos annos, deſejado, bem viſto, e aplaudido de todos, por judicioſo, entendido, e ſingular na converſaçaõ.

Naõ lhe faltou valor pera as armas: e aſſi levado deſte na primavera de ſeus annos entrou por Noviço na Religiaõ de S. Joaõ do Hoſpital em Malta, mas Deos, que o tinha determinado pera outra, em que ſeus exercicios foſſem muito differentes, e aventajados na perfeiçaõ, divertioo deſta, e deulhe muito differente em hum bom enſayo de ſofrimento, e paciencia, pera ir aprendendo por experiencia o que tinha alcançado polla liçaõ, nas mais deſarrezoadas acçoens, e procedimentos injuſtos: e foy que antes de profeſſar, o

cativaraõ os Turcos; e devia de naõ ſer conhecido por noviço daquella taõ illuſtre, e valeroſa Religiaõ; porque ſe o conheceraõ os Turcos, difficultoſamente teria quartel, e com mayor difficuldade reſgate; que aſſi o coſtumaõ uſar, naõ ſó com os Freires da Religiaõ, mas ainda com os naturaes da Ilha de Malta, pollo grande odio que a todos tem, a reſpeito dos danos que recebem de ſeu valor, e braço nos recontros da guerra; aſſi os trataõ, quando os deixaõ vivos, com notavel deſprezo, tormento, e tyranía, como quem deſeja que ſe acabem aquellas vidas brevemente em ſeu poder: e aſſi boa eſcóla, e boas liçoens de máo tratamento, e de paciencia teve neſta vida, o tempo que lhe durou taõ duro cativeiro, Manoel de Souſa Coutinho; mas foy Deos ſervido que eſcapaſſe delle com reſgate; naõ lhe foy poſſivel continuar o noviciado por razoens forçozas, veyoſe pera ſua patria; que eſta nunca eſquece. Por vezes paſſou às Indias, Oriental, e Occidental, por cauſa de guerras, e de outros reſpeitos de honra, que a iſſo o moveraõ; moſtrando ſempre nas occaſioens valor, e generoſidade de Nobre, e de Portugues.

Poſto na patria outra vez continuou ſeus exercicios coſtumados, honeſtos ſempre, e de utilidade, até que veyo a ſe caſar com D. Magdalena de Vilhena viuva de poucos annos de D. Joaõ de Portugal que ficou juntamente com ſeu pay D. Manoel de Portugal filho de D. Franciſco de Portugal primeiro Conde do Vimiozo, na batalha de Alcacer em Africa, ſervindo, e ſeguindo a elRey D. Sebaſtiaõ. Com eſta ſenhora eſteve caſado alguns annos, ſem ter della mais que huma filha que falleceo de pouca idade; até que ambos de commum conſentimento fizeraõ hum divorcio ſanto, e ſe meteraõ na Religiaõ.

Sobre o motivo proximo que tiveraõ pera huma reſoluçaõ taõ notavel, ouvimos fallar variamente; porém tomando informaçaõ de peſſoas que diſſo tinhaõ certa ſciencia, achamos que foy o ſeguinte. Moravaõ na ſua quinta de Almada, e ſuccedeo, que eſtando auſente Manoel de Souſa Coutinho, viſitou o Padre Fr. Jorge Coutinho ſeu irmaõ hum dia ſua cunhada D. Magdale-

dalena ; eſtando ambos praticando , lhe deraõ recado que lhe queria fallar hum peregrino que vinha de fóra do Reyno. E mandado vir à ſua preſença diſſe: Senhora , ſou Portugués , fui por devaçaõ vizitar os lugares ſantos de Jeruſalem ; e querendome já voltar pera eſte Reyno me foy demandar hum homem Portugués , ſegundo ſe colhia de ſeu fallar , o qual depois de ſe informar de quem eu era , e como vinha pera Portugal , me encommendou que paſſaſſe por eſta villa ; e ſendo voſſa mercê viva lhe diſſeſſe , que ainda por lá vivia quem ſe lembrava de voſſa mercê. Iſto he o que me trouxe aqui. Ficou D. Magdalena ſuſpenſa , ouvindo eſte recado ; e perguntou , que eſtatura de corpo , que feiçoens , e que côr de roſto tinha o homem que dera aquelle recado ? O peregrino foy deſcrevendo todos os accidentes peſſoais aſſi como os tinha viſto com os olhos ; e tudo quadrava ao vivo á peſſoa de D. Joaõ de Portugal. Deu hum deſmayo a D. Magdalena de Vilhena ; o que vendo o Meſtre Fr. Jorge Coutinho levantouſe , e ſahio com o peregrino pera a ſalla de fóra , aonde avia muitos quadros , entre os quaes eſtava tambem o retrato de D. Joaõ de Portugal ; e diſſe ao peregrino : Se virdes a imagem daquelle homem , que vos deu o recado em Jeruſalem , conheceloeis ? reſpondeo que ſim : e correndo os olhos pellos quadros ſem demora , apontou pera o quadro de D. Joaõ de Portugal , dizendo , que o homem , que lhe fallara , todo ſe parecia com aquella imagem ; e com iſto ſe deſpedio.

Eſte foy o motivo que ouve pera ſe apartar Manoel de Souſa Coutinho de D. Magdalena de Vilhena , depois de viverem tantos annos taõ bem caſados : porque chegando elle de fóra , ella lhe relatou tudo o que tinha paſſado com o peregrino , e o mais que tinha viſto ſeu irmaõ o M. Fr. Jorge : e aſſi que viſſe o que na materia ſe devia fazer. Naõ ſe ſuſpendeo , mas reſpondeo logo dizendo : Atégora , ſenhora , vivi em boa fé comvoſco ; e creo de vós que na meſma viveſtes comigo : porque fio de vós que naõ caſarieis outra vez , ſe naõ tivereis por certa a morte de voſſo primeiro eſpoſo D. Joaõ de Portugal ; porém ſe foy engano inculpavel , ou iſto he ordem de Deos pera eſcolhermos

melhor vida , deſde logo pera ſempre nos apartemos. Naõ daremos de nós boa conta a Deos , ſe he ordem ſua ; que eſtas ſempre tem por alvo o que he mais perfeiçaõ : e nem ainda ao mundo , ſe ficarmos nelle apartados ; o que mais convem , he fogir pera o ſagrado da Religiaõ. Naõ fugiremos de todo ao mundo , ſe fugirmos pera onde poſſamos ver ſeus tratos , convem apartar delle de ſórte , que nem nos veja mais , nem o vejamos. O caminho eſtá franco ; pois hum penhor que tivemos foy Deos ſervido de o levar pera ſy em tenros annos ; eſtá no Ceo , aſſi o creo ; pera lá nos chamaõ as ſaudades ; a idade já nos deſengana ; a vaidade do mundo a vozes clama ; a occaſiaõ preſente nos obriga ; o exemplo dos Condes do Vimioſo , que com ſanto divorcio ſe retiraraõ , elle pera o Convento de Bemfica , ella pera o do Sacramento , novo eſpelho de perfeiçaõ , exemplar eſcondido de virtudes , em tudo deleitoſo jardim pera o Ceo , nos convida , e anima juntamente o ſeguir ſeus paſſos pollos meſmos caminhos : eſta eleiçaõ parece neceſſaria , eſte emprego julgo por melhor.

Mal tinha acabado de fallar , com mais viva eloquencia , quando D. Magdalena ſe moſtrou em tudo muy conforme , ſem o minimo ſinal de ſentimento , porque lhe ditava o juizo interiormente , e a vontade abraçava tudo quanto eſtava ouvindo. Tinhaõ os Condes de Vimioſo D. Luis de Portugal , e D. Joanna de Mendoça fundado naquelle tempo o Moſteiro do Sacramento , que ainda eſtava junto ao poſtigo do Arcebiſpo , abaixo de S. Vicente de fóra , aonde a Condeſſa profeſſara ; e o Conde eſtava em S. Domingos de Bemfica ; ſeguiraõ ambos a meſma derrota , D. Magdalena tomou o habito no Sacramento , e Manoel de Souſa Coutinho em S. Domingos de Bemfica ; e polla grande amizade que tinha com o Conde , até o nome de Manoel renunciou , e tomou o nome de Luis ; ella ſe chamou Soror Magdalena das Chagas ; e em quanto viveraõ naõ ſe viraõ mais , nem ſe fallaraõ , nem ainda ſe trataraõ por eſcrito.

Neſte ſucceſſo taõ eſtranho fizeraõ muitos juizo de huma ſupervivencia , em que fundaraõ grandes eſperan-

perança ; mas naõ me perſuado nos podemos acomodar com eſte parecer , que naõ he crivel que peſſoas de tal qualidade , juizo , e de tanta chriſtandade como tinhaõ , notoriamente chegaſſem a celebrar ſegundo matrimonio ſem a certeza da morte , que conforme a direito ſe requere : e aſſi ſómente ſe offerece , entre ſuſpenſaõ no caſo , ſe ſeria o peregrino do recado algum Anjo , ſuppoſto que a reſoluçaõ foy taõ admiravel que deixou hum raro exemplo ao mundo : e o bem eſpiritual , que a ambos ſe ſeguio , póde ſervir de eſpelho pera todos , que naõ he novo no mundo ſervir hum habito de peregrino de caçar caça de almas pera Deos , pois lemos que em trajos de peregrino ſe moſtrou Chriſto S. N. pera reduzir os dous que pera Emaus ſe retiravaõ , alheos do amor , por deſconfiados.

Tomou pois o P. Fr. Luis o habito , e profeſſou em dia do Naſcimento da Senhora , 8. de Septembro de 1614. nas mãos do P. M. Fr. Joaõ de Portugal que era Prior de Bemfica , e Vigairo tambem do Moſteiro do Sacramento : e a primeira couſa , que póde cauſar eſpanto , he que vindo taõ tarde à Religiaõ , naõ eſtranhou a gaiola da caſa dos noviços : aſſi ſe acomodou com os officios de humildade , com os exercicios de mortificaçaõ , e penitencia , com a continnaçaõ do Coro , e mais communidades , com a experiencia das obediencias no anno de approvaçaõ , e finalmente com a companhia , e converſaçaõ dos noviços , differentes na idade , e alguns tambem na condiçaõ , como ſe lhe naſcera a penugem neſte modo de viver : nem ſe deve julgar eſta ſociedade fraternal por couſa de pouca conſideraçaõ , porque niſto ſe moſtra mais ao manifeſto que as Religioens ſaõ couſas de Deos , porque ver o grande , e o pequeno , o nobre , e o humilde no mundo , o velho , e o moço , todos juntos no meſmo coro , na meſma meſa , na meſma converſaçaõ , trato , officios , e exercicios , he huma demonſtraçaõ particular da divina Providencia , que eſtá conſervando com uniaõ tantos ſujeitos taõ differentes. Aſſi parece que o quis moſtrar Deos na ſua Igreja pelo profeta Iſaias : Habitaráõ (diz o Profeta) juntamente o lobo , e o cordeiro , o leaõ com o novilho , animais , que por natureza

tem

tem oppoſiçaõ, ſem que ſe offendam huns aos outros, ſendo paſtoreados por hum moço de pouca idade: e neſta igualdade de naturezas, oppoſtas entre ſy, vemos reſplandecer a aſſiſtencia com que Deos aſſiſte a ſua Igreja. O meſmo em ſeu modo vemos na Religiaõ aonde o P. Fr. Luis, taõ brioſo no mundo em pontos de honra, que chegou a ſer Nero de ſua propria caſa, porque o naõ obrigaſſem a ſe tirar della; taõ ſujeito, humilde na Religiaõ, que ſendo o meſmo, moſtrava bem em ſua modeſtia, compoſiçaõ, e em ſeu ſofrimento, que já naõ era o que tinha ſido; e que aquella mudança fora verdadeira traça da maõ de Deos.

E naõ he menor argumento de admiraçaõ a perſeverança que ſempre teve em tudo, do dia em que tomou o habito, até o fim de ſua vida: a meſma pobreza, o meſmo rigor com ſua peſſoa, o meſmo finalmente em todas as virtudes, que naõ ſe póde negar que a perſeverança ſem alteraçaõ no trato, e no procedimento, he pedra de toque das virtudes: tinha huma tença groſſa em vida; tanto que entrou na Religiaõ, naõ ſoube, nem ſe quis aproveitar della pera couſa alguma, nem admittio nunca ter dinheiro em depoſito da Communidade, couſa que he permitida: o habito que lhe dava a Religiaõ, eſſe trazia em quanto ſe podia remendar; na cella naõ avia em que pôr olhos, cama de lãa ſem couſa que a cobriſſe, como eraõ tambem as tunicas de que uſava; hum tanho pera ſe ſentar, e niſto ſe reſumiaõ todas ſuas alfayas. Quis ſeguir niſto o exemplo do grande Meſtre Fr. Luis de Sotomayor, que nunca admitio na ſua cella outro aſſento, como tambem ſeguio o do Arcebiſpo Dom Fr. Bertholameu dos Martyres, porque naõ ſe contentava com jejuar os ſete meſes, e outros jejuns da Ordem no reſtante do anno, mas além diſto deixava ſempre meya porçaõ de tudo o que lhe davaõ no refeitorio, pera os pobres, porque naõ ſe dava por ſatisfeito com guardar as conſtituiçoens à riſca, como ſempre guardou em toda a idade; mas queria acrecentar de mais quanto podia. O meſmo era nas penitencias, nas diſciplinas, e no cilicio.

Fez continua guerra ao ocio, como quem entendia

dia bem quantos males naſcem da ocioſidade , e que na occupaçaõ continua conſiſte grande parte do livramento das tentaçoens , conforme o conſelho que S. Jeronymo deu ao Monge Ruſtico. E aſſi em quanto naõ teve a ſeu cargo eſcrever por ordem da obediencia , encarregouſe do officio de enfermeiro , em que moſtrou tal deſprezo de ſua peſſoa , e taõ rara humildade , que metia em confuſaõ , e edificava a quantos o viaõ , porque naõ ſó tratava dos medicamentos , e todo o mais neceſſario , de concertar , e alimpar a cella , e cama aos doentes ; mas tambem ſe empregava nos mais humildes , e aſqueroſos miniſterios. Aſſiſtialhes ſempre aliviandoos com ſua converſaçaõ , que ſempre era ou com Deos , ou de Deos , como a de N. P. S. Domingos , ſem nunca ſe lhe ouvir palavra que pudeſſe offender , nem que ſe pudeſſe julgar por ocioſidade.

Na ſequella do Coro , e nas horas de oraçaõ era infalivel , mas naõ paſſava com a oraçaõ da Communidade ; ſempre ficava mais tempo. E podemos dizer que a ſua oraçaõ era continua , naõ ſó por andar ſempre com jaculatorias na boca ; mas porque de tudo quanto via , e ouvia , ſabia fazer eſcada pera ſubir com o penſamento a Deos , vendo ſempre as creaturas como meios pera conhecer a Deos , e aſſi fallava de tudo como couſa de Deos ; paſſarinhos de Deos , hervas de Deos , habito de Deos , tudo finalmente na ſua boca era de Deos , porque naõ queria , nem entendia couſa ſem Deos. De N. Senhora era devotiſſimo , nunca faltava em rezar o Roſario , e outras devaçoens ; mas o que dizia fallando com a Senhora , viſitando todos os dias ſeu altar , enternecia a quem eſtava junto delle , e o ouvia. A devaçaõ , que teve ao Santiſſimo Sacramento , foy notavel : naõ deixou nunca de dizer Miſſa , por mais occupaçoens , que tiveſſe ; e diziaa com tal pauza , e demonſtraçoens de devaçaõ que edificava muito aos ouvintes. Finalmente em tudo o que fazia , e dizia , e ſó com aparecer edificava , porque parecia hum retrato de penitencia.

Na obediencia foy ſingular Religioſo , porque , como diſſe Santo Thomás a huns fidalgos Neapolitanos , que lhe notaraõ aceitar ir por companheiro de hum procura-

curador que o levava atropelado, porque caminhava depreſſa, e naõ ſabia quem levava conſigo: Toda a Religiaõ, diſſe o Santo, conſiſte na obediencia com que hum homem ſe ſojeita a outro por amor de Deos, aſſim como Deos ſe veyo a ſujeitar aos homens por amor dos meſmos homens. O P. Fr. Luis de Souſa naõ ſó obedeceo em tudo, mas com toda a vontade, e ſem replicas, e tal vez deixou de replicar ſendo a materia da obediencia tal, que no parecer dos que o viaõ, tinha direito, e obrigaçaõ de replicar, mas parece que tambem tinha ſujeito o juizo, que he a obediencia mais cuſtoſa, e por iſſo de mais merecimento. Pelo que mal ſe lhe póde notar aceitar elle o cargo de eſcrever, ainda couſas que naõ eraõ da Religiaõ: que a hum Rey naõ ſe reſponde naõ; mais que nas materias que ſaõ contra Deos; mormente quando ſeos mandados nos ſaõ encarregados polos Prelados. E ſe em quem aceita com eſtas condiçoens ouvera culpa, com que ſe póde izentar della quem a pretende? Diſſe Santo Thomás no Opuſculo da perfeiçaõ da charidade, que ſe póde aceitar hum Biſpado, quando a neceſſidade da charidade o pede: como poderá hum Religioſo deixar de aceitar huma occupaçaõ licita, util, e louvavel, quando a obediencia lho manda?

Naõ ſe póde izentar de emulaçaõ culpavel, quem notar ao P. Fr. Luis de aceitar eſcrever livros, quando elle foi naõ ſómente izento de honras, mas taõ oppoſto a ellas, que naõ eſtudou Theologia na Ordem por naõ ſer prégador, ſendo que o fora muito inſigne, pois tinha taõ grandes partes da natureza, e da arte, juntas com ſeu eſpiritu, e ſeu exemplo de vida; e por eſtas razoens naõ faltou quem lhe quis pôr culpa, porque naõ tratou de o ſer, que neſta vida naõ ha eſcapar de cenſuras. *Spectaculum facti ſumus mundo &c.* diſſe S. Paulo; mas o P. Fr. Luis jugava lanços adiantados em materia de humildade, e ſegurança; vio bem o que diz o meſmo S. Paulo, ſendo S. Paulo, que receava ficar reprobo quando prégava aos outros. Conſiderava tambem que ſe foſſe prégador, podiaõ os Religioſos, ou os Prelados querer que foſſe Prelado, e verſe em perplexidades; e aſſim achou que mais ſeguro caminho era,

ſup-

ſuppoſto veyo tarde, deixar de ſer Prégador. E quem cuida em naõ ſer Prégador por naõ ter cargos, mal ſe lhe pódem fazer cargos de aceitar a occupaçaõ de eſcrever hiſtoria, por obediencia.

Obrigado deſta, comeſou a eſcrever, e fazer mais cruel guerra ao deſcanſo; porque ſendo o trabalho de revolver cartorios, e papeis velhos com os caracteres já taõ cegos que cegaõ quem paſſa os olhos por elles; teve neſte particular muito trabalho o P. Fr. Luis; e com tudo eſcrevia todos os dias ao menos tres folhas de papel por ſua propria maõ, e coſtumava a dizer como as acabava, que já tinha feita a tarefa daquelle dia. Podemos dizer, que morreo com a penna na maõ; porém naõ eſquecido das obrigaçoens de Religioſo, porque, naõ obſtante a obrigaçaõ, ſempre ſeguio o Coro, e mais communidades; até lhe dar a ultima doença: naõ foy neceſſario deſenganalo que morria, porque em toda a vida depois de Religioſo andou ſempre acompanhado deſte deſengano; e quem viveo conſiderando que o habito, que trazia, era huma mortalha, naõ tinha que temer horrores da morte, antes alegrarſe com ella, por ſer meio pera gozar de outra vida que naõ ſe acaba. Aparelhouſe, pedio, e recebeo todos os Sacramentos, pedindo mil perdoens do máo exemplo que dera, dizendo à volta diſto tantas couſas, e taõ conſideraveis, que era neceſſario fazer hum livro pera as relatar. Falleceo em Mayo de 1632. eſtá ſepultado no antecoro de Bemfica junto aos degráos do Coro.

Deixounos o Padre Fr. Luis de Souſa huma memoria de ſua Poeſia na deſcripçaõ da vida de noſſo Patriarcha S. Domingos, nos verſos taõ polidos, devotos, e ſentencioſos, que ſe vem no clauſtro do Convento de Lisboa. Em proſa compoz nos ultimos annos de ſua vida, a hiſtoria de D. Fr. Bertholameu dos Martyres Arcebiſpo de Braga Primaz das Heſpanhas, chamado de todos Arcebiſpo ſanto; eſta ſe eſtampou, ſendo ainda vivo, obra taõ digna de ſeu Author, como louvada, e eſtimada de todo mundo, particularmente dos Prelados da Igreja, que a lém como aranzel de ſeu governo, e de ſuas acçoens. Eſcreveo mais a Chronica de S. Domingos particular do Reyno, e Con-

quiſtas de Portugal, repartida em tres partes; e ultimamente por mando delRey Dom Filippe IV. de Caſtella, no tempo em que governava eſte Reyno, eſcreveo a Chronica delRey D. Joaõ o III. de Portugal em dous livros. Eſta pedio à Ordem depois de ſua morte, quem governava eſte Reyno por mandado do meſmo Rey, pera ſe dar ao prelo, deuſelhe; mas naõ ſe imprimio, nem ſe póde deſcobrir, por mais diligencias que pera iſſo ſe fizeraõ, depois da feliciſſima acclamaçaõ delRey D. Joaõ o IV. N. S. Da Chronica de S. Domingos ſómente a primeira parte ſe eſtampou em vida do Author: agora ſae à luz eſta ſegunda, que começa no anno de 1392. e proſegue a hiſtoria até o anno de 1513. No diſcurſo deſte tempo ſe fundaraõ neſta Provincia oito Conventos de frades, e quatro Moſteiros de freiras; a ſaber, o Convento de Bemfica, o de Ceita, que deſpois ſe mudou pera Tangere; e o de Aveiro, Villa-Real, Azeitaõ, Abrantes, Pedrogaõ, e o da ſerra de Almeirim. Os Moſteiros de freiras ſaõ, o do Salvador em Lisboa, o de Jeſu em Aveiro, Santa Anna em Leiria, e o de N. S. da Saudaçaõ em Monte mór o Novo.

Fundaraõſe os Conventos de Bemfica, Aveiro, Azeitaõ, Salvador, e Jeſu de Aveiro, pera recoletas, em que ſe guardaſſem as Conſtituiçoens à riſca, com obſervancia muy exacta, governados por hum Vigairo geral, feito por eleiçaõ dos meſmos reformados; com ſujeiçaõ porém em algumas couſas aos Provinciaes da Provincia. Durou eſta ſujeiçaõ até os annos de 1468, mas dahi por diante foraõ iſentos em tudo por Breve Apoſtolico, que pera iſſo ſe impetrou; e a experiencia moſtrou, que permaneceo a obſervancia em todo ſeu rigor, em quanto durou a ſeparaçaõ. E como o Autor neſta ſegunda parte encontrou logo com os rigores da reforma, couſa tanto de ſeu genio, por ſer emprego de ſua devaçaõ, e eſpirito, apurou mais o eſtillo; porque o movia o Amor da obſervancia, que quando o Amor obriga a fallar, os colloquios deleitaõ, as razoens convencem, e as doutrinas tem efficacia pera mover, e aſſi ſe moſtrou o Author neſta ſegunda parte Poeta em deleitar, Orador em perſuadir, e Philoſopho

em

em obrigar a compor a vida ; que ſaõ as tres partes, em que ſe cifra a perfeiçaõ de hum hiſtoriador conſummado. Naõ ſe excedeo a ſy meſmo ; porque em tudo ſe dibuxou a ſy meſmo , porque tratou na Religiaõ de dibuxar em ſy muito ao vivo tudo o que via , e lia dos outros ; e aſſi ficou ſendo o exemplar de ſua eſcritura em tudo o que eſcreveo dos outros. Averá por bem o benevolo , e pio Leitor , que ſe lhe naõ peça perdaõ das faltas deſta obra , mas antes alviçaras de lhe offerecer huma liſonja ao goſto dalma , e hum manjar deleitoſo pera o eſpirito.

Vale.

LICENÇAS.

DO REVERENDISSIMO P. GERAL.

NOs Fr. Ioannes Baptiſta de Marinis Sacræ Theologiæ profeſſor, Ordiniſque Fratrum Prædicatorum humilis Magiſter Generalis, & ſervus. Tenore præſentium noſtrique authoritate officij facimus licentiam P. Fr. Antonio de Incarnatione noſtræ Provinciæ Portugalliæ, ut poſſit publicis typis mandare ſecundam, & tertiam partem Hiſtoriæ Provinciæ noſtræ Portugalliæ compoſitæ á R. P. Fr. Ludovico de Souza ejuſdem Provinciæ, ſervatis ſervandis. Datum Romæ in Conventu noſtro Sanctæ Mariæ ſuper Minervam die 25. Iunij. An. Domini 1650.

Fr. Ioannes Baptiſta de Marinis
Magiſter Ord.

Rta. fol. 19.

Fr. Bernardinus de Venetiis
Magr. & ſocius.

Approvaçaõ do M. R. P. Meſtre Fr. Thomás Aranha.

DE ordem, e commiſſaõ do muito Reverendo Padre Fr. Bertholameu Ferreira Meſtre em ſancta Theologia, Prior Provincial da Ordem dos Prégadores neſtes Reynos de Portugal, Conſultor, e Qualificador do Sancto Officio, ly com particular, e traſordinario empenho de cuidado, e applicaçaõ eſte livro, que ſe intitula Segunda parte da Hiſtoria de S. Domingos particular do Reyno, e Conquiſtas de Portugal, compoſto pelo muito R. P. Fr. Luis de Souza.

E bem

E bem pude dizer com Seneca : *Accepi librum tuum, qui tanta dulcedine me tenuit, & traxit, vt illum ſine ulla delectatione perlegerem.* Mas aſſi como o hia paſſando, me achava com o juizo roubado, e dividido a hum, per ambas as partes, bem ſuſtentado problema : ſe era mayor a recreaçaõ, e alivio, ſe o proveito, que (na eſphera, e no tanto de minha frieza, e falta de eſpiritu) de ſemelhante liçaõ recebia, e agaſalhava? Que bem podia eſte noſſo grande Chroniſta prometter tambem com Seneca : *Ego verò, quod & mihi, & tibi poſſit prodeſſe, ſcribam.* E porque aſſi como nos frontiſpicios, e fachadas de ſumptuoſos edificios ſe poem as armas, e emprezas de quem as fundou, e com cuſtoza magnificencia fabricou, tambem na face, e prologos dos grandes livros, e inſignes obras naõ luſtraõ mal, nem como improprias deſdizem (antes as vemos muy uzadas, e bem recebidas) as noticias, e relaçoens da vida, virtudes, e boas qualidades de ſeus compoſitores, e authores : pelo que me pareceo naõ ſó conveniente, mas louvavel, e meritorio fazer huma breve mençaõ no papel deſte meu ſentimento, e cenſura, de alguma das excellentes virtudes, e prendas do Padre Frey Luis de Souſa : advirtindo, que ſe ouver algum critico, que diga excedo eu niſto as leys, e ordem de Revedor, e Qualificador do livro, naõ poderá negarme farey hum muy grato obſequio à honra de minha ſagrada Religiaõ, e à obrigaçaõ, que todos temos a hum ſogeito, que tanto nos honrou : e outroſi à fraternal charidade, e boa correſpondencia de animo, que eu ſempre com elle tive com manifeſta onzena de minhas melhoras, e dos ſabidos intereſſes, que do ſeu trato, e amizade me reſultavaõ.

Seneca Epiſt. 46.

Epiſt. 23.

As obras poſthumas coſtumaõ deſenterrar o nome de ſeu author pera a conſervaçaõ da memoria (cuja falta, e perda no juizo, e cuidado dos vivos, he o primeiro diſpendio, e effeito, que a morte faz, e traz conſigo) mas eſte volume poſthumo do Padre Frey Luis de Souſa, naõ ſó podia dar nova vida à ſua fama, ſe a conſideraſſemos jà diminuida, ou ſepultada; ſenaõ que tambem eſtá reſuſcitando ſuas virtudes pera o exemplo; mayormente nos que como irmãos ſeus lhe de-

devemos emula , ſancta , e proveitoſa imitaçaõ. E ſe alguem ja diſcretamente diſſe que huma carta era retrato dalma , claro eſtá que mais copioſo , e vivo o poderá ſer todo inteiro hum livro.

Neſte temos primeiramente aquelle proprio , e grande valor , que ſendo ſecular o Padre Frey Luis de Souſa ſempre teve pera todas as pontualidades , e gentilezas humanas , com as guardas mudadas ; e deſpois de entrar na Religiaõ pera todos os empregos , e luzimentos eſpirituaes , apoſtandoſe como verdadeiro , e eſſencial Religioſo a deſterrar da ſua alma affectos humanos , e tudo o que cheiraſſe a reſpeitos de carne , e ſangue ; como provou bem , deixando tantos annos de ir ver a ſua querida prenda , a quem pola força do vinculo conjugal podia chamar : *dimidium animæ ſuæ* ; com mais razaõ do que teve o outro Poeta pera pôr eſte nome ao amigo que navegava.

Na obſervancia da pobreza religioſa , deſpois que ſolemnemente a votou , ſe fez tamanho lugar , e ſe abalizou tanto , que eſtou lembrado de como , indo eu ao Convento de Bemfica , e entrando na ſua pobre cella , e vendoa tam limpa , deſenfeitada , e deſpejada de todo o ornato , e concerto (atè dos que religioſamente ſe permittem) lhe diſſe eu que aſſi como o outro Corteſaõ galantemente ſentira que a razaõ de ſerem os Poetas de ordinario muy pobres , era , porque punhaõ toda a prata , e ouro , e todos os diamantes , e perolas nos ſeus verſos , e aſſi os faziaõ , e traziaõ bem cheos de finiſſima pedraria , ficandoſe elles com as mãos de todo , e de tudo bem vazias. Entendia eu , que todo o cabedal , quadros , brincos , e peças daquelle ſeu eſtreito (ſe deſembaraçado) apoſento tinha elle tresladado aos livros , e volumes , que avia compoſto : por onde me naõ eſpantava de naõ achar alli mais , que dous humildes aſſentos de tanho , que mais ſerviaõ pera acodir à preciſa neceſſidade de naõ eſtar ſempre em pé , que ao deſcanço , e authoridade de eſtar bem ſentado ; occorrendome neſte paſſo , quam eſtremadamente diſſe o Seneca : *Si ad naturam vives , nunquàm eris pauper : ſi ad opiniones , nunquàm eris diues : exiguum natura deſiderat , opinio immenſum.*

Seneca Epiſt. 16.

O

O ſeu incanſavel eſtudo, perpetua fadiga, anſias, e deſvelo em revolver papeis, deſempoar, e examinar cartorios, e ler os livros, que lhe pareciaõ neceſſarios pera a profiſſaõ da hiſtoria, vence todo o encarecimento; e quadralhe ajuſtadamente aquillo de Horacio: *Una fides optanda labores*; porque mal ſe podiaõ crer tam aturadas porfias, e continuado trabalho, nam perdoando nem de dia, nem de noite a todas as horas, que do ſeu officio divino, e outras occupaçoens mais importantes à ſua alma, lhe reſtavaõ: e neſta conformidade ſe queixava ſempre da falta do tempo; porque a verdade he que ſó quem o ſabe empregar bem, ſabe ſentir, e chorar a falta delle: e huma vez me referio o ditto daquelle Doutor da Univerſidade de Coimbra, que achando hum eſtudante diſcipulo ſeu encoſtado a huma das tendas dos livreiros d' Almedina com huns livrinhos nas maons, e perguntandolhe que fazia, reſponderalhe o diſcipulo: eſtou comprando eſtes livros pera paſſar o tempo, e que o Doutor lhe tornara entaõ: vós ſenhor comprais livros pera paſſar o tempo, e eu de melhor vontade comprara tempo pera paſſar livros: *Facilis jactura ſepulchri* diſſe là o Poeta, e eſtà bem advertido, mas naõ aſſi, *facilis jactura temporis*; antes como diſſe bem o Seneca: *Turpiſſima jactura illius eſt, quæ per negligentiam fit.* E pouco importa faltar ſepultura pera a corrupçaõ do corpo, e importa muito, e mais que muito, e em fim tudo, o naõ faltar tempo pera a ſalvaçaõ da alma. *Epiſt. 1.*

E he na verdade deſordem bem digna de lagrimas o vermos que, ſendo o tempo a couſa, que ſómente temos de noſſo, e tudo o mais alheo: *Tempus enim* (diz o Seneca) *tantum noſtrum eſt; omnia aliena ſunt*; ſe ajaõ muitos homens no perdelo, e eſperdiçalo com tam laſtimoſa, e imprudente prodigalidade, ſendo o de que, com ſer unicamente noſſo, mayor pobreza, e falta padecemos. E bem moſtrava o noſſo Chroniſta (chorando, e poupando o tempo) ter muy preſente o parecer do Philoſopho: *Unius temporis honeſta eſt auaritia*; com ſer a avareza hum vicio, e peccado de ſua natureza vil, e afrontoſo, ſó do tempo podemos, e devemos ſer prudente, honrada, e glorioſamente avarentos. *Lib. de bo-ni vita.*

Mas

Mas ja parece fundamos a virtude de ſua prorunda humildade, poſto que nam ſó pode diſculpar minha tardança, mas apoyar meu eſquecimento (ſe nelle caira) o ſuppor, e deixar por bem provada eſta ſua virtude, ſómente com o titulo da ſua primeira parte, que he o ſeguinte. Primeira parte da Hiſtoria de S. Domingos particular do Reyno, e Conquiſtas de Portugal, por Frey Luis Cacegas da meſma Ordem, e Provincia, e Chroniſta della. E a meſma renunciaçaõ do trabalho proprio, e confiſſaõ do merecimento alheo faz o Padre Frey Luis de Souza, larga, e generoſa, confiada, e diſcretiſſimamente no capitulo ſeptimo do quarto livro deſta ſua ſegunda parte, onde falla do muito Reverendo Padre Frey Luis Cacegas, a quem attribue, e encoſta toda a ſubſtancia, trabalho, e merecimentos deſta obra, ſendo que nam achou em ſuas mãos, e poder mais, que huns deſarrimados, e deſarrumados fragmentos, e huns notados tam confuſos, que ſeria igual trabalho o entendelos, e penetralos, e o darlhe a claſſica diſpoſiçaõ, predicamento, e ordem, que he o que ſó pera ſy toma o Padre Frey Luis de Souſa: ſabendo, e vendo nós, que de huns como informes embrioens acreſcentou, e poz tanto de ſua caſa, e de huns toſcos, incultos, e remotos materiaes, que eraõ, como, *rudis indigeſtaque moles*, e de huma narraçaõ tanto de berço, e tam criança nos formou, e deu huma tam creſcida, e gigante Chronica, como a que vemos.

Ceder voluntariamente a outrem em materias de entendimento, e defraudarſe a ſy proprio dos quilates, e applauſos devidos a hum bom juizo, he fineza extrema de neceſſidade: porque aſſi a ſoberba, como a humildade nam tem por objecto os bens alheos, ſenam as couſas que ſaõ, ou ſe imaginaõ individualmente proprias, porque nem o ſoberbo ſe eſuaece, incha, e eſtira de collo, com as excellencias, que tem, e qualifica por de outrem; nem o humilde, por deſprezar bens alheos, ſe póde adquirir merecimentos proprios. E iſto nos enſinou noſſo Meſtre Santo Thomas tambem, quando diſſe: *Quæ per humilitatem quilibet homo ſecundum illud, quod ſuum eſt, poteſt ſe ſubjicere proximo. Secundùm illud, quod ſuum eſt*, no que tem de ſy, e

D.Th. 2. 2. q 161. c. 1.

de

de ſeu, e em quanto ſeu exercita o humilde eſta virtude. E como nenhuma couſa ſeja tam propriamente noſſa, como he o noſſo proprio entender, que por iſſo o noſſo poeta Philoſopho Franciſco de Sà diſſe tanto à boca chea: O entendimento, que he noſſo, nam no lo querem deixar. Desfazerſe, e roubarſe a ſy proprio os louvores, e acclamaçoens de entendido, e ſabio, e perfeito hiſtoriador em favor, e graça do Padre Frey Luis Cacegas, foy pôr o noſſo Chroniſta o riſco o mais alto, e lançar a barra o mais longe que podia ſer nos verdadeiros lanços da humildade.

Acreditava tambem eſta com ſer o mais frequente termo, que na ſua boca ſe achava, o de ſenhor, tratando por eſta lingoagem atè as peſſoas de plebea, e menor condiçaõ, como ſe (pois *ex abundantia cordis os loquitur*) de todos interiormente ſe reputaſſe eſcravo. Nos exercicios, e progreſſos humildes da Religiaõ ſe eſmerou, e eſtremou tanto, que ſe prezava de ganhar no jogo das mais abatidas, e aviltadas occupaçoens da caſa, nam ſó por ter melhores cartas, ſenam por jogar ſempre como de maõ, ſendo o primeiro, que com alegria, e diligencia nellas ſe achava, trazendonos com iſto à memoria o que là diſſe o outro do grande Pompeo, quando o vio eſtarſe lavando os pès a ſy proprio naquella nào, que deſpois de vencido de Julio Ceſar fugia delle pera o Egypto (como refere Plutarcho) *O generoſis quàm præclara ſunt omnia*, ou, *quàm decent omnia generoſos*: caſo, e ſentença, que deveraõ trazer muy diante dos olhos todos, os que tendo ſangue illuſtre ſe vem ſogeitar às humildades (antes à mayor nobreza, e fidalguia) da Religiaõ. Sentia muito o louvaremno, e logo atalhava, e cortava o fio a todo genero de adulaçaõ, mudando o propoſito, e fallando em outras materias. *Gravius eſt humili laudari* (diſſe divinamente Santo Ambroſio) *quàm ſuperbo vituperari*. Sancto Agoſtinho: *Humilem eſſe, eſt nolle laudari*. S. Bernardo: *Humilitas, eſt excellentiæ contemptus*. E o grande Padre S. Gregorio: *Humilitas magna, acta laudabiliter celat*. E aſſi bem creo eu, que (a ſer poſſivel là deſſa gloria, onde o conſideramos com toda a infallibilidade de moral, e chriſtaã certeza) me eſta-

Plutarch.

S. Ambr.

S. Aug.
S. Bern.
S. Greg.

ria eſtranhando, e reprehendendo eſtes meus diſcurſos, poſto que eſcaſſos, e eſtes tenraos, e deſmayados, ámagos, com que ao argumento de ſeus louvores, e elogios me abalanço.

De tudo o que neſte particular tenho praticado com ſerioſa, e a meu ver muito formal conſequencia, recolho, que ſe neſte Reyno ſe achar algum Chroniſta delle, que mais inadvertida, que madura, e fundamente pretenda arguir ao Padre Frey Luis de Souſa de pouco humilde; digo que tambem lhe ſerá facil o *in ſcirpo nodum quærere*, ou accuſar a Hercules, reſpondendo ao eſpanto, e pergunta de quem diſſe: *Et quis Herculem accuſat?* E verdadeiramente nam ſey como ſemelhante Author ſe poſſa livrar, e limar do achaque da enveja, que ſempre foy mãy de maliſſimos diſcurſos, e de muy frivolas, e deſatadas conſequencias. E com todas as que faz, ou fizer contra o noſſo Chroniſta, nam avançarà mais, que o fazernos confeſſar, que ainda que o Padre Frey Luis de Souſa foy hum Alexandre no esforço, valentia, e liberalidade da hiſtoria: com tudo nam teve de Alexandre o ſer mayor, que toda a humana enveja (como delle affirma Plutarcho) pois he força, que o reconheçamos com muita cauſa envejado, ao meſmo paſſo, que o vemos ſem razaõ alguma reprehendido, e cenſurado.

Plutarch.

E ſe o Pſalmiſta diſſe: *Mentita eſt iniquitas*, bem podemos aqui dizer, que *mentita eſt inuidia ſibi.* Muy em diſcredito, e luzimento de ſua grave peſſoa diſcurſou ſemelhante eſcriptor, fallando mal de hum morto, ſem reparar em que tem tanto de facilidade, como de baixeza, e afronta, a Mouro morto dar grande lançada: ſalvo quando (como eu agora em mim vejo) obriga a neceſſidade de reſponder a huma grave, e evidente calumnia, que deſpois da morte do aggreſſor podera ainda viver pera prejuizo, e dano de alhea honra; e de contraminar, e rebater hum teſtemunho tam falſo, como ſe levantou à corteſia, comedimento, prudencia, e modeſtia religioſa, com que o Padre Frey Luis de Souſa falla em todas as couſas, nam ſe eſquecendo daquelle prudente conſelho tambem de Seneca: *Præſtat cum detrimento cauſæ, quàm inhoneſte dicere.*

Re-

Reſervo pera outra monſaõ mais capaz de nella ſe eſtender a penna, o ſatisfazer aos fundamentos, com que ſe perſuadio, e ſoltar in individuo as razoens, com que ſe embaraçou, e atou o Chroniſta, de quem me queixo; e por certo que nos ſerá mais facil, que *ſolvere Gordianum nodum.*

O genio, e talento do noſſo Chroniſta pera a hiſtoria foi tam ſingular, e admiravel, que parece quiz o Ceo nelle ajuntar, e epilogar todas aquellas propriedades, e habilidades, que achamos repartidas, e divididas pelos antigos hiſtoriadores: e vem a ſer aquella liſonja de Claudiano *diuiſa per omnes cum cumulo collecta tenes*; porque no breve, e ſuccinto do relatar vemos nelle outro Salluſtio; no pezo, e grave das ponderaçoens outro Livio; no politico, e picante das ſentenças, e aforiſmos outro Tacito; e na liberdade do dizer (poſto que no noſſo Chroniſta miſturada, e temperada com hum corteſaõ retiro, ingenuo, e natural pejo) outro Suetonio.

E permittaſeme tambem (e mais nam me dou a cuidar, que niſto me meto pelos arrabaldes da temeridade, ou de alguma precipitada vangloria, e complacencia) o comparallo, e conferillo com o grande Joaõ de Barros noſſo Tito Livio Portuguez, Principe dos Chroniſtas, nam ſó de Portugal, mas de Heſpanha toda; porque entre ambos noto huma quaſi parallela conveniencia, e proporçaõ (e ſe ſe admittir alguma antelaçaõ, ſerá muy pouco aventajada) pois fallando de ambos, podemos dizer que Joaõ de Barros *eripuit* a Frey Luis de Souſa *ne eſſet primus*; e Frey Luis de Souſa *eripuit* a Joaõ de Barros *ne eſſet ſolus*. E maravilhoſamente convieraõ nos aſſumptos das conquiſtas, e deſcobrimento de Indias; porque ſe Joaõ de Barros ſe empregou no da noſſa India temporal do Oriente, Frey Luis de Souſa nos deſcobre, e manifeſta riquezas, Heroes, e illuſtres feitos deſta India eſpiritual deſte noſſo Occidente, Provincia de Portugal. Foy eſte noſſo Chroniſta muito viſto, e verſado nas que chamamos *amæniores litteras*, ou foy hum conſummado humaniſta (termo de que outros uſariaõ:) do que daõ claro teſtemunho as muitas humanidades, que nos ſeus livros toca,

e as varias fabulas de que, quando lhe vem a pelo, e a propoſito, ſe aproveita.

A ſua propriedade, e caſtidade nos termos do noſſo idioma he prodigioſa, ſendo a ſua mayor cultura a das phraſes, e propoſiçoens inteiras, e nam das particulares palavras, e vocabulos; nos quais fugio (quanto lhe foy poſſivel) daquellas novas inventivas, e derivaçoens, que em alguns authores modernos vemos tam eſcuras, e tam duras, que muitas vezes daõ com o Leitor muito contra ſua vontade *in tenebras pluſquàm Cimmerias*; e para formarmos, e alcançarmos o conceito, *opus eſt Delio natatore*, e nos fazem dar vozes dizendo: *Dauus ſum, non Dedipus.* O neceſſario no propor, e entabolar, a facilidade, agudeza, e circunſpecçaõ no conjecturar, a copia no diſcorrer, a ſegurança, e formalidade, a verdade no allegar, a moderaçaõ no advertir, e amoeſtar, a vehemencia, e força no concluir, que obſerva neſta ſua ſegunda parte, he tudo tam germanamente parecido a tudo o da primeira, que largamente deſmentio o noſſo Chroniſta, e emendou eſſa commua praga, e queixa, que corre contra os ſegundos partos, crendoſe, que as mais das vezes degeneraõ muito da perfeiçaõ dos primeiros: e quem tiver viſto a ſua primeira parte, e paſſar os olhos por quatro, ou finco regras deſta ſegunda, logo conhecerá ſeu author melhor, do que Apelles conheceo a Protogenes pela ſutileza das ſuas linhas.

Eu ſempre avaliei por hum dos grandes louvores deſte noſſo Chroniſta o coſtume que ha (ſegundo eſtou bem informado) em alguns Conventos da ſagrada Religiaõ da Companhia de Jeſu (fertiliſſimo ſeminario, e feliciſſima mãy de tanta multidaõ de filhos tam pios, e tam doctos) de ſe mandar ler no refeitorio por liçaõ ordinaria da meſa, o livro, que o noſſo Chroniſta compos de vida, e obras daquelle grande, e ſancto noſſo Arcebiſpo de Braga, Primáz das Heſpanhas Dom Frey Bertholameu dos Martyres; obra em que o author ſe excedeo a ſy proprio, que he o mais gentil, e ſuperior modo de encarecer ſemelhante livro, deixandonos com iſto em duvida eſtes tam ſabios, como religioſos Padres, ſe os obrigaõ a eſte acordo, e veneraçaõ

çaõ as boas obras, e os muitos, e grandes beneficios, que da maõ daquelle excellente Prelado receberaõ, ſe a bondade, e peregrino eſtillo do livro, ou do ſeu hiſtoriador. Muitas, e grandes demonſtraçoens de amor deve toda a Companhia ao noſſo Sancto Arcebiſpo, e entre ellas o edificio daquelle ſeu Collegio de Braga, que ſerá ſempre hum firme, e abonado fiador das immortais graças, e eternas correſpondencias de affecto, e devaçaõ, com que os filhos do grande Ignacio lhe nam faltaráõ; porem por outra parte, a elegancia, methodo, doutrina, e a todas as luzes abſoluta, e acabada perfeiçaõ do livro, eſtaõ ſuſpendendo o juizo, ácerca de qual dos dous motivos he mais poderoſo.

Renovanos tambem o noſſo Author com eſta ſua ſegunda parte naõ ſómente os deſejos, mas as eſperanças de certa reſtituiçaõ, que ſe nos deve da Chronica, que compos do noſſo grande Rey Dom Joaõ o III. de ſabia memoria (por aſſi lho ordenarem imperioſamente de Caſtella) e a deixou tanto no fim, que ſegundo ouvi á alguns Religioſos, que o ſabiaõ, ſómente os dous ultimos capitulos faltavaõ. E nam temos na Provincia nem original, nem copia deſte volume, e preſumeſe eſtar na maõ de algum dos Grandes do Reyno, de cuja fidalguia, e chriſtandade quizeramos nós eſperar, nos mande ao menos por ſua morte entregar eſte theſouro, pois com ſemelhante furto, e retençaõ delle ſe faz tam conſideravel dano aſſi à honra, como à utilidade temporal deſta Provincia. Quero que ſirva de remate a eſtas minhas conſideraçoens (com que tambem de alguma maneira ſe poſſa deſcontar, e aliviar o largo deſta noſſa cenſura) hum diſtico, que fez hum Noviço no Convento de Bemfica começando a moſtrar ſeu bom engenho, que no ſucceſſo, e continuaçaõ de ſeus eſtudos provou melhor: e podemos perdoar aos verſinhos a aſpereza, e o pouco ſuave, com que ſoaõ, pela muita alma, e ſubida hyperbole do Elogio, com que chamaõ ao Padre Frey Luis de Souſa, nam menos que o ſegundo Athlante (nam da Igreja Univerſal, como foy noſſo Santiſſimo Pay, e Patriarcha S. Domingos) mas da noſſa ſagrada Religiaõ nos particulares templos de Portugal.

Summus Pontifex Innocentius III. vidit collabentem Lateranenſem Baſilicã à S. Dominico ſuis humeris ſuſtinari.

Et

Et pater, & natus templum fulcivit vterque;
Sustinet ille humero, sustinet hic calamo.

Ao muito Reverendo Padre Meſtre Frey Antonio da Encarnaçaõ Deputado do Santo Officio, e Vigairo das noſſas muito religioſas Madres do Sacramento devemos nam vulgar agradecimento pelo zelo, com que ſe tem offerecido a correr com eſta impreſſaõ; ſendo o emendar os erros della, particularmente neſte Reyno, hum nam pequeno enfado, e moleſtia; mas o muito Reverendo Padre Meſtre Deputado ſe grangeará com eſte cuidado, e diligencia aquella gloria, e applauſos, que no maneyo de graves, e importantes negocios ſaõ devidos à execuçaõ das couſas; da qual execuçaõ podemos dizer, que aſſi como he ultima, ſerve de coroa, e de hum como glorioſo Epiphonema a tudo o que ſe tem compoſto, obrado, e trabalhado. Dos authores, que deixaraõ compoſtos, e acabados ſeus livros, e tomos, ſem chegarem aos imprimir, ſe póde dizer que ſouberaõ pelejar, e conſeguir ſuas victorias, mas nam ſouberaõ uſar dellas; e he o que lá ſe diſſe de Annibal: *Vincere ſcis Annibal; victoria vti neſcis.*

Glorioſamente vencedor partio deſta vida o Padre Frey Luis de Souſa, deixandonos, como deixou, eſta ſegunda, e terceira parte de ſua Chronica; mas pelo meſmo caſo, que as nam pode dar ao prelo, e eſtampa, nam pode, nem ſoube uſar bem de ſua propria victoria: porém agora o fará feliciſſimamente o muito Reverendo Padre Meſtre Deputado. E ſe hum livro, e volume, em quanto nam ſae a publica luz, e praça da eſtampa, he hum como cadaver da ſciencia; a eſte corpo darà o fogo da vida (como outro Prometheo) com acçaõ nam digna de caſtigo, mas de mui juſtas graças.

Pelo que digo, como nam achei neſte livro couſa alguma diſſonante de noſſa Sancta Fé Catholica, dogmas, e doutrina dos ſagrados Concilios, ſanctos Padres da Igreja, e particularmente do noſſo Doutor Angelico Sancto Thomas, nem couſa, que repugne, e offenda à decencia, ſuavidade, e armonia dos bons coſtumes dos Fieis, nem à honra, e eſplendor de noſſa

ſa-

ſagrada Religiaõ, que he o que principalmente, conforme noſſas ſagradas conſtituiçoens, e actas de Capitulos geraes, devemos attender, e reſpeitar na impreſſaõ dos noſſos livros; ſou de parecer, que nam ſó ſe lhe conceda a licença, que pede, mas ſe lhe mande, ſendo neceſſario, com perceito formal, que nam deſiſta de ſemelhante occupaçaõ, e empreza. *Sic ſentio, ſic cenſeo.* Neſte Convento de S. Domingos de Lisboa, 12 de Janeiro de 1662.

Fr. Thomas Aranha
Magiſter.

Approvaçaõ do M. Reverendo Padre Meſtre Frey Domingos de Sancto Thomas, Regente, e Lente de Prima da Univerſidade de S. Domingos de Lisboa, e Prègador de ſua Mageſtade.

O Padre Frey Luis de Souſa, Author deſte volume, o foy jà de outros dous, que rubricados de ſeu nome ſahiraõ a luz, e a deraõ immortalizada à vida do Sancto, e Primaz Arcebiſpo de Braga o ſenhor Dom Frey Bartholameu dos Martyres, e às vidas de muitos Religioſos, que neſta Provincia de Portugal na Ordem dos Prégadores floreceraõ em letras abalizadas, fructificáraõ em virtudes heroicas. O eſpanto, o applauſo, o goſto com que foraõ recebidos eſſes dous volumes primeiros, ſerve agora mais, que de cenſura, de elogio a eſte volume, no numero o terceiro, e na hiſtoria o ſegundo. He elle a ſegunda parte della, mas he o primeiro no puro da elegancia, e no apparo da penna; eſcreve a de ſeu eſcritor aqui tam apparada, tam apurada, tam fina, e tam ditoza, que pelo argumento convida à piedade dos devotos, e pela locuçaõ deſafia a curioſidade dos diſcretos. Nenhum haverá que noticiado da impreſſaõ deſte livro o nam buſque, o nam admire, ſó por ver que corre nelle o eſtillo corrente (chamalhe eſtillo medio a Rhetorica) tam deſafogado, tam proprio, e tam térſo, que nam ſó preſume competencias, mas logra victorias de grandíloquo. Nam cor-

re

re o eſtillo aqui ou rapido, ou violento; lento corre, e ſocegado, ſem quebrar hyperbatos, ſem forjar onomathopeias, ſe uzadas ſempre, ſempre ou filhas da ignorancia, ou acrédoras da puerilidade. Diſſe bem Seneca Epiſtola 75. que falla podre quem forceja pera fallar elegante: *Quis enim accurate loquitur, niſi qui vult putide loqui?* Saõ he, e caſto o phrazeado deſte livro, pois fallando elegante ſem força, e corrente ſem violencia, nam lhe impede correr ſereno o ſer elevado; outra vez diſſe Seneca Epiſtola 100. do eſtillo de Fabiano, o que eu digo do deſte livro: *Electa verba ſunt, non captata, nec huius ſæculi more contra naturam ſuam poſita, & inuerſa; ſplendida tamen, quanuis ſumantur e medio: ſenſus honeſtos, & magnificos habent; non coactos in ſententiam, ſed altius ductos.* Sam as palavras ſelectas nam forçadas, nem tranſpoſtas ao coſtume do polimento deſtas Eras; e de qualquer ſorte que ſe tomem, e ſe pezem, ſempre saõ luzidas, ſempre ſignificadoras de conceitos agudos, e ſentidos magnificos; nam ſe conſtrangem eſtes no ſentencioſo, antes ſe deduzem do ſobrelevado. Aſſi o diſſe Seneca daquelle livro; e ſem mudar nem virgula o diſſera, ſe lera eſte tomo. Achaſe aqui huma propriedade varia, huma variedade ſcientifica, huma ſciencia encyclopedica. Achaſe aqui entre muitos deſenganos hum ſó engano; engana fazendo cuidar que foraõ, ou borradores deſta penna, ou enſayos deſta lima, os Livios, os Curſios, os Tacitos, os Patérculos. Eu achei aqui tudo o que aqui ſe acha; e pera o achar, ly eſte tomo duas vezes, mandandome que o leſſe huma, o noſſo muito Reverendo Padre Provincial; mas quis eu eſtender a obediencia, por eſtender a doçura com que eſta liçaõ engóda, e liſongea. Julguei quando o ly, e deſpois de o haver lido, julgo que nam ſó nam tropeça contra as verdades de noſſa Fé, nem contra a pureza dos bons coſtumes, antes vai tam moldado, e anivelado com ella, e com elles, que abre apoyos firmes, e inflamma ardimentos nobres á virtude com innumeraveis exemplos, e retratos virtuoſos. Julgo finalmente que logo logo ſe lhe paſſe a licença de eſtamparſe, porque o tardar, ou faltar a eſtampa, ſerá roubar hum theſouro de precioſidades, e im-

impedir hum theatro de virtudes. Iſto me parece. Em S. Domingos de Lisboa, 25 de Janeiro de 1662.

Fr. Domingos de S. Thomas.

FRey Bertholameu Ferreira Meſtre em ſancta Theologia, Conſultor do Santo Officio, e Prior Provincial Apoſtolico da Ordem dos Prégadores neſtes Reynos de Portugal, &c. Viſtas as informaçoens dos Padres Meſtres, a quem commetti o exame da ſegunda parte da hiſtoria do noſſo Padre S. Domingos da Provincia de Portugal, compoſta pelo Padre Frey Luis de Souſa; dou licença ao Padre Meſtre Frey Antonio da Encarnaçaõ Deputado do Sancto Officio, e Vigairo do Moſteiro do Sacramento, pera que a poſſa imprimir, ſendo approvada pelo Santo Officio, e pella Meſa do Paço. Lisboa, no Convento de S. Domingos, em 30 de Janeiro de 1662.

Fr. Bertholameu Ferreira,
Prior Provincial.

Do Santo Officio.

Approvaçaõ do M. R. P. D. Fr. Franciſco Brandaõ.

VI eſta ſegunda parte da hiſtoria da ſagrada Religiaõ Dominicana, particular deſte Reyno de Portugal, reformada em eſtilo pelo Reverendo Padre Frey Luis de Souſa, e me pareceo mais reformada, e polida que a primeira, e tam provída de documentos exemplares, que ſem encontrar couſa, que offenda a noſſa ſancta Fé, e bons coſtumes, ſervirá de incitamento pera que em tudo ſe reformem, e affervorem. Em noſſa Senhora do Deſterro, 8 de Junho de 1662.

Fr. Franciſco Brandaõ
Chroniſta mór.

Approvaçaõ do M. R. P. P. Fr. Felipe da Rocha.

VI por mandado de V. S. a ſegunda parte da Hiſtoria de S. Domingos, Author o Padre Frey Luis de Souſa: nella nam achei couſa contra noſſa ſancta Fé, e bons cuſtumes, antes repito o que Seneca Epiſt. 45. diſſe: *Indulgentiæ ſcio iſtud eſſe donum judicij.* Que o remeterſeme por V. S. eſta Chronica, foy mais favor, pera que eu a leſſe, que neceſſidade de juizo meu, pera que a approvaſſe. V. S. lhe póde dar licença pera que ſaya a luz. Lisboa, em o Convento da Santiſſima Trindade em 3. de Julho de 1662. *Sub cenſura.*

O Preſentado Fr. Felipe da Rocha.

VIſtas as informaçoens, pode-ſe imprimir eſte livro, cujo titulo he ſegunda parte da Hiſtoria de S. Domingos, Author o Padre Frey Luis de Souſa: e impreſſa tornará ao Conſelho pera ſe conferir com o original, e ſe dar licença pera correr, e ſem ella nam correrá. Lisboa, 7 de Julho de 1662.

Pacheco. Souſa. Rocha. Alvaro Soares de Caſtro. Magalhaës de Meneſes.

Do Ordinario.

POde-ſe imprimir. Lisboa, 17 de Julho de 1662.

F. Biſpo de Targa.

Do

Do Deſembargo do Paço.

Approvaçaõ do Doutor Ayres Falcaõ Pereyra, Guarda mór da Torre do Tombo.

SENHOR.

POr mandado de V. Mageſtade vi eſta ſegunda parte da Hiſtoria de S. Domingos, particular deſte Reyno, e ſuas Conquiſtas; e nella naõ achei couſa, por onde ſe poſſa negar a licença que ſe pede pera ſe imprimir; antes me parece obra muito pera ſahir a luz: porque de mais das noticias, que nella ſe achaõ dos principios, e fundaçoens de muitos Conventos, e moſteiros deſta ſagrada Religiaõ, contém hum exemplar de grandes virtudes de muitos Religioſos, e Religioſas, que uelles floreceraõ, de cujo exemplo, e vida, e religiaõ, he juſto que ſe nam perca a memoria para ſerem imitados. Lisboa, 20 de Outubro de 1662.

Ayres Falcaõ Pereira.

POde-ſe imprimir, viſtas as licenças do Ordinario, Santo Officio: e impreſſo tornará à Meſa pera ſe taixar; e ſem iſſo nam correrá. Lisboa, 26 de Outubro de 1662.

Moura T. P. Monteiro. Souſa. Sylva.

LICENÇA.
Da Real Meza Cenſoria.

PODem correr todos os quatro Tomos deſta Hiſtoria, Meza, 21 de Julho de 1768.

Arcebiſpo Regedor P.

Gama.

Coelho. Vaſconcellos. Pereira.

PROTESTO.

SUPPOSTO que o Santiſſimo Padre Urbano VIII. Papa, fez hum decreto com conſelho da ſagrada Congregaçaõ do Santo Officio em 13 *de Março de* 1625, *e o confirmou em* 5 *de Julho de* 1634, *em que prohibio que ſe naõ pudeſſem imprimir livros alguns de homens que paſſaraõ deſta vida mortal celebres em ſantidade, ou com fama de martyres; nem outroſi que contenhaõ feitos, milagres, revelaçoens, ou mercês algumas, como recebidas de Deos por interceſſaõ dos taes varoens inſignes, ſem preceder conhecimento, e approvaçoens do Ordinario: contudo em* 5 *de Julho de* 1631 *declarou o meſmo Pontifice que ſe naõ imprimiſſem elogios de Santo, ou Beato abſolutamente que caem ſobre a peſſoa, porém que ſe podiaõ imprimir as couſas concernentes a ſeus coſtumes, e à opiniaõ que delles houve, com proteſto de que as tais couſas nam tem authoridade alguma da Igreja Romana, mas ſómente a fé do Author, que o relatar. Por tanto proteſto em nome do Author deſta Segunda parte da Chronica da Ordem de S. Domingos, particular da Provincia de Portugal, compoſta pelo Padre Frey Luis de Souſa da meſma Ordem, que tudo, quanto nella ſe contém, ſómente ſe relata com authoridade humana, conforme a mente, e declaraçaõ do Summo Pontifice, para edificaçaõ dos Fieis que a lerem, nam como couſas ap-*

pro-

provadas por autoridade da Santa Igreja Romana, ou da Sé Apoſtolica. Em S. Domingos de Lisboa, o primeiro de Outubro de 1661.

Fr. Antonio da Encarnaçaõ.

SEGUNDA PARTE

DA HISTORIA DE S. DOMINGOS PARTICULAR DO REYNO DE PORTUGAL.

LIVRO PRIMEIRO.

CAPITULO I.

Do eſtado em que ſe achava a Religiaõ de S. Domingos no Reyno de Portugal.

ENTRA com boa eſtrea de nome, e ſucceſſos no primeiro lugar deſta ſegunda parte de noſſa hiſtoria hum Moſteiro de Religioſas, illuſtre por myſterioſas por antiguidades, e pelo titulo que tem do Salvador. Valhanos ſua divina graça, pera que a poſſamos levar ao cabo com o que reſta da Provincia.

1392. Corria o Anno de 1392. Reynava em Portugal elRey Dom Joaõ o primeiro deſte nome; e ſeguindo animoſamente o curſo de ſuas victorias, hia por huma parte reduzindo por amor, ou conquiſtando por armas, os lugares, que ainda ſuſtentavaõ a voz de ſeus contrarios: e por outra mandava correr com diligencia a grande maquina que em ſeu animo tinha concebido da caſa de Deos, e que já procedia no lugar da Batalha, como deixamos contado no livro ſexto, e ultimo da primeira parte deſta Hiſtoria. Aſſi ſuccedia proſperamente o negocio da guerra; porque hia de miſtura com taes cuidados: que para ſerem de mais merecimento, naõ paravaõ ſó na fabrica começada por voto; mas paſſavaõ a outros lugares, e outras obras, todas de augmento do Culto Divino, e honra do meſmo Senhor. Das que tocaõ á Religiaõ

de S. Domingos, e a noſſo intento; he primeira em tempo, a que propuzemos do Moſteiro do Salvador, caſa notavel por ſeus principios, e por caſos admiraveis dos annos adiante: que por ſerem tais deraõ occaſiaõ a ſe fazer livro della, e de taõ boa eſcritura, qne nos pudera forrar o trabalho deſta; ſenaõ correra por conta noſſa darmos-lhe tambem memoria. Mas antes de entrarmos na relaçaõ della, parece que ſerá conveniente, para clareza do que ſe diſſer, como iſto he Hiſtoria da Provincia darmos noticia do eſtado, que em tal tempo tinha a meſma Provincia no governo temporal, e eſpiritual, e ſerá brevemente.

Madre Sor Maria do Baptiſta, hiſt. do Salvador.

Começando pelo temporal. Durava na Igreja Catholica a grande perturbaçaõ, e Ciſma, que por tempo de quarenta annos affligio a Chriſtandade com laſtimoſas calamidades. Começara no anno de 1378. por morte do Papa Gregorio Undecimo. Succedera a Gregorio com legitima, e verdadeira eleiçaõ Urbano Sexto: e a Urbano, Bonifacio Nono. Vivia Bonifacio correndo o anno de 1392. Anno que tomamos por fundamento, e principio do que temos para eſcrever neſta ſegunda parte, proſeguiudo na ordem, que começamos na primeira, e era reconhecido, e obedecido por legitimo ſucceſſor de S. Pedro, em Italia, e por toda Alemanha, e Ungria, e Inglaterra: e a eſtas Provincias acompanhava, e ſeguia o Reyno de Portugal. Todos os mais Reynos, e Reys de Eſpanhas, que entaõ eraõ tres; de Caſtella, Aragaõ, e Navarra, como de França davaõ obediencia ao Antipapa Clemente, que em França reſidia. A meſma diviſaõ em que eſtava a Igreja, corria tambem na Ordem de S. Domingos, e iſto aconteceo a todas as mais Religioens. Tinhamos hum Meſtre Geral em Italia, que acompanhava o verdadeiro Pontifice. Era o grande Meſtre Frey Raymundo de Capua, que os Eſcritores daquella idade nos daõ a conhecer pollo officio, que hum tempo fez de confeſſor da noſſa Seraphica Sancta Catherina de Sena. Tanto poder tem a verdadeira virtude, que deu nome ao confeſſor a confeſſada. Havia outro Geral em companhia do Antipapa Clemente, ſeguido, e obedecido dos Frades de França, e de todos os mais Reynos de Eſpanha que tinhaõ a voz de Clemente. Seguiaõ os membros, como he coſtume a ſuas cabeças. A meſma diviſaõ, que havia de Pontifices na Igreja, e de Geraes nas Ordens ſe achava nas provincias dellas entre os Frades. A de Caſtella, que comprehendia entaõ os Conventos de Portugal, como ſeu Rey era de parte do intruzo Pontifice hyaſe tambem traz elle, com ſeu Provincial, que os Eſcritores Caſtelhanos naõ daõ noticia quem por eſte tempo foſſe, que he falta notavel. Mas os Religioſos Portugueſes, que com todo o Reyno, e ſeu Rey reconheciaõ por verdadeiro Papa a Urbano, e a ſeu ſucceſſor Bonifacio levantaraõ a obediencia ao Provincial de Caſtella, naõ havendo por Prelado, quem deſconhecia ao que o era legitimo da Igreja. E por naõ ficarem ſem Paſtor, que os governaſſe, introduziraõ hum novo genero de gover-

governo- Elegeraõ entre ſy huma cabeça, com titulo de Vigario Geral, immediato ao Meſtre Geral da Ordem, que acompanhava a Urbano, e deſpois a Bonifacio verdadeiros Poſtores da Igreja Romana. E eſta foy a primeira origem da ſeparaçaõ, que pouco deſpois fizeraõ, conſtituindoſe em Provincia por ſy. Para o que tambem deu occaſiaõ a diviſaõ de animos, que a guerra tinha criado entre os Reys, e vaſſallos de hum, e outro Reyno, como ao diante ſe dirá. Donde naſceo, que por eſte tempo, em eſpaço quaſi de trinta annos, naõ achamos memoria de nenhum Provincial, que viſitaſſe, ou juntaſſe capitulo em Conventos de Portugal, havendo muitas eſcrituras, e lembranças, que fazem mençaõ de Vigairos Gerais, que governavaõ a Religiaõ, e religioſos deſte Reyno. Eſtes achamos, que ſe intitulavaõ Vigairos Gerais de Portugal, e alguns eſtendiaõ mais o titulo, e chamavaõſe Vigairos Gerais de Eſpanha. Como foy Frey Lopo de Lisboa, que ſe aſſina em huma, que vimos, Prior de S. Domingos de Lisboa, e Vigairo Geral da Provincia de Eſpanha. Fazia conta a meu ver, que como elle ſó em todos os Conventos de Eſpanha, por meyo do Geral, que reſidia em Italia, ſeguia o verdadeiro Paſtor da Igreja Catholica, com os religioſos, que em Portugal tinha a ſeu cargo: pelo meſmo caſo ficava tambem ſendo nella verdadeiro, e ſupremo Prelado da Ordem, com mais rezaõ, e milhor titulo, que os que obedeciaõ ao intruzo, e Ciſmatico, e tal era entaõ o governo temporal de noſſa Religiaõ neſte Reyno.

Quanto ao Eſpiritual, reynava em toda, e por todas as mais Religioens, o feyo monſtro da Clauſtra. E como he ordinario, que a erva má creſce, e arreiga, e ſe faz ſenhora do campo, com o meſmo tempo, que para as boas he contrario, aſſi com as diſcordias da Igreja, e dos Reys, e Reyuos creſcia eſte Monſtro, e aſſombrava a terra com liberdades, e devaſſidaõ. Deralhe principio huma grande peſte (e naõ he de eſpantar, que de tal mãy naſceſſe tal filho) que pollos annos do Senhor de 1348. correo toda a redondeza da terra, com tanta furia, e rigor, que affirmaõ os Eſcritores, matou de dez partes dos viventes, as nove. Aſſi ouve lugares inteiros aſſolados, geraçoens acabadas de todo, infinitas fazendas, e herdades deſertas, e ſem dono. E quanto as Religioens, ſuccedeo em muitos Conventos naõ ficar nem hum ſó frade com vida. Acompanhouſe a peſte de apertadas eſterilidades de todos os fruitos da terra, cauſadas parte de grandes, e continuadas invernadas, que naõ davaõ lugar a ſe fazerem as ſementeiras: parte da falta, e doenças dos que as haviaõ de fazer. Ajudandoſe aſſi as calamidades humas ás outras, como a porfia. Seguioas outra tempeſtade geral de miſerias nos povos, que eſcaparaõ com vida: e foy hum taõ grande medo da morte, que todo o cuidado, e emprego de todos era buſcar meyos de boa vida, alegre, e folgada, entregandoſe a mimos, delicias, e paſſatempos. E como acontece a

1348.

Sufato Caſtel franco Chron.da Ordem f. 73. & 74. Fr.Anton de Sena Chron.da Ord. fol. 185. Leand. l.1.c. 23. Caſtilho p.2.l. 1. c. 3. 9. & l. 2. c. 12. Ilheſcas Hiſt. pont. p.2. c. 4.

convalecente de longa, e perigoſa enfermidade, que tudo o enfaſtia, de tudo ſe offende, taõ mimoſo fica, taõ deſcontentadiſſo, e mao de ſervir, como ſe tornara aos annos da idade pueril: aſſi fugiaõ todos a tudo o que era trabalho corporal, ou cuidado do eſpirito. De filhos de tal gente, e de tal criaçaõ, começandoſe a povoar de novo os Conventos, encheraõſe da meſma froxidaõ, e preguiça. Qualquer piqueno accidente fazia renovar a memoria do mal antigo, e o medo delle obrigava os bons eſpiritus, que nunca faltaraõ alguns em tanta pobreza, e em condecender com a fraqueza, e miſeria dos puſillanimes: e por muito que deſejavaõ acudir ao dezemparo eſpiritual, naõ ſe atreviaõ a uzar da força, que viaõ ſer neceſſaria, humas vezes deſconfiando dos ſujeitos vidrentos, e para pouco: outras com medo de lhes faltar quem aturaſſe nos Moſteitos, que eſtavaõ Ermos. Aſſi ſe perdeo o rigor, e entrou em ſeu lugar vida deſcançada, ſolta, e livre. Chamaraõlhe os que a conſideravaõ, Clauſtra. Nome a meu parecer inventado da ſutileza cortezam, pella figura que os Rhetoricos chamaõ Antifraſis, que he ſignificar a cauſa por ſeu contrario: viſto como a palavra Clauſtra, de ſua natureza eſtá ſignificando encerramento, fecho, e aperto: que he o meſmo, que entaõ faltava, ajudado do pouco valor, que em todo eſtado havia: e tal era a vida, e o eſpirito no geral das religioens deſta idade. E com tudo ao Pay dellas, Deos immortal, immortais graças devemos. Porque em tamanho deſemparo, nunca deixaraõ de ter grande eſtima diante dos Principes ſeculares, e Eccleſiaſticos. Quem perſuadirá iſto hoje aos que ſe prezaõ de mal contentes, e agudos calumniadores delles? quando ſe quizermos fazer comparaçaõ de tempos a tempos, eſtaõ neſta era jardins freſquiſſimos, e bem guardados, os que de ſecos, e abertos naquella antiga ſe perdiaõ; eraõ Principes ſanctos, e prudentes, e eraõ Pays. Por ſanctos olhavaõ os defeitos humanos ſem malicia: faziaõlhe laſtima, naõ rayva, e achavaõ em ſeus animos piedade, naõ ſó perdaõ. E aſſi naõ podiaõ acabar conſigo deixar de prezar, e amar as caſas de Deos, e aos moradores dellas. Por prudentes, notavaõ, que entre eſſas plantas, ou mal creſcidas, por fraqueza, ou murchas, e deſmayadas por falta de eſpirito, produzia o Senhor algumas taõ freſcas, taõ verdes, e copadas, que eraõ em fermoſura Cedros do Libano, em riqueza de fruito fertiles Oliveiras, quero dizer Santos abalizados, que aſſombravaõ o mundo com virtudes, como logo iremos apontando: e puderamos ajuntar bom numero das Provincias de fóra, ſenaõ fora de obrigaçaõ alheya. Em fim como Pays conſideravaõ, que todas tornariaõ em fi, como lhes naõ faltaſſe maõ amiga de bom agricultor. Pſalm.

Eſtes dous principios cheyos de charidade chriſtam, que foraõ amor das religioens em geral, e hum dezejo vivo de as ver adiantadas em eſpirito, e ſanctidade, tinhaõ no peito de elRey Dom Joaõ primeiro dos que entre nós reynaraõ deſte nome, altos fundamentos lançados. De

maneira, que a elle podemos referir todas as boas venturas, que em vida, e morte logrou: as quais foraõ tantas, que ſe aventajou nellas a todos os Principes de ſeu tempo, e quaſi a todos ſeus anteceſſores, e ſucceſſores. Deſtes principios procedeo a magnificencia, e liberalidade, com que levantou, e enriqueceo o famoſo Couvento da Batalha, que nos deu remate a primeira parte deſta Hiſtoria: e dos meſmos naſceo procurar em quanto vida teve, que por todo ſeu Reyno ſe edificaſſem muytos outros Sanctuarios ora, animando, e favorecendo os devotos: ora ajudando, e deſpendendo largamente da fazenda Real: dos quais iremos apontando os que pertencerem á Ordem de S. Domingos, cuja he eſta eſcritura: ſegundo a conta, e conjunçaõ dos annos em que cada hum começou. Para o que de preſente temos entre mãos, do Moſteiro de Freiras do Salvador deu ElRey o Padroado da meſma Igreja, que era da Coroa Real, e ajuntou outras graças, e favores para bem da obra, com que o fundador, que foy Dom Joaõ Eſtevens Biſpo do Portó, que pouco deſpois ſubio a Arcepiſpo de Lisboa, e Cardeal da Roma, lhe veyo dar
1392. principio no anno de 1392. pollos meyos, e modo que no ſeguinte capitulo veremos.

CAPITLO II.

Da origem, e antiguidade, da Igreja do Salvador da Cidade de Lisboa, e do primeiro Recolhimento, que nella ouve de mulheres virtuoſas.

TEmos neſta Igreja huma fermoſa, e devotiſſima antigualha. Hiſtoria certa, e autentica, e igualmente deleitoſa para todo bom eſpirito. E porque naõ ha duvida, que foy cauſa originaria do primeiro edificio da Igreja, e do ſegundo do Moſteiro, parece que ſerá rezaõ começarmos por ella: pera que toda a narraçaõ leve a ordem, e clareza devida. Deſpois que o famoſo Rey Dom Affonſo Henriques ganhou Lisboa aos Mouros, tomandoa por aſſalto, em fim de largo, e porfiado cerco: ſuccedeo paſſados alguns annos (naõ conſta preciſamente quantos) que ſahindo á caça, hum fidalgo principal dos que nella ficaraõ, entrou pollo valle, em que agora vemos a Igreja, que naquelle tempo era todo huma mata ſerrada de arvoredo ſilveſtre, entreſachado de groça, e deſcompoſta penedia, e foy ſua boa ventura, que rompendo, e paſſando ao mais eſpeſſo delle chegou a dar com huma fermoſa palmeira do pé da qual ſe levantava huma grande Cruz arrimada ao tronco della. No meyo da Cruz hum bem proporcionado vulto de corpo humano: pés, e mãos encravados, roſto defunto, e caído, a cabeça coroada de hum teſcido de muitos eſpinhos. Bem he de crer, que faria terror a viſta ſubita, e o lugar ſolitario. Mas trocouſe logo em devaçaõ,

fazen-

fazendo lembrança no peito chriſtaõ, aquella poſtura laſtimoſa, da cauſa porque aſſi ſe deixou, e quis tratar, quem era Senhor da terra, e Ceo. Creſceo com a devaçaõ a confiança, para chegar, e conſiderar o que via. Parecialhe tal repreſentaçaõ, digna de eſtar collocada ſobre hum rico altar, quando nota com eſpanto, que naõ faltara em lho dar a natureza. Tinhalhe compoſto como ſerva humilde, que acode a reconhecer a ſeu Autor, com o que póde, e como póde, huma eſtendida meza de favos de mel, que rodeavaõ com perfeita arquitectura de altar o pè da Cruz, e palmeira, obra ao parecer mais do Ceo, que da terra ſendo o miniſterio de Abelhas, que como ſe foraõ criaturas racionais, aſſi o proſeguiaõ deligentes, inſtando, e continuando a qual mais podia. Rico
Jud. C. caçador com tal achado, e feito em ſeu penſamento outro ſamſaõ, quis ver ſe offerecia o eſtranho ſitio mais, que notar. Começava com ſuas mãos a deſmontar alguma parte do mato em ſinal de veneraçaõ, que era o mais, que entaõ podia fazer; ſenaõ quando apparece novo thezouro. Deſcobre huma Imagem da ſagrada Virgem Mãy, pejados ſuavemente os braços com outra do Menino Jeſus. Coſtuma o Ceo revelar ſemelhantes ſecretos a eſpiritos indignos delles. Aſſi he de crer, que ſaberia o bom fidalgo feſtejar eſte, dandoſe mil parabens em ſua alma por taõ ditoſa caça. Eſcondeunos tudo a antiguidade, ou o deſcuido dos homens, e juntamente ſeu nome, que he mais de ſentir. Sò nos conſta, que deu volta apreſſadamente pera a Cidade, naõ pondo em parabolas o achado, mas enchendoa de alvoroço, e alegria com a relaçaõ delle. Naõ tardou o povo Jud. C.
devoto em ſe juntar todo no lugar, e agaſalhar em breves dias as ſanctas Imagens. Quebraraõ penedos, cortaraõ arvores, roçouſe o mato: e ficando sò a palmeira por memoria levantaraõlhe huma Ermida pequena em corpo, e fabrica, ſegundo a pobreza daquelle tempo: e deraõlhe vocaçaõ de S. Salvador da Mata. Seguiraõ logo milagres famoſos, e muitos enſinou a devaçaõ, e a neceſſidade levar por caſa dos enfermos, ora a coroa dos eſpinhos, ora a terra da cova em que eſtivera cravado o pè da Cruz. Era tal o beneficio, que todos ſentiraõ, que acreſcentando a devaçaõ da Cidade, chamou com a fama romagens, e concurſo de fòra. E o Biſpo levado de ſancto zelo, ouve que fazia aggravo à ſua Catredal em conſentir eſtar fòra della tal riqueza: e determinou paſſar o Crucifixo à Sè; e ſem duvida o fizera, ſenaõ interviera caſo milagroſo, que o tolheo, e paſſou aſſi. Aprazado o dia pera a tresladaçaõ, juntouſe o povo, deſceuſe a Cruz do Altar, guiaraõ pera a porta da ermida os que a levavaõ. Ao ſair naõ ouve modo, nem arte pera a paſſarem: naõ que ſe tornaſſe immovel, ou demaſiado peſada, ſenaõ por meyo mais eſtranho, que foi vencendo ſempre a porta, e as traças dos que a pretendiaõ paſſar: com quanto naõ deixaraõ nenhuma por tentar. Obrigado o Prelado da eſtranheza do ſucceſſo, ouveo por manifectaçaõ da vontade Divina. E naõ sò deſiſtio da pretençaõ, mas procurou

curou acreſcentar, e honrar a Ermida; e como creſcia o povo, e vezinhança, deulhe o titulo de Freguesia. Continuaraõ no meſmo animo os ſucceſſores. Levantaraõna em Priorado, applicandolhe pera ſuſtentaçaõ de Prior, e Beneficiados, os dous terços dos dizimos da Igreja de Noſſa Senhora do Emparo do lugar de Bemfica, e alargaraõna em edificio, inda que naõ falta quem affirme que eſte augmento de pedra, e cal, pobre todavia, e humilde foy de mandado, e deſpeſa Real.

Eſta foy a origem da fabrica da Igreja do Salvador, e a occaſiaõ do nome, na qual naõ ha que diſputar, nem armar duvidas. Porque de todas nos tira o que ſabemos de muitas Imagens antigas, em varias partes achadas, deſpois da perdiçaõ de Eſpanha, aſſi como as terras ſe hiaõ livrando do jugo dos Mouros. Em Portugal temos muitas da Virgem Benditiſſima; varias em nome, e ſucceſſos de como foraõ achadas. Todas grandes em milagres, e miſericordias pera com os homens. Huma junto a Peniche com titulo de Nazareth, que foy depoſito do meſmo Rey Rodrigo ultimo dos Godos. Outra em terras de Viſeu, que chamaõ da Lapa. Duas mais vezinhas, e quaſi entre nós, com titulo da Luz, e do Cabo, celebre he junto à Cidade do Porto por antiguidade, e milagres o devotiſſimo Cruxifixo de Bouces: e o de Burgos nas montanhas. Muy famoſas em Caſtella a Senhora de Guadalupe, e a de Penha de França: e em Catalunha a de Monſarrate. Entravaõ os Barbaros conquiſtando as terras, e aſſolando com raiva do meſmo Mafamede, tudo o que era ſagrado. O povo catholico, que nem entre os peccados da proſperidade, nem no meyo das miſerias, que de preſente o cercavaõ tinha perdido a fé, naõ ſe atrevia a largar de ſi as ſagradas Imagens, que venerava: huns pera as guardarem pera milhor tempo, ſe Deos o déſſe: ou pera morrerem abraçados com ellas, ſe dos inimigos foſſem alcançados. Outros cheyos de boa eſperança, que ſe lembraria de ſua miſericordia o meſmo Senhor, que por entaõ viaõ juſtamente irado, ou as eſcondiaõ nas entranhas da terra: ou as fiavaõ das matas, e cavernas dos montes, e rochedos: entregandoas aſſi à Divina providencia, que as guardaſſe, como fez a eſtas de Lisboa. Sabido eſte principio, agora diremos qual foy o do Moſteiro.

Fr. Bern. de Brito, Mon. Luſ.

Com o primeiro titulo, que a Ermida teve de Freguesia pera gaſalhado da vezinhança, e arrebalde, que a devaçaõ começou a juntar no valle, naõ faltaraõ animos pios, que julgando por obra ſancta dar algum genero de recolhimento aos muitos peregrinos, que acudiaõ de longe a viſitar as ſanctas Imagens, levantaraõ junto à Igreja, pera os agaſalhar, huns apoſentinhos terreos, que naõ ſendo em ſeus principios mais, que humas pequenas cellas, foraõ pouco deſpois morada de algumas boas mulheres, que guiadas de grande eſpiritu, ſouberaõ inventar Ermo no meyo do povoado, entaipandoſe na eſtreiteza dellas, à imitaçaõ de huma Pelagia em Jeruſalem: deſpedidas pera ſempre de todo conſorcio da gente, fizeraõ con-

ta

ta de viver ſó para Deos, e pera ſy. Naõ deixaraõ em cada huma mais, que huma eſtreita freſta, ou ſeteira, que lhes ſerviaõ de luz, e ar, e de tomar o neceſſario pera a vida corporal, e eſpiritual. Fez eſpanto a determinaçaõ, deulhes reputaçaõ a conſtancia: juntoulhes companheiras huma, e outra couſa. Mas como de obra, que teve fracos principios, naõ ficou memoria dos nomes, nem calidade das peſſoas, que nella entraraõ, nem dos annos em que a comeſſaraõ. Só por conveniencias podemos ir raſtejando o tempo; e faço conta, que devia ſer o meſmo, em que começou em Santarem ſemelhante vida a noſſa Elvira Duranda, de quem eſcrevemos na primeira parte deſta Hiſtoria: ou incitandoa, ou ſendo incitadas della, pollos annos do Senhor de 1240. em vida do Santo Frey Gil. Correndo os tempos vieraõ a ſe conformar tambem com as recluſas de Santarem. O que me confirma mais na conjectura, que faço da primeira imitaçaõ, e do tempo em que deraõ o principio a tal vida; porque ſe juntaraõ, como ellas em communidade. Mas naõ foy eſta mudança parte, pera remittirem nada do primeiro rigor, em todos os mais pontos da vida. Antes com o exemplo, e a viſta humas das outras ſe eſpertavaõ, e affervoravaõ mais na virtude. Achamos nas lembranças antigas, que naõ era a vida, que faziaõ menos eſtreita, que aquellas, com que nos eſpantaõ os Eſcritores dos Anachoretas da Scithia. Porque vivendo juntas, tal era o ſilencio, que guardavaõ, tanta a ſeparaçaõ de converſaçaõ, e trato, que quaſi naõ diffiria de quando cada huma eſtava recluſa por ſy. Eſtando entre gente, e na Cidade, aſſi dependiaõ da Providencia Divina, como ſe moraraõ no coraçaõ do deſerto. Porque nem pediaõ, nem buſcavaõ o neceſſario pera ſuſtentaçaõ da vida, nem por ſy, nem por interpoſta peſſoa. Do que a charidade dos fieis trazia por eſmola a huma pequena roda, que pera iſſo ſervia, tomavaõ o que baſtava pera aquelle dia temperadamente. O que parecia ſobejo, ou o naõ aceitavaõ, ou o repartiaõ logo entre os pobres de fóra. Por maneira que por nenhum caſo haviaõ de guardar, nem grangear nada de hum dia pera outro, armandoſe ſanctamente de viva fé, ou pera eſperarem ſó de Deos a ſuſtentaçaõ, como as Aves do ar, e animais do monte; ou pera padecerem mais, ſe aſſi foſſe ſeu ſerviço. O veſtido era hum pouco de ſaco, ou burel por fóra, e o meſmo a rays das carnes. Pera cama naõ havia na ſaude mais, que cortiças nuas; na doença era mimo huma pouca de carqueja. Pera cabiceiras, parece, que arriſcamos o credito da Hiſtoria, ſe diſſermos o que nos referem as memorias, donde tiramos eſta (tem grande fé a ſingeleza, e a verdade dos Antigos) affirmaõ que eraõ pedras. Aſſi naõ fará maravilha tudo o que ſobre tais fundamentos ſe differ. Que ſe verdade, como he, que engorda, e enriquece o eſpiritu das faltas, e pobrezas do corpo, bem ſe deixa ver qual ſeria o fervor das almas, onde a carne andava taõ tiranizada em cama, meſa, e veſtido, que ſaõ as couſas em que o mundo faz mais em-

P. 1. l. 2. c. 22. & c. 5. c. 20. 1240.

empregos de mimo, e favor. Seguramente podiaõ dizer com S. Paulo. *Conuerſatio noſtra in cœlis eſt.* Na terra vivemos, mas o noſſo trato todo he no Ceo. Deu o Senhor alguns ſinais de as ter neſta conta, com ſucceſſos em que quis moſtrar quanto vigiaõ ſeus Divinos olhos ſobre a pobreza virtuoſa. Creſciaõ em numero, e começavaõ a viver apertadas. Dezejavaõ alargar o ſitio, porque tambem havia novas requerentes pera entrarem na clauſura. Mas eſpantavaas a copia, e groſſura dos penedos, de que todo o ſitio eſtava empachado. Que até aos officiais de Alvenaria metia medo o que gaſtaria de tempo, e trabalho, desfazer, e gaſtar os que baſtaſſem pera eſtender hum pouco mais o ſancto Recolhimento. Andando neſte cuidado, aconteceo, que levantandoſe huma manham, acharaõ repentinamente limpa, e deſpejada de toda a penedia, tanta parte do ſitio, que com ellas partia, quanto pera ſua determinaçaõ tinhaõ dezenhado, e era ſufficiente. Por maneira, que podemos dizer, que foraõ Anjos, os que aprainaraõ os caminhos, e compuſeraõ, como gaſtadores, a praça, que avia de occupar o Moſteiro do Salvador, e porque naõ pareça a ninguem, que foy obra de pouca ſuſtancia, he de ſaber, que ainda hoje na clauſura preſente eſtaõ vivos, e inteiros alguns penedos, que daõ aſſaz pejo, hum no choro debaixo, outro na caſa do Hoſpicio. Cercouſe logo o lugar com alegria, e bençoens juntas com eſpanto do povo. Receberaõ mais companheiras, e entre ellas, conſta, que foraõ algumas de grande calidade. Mas nem ainda com iſſo, nem com a eſtranheza do caſo referido, ouve quem nos deixaſſe mais clareza dellas, que o nome de huma, que chamaõ Dona Catherina, e dizem, que era de ſangue Real.

Ad Philip. cap. 3.

Faz muito ao caſo pera manter a virtude em ſeu ponto o favor, e bafo dos Reys. Moveo tambem o Ceo o animo de huma Raynha antiga deſte Reyno, pera ſe dar por remedio, e emparo das emparedadas. Que eſte nome lhes ficou deſda primeira recluſaõ, e lhes durou até que o favor della lho foy trocando em outro. Chamavalhe a Raynha, as ſuas Beatas. Suas pollo amor que lhes tinha: Beatas, polla muita virtude, que ſeguiaõ; e porque as Raynhas, que foraõ ſuccedendo, continuaraõ em lhes fazer bem, e merces, continuou o povo em as nomear por Beatas da Raynha.

CAPITULO III.

Do principio, e rezaõ, que ouve pera ſe fundar neſta Igreja Moſteiro da Ordem de S. Domingos: e quem foy o fundador.

A Devaçaõ das ſanctas Imagens, o augmento da Ermida, e o bom nome das Beatas obrigou a hum valído d'el-Rey Dom Fernando unico deſte nome em Portugal, eſcolher ſepultura entre ellas. Chamavaſe Joaõ Eſteves; foy Alcaide mór de Lisboa, cargo, que ſempre andou em peſſoas de grande calidade: e com elRey Dom Fernando teve tanto lugar, que veyo a perder o nome da pia, no povo, e naõ era conhecido por outro ſenaõ, pollo da valia:

chamavaõlhe o Privado. Mas naõ era menos ſizudo, que privado: porque naõ perdeo a memoria do Ceo, polla valia do mundo. Quando mais viva eſtava a gloria da privança, lembrouſe da ſepultura, e levantou neſta caſa huma bem ornada, mas moderada Capella. Digo moderada: porque ſendolhe facil entaõ (como tudo obedece aos validos) tomar pera ſy a Capella mór, e fabricalla a ſeu modo, ſatisfezſe com ficar em lugar menos principal: e eſte dotou de toda ſua fazenda, que pera os tempos de entaõ era muita, e boa. Por ſua morte ſuccedeo na poſſe da Capella, e na continuaçaõ do edificio della (porque a povoou primeiro, que a acabaſſe) Affonſo Eſteves ſeu irmaõ, e nella jazem ambos. De Affonſo Eſteves foy filho Joaõ Eſteves, eſte ſendo moço, e criandoſe com o Meſtre de Avis, que deſpois ſuccedeo no Reyno a elRey Dom Fernando ſeu irmaõ, continuou em ſeu ſerviço, companheiro fiel em todos os trabalhos, e tranſes da guerra, que muitos annos durou neſte Reyno. Mas paſſadas as alteraçoens, e dando Deos paz, determinouſe em ſeguir o caminho da Igreja, e das letras, que hum tempo eſtudara. Porem naõ conſentio elRey Dom Joaõ, como conhecia ſeu valor, que viveſſe ocioſo. Dandolhe alguns bens, e dignidades Eccleſiaſticas, empregouo em negocios ſeus particulares, e do Reyno. E achamos, que foy duas vezes a Roma, por eſta conta. Do que elRey ſe ouve por taõ ſervido delle, que tornando, lhe deu o Biſpado do Porto, e deſpois o paſſou a couſas mayores. No meyo das occupaçoens, e ſerviço Real, trazia o bom Prelado diante dos olhos a hora da morte, e hia traçando em ſeu penſamento, como honraria o lugar, que fazia conta havia de poſſuir nella, com ſeu Pay, e tyo na Igreja do Salvador. E julgando, que por nenhum meyo lhe poderia dar mais luſtre, que fundando huma caſa de religiaõ: para o que achava meyo caminho andado, ou quaſi tudo feito, no recolhimento das Beatas: deu conta de ſeus dezenhos a elRey. E achou nelle naõ ſó goſto da obra, como quem todas as do Culto Divino ſobre maneira eſtimava, mas favor, e ajuda. Porque deſde logo lhe fez merce do Padroado da Igreja, que era da Coroa. E pera que naõ ouveſſe contradiçaõ da parte do Prelado da Catredral de Lisboa, fezlhe manifeſtaçaõ de ſua vontade Real, o que foy baſtante pera que liberalmente cedeſe logo de todo o direito que podia ter, ou pretender nella. No meſmo tempo, e a paſſo igual hia o Biſpo Dom Joaõ Eſteves negociando em Roma, por ſeus agentes, o que cumpria pera o effeito da fundaçaõ do Moſteiro. E em Portugal fazia o meſmo peſſoalmente. Lá com o Pontifice, e Geral da Ordem: cá com elRey. O que ſe vê nas datas dos Breves, e proviſoens em huma, e outra Corte deſpachadas: das quais juntaremos alguns pedaços, quanto baſtem pera certeza, e teſtemunho do tempo, e faculdades, e favores, com que o Moſteiro teve principio. Do Summo Pontifice Bonifacio Nono alcançou licença ampliſſima pera o fundar na regra, e conſtituiçoens

tuiçoens da Ordem dos Prégadores: e pera lhe annexar todas as rendas do Prior, e Beneficiados da Igreja; assi como fossem vagando por morte de cada hum. O nosso Geral, que era, como temos dito, o Mestre Frey Raymundo de Capua, e assistia em Roma com o mesmo Pontifice Bonifacio, durando a força da Cisma. Aceitou o Mosteiro, e deu sua commissaõ pera os Prelados da Ordem em Portugal o admittirem em seu governo, e juntamente consentirem no ponto, que o Bispo pedia, e de poder ajuntar alguns Estatutos de sua pia tençaõ, aos que a regra professa. As palavras da Provisaõ, que elRey passou sobre o Padroado saõ as seguintes.

E Nós vendo o que nos assi dizia, e pedia Dom Joaõ Bispo do Porto, de nosso Conselho, e considerando os muitos estremados serviços, que nós a estes Reynos recebemos do dito Bispo, e especialmente, como duas vezes, pondo seu corpo em a ventura, foy por nosso Embaixador à Corte de Roma, aderensar nossos feitos, e negocios, que nos muito cumpriaõ: e os aderensou, segundo a nós faziaõ mister; e outro sy del entendemos receber ao diante. E querendolhe nós conhecer, e galardoar com merces: o que cada hum Rey he teudo de fazer áquelles que bem servem: temos por bem, e de nosso proprio movimento, e certa sciencia, poder absoluto, lhe damos, e doamos, e lhe fazemos livre, e pura doaçaõ entre vivos valedoura, deste dia pera todo sempre, pera el, e pera todos seus herdeiros, e pera aquel, ou aquellas, a que o el der, ou leixar, como suso dito he, do apadroado da dita nossa Igreja de S. Salvador da dita Cidade de Lisboa.

Esta provisaõ mostra ser feita, e assinada em Leiria ao primeiro de Julho da era de Cesar (que ainda naõ era de todo acabado o costume de contar por ella) de 1429. que responde ao Anno de Nosso Senhor Jesu Christo de 1391.

1391.

O Breve foy expedido em Roma aos 27. de Fevereiro do mesmo Anno de 1391. Porque declara que se passou no segundo de seu Pontificado, que pollo que sabemos do tempo de sua eleiçaõ, vem a ser este ao justo. Começa. *Ad ea quæ Diuini cultus augmentum, &c.* As clausulas, que servem a nosso proposito saõ as seguintes.

NOs igitur, qui Diuinum cultum temporibus nostris augere intensis desiderijs affectamus, hujusmodi supplicationibus inclinati, fraternitati tuæ authorita-

tem noſtram, parochialis Eccleſiæ Sancti Saluatoris Vliſbonenſis erigendi in Monaſterium: & poſtquam erectum fuerit, Prioriſſam, & condecentem Monialium numerum ordinandi, & inſtituendi. Quæ quidem Prioriſſa, & moniales ſub cura, & ſecundum inſtituta Fratrum Ordinis Prædicatorum viuere debeant. Ac etiam portiones prædictas, cum omnibus juribus, & pertinentijs ſuis, eidem Monaſterio, poſtquam erectum fuerit, ut præfertur, vniendi, incorporandi, & annectendi. Ita quod cedentibus, vel decedentibus Rectore, & portionarijs prædictis, aut Eccleſiam, & portiones eaſdem, aliás quo modo libet dimittentibus, liceat Prioriſſæ, & conuentui ejuſdem Monaſterij Eccleſiam, & portiones prædictas, & earum corporalem poſſeſſionem libere apprehendere, ac licite retinere, diœceſani loci, vel cujuslibet alterius licentia minime requiſita. Et quæ circa præmiſſa opportuna, ſeu neceſſaria fuerint, faciendi, ſtatuendi, ac ordinandi plenam, & liberam tenore præſentium licentiam elargimur.

Naõ damos a traduçaõ deſtas clauſulas, porque já deixamos atras eſpecificada a ſubſtancia dellas. Cerra o Breve com huma particularidade eſſencial, que he remeterſe na conceſſaõ ao beneplacito, e conſentimento d'el-Rey, dizendo. *Dummodo ad id Regis accedat aſſenſus.*

CAPITULO IV.

Dá o Biſpo Dom Joaõ Eſteves principio â fundaçaõ do Moſteiro. Aceitaſe pollos Religioſos de S. Domingos pera a Ordem; recebem as Beatas o habito da maõ do Prior de Lisboa.

ACHamos nas memorias antigas, que tanto que o Biſpo teve negociado, e juntos todos os papeis, e licenças, e mais couſas que apontamos, foy em peſſoa ao Recolhimento: e propos ás Beatas com huma larga, e devota prática toda ſua determinaçaõ, e o que pera bom effeito della tinha procurado, e alcançado no Eccleſiaſtico, e ſecular, mas eu naõ me perſuado, nem he rezaõ, que ſe crea, que materia de tanto peſo, e tratada nas Cortes de Roma, e Portugal, com tanta differença de peſſoas, como temos viſto, podia ſer ſecreta, nem ainda preceder, nem começarſe, ſem ſer primeiro muito particularmente communicada, a quem havia ſer a parte mais eſſencial nella, que eraõ as Beatas, e precedendo ſeu conſentimento: confirmaſe eſte diſcurſo, com ſabermos, que foy grande parte pera concluſaõ da obra, e das particularidades, que nella concorreraõ, a diligencia, e agencia do Meſtre Frey Vicente de Lisboa Provincial, e Inquiſidor de toda Eſpanha: como ao diante o veremos em ſua vi-

vida , quando chegarmos com a hiſtoria ao Convento de Bemfica. O que ſe deve entender he , que o Biſpo fez com formalidade , e toda publicidade agora , o que dantes eſtava tratado , e concertado em particular. De qualquer maneira , que o negocio paſſaſſe , excede todo o encarecimento o alvoroço , e alegria , com que ſe eſcreve , que as ſanctas femeas receberaõ a nova , ou eſtimandoa , como comprimento do que eſperavaõ , e já andava em prática ; ou feſtejandoa como bem repentino , e naõ cuidado , que coſtuma dar mais goſto. Eraõ por todas vinte , e huma : governavaas huma , cujo nome era Margaida Annes , ou Dona Margaida Joaõ , como lhe chama outra memoria. Proſtaõſe todas por terra em ſinal que o faziaõ aos pés do Biſpo , pera lhos beijar ; naõ havia lingoas , que declaraſſem baſtantemente o gozo das almas , trocaõſe as vozes em lagrimas , e com tanta abundancia , que obrigaraõ ao Biſpo , e os que o acompanhavaõ a ſeguillas com muitas. Foy a reſoluçaõ ficar dia aprazado , pera receberem o habito.

Deſpedioſe o Biſpo pera ſua caſa cheyo de conſolaçaõ , e alegria , e ellas com a meſma caminharaõ em communidade pera diante do ſancto Crucifixo ; dandolhe graças polla grande miſericordia , que uſava com ſuas ſervas , em querer , e ordenar com divina traça , que o foſſem por voto , as que já o eraõ por determinaçaõ , e vontade : e na companhia de taõ ſancto , e bemaventurado avogado , padroeiro , e Pay , como era o grande Patriarcha S. Domingos : ſervidaõ de verdadeira liberdade , carcere , e cadeas ditoſas pera meyo de reynar. Por tal julgavaõ , e com tais nomes engrandeciaõ o eſtado offerecido. E por remate convocavaõ todos os choros dos Anjos , todos os Sanctos , e almas bemaventuradas , que as ajudaſſem a dar dignos louvores a quem tanto queria honrar indignas criaturas. Eſta era ſua principal , e continua occupaçaõ em quanto tardava o dia que o Biſpo ſinalara. E o Biſpo entre tanto mandou levantar algumas officinas no Recolhimento , e fazer compor outras couſas , pera ficar o Moſteiro com toda deſſencia , e perfeiçaõ.

Chegado o prazo , que foy huma quarta feira , veſpora de Santo Andre , vinte , e nove de Novembro , Anno de 1392. achouſe o Biſpo na Igreja acompanhado de muitos fidalgos , parentes , e amigos ſeus , e devotos da Ordem : e juntamente do Padre Frey Lopo de Lisboa , Prior de S. Domingos da Cidade , que governava os Conventos da Ordem em Portugal , e porque ſeguia o Geral Frey Raymundo de Capua , que eſtava com o verdadeiro Pontifice em Roma (como atras tocamos) ſe nomeava Vigairo Geral de Eſpanha. Eraõ mais preſentes o Meſtre Frey Vicente de Lisboa , Prégador , e Confeſſor d'elRey Dom Joaõ , que fora Provincial , e Inquiſidor de toda Eſpanha , antes da guerra dos Reys. E com elles os Padres Frey Vaſco , e Frey Affonſo , que as memorias chamaõ Doutores ; e o Padre Frey Bertholameu da Azãbuja , e outros. Acudio grande parte da nobreza , e povo da Ci- 1392.

Cidade, obrigado da novidade. Appareceraõ logo na grade do choro, corrida huma cortina, as futuras noviças, cheas de religioſa modeſtia, e devaçaõ, e o Biſpo pondo os olhos nos Religioſos, começou aſſi. A rezaõ, que todos temos de venerar, e honrar as ſagradas memorias, que eſte Sanctuario, em que eſtamos, encerra em ſy, como he geral pera os mais, aſſi fica ſendo pera mim dobrada, pollo depoſito, que nelle tenho de hum pay, e tyo; peſſoas de taõ grandes partes, e merecimentos, como todos ſabem. Eſta me tem obrigado de muitos tempos atraz, a dezejar acreſcentallo, e ennobrecello a todo meu poder. A traça pera o fazer, me deſcubrio o exemplo, e prova da virtude deſtas irmãs. A ellas confeſſo, que a devo; traça he em que todos os preſentes ficamos de ganho. Ellas com a conſolaçaõ, que tanto ha procuraraõ, como he boa teſtemunha voſſa Reverencia Padre Frey Vicente, de ſervirem a Deos em verdadeira Religiaõ. Eu em as ter por mercieiras acreſcentando o Culto Divino; que he a obrigaçaõ em que nos poem o eſtado, que Deos nos tem dado de Principes de ſua Igreja; e tais ſaõ todos os Biſpos. E a Ordem de S. Domingos, em governar hum Moſteiro, começado por gente taõ religioſa, que ſerá ſem duvida outro S. Xiſto de Roma: pera reſuſcitar com elle neſte Reyno, e neſta Ordem, aquella antiga obſervancia, que as guerras de Eſpanha, e as perturbaçoens da ſancta Igreja, neſtes cançados tempos, trazem taõ abatida. A eſte fim tenho trabalhado muito, e alcançado o neceſſario. Reſta ſó pera perfeiçaõ de tudo ſaber de V. R. Padre Vigairo Geral, ſe he contente de aceitar o governo deſte Moſteiro pera ſua Ordem, na conformidade dos deſpachos, que lhe tenho moſtrado do Reverendiſſimo Geral. Parou o Biſpo, eſperando a repoſta; e reſpondendo o Vigairo, que de boa vontade recebia o Moſteiro à obediencia, e uniaõ da Ordem, pellas meſmas rezoens, que ſua Senhoria apontara, e pollo goſto, que moſtrava delle, acreſcentou o Biſpo, que lhe fazia a ſaber, que pollo Breve do Pontifice tinha faculdade, para ajuntar alguns Eſtatutos particulares de ſua devaçaõ, aos da Regra de S. Domingos, pera ſe guardarem naquelle Moſteiro. Mas que fiaſſe delle, naõ ſeriaõ peſados, nem máos de levar. E dando noticia de alguns, diſſe, que os naõ declarava logo todos; porque queria, que o diſcurſo dos annos lhe foſſe deſcubrindo, ſe ſeriaõ tanto a propoſito, e pera conſervaçaõ da Religiaõ, como deſejava, e imaginava. E por tanto, queria que lhe ficaſſe inteira, e ſalva, a authoridade que lhe davaõ as letras Apoſtolicas, pera ſerem recebidos, e obedecidos, a todo o tempo, que os propuzeſſe. Tinha o Biſpo dado tantos penhores de verdadeiro amigo da Ordem, e de Varaõ prudente, e Religioſo, que o Vigairo Geral, e Padres, que o acompanhavaõ, naõ fizeraõ duvida em nada.

Mandou logo ler em alta voz o Breve do Papa, que continha as licenças, que atraz referimos. Leoſe a Proviſaõ d'elRey, em que

que lhe dava o Padroado da Igreja, pera o meſmo effeito. E apoz ellas as letras de conſentimento do Biſpo de Lisboa; e ſendo tudo lido, e entendido, levantou a voz, e diſſe, que pollo direito, e authoridade, que os tais deſpachos lhe davaõ, elle Dom Joaõ Eſteves Biſpo da Cidade do Porto fazia doaçaõ perpetua a Ordem de S. Domingos da Igreja do Salvador, pera effeito de ſer Moſteiro ſeu, e lhe applicava, unia, e encorporava pera ſua ſuſtentaçaõ todas as rendas della, e as da Igreja de Noſſa Senhora do Emparo do lugar de Bemfica ſua annexa, no termo da Cidade: aſſi como as foſſem largando por morte, ou ceſſeõ voluntaria, o Prior, e Beneficiados que de preſente as poſſuiaõ, com declaraçaõ, que o que faltaſſe pera congrua ſuſtentaçaõ da communidade, elle o ſupriria de ſua caſa. E mandou de tudo fazer hum aſſento em publica forma, que he o ſeguinte.

ANno Domini milleſimo, tercenteſimo, nonageſimo ſecundo, Dominus Ioannes Epiſcopus Portuenſis, authoritate Apoſtolica, & ex conſenſu Domini Ioannis, Dei gratia, Regis Portugalliæ, & Algarbiorum, erexit Eccleſiam parochialem Sancti Salvatoris civitatis Vlixbonenſis, in Monaſterium ſororum Ordinis Prædicatorum.

A traducçaõ he. Dom Joaõ Biſpo do Porto levantou em Moſteiro de Freiras da Ordem dos Prégadores, a Igreja, e Freguelia de S. Salvador da Cidade de Lisboa, por authoridade, que pera iſſo teve da Sé Apoſtolica, e conſentimento d'elRey Dom Joaõ por graça de Deos, Rey de Portugal.

Paſſado eſte auto, começou o Vigairo Geral, como Prior, que era de S. Domingos de Liſboa, a entender no que eſtava á ſua conta. Primeiramente foy eſpecificando por extenſo a todas as noviças em commum os rigores da Ordem de S. Domingos, o peixe por mantimento quotidiano, e continuo de toda a vida, o jejum de ſete mezes: as vigias na hora, que mais quebrantaõ, que he a da meya noite: choro, e oraçaõ perpetua: lam deſamoravel, e ſeca em cama, e veſtido, e até a rays das carnes; com deſterro perpetuo de todo genero de linho, ou outro lenço. E o que peſa mais que tudo, ſogeiçaõ do entendimento, e quebrantamento da vontade, em clauſura ſem termo, e ſem eſperança de nunca mais tornar ao mundo. Tudo contradiçoens da natureza, ſacrificio perpetuo, ſempre contrario á vida, ao goſto, á ſaude, e ſem outro limite mais que o da morte. Ajuntou em reſoluçaõ o Vigairo, que viſſe bem cada huma, com que animo apparecia naquelle acto: ſe vinhaõ voluntarias, ou conſtrangidas, ſe traziaõ bem medidas ſuas forças com o trabalho a que ſe offereciaõ: com tempo ſe declaraſſem, e naõ tomaſſem peſo, que foſſe occaſiaõ de mayor da-

no

no : viſto como tanto he mais perigoſa a queda , quanto he mais alto , e mais perfeito o lugar , donde ſe cae. Eſtava todo o ſecular encolhido , e mudo , e ao parecer cheyo de medo com a relaçaõ das auſteridades pollo Vigairo referidas. Mas era muy differente o animo das recluſas. Tamanha alegria ſe enxergava no roſto , e olhos de todas , com a repreſentaçaõ temeroſa das aſperezas , e difficuldades , que nem a podia encobrir a modeſtia natural , nem acquirida polla Religiaõ : e tanto moſtravaõ eſtimallas , como ſe já deſcubriraõ nellas huns principios da celeſtial gloria. Do que foy bom teſtemunho , que quando começou a fazer perguntas a cada huma em particular , que foy logo apoz eſta pratica , ſegundo ordenaõ as conſtituiçoens , naõ ouve nenhuma , que deixaſſe de reſponder com grande viveza , que por merce grande , e miſericordia do Ceo tinhaõ , viver , e morrer no habito do glorioſo S. Domingos. Arrematou o Prior com pedir a Deos , déſſe proſpero , e ſancto fim ao que ſanctamente tinha ſua Divina Mageſtade começado : e dando de ſua maõ o habito á Regente Margaida Annes , mandoulhe , que ella foſſe veſtindo as ſubditas. E os frades entre tanto foraõ entoando o Hymno. *Veni Sancte Spiritus , &c.* que ſendo por ſy devotiſſimo , quando neſte paſſo ſe canta , naõ ha peito taõ de ferro , que ſenaõ ſinta aballar , e compungir , e tornar de cera. Aſſi foy acompanhado de lagrimas gerais de todo o auditorio em quanto durou : notando cada hum os varios effeitos , que obrava nas noviças ; porque humas ſe abraçavaõ com aquelle pano groſſeiro , e aſpero , que era pouco menos , que ſaco : outras o punhaõ ſobre os olhos , e e ſobre a cabeça , como ſe faz ao que muito ſe preza : todas ſe davaõ preſſa a ſe ver veſtidas nelle. Nomeoulhes o Prior por Prelada a meſma , que até entaõ as governara : e por confeſſor , e Meſtre na nova vída o Padre Frey Rodrigo de Setuval , peſſoa abalizada em virtude , e qual convinha pera tal eſcolla , e o Biſpo o encarregou logo de algumas obras de pedra , e cal , que mais queria fazer pera inteira commodidade das Religioſas.

CAPITULO V.

Profeſſaõ as Noviças. Elegem Preladas , e officiaes das portas adentro. Recebemſe algumas donzellas ao habito. Daſe conta da eſtreiteza da vida , que faziaõ.

DEſfezſe a junta com bençoens do povo. E era o contentamento de todos os preſentes tal , que faziaõ duvidar quais eraõ os que nelle tinhaõ mayor parte. Alegravaſe o povo de ver tamanho valor em filhas de ſua Cidade , que animoſamente ſe obrigaſſem , como a carcere perpetuo ; quando as mais Religioſas do Reyno viviaõ com liberdade de andar pollas caſas dos pays , e parentes. Os frades porque abominavaõ a clauſtra , e já entaõ procuravaõ ardentemente reduzir a obſervancia antiga , naõ ſe fartavaõ de dar graças a Deos , por verem começar eſte bem em Portugal , polla Ordem de S. Do-

mingos. O Biſpo eſtimava ver com ſeus olhos concluida huma obra verdadeiramente heroica, e que muito dezejara. Mas o certo he, que as noviças ſe aventajavaõ a todos. Porque ſeu gozo era fundado em certeza de bens ſoberanos, e proprios, e nas promeſſas de hum Deos, que nenhuma obra boa, nem huma lagrima, nem hum ſuſpiro deixou nunca ſem ſua paga, e grande paga. Moſtraraõ logo eſta verdade no fervor com que entraraõ pollo anno do noviciado, e com que o acabaraõ, que foy hum exceſſo grande em todas as partes de ſua obrigaçaõ. Parecia quererem com a oraçaõ, com as vigias, com os jejuns, e mais rigores fazer força ao anno, que abreviaſſe o curſo ordinario, e as chegaſſe ao ponto de ſe verem profeſſas. Porque pera o que deviaõ ao eſtado de Noviças, era aſſaz o que faziaõ antes de entrarem nelle. Com taõ boa provaçaõ, chegado o fim do anno, profeſſaraõ todas nas mãos do Prior Frey Lopo de Lisboa, com os extremos da devaçaõ, e alegria eſpiritual, que facilmente ſe podem julgar do que fica contado. Eſperouſe pera eſte auto, e pera boa eſtrea delle o dia do glorioſo Naſcimento de Noſſo Redemptor, que foy fim
1393. do anno de 1393. pera ſe receberem no meſmo dia ſinco Noviças ao habito, numero fermoſo, e pronoſtico ſancto, á honra das Chagas precioſas do meſmo Senhor primeiro Padroeiro, e Autor da caſa. Ordenoulhes logo, que pera tudo correr pollos termos da Religiaõ fizeſſem entre ſy livre eleiçaõ de Prioreſſa. Sahio eleita a Madre Sor Margaida Annes, ou Dona Margaida Joaõ, que era a meſma, que ficou preſidindo ás Noviças, e primeiro fora Regente, inda que as memorias o naõ dizem declaradamente. Sendo confirmada nomeou em Suprioreſſa a Madre Sor Margaida Domingues, de cujas partes faremos ao diante mayor mençaõ. E o Prior a confirmou logo. Seguioſe provizaõ dos cargos, e das officiaes, que he coſtume da Ordem haver das portas a dentro pera bom ſerviço, e concerto de tudo.

Apoz eſte concerto, começou a correr o da Religiaõ com toda a pontualidade de hum bem apontado relogio. Grandes couſas ſe contaõ daquelles ſanctos principios: em que nos naõ podemos deter, pollo muito, que temos, que eſcrever de toda a Provincia: e porque na môr parte dos rigores da Ordem achavaõ eſtas Madres menos difficuldades, que naquelles, em que ſe tinhaõ criado. Coſtumavaõ antigamente os Meſtres de dançar pera criarem ligeireza, e agilidade nos dicipulos, ſolarlhe os çapatos de pranchas de chumbo. Adéſtrados com o peſo, era grande o deſpejo, e ſoltura, com que deſpois corriaõ, e ſaltavaõ, livres delle. Podemos affirmar, que aconteceo o meſmo ás noſſas Madres. Naõ ſómente as naõ canſava o jejum aturado da Ordem; pollo coſtume, que tinhaõ de grandes abſtinencias: antes ſe eſcreve, que havia algumas, que eſtendiaõ a noſſa quareſma de ſete mezes, a anno inteiro: e outras, que a faziaõ continua de ſinco annos, e o que mais faz paſmar, que o fim de huma era principio de outra, ajuntando

muitos dias de paõ, e agoa entre anno. Da pobreza naõ mudaraõ nada, uzando do meſmo extremo, que atras diſſemos de naõ deixar das portas adentro couſa de ſuſtentaçaõ de hum dia pera outro. Todas de ſua pobre pitança haviaõ de ter infallivelmente por convidado hum pobre da porta: e ſe eſte acertava de faltar, naõ faltava guarda inviolavel do que deixavaõ, pera ſe dar no dia ſeguinte, como depoſito de fazenda, que já em ſeu animo era alheya. Grandes louvores davaõ a Deos, quando viraõ as camas da Ordem, que o Biſpo mandou. Pollas cortiças nuas, e pedras das cabeceiras, acharaõſe com xergoens de palha, honrados com mantas de Alentejo, que ſe bem eraõ deſabrigadas, e leves, ficavaõ ſendo na comparaçaõ da pobreza paſſada, mimo notavel. As tunicas de eſtamenha, inda que baſta, e ſeca, achavaõ por delicia, porque as livravaõ do burel, a que eſtavaõ acoſtumadas. Aſſi lhes parecia, que, por muito, que trabalhaſſem, a mais as obrigava, quem taõ bom trato, e tanto favor lhes fazia. Os toucados eraõ pano de linho groſſo. Nos pés naõ havia cortiça, nem pera ſaude, nem pera ſuprir deffeitos da natureza. Com ſeculares nenhum trato. Na oraçaõ, nas vigias, nas mortificaçoens do ſilencio, e diſciplinas, naõ aviaõ, que ſatisfaziaõ, ſó com o que manda a Regra. No choro havia tanto cuidado, que acudir era ſempre antes das horas, e do final do ſino. O aſſiſtir huma modeſtia, e quietaçaõ do Ceo: e igual o eſpiritu, a pauſa, e a deleitaçaõ no cantar os louvores Divinos. He conſtante tradiçaõ na caſa, que nunca entraraõ as Noviças, que naõ achaſſem já candeas aceſas, livros abertos, e regiſtados, candieiro poſto. E deſta procedeo outra; que foy dizerſe, que vinhaõ as almas ſanctas das defunctas, ou cantar primeiro, ou ajudar ſuas irmãs vivas: ou que eraõ Anjos, que deſciaõ do Ceo ao meſmo effeito. E bem ſe póde cuidar, fazendo conjectura de alguns caſos, que deſte, e d'outros Moſteiros ao diante contaremos, que naõ podiaõ faltar Anjos onde tudo era ſanctidade. Que ſe lemos de S. Raymundo Frade noſſo, gue lhe acontecia muitas vezes eſpertallo o ſeu Anjo da guarda, pera cantar os louvores do Senhor: e ſe o Apoſtolo encomenda ás mulheres compoſiçaõ de trajos nas Igrejas, reſpeito dos Anjos, que alli aſſiſtem: que duvida póde haver, de acudirem a acompanhar nos louvores Divinos almas cheyas de compoſiçaõ de virtudes? A nenhuma, que tiveſſe officio, izentava o trabalho delle das horas do choro, por mais cançado, que foſſe, e todos o eraõ de muito trabalho. Porque da clauſura pera dentro naõ havia naquelles principios ſervidoras. Todas o eraõ de ſy meſmas, e da Communidade, e com tanto goſto, e humildade, que as mais velhas lançavaõ maõ do ſerviço mais abatido, ſem dar diſpenſaçaõ aos annos, nem á authoridade. E tal foy o principio da vida deſte Moſteiro, em que muitos annos perſeverou com pouca differença. E tal o achava a ſancta Raynha Ingleſa Dona Felipa, que o Duque de Lencaſtro ſeu pay trouxe a eſte Reyno pera mulher d'elRey Dom Joaõ Ad.

Joaõ Primeiro. Caſamento feliciſſimo, que encheo eſte Reyno de ſanctos, e valeroſos Principes. Achamos eſcrito della, que viſitava como ſancta eſtas Madres com particular goſto: e feſtejava a ſimplicidade, e pobreza, com que a recebiaõ, fazendolhe eſtrado Real de hum de ſeus enxergoens, cuberto de huma manta, que nenhuma differença tinha das do dormitorio, mais que em ſer das menos uzadas.

Mas he muy fraca a diſpoſiçaõ das mulheres, por robuſta, que em algumas ſe ache, pera levar a Regra Dominica em todo ſeu rigor, quanto mais ſendo acreſcentada com novas cargas. A cabo de poucos annos foraõ opprimidas de varios generos de infirmidades; de ſórte, que humas acabaraõ depreſſa a vida. Outras a impoſſibilitaraõ dando em ethicas, e andavaõ poucas em pé. Os medicos, que a tudo querem achar cauſas naturais, davaõ a culpa ao peixe continuado, á complexaõ feminina muito contrario: e tambem a calidade do ſitio da caſa, valle fundo, e por eſtremo humido. Mas a verdade era, que os exercicios ſanctos aturados com goſto, e devaçaõ, enganavaõ os eſpiritus, ſem ſe entender o mal, ſenaõ deſpois de incapazes de remedio. Deſejaraõ os Prelados dar algum meyo, pera ſenaõ perder obra taõ bem começada. Porém he mal antigo, acudirſe devagar a faltas commuas, por grandes, que ſejaõ. Deſpois de quarenta annos, reynando elRey Dom Duarte, ſe tratou dous meyos, que deraõ algum alivio. Foy o primeiro moderar a reza, que além de ſer muita em cantidade, e continuaçaõ, era o eſpiritu daquelle bom tempo taõ affervorado, que todas as horas, e até as das ferias ſe cantavaõ: do que daõ teſtemunho, além da tradiçaõ, os livros do choro antigos, e manuaes das cantoras, em que ſe achaõ apontadas em ſolfa as Antifonas, e Reſponſorios feriaes, como os dos dias mayores. Deſta moderaçaõ conſta que foy Autor o Meſtre Frey Joaõ de S. Eſtevaõ confeſſor da Raynha Dona Leonor mulher d'elRey Dom Duarte, e Vigairo Geral, que entaõ era da Obſervancia. O ſegundo remedio eſteve em ſe introduzir comerem alguns dias da ſomana carne. Suplicouſe ao Pontifice em Roma, e impetrouſe a diſpenſaçaõ, por diligencia do dito Padre. E ainda que nos principios ouve grande reſiſtencia de parte da communidade, que naõ queria conſentir ſe trocaſſe o rigor em que a caſa fora fundada: começouſe a executar, e ficou em coſtume. E com tudo em alguns dias de feſtas, e devaçoens particulares, naõ ſe pode acabar com as Madres, que admittiſſem tal comida. E reſiſtindo nelles conſtantemenee, ſuccedeo logo hum caſo, que as confirmou em ſua determinaçaõ; caſo bem de notar, e digno de ſe eſcrever. De tempo immemorial ſe faz neſta caſa ſolemne feſta á honra das Chagas precioſas do Redemptor, na primeira ſeſta feira, deſpois das oitavas de ſua glorioſa Aſcençaõ: e por Breve Apoſtolico particular ſe canta Officio, e Miſſa das Chagas. E pera mais ſolemnidade honraſe a veſpora com abſtinencia. Nenhuma Freira come carne em tal dia.

dia. Succedeo hum anno, que por ſer quinta feira, dia diſpençado na nova licença, e ultimo do Oitavario de taõ grande ſolemnidade: e tambem, porque andavaõ fracas algumas Religioſas, mandou a Prioreſſa (ficou em memoria que ſe chamava a Madre Breytes Annes) que ſe déſſe carne: e proveo que ſe trouxeſſe á quarta feira. Poſeſſe no fogo á quinta. Começando a cozer, notou huma Madre, que tinha a cargo entender com a cozinha, que vinha a onda da fervura envolta com humas couſas feyas, que tinhaõ feiçaõ de bichos. Naõ o podendo crer tentoua com huma colher, e vio que eraõ verdadeiros bichos. Chamou outras Freiras, porque ſenaõ fiava de ſeus olhos; nenhuma duvidou de o ſerem. E fez mais paſmo, que tirados por muitas vezes huns traz outros; ſempre a fervura trazia outros de novo: e era tanto o numero delles, que fazia perſuadir, que naõ havia na panella outra couſa, e claramente ſe via naõ ſer a couſa natural Pera mulheres bem criadas, e naõ naſcidas nos montes, hum ſó baſtara pera fugirem de tal comida, quanto mais pera as enfaſtiar. Foraõſe attonitas á Prelada, e conſideradas todas as particularidades, que ſe podiaõ ponderar no caſo, julgavaõ por permiſſaõ Divina, e aviſo certo, de que agradava no Ceo o bom coſtume, e que deſta caſa ſenaõ eſquecia o Senhor della. Mas iſto ſaõ couſas menos antigas: e convem tornarmos com a Hiſtoria, ás que ſaõ mais chegadas aos annos primeiros da caſa, em que acharemos outras, que com evidencia deſcobrem favor, e amor do Ceo pera com ella.

CAPITULO VI.

De duas myſterioſas viſoens que ouve neſte Moſteiro deſpois de dado á Ordem. Daſſe conta das rendas que o Biſpo lhe deixou, e dos ſuffragios que nelle ordenou.

POucos annos eraõ paſſados deſpois de aſſentado o Moſteiro, quando levantandoſe huma noite algumas daquellas ſanctas, e primeiras Madres, antes das horas de Matinas, ſegundo era coſtume de muitas; aſſi pera as anticiparem com aparelho de eſpiritu; como tambem pera que eſtiveſſem os livros, e tudo o mais aponto, quando ſoaſſe a meya noite. Eis que achaõ tudo feito, quanto vinhaõ fazer, candieiro poſto, livros abertos, e o que foy mais, vélas naõ ſó aceſas, mas de maneira ardidas, que moſtravaõ haver muito eſpaço, que ardiaõ. Notaraõ com eſpanto tudo, e como naõ acharaõ outra nenhuma Freira no choro, pareceolhes novidade myſterioſa. Mas naõ ſendo facil a gente ſancta em cuidar milagres, moſtrou o dia ſeguinte couſa, que as obrigou a crer, que o ouvera. E foy aſſi, que eſpertando na meſma noite huma pobre mulher, vezinha da Igreja, vio tanta luz nas portas, que ſe perſuadio ſer menhã: levantouſe á preſſa, tomou ſeu cantaro pera hir á fonte. Eis que pondo os pés na rua, vê aberta a Igreja; ſente dentro muſica, e vê luzes. Convidada da occaſiaõ, quis fazer oraçaõ, e achou, que ſe cantava

huma

huma Miſſa, officiada com toda ſolemnidade de vozes, e feſta. Aſſiſtindo a ella até ſe acabar, vio que por remate ſahiaõ os Sacerdotes acompanhados de muita gente, em huma comprida prociſſaõ, na qual notava variedade de trajos, e cores: huns que veſtiaõ branco, outros carmeſi, outros verde, e todos levavaõ cirios aceſos: e dando volta á Igreja hiaõ ſinalando cruzes pollos cantos della. Seguio a prociſſaõ hum eſpaço. Mas lembrada do ſerviço, que tinha pera fazer, tornava pera a Igreja embuſca do cantaro, com que entrara; ſenaõ quando, como ſe fora couſa de ſonho, deſapparece a prociſſaõ, vê a Igreja fechada, achaſe ſem o ſeu cantaro, e ſem mais luz, que a da lua, que por muita, e clara, a fizera levantar, e ſair de caſa, antes de tempo; eſte teſtemunho por ſer de mulher ſimpres, e de boa vida; e ſe achar polla menham o cantaro dentro da Igreja, viſto de muito povo, acreſcentou a preſunçaõ de ſer couſa ſobrenatural o que as Freiras tinhaõ viſto na meſma noite no ſeu choro. Juntavaſe a diſtinçaõ das cores, que a ſimplicidade da vezinha recontava, ſem atinar na ſignificaçaõ, e peſſoas, que as veſtiaõ, que moſtravaõ ſerem Virgens, Martyres, e Confeſſores, ſegundo o coſtume, que a Igreja ſagrada, allumiada pollo Eſpiritu Sancto, guarda em ſe ataviar em ſuas feſtas. Eſte ſucceſſo, e viſaõ devia dar principio a duas tradiçoens recebidas neſta caſa por todas as moradoras della, e authorizada com antiguidade de muitos annos: huma, que atraz diſſemos, de virem os Anjos aſſiſtir, e cantar naquelle choro; a outra, que foy ſagrada a Igreja naõ por myſterio de homens, ſenaõ de Anjos.

Mas naõ faltaõ outros fundamentos de mayor certeza; dos quais he muy provado hum, que ſe vio na ſancta Reliquia, que eſtas madres tem do verdadeiro Lenho da Cruz de Chriſto. Foy dadiva com que o Biſpo, que tudo o que era de preço buſcava, e queria pera ellas, enriqueceo o Moſteiro: guardavaſe entre aquellas Madres, pobres de tudo, ſenaõ de devaçaõ, e eſpiritu, em hum Almario da Sancriſtia, bem fechado: mas na verdade, com menos deſſencia da que ſe devia a tal theſouro. Eis que huma noite, levantandoſe a communidade a ſuas matinas, e caminhando pera o coro, fere nos olhos de todas huma grande claridade, que ſahia da porta da Sancriſtia com rayos taõ ardentes, e eſpantoſos, que parecia ſe abraſava em fogo. Aberta a porta viraõ que procediaõ do Almario da ſancta reliquia: e ouve algumas madres, que affirmaraõ ouvirem vozes de celeſtial armonia, proſtradas por terra em graças, e louvores da grande merce, que recebiaõ naquella approvaçaõ, que o Senhor dava á ſua ſancta reliquia, deraõſe por obrigadas, naõ ſó amoeſtadas a buſca em modo, pera a terem com mais veneraçaõ, ſenaõ foſſe com toda a que deviaõ. Ordenaraõ hum Altar no Choro, e nelle hum Sacrario, em que a recolheraõ. E arde diante, deſde entaõ, huma alampada perpetua: e até pera a chave do Sacrario fizeraõ caixa em que ſe guarda com

cui

cuidado, e curioſidade.

Junto com o alimento de devaçaõ, e eſpiritu, acudio o Biſpo com o corporal, dezejando, que eſtiveſſem as Freiras, neſta parte, taõ bem providas, que nenhum outro cuidado tiveſſem mais, que o do Ceo, e da ſalvaçaõ. Fora ſenhor da villa de Salvaterra de Magos em Riba-Tejo Affonſo Eſteves pay do Biſpo, e de tudo o que a Coroa Real poſſohia na Igreja de S. Paulo da meſma villa, que era a quarta parte dos dizimos groſſos, e meudos, a ella pertencentes. Por morte de Affonſo Eſteves fez elRey D. Joaõ primeiro merce ao Biſpo deſta renda, tomando pera a Coroa o ſenhorio do lugar; e e della lhe mandou paſſar huma muy ampla, e honrada Doaçaõ. Eſta transferio o Biſpo no Moſteiro pera ſua ſuſtentaçaõ, aſſi como a ouve d'elRey: e poz obrigaçaõ por ella ás Religioſas, porque ſe veja o valor, e agradecido animo deſte Varaõ, de cantarem em todas as feſtas, que a Igreja celebra de N. Senhora, no dia antes de cada huma, huma Miſſa ſolemne da meſma feſta, polla vida dos Reys D. Joaõ, e Dona Felipa, e de ſeus filhos: a qual deſpois de ſuas mortes ficaſſe por ſuas almas; juntando entaõ mais hum officio de defunctos ás veſperas, e matinas. E porque naõ ficaſſe ſem algum ſuffragio quem lhes fora meyo de taõ boa renda, ordenou que deſpois de ſeu fallecimento lhe rezaſſem no dia delle, hum Anniverſario perpetuo, e outro polla alma de ſeu Pay no dia em que fallecera. Aſſentadas eſtas couſas, como era letrado, e queria firmeza em tudo, alcançou d'elRey, que lhe ratificaſſe a doaçaõ, naõ ſó na peſſoa delle Biſpo, mas tambem em favor do Moſteiro: e aſſi o declara a Carta, que elRey lhe mandou paſſar. Mas iſto foy nos principios da Caſa. Paſſados poucos annos lhe dobrou a renda; o que he bem, fique deſde logo declarado pera naõ tornarmos a eſta materia. Subio o Biſpo da Igreja do Porto á de Coimbra; e como em ſua peſſoa cabia toda a couſa grande, paſſou pouco deſpois á Metropolitana de Lisboa. Poſſuindo eſta, juntou hum dia Cabido, que foy aos 5 de Outubro do Anno de N. S. Jeſu Chriſto de 1405. 1405.
e propoz, naõ o goſto, que tinha do que era obra de ſuas mãos; ſenaõ a pura verdade da grande perfeiçaõ, com que ſe vivia no ſeu Moſteiro do Salvador. E porque ſendo eſta favorecida, creſceria mais, e ſeria milhor ſervido aquelle Senhor, a quem todos ſerviaõ, tinha em penſamento, e eſtimaria, que ſe conformaſſem com elle, largar ás Freiras o que a Sé poſſuhia nas Igrejas em que já tinhaõ grande parte. Foylhes logo trazendo á memoria, o que atraz temos tocado, que por Breves Apoſtolicos, e licenças Reays, e do meſmo Cabido em tempos atraz tinha pera ellas alcançado: aſſi na meſma Igreja do Salvador, e em ſua annexa do lugar de Bemfica; como na de S. Paulo de Salvaterra: e ajuntou, que ſeria obra glorioſa, e digna de taõ illuſtre Cabido, obrigar aquellas Madres a ſerem perpetuas mercyeiras de cada hum delles, e daquella ſancta Sé, com lhes largar a terça Pontifical, que tinhaõ na Igreja do

Sal-

Salvador, e de Noſſa Senhora do Emparo do lugar de Bemfica: e a quarta parte da de S. Paulo de Salvaterra. Concederaõ todos ſem faltar nenhum, como em obra do Eſpiritu Sancto. Paſſaraõſe letras, confirmouas o Pontifice Alexandre Quinto eſtando em Bolonha, no primeiro Anno de ſeu Pontificado, e no do Senhor de 1409. por Fevereiro. As cauſas, que o Breve traz pera a confirmaçaõ, ſaõ as meſmas, com que o Cabido ſe obrigou ao conſentimento, ouvindoas de boca do Arcebiſpo. E porque a todos devia ſer notoria a verdade dellas, naõ ſerá rezaõ ficarem fóra deſta eſcritura. Diz aſſi o latim. *Et quia Monaſterii jam dicti fama, ac vitæ odor Angelicæ, in multis hujus Regni partibus fuit, & eſt mirabiliter circunfuſus, &c.* Como dizendo, que fazia a graça polla fama, que corria do Moſteiro, e pollo cheiro da vida Angelica, que nelle ſe fazia, que era tal, que polla môr parte do Reyno ſe tinha com eſpanto derramado, &c.

1409.

Mas naõ ha negocio tam bem fundado, que o engenho da malicia humana naõ contramíne. Ficando o Moſteiro com as duas quartas partes dos dizimos de Salvaterra, de ſeu ſe eſtava, que por muitas Igrejas, que de novo ouveſſe na villa, em todas havia de gozar das meſmas duas quartas partes, pollo primeiro direito, que nas Freiras tinhaõ transferido elRey, e o Cabido da Sé. Aſſi paſſados muitos annos, e ſuccedendo edificarſe de novo na villa a Igreja de S. Antonio, acudiraõ logo as Madres a pedir as partes, que ſem nenhuma duvida lhe tocavaõ nella, e juntamente o Padroado, que tambem lhes pertencia. Porém acharaõ dura contradiçaõ; parte em hum fidalgo poderoſo, que correndo os tempos, veyo a ſer ſenhor da villa, e parte nos Miniſtros do Arcebiſpo, e Cabido. E com tudo a força da juſtiça lhes deu duas ſentenças contra taõ fortes adverſarios, a hum Moſteiro de mulheres fracas, e deſemparadas. Foy a primeira neſte Reyno, e a ſegunda em Roma. Paſſaraõſe longos annos, e nelles grandes debates; até que no Anno de 1550. ſendo Arcebiſpo Dom Fernando de Vaſconcellos, e ſenhor da villa Dom Fradique Manoel, que a vendia (como vendeo) ao Infante Dom Luis, ſe vieraõ a compor com as Freiras, em que ficando com ellas ametade da terça Pontifical da Igreja da contenda cedeſſem todo o mais direito, que pretendiaõ. Era Prioreſſa a Madre Dona Margayda de Mello. Aceitou o que lhe quizeraõ dar, por naõ ariſcar a juſtiça certa, litigando longe da caſa, e com dous Principes; hum da Igreja, que era o Arcebiſpo; outro ſecular, que era o Infante Dom Luis, que polla compra da villa ſuccedia no direito de Dom Fradique. Celebrouſe a Eſcritura em oito dias do mez de Outubro do meſmo Anno. Foy Eſcrivaõ Manoel Faleyro Notario Apoſtolico.

CAPI-

CAPITULO VII.

Dos Eſtatutos, que o Biſpo ajuntou aos da Ordem, e de algumas obrigaçoens que mais poz.

ATraz contamos, como no dia, que as Madres profeſſaraõ, lhes declarou o Biſpo, como tinha authoridade do Summo Pontifice pera acreſcentar alguns Eſtatutos, que convenientes lhe pareceſſem aos da Regra de S. Domingos; e logo prometeo, que naõ ſeriaõ muito pezados, nem fóra dos limites da prudencia: e por tanto reſervava a faculdade, que as letras Apoſtolicas lhe davaõ, pera quando foſſe tempo de ſe declarar. Paſſados quatro annos, ſe veyo a reſolver. Em outro tal dia, como o em que as Madres foraõ recebidas ao ſancto habito, que foy huma veſpera de S. Andre (devia de ſer devoto deſte Sancto) do Anno de 1396. 1396. veyo á Igreja, e em preſença do Prior, e Vigairo Geral Frey Lopo de Lisboa, e do Meſtre Frey Vicente, e do Padre Frey Martinho Vigairo do Moſteiro, que as memorias chamaõ Prior (titulo que entaõ uſavaõ os que agora chamamos Vigairos) e chamadas as Madres todas, mandou lêr hum papel, que trazia eſcrito em lingua Latina, no qual havia muitos capitulos. E lido cada hum, elle o declarava. Saõ as palavras hum retrato do animo, e entendimento de quem as diz: mas nenhum he mais vivo, que as que ſe dizem per eſcrito. Porque a voz, que ſae repentina, como he do primeiro movimento, naõ traz muitas vezes o peſo, e ſubſtancia, com que a conſideraçaõ as digere, quando com a pena ſe vaõ no papel aſſentando. Taõ acertados eraõ, e tanto em favor da Religiaõ, que naõ ſó foraõ aceitados dos Frades, e Freiras, mas por todos, e todas louvados. Naõ he poſſivel eſpecificarmos todos; viſta a brevidade, que vamos procurando. Mas por honra do Autor delles, e do valor das que os aceitaraõ, pera os manter, e cumprir, daremos noticia de alguns. Foy hum, que em nenhum tempo ſe comeria carne na Communidade: e ſó quando ouveſſe neceſſidade preciſa de doença forçoſa, ſe comeſſe em particular com o reſguardo, e pollo modo, que a Regra concede. Outro foy, que naõ uſariaõ nunca linho em tunicas, nem em leytos. Mas naõ poſſo deixar de refirir as meſmas palavras do Biſpo em outros dous, cuja ſubſtancia he, naõ poſſuir couſa propria, e naõ ter trato com ſeculares; ſaõ as palavras do primeiro graviſſimas, e temeroſas, e que em todas as Religioens haviaõ de ſer lidas, e executadas, e dizem aſſi. *Statuentes, vt quæcunque ſoror reperta fuerit aliquid appropriare voce, vel opere, à cæteris ſicut excommunicata vitetur: nec in morte inter alias, ſed extra cæmiterium ſepeliatur: & ad perditionem cum Saphyra, & Anania vadat.* Quaſi dizendo, que qualquer Freira, que for achada poſſuindo alguma couſa como propria, naõ ſó em realidade, mas ainda que naõ ſeja mais, que de palavra, pollo meſmo caſo, como eſcomungada, ſeja evitada em vida, do trato, e comercio

comercio das outras: e na morte naõ tenha com ellas ſepultura, mas fique fóra do Cemiterio commum; e ſua alma vá condenada com as de Safira, e Annanias. No ſegundo ponto, deſpois de dar licença, que poſſaõ entrar na Clauſura os Reys, e Infantes ſeus filhos, ajunta, que ſejaõ filhos legitimos: e deſpois acreſcenta. *Prioriſſa, et quælibet Soror velata facie loquatur prædictis Dominis.* Quer dizer. A eſtes Senhores, a Prioreſſa, e qualquer outra Freira falle com o roſto cuberto. Entendido fica o que diſporia com gente de menos porte, quem aſſi ſe acautelava com peſſoas Reays. Muitos louvores devemos a eſtas Madres; porque aceitando com facilidade tais encargos, ſabiaõ naõ eſtarem fundados com menos obrigaçaõ, e pena que huma excommunhaõ Papal.

Act.

Succederaõ a eſtes outros muito bem aſſombrados, e cheyos de piedade. Que em nenhum tempo deixariaõ a Regra, nem o habito de S. Domingos. Que naõ paſſaſſe nunca o numero das Religioſas de quarenta profeſſas, e dez Noviças, prevenindo ſabiamente, naõ ſe impoſſibilitar a ſuſtentaçaõ, com gente demaſiada, que hoje dá trabalho em muitos Moſteiros. Que ſeriaõ obrigadas deſdas veſperas da Primeira Dominga da Quareſma, até o ſabbado da ſomana Sancta a rezar o officio das anguſtias da Virgem Noſſa Senhora, que foy compoſto pollo Papa Joaõ Vigeſſimo Segundo, com titulo: *de Compaſſione Virginis*: e na primeira ſeſta feira deſpois da Paſcoa lhe fariaõ feſta com Miſſa ſolemne, e prégaçaõ; e a reza de ſua Conſolaçaõ, e prazeres: e todos os mais dias, até o ſabbado deſpois de Pentecoſte, lhe rezariaõ o meſmo officio. Mas porque lhe pareceo a carga grande, alivioulhes o trabalho por duas maneiras. Primeira, libertandoas por eſtes dias da obrigaçaõ do officio pequeno da Virgem, que he ordinario da Regra: ſegunda, ſinallandolhes em premio, como pera collaçaõ, ou merenda daquelles dias, cento, e ſincoenta livras em dinheiro, as quais manda que ſe entreguem á Prioreſſa, e Freiras: com eſta palavra, *pro vino collationis.* A força da ſignificaçaõ he, pera vinho da collaçaõ. E porque fallou em vinho, e aquella contia de livras lhe pagava ſua mãy, por rezaõ de certa vinha, e aſſenhas, que poſſuhia em vida, e por ſua morte aviaõ de tornar ao Morgado, e Capella: ajuntà, e manda, que o Adminiſtrador, quando eſta fazenda lhe vier, dê ao Moſteiro em lugar das livras ſincoenta, e dous almudes de vinho.

Mas como eſtas obrigaçoens eraõ de portas adentro, e ficavaõ quaſi em ſegredo, naõ quis que faltaſſe, onde tanto bem tinha feito, hum reconhecimento publico, que pera ſeus ſucceſſores foſſe de honra, e pera elle ſerviſſe de memoria; e ordenou, e obrigou a Communidade, que no primeiro Domingo de cada mez, lhe mandaſſe huma pitança inteira de tudo o que em tal dia ſe déſſe no refeitorio por jantar a cada Religioſa, fazendo conta, que o tinhaõ por ſeu convidado. Eſte eſtilo guardaſſem pollo tempo em diante, com quem deſpois de ſeus dias lhe ſuccedeſſe no

Padroado da Caſa. E aſſi dura atéagora, ſem nunca ſe perder. Mas porque a experiencia nos enſina, que todos os Eſtados, que os homens buſcaõ de perpetuar ſua fama, ſaõ menos firmes, que os dos livros, rezaõ ſerá ficar neſte viva a memoria de quem a ſoube merecer a Deos, e á Ordem de S. Domingos: falloemos brevemente no ſeguinte Capitulo.

CAPITULO VIII.

Daſſe conta da vida, e morte de Dom Joaõ Eſteves, e dos cargos, e dignidades porque paſſou até alcançar a de Cardeal da Sancta Igreja de Roma.

JOaõ, e Affonſo Eſteves foraõ irmãos, e criados ambos em caſa dos Reys Dom Pedro, e Dom Fernando Pay, e Filho, ambos unicos deſte nome em Portugal, e nella mereceraõ por ſuas boas partes, e calidades, as honras, e merces, que delles elRey Dom Joaõ ſeu ſucceſſor no Reyno alcançaraõ. O primeiro a Alcaidaria mór de Lisboa, como atraz tocamos, com muita, e boa fazenda. O ſegundo o Senhorio de Salvaterra de Magos. E ainda que o valor peſſoal devia ſer muita parte pera lhes grangeár eſtes bens, de crer he, que naõ ſería ſem fundamento de clareza de ſangue. O que ſe colhe do teſtamento, que fez Dom Joaõ Eſteves, quando ſe partia terceira vez a Roma, deſpois do Arcebiſpo de Lisboa, que tivemos em noſſa maõ: no qual encomendando a elRey os parentes, que deixava no Reyno, lhe faz lembrança, que ſeus mayores haviaõ ſido do ſerviço d'elRey Dom Dinis, que entaõ era já boa antiguidade. O lugar de ſeu naſcimento naõ duvidamos, que foy a villa da Azambuja. Porque no meſmo teſtamento ordena Dom Joaõ, que ſe faça na Igreja della hum arco, e ſepultura, em que ſe recolhaõ as oſſadas de parentes, que alli nomea; e que tenhaõ memoria, e ſuffragios perpetuos: donde fica claro, que teve occaſiaõ o apellido, com que alguns o nomeaõ de Azambuja. Dos dous irmãos falleceo o primeiro, que era Alcaide mór de Lisboa, ſem geraçaõ; e ſuccedeo em ſua herança dos bens patrimoniais o ſegundo, que era Affonſo Eſteves ſenhor de Salvaterra. De Affonſo Eſteves ſoy filho Joaõ Eſteves, que he o Biſpo do Porto Dom Joaõ Eſteves, de que tratamos, herdeiro, e ſucceſſor por ſeu pay, da Capella, e Morgado, que o tyo fundára no Salvador, como deixamos contado. Do Biſpo tinha elRey Dom Joaõ tanta ſatisfaçaõ, que tudo lhe parecia pouco pera elle. Vagando o Biſpado de Coimbra, e pouco deſpois o Arcebiſpado de Lisboa, ſucceſſivamente lhe foy dando ambas as Igrejas. E foy o ſegundo Arcebiſpo que Lisboa teve. Succedeo deſpois convocar Concilio o Papa Gregorio Duodecimo pera a Cidade de Piſa em Italia, com dezejo de achar remedio algum pera o mal do Sciſma, que durava. Foy a elle o Arcebiſpo Dom Joaõ Eſteves por dous titulos; hum como Prelado Metropolitano, e que ſeguia, e obedecia ao verdadeiro ſucceſſor de S. Pedro; com todo o Reyno de Portugal: outro como Embaixador de

Platina de vitis Pontificum.

ſeu

ſeu Rey, que tambem reconhecia o Pontifice; e eſta foy a terceira jornada que fez a terras de Italia com taõ bom ſucceſſo em hida, e eſtada, e com tais obras, que honrou a ſy, e a ſua Patria. Deſpois de aſſiſtir no Con-
1409. cilio, que foy no Anno de 1409. e tendo recebido o Capello de Cardeal, que o Pontifice Joaõ Vigeſſimo Tercio lhe deu á inſtancia d'elRey Dom Joaõ, como nos conſtou por hum aſſento do livro dos Anniverſarios da ſancta Sé de Evora, que diz aſſi. E a preces do Senhor Rey o Papa Joanne XXIII. o fez Cardeal de Lisboa, e teve o Arcebiſpado, e encomenda; e foy feito Cardeal a tres dias de Junho da era de M CCCCXLIX. reſpondelhe o Anno de Chriſto
1411. 1411. caminhou pera Jeruſalem viſitar os lugares ſanctos, memorias de noſſa Redempçaõ; tanto mais pio, e mais devoto, quanto mais honrado. Concluida proſperamente a ſancta Romaria, voltou a Italia, e antes de ſair della deixou levantadas duas memorias, dignas de hum Principe. Huma em Bolonha, em veneraçaõ de noſſo Patriarca S. Domingos: de que os Antigos nos deixaraõ noticia com hum termo eſcuro, e confuſo (naõ devia ſer quererem encubrila) dizendo, que ſolemnizou a ſepultura do Sancto. Póde ſer que foy, como ſe prezava de ſeu devoto, ornar ſua capella, e ſepultura, com novos Marmores, e fabrica melhorada, e mais rica: viſto, como todo outro feitio era menos digno da tal dignidade. A outra foy em Roma onde edificou hum convento de Monges de S. Jeronymo. Devia ſer obrigado da devaçaõ, que lhe faria ſua memoria quando ſe achou no Portal de Belem, de que o Sancto ſe fez perpetuo morador, trocando por aquella humilde pobreza as delicias, e grandezas de Roma. De Italia pera ſe tornar ao Reyno tentou hum grande rodeyo, atraveſſando muitas terras; e paſſando a Frandes. O que cremos, que feria por viſitar a Duqueza Dona Iſabel, filha d'elRey Dom Joaõ, caſada com o Duque Felipe de Borgonha, e tambem por ſe deſviar de terras de Eſpanha. Começava a deſcançar de taõ longas jornadas, e peregrinaçaõ, na villa de Burges da Provincia, e Condado de Frandes, fazendo conta, que eſtava já como á viſta das prayas, e áres de Lisboa. Aqui foy falteado de forte doença, que ajudada dos trabalhos paſſados, e da idade creſcida, o enterrou brevemente, em 23. de Janeiro de 1415. ſegundo Onuphrio.

1415. Onufrio Panuino no l. 1. dos Cardeais.

Tinha o Arcebiſpo, como taõ prudente, feito ſolemne teſtamento ao tempo que partio do Reyno. Nelle, como adevinhando que naõ avia de tornar, declara a determinaçaõ, que levava de paſſar á Terra Sancta: e particulariza o que queria ſe fizeſſe em ſuas exequias, e na trazida de ſeu corpo a Portugal. Nomeando por teſtamenteiro o Dayáõ da Sé de Coimbra; ordenalhe, que ſepulte ſeus oſſos na Capella de ſeu tyo, e em final, que naõ queria mais, que ſepultura raza, aponta em huma campa, que em tempos atraz tinha mandado trazer de Frandes. Notavel humildade, que podendo, como Metropolitano, e taõ grande bemfeitor tomar a Igreja toda (que nenhuma con-

tradiçaõ achara entaõ) naõ quis mais que hum canto della, e ainda ahy furtou o corpo aos fauſtos de marmores, e moymentos levantados, que o mundo eſtima. Da adminiſtraçaõ do Padroado, e Morgado, porque naõ tinha herdeiro forçado, diſpoem com o meſmo juizo. E manda, que ſucceda nelle hum ſobrinho ſeu por nome Alvaro filho de Pedro Franciſco de Tavora, pondolhe obrigaçaõ, que ſeja morador em terras de Eſtremadura. Fazia conta como diſcreto, que as Caſas nobres, ſe vivem longe da Corte, facilmente ſe apagaõ, ou eſcurecem; e logo chama outro, em caſo, que o Alvaro naõ viva na Provincia apontada. Ultimamente fez huma clauſula de grande honra pera o Moſteiro, e ſegurança pacifica da conſervaçaõ de ſua memoria. Porque declara, que ſuccedendo em algum tempo faltarlhe direito, e legitimo ſucceſſor, a Prioreſſa, que for no Moſteiro do Salvador, nomeye nelle hum parente da linha de ſeu Tyo, ou de ſeu Pay, qual milhor lhe parecer. E eſſe tal o haja, e poſſua.

Vieraõ os oſſos de Frandes: e como eſtava taõ freſca a memoria dos beneficios recebidos, naõ ouveraõ as Madres, que correſpondiaõ a ſua obrigaçaõ, ſe os deixaſſem no ſitio, que o teſtamento aponta. Acontece no mundo aver homens, que nem a morte baſta pera lhes trocar os eſtilos da vida. Peregrinou muito vivendo: naõ acabaraõ de ſoſſegar ſeus oſſos morrendo. Navegaraõ de Burges pera Liſboa. Em Lisboa foraõ recebidos na Igreja do Salvador. Da Igreja paſſaraõ ao Choro, e nelle andaraõ alguns annos em depoſito, e em fim tornaraõ pera a Igreja, onde foraõ collocados na Capella mór em ſitio alto, e decente na parede, á parte do Evangelho com a letra ſeguinte.

AQui jaz o muito honrado Senhor Dom Joaõ Eſteves Arcebiſpo de Lisboa, e Cardeal de Roma, Varaõ ſabedor, e virtuoſo. Em Bolonha ſolemnizou a ſepultura de S. Domingos: Em Roma fundou o Moſteiro de S. Jeronymo: e em Lisboa eſte, em que ſe mandou ſepultar.

Mas ainda aqui naõ tiveraõ repouzo. Correraõ os annos, que em tudo cauſaõ mudanças; acabaraõ aquellas Religioſas antigas, que tinhaõ tratado, e conhecido o Cardeal, e gozado de ſua liberalidade, e providencia, como de outro Joſeph os Egypcios. Entrou huma Prelada zeloſa, ou de melhorar ſua Igreja, ou de que ſe cumpriſſe a ultima vontade do defuncto, no enterro, que em ſua vida eſcolhera, e declarara. Requereo em juizo o cumprimento do teſtamento, e deſpejo da Capella mór. Sobejava juſtiça ás Madres no que era puro direito, e riguroſo das leys eſcritas: faltavalhes, ou naõ tinhaõ nenhuma (pera inquietarem taõ honrado defuncto) em outro direito, que naõ anda eſcrito: he ſeu nome Equidade, Rezaõ, e Cortezia: porque ſe bem faltava a preſença de quem lhes fo-

Gen.

ra

ra fundador da Casa, e Autor da vida, e sustentaçaõ: viviaõ, e eraõ presentes aos olhos todos seus beneficios: e sua successaõ naõ estava diminuida da primeira nobreza; mas antes acrescentada; porque havia muitos annos, que tinha entrado, e se contentava em hum ramo do apellido de Noronhas: Apellido, que tem por Autores dous Reys. Hum Dom Henrique de Castella; e outro Dom Fernando de Portugal, dos quais foy filho, e genro hum Conde de Gigion, Senhor de Noruenha, autor delle, e de grandes Casas neste Reyno. Correo a causa, prevaleceo o direito dos livros. Sentenciouse, que os ossos peregrinassem de novo, e largassem o posto de quasi duzentos annos possuido: era isto já no Anno de 1608. possuindo o Padroado, e o Morgado Dom Marcos de Noronha. Mas entaõ descobriraõ as Madres a verdade, e singeleza de animo, que as obrigava ao letigio. Porque posto de parte o rigor da sentença, tomaraõ hum meyo digno de sua muita Religiaõ, e nobreza. Que foy, libertando a sua Capella mór, tresladarem o corpo do Cardeal pera o Choro alto; o que se fez com toda a pompa, e apparato a tal titulo devido. Porque se levantou hum tumulo no meyo da Igreja sobre hum estrado alto com seus degraos, acompanhado de muita cera em tocheiras, e castiçais de prata: e sobre o tumulo se assentou o caixaõ que estava na Capella mór, cuberto de hum pano de brocado; e a Communidade de nosso Convento de Lisboa, que foy chamada, lhe canton hum officio solemne. O qual acabado, levaraõ o caixaõ em procissaõ á Portaria, onde o receberaõ todas as Religiosas juntas; e o puseraõ no choro. O lugar, que aqui tem o Cardeal, he na parede da parte do Evangelho sobre todas as cadeiras, em huma caixa forrada de setim carmesi, encerrada em outra de bom marmore, e assentada sobre dous leoens do mesmo: e por sima hum painel em que se vê hum Cardeal pintado a oleo debaixo de hum docel. Dizem as madres, que se acharaõ no caixaõ velho duas ossadas inteiras, e distinctas, cozidas cada huma em seu pano de linho grosso, e que huma dellas tinha hum cheiro suave, como de barro novo. Naõ se podendo alcançar, qual era o do Cardeal, foraõ ambas envoltas, e cozidas de novo em toalhas de Olanda, e encerradas separadamente no caixaõ novo. O que julgamos he, que juntaria o testamenteiro com os ossos do Cardeal os de seu Tyo Joaõ Esteves, visto como merecia por instituidor da Capella, e morgado a mesma honra, que o Cardeal por Fundador, e Padroeiro. Ficaraõ mostrando as Religiosas nestes officios de piedade ao Cardeal amor, e ao successor respeito. Porque, se lhe tiraraõ o lugar mais nobre, e naõ seu, tambem lhe deraõ outro quasi igual, e naõ consentiraõ, que ficasse no mais humilde, e proprio. Assi o declara hum letreiro, que fica sobre a grade baixa do choro da banda de fóra, com pouca differença do que deixamos referido da Capella mór. Nelle advirto ao Leytor, que o Anno de sua morte foy o de 1415. como aponta Onu-

Caribay.

1608.

1415.

Cnuph. Pan. ver.

Onufrio Panuino Veronenſe, no livro dos Cardeays; e conſta por memorias da ſancta Sé de Liſboa, que neſte Anno era Vigairo Geral pollo Cardeal, Rafael Pereſtrello, Vigairo de S. Marinho E advirto mais, que o appellido, que lhe dá, chamandolhe Dom Joaõ Eſteves Privado, he couſa, que em nenhuma eſcritura antiga ſe acha; nem o Arcebiſpo uzou em nenhum tempo: porque tal nome daõ alguns Chroniſtas antigos ſómente ao Tyo Joaõ Eſteves, pera o darem a conhecer polla valia, que teve com os Reys Dom Pedro, e Dom Fernando. Mas he tempo de tornarmos á noſſa principal obrigaçaõ, de que nos divertio o agradecimento.

Chron. delRey D. Pedro c. 12. & 27.

CAPITULO IX.

Da reformaçaõ que ouve no edificio do Moſteiro, e Igreja. E como ſe deu Capella particular ao ſancto Crucifixo: e do que ſuccedeo em duas tresladaçoens que delle ſe fizeraõ.

MErecia eſte Moſteiro hum ſitio muito eſtendido, e grande, pera inteira deſſencia, e veneraçaõ das ſanctas Imagens, de que he Cuſtodia. Mas já temos viſto como foy obra do meſmo Deos, que o naõ deſemparaſſem por eſtreito, nem por pobre. Aſſi ſe contentaraõ as madres primeiras, e ſuas ſucceſſoras do aperto delle, ainda que muito á cuſta de ſua vida, e ſaude; dandolhe compoſiçaõ, e largueza quanto o lugar, e os tempos ſofriaõ. Foy primeiro principio desbaratar a eſtreiteza das cellinhas das antigas emparedadas, eſtendellas em officinas, e lançarlhe por ſima ſeu Dormitorio, por fugir á humidade do baixo. Rodeavaõ as animoſas recluſas todo o pateo, que hoje he Craſta, com ſeus apoſentinhos, como grutas, ou covís, e tinhaõ entre ſi a Palmeira, que fora arrimo, e guarda do ſancto Crucifixo, como ſucceſſoras das que antigamente com o officio de ſeus favos lhe mantinhaõ Altar, e com o natural ſuſurro lhe cantavaõ louvores. E dura inda hoje a memoria, que foy paſſando por tradiçaõ das velhas, do lugar dellas, e dos nomes de algumas daquellas bemaventuradas, que as habitavaõ. Apontaſe em hum canto, a que foy morada de huma Maria de Teive, e outra defronte do Refeitorio, cuja morada, dizem, que a deixou por teſtamento a huma ſobrinha ſua. O teſtamento ſe guarda no Cartorio, e parece feito na era de 1303. que reſponde ao Anno do Redemptor de 1265. A Palmeira ſe conſervou longos annos. Engroſſou, e ſubio a grande altura, até que de velhice veyo a abrir huma grande fenda de alto abaixo. E porque no combate dos ventos moſtrava já fraqueza, e ſe temeo que poderia cair com dano do Dormitorio, foy cortada pollo pé, no Anno de 1604. Mas naõ quis o Senhor, que ſe perdeſſe a memoria do ſitio, e arvore, que tantos annos dera agaſalhado, e ſombra a ſua ſancta Imagem. Eſtava o pé della no meſmo lugar, tronco já ſeco, e ſem proveito: e nunca acabado de arrancar. Porque de tempos muito atrazados o cercavaõ azulejos, ou pera cuberta

1265.

1604.

ta das rayzes, que eſtas arvores coſtumaõ lançar muito á flor da terra, ou pera ornato da Clauſtra, em que eſtava. Veyo a ſer Prioreſſa pollos annos de 1617. 1617. huma Madre de bom entendimento, e cuidadoſa do bem da Religiaõ: fez vir de fóra o anno ſeguinte outra Palmeira nova, e mandoua deſpor no meſmo circuito, que abraçaõ os azulejos, arrimada ao tronco velho. Foy confiança ſancta, e penſamento taõ acertado, que pareceo dado do Ceo: aſſi porque prendeo logo, ſendo prantada quaſi no Ar, e quaſi ſem terra; como porque no meſmo dia, e hora, e no meſmo lugar ſe vio couſa, que muito o callificou, que adiante contaremos. A nova pranta vay em ſete annos, quando iſto eſcrevemos, que creſce freſca, e verde, e faz creſcer conſigo a memoria da paſſada, e das maravilhas, que acompanhou, e juntamente o nome de quem por eſte modo a ſoube renovar, nome que já fica ſabido, pois apontamos annos.

Sor Maria do Bautiſta Autora do livro que anda da fundaçaõ deſta Caſa.

Creſcendo o Moſteiro, foy grande o cuidado com que as Madres viviaõ da veneraçaõ, e devaçaõ das ſanctas Imagens, como as tinhaõ por primeiras, e originais fundadoras delle. Na primeira reformaçaõ de importancia, que ſe fez na Igreja, que ſegundo parece, pollo que logo veremos, foy no Anno de 1405. 1405. julgouſe que acreſcentaria reverencia ao ſancto Crucifixo, ficar hum pouco afaſtado do trato, e olhos da gente: e foy ſubido ao alto do cruzeiro, ſobre o arco da Capella mór, mas ſem mais concerto, que arrimado á parede ſobre huma taboa. Ficou a Coroa na ſacriſtia das Madres recolhida, pera commodidade de quando era pedida dos enfermos; como atraz diſſemos. Paſſados largos annos, fez a devaçaõ outro diſcurſo. Pareceo, que o eſtar aſſi deſacompanhado, e pobre de ornato, intibiava o affecto, e criaava deſcuido, e pouca eſtima: tratouſe, que eſtiveſſe com mais authoridade. Veyo a executarſe o penſamento no Anno de 1590. 1590. Fizeraõ os devotos lavrar hum nicho de fina pedraria vermelha no meſmo ſitio; mas foraõ taõ pouco advertidos os officiais no tomar das medidas (como he facil de enganar a perſpectiva nas diſtancias, e lugares altos) que ao tempo da collocaçaõ acharaõ, que ficara eſtreito, e curto. E foy tal a confuſaõ do erro, que os fez cahir em outro peor, que o primeiro; porque julgaraõ por menos mal cortar polla madeira da Cruz, que alargar o nicho com poucas pedras. Cortaraõſe do pé da Cruz mais de tres palmos; e de cada braço mais de palmo, e meyo; grande deſacordo! grande inadvertencia! Deſcubrio a viſta de perto couſas, que muito eſpantaraõ, e juntamente edificaraõ. Edificou o feitio da Cruz. Porque moſtrava antiguidade muy alta em duas couſas: Huma, em eſtar o corpo pregado, como eſtá, com quatro cravos; outra em rematarem todas as quatro pontas da Cruz, em fórma de flor de lys: que era o coſtume, que a primitiva Igreja tinha em todas as que ſe lavravaõ, ou pintavaõ. Chamaõſe as Cruzes deſte lavor, floridas, ou florenciadas. Cauſou eſpanto huma conſideraçaõ, fundada na materia do corpo do Crucifixo. Porque

Caſſameus de glo. mundi p. 1. Concl. 75. f. 30.

que ſe vio ſer vazio, e occo por dentro, e compoſto de huma junta de pannos, armados ſobre forma, e cubertos por maõ, e officio de Pintor de geſſo, e tintas; e ſendo huma couſa, e outra ſujeita a corrupçaõ; mormente paſſando de quatro centos annos, que eſtava expoſta a todas as injurias do tempo, quando foy achado (que muitos mais ſe contaõ da primeira entrada dos Mouros em Eſpanha, que ſuccedeo no Anno de 713. até a reſtituiçaõ de Lisboa feita por elRey Dom Affonſo Henriques
1148. no Anno de 1148) Naõ parecia poder ſer ſem myſterio a fortaleza do pano, que era muita, e a freſcura das tintas, e cores, que nenhum dano repreſentavaõ, nem quaſi differença da primeira maõ. Mas toda a admiraçaõ vence o que agora diremos. Foy eſta Imagem tirada da Cruz duas vezes, huma, quando ſe paſſou pera o Nicho, que acabamos de contar; outra, quando foy collocada na Capella em que hoje eſtá, e de ambas foy recolhida entre as Madres por alguns mezes: He couſa ſabida, que ſe juntaraõ ſeis homens, pera a levarem dentro; e com ſer da compoſtura, que temos dito, affirmaraõ todos, tinha taõ exceſſivo peſo, que naõ ſintiraõ mayor, ſe fora de hum grande corpo humano, daquella hora defuncto. E porque em tudo ouveſſe maravilha, achouſe a madeira da Cruz ao ſerrar dura, e ferrenha, e juntamente taõ verde (que faz contradiçaõ) como ſe naquella hora fora cortada do mato. Fez devaçaõ a medida do corpo, que ao juſto reſpondia á do Sancto Sudario, que anda polla chriſtandade.

Na primeira deſtas duas treſladaçoens, ouve hum novo achado de muita eſtima, que foy huma boceta de madeira, que eſtava ao pé do Crucifixo, e dentro tinha hum envoltorio de pano de linho, cozido com linhas: e ſobre elle huma letra, que formalmente continha o ſeguinte. Eſtas reliquias ſe puzeraõ aqui na era de Noſſo Senhor Jeſu Chriſto de 1405. no mez de 1405.
Mayo. E he de ſaber, que o pano eſtava taõ alvo, e novo, como ſe do dia atraz fora aly poſto: e as linhas taõ rijas, que de novas naõ faziaõ differença; ſendo aſſi, que por boa conta, huma, e outra couſa tinha de reſidencia naquelle lugar cento, e noventa annos. Aberto o envoltorio, achouſe cada reliquia em ſeu papel dobrado, e com ſeu rotulo, que declarava o que era. Dos nomes, e qualidades, naõ ficou memoria. Do anno em que ſe puzeraõ fica entendido, que ſe deviaõ pôr neſte ſitio no tempo em que nelle ſe collocou o ſancto Crucifixo. E que tudo foy obra da devaçaõ do Arcebiſpo.

Deſpois de couſas taõ raras, viſtas, e palpadas, naõ parecerá demaſia contar outra, que anda em tradiçaõ entre as Religioſas, avida dellas, por taõ certa, e provada, como as que mais o ſaõ, fundandoſe em a receberem de algumas velhas ſanctas, e taõ antigas em annos, que quaſi foraõ teſtemunhas de viſta. Porque he certo, que naõ ha muitos havia no Moſteiro algumas de cem, e cento e quinze annos de idade, com perfeito juizo, e inteira memoria. Tanto poder tem o tempo bem occupado, e entregue a cuidados

ſan-

ſanctos? A fé do que diſſermos fique com ſuas Authoras, que eu ſe as eſcrevo, he por naõ faltar em nenhuma das couſas myſterioſas da Caſa; e porque a damos com titulo de tradicçaõ humana, que naõ obriga a ninguem, por muita força, que tenha. O caſo foy, que eſtando huma tarde no choro em oraçaõ huma Religioſa, e com os olhos no Crucifixo, que eſtava no cruzeiro, ſobre o arco da Capella mór, appareceo na Igreja hum homem por repreſentaçaõ, de idade, diſpoſiçaõ, e trajo, muito veneravel: barba branca, e creſcida, roſto bem afigurado, grande calva, roupas largas, pés deſcalços: e com os joelhos em terra, e olhos na ſancta Imagem, batia devotamente nos peitos com huma pedra, e com voz clara, e intelligivel, dizia as palavras ſeguintes. Bem te vio quem te lavrou. E paſſado algum eſpaço, e bom, voltou pera o choro, e diſſe como reſpondendo ao dezejo de quem o eſcutava, que eſtava claro naõ ſer outro, ſenaõ de ſaber quem era; eu ſou huma das teſtemunhas, que haõ de vir em ſerviço deſte Senhor no dia do grande Juizo. Bemaventuradas ſois as que gozais do fruito deſta arvore; e o ſeraõ as que vos ſuccederem, ſe conſervarem a innocencia, que poſſuis. Eraõ horas, que a Igreja eſtava cerrada: e ſe a entrada foy milagroſa, por entrar a portas fechadas, naõ o foy menos a ſahida; porque fazendo huma profunda inclinaçaõ ao Santiſſimo Sacramento deſappareceo. Caſo era pera fazer terror por ſuas circunſtancias. Mas a gente daquelle tempo de nada ſe eſpantava. Era gente ſancta; e ordinario he naõ temer, quem naõ deve.

A ſegunda, e ultima tresladaçaõ ſe fez no Anno de 1604. Achavaſe a Communidade com poder, e largueza, e com Prelada devota, e curioſa; determinou fabricar de novo a Igreja, e logo tratou de emendar os deſcuidos paſſados, no que tocava ao ſancto Crucifixo; edificoulhe nova, e particular Capella com perfeita, e bem entendida architectura: e nella o recolheo, pondoo no lugar onde primeiro eſtivera hum painel da Aſcençaõ. 1604.

CAPITULO X.

Daſſe conta do ſitio, e lugar, em que eſtaõ as outras duas Imagens. Contaõſe huns eſtranhos ſucceſſos, que nellas ſe viraõ.

DAs duas Imagens da Senhora, e do Minino ſe fez diviſaõ em tempos muito atraz. Com a da Mãy ſe honrou a Capella dos Padroeiros, que com nome improprio, mas naõ ſem fundamento, ſe chama, muitos annos ha, do Cardeal. A do Minino recolheraõ as Religioſas entre ſy, e chamaõlhe o Rey Salvador. Temno poſto no choro em hum nicho de pedraria ricamente lavrado, com ſua alampada diante, que ſempre arde. Aqui he venerado de todas com particular devaçaõ; porque naõ ha nenhuma, que ſe lhe naõ confeſſe obrigada, por muitos beneficios.

De ambas eſtas Imagens, ſe contaõ caſos extraordinarios, e muito averiguados, e certos, e todos de myſterio, e devaçaõ,

pera animos pios. O Minino ſe leva aos enfermos de caſa, e de fóra: e temſe notado, que aquelles, a quem o Senhor he ſervido de dar ſaude, logo aliviaõ, e melhoraõ com ſua viſta, e viſita, com ſinais notaveis: e aos que haõ de morrer ſe abrevia o prazo, pera ſahirem da pena, recebendo favor, huns, e outros. Mas faz grande maravilha, que ſendo eſta Imagem taõ antiga, que paſſa de oito centos annos, que foy fabricada; como ſe prova de haver mais de quatro centos, que foy achada pollo caçador, e outros 400. que eſteve ao ſol, e a chuva na mata, onde ſe achou (como atraz moſtramos) até hoje naõ deſcorou o polimento da primeira maõ, nem desbotaraõ as tintas, nem a madeira ſente dano da antiguidade, como vemos em outras, que por muito, que eſtejaõ reſguardadas, como ſaõ de madeira, dentro em ſy criaõ quem as come, e acabadá. E qualquer pintura, ſó com o diſcurſo do tempo, ſem ſerem neceſſarias inclemencias do Ceo, perde o luſtre, e a fineza das cores, ſe deslava. Porém toda a admiraçaõ ceſſa á viſta de caſo mayor, que agora diremos. Succedeo cahirlhe hum dia ſobre hum pé huma couſa peſada, por deſcuido de quem a tinha na maõ, pera ſerviço da meſma Imagem. Aſſi ſe magoou, e ſentio o lugar, como ſe tivera vida, e alma. Porque logo ſe cubrio de huma nodoa vermelha, e fez ſinal de manifeſta inchaçaõ, e aſſi foy viſto, e notado de todo o Convento.

Mas porque naõ paſmemos de tal acontecimento, e entendamos, que todas eſtas tres Imagens ſaõ milagroſas, e amadas do Ceo, e de quem nellas ſe nos quiz repreſentar: quaſi o meſmo ſe vio naõ ha muitos annos, na Imagem da Senhora por differente termo, e com differente inſtrumento; e paſſou aſſi. Feſtejavaſe na Igreja o ſancto dia da Purificaçaõ, puzeraõlhe na maõ huma véla aceſa. Foy continuando a Miſſa, e prégaçaõ, e acabou ſem haver quem ſe lembraſſe de tirar, ou apagar a véla. Gaſtouſe até o fogo chegar á maõ. Entaõ parou, e ſe apagou por ſy: notaraõſe duas couſas, e ambas de aſſaz myſterio, pollos que deſpois acudiraõ, inda que acudiraõ tarde: primeira, naõ ſe abraſar a Imagem; e por ella o altar, e retabolo (por ſer tudo madeira ſeca, e velha) e tambem a Igreja, como pudera ſucceder: ſegunda acharſe a maõ da Senhora, naõ ſó aſſombrada do fogo, mas empolada, e notavelmente inchada, como ſe fora humana, e viva. Que foy verdadeiro teſtemunho, de ſer tudo obra do Ceo, e deverſe áquella maõ, naõ paſſar o fogo adiante. Era eſte caſo antigo: mas perſeveravaõ os ſinais, com cordial conſolaçaõ dos que os viraõ, e labiaõ a cauſa. Entrando o Anno de 1568. ouve huns devotos, que quizeraõ mudar a poſtura da Imagem, e mudandoa foy taõ indiſcreta a devaçaõ, que cubriraõ, e compuzeraõ por maõ de pintor, o que aſſi deſcompoſto, e ſinalado do fogo, tinha graça, e myſterio, e fazia devaçaõ. Naõ ha palavras, que encareçaõ baſtantemente o ſentimento, e lagrimas, que cuſtou áquellas madres a inadvertencia: tal foy a dor, 1568.

dor, que perdendoſe os ſinais do fogo, com a pintura, fez que ficaſſem de novo eſculpidos nos coraçoens de todos por memoria, como de antes eſtavaõ por devaçaõ.

Naõ he couſa nova moſtrar o Senhor ſemelhantes maravilhas em imagens ſuas, e dos ſeus Sanctos. He hum meyo de avivar, e animar a fé, e de conſolar os que vivemos della: e juntamente moſtrarnos, que ſe ſerve, e agrada de o venerarmos nas ſanctas Imagens, pera a confuzaõ dos Hereges, que neſte ponto fazem miſeraveis deſatinos. Em Eſpanha ſabemos de muitas. Apontaremos ſó duas muito averiguadas, e certas. Huma em Caſtella de tempos antigos; outra neſte Reyno, e neſta Cidade, ſuccedida de freſco, e quaſi entre noſſas mãos. A de Caſtella he na Cathedral da Cidade de Oſma. Ha nella hum Crucifixo de grande antiguidade, e veneraçaõ do povo. Succedeo cairlhe ſobre a cabeça huma pedra, que o ſacriſtaõ deſacordadamente tirava a hum gallo, que ſe tinha poſto na Cruz. Aſſi lhe abrio ferida, e aſſi correo ſangue della, como ſe dera na cabeça do meſmo ſacriſtaõ, que bem o merecia pollo deſacato de tirar pedra com tal riſco. Foy tanto o ſangue, que chegou a banhar a toalha, com que o corpo eſtava ſingido. Publicouſe o caſo, fez terror, e ficou tomado por fé de eſcrivaõ. Apontaſe que aconteceo em 21. de Dezembro do Anno de 1272. O de Lisboa foy
1623. no Anno de 1623. He Moſteiro de Freiras de S. Franciſco no arrabalde da Cidade, hum que chamaõ da Eſperança, inſigne por virtude, e nobreza dos ſujeitos, que nelle ſervem a Deos: obra; e memoria da Raynha Dona Catherina mulher d'elRey Dom Joaõ III. Tem as madres conſigo da clauſura pera dentro huma Imagem da ſagrada Virgem Mãy, que veneraõ com o titulo de ſua limpiſſima Conceiçaõ: e avida por milagroſa, por varios caſos, e muitos beneficios, que por ſua interceſſaõ recebem do Senhor, e a ella referem. Huma ſeſta feira, vinte, e ſeis de Mayo, deſpois de veſperas, paſſando por ella huma Religioſa moça, e muito nobre, e que de ordinario he enferma, ao tempo, que lhe poz os olhos, pera com elles, e com ſua inclinaçaõ lhe fazer a devida reverencia, deviſou, que tinha a teſta aljofarada, e creſpa de humas gotas groſſas, como de orvalho ſobre roſas, ou açucenas: e parando hum pouco, vio que ſe ſoltavaõ, e deſciaõ pollo roſto abaixo. Attonita com tal viſta buſcou as parentas, deulhes conta. Acudiraõ ellas, e chamaraõ outras Madres, e juntas notaraõ, que aſſi como ſe desfaziaõ humas gotas, hiaõ brotando outras, e creſcendo, e deſpedindo tanta agoa, que alguma hia em fio até o chaõ: outra ſe embebia (he a Imagem veſtida) em hum gorjal de volante, que tinha poſto. Juntouſe a Communidade fazendo a eſtranheza do que os olhos taõ publicamente viaõ, varios effeitos nos animos: em huns, medo, porque lhes parecia certo final de afflicçaõ, e anguſtia de quem rogava com efficacia, e naõ alcançava: em outros piedade, e compaixaõ. E era voz de todas, muitas vezes repetida, Miſeri-

cordia, Miſericordia : acompanhando aquella agoa myſterioſa, com outra natural, que dos coraçoens eſtillava pollos olhos. Durou eſta maravilha ſem ceſſar, tanto tempo, que o ouve pera ſe dar aviſo ao Padre Guardiaõ do Convento de S. Franciſco, e ao Padre Miniſtro, que nelle ſe achava. Vieraõ, e trouxeraõ conſigo outros Padres, e hum Notario Apoſtolico, que a caſo encontraraõ, e foraõ todos taõ boas teſtemunhas, que ouve hum Padre, que vendo o gorjal todo banhado, e com o peſo da agoa que em ſy tinha, inclinado, e cahido, chegou a apertalo com as mãos, e recolheo, eſpremendoo, quantidade daquelle humor em hum lenço. Conſiderouſe, que durou o effeito boas tres horas: e fez novo pavor, ficar o roſto todo trocado, e o lugar, donde naſciaõ as gotas, notavelmente deſcorado, e pallido. Tambem ſe notou, que naõ podia ſer obra natural da tinta, e oleos, que com a quentura do tempo coſtumaõ correr. Porque ainda que era fim de Mayo, corria o tempo freſco, e ſem calma, e foy o veraõ taõ frio, e chuvoſo, que fez deter as novidades mais do ordinario. De outro ſemelhante ſuor ouvimos dizer, que foy viſto no vulto de pedra da Raynha Dona Iſabel, que por excellencia, e por lhe ſer devido, por ſuas virtudes, achamos a Raynha Sancta, e hoje o he. Cubria eſte vulto ſua ſepultura no Moſteiro de S. Clara de Coimbra. Foy a conjunçaõ, a perda d'elRey Dom Sebaſtiaõ em Africa, perda pera todas as idades, digna de lagrimas. E eſta lembrança fez o preſente mais temeroſo, em quem de hum, e outro teve noticia. Mas tornemos a noſſa hiſtoria, e á Imagem da noſſa Igreja, que ainda nos dara occaſiaõ de naõ menos eſpanto.

Tinha tomado poſſe da Imagem da Senhora o Altar, e Capella do Pay, e Tyo do Cardeal : poſſe taõ aſſentada com annos, e coſtume, que quando era nomeada no povo, e entre as Madres, naõ ſe ouvia outro titulo, ſenaõ Noſſa Senhora do Cardeal. Mas alguns annos deſpois ſe vio couſa, que lhe deu novo nome. Havia no Moſteiro huma Religioſa de muito eſpiritu, e oraçaõ, que era continua em lhe fazer particulares devaçoens. Eſtando hum dia no choro, e encomendandoſe a ella com fervor, tanto ſe engolfou na oraçaõ, que chegou a eſtado de lhe parecer, que de cançada ſe vencia do ſono, e neſte ponto via, que a meſma Senhora a eſpertava, pera que proſeguiſſe em ſua devaçaõ, e lhe dizia (podemos crer, que era paga do fervor, com que a devota orava) meu nome naõ he o que vós outras me dais do Cardeal, ſenaõ dos Remedios, dizeo aſſi. Levantouſe cheya de eſpiritual alegria, fundando em tal aviſo favoravel deſpacho a ſuas petiçoens, e remedio geral da terra. Pois quem tal titulo publicava, claramente ſe ficava penhorando, e obrigando a acudir a todos. Deu conta á Prelada, publicouſe a nova invocaçaõ acreditada com a virtude da meſſageira. Ficoulhe deſde entaõ, e naõ ſó á Imagem, mas tambem á Capella, que dantes, e em ſua primeira fundaçaõ, era do Eſpiritu Sancto.

CAPI-

CAPITULO XI.

De huma Imagem, que de novo foy achada no meſmo ſitio do Moſteiro, e de outra que lhe veyo de fóra, com algumas particularidades de conſideraçaõ.

REpartidas aſſi as ſanctas Imagens, parecia, que ficavaõ as Religioſas defraudadas em parte do direito, que nellas tinhaõ, pois poſſuindo o lugar em que foraõ achadas, careciaõ da poſſe de duas dellas: e podiaõ dizer, que eraõ mais do povo, que ſuas. Acudio a Divina Bondade a conſolar ſuas ſervas neſte ponto, por hum modo ſuaviſſimo, e muito ſeu. E foy aſſi, que abrindoſe huns aliceſſes, pera alargar a caſa, logo deſpois de dada a ordem, ſe achou huma imagem da Senhora, cuja traça he, eſtar aſſentadaem huma tripeſſa, dando o peito ao Minino Jeſu. O feitio bem proporcionado, o geito, quanto póde ſer devoto, o tamanho pouco mais de dous palmos, e meyo. E porque ſenaõ duvide de ter igual antiguidade com o ſancto Crucifixo, he compoſta dos meſmos materiaes de pano, e pintura, que delle diſſemos. Temna as Religioſas no dormitorio com ſua alampada, e luz perpetua, e ás vezes com tres, e quatro. A devaçaõ com que a veneraõ, e ſervem, he de grande extremo. Porque a huma voz affirmaõ, que em todas ſuas petiçoens lhes alcança bom deſpacho, em todos os trabalhos conſolaçaõ; e contaõ neſte argumento alguns ſucceſſos milagroſos. Ao que ſe ajunta affirmarem muitas, que todas as vezes, que a buſcaõ, e lhe offerecem ſeus Roſarios, enxergaõ nella, que troca o ſembrante; ſegundo a qualidade dos Myſterios, que á ſua viſta vaõ conſiderando: já ſereno, e rizonho, nos alegres: já cahido, e magoado nos triſtes. Naõ teve atégora particular vocaçaõ; inda que lhe fazem feſta no dia dos Prazeres. Porem no meſmo dia, mez, e anno, em que iſto, que vamos eſcrevendo, aos 14. de Março de 1624. ſe vio tal ſucceſſo, que bem a podemos chamar por elle, Noſſa Senhora do Milagre, e foy, que pegandoſe fogo no Altar, em que eſtá, taõ ſubito, e pouco ſentido, que ardeo tudo o que havia nelle deſdo frontal, toalhas, e cortinas, até o manto, que a Senhora cubria, e huma toalhinha, que tinha na cabeça, e ficando as paredes feyamente tiſnadas da força da labareda, e fumaça: com tudo a Imagem naõ padeceo nenhum dano; nem ficou nella ſinal de fogo, ſendo da materia, que temos dito, muy prompta pera ſe abraſar, a reſpeito da compoſtura, e antiguidade, e do oleo das tintas, que a cobrem. 1624.

Mas naõ foy menor a piedade com que o Senhor foy ſervido remediar a falta, que tambem podiaõ ſentir da vezinhança antiga do ſancto Crucifixo. E eſta quiz guardar pera a idade preſente, como indicio certo, que naõ eſtá diminuida no Moſteiro a Religiaõ, e ſanctidade antiga. He caſo muito de notar pollas circunſtancias, e particularidades, que nelle concorreraõ. E era por Mayo do Anno de 1618. Entendia a Prelada em fazer de novo o Refeitorio. 1618.

torio. Dezejava alguma couſa que aſſentaſſe bem, com o remate, ſobre o portal, que a merecia por bem lavrado, e boa pedraria. Eis que entrando a ver a obra, no meſmo dia, e hora, que acabava de aſſiſtir com a Communidade ao deſpor da Palmeira nova, que atraz diſſemos, huma ſeſta feira, trinta de Mayo: chegaſe hum dos officiaes, e offerecelhe hum pedaço de marmore, em que eſtava entalhado hum Crucifixo, alegando, que por obra prima, e perfeita eſcultura, podia honrar a cella de huma Prelada. Naõ fazia final de o aceitar a Prioreſſa; mas hum pintor, que era preſente, conſiderado o feitio, lembroulhe, que o naõ largaſſe: e ſe o naõ quizeſſe pera a cella, foſſe pera authoriſar com elle o portal. O dito do pintor, como de homem entendido na arte, e a neceſſidade do remate, obrigaraõ a Prelada a olhar com curioſidade a Eſcultura: e ella, e todas as que chegaraõ a vella, foraõ advertindo, que naquella obra meuda tinha grande ſemelhança com o ſancto Crucifixo da Igreja. Affeiçoadas já ao que viaõ, e naõ pouco admiradas, paſſaraõ a inquirir, quem fora o Eſcultor. E naõ admirou menos o que ſimpleſmente contou o official. Dizia, que trabalhando dous annos atraz, em certa obra de cantaria junto a S. Clara, com outros companheiros, ſe chegara a elles hum homem pobre, em habito, e ſembrante eſtrangeiro, e pedira que lhe deſſem, que fazer: logo tomara entre mãos huma pedra toſca, e aparelhandoa brevemente, eſculpira nella o Crucifixo, que viaõ, no qual alem do bom lavor, notara duas couſas, que ambas, e cada huma dellas o deixaraõ entaõ aſſombrado. Primeira, acabar dentro de tres horas de trabalho, huma obra, que pera a perfeiçaõ em que eſtava, e luſtre que tinha, requeria eſpaço de hum mez. Segunda, lavrala com ferramentas groſſas; porque naõ tinhaõ á maõ outras: ſendo aſſi, que pera a miudeza do feitio, convinha as mais delicadas, e ſutis, que a arte uza. Ouviraõ as Religioſas tudo com grande attençaõ: e conſiderando já myſterio na pedra, polla conjunçaõ, e hora em que Deos a trazia, que era a meſma em que a Palmeira ſe deſpunha, alegremente, e com devaçaõ a receberaõ, e fizeraõ acommodar ſobre o portal: no qual aſſentada, fica á viſta, e defronte da nova pranta. He a pedra do tamanho de hum grande ladrilho, e quaſi quadrada. O Crucifixo eſtá lavrado de meyo relevo, e naõ he mayor, que hum palmo. Por eſte modo tiveraõ no meſmo dia, e quaſi no meſmo lugar principio de myſterioſa renovaçaõ, aſſi a antiguidade do Crucifixo da Igreja, como a da Palmeira, que tantos annos lhe fizera ſombra, e companhia.

CAPI-

CAPITULO XII.

Apontaõſe algumas particularidades, que deſcobrem a reputaçaõ, em que eſtava o Moſteiro diante do Rey, e do povo, e daſſe conta do muito, que algumas vezes padeceraõ as Religioſas por naõ largar a obediencia, e ſujeiçaõ da Ordem.

MAs he tempo de paſſarmos a couſas de outro genero, e naõ menos antigas; de que tambem reſulta credito, e honra deſta Caſa. Sendo fallecido o Cardeal, e naõ chegando as rendas do Moſteiro a ſe poderem fazer todas as obras de pedra, e cal, que convinhaõ pera bom gaſalhado das Freiras, que creſciaõ em numero: a Raynha D. Leonor mulher d'elRey Dom Duarte, Princeſa de altas virtudes, polla affeiçaõ que tinha á Ordem, como filha, e néta de Reys Aragoneſes (era ſeu Pay Dom Fernando Primeiro) que todos ſe preſaraõ de devotos della; tomou á ſua conta edificar tudo o que dentro faltava, e á cuſta de ſuas rendas poz a caſa em perfeiçaõ. Daqui naſceo, que a Infante Dona Catherina ſua filha, ſendo morto Dom Carlos Principe de Navarra, com quem a tinha deſpoſada elRey D. Affonſo Quinto ſeu irmaõ, tratou de ſe recolher neſte Moſteiro, como em caſa, ſenaõ feita, ao menos aperfeiçoada por ſua mãy. Aſſi foy nella moradora muitos annos: e eſtando ſegunda vez concertada pera cazar em Inglaterra com elRey Duarte Quarto, deſte nome, adoeceo, e paſſou a melhores vodas morrendo: e foy enterrada na Craſta junto ao Refeitorio, e a huma capellinha de S. Anna, onde ſe lhe poz hum fermoſo marmore por campa, com huma pequena pedra vermelha na cabeceira, entalhada de letras, que declaravaõ ſeu nome, das caſas em que morreo vivendo, e do ſitio, que occupou na morte. Dura a memoria por tradiçaõ nas Freiras, chamandoſe ainda hoje, as caſas o Paço; e conhecendoſe o lugar da ſepultura pollo que cubria a campa, que naõ havia outra em toda a Craſta, e nella durou muitos annos. Ha deſcuido ordinario na noſſa Religiaõ em conſervar as memorias antigas, julgaſe por ambiçaõ, e vangloria, o procurallas, he herança dos Padres antigos, de que muitas vezes me tenho queixado. Culpa lhe chamo, naõ ſó deſcuido; que por ventura he cauſa de ficarem enterradas, e ſem luz muita couſas, que nos puderaõ honrar muito eſta eſcritura, e todo o Reyno. Daqui naſceo, que quando no Anno de 1530. ſe fez o refeitorio, 1530.
que entaõ chamaraõ novo, e ſe ladrilharaõ as craſtas, ſe lançou fóra a pedra vermelha, que em ſy tinha o letreiro, e conſervava o nome. Parece, que naõ dizia bem com o lavor do ladrilho, e deſpois no de 1595. tor- 1595.
nando-ſe a ladrilhar de novo, lançaraõ tambem fóra a campa. E o pior he, que andando na Sacriſtia hum calix de taõ boa obra, que era chamado o Calix rico, e fora dadiva da meſma Princeſa, que nos fazia lembrança della com huma letra no pé, e tres targetas de ſua devoçaõ, e armas (eraõ as armas as do Reyno, em huma, e nas duas,

duas, a figura de S. Joaõ Evangeliſta em huma, e na outra a de S. Luis Biſpo com ſeus nomes, e inſignias) tambem eſte foy traz a pedra, e campa, deſfazendoſe tudo com pouca advertencia, ou muita ignorancia. Com tudo inda hoje vivem religioſas, que ſe lembraõ entrar neſta clauſura a Infante Dona Maria ultima filha d'elRey Dom Manoel, e unica da Raynha Dona Leonor, que deſpois o foy de França, deterſe em rezar ſobre a ſepultura, e darlhes noticia da pouca ventura, que tivera quem nella jazia. Pollo que, inda que o tempo vay acabando tantos teſtemunhos: e faz nova confuſaõ vermos em S. Eloy Capolla, e tumulo em nome deſta Senhora levantado, o certo he, que aqui viveo, e morreo, e nunca ſeus oſſos deſempararaõ a terra deſte Moſteiro, que huma vez a cubrio. Dom Jorge da Coſta Arcebiſpo de Lisboa, e Cardeal, como varaõ generoſo, e agradecido á criaçaõ, que em ſua caſa recebera, e tambem, como teſtamenteiro lhe levantou o tumulo, e fizera a tresladaçaõ, ſe lho naõ tolheraõ encontros, e ſucceſſos, que o levaraõ do Reyno pera Roma, com mais preſſa do que cuidou. Naõ lhe tiraraõ eſtes, conſervar toda a vida ſua memoria, e nome, trazendo por empreza ſobre ſuas armas huma roda de S. Catherina.

Segue a eſta antiguidade, outra que naõ he de menos honra pera eſta Caſa: vindo de Berberia as reliquias do ſanto Infante Dom Fernando, como eſcrevemos na primeira parte deſta Hiſtoria: e ſendo recebidas em Lisboa por elRey Dom Affonſo Quinto, e por toda a Cidade com todo o clero, e Religioſos della, veyo a prociſſaõ parar neſte Moſteiro, e nella ficaraõ depoſitadas, até que ſe paſſaraõ pera o ſeu moymento do Convento Real da Batalha. Havendo tantos Sanctuarios na Cidade, nenhum pareceo mais digno de agaſalhar hum Sancto, que o que era de Sanctas povoado. Bom final, de que o entendia elRey aſſi.

Mas temos outros muitos de Provizoens, e Cartas de privilegios, graças, e izençoens, que todos os Reys foraõ paſſando a eſta Caſa, e a ſeus ſervidores, e familiares: nas quais o prologo, e cauſa principal de as concederem he a grande religiaõ, com que nella ſe vivia: e por eſſa rezaõ queriaõ, que foſſe reſpeitada até nas peſſoas dos criados, e procuradores. Fora couſa muy larga ſe as ouveramos de apontar todas: e por deſneceſſarias pera a Hiſtoria, as eſcuſamos. Polla meſma cauſa deixamos tambem hum Breve, em que o Papa Bonifacio Nono a honrou: no qual concede ás Religioſas todos os privilegios, immunidades, liberdades, graças, e indultos, até entaõ concedidos polla Sé Apoſtolica, a todas, e quaiſquer caſas da Ordem. Eſte foy paſſado dous annos deſpois do Moſteiro fundado, e aceitado polla Ordem no de 1394. no quinto de ſeu Pontificado. Começa. *Sacræ noſtræ religionis, ſub qua deuotum, & ſedulum exhibetis Domino famulatum, promeretur honeſtas, &c.* 1394.

Sobre todas eſtas couſas, nenhuma tem grangeado mais credito, e honra, a eſtas Madres, que huma fineza de conſtancia, com

com que ſe mantiveraõ no rigor da obſervancia regular, que huma vez profeſſaraõ: ſendo naõ ſó convidadas, pera a deixarem, e viverem na liberdade da Clauſtra, que naquelles tempos era mais coſtume, que vicio. Mas padecendo polla ſuſtentar bravos combates de Prelados ſeculares, Prelados ricos, nóbres, ambicioſos, e muito poderoſos, e favorecidos dos Reys, e do povo. Diremos dous ſómente: pois dous teſtemunhos em toda materia, fazem baſtante prova. Foy o primeiro em tempo d'el-Rey Dom Affonſo Quinto, e intentado por hum Arcebiſpo de Lisboa, o nome D. Affonſo. Eſte Prelado, julgando, que ſeria credito, e honra ſua governar gente taõ reformada, uzou de todos os meyos de brandura, rogos, e grangería, em geral, e particular com as Religioſas. Deſpois que experimentou, que lhe naõ valiaõ; converteo a brandura, em ira; os rogos, em força; e armandoſe de ſecreto com hum Breve em todo ſubrepticio do Papa Pio II. deu bataria ao Moſteiro á viſta de toda a cidade: e porque faltava atrevimento aos que levava conſigo, temendo, e tremendo os ſeculares, elle meſmo ſe fes miniſtro da violencia. Puzeraõ as mãos ſagradas, ferro, e machados nas portas ſanctas, abre, fende, rompe, arromba, e penetra a ſancta clauſura: e naõ ſendo menos deſtemperado de palavras, que de obra, traz vozes indignas, e feyas, que ſoltou, fulminou temeroſas cenſuras. Eſtavaõ as pobres Religioſas deſemparadas de todo o favor da terra: porque os Frades naõ tinhaõ animo contra tamanho poder. Mos o do Ceo foy tanto por ellas, que ſoportando com valor a tempeſtade, o meſmo Pontifice lhes acudio no ſexto Anno de ſeu Pontificado, que veyo a cahir no de Chriſto de 1463. com hum Breve, que revoga o que tinha dado ao Arcebiſpo, e com palavras ſanctas, e dignas de Principe, confeſſa, que fora enganado, e que ſempre o ſeraõ todos os Principes, que em materias de peſo ſe fiarem de informaçoens, que naõ forem muy fundadas, e certas: ſaõ muito dignas de andarem neſtes eſcritos, e muito mais na memoria dos Reys, e Senhores, que olhaõ, e ſe governaõ ordinariamente por ocolos de entendimentos alheyos: dizem aſſi: *Romanus Pontifex Iuſtitiæ præcipuus conſeruator, & author, cum naturam ſortiatur humanam, quandoque figmentis fallitur, & importunitatibus petentium concedit, aliàs deneganda quæ poſtea veritate comperta, etiam ſuadente iuſtitia ad debitum ſtatum reducit.* E mais abaixo reconta as deſcompoſturas, que apontamos, dizendo, *Tamen ipſe Archiepiſcopus ad horam veſperarum, perſonaliter, non ſine hominum ſtrepitu, ipſis literis, eiſdem Monialibus per eum debite non inſinuatis, ad dictum Monaſterium acceſſit, illius clauſuram violenta potentia, cum fractione illius portæ, ad quam manus proprias appoſuit, intrauit: quaſdam ex eiſdem monialibus injurijs affecit, & quibuſdam vim, & certis alijs ex eis carcerum minas intulit, & in illarum bono propoſito turbauit, claues, quas abunde receperat, cuidam perſonæ laicæ conſignauit, &c.* 1463.

Ficaraõ livres por entaõ, mas naõ lhes valeo pera eſcuzarem

outra taõ forte, ou mayor perſeguiçaõ, nos annos adiante: na qual ſe bem faltou violencia de mãos, ſobejou toda a que podia aver de agencia, e negociaçaõ. Era o Arcebiſpo Dom Martim Vaz da Coſta, irmaõ do Cardeal D. Jorge da Coſta, como homem ſagaz, e muito activo; levou o negocio por termos ordinarios de juſtiça, pretendendo ſugeitalas ao Ordinario, e tomar pera ſy toda a juriſdiçaõ, e ſuperioridade, que a Ordem de S. Domingos tinha no Moſteiro; e porque teve huma ſentença contra ſy no Reyno, pronunciada pollo Chantre da Sé de Evora, Juiz deputado na cauſa pollo Summo Pontifice, fez com manha, e poder, avocar os autos a Roma, avendo, que a grandeza do gaſto eſpantaria as Religioſas de maneira, que deſemparaſſem a cauſa. Porem achou nellas tanto brio, e conſtancia, que litigaraõ naquella Corte tres annos, e alcançaraõ contra elle tres ſentenças conformes, huma traz outra, e foy
1514. a ultima no Anno de 1514. que foy ſegundo do Pontificado de Leaõ Decimo.

CAPITULO XIII.

Em que ſe apontaõ os nomes das Religioſas, que deraõ principio ao Moſteiro: conta-ſe hum eſtranho caſo, que a huma dellas ſuccedeo.

NEnhuma Republica do mundo ſubio nunca a hum grande grao de reputaçaõ, ou foſſe em valor de animo, e braço na guerra, ou em gloria de bom governo na paz, que naõ criaſſe particulares homens inſignes nas meſmas virtudes. Aquella junta de Cidadoens unidos, e conformes em procurar huma felice, e alegre vivenda na terra, que tem por patria (que eſta he a ventura das bem governadas Communidades, e o fim dos bons governadores) mal póde de ſy brotar tays effeitos, ſe nos particulares ouver falta de prudencia, esforço, e brio, e das mais virtudes, que delles ſaõ produzidoras. Naõ he neceſſario pedirmos ſémpre exemplos a Roma, e Lacedemonia, que largamente nos póde confirmar eſte Diſcurſo, no tempo, que foraõ creſcendo, e deſpois ſe mantiveraõ contra poderoſos inimigos. Em caſa os temos. Que mal pudera elRey Dom Affonſo Henriques primeiro Rey de Portugal eſtender, e levantar em Reyno o pequeno torraõ, que tinha herdado do Conde D. Henrique ſeu Pay, ſe o esforço de valeroſos vaſſallos o naõ fizera vencedor de muitos Reys Mouros, pera lhes ganhar o que injuſtamente deſta terra poſſuhiaõ muitos annos havia, e deſpois lhe naõ ſuſtentara o nome, e Coroa Real, a pezar de grandes inimigos, e contra ſeu proprio anſangue. Em tempos mais perigoſos manteve no Reyno a elRey Dom Joaõ Primeiro o braço, e conſelho de poucos, mas animoſos companheiros; cuja cabeça foy aquelle Rayo de guerra Dom Nuno Alvares Pereira. E aos netos deſte ſe deve a conquiſta do Oriente, as armadas vencidas de Mouros, e Mamelucos, as fortalezas defendidas contra o poder do Gram Turco, e de muitos Reys conjurados. Aſſi eſtou vendo, que a ſuavidade, e fragrancia do bom cheiro da fama, e virtudes, que

ſahia

ſahia deſte Moſteiro, e ſe derramava por todo o Reyno, e chegava até Roma, procedendo unido daquelle ſancto ajuntamento tinha ſua origem, e principio em cada huma das moradoras delle, como hum caudaloſo Rio, que ſe compoem de varias fontes. Deſtas fontes ſerá bem, que inquiramos, e apontemos a virtude particular de cada huma, quero dizer, tudo o que pudermos alcançar das em que cada hum dos ſugeitos, que povoaraõ eſte Moſteiro, ſe fizeraõ inſignes, e eſtimadas. Mas he magoa ſem remedio, e dor ſem conſolaçaõ, de que já noutra parte nos temos queixado; que parece fizeraõ conjuraçaõ os que tinhaõ obrigaçaõ de eſcrever, com a gente ſancta daquelle tempo, que quanto foſſe nella a virtude mais creſcida, tanto foſſe nelles mayor o ſilencio. Eraõ noſſos mayores de animo grande: tudo o que hoje nos eſpanta tinhaõ por pouco. Daqui vem, que ficando deſte Convento no Geral, huma grande voz clara, e ſonoroſa dos eſtremos com que ſe eſmerava no ſerviço de Deos, as particularidades eſtaõ quaſi acabadas, e ſe algumas ficaraõ inteiras, ſaõ como humas cifras. Porem tais cifras, que pera com bons juizos devem fazer baſtante prova das couſas mayores, que em ſuas trevas nos enterrou a envejoſa antiguidade, que tudo desbarata, e acaba. Algumas iremos deſcubrindo, e acompanhandoas com as modernas de que ha mais noticia.

Mas demos primeiro lugar áquellas vinte, e huma Noviças, que tomando todas juntamente o habito, e juntamente profeſſando, deraõ glorioſo principio a eſte Moſteiro. Dellas, e de ſeu modo de vida, antes, e deſpois de profeſſas, temos dito tanto em geral, que ainda, que digamos nada em particular, ficaõ baſtantemente habilitadas, pera entrarem no numero das muy inſignes Religioſas deſta Provincia, e de toda a Ordem. E polla meſma rezaõ julgo, que devemos contar com ellas as ſinco, que juntas começaraõ ſer noviças no meſmo dia, que as 21. profeſſaraõ: do que as faz dignas, a ſanctidade da eſcolla, e o animo com que a buſcaraõ. Porque aſſi como na Milicia temporal he grande honra de hum ſoldado poder dizer, que o foy de hum capitaõ famoſo; ou que ſe achou em huma batalha inſigne, ou cerco arriſcado, ſem ſabermos delle mayores feitos: da meſma maneira neſta eſpiritual devemos dar grande lugar de fama, e nome ás diſcipulas, que com tais meſtras veſtiraõ, e exercitaraõ as primeiras armas da Religiaõ. Contadas todas juntas fazem numero de vinte e ſeis; das quais naõ achamos nomeadas mais que dezanove no aſſento, que o Biſpo mandou fazer, quando lhes deu os Eſtatutos novos, que foy quatro annos deſpois, no de 1396. Deſtas diremos os nomes, ſentindo faltaremnos neſte livro os outros, pequena falta pera ellas, pois naõ devem faltar no Celeſtial, e da vida. Nomes ſaõ todos, naõ ſó pouco ambicioſos em titulo, mas muy populares, e humildes, pera eſtimarmos mais o alto grao, que teraõ diante daquelle Senhor, que com o mais fraco da terra ſabe confundir o mais forte della. 1396.

Saõ os ſeguintes. Margayda Annes Prioreſſa, que em huma memoria anda nomeada Dona Margayda Joaõ; mas erradamente, porque ſeguio quem a eſcreveo, a latinidade do aſſento, no qual o Notario lhe dá por certa loa de ſenhora, que a memoria faz titulo de Dona. E o de Joaõ, polla reſpondencia verdadeira do Annes portuguez. A ſegunda he Margayda Domingues, Suprioreſſa, cujo nome tambem anda errado em algumas memorias modernas, que lhe chamaõ Margayda Dias, ſendo o que achamos nos originais Domingues. As outras ſaõ Ines Martins. Catherina Vicente, Ines Annes, Ines Vaſques, Ines Lourenço, Gracia Vaſques, Anna Fernandes, Breytis Annes, Margayda Martins a Moça, Anna Pires, Barbora Rodrigues, Anna Vicente, e Anna Pirez a Moça, Leanor Lourenço, Breytis Lourenço, Florença, Affonſo, e Breytes Annes de S. Thome.

A Madre Prioreſſa Margayda Annes tem por ſy a prerogativa de naõ quererem as ſubditas perder ſeu governo, nem em tempo de Beatas, nem deſpois, que ella, e todas eraõ iguais no Eſtado de noviças, nem ultimamente, quando deſpois de profeſſas a fizeraõ ſua Prioreſſa com eleiçaõ Canonica. Grandes merecimentos deviaõ concorrer em tal ſujeito, pois em tanta diverſidade de votos, e tempos, ſempre pareceo merecedora do primeiro lugar.

Da Prelada menor temos hum caſo tal, que parecia baſtante pera a canonizar por ſancta. Os rigores da Ordem em que trabalhava por ſe adiantar, e dar exemplo a todas (verdadeiro exemplo de quem preſide) juntos com muita idade, vieraõ a lhe cauſar humas vertigens, ou vagados, que paſſavaõ a mal caduco. Porque a derribavaõ, e privavaõ de todos os ſentidos. Succedeo hum dia, que ſendo viſta ſobre tarde na craſta arrimada ao bocal do poſſo com ſeu Roſario na maõ rezando: quando foy noite, e hora de ſe recolherem as Religioſas em ſeus leytos: faltou ella ſó de toda a Communidade. Deu cuidado a tardança, por ſer de quem ganhava a todas em acudir ás obrigaçoens da Religiaõ: foy buſcada, revolveuſe o Moſteiro, parou o negocio em pranto, e deſconſolaçaõ geral; porque ninguem podia fazer juizo, que naõ foſſe em diſcredito da peſſoa, e affronta da Caſa. Paſſada aſſi a noite; eis que amanhecendo, começa a ſoar huma voz de grande alvoroço, que era appareci-da a Suprioreſſa. Juntaſe o Convento. Era a Madre Catherina Arraiz a que o affirmava, dizendo, que eſtava no poſſo da Craſta, e que lhe fallara debaixo, chegando ella a tirar agoa. Mal ſe faz de crer, o que ſe naõ cuida, nem eſpera. Com tudo naõ ouve nenhuma, que naõ correſſe a certificarſe com os olhos, do que naõ criaõ aos ouvidos. Vem a pobre velha, e ouvem que fallava, e pedia, que a livraſſem daquelle lago, affirmando, que eſtava ſam, e ſem danno; fezſe dilligencia, foy tirada, e poſta em ſalvo. E eſpantou, naõ ſó por livre do perigo da agoa, como outro Daniel dos dentes, e unhas dos Leoẽs: mas polla verem taõ ſem lezaõ, que nem final trazia da agoa, em que a viraõ, e eſtivera huma noite inteira.

teira. Aſſi trazia a roupa enxuta, e os ſoccos, que entaõ uzavaõ, ſeccos, como ſe no dormitorio com ſuas irmãs a paſſara. Preguntada pollo deſaſtre, contava, que eſtando ſobre o bocal do poſſo, lhe dera o ſeu vagado, e quando tornara em ſy, ſe achara na agoa, ſem ſaber como; mas que tudo fora hum, eſpertar com o golpe da queda, e ver junto de ſy huma Senhora mais bella, que as eſtrellas, veſtida de hum fino azul, cor do Ceo: hum Minino belliſſimo nos braços: a qual até aquella hora a acompanhara, e lhe diſſera, que quem a livrara do perigo da queda, e da agoa, tambem a pudera pôr fóra della, e do poſſo; mas que o naõ fazia, porque ſeria mais gloria de Deos, e de ſuas maravilhas, ſer achada no eſtado em que eſtava. Falleceo eſta Religioſa no Anno de 1450. em idade de mais de 80. annos.

1450.

CAPITULO XIV.

De outras Religioſas, que por varios caminhos alcançaraõ nome e reputaçaõ de ſanctas.

A Madre Sor Catherina Arraiz.

COmeſſemos por duas ſubditas, e companheiras da Madre Catherina Domingues, ambas ſemelhantes a ella nos nomes, e na devaçaõ: ſeja a primeira, a que o foy em alegrar a Caſa, quando deu novas, que fallava no poſſo. Digo a Madre Sor Catherina Arraiz; eſta Religioſa, ſobre as mais virtudes, que em geral temos apontado de todas, tinhaſe entregue a hum particular cuidado, e devaçaõ de fazer bem pollas Almas do Purgatorio. Dizem que naõ teve nunca cama pera poder deſcançar, offerecendo a Deos eſta penitencia, e afflicçaõ por ellas. De tudo o que comia deixava ſempre alguma parte, pera dar com a meſma tençaõ aos pobres; e ficou em lembrança, que pedio hum dia por grande favor ao Provincial, que viſitava a caſa, lhe déſſe licença, pera que, ſuccedendo naõ vir á porta quem lhe levaſſe o que guardava da meſa; pudeſſe ſem eſcrupulo reſervallo, pera o dar no dia ſeguinte. Tanto a ouro, e fio ſe peſava naquella bendita idade o ponto de naõ poſſuir nada. Havendo tudo por pouco; e dezejando fazer mais por aquellas Almas ſanctas, e tambem polla ſua, enſinoulhe a charidade, que ſeria merecimento, tirar todas as menhãs tanta agoa do poſſo da craſta, que baſtaſſe pera o gaſto da caſa aquelle dia. Aſſi o cumprio em quanto teve forças, ſem faltar dia. E daqui naſceo ſer ella a primeira, que vio no poſſo a Supprioreſſa, como atraz fica contado. Naõ encurtaõ, antes eſtendem a vida os exercicios ſanctos, por cuſtoſos que ſejaõ. Viveo longos annos, veyo a faltarlhe com elles o vigor da natureza. Cahio em cama tolhida de pés, e mãos. Neſte eſtado mantinha a vida, quando hum dia eſtando toda a Communidade no Refeitorio á meſa primeira ſoaraõ altas vozes pollo dormitorio, repetindo apreſſadamente, Credo, Credo, coſtume he ſanto de noſſa Ordem, quando ſe entende, que entra em artigo de morte qualquer Religioſo, convocaremſe os ſaõs com eſte final huns aos outros, pera acudirem com oraçoens ao ne-

neceſſitado. Fez medo o final, como he de crer: mas eſpantaraõ mais as vozes. Porque eſtando aly todo o Moſteiro junto, naõ podiaõ entender, quem as dava. Acudiraõ todas as mais, que de paſſo ao tom que ouviraõ: e foraõ dar com a ſancta Velha, que eſtava entrada em hum accidente mortal: e aliviada com a viſta, e conſolaçaõ de ſuas irmãs, teve lugar pera receber o mayor dos Sacramentos, e hirſe pera o Ceo em paz; que
1445. foy no Anno de 1445. ſinco annos primeiro, que a ſua Supriorefſa, a qual lhe antepuzemos por Prelada. E advirto, que foy vicio da impreſſaõ o anno, que lhe dá o livrinho, que anda deſta Caſa. Naõ ouve Religioſa, que duvidaſſe, que as Almas ſanctas, por quem tanto fizera, em quanto pode trabalhar lhe acudiraõ no ultimo aperto, com as vozes, que diſſemos. Permiſſaõ Divina pera paga de charidade, eſpertamento della, e bom exemplo de noſſa frieza.

A' Madre Sor Catherina Ribeira.

Por differente maneira achou o meſmo agradecimento nas Almas fieis a Madre Sor Catherina Ribeira. Tudo quanto fazia de virtude, e quanto orava, applicava por ellas; e fazia, e orava muito em particular, naõ paſſava dia, que naõ tiveſſem della hum officio de nove liçoens, rezado diante do Sanctiſſimo Sacramento: e ſempre andava pedindo oraçoens pera ellas. E era lingoagem ſua ordinaria, que as Almas ſanctas, deſpois de livres de pena, naõ podiaõ eſquecerſe de quem lhes fizeſſe bem: porque naõ ha ſanctidade ſem agradecimento: e eu, acreſcentava, naõ quero mais das que tanto ſirvo, ſenaõ que me acompanhem na hora da morte. Continuando neſta ocupaçaõ, veyo adoecer de huma enfermidade ordinaria, e ao parecer muito leve. Confeſſouſe logo, e commungou no principio della, como he coſtume da Religiaõ: mas paſſava ſem fazer caſo do mal. Eis que hum dia no meyo deſte deſcuido, ſahindo a Communidade do choro, foy ſentido hum roydo, como ſuſurro de abelhas, taõ creſcido, e extraordinario, que enchia tudo de rumor, e juntamente de eſpanto. Foraõ ſeguindo as Religioſas humas traz outras, pera onde ſoava mais, e levouas o ſom á enfermaria: onde entrando acharaõ a Madre Catherina Ribeira em ſeu leito, cuberta de ſuores de morte; ſinais, que pediaõ apreſſado ſoccorro: e viraõ juntamente todo o Ar, e o alto da caſa cuberto de nuvens de Abelhas, tantas, taõ juntas, e apinhoadas, como ſe foraõ muitos enxames juntos. Começaraõ logo o officio da agonia, e as Abelhas ſempre creſcendo, e engroſſando em numero. Acabaraõ o officio; mas pareceo, que naõ acabava a vida. Tomaraõ entaõ o Cantico de Abacuch. *Domine audiui, &c.* (coſtume das velhas antigas, que ainda hoje naõ he perdido, ſe a vida dura deſpois do officio) procedendo nelle, quando chegaraõ ao verſo, *Operuit cælos gloria ejus, &c.* abrio a Madre os olhos; e tudo foy hum, eſpirar ella, e deſaparecerem as Abelhas. Saõ eſtes animais aquelles, em cuja vida, e officio, e governo moſtra a Providencia Divina mayores myſterios, que em nenhum outro do campo. Aſſi foy opiniaõ das Religioſas,

que

que naquelle extraordinario concurſo quis ſignificar o cuidado, que as Almas fieis teriaõ daquella, que toda a vida ſe empregara em lhes procurar alivio de penas, e refrigerio do fogo. E deſde entaõ (corria o Anno de 1514. e era Prioreſſa a Madre Dona Leonor de Albuquerque) ficou em coſtume rezaremſe cada dia humas nove liçoens pollas Almas, diante do Santiſſimo Sacramento. E por naõ haver confuſaõ, eſtorvandoſe humas horas com outras, mandaõſe rezar por duas noviças, em quanto a Communidade canta Prima.

1514.

A Madre Sor Joanna da Conceiçaõ.

A dous eſpiritus de tanta devaçaõ, e com effeitos taõ peregrinos, boa junta faria huma extraordinaria humildade, e mortificaçaõ com ſucceſſos tambem raros, e quaſi da meſma era. Eſta temos na Madre Sor Joanna da Conceiçaõ. Vivia no mundo, entrada já em dias, com nome de Dona Joanna de Figueiredo, cercada de tudo o que nelle ſe canoniza (digamolo aſſi) por boa ventura, muita riqueza, marido illuſtre, e do melhor do Reyno, e huma meſa rodeada de filhos. Vida ao parecer cheya de goſtos; mas naõ pera hum entendimento, que ſabia penetrar o centro das couſas. E com ajuda da graça do Ceo, conhecia, que tudo o melhor da terra, era naõ ſó vaidade, mas tambem afflicçaõ de eſpiritu, era ouro falſo, e alquimiado, luz de crepuſculo, ſol, que traſmonta, ſem ter mais de bem, que huma pompoſa apparencia, luſtroſa de fóra, mas acompanhada por dentro de milhares de miſerias. E como diſſe hum Antigo: *Gloria mixta malis, &c.* A contas tambem lançadas, ſuccedeo tirarlhe Deos o marido: tinha já neſte tempo huma filha recolhida pera Freira no Moſteiro de Jeſu de Setuval. Fez logo conta de ſe hir pera ella. Acudiraõ os parentes do marido, gente de authoridade, e poderoſa, eſtranhandolhe a determinaçaõ: diziaõ, que em nenhum tempo tivera mais obrigaçaõ de eſtar no mundo. Porque, ſe té entaõ fizera obrigaçaõ, e officio de mãy, agora convinha fazello de mãy, e mais de pay: trabalho dobrado; mas dobrado merecimento, e mayor ſacrificio. Deu moſtras, que ſe convencia. Porem no meſmo tempo ſe contratou em ſegredo, com o Salvador: e quando os parentes menos cuidaraõ, eſtava veſtida no habito de S. Domingos. Aqui creſceraõ de novo as queixas: humas de filhos mayores, que já tinha, que com ſerem homens, naõ queriaõ perder o governo de tal mãy. Outras dos pequenos, que com lagrimas, e deſconſolaçaõ, moſtravaõ haviaõ inda miſter criaçaõ, e bafo maternal. Mas naõ ouve força, que a dobraſſe: antes reſiſtio a tudo com tal conſtancia, que ſuccedendo no fim do anno de provaçaõ, chegar hum dos filhos a eſtado de ſe lhe temer ſentença de morte em hum caſo, pollo qual eſtava em apertada priſaõ; e juntandoſe os parentes a pedirlhe quizeſſe acudir á cauſa, ſó com apparecer diante d'elRey; que iſſo ſeria meyo certo de ſalvaçaõ pera o prezo: reſpondeo varonilmente, que naõ entrara no Moſteiro, pera ſahir mais delle, por nenhum acontecimento: ſe ſeu filho tinha culpa, tambem ſeria

Statius lib. 6. Thebayd.

Eccleſ.

ſervi-

ſerviço de Deos, que a pagaſſe. De tal reſoluçaõ, bom juizo ſe póde fazer, qual ſeria a vida. Foy o primeiro fundamento hum profundo aliceſſe de humildade, eſcolhendo ſempre, e lançando maõ dos mais abatidos miniſterios da Caſa. O ſegundo, foy armarſe com grande animo pera hum eſtranho peſo de penitencias. Pera poder conſeguir eſtes fins mais dezembargadamente, naõ quiz paſſar do eſtado de humilde converſa. E nelle começou a proceder de maneira, que os rigores ordinarios da Caſa, com ſerem grandes, lhe ficavaõ, como em paſſatempo. He tormento novo pera o Inferno, e ſeus moradores, huma converſaõ reſoluta, e verdadeira: como pera os Anjos occaſiaõ de feſta. Vioſe iſto em Sor Joanna; porque no dia que ſeguio ao de ſua profiſſaõ, a horas, que as Religioſas ſe veſtiaõ pera matinas, foraõ ouvidas de toda Communidade, junto de ſeu leyto, humas vozes medonhas de pranto formado, que nos eccos, e confuſaõ, accuſavaõ manifeſtamente autores infernais. Mas parece, que foy hum modo de ſe convocarem contra ella todos os eſpiritus malignos. Porque ſe vio, que deſde aquella hora, começou a padecer huma cruel guerra de tentaçoens. Foy a primeira huma eſtranha illuſaõ, com que o pay da falſidade procurou enganalla, acompanhandoa a toda a hora com huma luz, que ella ſó via. Pagens tivera de tocha, e fora ſervida, agora que naõ queria mais que ſervir, vendo diante de ſy o que por Deos engeitara, conheceo donde naſcia o mimo, naõ fazia caſo delle.

Matth.

Vioſe o inimigo deſcuberto, mudou eſtyllo. Armouſe de toucas, e compoſiçaõ de Freira honrada, e fazendoſe reſpeitar por peſſoa de credito, começa a pôr em pratica deſatinos nunca viſtos, nem ouvidos, que applicava a differentes Madres da meſma Caſa, e fazendoſe mulher de ſegredo, affirmavaos com juramento. Logo acreſcentava, que tudo o que alli via de oraçaõ, de mortificaçaõ, e penitencias, eraõ biocos de virtude falſa. E que onde aſſi ſe vivia, tempo perdido era ſeguir beatarias, e ſingularidades. O certo era deſcançar tambem, e levar boa vida. Naõ cria nada a nova profeſſa, mas deſconſolavaſe muito, e deſviandoſe quanto podia, de quem aſſi fallava, da caſa em que vivia, ſem ſaber com quem o havia, offereciaſe a pagar por todas com muitas diſciplinas, que a eſſa conta tomava, e muitos jejuns de paõ, e agoa. Mas parecendolhe, que neſtas obras arbitrarias andava emparelhada com ellas a vontade propria, que as governava; e por iſſo ſeriaõ menos meritorias, buſcou huma amiga fiel, e em horas a propoſito entravaõ em huma caſa da enfermaria: alli ſe fazia atar a huma columna, que em meyo della eſtava, e ficando nua até a ſinta, ſe mandava diſciplinar ſem piedade, até correr o ſangue. E por remate lançava ſobre as chagas huma tunica de burel, que nunca d'outras uzou. O que na verdade era ſegunda diſciplina, mais cruel, e cheya de ſentimento, que a primeira dos açoutes. Deſpois de compoſta, ſem tomar hora de repouſo, caminhava pera o choro, e paſſava em oraçaõ até

até matinas. Affombraſe o Demonio com as penitencias, e vigias ſanctas dos fieys, como o dizia S. Antaõ no Ermo a ſeus diſcipulos: aſſi ſe valia Sor Joanna contra elle nas noites: gaſtando deſpois os dias inteiros em ſervir as enfermas, que foy officio, que muitos annos, e com grande charidade exercitou. Mas logo o Inimigo hia mudando figuras, e uzando de novas ſiladas. Perſeguioa muitos dias com medos vãos, humas vezes, rodeandolhe o leyto com eſquadroens de demonios, em habito de miniſtros de juſtiça, varas, chuças, alabardas, como que a queriaõ prender, e levar do Moſteiro: outras vezes por outros modos. Porem vendo, que em quanto fazia, ſe bem lhe dava muito que ſentir, eraõ mayores os ganhos, que tinha de merecimento, tirou a maſcara, começa guerra deſcuberta. Poemſelhe hum dia viſivelmente diante, começa a interreirar hum monte de blasfemias, primeiro com graças, e chocarrices ſobre o nome, que tomara da Conceiçaõ; logo com argumentos, e conſequencias, atrevendoſe o maldito a armar duvidas na pureza celeſtial da Mãy Sagrada de Deos. Era a bataria penoſiſſima, faziaa mais penoſa a viſta, e deſpejo de Lucifer. Chegava a gritar de affligida, e em vozes altas por argumento de fé, dizerlhe, que mentia como falſo, e enganador. Acudia deſpois a ſeu confeſſor, davalhe conta de tudo; valiaſe dos Divinos Sacramentos: mas a batalha naõ ceſſava. Foy conſelho do medico Eſpiritual, que ſe valeſſe contra as blasfemias, do meyo, e favor da meſma Senhora, em cuja offença eraõ, e contra os medos, do ſancto Apoſtolo Bertholameu.

Em cabo de muitos dias, foy o Senhor ſervido de ſe apiedar de ſua ſerva. Continuava na devaçaõ aconſelhada, e nos ſanctos exercicios que temos dito. Eis que huma noite ſoa hum deſacoſtumado eſtrondo, e ſente com elle fecharſe huma porta, e correr o ferrolho. E logo ouve huma voz, que dizia. Já naõ ſahireis mais daqui; parece, que foy mandamento divino contra os infernais perſeguidores. Porque deſde aquelle ponto ficou gozando de huma paz perpetua d'alma, e livre totalmente delles. Bemventurado o trabalho, que ſendo temporal, naõ rende menos, que huma eternidade de gloria. Tinhaa Sor Joanna já quaſi á viſta, porque a longa idade, e o bom ſerviço lhe promettiaõ, que eſtava perto: mas davalhe pena huma néta, que conſigo tinha: pollo qual, ou que tiveſſe conceito, que naõ perſeveraria na Religiaõ; ou que ſeu pay, morrendo ella, lhe trocaria o eſtado, fazia oraçaõ continua pedindo a Deos lhe déſſe o eſpoſo, que hum Sancto antigo (foy S. Hylario) alcançou pera huma filha, que amava. Era a moça filha natural de hum dos filhos, que deixara no mundo; recolheraa conſigo huvia alguns annos, o ſangue, a criaçaõ, e a companhia fizeraõ amor. Foy ouvida ſua petiçaõ. Adoeceo ella, adoece a néta. Aggravouſe o mal em ambas, e a paſſos iguais, e vieraõ a acabar em hum meſmo dia, e quaſi na meſma hora, ſem haver mais, que duas horas de differença. A néta primeiro, e

ella deſpois. He couſa muito antiga, naõ ficou em memoria o anno; ſó ficou recebido de maõ, em maõ, por couſa muito ſabida, e certa, que na noite antes appareceo ſobre o Moſteiro huma taõ grande claridade, que ſendo viſta dos moradores da porta do Sol, ſitio que fica a cavaleiro do Convento, julgaraõ, que naõ podia ſer menos, que a reverberaçaõ de algum grande fogo, que andaſſe ateado dentro. E huma vezinha da meſma porta, que era lavandeira das Freiras, vendo, e ouvindo o meſmo, foy a todo correr á Portaria, bateo, e chamou, e gritou, dando novas do que vira, e de ſeu medo.

CAPITULO XV.

Das Madres, Sor Jeronyma de Calvos, Sor Luiſa Bautiſta; e Sor Margayda de Mello.

COmo quem foge das ondas do Mundo, pera o ſoſſego, e paz ſegura da Religiaõ, nenhum outro fim deve ter diante dos olhos, ſenaõ a poſſe daquellas eternas moradas, que o Senhor promete a quem o buſca: Obrigado fica por rezaõ, e entendimento, empregar todo o cabedal de ſuas forças por chegar a tamanho bem. Levadas deſte penſamento as Religioſas deſte Moſteiro, achavaõ, que importaria muito pera ſegurança da jornada, e do partido, arrematar a vida com huma morte dilatada, e conhecida, inda que penoſa, e cançada: em que o conhecimento rendeſſe verdadeira contriçaõ de culpas: a pena ficaſſe por ſatisfaçaõ, e parte de purgatorio. Iſto nos conſta, que foy pedido por muitas a Deos, e alcançado com oraçoens. E ficou taõ aſſentado entre ellas o dezejo, e petiçaõ de tal genero de morte, que ſe tinha por favor, e merce do Ceo, quando ſe alcançava. E ainda hoje ſe tem por couſa muy nova, faltarem no Moſteiro as doenças, que o cauſaõ, que ſaõ, tiſica, e etiguidade. Ardendo eſtava em febres deſta qualidade a Madre Sor Jeronyma de Calvos, extinuada, e conſumida dellas. Tinha o que pedira, quanto á doença, e ſofriaa com grande animo: eſperava pollo fim pera inteiro cumprimento da petiçaõ. Entrou hum dia o medico, declaroulhe que era chegado. Aſſi ſe alvoraçou, e alegrou, como pudera fazer no mundo com certeza de vida, quem muito a dezejara. Mas cuſtoulhe eſta alegria huma grande perturbaçaõ. Porque o inimigo commum de noſſo bem, envejoſo de tal eſpiritu, tanto que entrou em artigos de morte, procurou vingarſe della a todo ſeu poder. E tentandoa variamente, ultimamente deſcubrio ſua figura, e tomou por occaſiaõ de nova malicia, ver junto da enferma dous Crucifixos, hum que era do ſeu Oratorio, e outro que a Communidade trouxera ao receber da Sancta Unçaõ. E começoulhe a propor com boca infernal, que acertadamente eſtavaõ alli aquellas duas Imagens, porque dous eraõ os Deoſes, que por ella haviaõ padecido na Cruz. Entendeuſe a blaſfemia polla efficacia dos meneyos, que fazia, e pollo que dizia, reſpondendo com vehemencia, e afflicçaõ, pera onde eſtavaõ os Crucifixos. Eraõ as palavras: Creyo, e confeſſo,

Vni-

Vnicum Dominum Dominum noſtrum Jeſum Chriſtum. Foy batalha pera mayor coroa ; porque tirado hum dos Crucifixos , acudiolhe o Senhor com huma taõ grande conſolaçaõ , que tresbordava pollo roſto , com extraordinarios ſinais de alegria. Obrigadas as Religioſas do que viaõ , naõ puderaõ deixar de preguntarlhe polla cauſa. E ella reſpondia , como me naõ hey de alegrar , Madres , ſe vejo diante de mim aquella Senhora , que he alegria do Ceo , e da terra. E logo chamando por huma amiga ſua , que eſtava preſente , Sor Leanor , dizia , agora he tempo : pedi , pedi. Era o caſo , que eſta Religioſa pollo diſcurſo da enfirmidade , lhe fazia inſtancias , que ſe lembraſſe della , quando ſe viſſe diante da Virgem Soberana. Acudio Sor Leanor , preguntandolhe a que parte eſtava , e ella reſpondia , que eſtava encoſtada á Madre Sor Ines da Conceiçaõ. Proſtraraõſe entaõ todas por terra , entoando o verſo : *Maria mater gratiæ , mater miſericordiæ : tu nos ab hoſte protege , e hora mortis ſuſcipe.* Repetiraõno muitas vezes , até que a bendita alma , deſemparado o corpo , ſe foy traz quem a viera buſcar : pollos annos do Senhor
1540. de 1540. Affirmava deſpois Sor Leanor , que alcançara , o que alli pedira , ajudada das oraçoens da defuncta.

Sor Luiſa Bautiſta. 1552. Com ſemelhante favor honrou a meſma Senhora 12. annos adiante , na de 1552. outra Religioſa deſta Caſa. Eſtava penando em paroxiſmos de morte a Madre Sor Luiſa Bautiſta , conhecida por grande , e particular devota ſua. Senaõ quando ſe troca ſubitamente a ſombra da morte , que já lhe cubria o roſto , em jubilos de prazer , e gozo , e levantando a voz , Madres , dizia , façaõ lugar , que vem a Raynha dos Ceos. Debruçavaõſe todas até o chaõ com a devida reverencia , quando a doente tornandoſe a aſſombrar de nova triſteza , deſconſoladamente affirmava , que a Senhora ſe fora , polla vinda de duas Madres , que entaõ entravaõ. Era o caſo , que vinhaõ deſgoſtadas huma com outra , e fallando alto , e com paixaõ , e aſſi entraraõ. Naõ aſſiſte a Mãy da Caridade , onde acha deſavença , e eſpiritu de ira. Cahiraõ na conta as deſavindas , abraçaraõſe , e pediraõſe perdaõ huma a outra , e todas juntas á Virgem Sagrada. Alegraſe de novo a enferma : e dando com a boa ſombra occaſiaõ de ſer perguntada affirmava , que a Senhora tornara a entrar , acompanhada da glorioſa Magdalena , e de muitas Virgens ſanctas , todas ricamente ataviadas , e de varias cores. Eſtendiaſe a devaçaõ a querer ſaber mais. Atalhou a enferma , dizendo , que a naõ detiveſſem com perguntas : que convinha ſeguir aquella ſancta companhia , que tinha que fazer em outra parte : e eſpirou logo. Pareceo a todas , que era iſto irem buſcar alguma alma , que devia eſtar de partida. E eſtando com cuidado de quem ſeria , ſoubeſe logo , que na meſma hora fallecera em caſa de Jeronymo Pires Cotaõ , nobre , e virtuoſo vezinho do Moſteiro , hum mancebo , que no ponto , que ſe hia deſpedindo da vida , acompanhado da mulher do meſmo Jeronymo Pires , e de outras peſſoas , lhes pedira , que fizeſſem

agaſalhado a huma ſenhora de Real preſença, que o vinha viſitar, acompanhada de huma Freira Dominica. Chamavaſe o defuncto Bernardo de Craſto. Criarao Jeronymo Pires, como a filho, e tal era a criaçaõ daquelle tempo, que andando no meyo do trafego da cidade, e da Corte, e na força da idade verde, conſervava tanta pureza de alma, que mereceo a celeſtial viſita: e pera que foſſe crida ordenou o Senhor, que aſſi ſabe honrar os ſeus, que lhe precedeſſe o teſtemunho do Moſteiro. Mas pera que eſpante menos, he de ſaber, que o mancebo ſervia actualmente o Infante D. Luis; cuja caſa era academia de ſabios, e corte de virtudes, e elle gloria dos Principes de ſeu tempo. Alcançamos eſta informaçaõ na parte em que falla o livrinho, que anda impreſſo da fundaçaõ do Moſteiro de hum ſobrinho do meſmo Jeronymo Pires, que nos affirmou ouvilla referir aos que foraõ preſentes. Chamava-ſe Franciſco Pires Cotaõ peſſoa de grande credito, e virtude, que por tal morreo occupado no ſerviço d'el-Rey, em officio de muita confiança.

Quaſi pollo meſmo modo quis o Pay das miſericordias galardoar com publicos favores o bom ſerviço, e longos annos da Madre Sor Margayda de Mello, ſendo neſta Caſa terceira vez Prioreſſa. Era illuſtre em ſangue, mas muito mais em virtudes. Eſtas eraõ cauſa de ſer buſcada pera Prelada, todas as vezes que lhe cabia. Adoeceo gravemente, e foy o remate da doença, e da vida hum purgatorio, que muito eſpantou, e encheo de medo as Religioſas. Sinco dias continuos eſteve como crucificada, ſem fallar, nem ouvir, nem ter mais ſinais de vida, que atroar a caſa, e laſtimar a todos com huns gemidos taõ profundos, e ſentidos, que claramente ſe via naſcerem de dores que padecia ſem medida. Paſmadas, e compungidas todas de ver aſſi acabar huma criatura, que tinhaõ por innocentiſſima. Acudio o bom Jeſu polla honra, e crédito de ſua Eſpoſa, com hum notavel teſtemunho de quem ella era. Porque no ponto, que a acabaraõ de ungir, e entrou em morrer, deſcubrio aos olhos de huma honrada, e virtuoſa matrona, vezinha do Moſteiro, huma larga prociſſaõ ſobre elle de Freiras da Ordem, e algumas conhecidas ſuas, e mortas de pouco na meſma Caſa, que ſeguiaõ o Senhor veſtido em manto Carmeſi, e na maõ hum fermoſo guiaõ da Cruz, como ſe pinta na reſurreiçaõ, e entoavaõ o Cantico. *Benedictus Dominus Deus Iſrael, &c.* e no meſmo tempo, e hora, aconteceo, que a affligida Madre abrio os olhos, como quem acorda de profunda extaſis. E começou o meſmo Cantico. *Benedictus Dominus Deus, &c.* com clara, e quieta pronunciaçaõ, e acabado o primeiro verſo, eſpirou. Succedeo eſta morte no meſmo dia da feſta de Corpus, Anno 1563. Authorizouſe o teſtemunho, tanto com a virtude da defuncta, e circunſtancia do ſucceſſo, e conjunçaõ delle, como com as qualidades, que temos dito, de quem o deu; chamavaſe Maria Ribeira, e tinha huma filha Freira na Caſa. 1563.

CAPI-

CAPITULO XVI.

Da Madre Sor Ines da Aſſumpçaõ.

Sor Ines da Aſſumpçaõ.

OItenta annos de idade contava a Madre Sor Ines da Aſſumpçaõ, quando trocou a vida mortal polla eterna no de 1574. Annos taõ bem gaſtados, que a reconheceraõ por mãy, e meſtra, todas as mais eſſenciais Religioſas deſta Caſa, e ainda hoje ſe referem a ella algumas devaçoens particulares, que de ſeu tempo ficaraõ em uzo. O officio, em que entendeo a môr parte da vida, foy de Meſtra de Noviças. E ſendo cargo, que requere, e pede tantos requiſitos, pera ſe fazer com perfeiçaõ, que raramente ſe acha em muitas provincias huma peſſoa, que os tenha, nella ſe juntaraõ de maneira, que por todos os Moſteiros, e por todas as Religioens pudera ſer eſpelho, e modello de huma perfeita meſtra. Conſelhos, e boa doutrina, por toda parte ſe achaõ; exemplo, e obras, he couſa rara. E quando ha quem junte dizer, e fazer, ou naõ he em todas as virtudes, ou vay com miſtura de imperfeiçoens. Só na Madre Sor Ines quiz Deos ajuntar, e em ſupremo grao, tudo o que convinha pera bem, e fundadamente enſinar. Se mandava a ſuas Noviças compor o roſto, abaixar os olhos, moderar o riſo, temperar a lingoa, aſſentar o paſſo: tal compoſiçaõ guardava conſigo, que em nenhuma hora ſe via nella couſa contraria do que aconſelhava. De ſorte, que a mais compoſta da caſa, olhando pera ella, achava que emendar em ſy, como ſe ſe vira a hum eſpelho muy claro. Contaſe de ſeu tempo, que baſtava apparecer Sor Ines em qualquer lugar, pera ſe recolherem as Religioſas, como ſe fora Prelada: e ſuſpenderem a pratica, ſe fallavaõ, como diante de outro Job. Mas porque o aſſento exterior (que he primeiro Alfabeto da Religiaõ) e todas as mais virtudes, ſe naõ tem ſua raiz no coraçaõ, duraõ pouco, e cahem depreſſa, como couſa empreſtada, poſtiça, e naõ propria: Aſſi as ſabia enſinar, que ſe enxergava nas diſcipulas, trazeremnas eſculpidas no centro d'alma: era taõ penitente, que naõ perdendo nenhum jejum da Regra, todas as veſperas das feſtas de Noſſo Senhor, e Noſſa Senhora paſſava a paõ, e agoa; e o meſmo fazia nas de alguns Sanctos, e todas as que eraõ de Communhaõ. E a eſte modo eraõ as diſciplinas, e rigores de ſua vida. A humildade era extraordinaria. Porque ſendo Suprioreſſa, e Meſtra, e velha, lançava maõ de todos os ſerviços mais humildes da caſa. Mas o que mais eſpanta he, que tendo tantas partes, e dezejando as Religioſas fazella Prioreſſa, ſempre as deſviou, e ſe deſviou de o ſer. E ſuccedendo hum anno ſahir eleyta com todos os votos, e com grande alvoroço da Communidade, deſaſſombradamente reſpondeo, que naõ era pera ella tal cargo: e ſe lhe fizeſſem força, do Ceo viria remedio, que a livraſſe. Fundavaſe em hum profundo conhecimento proprio, com que ſe perſuadia naõ ſer pera governo. E aſſi aconteceo, que o Provincial caſſou a eleyçaõ. Era Provincial o Pa- Iob.

Padre Meſtre Frey Luis de Granada, e o Anno de 1560. como varaõ ſabio, e taõ eſpiritual, quis, que naõ perdeſſe o Moſteiro tal Meſtra, nem a Meſtra a conſolaçaõ de permanecer em ſua humildade. Por eſtes meyos ſabia aquelle eſpiritu negocear. Sua vida era andar ſempre unida com Deos por amor, e oraçaõ continua. E tal ſabor achava nella, que nenhuma outra couſa queria na terra. Ordinariamente em ſe tangendo o primeiro de Matinas, eſtava no choro: e nelle ficava até Prima. A hora de Prima, ſe era Meſtra, chamava as Noviças, e dizialhes com grande eſpiritu, que foſſem veſtir a Senhora, era ſua lingoagem, que lhe dariaõ por chapins o Cantico gradual, por veſtido as horas de ſeu Officio pequeno, e por manto o ſancto Roſario. Hiaſe com todas diante da Imagem de Noſſa Senhora do dormitorio; com quem tinha particular devaçaõ: e no eſpaço, que havia entre o primeiro, e ſegundo ſinal de Prima, fazia rezar o Cantico (que chamava os chapins) com tal pauſa, e taõ devotamente, que era cauſa de grande edificaçaõ: e como em toda a Communidade era geral a devaçaõ da ſancta Imagem, começaraõ muitas Madres a acompanhalla, e deſde entaõ ficou em uzo rezarſe com vélas aceſas, e grande ſolemnidade: principalmente nas feſtas da Virgem em que aſſiſte ſempre a mór parte da Communidade. Deveſe eſte coſtume ſancto á Madre Sor Ines, que alem de o deixar fundado com ſeu eſpiritu, e com a continuaçaõ dos longos annos, que viveo; huma viſaõ, que teve, o imprimio mais nos animos de todas: e foy aſſi. Querendo hum Anno celebrar a feſta glorioſa da Aſſumpçaõ da Virgem (cujo nome tinha) com tudo o que podia, que era acreſcentar ao jejum de paõ, e agoa da veſpera, vigia de toda a noite, e reza dobrada, chamou huma amiga por nome Sor Joanna de Jeſu, e juntas no choro começaraõ Matinas rezando a verſos. Naõ tinhaõ acabado o primeiro nocturno, quando Sor Ines deixou de reſponder, e encoſtou a cabeça. Pareceo á companheira, que era força do ſono de quem andava cançada, e ſempre falta delle. Nem quis eſpertalla, nem parar com a reza. E foy continuando até entrar por ſegundas veſperas. Neſte paſſo tornou ſobre ſy, arrependida de a naõ ter acordado; e fazendo conta de lhe encubrir como paſſara adiante, chamou por ella. Tornou Sor Ines com hum grande ſuſpiro, e moſtras de deſgoſto, ſeguidas de palavras formais. Nunca já terei outra hora como eſta. Replicou a companheira, que acabaſſem o officio, que pera dormir naõ faltariaõ horas. E ella deſconſolada: naõ ſeraõ, dizia, como a que perdi. Como Sor Joanna a tinha em grande conta, pareceulhe, que havia myſterio naquella deſconſolaçaõ; perguntoulhe polla cauſa. E Sor Ines, naõ ſofrendo a amizade encubrilla, ou querendo Deos, que ficaſſe publica, pera conſolaçaõ de animos pios, começou a contar com ſingeleza, que enlevada com todas as potencias na ſoberana gloria da ſolemnidade, que tinhaõ preſente, ſe fora vencendo daquelle leve ſono, ou ſemelhança de ſono: no qual ſe

lhe

lhe repreſentara a Virgem glorioſa ſobre hum riquiſſimo Throno: e logo huma comprida prociſſaõ de Anjos, e Patriarchas, e outro grande numero de ſanctos, que a demandavaõ, cantando ſuaviſſimamente ſeus louvores com o Hymno. *Digna laude Angelorum, &c.* E quando chegavaõ perto, ſe hiaõ humilhando com profundas inclinaçoens. E parecialhe, que como em dia de triumpho, e merces, cada ſancto chegava a pedir pera ſeus devotos. A mageſtade da Senhora, a gloria de tal viſta, a melodia da muſica enchia tudo de gozo, e recreaçaõ. E ſó eu, acreſcentava, em alegria taõ geral, eſtava deſconſolada; por me ver longe de tal companhia, vendo, e conhecendo nella algumas amigas, que noutros tempos nos acompanharaõ, e viveraõ neſta Caſa. Mas a Virgem piadoſiſſima me chamava, e dizia, que me naõ agaſtaſſe, que tambem era filha, e tambem teria alli meu lugar. Neſte ponto me chamaſtes, e cortaſtes o fio ao mayor deleyte, que pera mim já póde haver neſta vida mortal: perderaõ os ouvidos huma armonia, que os tinha traſportados, e inda agora me ſoaõ os eccos nelles, com tal ſuavidade, que a naõ perderáõ pera em quanto eu viver. Tiraſtes a eſtes olhos, alem daquelle objecto ſoberano da Virgem, de quem os Anjos recebem honra, e gloria, outra viſta, em que eſtavaõ com grande conſolaçaõ empregados. E foy, que no ſitio, que fazia aſſento aos pés da Senhora, pareciaõ eſcritos com letras de ouro, e guarnecidos de pedraria, os noſſos quinze Pſalmos graduaes, que cada dia lhe cantamos. E deleitandome eu na viſta da obra, e guarniçaõ, ouvi que me diziaõ, que eu, e minhas noviças ajudaramos aquelle lavor. Eſte bem me tõlheſtes, e forame melhor acabar nelle, que acordar ſem elle. Da narraçaõ, e diſcurſo do ſonho, e do affecto com que Sor Ines o referia, ficou a companheira julgando, que fora mais revelaçaõ, que ſonho: e logo vio couſa com que de todo ſe acabou de certificar. E foy, que dizendolhe continuaſſem a reza começada, e apontando no Pſalmo, em que a tomara o ſono, tornou Sor Ines: Eſſe he o em que ambas hiamos, mas o em que vós hides, he o ſegundo das ſegundas veſperas. E no ſegundo verſo, *Sit nomen Domini, &c.* E era tanto ao juſto, que naõ podia ſer dormir quem aſſi notava.

Tanto que rezaraõ, paſſou Sor Joanna a huma curioſidade muito poſta em rezaõ; como Sor Ines fez tantos encarecimentos da muſica, que ouvira, e como ſe lhe imprimira na memoria; perguntoulhe, ſe teria lembrança da toada do Hymno, que os Anjos, e Sanctos cantaraõ, pois dizia, que era o meſmo do Moſteiro. *Digna laude Angelorum, &c.* E ſe lha ſaberia dar pera a apontarem em ſolfa. Eraõ ambas deſtras no canto. Mas Sor Joanna com grande ventagem. De maneira lha ſoube dar, que logo a apontou; e por ella ſe ficou cantando no Moſteiro. He toada engraſada, e devota, e como de tal Capella, e por tal anda apontada no livrinho da fundaçaõ da Caſa, e o Hymno com ella. Ninguem duvidou, que fora eſte

Da Fundaçaõ do Salvador l. c.

ſonho

ſonho daquelles, que o Senhor coſtuma dar a ſeus amados, quando os quer conſolar com a viſta de huns longes da herança, que lhes tem guardada. Confirmavaſe iſto com o teſtemunho que dera Sor Jeronyma de Calvos eſtando em paſſamento, quando perguntada, onde via a Virgem, reſpondeo, que eſtava encoſtada em Sor Ines da Aſſumpçaõ (como atraz contamos) que he a meſma de quem agora eſcrevemos. Mas naõ ſe provava menos com o diſcurſo de ſua vida, em que tudo era ſanctidade; e com tudo, ainda no fim da carreira a honrou a Senhora com ultimo, e grande favor, pera principio dos eternos, que lhe eſtavaõ guardados. Jazia em cama conſumida, e doente dos muitos annos, mais, que de outro mal; porque o que de preſente tinha, naõ ſe havia por mortal, nem apreſſado. Amanhecendo hum dia, pedio com efficacia, que lhe deſſem a ſancta Unçaõ. Pareceo ás Enfermeiras, ſegundo o eſtado em que eſtava, que era muito anticipar, e que ſe devia eſperar conſelho de Medico. Mas ella mandou requerer á Prelada, que lhe naõ tardaſſem, alegando, que a Virgem do dormitorio eſtivera com ella, antes d'amanhecer, e lhe mandara, que a pediſſe. Naõ havia miſter teſtemunho de fóra a verdade de Sor Ines. Porem ouveo pera gloria da Senhora, e honra de ſua ſerva. Aconteceo paſſar antemanham pollo Altar da Senhora huma Religioſa de grande credito, e vio que naõ eſtava nelle. Do que ficando ſobreſaltada, e temendo, ſe poderia ſer furtada, foy correndo o Convento com queixas. Seguioſe a poz a Unçaõ o tranſito da ſancta Velha, que confirmou a verdade de amhas.

CAPITULO XVII.

Das Madres, Sor Maria Bautiſta, Sor Iſabel do Preſepio, Sor Catherina da Cruz, Sor Margayda do Eſpiritu Sancto.

SE ouvermos de fazer memoria de todas as Religioſas, que neſte Moſteiro ſe fizeraõ eſtimar por credito de grandes virtudes: e de cada huma ouvermos de dizer por extenſo o que ſe conta, ſerá neceſſario creſcer tanto eſta eſcritura, que naõ poſſamos acudir á obrigaçaõ em que eſtamos aos mais Conventos da Provincia. Ajuntaſe, que como os exercicios Monaſticos ſaõ quaſi os meſmos em todas, tememos enfaſtiar o Leytor com couſas repetidas. Por todas eſtas rezoens hiremos encurtando a narraçaõ, e tratando ſó daquellas, que com caſos, particularmente notaveis, nos derem motivo de eſcrever com advertencia, que naõ diremos nenhum, ſenaõ de peſſoa grande, e calificada virtude. E fique entendido, que tal he a de que tratamos, ſem nova repetiçaõ de particularidades; que na verdade caſos raros, poucas vezes ſe encontraõ, ſenaõ onde ha eſtribos de valor muy ſolidos.

A Madre Sor Maria Bautiſta

Com tal preſupoſto começaremos pollа Madre Sor Maria Bautiſta. Eſta Madre ſobre o fundamento dito, era devota do Sancto do ſeu nome com notavel exceſſo: ſe ha exceſſo em ſervir, e honrar a Deos em ſeus ſer-

ſervos. Amava os devotos do Bautiſta, como a irmãos. Ao Sancto venerava com oraçoens continuas, e até o nomeallo era com reverencia, e amor; em fim tudo quanto podia ajuntar deſpendia em lhe celebrar ſuas feſtas. Vindo hum dia a ſentirſe indiſpoſta, pareceo bem levaremna á Enfermaria, e ainda que o mal naõ ameaçava perigo, foy logo confeſſada, ſegundo o coſtume da Religiaõ. Na menham ſeguinte foy chamada a Enfermeira por huma Madre antiga, e de muito credito na Caſa, e perguntada como eſtava a enferma, reſpondeo, que a deixava bem, porque vinha do ſeu leyto, e a achara dormindo. Replicou a velha. Vede, irmã, naõ ſeja eſſe dormir pera acordar na ultima reſurreiçaõ dos mortos. E naõ o digo ſem cauſa. Porque em caſa ha peſſoa, cujos ſonhos ás vezes ſahem certos: e eu ſey, que ſonhou eſta noite, que Sor Maria morria. Tornou a Enfermeira, tentou a que tinha por ſam, e adormecida, e achou, que eſtava morta. Caſo foy, que deu nova reputaçaõ de ſanctidade igualmente a ſam, e a defuncta. Porque o ſonho moſtrou ſer verdadeira revelaçaõ no ſucceſſo: e o diſcurſo della deſcubrio, que naõ eſtava a defuncta eſquecida no Ceo. Repreſentouſelhe á velha, que da parte do Oriente, demandava eſte Moſteiro huma comprida prociſſaõ de gente viſtoſa em pompa, e trajo, parte com palmas nas mãos, parte com alampadas aceſas, toda reſplandecendo em luz, e claridade. E no couſſe huma veneravel figura de homem, que excedia toda a companhia em fermoſura de atavio, e mageſtade de ſembrante; e dezejando ſaber quem ſeria, foylhe dito, que era S. Joaõ Bautiſta, que com aquelle acompanhamento, que todo era de ſanctos, e ſanctas, vinha buſcar huma ſua devota enferma, pera lhe miniſtrar o Viatico, e Unçaõ, e levalla conſigo; como em couſa taõ extravagante paſſou a curioſidade das Religioſas, a tentarem os lugares em que he ordinario poremſe os ſagrados oleos; e affirmaraõ muitas, que eſtavaõ ſinalados, e humidos da Unçaõ, pera inteiro cumprimento da revelaçaõ da velha, e confirmaçaõ da ſanctidade da defuncta; e premio de ſua devaçaõ. Chamavaſe a velha Sor Jeronyma do Preſepio, de que adiante falaremos; e a defuncta filha de Luis Teixeira Lobo, e de Dona Catherina Leytoa. Foy ſeu fallecimento em oito de Setembro de 1581. 1581.

A Madre Sor Iſabel do Preſepio.

Da Madre Sor Iſabel do Preſepio ha muitas vivas hoje, que ſe lembraõ; ſeguio hum taõ aturado recolhimento, e amor do cantinho da ſua cella, que em trinta annos, naõ foy nunca viſta noutra parte, ſalvo no Choro, e Refeitorio. O que lhe rendeo eſte genero de vida, declarou o tempo por hum eſtranho modo. Paſſados tantos annos deſpois de enterrada, que pareceo podia ſem perigo de corrupçaõ, abrirſe a ſua cova, pera ſe dar ſepultura nella a outra Religioſa: ſendo aberta, tal ſuavidade de cheiro lançou de ſy, que eſpantou, e conſolou todo o Moſteiro. Mas o que mais admiraçaõ cauſou, foy, que cuidando achar oſſos ſecos, ſe achou o corpo inteiro, e os habitos taõ ſaõs, como ſe daquella hora,

ra, fora com quem os veſtia dados a terra. Falleceo eſta Madre no Anno de 1595. em 23 de Julho.

1595.

A Madre Sor Catherina da Cruz. 1597.

Naõ fez menos maravilha, o que ſe vio na ſepultura da Madre Sor Catherina da Cruz. Era fallecida do Anno de 1597. Paſſado algum tempo ouve occaſiaõ de ſe abrir. Tanto que ſe começou a bulir a terra, recendeo por toda a caſa huma taõ eſtranha fragancia de cheiros, como ſe ſe queimaraõ muitas paſtilhas, ou ferveraõ juntas muitas caçoulas. Saõ vivas hoje muitas Religioſas, que ſendo teſtemunhas da vida deſtas duas, tambem o foraõ da honra, que o Senhor quis dar á memoria de ambas. Mas em Sor Catherina quis o meſmo Senhor honrar tambem ſua ſagrada Mãy, e conſolar os devotos de ſeu ſancto Roſario. Porque revolvendo o coveiro os oſſos ſecos, e deſcarnados achou na cana do braço envolto hum Roſario, com que todas ſe lembravaõ, que fora dada á terra. E vioſe, que eſtava ſaõ, e a infiadura, que era de ſeda azul, com taõ boa cor, e taõ rija, como ſe do dia atraz ſe ſepultara. Deraõſe graças ao Rey da Gloria; tornando á memoria algumas particularidades da devaçaõ, que eſta Madre tinha ao ſancto Roſario, e á Senhora delle. Entre as quais era huma, que nunca ninguem fallou com ella, que a primeira palavra, que de ſua boca ſe ouvia, naõ foſſe, *Ave Maria*, *Mater gratiæ.*

A Madre Sor Margayda do Eſpiritu Sancto.

Bem dirá com a ſanctidade moſſiça deſtas tres Madres, galardoada com premios taõ altos, como acabamos de contar, huma ſancta innocencia de outra, galardoada com premios de innocente, mas tambem do Ceo. He hiſtoria deleytoſa, e que nos eſtá convidando a eternos louvores da bondade, e miſericordia de noſſo bom Deos. Tomou o habito neſta Caſa Sor Margaida do Eſpiritu Sancto, e quadravalhe bem o nome em tudo; porque era margarita, ou perola alviſſima, na pureza d'alma, e em todas as virtudes hum eſpiritu raro, e tal, que acontecendo ficar orfam de pay, e mãy, deſpois de noviça, e entendendoſe que naõ tinha competente dote pera poder profeſſar: todavia conſentiraõ as Religioſas, que ſe lhe fizeſſe profiſſaõ; ſó pollo grande conceito, que tinhaõ de ſua bondade. Paſſara o Anno de provaçaõ em todo o rigor da Ordem, e ſem diſpenſaçoens, governada com a ſeveridade da grande Meſtra Sor Ines da Aſſumpçaõ, de quem atraz eſcrevemos. No meſmo dia da profiſſaõ fallou a Meſtra com ella em particular, encareceulhe a merce, que o Divino Eſpoſo lhe fizera em a receber por eſpoſa, pera que a ſoubeſſe eſtimar toda a vida. E acreſcentou, que como ella tambem de ſua parte offerecera muito, dando a vida, e a liberdade, em ſacrificio, que a Deos muito agrada; ſoubeſſe que era tempo de pedir muito, a quem podia tudo. Era Sor Margayda, como temos dito, ſimples mais que pomba, e de ſerpente naõ tinha nada. Reſpondeo alegre, e ſingelamente, que pollo ter aſſi entendido, lhe pedira tres couſas. E fora a primeira, que quando a levaſſe deſta vida, naõ paſſaſſe pollo Purgatorio; porque teria por grande pena naõ ver logo a Deos.

Em

Em ſegundo lugar pedira, que lhe déſſe duas vaſquinhas. Porque bem ſabia elle, que de duas, que tinha ſe lhe queimara huma ſervindo na coſinha; e a outra andava taõ repaſſada de nodas, que naõ havia ſabaõ, que a fizeſſe alva. A terceira petiçaõ fora, que tiraſſe á Madre Prioreſſa humas fortes ſezoens, que padecia, pois lhe fizera tanto favor, que ſe lhe levantara da cama pera lhe fazer profiſſaõ. Feſtejou a ſancta meſtra a ſimplicidade dos requerimentos, eſtimando, como obra do Eſpiritu Sancto, de quem tinha o nome, a lembrança do que tocava á ſalvaçaõ. E juntandoſe ſobre tarde com a Prioreſſa, e Communidade, alegroua com a hiſtoria, que foy recebida de todas por graça; ſenaõ ſó da Prioreſſa, que de ſizo affirmou, tinha já cumprimento do que tocava a ſua doença: porque era paſſada a hora da ſezaõ, e ſe ſentia taõ bem, que ſe dava por ſam. E ſe a profeſſa naõ ouveſſe por outra via as váſquinhas, deſde alli prometia darlhas. No dia ſeguinte chamaraõ a Roda. Era rodeira a Madre Sor Branca das Chagas. Vio hum homem mancebo, ao parecer, como deſpois contava, de vinte e ſinco annos, o geito, e trajo de eſtrangeiro, o veſtido roxo, e comprido, os pés deſcalços, mas airoſo, e gentilhomem. Perguntado, que queria, diſſe, que fallar á profeſſa do dia atraz, e darlhe hum recado, que trazia. Perguntado quem era, reſpondeo, que a profeſſa o ſabia. Tornou a Rodeira, dizendo, que naõ baſtava ſabello Sor Margayda, que tambem o havia de ſaber a Madre Prioreſſa: quanto mais, que naõ era coſtume virem á Roda as Freiras moças, e menos as profeſſas de pouco: que lhe déſſe o recado, ou ſe foſſe embora. Rioſe o mancebo, e fez logo ambas as couſas. Poz na Roda hum pedaço de pano, dizendo, que era pera a profeſſa nova, e virou as coſtas. Vendo a Rodeira, que ſe hia, fez iſtancia por ſaber quem mandava o pano, e recebeo a meſma repoſta, que dera primeiro, que a profeſſa o ſabia, e naõ parou mais. Foyſe a Rodeira á Prioreſſa com o pano. Vioſe que era Eſcarlatim branco fino. Requerida Sor Margayda, que diceſſe quem lhe mandava aquelle pano. Reſpondeo com a ſua ſimplicidade, e boca cheya de riſo, que quem lho havia de mandar ſe naõ ſeu Eſpoſo, pera fazer as váſquinhas, que na profiſſaõ lhe pedira. Criou eſta repoſta nova curioſidade em quantas ſe achavaõ preſentes, pera chegarem ao cabo com caſo taõ novo. Porque olhado o pano era do ordinario, que as Freiras uſavaõ em váſquinhas, e medido, tinha ſeis covados em que havia ao juſto duas váſquinhas. Correm a Roda, chamaõ pollos que eſtavaõ de fóra, que naõ eraõ poucos, perguntaõ pollo mancebo, daõ os ſinais que a Rodeira notara. Aqui foy o paſmar: porque todos a huma voz affirmavaõ, que tal homem naõ viraõ de ſeus olhos, nem dentro, nem fóra da Portaria. Aſſi honra o Senhor a ſancta innocencia. Porque como ſe paga muito de coraçoens ſingellos, parece que ſe deleyta em tratar com elles, ao modo, e pollos meſmos termos, que faz hum Pay amoroſo com hum filho mi-

nino, e mimoſo, acomodando áquella idade obras, e palavras, e até geitos, E meneyos puerys. E quem aſſi o fez no que menos importava, de crer he, que no ſubſtancial da ſalvaçaõ lhe manteria milhor o cumprimento de ſua petiçaõ, conforme a ſua Divina ſentença. *Qui in paruo fidelis eſt, erit in magno.* Porque ſabemos, que Sor Margayda procedeo até o fim da vida, com obras dignas da ſimplicidade da profiſſaõ, e acabou ſanctamente, recebidos todos os Sacramentos por Janeiro do anno de 1598. e ficou em memoria, que era filha de Fernaõ Borges, e de Dona Genebra de Brito; e o ſucceſſo referido com ſua profiſſaõ, foy no de 1547. ſendo Prioreſſa a Madre Sor Margayda de Mello, e Provincial o Meſtre Frey Franciſco de Bovadilha.

Matth.

1598.

1597.

CAPITULO XVIII.

Das Madres Sor Jeronyma do Preſepio: Sor Guiomar de Sancto Agoſtinho, e Sor Antonia de S. Paulo.

NAõ paſſaraõ dous mezes inteiros entre a morte da innocente Sor Margayda, e a muy penitente, e pacientiſſima Sor Jeronyma do Preſepio, que aqui tem ſeu lugar. Porque Sor Margayda acabou por Janeiro de 1598. como fica apontado, e Sor Jeronyma em ſete de Março do meſmo anno. Sabemos deſta Madre, que em quanto viveo, teve por coſtume levantarſe ás duas horas deſpois da meya noite, caminhar pera o choro, e quando delle ſahia, hiaſe pollos lugares em que as Conſtituiçoens obrigaõ a ſilencio, procurando com vivo zelo, que ſenaõ quebraſſe. Pera poder aturar eſta vida, tinha grande remedio no leyto, que a agaſalhava. Porque o colchaõ era taõ ſingello, e mal provido de lam, que nenhuma ſubſtancia havia nelle, nem mais, que nome de colchaõ; e pera que ainda aſſi foſſe menos o alivio da jazida, tinha ſemeada de pedaços groſſos de páos, e ladrilhos, a taboa, que o recebia. E as mantas, que o cubriaõ, eraõ de hum pano baſto, e ſeco, pouco aventejado de burel. E ſendo muitas vezes doente, de ereſipula, e febres agudas, nem melhorava de cama, nem deixava de ſeguir as Communidades. Como tinha o nome do Preſepio, era devotiſſima do Redemptor nelle. E os treze dias, que ha deſdo Naſcimento até a vinda dos Reys, era o choro ſua continua morada, dia, e noite, acompanhandoo com rios de lagrimas, como ſe com elle ſe achara no Portal de Belem; e o meſmo fazia na ſomana Sancta, vigiando as duas noites de feſta, e ſabbado da Paixaõ até a Reſurreiçaõ. Sentio a natureza, inda que robuſta, o peſo do trabalho. Geroufelhe hum Cancro ſobre os peitos de grande martyrio: e ſendo taõ terrivel o mal, andou hum anno, e meyo ſem acabar conſigo largar hum ſó dia os rigores coſtumados. Quando foy pera a Enfermaria, onde a levaraõ á pura força, levava já huma chaga aberta taõ podre, e aſqueroſa, que naõ havia criatura, que lhe pudeſſe ter o roſto direito. E ella eſtava taõ paciente, que naõ ſó ſenaõ queixava, mas acontecia acharemna

as

as Religioſas, que a viſitavaõ, com as mãos juntas, e levantadas ao Ceo, dando graças a Deos. E algumas vezes, que a força do muito, que padecia, a obrigava a dezejar a morte, dizia, como outro S. Martinho; muito dezejo, meu Deos, chegar a vervos. Mas ſe vós ſois ſervido, que ſe dilate eſte inferno de dores, e tormento, naõ refuſo o trabalho. Cumpraſe voſſa ſancta vontade. E todavia, quando ſoube que o medico mandava, que a ungiſſem, foy tamanho ſeu prazer, que partio com elle dos mimos, que tinha de doente. E entrou em morrer com tanto animo, que acompanhou a Communidade no officio da Agonia, e Ladainha, como ſe fora huma das mais ſãas; e o que mais eſpantou, foy, que acabado o officio pedio a huma Madre, que lhe leſſe alguma couſa devota, e começando a Madre a Paixaõ, diſſe, que naõ haveria tempo pera tanto: que leſſe antes os Hymnos de Noſſa Senhora. Foylhos rezando; e quando chegou ao verſo, que diz. *Vt videntes Ieſum ſemper collætemur*, foyſe com elle. Era eſta Madre a que teve a revelaçaõ da morte de Sor Maria Bautiſta, e irmã de Sor Iſabel do Preſepio, de quem atraz eſcrevemos.

A Madre Sor Guio mar de S. Agoſti.

A Madre Sor Guiomar de S. Agoſtinho filha de Gonçalo Mendes de Menezes, entrou neſte Moſteiro de idade de ſeis annos; e como ſe criou entre os fervores da devaçaõ do Sanctiſſimo Sacramento, que nelle ſaõ ordinarios, como logo diremos, e que entaõ eraõ mais vivos: foy bebendo com os annos aquelle eſpiritu; e creſceo tanto no amor, e veneraçaõ da divina Hoſtia, que todas as vezes, que ſe achava diante della, naõ eraõ ſeus olhos menos, que duas groſſas fontes de lagrimas. E naõ cuide ninguem, que he iſto genero de encarecimento, tanta era a agoa, que naõ lhe baſtavaõ lenços, nem toalhas, corria até o chaõ, e regavao de ſorte, que por ella era conhecido o ſeu lugar. Vivas eſtaõ muitas Religioſas, que viraõ o que digo, e o contaõ hoje, e por ſeu teſtemunho o eſcrevo. E com tudo, peço aos que ſaõ de duro affecto em chorar, e polla meſma rezaõ, mais duros em crer, que naõ deponhaõ o eſcrupulo, até fazerem por ſy nova informaçaõ. He o Divino Eſpiritu fonte viva de fogo eterno, que ateado naquella alma, por conſideraçaõ de ſua bondade, e da infinita miſericordia, com que quiz ficar comnoſco até o fim do mundo, por modos, e meyos taõ amoroſos, levantava nella incendios, que derretiaõ, e faziaõ eſtillar pollos olhos o coraçaõ, com huma ſuave, e voluntaria chuva. E tal era neſte paſſo a aprehençaõ de todas as potencias da alma, que paſſando della ao corpo, como he ordinario, opprimiaõ, e faziaõ força aos membros, e humanidade, com tal violencia, que a vieraõ a ſecar, e mirrar: e aos dez annos de profeſſa étyca confirmada. Aqui eſpantava mais a abundancia do humor em hum corpo, que já naõ era mais, que huma notomia, e armaçaõ de oſſos. Parecia obra, e dom celeſtial, e moſtrouſe, que o era no fim da vida, tendo recebido o ſagrado Paſto por Viatico: e vivendo todavia alguns dias mais, tor-

nou

nou com inſtancia, e pedio, que lho tornaſſem a miniſtrar, pera ſatisfazer a ſeu Amor, e poder ſofrer a dilaçaõ, que lhe fazia a vida, em ſe hir lograr delle, face, a face. Naõ ſe atrevia a Prelada em conſentir tal, porque a demaſiada fraqueza, a tinha reduzido a termos, que era forçado pera naõ acabar de eſpirar acudiremlhe por momentos com apiſtos, e ſubſtancias. Todavia inſtando, e movendo todas a piedade com as ſaudades, que tinha do bom Senhor, foylhe reſpondido huma tarde, que ſe ſe atreveſſe a paſſar ſem tomar nenhuma couſa da meya noite até polla menham, em tal caſo teria licença, e a conſolaçaõ, que dezejava. Alegrouſe com a promeſſa, animouſe com a eſperança, e foy o Senhor ſervido, que póde paſſar deſdas dez horas da noite, até as ſeis do dia ſeguinte, em que commungou com hum extremo de eſpiritual alegria. Mas naõ ſe acabava de deſpedir aquella, morrendo a cada paſſo. Foylhe durando a vida em conjunçaõ, que entrava a ſomana Sancta, e tornou a entrar em novos dezejos de ver o Senhor á quinta feira na Igreja. Inſtou, requereo, chorou, porque a levaſſem ao Choro. Porem naõ ſe atreveraõ as Madres a bullir com ella, temendo, que lhes eſpiraſſe entre as mãos. Eſtava queixoſa, e triſte, ſenaõ quando ſe troca ſubitamente em alegre, conſolada, e rizonha. Dizendo ás que entravaõ a vela, que fizeſſem reverencia ao Santiſſimo Sacramento, que alli eſtava, e apontava o lugar, e modo com que eſtava; e porque algumas faziaõ duvida, affligiaſe, e dizia. Como póde ſer, Madres, que naõ vejaõ a fermoſura daquella ſagrada Hoſtia? bemdito ſejais meu bom Senhor, que aſſi quizeſtes conſolar eſta pobre criatura com voſſa Omnipotencia. Durou inda até ultima oitava da Paſchoa, tres dias de Abril de 1603. e ſempre tanto em ſy, que na Ladaynha do officio da Agonia, quando a Communidade dizia, *ora pro ea*, reſpondia ella, *ora pro me*. 1603.

A Madre Sor Antonia de S. Paulo.

Com ſemelhante viſaõ, e a meſma companhia acabou ſua carreira a Madre Sor Antonia de S. Paulo, paſſados 30. dias, aos quatro de Mayo do meſmo Anno de 1603. Confeſſo, que dezejei deixar correr a pena no que temos, que dizer della. Porque ſendo o fim das Hiſtorias Eccleſiaſticas, naõ ſó dar memoria aos bons ſujeitos defunctos, mas tambem doutrina com elles aos que vivem, e a quantos ao diante as lerem, ſem duvida fora emprego de proveito, pollas muitas, e grandes partes de perfeiçaõ, que neſta Madre concorreraõ; mas viſto, como convem abreviar, pera podermos abranger ao muito que nos reſta da Provincia, offereço ao Leytor a boa vontade, e em poucas regras o que merecia muito papel. Em tres virtudes ſe avantejou Sor Antonia, com exceſſos notaveis. Humildade, pobreza, e oraçaõ. Era a ſua humildade no officio de Meſtra de Noviças, que fez quinze annos continuos, naõ perſuadir, nem mandar nenhuma couſa de palavra, que primeiro naõ enſinaſſe por obra, inda que foſſe em exercicios muy abatidos, a tudo ſe humilhava. As moças enſinava a ler, e eſcrever, 1603.

crever, e cantar, e entender o Ordinario, e ceremonias da Ordem, com huma eſtranha paciencia. E podendoo fazer por maõ alheya, e livrarſe do trabalho, que he desbaſtar aquella primeira rudeza, naõ queria, que deveſſem o enſino a outrem, e até com as mininas fazia o meſmo officio, com huma brandura, e entranhas de mãy, mais que de meſtra. Fazendolhe o Convento força em huma eleyçaõ de todos os votos com que ficou Prioreſſa, aſſi ſentio verſe obedecida, e reſpeitada, que lhe ſervio o cargo de ſe prover de letras Apoſtolicas, pera nunca mais entrar em outro. Mal ſe acha em mandar, quem tem feito habito, e goſto de obedecer, e ſervir. Mandando, e obedecendo, ſempre ſe eſmerou em ſer pobre. Nunca teve tença: nunca depoſito, tendo irmãos Commendadores de S. Joaõ, ricos, e amigos. Sendo eleyta Prioreſſa mandoulhe hum delles quantia de cem mil reis em peças de prata, e ouro: tomoulhe tudo, dizendo, que aceitaria a liberalidade, ſe foſſe pera acudir ao ſerviço da Communidade, naõ ao ſeu particular; porque naõ havia miſter ouro, nem prata, quem ſe contentava de veſtir ſaco, e comer em pratos de pao. Na ſua cella naõ havia couſa de valia. Huma barra ordinaria, com hum colchaõ quaſi vazio, e hum meyo cubertor em que ficava como amortalhada, quando ſe cubria, e em tal cama dormia ſempre veſtida. Habito ſe lhe naõ ſoube nunca, ſenaõ velho, e remendado: porque buſcava, e achava traças, pera trocar o novo, com quem lhe dava o velho, e o uzado, com quem lho dava remendado. Aſſi exercitava juntamente humildade com pobreza. O meſmo lhe acontecia no poſſe da cella: ſe lhe parecia, que alguma Religioſa eſtava peor agazalha, convidavaa com a ſua: e aſſi a obrigava com rogos, como ſe na troca ficara de ganho. Couſa foy averiguada em toda a Communidade, que nunca ouve quem lhe viſſe comer a reçaõ do Refeitorio, nem por feſta, nem nos outros dias. Buſcava a quem a dar, e contentavaſe com alguma pouca couſa, do que ſe dava aos pobres da porta, que era quaſi ſempre paõ, e caldo, ſem mais. Perpetuo, e aſperrimo jejum. Sua oraçaõ era continua, e aturada mais, do que ſe póde encarecer. Pera as horas do Choro ſempre ſe adiantou aos ſinos, e com tal pontualidade, que nunca ſe achou, que fizeſſe venia, por acudir tarde. E com tudo dobrava deſpois todo o officio, e ajuntava hum Pſalteiro inteiro cada dia: pera ſuprir tanta reza cortava pollo ſono, levantandoſe de ordinario á huma deſpois da meya noite, e a eſta hora, ou a qualquer outra, que acordava, tinha por coſtume, ſem paſſar noite alguma, darſe huma grande bofetada, em lembrança, e reverencia das que recebeo o bom Jeſu em ſua ſagrada Paixaõ, e ajuntava as palavras de ſua repoſta. *Si male locutus ſum, teſtimonium perhibe de malo*; ſerviaõlhe pera encurtar o ſono, a fraca mantença, que uſava. Porque alem de ſer taõ pouco em ſubſtancia o que comia, e ordinario, como atraz diſſemos, jejuava a paõ, e agoa todas as ſeſtas feiras do anno,

e o

e o paõ naõ havia de ſer alvo, nem mole, buſcavao naõ ſó duro, ſeco, e negro, mas tambem ſe o achava bolorento, e pera inteira mortificaçaõ acompanhava tal jejum com tres circunſtancias de grande merecimento, que eraõ, diſciplina riguroſa, inviolavel ſilencio, e particular oraçaõ. Tambem jejuava a paõ, e agoa todas as veſperas das feſtas de Noſſo Senhor, e de noſſa Senhora, e dos Apoſtolos, e Santos da Ordem. E os dias de ſua mayor devaçaõ feſtejava, com manter nelles ſilencio; o meſmo fazia na ſomana Sancta, paſſando as duas noites de feſta, e ſabbado, até a Reſurreiçaõ em vigia, e oraçaõ continua. No que tinha por companheira a Madre Sor Jeronyma do Preſepio, como atraz contamos. No tempo de Prelada era taõ zeloſa da obſervancia, e taõ inteira na guarda della, que nenhum defeito deixava paſſar, ſem a pena, e ſatisfaçaõ das Conſtituiçoens. Se via alguma Religioſa mais curioſamente toucada do ordinario: aſſi ſe benzia della, aſſi gritava pollo nome de Jeſu, como ſe vira o Diabo: e perguntada polla cauſa, affirmava, que o via em tais cabeças. Aborrecia-ſe muito dos negocios temporais, largavaos todos á Supprioreſſa: e ſô vigiava, e aſſiſtia nos que tocavaõ ao eſpiritual, dizendo ſempre, que pera o eſpiritual ſe ordenaraõ os Moſteiros: ſe eſte andaſſe direito, e em ſeu ponto, Deos acudiria pollo temporal: e quando ouveſſe de haver quebras, mais valia ſofrellas na fazenda, que no concerto da Religiaõ. Quando o Senhor foy ſervido dar remate a ſeus trabalhos, adoeceo de febres, que a tiveraõ alguns mezes na cama. Aqui reſplandeceo ſua paciencia, ſofrendoas com tanta paz, e ſilencio, que ſe lhe naõ ouvia palavra; ſenaõ a que naõ podia eſcuſar. Todo ſeu trato era com Deos, por meyo de alta contemplaçaõ. Tendo recebido todos os ſacramentos, e eſperando polla hora, que lhe havia de deſatar as prizoens da carne, entrou em huma eſtranha quietaçaõ, eſtranha, e nova pera em tal paſſo: e pedia ás amigas, que lhe naõ fallaſſem, que a inquietavaõ. Do que ficando eſpantadas, affirmoulhes, que eſtava alli preſente o Sanctiſſimo Sacramento, que convinha eſtarem com reverencia, e ſem praticas. Acreditou a viſaõ, de que ſó ella foy teſtemunha, tanto ſua vida paſſada, como a conjunçaõ, que era de morte. E verſe, que eſtava em todo ſeu perfeito juizo. Aſſi acabou na viſta, e braços do Divino Eſpoſo. E podemos dizer, como outro Moyſes. *In oſculo Domini.* Gen. E aconteceo, que ſendo ſeu roſto naõ ſó pallido, e denegrido toda a vida, do muito trabalho, que levava, mas hum retrato da morte, quando acabou de eſpirar, ficou claro, fermoſo, e bem corado, como quem repreſentava a luz da gloria, que a eſperava. Honraraõ as Religioſas ſua ſepultura, como de ſancta, com campa, e letra, que dizia aſſi: *Aqui jaz a Madre Sor Antonia de S. Paulo, Prioreſſa, que foy deſte Convento: cuja vida, e penitencia foy de muito exemplo: Falleceo a 4. de Mayo de* 1603. Eſta memoria durou mais de vinte annos, até que ſe lageou o ſitio todo de pedraria de cores.

cores. Entaõ lhe aconteceo a meſma deſgraça, que teve a da Infanta D. Catherina neſta meſma Caſa, como atraz contamos.

CAPITULO XIX.

Das Madres Sor Mariana de Jeſus; Sor Leanor do Roſario, e Sor Catherina das Chagas.

COm as tres Religioſas, que o titulo deſte Capitulo offerece, daremos fim ao que achamos em lembranca das que povoaraõ eſta Caſa. Tem ſua Hiſtoria muita eſtranheza polla qualidade dos ſucceſſos, que nella veremos, e he juntamente muito verdadeira (que he o que mais ſe eſtima nas que eſpantaõ) porque todas tres viviaõ ha menos de quinze annos; e no tempo que a vamos eſcrevendo, vivem tantas Madres das que as converſaraõ, e trataraõ, que quaſi tem por teſtemunhas todo o Moſteiro.

A Madre Sor Mariana de Jeſu

A Madre Sor Mariana de Jeſu, primeiro nomeada, tinha dezoito annos de idade, e hum, e meyo de profiſſaõ, quando a chamou a morte por meyo de huma larga doença, que veyo a parar em hum ſobimento de ſangue á garganta taõ furioſo, que repentinamente lha cerrou, e impidio de maneira, que nem huma gota de agoa podia paſſar, e o fallar lhe cuſtava muito trabalho. Mandaraõ os medicos, que trataſſe dos remedios da alma, deſeſperados dos da vida. Era a enferma hum bemdito eſpiritu, e devotiſſima do Sanctiſſimo Sacramento. Confeſſouſe, e vioſe ungir, e viaſe acabar, e chorar das amigas: mas naõ ſe podia perſuadir, que havia de conſentir o Divino Eſpoſo, que entraſſe no trago da morte, ſem a conſolaçaõ de ſeu ſancto Corpo em Viatico, e ſoccorro de tal jornada. Paſſaraõ dous dias provandoſe varios remedios, e ſem afroxar o mal com nenhum. Quando amanheceo o terceiro, torna ſobre ſy cheya de novo esforço, e animo: chama huma irmã ſua, tambem Religioſa, que a acompanhava: mandalhe que diga á Prioreſſa, que o Senhor era ſervido de a levar daquelle mal, mas naõ ſem a miſericordia de receber ſeu ſancto Corpo. Sem embargo do aperto da garganta, que por ſancta charidade lho faça miniſtrar logo. Fez eſpanto a facilidade com que fallava, tanto na certeza da morte, como na confiança de poder paſſar o Viatico: e perguntada, donde lhe naſcia? contou, que pouco antes entrara alli huma Freira, que naõ conhecera, e a certificara de huma, e outra couſa. Mais cuidado deu quem poderia ſer a Freira deſconhecida, pera quem conhecia todas. Perguntada pollos finais, conformavaõ todos em ſer Sor Guiomar de S. Agoſtinho, fallecida dez annos atraz. E vereficaraõſe mais com outra informaçaõ, que deu ao Confeſſor. Paſmavaõ todas como ſe atrevera a fallar com ella ſem medo; e a doente reſpondia, que a vira taõ alva, e taõ gentil mulher, que naõ ſó lhe naõ fizera pavor, mas lhe communicara alento, e alegria. Cumprioſe pontualmente a revelaçaõ; porque donde d'antes naõ podia paſſar, nem agoa: commungou com facilidade de ſam. E porque ſe viſſe, que era obra do Ceo, em acabando de

commungar, tornou a garganta ao aperto primeiro, com que ſe affogava. E pouco deſpois ſe foy em paz pera o Ceo em 26. de Março de 1613. Era eſta Religioſa filha de Dom Antonio de Noronha.

1613.

A Madre Sor Leanor do Roſario. 1614.

Com differente aviſo, mas tambem do Ceo, ſe ouve por deſenganada da vida, logo no anno ſeguinte de 1614. a Madre Sor Leanor do Roſario, filha do Doutor Joaõ Luis Affonſo, e de Dona Marcella de Meſquita, naſcida na cidade do Porto, e bautiſada na Sé della. Repreſentouſelhe hum dia, pollas oito horas da manhã, eſtando na cella, que via hum ajuntamento de gente, de que ſahia huma confuſa armonia de vozes, que parecia cantavaõ o officio, e oraçoens, com que na Ordem ſe lançaõ á terra os que ſepultamos: e mais diſtinctamente ouvia o Reſponſo *Antequam naſcerer, &c.* Ficando aſſombrada na primeira viſta, valeoſe de conſiderar, que eſtava com boa ſaude, lançou fóra o medo. Mas adoecendo dous dias deſpois, logo ſe deu por morta, e aſſi o publicou, como ſe tivera certeza, e revelaçaõ. E na verdade couſas ſe juntaraõ no diſcurſo da doença, que a fizeraõ parecer provada, e certa, por mais que as Religioſas attribuhiaõ tudo a malencolia, e força de imaginaçaõ. Foy a doença huma gota artética, que a jarretou de pés, e mãos, martyriſando a com dores, e a poz em eſtado, que qualquer movimento, por leve que foſſe, e até tomar huma colher de caldo, lhe era tormento intoleravel. Andava em idade de vinte, e oito annos, e tinhá paſſado os dez em huma ſancta continuaçaõ de todos os exercicios riguroſos da Religiaõ, e com grande opiniaõ de virtude nos olhos de toda a Communidade. Aggravouſe o mal, pareceo que morria quando chegou o ſancto dia da Aſcenſaõ. E como he tempo, em que eſte Moſteiro anda todo occupado, e revolto, nos apparatos com que no Domingo ſeguinte celebra a feſta do Sanctiſſimo Sacramento por particular privilegio (como adiante largamente diremos) temiaõ algumas Madres, que ſua morte lhes poderia deſcompor, ou embaraçar a ſolemnidade. Entendeo a Freira o receyo: chamouas, e affirmoulhes (e foy ſegunda revelaçaõ, ou proficia) que naõ tinhaõ de que tomar pena, porque ſua morte naõ ſeria ſenaõ (foraõ palavras ſuas) deſpois de naſcer o ſol tres vezes. Aſſi paſſou aquelle dia, e a ſeſta, e o ſabbado, creſcendo as dores ſem medida, e eſperando ſó na ultima hora o remedio dellas. Quando veyo ao Domingo, que ſe contavaõ onze dias de Mayo, as quatro da manham, naõ ceſſando o tormento das dores, e conſolandoas com as da paixaõ do Redemptor, que huma Madre lhe lia, e ella ouvia com atençaõ, e devaçaõ de ſancta: eis que ſubitamente ſe treſpaſſa toda, como de paroxiſmo de morte, fica ſem cor, e ſem falla, e em eſtado, que pareceo, que eſpirava. Mas naõ tardou em tornar, e logo levantando a voz, começou a pronunciar com grande afflicçaõ, porem clara, e diſtinctamente as palavras ſeguintes. Acudaõ, acudaõ, naõ ſabem o que vay. Arde o mundo. Dous homens levaõ o Sanctiſſimo Sacramento do Altar.

Peſſaõ

Peſſaõ miſericordia. Imaginaraõ as Religioſas, que lhes lembrava, que pediſſem por ella, miſericordia, como he coſtume da Caſa, ao eſpirar de quem morre. Reſponderaõ a eſte ponto, naõ entendendo os outros: que ainda naõ era tempo. E ella com mayor energia tornou, dizendo: Sim he tempo, peſſaõ a Deos miſericordia por todos, que eſtá muy irado, e ſeja logo, logo; naõ cuidem, que he treſvalio; que Deos me manda, que diga tudo iſto; e repetia muitas vezes: Arde o mundo, arde o mundo. Era terceira revelaçaõ, e as companheiras taõ longe de a entenderem, que ouveraõ tudo por deſatino de quem ſe finava. Mas ella torcendo as mãos, e apertandoas ſobre o roſto, com geito, e moſtras de grave ſentimento, dizia: Já o levaraõ: e reſpondendolhe huma, que ſy levavaõ, e com grande feſta; porque a via, que fallava da prociſſaõ, que começava a ſahir com extraordinaria feſta: tornou, dizendo deſconſoladamente. Naõ vay elle por certo com feſtas. E logo levantando os olhos a hum Crucifixo, que tinha diante, começou a fazer huma muy clara, e advertida confiſſaõ dos myſterios da fé Catholica, e por remate tornou a repetir brádando, as palavras primeiras. Arde o mundo, e ajuntava. Mandame Deos, que o diga. Proſeguindoas com tanta efficacia, e continuaçaõ, que as Freiras de cançadas, de a ouvir, lhe diſſeraõ, que a Prioreſſa mandava, que ſe callaſſe. Mas ella perſeverava, e dizia, que naõ havia callar, quando Deos mandava fallar. E pedindo, que lhe chamaſſem a Prioreſſa; quando a teve diante, diſſelhe em preſença de todas, que dous homens levavaõ furtado o Sanctiſſimo Sacramento: e aviſoua em ſegredo de outras couſas, em que ella naõ advertio, nem quiz fazer caſo de nenhuma, julgando todas por deſvarios da enfermidade, ſem embargo, que a doente ſe affirmava, que eraõ verdades, e naõ delirios. Paſſado iſto, entrou ſobre tarde a morrer. E pera prova de ſerem verdadeiras as tres revelaçoens apontadas, podemos dizer, que ouve quarta. Porque aviſou as Enfermeiras, que havia logo de perder a falla, mas naõ o juizo: que eſtiveſſem advertidas em lhe acudirem, até acabar, com o Sanctiſſimo nome de Jeſu. E verificouſe, porque tolhendoſelhe a falla, ficou tanto em ſy, que todas as vezes, que lhe diziaõ o ſancto Nome, fazia com geſto, e olhos, ſinais de reverencia, e aſſi ſe foy a elle no meſmo dia. E foy dada á terra a ſegunda feira na propria hora em que vira, e ouvira o ajuntamento, e muſica funeral, que atraz diſſemos. A revelaçaõ mayor, que entaõ naõ foy crida, nem entendida, ſe averiguou, e confirmou dentro de poucos dias, com graviſſimo ſentimento da Cidade, e de todo o Reyno, publicando-ſe o atrevido inſulto, e nefario ſacrilegio, com que no meſmo dia, e hora, que a defuncta o revelou, foy furtada do Sacrario da Sé do Porto a Cuſtodia do Sanctiſſimo Sacramento com todas as ſagradas Hoſtias, que nella havia. E como em tal caſo fez o ladraõ infiel de ſua parte toda a injuria, que pode ao Redemptor, renovando

vando com a deſcorteſia, e atrevimento, as que noutro tempo lhe tinhaõ feito os Judeos na Carne mortal; ouveſe o Miſericordioſiſſimo Senhor com eſte Moſteiro, e com a ſancta Donzella filha delle em ſeu nome, como ſe coſtuma haver no mundo hum amigo com outro, que muito ama, communicandolhe ſua afronta, e ſuas magoas. Grande, e ſoberana honra deſta Caſa, grande, e evidentiſſimo ſinal, de que ſe agrada do ſerviço, que nella lhe fazem ſuas moradoras, e entaõ actualmente lhe faziaõ. Aſſi procuraraõ logo as Religioſas authentica a revelaçaõ diante do Ordinario, e ficou provada com ſentença, e autos publicos, que ſerá rezaõ guardaremſe, como eſtromento de honra, e nobreza. Affrontaſte ſacrilego, e mais que infiel ladraõ hum Reyno inteiro, que naõ tem mayor bem, que a pureza da fé, que por todas as idades profeſſou: e que por ſe prezar de fiel, tem por armas as Chagas do meſmo Salvador. Affrontaſte mais huma illuſtre Cidade, que ſe preza de ter dado o nome a eſte Reyno; porque em ley de cortezia, a affronta, que qualquer hoſpede recebe em caſa alheya, mais he do dono da pouzada, que do proprio, que a recebe. Por onde a meſma ley nos eſtá obrigando a todos os Portuguezes, e a ella a naõ ter hora de goſto, nem deſcanſo, até tomarmos de ty, quem quer que ſejas, inteira vingança. Poder tem o hoſpede; que deſpois de morrer pollos homens, taõ francamente fia delles, que ſe offerece a todos como lyrio do campo, e nao quer ſuas Igrejas guardadas com guardas, como praças militares; pera vingar a ſua, e noſſa injuria: aſſi como a revelou no lugar onde o eſtavamos venerando, e ſervindo. Mas a malicia deſta eſtá pedindo, que deſejemos lavar as mãos em ſeu ſangue, ſem eſperar fogo a vinganças do Ceo; mas he tempo de tornarmos á noſſa Hiſtoria.

A Madre Sor Catherina das Chagas, era taõ compaſſiva, e charidoſa, ſobre outras ſanctas calidades em que ſe ſinalava, que tudo quanto podia haver, dava aos pobres. No Dezembro em que acabou o anno de 1618. aconteceulhe ouvir de noite huma voz magoada, e triſte, de hum pobre, que ſe queixava, que perecia de frio. Era iſto na rua, que corre por baixo dos arcos, que eſtaõ junto do Choro: taõ penetrada ficou de piedade, que ſe foy á Prioreſſa, e pediolhe licença pera remediar aquelle neceſſitado com o ſeu cubertor. Negoulha ella com prudencia, e com a regra de Theologia, que a Charidade bem ordenada começa polla propria peſſoa: que ſe ella naõ tinha mais, que hum cubertor, em que ley cabia dallo, e ficar ſem abrigo na força do inverno, e de grandes frios? quanto mais, que ao pobre naõ faltaria outro remedio, e ella naõ tinha quem lhe déſſe outro cubertor. Deteveſe Sor Catherina, vendo ſe podia dobrar a Prioreſſa, que naõ tinha por menos branda; e em fim conhecendo nella, que ſentia ſua pena, e a do pobre, propos em partido, que lhe deixaſſe dar ametade do cubertor. E dizem, que ajuntou eſtas palavras: Porque Madre Prioreſſa, eſte já me naõ ha de ſervir mais, que no preſente

A Madre Sor Catherina das Chagas.

1618.

ſente inverno, e pera taõ pouco tempo, ametade, que me fique, he aſſaz. Naõ ſe atreveo a Prioreſſa a encontrar tanto fervor, e ella cheya de alegria partio logo o cubertor em dous, como S. Martinho a capa: e em amanhecendo fez cubrir o pobre. Temos hum Deos taõ liberal, e grandioſo, que nenhuma obra boa deixa ſem paga, e as que ſaõ taõ extraordinarias, nunca lhes alonga o premio. Paſſados alguns dias deſpois da Paſ-
619. choa do anno de 1619. entrou eſta Madre na cella da Prioreſſa, e diſſelhe, que podia buſcar alguma Freira em ſeu lugar: porque lhe fazia a ſaber, que muito depreſſa deſpejaria o que alli occupava, e começoulhe a communicar couſas de ſua conſciencia, e por remate lhe contou, que na entrada da Quareſma tivera hum ſonho, em que vira huma comprida prociſſaõ de muita, e varia gente, rica, e pompoſamente veſtida, que paſſava, cantando com vozes de celeſtial melodia o Hymno. *Æterne Rex altiſſime, &c.* E levava entre ſy huma Freira defuncta: e parecendolhe contradiçaõ roupas de feſta, e cantos de gloria com mortuorio, perguntara, quem era a Freira, e lhe fora reſpondido, que Sor Catherina das Chagas. Aſſombroume, acreſcentava, o pavor de me ouvir nomear por morta, e com elle eſpertei. Mas a fermoſura do eſpectaculo, que vy, e a ſuavidade da muſica, que ouvi, me aſſentou na memoria de maneira, que nunca mais me ſahyo della, nem poſſo cuidar, que foſſe ſonho dos ordinarios, o que aſſi me tem penetrado. Juntaõſe a iſto outras couſas de tempo atraz, e todas juntas tiro, que ſem duvida eſtou no cabo: e muito cedo hey de acabar. Deſpedioſe a Prioreſſa ſem fazer caſo do aviſo, porque a via com perfeita ſaude, e que naõ ſofria falaremlhe em viſoens; porque ſem as crer lhe faziaõ medo. Porem ella fez ſua profecia, ou malencolia taõ verdadeira, que aos quinze dias deſpois deſta pratica, adoeceo, e veyo a acabar na veſpera da Aſcençaõ, e no ponto, que no Choro ſe começava a cantar o Hymno, que no ſonho ouvira. *Æterne Rex altiſſime, &c.* E na verdade com morte de ſancta, e merecedora da companhia, que vira no ſonho, eſtava morrendo, e dizia, rindo, á Prioreſſa: Já agora noſſa Madre naõ poderá deixar de me dar credito.

CAPITULO XX.

Da grande, e particular devaçaõ com que neſte Moſteiro he ſervido o Sanctiſſimo Sacramento, e das cauſas, e motivos, que lhe deraõ principio.

NA grande, e geral calamidade de Peſte com que Deos Noſſo Senhor foy ſervido caſtigar eſte Reyno no anno de 1569. coube a Lisboa a mayor parte, porque em menos de dous annos, que nella durou; ſe affirma, que levou mais de ſetenta mil almas. Naõ ficou couſa viva, que naõ derribaſſe o mal, ou naõ aſſombraſſe o medo. Naõ havia caſa em tamanha cidade, que naõ penetraſſe a morte; em fim, como em declarada corrupçaõ de Ar, padecia tudo; e como em fogo do Ceo, naõ valia arte, nem cautela, nem remedio 1569.

medio pera eſcapar. E puderaſe temer ruina geral, e aſſolamento de todo o povo, ſe com tempo ſenaõ valera dos pés huma grande parte. Deſpejaraõſe os Moſteiros quaſi todos. Fugiraõ pera os montes os ricos, e ſenhores de grandes familias, em demanda de Ares mais puros; ſó o Moſteiro do Salvador em tamanho diluvio de males, foy a Arca de Noe, que perecendo o mundo ſalvou os que nella ſe acharaõ. Foy a Sarça de Moyſes, que ſercada de fogo naõ ardeo; quiz o Senhor moſtrar, que de todo o mal da cidade, elle era o Autor, e a cauſa, como o diſſe em tempos antigos por hum Profeta. Quiz que viſſemos, que elle era o guarda, e tinha de ſua maõ eſte Monte Sion. Manifeſto final, que ſe manda caſtigos por peccados, era aqui perfeitamente ſervido. Os meyos, e modos diremos brevemente, inda que fora juſto, naõ encurtar rezoens humanas, onde as miſericordias Divinas ſe eſtenderaõ com grande largueza. Como paſſava de quarenta annos, que Lisboa naõ vira ſemelhante praga, ouve nos principios muita ignorancia na cura, e pouca cautella na guarda, e ſeparaçaõ dos enfermos, que foy o meſmo, que ajuntar lenha a grande incendio; e dar occaſiaõ a ſe penetrar tudo da contagiaõ. Quanto aos Moſteiros, naõ ſe apreſſaraõ os Prelados em dar licença pera deſpejarem, ou fazendo conta de ſuſtentarem a clauſura em todo acontecimento, ou eſperando melhoria no mal. Entre tanto creſceo o fogo taõ deſenfreadamente, que deraõ por acabado tudo, e como em caſo deſeſperado, publicaraõ liberdade geral, pera todos os Religioſos, e Religioſas, que quizeſſem ſahir pera caſa de pays, e parentes. Havia neſte Moſteiro poucas menos de ſetenta mulheres das portas adentro, entre Religioſas, e ſervidoras. As mais andavaõ enfraſcadas no mal. Porque humas communicavaõ com as mulheres do ſerviço da Caſa (como era forçado pera o provimento de fóra, e ſuſtentaçaõ quotidiana) que ſabidamente, ou andavaõ já tocadas delle, ou tinhaõ enfermos do meſmo entre ſy. Outras tinhaõ recolhido em ſuas cellas fato inficionado de parentes, auzentados já com dano, e doença. O bairro, como he valle fundo, e humido, ardia em peſte. Neſte eſtado eſtavaõ as couſas, e havia já permiſſaõ pera ſe hirem as que tiveſſem commodo, quando a Prioreſſa começou com grande animo a pôr em pratica, que naõ ouveſſe quem por medo de mal incerto de caſa, ſe arriſcaſſe ao certo das deſcommodidades dos montes, do aborrecimento dos parentes, da força do ſol, e dos mais ſitios, que tambem mata. Quanto mais, que pois até entaõ com tanto trato, e occaſioens de fato, e gente inficionada, Deos as conſervava em ſaudade, deviaõ ter por certo, que por meyo das ſanctas imagens daquelle Sanctuario, ſe as naõ deſemparaſſem, lha manteria com ſua Omnipotencia. Chamavaſe a Prioreſſa Sor Felipa da Anunciaçaõ: era mulher de grande eſpiritu: e eſte parece, que foy do Ceo. Porque como tal infundio em todas confiança, e reſoluçaõ de morrerem alli a pé quedo, antes

Gen.

Ier.

tes

tes que fazer mudança. Produzio logo a ſancta determinaçaõ hum conſelho tambem ſancto. Trataraõ de pedir a Deos hum protector, que diante de ſua Divina Mageſtade avogaſſe por todas: e aſſentaraõ, que todas, e cada huma das Religioſas apontaſſe os nomes dos ſanctos, e ſanctas de ſua devaçaõ, e poſtos cada hum em ſeu eſcrito, o que por ſorte lhes ſahiſſe, eſſe ouveſſem lhès mandava o Senhor pera Padroeiro. Aprazouſe dia, deuſe o cargo de fazer os eſcritos a huma Religioſa de conhecida virtude (ficou em memoria ſeu nome, chamavaſe Sor Joanna de S. Pedro) foy grande o alvoroço, grande o cuidado, com que todas eſperavaõ o padroeiro, dezejando cada huma, que foſſe o ſeu ſancto. Juntas no Choro, na menham do dia aſſentado, deſpois de encomendarem a Noſſo Senhor com particular oraçaõ, e naõ ſem lagrimas, o effeito preſente: comeſſou a Prioreſſa a entoar o Hymno do Eſpiritu Sancto: *Veni creator Spiritus*, que ſegundo todas eſtavaõ devotas, e da tribulaçaõ geral affligidas, foy mais pranteado, que cantado. Chamouſe logo huma minina de ſeis annos, que ſe criava pera Freira, de nome Maria, e ſobre nome da Piedade, circunſtancias bem acommodadas pera o que ſe pretendia. E poſta em meyo huma boceta com os eſcritos, que a Prioreſſa huma, e muitas vezes, revolveo, e baralhou, mandaraõlhe que tiraſſe hum: tirado, e lido, achouſe, que dizia, Sanctiſſimo Sacramento: alegrou o nome a todas polla boa eſtrea. Mas como a tençaõ era buſcar ſancto, que lhes vaſſe com o Senhor dos ſanctos, e nenhuma dera tal nome, ficaraõ eſpantadas, e deſcontentes da Eſcrivam paſſar a ordem que fora dada: porem ella as eſpantou mais com o que logo referio, affirmando, que na meſma noite deſpois de ter feito os eſcritos, e começando a repouſar, fora eſpertada, ſem ſaber como, nem de quem, e ouvira, que lhe diziaõ, que entre os bilhetes dos ſanctos, lançaſſe hum com o nome do Santiſſimo Sacramento; e julgando a couſa por effeito do ſono, fora ſegunda vez acordada com a meſma repreſentaçaõ, e aviſo. E naõ dando tambem por eſta, lhe quebraraõ da terceira o ſono: e entaõ ſenaõ atrevera a reſiſtir, e por ſe quietar, e dormir eſcrevera o que alli viaõ. Era peſſoa de tanto credito a eſcrivam, que juntandoſe o ſucceſſo ao que contava, puderaõ com rezaõ quietar a Communidade. Mas ouve muitas, que inſiſtiraõ na primeira determinaçaõ, e allegavaõ, que quando o Rey eſtava irado, e offendido, era nova offenſa, e dezacato requerer o culpado cara a cara: e ſó ficava negociar por meyo de validos. Aſſi foy l. 2. c. 1. acordo geral, que a minima tiraſſe nova ſorte. Aqui me faz duvida o que achamos no livrinho, que anda eſcrito deſta Caſa, que attribue a inadvertencia, tornar a entrar a meſma ſorte, e eſcrito com as dos Sanctos; ſendo aſſi, que pera o naõ quererem admittir, era demaſiado deſcuido entre tanta gente, e tantos olhos: e pollo menos, ſe ſuccedeo huma vez, naõ ſe póde crer, que ſegundaſſe: pois nos diz, que ſahio tambem em terceira ſorte: o que ſinto he,

he, que naõ ouve erro: mas que foy conſelho, e muy acertado conſelho, deixallo hir na confiança, e verdade da Eſcrivam; ou que era milagroſo o que ſahio. De qualquer maneira, que foſſe, o certo he, que a minina foy ſegunda vez á boceta, e ſe tornou a achar o meſmo nome do Sanctiſſimo Sacramento. E porque inda a humildade ſenaõ atrevia com tanto bem, foy mandado á innocentinha, que provaſſe a maõ terceira vez. E foy o Senhor ſervido, que terceira vez ſahiſſe a ſorte. Entaõ naõ ouve, ſenaõ proſtrar por terra com lagrimas de alegria, e com graças naõ ſó de eſperança, mas de certeza de ſaude, conſiderando qne o fideliſſimo Eſpoſo as naõ queria fiar de outra protecçaõ, ſenaõ da ſua: no que as confirmava mais a porfia com que tanto lhe tinhaõ reſiſtido. Em fim como em gente, que já tratava de merce recebida, e paga della, ſahio de entre todas hum voto em nome das preſentes, e de ſuas ſucceſſoras, de celebrarem todos os annos *in perpetuum*, com a mayor, e mais ſolemne feſta, que pudeſſem, a memoria deſta merce que tinhaõ por verdadeiro milagre. E pera comeſſarem deſde logo com algum ſinal de agradecimento, aſſentaraõ dizerlhe a ſua Antiphona. *O ſacrum conuiuium, &c.* no fim de todas as horas Canonicas, que ſe rezarem em Communidade. E nunca mais até hoje ſe perdeo o coſtume. Moſtrou logo o Senhor ſeu ſoberano patrocinio em varios caſos. Huma veleira, que comprava, e trazia pera o Moſteiro o neceſſario, andava ferida do mal, e com chagas abertas: hia, e vinha, por toda a cidade, e quando trazia alguma couſa, que naõ cabia polla Roda, abriaſelhe a porta: alli fazia a entrega, fallava, e communicava com quem achava; e andando o contagio taõ pernicioſo, que qualquer Ar fazia effeito de fogo, e polvora, ferindo, e matando tudo junto, aqui nunca danou. Mas iſto naõ era nada em comparaçaõ do que ſe ſegue. Entraraõ dentro huns trabalhadores a fender lenha; deuſelhes de jantar: parecia gente ſam: mas chegando huns gatos a aproveitarſe dos ſobejos, teſtemunharaõ o contrario, cahindo logo á viſta mortos. Da meſma maneira aconteceo recolherſe das portas adentro alguma roupa, de peſſoas ſabidamente mortas do mal; que he o mayor perigo, que ha nelle: e tomarem as Religioſas muitas vezes nos braços mininos de peito, filhos das ſervidoras vezinhas, que ardiaõ em febre, e pouco deſpois ou morriaõ, ou pareciaõ cubertos de poſtemas peſtilenciais. Ultimamente aconteceo, que a huma Madre antiga na idade, e eſtimada por religiaõ (chamavaſe Sor Franciſca de Jeſu) ſe repreſentou dormindo, que via ſobre o alto da Palmeira hum Anjo em acto, que ameaçava deſcarregar ſobre o Moſteiro huma eſpada que tinha nas mãos nua, e notava, que ſe lhe opunha hum Sancto, que pollas inſignias conhecia ſer S. Vicente Martyr, que lhe dizia: aqui naõ, que pedem miſericordia; e o Anjo reſpondia, naõ ſe eſcuſa; e dava ſinco golpes por fóra da Clauſura. Contou a Madre a viſaõ concebendo della grande medo; e vioſe logo,

logo; que fora mais verdade que ſonho, porque amanheceraõ hum dia feridas juntamente ſinco peſſoas, dentro no pateo da roda, entre as mulheres, que ſerviaõ de fóra, com as quais, ſem poder alſer communicava de contino todo o Moſteiro, e todas ſinco acabaraõ em breve. Deſta viſaõ teve origem o coſtume, que inda hoje dura de pedirem todas miſericordia tres vezes em voz alta, ao tempo que o Sacerdote levanta o Senhor nas Miſſas conventuaes de cada dia: e com tudo, de nenhum deſtes comercios reſultou dentro nenhum pequeno aſſombramento do mal. E aſſi paſſaraõ no primeiro, e mayor trabalho.

Paſſado o impeto da doença, purificado o Ar, e tornando o bem da ſaude eſquecida, naõ ouve eſquecimento do voto entre as Madres. Antes trataraõ logo da execuçaõ delle, e pera qae a feſta que fizeſſem luſtraſſe mais, era opiniaõ eſcolher hum dia de veraõ, e ſancto, e livre de outras feſtas. Andando em duvida qual lhes eſtaria melhor, e naõ ſe reſolvendo, ſuccedeo caſo, que as fez determinar. Eſtavaõ á Prima, na Dominga, que cahe entre as oytavas da Aſcençaõ, quando vieraõ á roda certos homens, e ſendo hora que eſtava fechada; porque naõ he coſtume abrirſe, ſenaõ deſpois de Prima: tocaraõ a campainha huma vez, e outra, e taõ importunamente, que a Supprioreſſa acudio em peſſoa por lhe parecer, que ſeria couſa de neceſſidade. Perguntou que queriaõ, diſſeraõ que eraõ muſicos de charamella: ſe as Madres quizeſſem officiar a Miſſa daquelle dia com ſolemnidade, folgariaõ de as ſervir por ſua devaçaõ, e ſem nenhum eſtipendio. Aviſada a Prioreſſa, pareceo que tinhaõ meya feſta feita; manda que ſe ordene tudo o que convinha da caſa. Cantaſe a Miſſa ſolemniſſimamente, os miniſtros fizeraõ ſeu officio com tanta ſatisfaçaõ, que toda a Communidade julgou, que mereciaõ bom premio. Mas foy caſo eſtranho, que ſendo buſcados acabada a Miſſa, pera ſe lhes ſatisfazer a charidade, pollo menos com bom jantar, naõ foraõ achados, e feitas muitas diligencias, naõ ouve quem déſſe rezaõ delles. Daqui naſceo, que conſideradas as circunſtancias, pareceo o negocio mais myſterioſo, que accidental: e como o Senhor tinha moſtrado tantos outros, e ſemelhantes em favor da Caſa, foy aſſento ficar eſte Domingo dedicado ao voto.

CAPITULO XXI.

Da conſtancia com que as Religioſas ſuſtentaraõ ſua clauſura nos medos, e perigos da ſegunda, e terceira contagiaõ geral, á conta da protecçaõ do Sanctiſſimo Sacramento: e da celebre confraria, que entre ſy lhe inſtituiraõ, e ſuſtentaraõ.

COmeçou a ſegunda peſte no anno de 1579. mais cruel, que a primeira, naõ polos effeitos, e força da corrupçaõ dos elementos; mas por ſucceder ſobre chaga freſca da perda do Rey, e do melhor do Reyno em Africa: e ſobre a que ſe eſperava de diſcordias nas pretençoens da ſucceſſaõ, que já ſe litigava. Franquearaõ os Prelados Dominicos com tempo as ſahidas dos Moſteiros, pera to- 1579.

das as Religioſas, que tiveſſem gaſalhado conveniente, aſſombrados alem da doença, com o medo da guerra, e exercito eſtrangeiro, que ſe eſperava, e entrou logo no anno ſeguinte. Mas naõ ouve nehuma neſte, a quem paçaſſe polla imaginaçaõ desfazer a ſancta companhia. Tinha deixado o mal primeiro no povo alguma doutrina de remedios, e defenſivos contra o Ar. Acudiraõ as Religioſas aos ſeus antigos, e mais certos da devaçaõ do Divino Protector, pondo nelle toda ſua confiança. Foy primeiro, que avendoſe de dar o Santiſſimo Sacramento por Viatico a huma Freira doente de enfermidade ordinaria, alcançaraõ da Prioreſſa, que ſe diceſſe pera o effeito Miſſa dentro, e levaſſem o Senhor pollas Craſtas em prociſſaõ. Fizeraõ huma, e outra couſa com toda a mayor feſta, e ſolemnidade, que a miſeria dos tempos conſentia; e o que faltou de brocados, e télas pera armarem as Craſtas; porque naõ havia quem empreſtaſſe nada, ſupriraõ os ramos verdes, com flores, e hervas cheiroſas, e com ſe empregarem todas em lavarem por ſuas mãos o chaõ, por onde o Senhor havia de paſſar: e em lugar de danças, e invençoens feſtivaes, acompanharaõna com toda a muſica de vozes, e inſtrumentos, que na Caſa havia. Deſpois deſta prociſſaõ, foraõ fazendo entre ſy outras todos os dias ſem ficar nenhum; levando no coraçaõ por amor o Senhor, que naõ podiaõ levar por obra em ſua Cuſtodia. E cantando a boca ſeus Hymnos. No Choro a todas as horas Canonicas por fim de cada hora faziaõ ſua memoria, pedindo muito a miude miſericordia, com brádo geral, e replicado tres vezes: que no ponto fazia notavel abalo, e devaçaõ. E ardiaõ continuas tres alampadas diante do ſeu Altar. Com eſtes meyos, e ſem outros defenſivos da terra, em que o povo ſe deſvellava, foy o Senhor ſervido conſervalas em perfeita ſaude.

Celebravaſe por toda a terra com louvores o valor com que ſe tinhaõ ſuſtentado primeira, e ſegunda vez, contra o apetite de ver as caſas dos pays, e parentes, correr as Igrejas, e lugares publicos da cidade, lograr a largueza de quintas, boſques, e fontes. Engrandeciaſe a miſericordia Divina, pollas livrar do fogo da contagiaõ em tempo, que nenhum outro Moſteiro ſe gabou de ſemelhante ventura. Obrigou iſto as Religioſas a dezejarem fazer mais alguma couſa em ſerviço de ſeu ſancto Protector. Conſiderando, que pois as merces, com que as aventajara a toda a terra, foraõ publicas, era tambem rezaõ, que as graças, que pollo voto lhe davaõ cada anno, naõ foſſem ſó de portas adentro, e como á ſurda, e ás eſcuras; com tal preſupoſto foraõ tratando de levantar entre ſy huma confraria ao modo dos ſeculares, com ſeus Eſtatutos, e leys; de que ſeria a principal, fazerſe huma ſolemne prociſſaõ cada anno pollas ruas, em roda do Moſteiro, levando nella o Senhor com toda a mayor pompa, e aparato, que foſſe poſſivel: e haveria numero de officiaes, e mordomas, que a procuraſſem, e eſtas naõ paſſariaõ de ſeis; nem haveria dellas outra eleyçaõ, ſenaõ por ſortes,

tes, em memoria do bom ſucceſſo, que por fortes viera do Ceo á Caſa. Paſſaraõ tempos, veyo a executarſe o acordo, e foy a primeira prociſſaõ no anno de 1585. com extraordinaria magnificencia celebrada, e igual alegria das que a ſorte elegeo. Aſſi foy continuando nos annos ſeguintes com augmento da ſolemnidade, e devaçaõ: e eſtimando as Religioſas a ſorte de chegarem ao ſerviço ſancto, em tanto gráo, que naõ ſó entaõ, mas inda hoje de muitas, ou das mais, he ſobornada (ditoſa ambiçaõ) com oraçoens de todo o anno.

1585.

Naõ eraõ cumpridos vinte annos deſpois do ſegundo caſtigo, quando no anno de 1598. tornaraõ a cahir ſobre eſta cidade ſetas de nova contagiaõ, taõ importuna, e continuada, que parecia havia de ficar perpetua. Em alguns bairros foy mais violenta, que noutros. Neſte do Salvador, ſe accendeo tanto, que deu moſtras de Ar corrupto. Tantas foraõ as mortes, que as Religioſas chegaraõ a ver por ſeus olhos, e quaſi tocaraõ com as mãos, tantas a laſtimas, que cada hora ouviaõ, que as meſmas, que noutro tempo ſe tinhaõ moſtrado columnas de conſtancia, vieraõ a pôr em practica deixar a Caſa. Cobria ſua fraqueza, e deſconfiança hum pretexto de compaixaõ, e laſtima das miſerias, que viaõ nos proximos: affirmavaõ, que era baſtante veneno, pera lhes acabar as vidas, quando o naõ fizeſſe a peſte. E na verdade tais eraõ, que a peitos muy varonís podiaõ matar de paſmo, naõ ſó aſſombrar de medo. A compradora, que trazia pera caſa tudo, o de que nella ſe vivia, andou ferida do mal tres dias, ſem nunca fazer differença no ſerviço, nem em mais reſguardo no trato com as Religioſas; antes communicava todas na roda, e na porta. A meſma pegou o mal a hum minino, que criava: e porque os effeitos, que nelle obrava, eraõ de morte, naõ cahindo as Freiras no que era; antes preſumindo que ſeria olhado, ou quebranto (mal que corre muito na idade tenra) tomaraõno polla roda; tiveraõno muitas nos braços com charidade, animandoo, e fazendolhe tomar pedra baſar. Deſcubrioſe o que era a poucas horas, fallecendo o minino, e confeſſando a mãy ſua culpa, e a doença de ambos. Dentro no pateo da roda ſe ferio, e morreo hum moço: e o amo, porque havia vigilancia na cidade em ſeparar os ſãos dos doentes, e levar pera fóra os inficionados, aſſoalhar o fato, e muitas vezes queimallo, temendo o rigor, procurou enterrallo de noite, e com ſegredo, e aſſi enfraſcado entrou pollo Moſteiro no dia ſeguinte a hum ſerviço neceſſario dentro. Hum clerigo, que na freguеſia fazia officio de Vigairo, ſe achou ferido em ſeſta feira de Endoenças no meſmo tempo, que entendia nos ſanctos officios. E porque ſe ſentio com forças continuou no ſerviço até dia de Paſchoa; e teve atrevimento pera ſe encubrir, e entregar ás Madres os ornamentos em que eſtivera reveſtido, ſem lhes fazer nenhuma advertencia. A Igreja era hum hoſpital, porque a viſta das Religioſas eſtava cheya de enfermos, que vinhaõ buſcar os remedios

1598.

da alma, e moſtravaõ bem claro, na afflicçaõ, e deſmayo dos geſtos, o mal, que lhes penetrava os corpos: e pera com o povo eſtava o bairro em opiniaõ do mais corrupto da cidade: em tal maneira, que ſendo chamado hum medico dos que curavaõ enfermidades ordinarias, pera huma que havia no Moſteiro, ſe eſcuſou de hir com medo da fama, que corria; e hum que aceitou a viſita, ſoubeſe logo, que indifferentemente curava todo genero de mal, por força de intereſſe: e foy peor caſo, que o ſangrador, que levou, ſe váleo, com enfermas de catarros ſanguinhos, da meſma lanceta, com que acabava de ſangrar feridos de peſte: e ambos entraraõ, ſem preceder aviſo, nem cautella. Tantas couſas juntas traziaõ o Moſteiro aſſombrado com medo; e ſendo propoſtas ao Prelado delle, que he o Prior de Lisboa, naõ duvidou dar ſua licença, com nova ordem, que as que ſe quizeſſem ſahir, foſſem providas polla Communidade do neceſſario, pera té Sanctarem onde ſe recolheriaõ juntas no noſſo Moſteiro de S. Domingos das Donas. Aceitouſe dia. Porem o Senhor, que ſe pudera dar por offendido deſta deſconfiança, viſto como de todos os perigos referidos naõ reſultara dano nenhum, uzou de nova miſericordia com as deſanimadas, por huma parte trocandolhes a vontade de fazer mudança em melhor conſelho; e por outra, ordenando (ſem ſe ſaber, que cauſa, ou rezaõ ouvera) que o Prelado lhes mandaſſe revogar a licença com notificaçaõ, que della naõ uzaſſem. Eſta revogaçaõ junta com a troca, que já havia de animos, moſtrou ſer obra do Ceo, em huma valeroſa reſoluçaõ, com que todas ſe animaraõ contra o medo, e tornaraõ com fervor a ſuas devaçoens, e ſerviço de ſeu ſancto Protector. Ordenaraõlhe logo huma vigia continua, em que todas ſe revezavaõ; e era como *laus perennis*. Eſta ſe uza inda hoje, com taboa, que ſe faz della, polla Cantora, como pera os mais officios do Choro, ſem reſerva de nenhuma, comeſſando polla Prioreſſa, e correndo por todas. Ajuntou a Prelada outras devaçoens. Foy a primeira mandar medir o circuito do Moſteiro, e fazer hum Rolo de cera do comprimento, que ardia contino. Foy outra, que todas as vezes, que o Sanctiſſimo Sacramento ſahia da Igreja pera os enfermos, que era muito a miude, mandava juntar no Choro a Communidade; e fazendo conta, que o hiaõ acompanhando, continuavaõ muſica ſolemne dos Hymnos da ſua feſta, até ſe tornar a recolher, e por remate pediaõ com brados miſericordia. E eſta foy Deos ſervido, que alcançaraõ em tres occaſioens differentes, e taõ perigoſas, ſem nunca ſentirem nenhum mal das portas adentro.

E porque pera prova de qualquer negocio importante baſtaõ, ſegundo eſtá eſcrito, dous, ou tres teſtemunhos, ficava parecendo hum genero de ingratidaõ naõ ſe publicar por milagroſo o caſo das ſortes, que deu principio a taõ provados favores como eſta Caſa recebeo do Ceo. Entrando o Anno de 1616. procuraraõ as Madres authenticallo, em forma de direito, diante do Illuſtriſſimo Senhor Dom Miguel 1616.

Miguel de Caſtro, Arcebiſpo, e tiveraõ ſentença por elle aſſinada, que ſe guarda no Cartorio, Eſcrivaõ Fernaõ Luis Notario Apoſtolico, que ſe pudeſſe prégar, como milagre celeſtial, e ſoberano.

CAPITULO XXII.

De outros particulares caſos em que ſe notou o grande favor, que a devaçaõ do Sanctiſſimo Sacramento tem rendido a eſte Moſteiro: referemſe alguns exercicios ſanctos, que as Religioſas delle uzaõ em commum.

MAs tambem receyo parecer ingrato a eſte Senhor, ſe, por dezejo de abreviar, deixar de ajuntar aqui dous ſucceſſos em que elle foy ſervido moſtrar, que naõ ama menos o edificio material deſta Caſa, do que eſtimou no meſmo tempo a ſaude das moradoras delle. Poucos annos eraõ paſſados deſpois da ultima calamidade das peſtes, quando huma noite acordou as Religioſas huma groça fumaça, acompanhada de eſtrallos, e labaredas de fogo, que ardia dentro em huma cella do Dormitorio. Acudiraõ todas, e em todas era o terror tamanho, que nenhuma tinha acordo, nem animo pera acudir aos remedios neceſſarios de abrir o Dormitorio, buſcar agoa, ou tratar de atalhar o fogo. Eſquecendo tudo, lembrou lô chamar pollo Divino Protector, e voz em grita pedirlhe remedio pera as paredes mortas, como noutro tempo o dera ás vivas. Saõ as celas, ou leytos deſte Moſteiro divididos com humas cortinas de encerado. Rompeo huma Religioſa, que téve mais animo por huma parte. Vioſe andar o fogo taõ ſenhor de tudo, que ſubia já ao forro, e a dona da cella (era huma Freira velha) eſtava taõ entregue no ſabor do ſono, que como outro Jonas, nenhuma fé dava do perigo de ſua vida, nem de huma tempeſtade de gritos, que ſobre ella davaõ as companheiras. Neſte paſſo a que rompera a diviſaõ, entrou polla cella, e ſem outro reparo, nem defenſivo, mais que dizer em alta voz, Sanctiſſimo Sacramento apagai eſte fogo, começou a tirar, e apartar tudo o que ainda eſtava livre delle. E o fogo, como ſe eſtivera obrigado a obedecer á voz da Freira, parou logo; ſendo a materia das cellas cera, e lenço, em que andava ateado, e a do forro, que já tocava, bordo velho, e ſeco, tudo couſas muy diſpoſtas pera o receber, e alimentar. He muito de notar pera louvarmos ao Senhor, que ardendo as mantas da cama, como totalmente arderaõ, ſe achou entre a cinza dellas huma nomina em que a Freira tinha hum eſcudete vermelho com a figura de hum Caliz, e Hoſtia de papel, que a meſma trazia conſigo em reverencia do Sanctiſſimo Sacramento, e juntamente hum retalho da capa de noſſo Padre S. Domingos: foy iſto no anno de 1603. 1603.

Paſſados deſpois dez annos, no de 1613. correo o Moſteiro outro ſemelhante perigo, de que foy livre por manifeſto favor do meſmo Senhor. Era veſpera da Aſcençaõ. Andava huma Religioſa occupada toda a tarde, e parte da noite em varrer, e concertar as Craſtas, pera a prociſſaõ

ciſſaõ ordinaria, que ſe faz todas as quintas feiras (como atraz tocamos) á honra do Sanctiſſimo Sacramento. Recolheoſe cançada ao leyto: e pera acabar de rezar o que lhe faltava do officio Divino, poz hum rolo aceſo á cabeceira. O trabalho, e a reza fizeraõ ſono, e de maneira foy vencida delle, que ſem dar acordo de nada, ſe gaſtou o rolo, e o fogo pegou no traviſſeiro: e lavrando por elle deſpedia taõ grande nuvem de fumo, que a força, que fazia na reſpiraçaõ ás Religioſas, que dormiaõ, eſpertou a todas, e polla copia delle atinaraõ com o fogo, que ainda naõ tinha tomado força, nem ſe deſcubria. Aberta a cella, viraõ couſa de nova maravilha, ardia o fogo á roda da cabeça, e roſto da que dormia. E ſendo baſtante ſó pera a afogar a fumaça, quanto mais a labareda, que a rodeava, nem huma couſa, nem outra lhe fazia dano, nem tirava o ſono. Dormia deſcançada á conta do Senhor, em cujo ſerviço canſara. Elle foy o que a livrou, e que guardou a caſa: E pera que ſe enxergaſſe, que tudo era obra ſua, abrazandoſe o traviſſeiro em que tinha a cabeça, naõ ſe atreveo o fogo com o vêo preto, inſignia da Religiaõ, que tinha poſto, e parte ficava eſtendido ſobre a cama. Eſtes, e outros ſucceſſos tem dado confiança a eſta Communidade pera geral, e particularmente em todo o aperto, aſſi corporal, como eſpiritual naõ ſaber, nem querer buſcar outro valedor; como vemos, que acontece a minino tenro, e mimoſo, que em qualquer dor, ou temor, a primeira voz que lhe vem á boca, o primeiro ſuſpiro que lhe ſahe do peito, he chamando, e buſcando a mãy, por muito longe que eſteja. A iſto parece que tira hum coſtume muito devoto, com que na Miſſa conventual de cada dia, quando ſe levanta a ſagrada Hoſtia, deſpois de levantarem todas as que ſe achaõ no Choro, a voz pedindo tres vezes miſericordia, vaõ entoando o verſo. *Tantum ergo Sacramentum*; e ſe alguma vez o deixaõ he em feſtas grandes, que por mais ſolemnidade ſaõ naquelle paſſo acompanhadas de canto particular concernente a ellas, e com muſica de varios inſtrumentos.

Ultimamente remataraõ ſua devaçaõ com lhe lavrarem de novo, e muy ſumptuoſo edificio a capella mór, deſpois que tiveraõ ſentença contra os ſucceſſores do Cardeal: e a deraõ a Franciſco Barreto de Lyma, que foy Védor da Caſa d'elRey Dom Felipe Primeiro de Portugal, e a Dona Iſabel de Lyma ſua mulher pera ſeu jazigo, e nella eſtaõ ſepultados. E pera mayor veneraçaõ do Senhor procuraraõ que ſe ſagraſſe o Altar com toda a ſolemnidade do Ceremonial Romano: o que fez o Reverendiſſimo Senhor Biſpo da China Dom Frey Joaõ da Piedade, Religioſo de S. Domingos em 15. de Outubro do anno de 1617. com grande feſta, e pompa. E deſde entaõ ficaraõ ordenadas duas devaçoens novas em ſerviço do Santiſſimo Sacramento, e ambas muito notaveis. A primeira fazeremlhe feſta ſolemne no dia deſta dedicaçaõ, como em dia de Corpus, e com oitavario; pera o que ſe proveraõ de licença da 1617.

Sé

Sé Apoſtolica. A ſegunda he cantarem huma ſolemniſſima Miſſa cada huma das ſinco quintas feiras, que ha da Paſchoa até a Dominga, em que lhe fazem ſua feſta mayor: e em cada huma dellas eſtá o Senhor deſencerrado, e patente pera mais devaçaõ.

Porque nos naõ fique por dizer nenhum dos ſanctos exercicios que neſta Caſa ſe continuaõ com devaçaõ, e exemplo, he de ſaber, que deſdo anno da peſte grande, que por primeira, e mayor tem inda hoje eſte nome, fazem as Religioſas huma devota prociſſaõ pollas Craſtas no dia da glorioſa Aſſumpçaõ da Virgem Noſſa Senhora, levantandoſe a ella á meya noite, acompanhandoa com repique de ſinos, e toda a muſica da Caſa, e he ainda em graças de ficarem ſalvas daquelle grande mal. Porque teve principio em outra, que entaõ fizeraõ no meſmo dia, e horas da meya noite, da qual ſe conta hum eſtranho caſo, e que naõ parece carecer de myſterio. Referilloemos brevemente. Tinhaõ recolhido na Craſta hum grande numero de boys, e vacas, mandado vir dos montes por conſelho de medicos, que affirmavaõ era ſeu halito poderoſo pera purificar o Ar; e hum genero de antidoto contra o mal. Quando foy a hora da prociſſaõ, notouſe, que todos aquelles animaes irracionais, ſem ficar nenhum, acudiraõ a cerrar o couce della, naõ ſendo chamados, nem guiados, poſtos em ordem de dous em dous; e como ſe tiveraõ uſo, e razaõ, e diſcurſo, acompanharaõ as Religioſas até a porta do Choro. Alli humilhandoſe, com inclinaçaõ das cabeças, fizeraõ volta pera a ſua eſtancia. Couſa he que ſenaõ póde contar ſem eſpanto, nem affirmar ſem teſtemunhas Poucos annos ha, que viviaõ ainda tres Madres de grande credito, que o livrinho impreſſo nomeya, que viraõ, e contavaõ o que temos eſcrito. Eraõ Sor Guiomar da Encarnaçaõ, Sor Joanna da Aſcençaõ, e Sor Maria dos Fieys de Deos.

Por tradiçaõ antiga ſe conta, e eſtá recebido entre eſtas Madres, que a primeira repreſentaçaõ, que ſe fez na cidade, do glorioſo Naſcimento do Filho de Deos no ſeu Preſepio de Belem, foy, e teve origem neſta Caſa, dando occaſiaõ a iſſo huma devota viſaõ de huma Madre, a qual fez logo pintar o que nella vira, e no primeiro dia de Natal ſeguinte mandou levantar no meyo da Igreja hum edificio arremedado da porta, da cova, e portal de Belem, com figuras, que repreſentavaõ o que alli obrou a miſericordia Divina, acompanhadas da ſua pintura. Fez tudo devaçaõ na terra, continuou a fabrica do Preſepio neſta Igreja pollos annos adiante. Continuando ſempre o paynel da viſaõ nelle, e dizem, que a eſta conta começou a devaçaõ com que a confraria dos Clerigos pobres vem todos os annos pollas oitavas do Natal cantar huma Miſſa neſta Igreja, e daqui ſe começaraõ a fazer por outras Igrejas os Preſepios, que hoje ſe fazem em quaſi todas.

Naõ he pera eſquecer a promptidaõ, e cuidado com que as Religioſas acodem todas ſem differença, Profeſſas, e Noviças, ao Choro na hora, que cer-

ran-

randoſe o dia, fazem os ſinos o ſinal, que o povo chama das Ave Marias. Aquelle humilhar, e orar, que os ſeculares fazem em todo o lugar, que o ouvem, vaõ ellas a toda a preſſa fazer ao Choro; naõ ſe contentando com menos, que celebrar com muſica, e oraçaõ de Communidade a memoria daquella celeſtial ſaudaçaõ, que deu principio a todo noſſo bem.

Reſtanos pera cerrar eſte Capitulo, e com elle tudo o que ha, que dizer da Caſa, dar conta de duas antiguidades, que naõ merecem ficar em ſilencio. Huma he, que nos principios da fundaçaõ do Moſteiro de Jeſu de Aveiro, paſſaraõ pera elle duas Religioſas deſte, que a fundadora muito eſtimou (como veremos quando chegarmos aos annos de ſua fundaçaõ) e naõ he de receber a rezaõ, que aponta de ſua hida a Hiſtoria, que anda eſcrita de maõ; porque diz, que as lançou de ſy a Communidade do Salvador por naõ quererem conſentir com ella em levantar a obediencia ao Vigairo dos Conventos Obſervantes. E porque iſto he fallar de Moſteiro alheyo, e de quem ſabemos, pollo que fica atraz, que pugnou ſempre por ſeguir a Obſervancia, e ſeus Prelados, naõ he rezaõ darmoslhe credito neſta parte; demoslho na que toca ao ſeu, do qual affirma, que recebeo as duas Madres por ſerem antigas, e muito virtuoſas (ſaõ palavras formais da Hiſtoria) com muito amor, e boa vontade: e hum pouco adiante diz, que Maria Rafael, huma dellas, foy eleyta em Vigaira do Choro, e Ineſe Annes, que era a outra, em meſtra de Noviças.

A outra antiguidade, que prometemos, he rezarem eſtas Madres pollo mez de Outubro com particular officio, e ſolemnidade, de Sancta Victoria virgem, e martyr eſpanhola da cidade de Cordova, e irmam de S. Aſciſclo tambem martyr. Nas liçoens da reza ſe contaõ riguroſiſſimos tormentos, que a virgem paſſou, e juntamente famoſos milagres, que o Senhor quiz obrar por ſua ſerva. Humas vezes livrandoa dos tormentos, outras conſolandoa nelles. Metida em hum forno ardendo, foy livre por Anjos. Lançada com peſos no Rio, paſſeou ſobre as agoas; cercada de outro fogo em praça publica, ficou ſem dano, abrazando a força delle mil quinhentos, e ſeſſenta Gentios, que eſtavaõ á roda feſtejando o martyrio. Cortaraõlhe os peitos, ſahio leyte em lugar de ſangue. Arrancaraõlhe a lingoa, cuſpioa no roſto do Tyrano Dion. Ultimamente acabou aſſéteada. E conta S. Jeronymo em ſeu kalendario, que ſendo enterrada á borda do Rio, e onde era a deſembarcaçaõ continua, produzia aquelle torraõ fermoſas flores, com ſer piſado a toda a hora, e trilhado dos pés de todos; alem de outras maravilhas de milagres, que nelle ſe viaõ. Naõ pudemos alcançar, que rezaõ tiveraõ eſtas Religioſas pera feſtejarem eſta Sancta. A tradiçaõ, como em couſa a que ſenaõ ſabe principio certo, he, que em ſeu dia fez Deos huma particular merce a eſta Caſa, ſem conſtar como, nem quando, nem qual foy.

O numero das Religioſas, que hoje ſuſtenta a Caſa, he de oiten-

oitenta com Noviças, e Converſas, alem de muitas fervidoras leygas, com que ſe achaõ das portas adentro com cem mulheres. Creſceo tanto ſobre a taxa do primeiro fundador: porque deu occaſiaõ a iſſo o creſcimento, que tambem ouve nas rendas, que he muito aventajado ao que poſſuhiaõ em ſeus principios.

Fim do primeiro Livro.

SEGUNDA PARTE
DA HISTORIA
DE S. DOMINGOS,
PARTICULAR DO REYNO DE PORTUGAL.
LIVRO SEGUNDO.

CAPITULO I.

Do principio, e fundaçaõ do Real Convento de Bemfica.

PASSAVA já de quarenta annos, que o pernicioſo monſtro da Clauſtra entrara nas Religioens: e como filho que fora de Peſte, naõ ceſſava de fazer effeitos, conforme a raiz donde procedera; introduzindo cada dia novas relaxaçoens, e tantos abuſos no commum dellas, que ſe conta do grande Valenciano S. Vicente Ferrera, Sancto que no meyo deſtas nevoas veyo allumiar o mundo, como claro Sol, que ſe pudera acontecer tornar noſſo Padre S. Domingos á terra por nenhum caſo conhecera ſua Ordem. Fomentava as miſerias a diſcordia, que corria na Igreja Catholica deſdo anno de 1378. Mantendo França hum Papa ſciſmatico, contra o verdadeiro ſucceſſor de S. Pedro, que em Italia reſidia. Eſtavaõ divididos os Reys, e Principes ſeculares nas opinioens, como atraz largamente contamos: e tal diviſaõ redundava em dano de tudo, pollo muito, que depende do bafo, e favor dos Reys. Neſte eſtado nos acudio o Senhor (como ſempre faz nos mayores deſemparos) dando eſpiritu, e valor a hum Frey Conrado de Pruſſia, de naſcimento Alemaõ, que juntando conſigo trinta companheiros (como noutro tempo fez S. Bernardo) ſe determinou em reduzir a vivenda relaxada, a toda a perfeiçaõ, e rigor antigo. Foy iſto por junto dos annos do Senhor de 1390. Chegou a nova ao Geral Frey Raymundo de Capua, que em Roma reſidia. Alegre com ella paſſoulhe huma Paten- 1390.

te de grandes favores. E julgando, que deſte principio poderia ter remedio, e levantarſe a cahida obſervancia, pollos mais membros da Ordem: deſpachou ſemelhantes Patentes por todas as terras de ſua obediencia, ſervindoſe da obra de Frey Conrado pera exemplo, e ajuntando os meſmos favores pera outras Provincias, com encomendar aos Prelados, que procuraſſem levantar em cada huma, ſe quer hum ſó Convento reformado, inda que naõ foſſe de mayor numero, que doze Frades: e por aqui ſe deixa bem entender a grande baixa que tinha dado a Religiaõ em calidade, e cantidade de ſujeitos: pois ſenaõ eſtendia a confiança do Meſtre Geral, a eſperar mayor numero em cada Provincia. Confirmou logo eſte aſſento por authoridade Apoſtolica do Papa Bonifacio Nono legitimo ſucceſſor de Urbano Sexto, e por eſta via verdadeiro Paſtor da Igreja. Tudo iſto colligimos do Breve da confirmaçaõ, que ao diante irá tresladado.

Vivia neſte tempo em Portugal o Meſtre Frey Vicente de Lisboa peſſoa de grandes partes de virtudes, e letras; que por ſerem tays, deſpois de ter adminiſtrado os cargos de Provincial de todos os Conventos de Caſtella, e Portugal, e Inquiſidor de toda Eſpanha, aſſiſtia neſte Reyno por Confeſſor, e Prégador d'elRey Dom Joaõ. Tem grande força os bons exemplos com todo o genero de gente, quanto mais com quem por ſy ama, e eſtima o bem. Encheoſe de zelo, quando chegou a ver as letras do Padre Geral. Começou a tratar com alguns Religioſos de boa tençaõ, e tentar outros, rogava, e perſuadia, e dizia, que já que os Alemaens tinhaõ ganhado por maõ, ſendo primeiros em obra taõ acertada, de que lhes tinha aſſaz inveja, naõ deviaõ eſperar os Portuguezes, que outra gente, ſenaõ elles, tiveſſem a honra de ſegundos. Quanto mais, que adiantados lhes ficariaõ com qualquer pequeno Convento, que povoaſſem; pois por boa conta, mais ſeria de eſtimar, de ſete Conventos que ſó Portugal tinha (naõ havia entaõ mais) reduziremſe á eſtreiteza antiga dez, ou doze Frades: que em taõ larga Provincia, como era a de Teutonia, juntaremſe trinta no meſmo propoſito. Inſtava Frey Vicente na materia em todos ſeus ſermoens, e a todo propoſito: aconſelhava de ſecreto aos amigos, e em publico aos que via bem inclinados. E eſta foy a occaſiaõ (pera obrigar a todos com hum bom principio) em que meteo as vélas de ſua eloquencia, porque as Beatas do Salvador ſe conformaſſem todas em aceitar, e executar ſem nenhuma diſpenſaçaõ a Regra de S. Domingos, como fizeraõ: e o Biſpo do Porto ſe déſſe preſſa na ſancta determinaçaõ, que tinha de fundar o Moſteiro, como atraz fica contado.

A obra deſte Moſteiro, aſſi como alegrou a terra com as partes, que entaõ faziaõ mais medo aos puſilanimes, de clauſura, de jejuns, de pobreza, e oraçaõ perpetua: ſervio tambem de compungir, e confundir a muitos, vendo tal determinaçaõ em mulheres fracas. Naõ ſó tentada, com fervor, mas proſeguida com valor, e continuada com

ale-

alegria, e forças. Aproveitavaſe o meſtre do exemplo pera novas exhortaçoens. Mas havia fortes contraſtes da parte dos Frades. Porque a huns tinha cativos a liberdade de reſidir por caſas de irmãos, e amigos, tanto, ou mais tempo, que nos conventos: outros o máo coſtume de maneyar dinheiro, e fazenda de pays, e parentes, que ſendo alheya, ou a logravaõ como propria, ou ſe deleytavaõ em a paſſar pollas mãos: miſeravel eſpecie de cobiça! Bem lhe acertou com o nome quem na chamou ſerviço de idolos. Outros muitos amigos de ſy, naõ ſofriaõ haver de paſſar do linho, e olanda mimoſa, a lam, e eſtamenha ſeca, e mordente; do colchaõ molle, e amigo da natureza, ao enxergaõ duro, e frio; do gaſalhado, e brandura do lençol, ao deſamor, e aſpereza do ſaco, ou burel. E com tudo inda eſtes ſe deixavaõ penetrar da boa rezaõ, conhecendo o beneficio, que fariaõ á Ordem, e a ſuas almas, ſe pudeſſem acabar conſigo deſenredaremſe das imperfeiçoens da Clauſtra: formavaõ bons propoſitos, mas vacillando naõ acabavaõ de executar nenhum. Conheciaõ o bem pera o eſtimar, naõ pera o ſeguir. Porem havia outros protervos, e duros, que naõ ſó naõ admittiaõ fallarſelhes em caminho de perfeiçaõ; mas como ſe a Clauſtra fora mãy da Religiaõ, e naõ madraſta, como era, aſſi forjavaõ razoens pera a abonar, e aos que a encontravaõ, offender, e ainda calumniar. Diziaõ que era genero de afronta pera o Reyno, e pera os Frades fazer differenças de vida, de tratamento, e nomes: que a differença de nomes criaria logo diſcordia, bandos, odios, como a de Guelfos, e Gibellinos em Italia; que foſſe cada hum ſancto, e reformado quanto quizeſſe dentro de ſua cella, ſem levantar novidades em commum. Que neſſa vida froxa, neſſa que chamavaõ monſtruoſa Clauſtra, havia particulares, homens inſignes em ſanctidade, e luziaõ mais na differença dos coſtumes: que deixaſſem caminhar os fracos por ſeus paſſos ordinarios: que tambem chegariaõ ao fim da carreira, andando pouco a pouco: como os que agora ſe matavaõ por correr, e já podia ſer, naõ por mais valentes, ſenaõ por mais ambicioſos: deixandoſe hir traz o vento de huma honrinha vam, pretendida com o povo, e com o Rey. Daqui paſſavaõ a termos mais aſperos. Chamavaõ hypocreſia á piedade, grangeria ſecreta pera intereſſes de dignidades, e prelacias, ao rigor publicado: tudo pretençaõ da terra, nada de Amor do Ceo. E em fim chegaraõ acondenar de pouco prudente a tençaõ ſabia, e ſancta do Geral. Mas pouco ſabe dos caminhos de Deos, quem deſconfia nas tempeſtades de ſeu ſerviço, por grandes que ſejaõ. Era Frey Vicente ſancto, e muito prudente; como ſancto, entendia, que convinha perſeverar. Pedindo a Deos o remedio, de quem vem todo o bem: e naõ deſiſtindo de apertar com os homens por meyo da palavra Divina, que he eſpada de fogo; como prudente, conſiderava que todas eſtas hondas de contrariedades, e razoens enfeitadas naſciaõ de huma ſó rays: que era cuidarem os fracos, e froxos, que

que reduzindoſe alguns á vida perfeita, ſeriaõ notados diante do povo, por homens de animo vil, e baixo, e indignos do habito de S. Domingos todos os que de fóra ficaſſem. Aſſi naõ ſe eſpantava com nenhuma contradiçaõ da terra; fazia conta que era a cauſa de Deos; elle na hora, que foſſe ſervido, tornaria de cera os penedos daquelles coraçoens. Aos ſacrificios, e oraçoens continuas, ajuntava mortificaçoens de jejuns, e diſciplinas. Em fim naõ foy deſprezada no Ceo ſua confiança. Paſſados alguns annos, em que mereceo muito com os dezejos, como outro Daniel; e com a negociaçaõ continua, e muito mais com o ſofrimento das tachas que ouvia de ſua peſſoa, e dos máos nomes que entre os meſmos Frades ſe punhaõ a ſuas diligencias: deulhe Deos companheiros quantos pareciaõ neceſſarios pera comeſſar a dezejada empreza, que pollo menos deviaõ ſer doze, em conformidade do que o Geral encomendava. O numero certo naõ ficou em lembrança. Mas a junta delles deſcubrio nova difficuldade, que era do lugar em que haviaõ de começar ſua reformaçaõ. Porque os Religioſos, que eſtavaõ ſenhores dos Conventos, faziaõſe fortes nelles, tanto Prelados, como ſubditos: e quando lhe naõ podiaõ tirar a gente, e os ſujeitos, que já tinha conſigo, queriaõ ver ſe podiaõ desbaratar a obra, com lhe tomarem os lugares. Couſa parecia factivel deſpejarſe hum Convento de ſete, que havia no Reyno, e largarſe pera a nova pranta. Mas eſtava taõ odioſo o nome da obſervancia entre o commum dos Frades, taõ ſenhora de todos a largueza, e ſabor da Clauſtra, que com ſer o Meſtre Frey Vicente muito eſtimado do Rey da terra pollos cargos, que tinha, e muito mais do Rey dos Ceos, por ſuas virtudes, nenhuma couſa acabava com elles.

Daniel.

Corria já o anno de 1399. e eraõ paſſados alguns mezes. Quiz o Senhor moſtrar a Frey Vicente, que queria pera ſy a honra de lhe dar Caſa, como fora a de lhe dar os companheiros: e na calidade della ſe enxergou logo, que era dadiva ſua. Contentaraſe o Frade com achar huma pobre quinta, e qualquer gaſalhado, por eſtreito que foſſe, pera ſe encerrar com os animoſos amigos: e niſſo trabalhava, julgando, que naõ convinha comeſſar em povoado. Andando neſtes cuidados, deu conta de ſy, e delles ao Inſigne Doutor, e grande devoto de noſſa Ordem, Joaõ das Regras, que na graça d'elRey poſſuhia grande lugar. E aſſentaraõ, que pois o lugar havia de ſer ſolitario, e naõ reparava em gaſalhado curto, pediſſe a elRey huma caſa de recreaçaõ antiga, que tinha junto do lugar de Bemfica; ſitio por fontes, e freſcura deleytoſo: e por afaſtado do concurſo da cidade, quanto baſtava pera a quietaçaõ do eſpiritu, que pretendia. Pedio o Frade, ajudou o valído, naõ eſperou o bom Rey ſer rogado, deua de boá vontade, e depreſſa, na hora que lhe foy ſignificado o intento. Foy iſto trazer pera ſua caſa, como outro David, a Arca do Senhor, pera lhe creſcerem os bens nella. E ficaraõ correndo por ſua conta, na hora que deu eſte ſitio, tres Conven-

1399.

Reg. c.

tos

tos de S. Domingos em Portugal. Batalha, Salvador, Bemfica. Porque ainda, que no do Salvador naõ tinha tanta parte, como nos dous, todavia obrava nelle ſeu favor o que neſtes o poder. Foy logo paſſada Proviſaõ aos Frades da merce. Lançallaemos no Capitulo ſeguinte.

CAPITULO II.

Em que ſe contém a carta da merce, que elRey fez da caſa, e outra Proviſaõ de importancia. Tomaõ os Religioſos poſſe. Daſſe conta da pobreza, e rigor em que viviaõ, e como foy nomeado por Prelado o Meſtre Frey Vicente.

A Proviſaõ, que elRey mandou paſſar aos Religioſos, tirada de ſeu original, que ſe guarda no Convento, diz aſſi.

DOm Joaõ por graça de Deos Rey de Portugal, e dos Algarves, &c. A quantos eſta minha Carta virem fazemos ſaber, que nós por Amor de Deos, e a rogo do Doutor Joaõ das Regras do noſſo Conſelho: damos, e doamos, e fazemos livre, e pura doaçaõ deſte dia pera todo ſempre á Ordem de S. Domingos dos noſſos Paços de Bemfica, a par da cidade de Lisboa, com todos ſeus pumares, hortas, entradas, e ſahidas, pera ſe fazer delles hum Moſteiro, e eſtarem ahy Frades a ſerviço de Deos. E porem mandamos a todas noſſas Juſtiças, Almoxarifes, e Eſcrivaens, Officiaes, e Peſſoas, que eſto ouverem de ver por qualquer maneira, que entreguem, e deixem haver a dita Ordem os ditos Paços, com todos ſeus pumares, e hortas, e entradas, e ſahidas, e nom lhe ponhaõ, nem conſintaõ ſobre ello pôr embargo nenhum, em nenhuma guiſa que ſeja, por quanto nós lhe fazemos delles doaçaõ, como dito he, e mais firmemente que ſer póde, nom embargando quaeſquer leys, direitos, e outras quaeſquer couſas, que contra eſta doaçaõ ſejaõ, ou a contradigaõ, cá nós queremos, e mandamos: que naõ hajaõ em ello lugar, nem lhe poſſaõ empecer. Antes mandamos, que ſeja firme, e valedoura pera todo ſempre: e ſe aqui falece por ſer mais firme, outra alguma couſa; nós a havemos aqui por poſta, e repetida. E eſta doaçaõ lhe fazemos, como dito he, com eſta condiçon, que nos ditos Paços ſe faça o dito Moſteiro de S. Domingos, ou outros Oratorios em que eſtem ſempre continuadamente fraires. E ſe ſe iſto aſſi naõ

fizer,

fizer, que os ditos Paços fiquem deſembargados á Coroa do Reyno; e outro ſy, que por eſta doaçaõ, que aſſi fizemos, a dita Ordem nom poſſa ganhar mais direito nenhum no noſ-reguengo, ſobre que os ditos Paços ſon fundados. E que quando nós, ou noſſos filhos, e herdeiros por hy formos, poſſamos hy pouſar, onde al naõ façaõ. Dada na dita cidade de Lisboa 22. dias de Mayo, elRey o mandou. Gonçalo Caldeira a fez, era de M.CCCC. XXXBII. annos (reſponde ao anno de Chriſto de 1399.) ElRey.

Naõ tardou Frey Vicente em dar principio ao novo Convento mais dias, que os que paſſaraõ de 22. de Mayo, em que elRey aſſinou a Carta, até 29. do meſmo. Que facil he de abalar quem pouco poſſue? Alfayas de pobres naõ ſaõ cuſtoſas de perder, quanto mais de mudar. Tinha mandado tomar poſſe da Caſa: paſſouſe logo a ella com os companheiros: e por ſer dia celebre, e fermoſo; porque cahio no meſmo a feſta de Corpus Chriſti, conſagroua nelle, dizendo a primeira Miſſa. Quem foraõ os companheiros, e quais, dezejei, e procurei muito averiguar, tanto por honra delles, como pera goſto dos curioſos. Mas niſto nos começaõ dar materia, e naõ leve, de queixa eſtes primeiros reformadores, e reformados; que fora rezaõ, ſeremno menos na ſancta modeſtia de ſe nos encubrirem. De hum ſó ſabemos o nome ao certo. Foy eſte o Padre Frey Diogo Gonçalves Belleagoa, e ficou em memoria; porque lhe cahio em ſorte tomar poſſe do ſitio em nome de todos. Por conveniencias, e conjecturas, que em couſas taõ antigas he forçado ſeguir, achey o nome de outros companheiros: delle, e delles diremos ao diante alguma couſa.

Da vida que faziaõ, como eſtiveraõ juntos na Caſa Nova, naõ ha pera que eſpecificar particularidades. Era gente apoſtada a trazer ao mundo a primeira forma, e feitio da Regra de S. Domingos, que iſto promete o nome de reformaçaõ: e tinhaõ por olheiros, ou apontadores, até dos argueiros de ſeus procedimentos, todos os do meſmo habito, que faltandolhes animo pera os acompanharem, eraõ ſobejos na curioſidade de inquirir, e penetrar a vida que ſeguiaõ: ſem dizer mais, fica dito tudo. Mas naõ ſe póde calar hum grande argumento do eſtremo da pobreza em que viviaõ. Acontecendo amanhecerem muitos dias ſem haver em caſa proviſaõ de paõ pera o jantar, nem remedio pera o comprar, mandava o Prior colher do pumar ou fruita, ſe a havia, ou laranjas, que nunca faltavaõ, enfeitavaas com flores, ou ramos verdes: fazia preſente a hum vezinho, qual primeiro ſe lhe offerecia á memoria: e com eſte final, que o era da falta, que ſe padecia, naõ havia nenhum, que deixaſſe de acudir, quando aſſi era requerido, com retorno baſtante pera a neceſſidade. A horta ſupria de ordinario com ſuas hervas; pollo que podia dar a pra-

praça, e a ribeira; os lavradores devotos com o paõ. Aſſi paſſavaõ pobremente, mas com grande alegria de eſpiritu, e era igual deſcuido no temporal; porque quando ſuccedia haver abundancia no Convento, ou de couſas de doentes, ou de outro provimento, com que em algumas conjunçoens do anno era ſoccorrido de gente pia da cidade, viaſe nelle huma botica aberta pera todos os vezinhos, ſem lembrança, que podia faltar pera os de caſa. Condiſaõ he da pobreza ſer liberal: a dos Sanctos tem mais ventagens, porque daõ do que ganhaõ com trabalho, e ſuor de ſeu roſto. He muito de notar hum Alvara, que achamos no Cartorio deſta Caſa; pollo qual o meſmo Rey, que deu, manda que das colheres do Convento, que forem vender á cidade, ſenaõ leve ſiza, nem direito algum pera a Coroa. Claro final da pobreza, e que trabalhavaõ os Frades de mãos, e que eraõ taõ bons de contentar, que faziaõ deſte emprego ajuda de ſuſtentaçaõ. Naõ tenho por menos indicio do aperto, com que eſtes Padres viviaõ, duas couſas, que agora diremos. He a primeira, que quando tinhaõ falta de veſtido, ou calçado, mandavaõ dar conta della ao governo da Camara da cidade; e naõ ſe enganava a ſancta confiança; porque aquelle Magiſtrado fazia tanta eſtima dos novos mercieyros (que tal he o officio de todos os Religioſos nas Republicas) que nem conſentia, que empregaſſem ſeu cuidado mais, que em oraçoens; nem queria, que ſe valeſſem d'outrem. E logo os proviaõ. A ſegunda colhemos de hum papel, que achamos no Cartorio. He de ſaber, que eſcrevendoſe nelle em lingoa latina o dia, mez, e anno, em que eſta Caſa foy aceitada pera a Ordem; e devendo ſer a tal diligencia, pera ſe eſculpir em alguma pedra, pera memoria, como he ordinario: naõ parece hoje em todo o Convento, tal memoria, nem tal inſcripçaõ. E foy Deos ſervido, em final, que naõ tinha, por muy culpavel o deſcuido, que duraſſe o papel duzentos, e vinte tantos annos, pera ſe paſſar a eſta Chronica; onde ſerá de mais dura, que ſe fora gravado em bronze; e diz aſſi.

I *Stud Monaſterium fuit per victorioſiſſimum Dominum Regem Ioannem noſtro Ordini conceſſum XXII. Maij an. Domini M. CCCXIX. ad preces Reuerendorum Patrum, Domini ſcilicet Ioannis de Regulis in vtroque jure Doctoris, & Fratris Vincentij ſcientia, vita & honeſtate Magiſtri præclariſſimi: & fuit receptum per Fratres noſtri Ordinis, ac Deo dicatum XXIX. die præfati menſis Maij. in feſto Corporis Chriſti, eodem anno Æra Cæſaris. M. cccc. xxxxvij.*

Reſponde em vulgar.

ESte Moſteiro foy dado a noſſa Ordem pollo muito invencivel Senhor, elRey Dom Joaõ aos vinte dous dias do mez de Mayo do anno do ſenhor de 1399. a rogo dos Reverendos Padres o Senhor Joaõ das Regras Doutor em ambos os Direitos, e Frey Vicente eſclarecido Meſtre em letras, e virtudes, e foy aceitado pollos Frades da Ordem, e a Deos conſagrado aos 29. do meſmo mez, e anno na feſta de Corpus Chriſti, correndo a era de Ceſar em M. cccc xxx. vij. annos.

Paſſou brevemente a Italia, e Roma o aviſo do novo Convento. Deſpachou o Reverendiſſimo Geral ſua Patente ao Meſtre Frey Vicente com ordem, que foſſe cabeça da reformaçaõ, de que fora Autor, e gozaſſe titulo de Vigairo ſeu, ſem dependencia de outro nenhum Prelado, e de tal preminencia em nome, e obra uzaraõ deſpois os que no cargo lhe ſuccederaõ: ſó com eſta differença, que como ouve mais Conventos do meſmo Inſtituto, humas vezes ſe chamavaõ Vigairos da Obſervancia, outras Vigairos da Congregaçaõ reformada. E com tudo ſempre foraõ eleytos, e nomeados pollos Gerais. E iſto durou até certo tempo, em que pareceo que deviaõ correr por eleyçaõ ao modo dos Provinciais, como ao diante em ſeu lugar veremos.

Mas a vida ſolitaria, e ſancta dos pobres, e humildes Frades, aſſi como dava occaſiaõ aos bons vezinhos de louvarem a Deos, e exercitarem com elles charidade, e virtude, fazia effeitos contrarios na gente roim, de que ſempre he mayor o numero. Acontecia hora quebraremlhe os canos das fontes, por eſcuſarem o trabalho de levar ſeus gados a beber ao longe; ora eſcalaremlhe os muros, darem ſaco na fruita, e hortaliça, fiados na pouca defeza, e ſancto deſcuido, que havia da parte dos Religioſos. Sofriaõ elles por acto de humildade, e merecimento. Porem naõ faltaraõ ſeculares zeloſos, que fizeraõ queixa a elRey, e foraõ meyo de que lhe paſſaſſe huma Proviſaõ de grande favor: polla qual ſe ſe deixa bem ver a boa conta em que elRey tinha a nova pranta: e he a ſeguinte.

DOm Joaõ polla graça de Deos Rey de Portugal, e do Algarve. A quantos eſta Carta virem fazemos ſaber, que nós querendo fazer graça, e merce ao Moſteiro, e Frades de S. Domingos de Bemfica: por eſmolla: temos por bem, e tomamos o dito Moſteiro, e os Frades delle, e to-

e todas hortas, agoas, e todos outros ſeus bens, e couſas, ſob noſſa guarda, e encommenda, e ſob noſſo defendimento. E porem mandamos, e defendemos, que naõ ſeja nenhum taõ ouſado, de qualquer eſtado, e condiçaõ, que ſeja, que ao dito Moſteiro, e fontes, nem a outras nenhumas ſuas couſas, façaõ nenhum mal, nem ſem rezaõ, nem outro nenhum deſaguizado, em nenhuma guiſa, que ſeja, nem lhe tomem outra nenhuma couſa, nem quebrem contra ſeus talantes as agoas, que ſom, ou forem do dito Moſteiro: nem lhes tomem outra nenhuma couſa do ſeu por força contra ſeus talantes: ſobpena de pagarem a nós os noſſos encoutos de ſeis mil ſoldos, que mandamos, que paguem para nós, qualquer que lhes a dita agoa, ou outra alguma couſa de ſeu tomarem. Os quais encoutos mandamos ao noſſo Almoxarife da cidade de Lisboa, que recade, e receba pera nós: e ao Eſcrivaõ do dito officio, que os ponha ſobre elle em receita ſobpena de nolos pagarem de ſuas caſas em tresdobro. E em caſo que lhe alguem contra ello vá, ou queira hir, mandamos a noſſas juſtiças, que lho naõ conſintaõ, e lhe alcem dello força, e lhe façaõ correger o mal, e dano, que lhes aſſi for feito; e o eſtranhem áquelles que lho fizerem, ou fazer quizerem. E em guiſa, que ſejamos nós certos, que o dito Moſteiro, e ſeus Frades, e a dita agoa, e ſuas couſas ſaõ por nós defezas, e emparadas. Senaõ ſejaõ certas as juſtiças, que em ello forem negligentes, ſendo pera ello requeridos, que por ſeus bens lhe faremos correger, e pagar o mal, e dano, que em o Moſteiro, e nas couſas delle for feito, e de mais lho eſtranharemos gravemente, aſſi como aquelles, que nem cumprem, nem guardaõ mandados de ſeu Rey, e Senhor: onde huns, e outros alnaõ façades. Dada em a cidade de Lisboa aos 29. dias de Outubro. ElRey o mandou por Alvaro Pires Eſcollar juis de ſeus feitos, que iſto mandou livrar, era de M. cccc. xxx. vij. (reſponde aos annos de Chriſto 1399.)

Mas parece obrigaçaõ fazermos huma breve relaçaõ antes de paſſarmos mais adiante do ſitio, e aſſento deſta Caſa: pera os que a naõ viraõ; reſpeitando a ſer ella a primeira de toda a Eſpanha, que reſuſcitou a antiga obſervancia, quando de todo eſtava cahida; e a Clauſtra mais reynava, e na grande reformaçaõ que no tempo preſente, por merce de Deos, ſe guar-

da neſta Provincia, ainda ſe atreveo a intentar hum novo genero de recolleiçaõ, ou reſtringimento pera mais rigor: que noſſo Reverendiſſimo Padre Geral o Meſtre Frey Serafino Sicco Papienſe nella inſtituhio, e ſerá no Capitulo ſeguinte.

CAPITULO III.

Deſcreveſe o Convento de Bemfica.

POrque naõ pareça eſtranho aos Leytores gaſtarmos tempo, e papel em deſcripçaõ de huma pobre Caſa, e falta das grandezas, e myſterio de architecturas, com que outra nos ocupou, e deſculpou: Façolhes ſaber, que tenho exemplo em dous grandes Santos, que foraõ o devotiſſimo Bernardo, e mais atraz o grande Baſilio, e ambos occupados em nos porem diante dos olhos, naõ ſumptuoſidades de edificios, porque nenhuns havia onde viviaõ: ſenaõ riquezas naturaes do Ermo, debuxadas com termos quaſi poeticos: E tanta brandura, que fazendo muſica nos ouvidos, e criando na alma dezejos de fugir do povoado, acendem fogo de ſaudades do Ceo. Imitaremos os Sanctos na tençaõ, na obra naõ póde ſer. A huma piquena legoa da cidade, polla eſtrada que corre pera Sintra, pouco deſviado della pera a parte do Poente, fica como eſcondido, e furtado, a communicaçaõ da gente hum pequeno vale, que ſendo naturalmente apraſivel, por freſcura de fontes, e arvoredo, mereceo, ao que ſe póde crer, o nome que tem de Bemfica. E daqui o devia tomar hum pequeno lugar, que pouco adiante ſe vê. Fazem o vale dous outeiros deziguais em corpo: Hum humilde, que ſervindo ſó de lhe encubrir a viſta da eſtrada que diſſemos, naõ lha tolhe a de muitos que ao longe fazem dilatado Orizonte. O outro levanta muito, eſtendendoſe polla parte donde o ſol ſe poem de Inverno, e vay rodeando contra o Sul, de maneira que ameaça querer fechar o vale, e hir ſerrar com o monte contrario: tolhe a determinaçaõ hum Rio, que atraveſſa o vale, faz garganta por entre ambos pera inviar ſeu tributo ao mar. He o Rio pobre de agoas, e quaſi ſem nome de veraõ; mas groço, e ſoberbo de inverno, de ſorte, que indignado contra o jugo de duas pontes, que no vale o ſenhoreaõ, lança muitas vezes por ſima ſua corrente: e deſpois que daqui ſahe, vay fazendo abaixo affenhas de bom ſerviço. Na ladeira do monte mayor, eſtá ſituado o Convento, e della ſe eſtende com ſua cerca até hir beber no Rio. De huma, e outra parte correm quintas, que cercaõ os outeiros, e vale em roda, algumas de bom edificio, outras mais ao natural: todas ricas de boſques, e pumares, e cercadas de ſuas vinhas, com que a mór parte do anno mantém o vale huma freſcura, e verdura perpetua. Fica o Convento ſenhoreando todas com a capacidade, e mais grandeza, e como pagandolhes com ſua ſombra o ornamento, que recebe da companhia, e boa vezinhança dellas.

Mal ſe comparaõ as couſas pequenas com as grandes; mas ſe he licito fazerſe, guardando a ca-

a cada huma ſua proporçaõ, quizera comparar a humildade de Bemfica em Portugal, com a grandeza de Claraval em França. E acho em ambas eſtas caſas muitas conveniencias que me obrigaõ. Se tratamos do eſpiritu, bem conformaõ em ſe dar nellas principio á reformaçaõ da Ordem, que os filhos profeſſavaõ: e em comeſſarem com huma extraordinaria pobreza, pendendo ſó de Deos, e quaſi nada dos homens. Teve Claraval bençaõ de dar muitos, e grandes ſanctos, como caſa grande, e famoſa. Naõ criou menos Bemfica em ſeu tamanho (como pequena, e pobre) nem em virtude, nem em numero, como naõ façamos comparaçaõ com o altiſſimo monte de ſanctidade Bernardo. Poſſuhe Bemfica hum particular condaõ do Ceo (ſofraſeme o termo proprio Portugues) em virtude, e merito dos que aqui viveraõ, e hoje tem ſuas cinzas, que ninguem entra por eſtes Clauſtros, que ſenaõ ſinta abalar de hum certo affecto de devaçaõ, a que parece eſtaõ convidando até as paredes mudas; aſſi o ſinţio, e publicou o bom eſpiritu do noſſo Geral Juſtiniano ſabio avaliador, como noutras partes temos moſtrado, das couſas que vio neſta Provincia, dizendo. *En domus vndique redolens ſanctitatem.* O meſmo creyo que deve acontecer aos que entraõ em Claraval, por meritos de S. Bernardo.

P. 1. l. c. & l. c.

Deſcendo ao matçrial deſtas caſas, concordando ambas em eſtarem afaſtadas do povoado differença faz naõ pequena eſtar Claraval aſſentada em hum campo raſo: e Bemfica arrimada a hum monte, e pendurada delle em parte. Claraval ſervida do Rio Alva em todas ſuas officinas: Bemfica ſem nenhum proveito no ſerviço do ſeu Rio. Mas concertaõ eſtas dezigualdades com fazer cá o monte, o meſmo que lá faz o campo: cá as agoas, que em groſſas fontes brotaõ do monte, o meſmo, que lá as copioſas, que leva o Alva. Se o campo chaõ ſerve pera ſe aproveitar o Convento da corrente do Rio, e o trazer como á maõ viſitando, e regando a caſa toda, e cada officina por ſy: A altura do monte com ſuas entranhas prenhes de ricas fontes, manda cá hum Rio pera cada officina: e tanto com mais graça, quanto vindo a agoa cuberta, e por canos occultos, engana os olhos, e faz crer, que aly a deu a natureza. Onde ſe vê borbulhar da terra, e onde mais ſerve, tantas ſaõ as fontes, quantas as officinas. O ſacerdote quando vencendo o ſol na madrugada ſe levanta a ſaudar, e offerecer ſacrificio ao Divino ſol de juſtiça, acha na ſacriſtia hum rio de agoa viva, com que purificar mãos, e roſto naõ menos, que por quatro bicas offerecida: os que vaõ ao Refeitorio, achaõ defronte delle, e no meyo do Clauſtro, outro rio, e outra agoa; he hum fermoſo tanque de boa pedraria, lavrado, em quadro: no meyo delle hum grande prato de fino jaſpe, que criaõ os montes vezinhos: naõ tem os Reys mayor delicia; ſobre o prato, a quem ſenaõ contenta com o tanque, lança agoa ás mãos, hum minino que ſe vê no meyo, ſervindolhe de gumil huma cornucopia, com que eſtá abraçado, feita por tal arte, que eſtando

boca

boca arriba, lança igualmente a agoa por toda, que por vir repartida, e eſpalhada cahe goteando, e repreſenta ſemear lagrimas, ou derremar aljofres. E como he grande, fazem as bordas, que voltaõ, ſombreiro ao minino, e he de ver hum geito gracioſo, que o eſcultor lhe deu por eſtar nú, de que arrecea molharſe. Quem demanda a portaria acha de fóra hum grande tanque, que tem ſempre cheyo pera ſerviço do povo, huma groſſa vea que ſahe do meyo delle. Quem paſſa da porta encontra logo dentro com outra fonte entre flores, e hervas cheiroſas entre ſidreiras, limoeiros, e larangeiras. Debuxaõ aqui as hervas com arte, e lavor a terra, que as cria, e das arvores humas veſtem as paredes em roda, trepando arruinadas, e apertadas com ellas: outras obrigadas com arte a naõ paſſar de huma curta medida, ſervem ao chaõ de o dividir, e arruar, e as hervas, e boninas de lhe fazer agradavel guarda, e juntamente inveja: cérca, e guarda com ſeus ramos eſtreitamente travados, e tecidos entre ſy: inveja com grandes fruitos pendentes, d'ouro quando maduros, de prata, quando em flor. Até com o miniſtro da pobre cozinha, foy liberal o monte. Tambem tem ſua agoa, que lhe enche as pias de ſeu ſerviço, e forra o trabalho de a buſcar mais longe. Se Claraval tem fermoſos viveiros de peixe no ſeu Rio, pera proveito, e recreaçaõ: os meſmos tem Bemfica: e naõ em huma ſó parte, nem com hum ſó genero de recreaçaõ, e o que mais he de eſtimar dentro da caſa: porque paſſado o Clauſtro, quem buſca a horta do Convento dá a poucos paſſos em huma praça empedrada, que ficando na parte mais alta, e como a mea ladeira da cerca, deſcobre grande parte do vale. Aqui ſahem os Religioſos a gozar o freſco da tarde em o veraõ, e o ſoalheiro de inverno, deſpois que deixaõ o refeitorio. Porque alem da viſta deſabafada, e larga pera fóra, tem na meſma praça de huma parte huma gracioſa fonte, e da outra hum eſpaçoſo tanque; que cada couſa per ſy alegra, e deleita os olhos. A fonte ſe faz em hum arco, que formado de bruteſcos varios, e viſtoſos, arremeda huma gruta natural. Dentro parece aſſentado hum grande, e bem proporcionado ſatyro, imitando com propriedade os que finge a poeſia. Em toda ſua figura moſtra em roſto rizonho, e alegre huma ſimplicidade montanheza, com que eſtá convidando a beber de huma concha natural, que tem apertada com o braço, e maõ eſquerda, da qual ſahe hum fermoſo torno de agoa: e juntamente com a direita acode como arrependido a cobrilla; e faz geito de a querer retirar, dando com huma, e negando com outra. A agoa he quanto póde ſer excellente, e de huma qualidade propria das que naſcem nas ſerras, fria, e deſnevada na mayor força do ſol do Eſtyo: temperada no inverno, como hum banho. Acompanhaõ a gruta de hum, e outro lado em igual diſtancia dous groſſos, e altos pilaſtroens, que ſendo feitos de boa cantaria pera eſtribo de huma abobada, a que ſe arrimaõ, foy a natureza cubrillos de huma Era muito eſpeſſa,

peſſa, e viçoſa, que ſubindo por elles até a môr altura, aſſi eſconde, e ſenhorea a pedraria, que faz parecer foraõ fundados, mais pera honra da fonte, que ſegurança do edificio: aſſi ajuda a natureza a arte, e o accidental ao bem cuidado. E porque entre gente, que profeſſa letras, he bem, que nem nos ſatyros ſe ache rudeza, faz lembrança eſte noſſo a quem folga de o ver com hum verſo latino entalhado em pedaços de marmore negro, que correm a vida, e os annos ſem parar, nem tornar atraz, ao modo daquelle licor, que lhe ſahe das mãos. Advertencia de ſabio, naõ de ruſtico: que agoas, e annos, ſe ſenaõ aproveitaõ com bons empregos, perdidos ſaõ, e pouco de eſtimar. Cahe a agoa, por naõ pejar a praça, em hum pequeno tanque, e deixandoo cheyo, ſomeſe nelle, e vay por baixo da terra, fazer outra fonte na boca de hum leaõ. He de ver aquelle roſto fero cuberto de guedelhas creſpas, e medonhas, que ameaçaõ ſangue, e morte, feito miniſtro de manſas agoas. Verdadeiro poder, e ſymbolo da Religiaõ, que a manſa Leoens, e faz Satyros doutos. Eſtas agoas recebe o lago que aſima dizemos: o qual da parte da praça fica a face da terra, dividido ſó com hum baixo parapeito: e cria no grande fundo, e largura que tem, muito peixe, taõ domeſtico já com a continuaçaõ, que acode ás mãos dos Religigioſos, e ás migalhas, que cada hum lhe guarda, como a pitança certa, e ſua: e vindo em cardumes litigaõ, quaſi em eſquadroens, ſobre o paſto: que neſta materia nenhum elemento carece de contendas. O lago como fica em parte alta, e ſempre ſe vay refazendo de agoa freſca, da boca do Leaõ, alem de conſervar aſſi o peixe, ſerve o Convento em varios uſos. Faz lavanderia pera os habitos, e roupa de todos, deſaguando parte em grandes pias de huma officina cuberta, e contigua, parte em outras da caſa de Noviços, que he vezinha pera o meſmo effeito: e a tempos de cea regar os pumares, e laranjais, e em fim corre até ajudar a pobreza do Rio.

Dá entrada na horta, e pumares huma comprida rua; da parte do muro cobrem as paredes a eſpaços creſcidas giеſtas com ſuas flores amarellas, entreſachadas de roſas, em humas partes brancas, noutras encarnadas; e acompanhaõ os baixos violetas humildes, e goivos de todas cores. Da banda da horta reſpondem arvores ſilveſtres verdes, e altas, caſadas com parreiras, e com ſeus ramos, e fruitos gracioſamente enfeitadas. Fazem toucas as voltas, e freſcura das parras; colares de pedraria as uvas, ſegundo os tempos, e as cores dellas: já topazios, já rubis, primeiro eſmeraldas. Daqui ſe vai deſcendo á horta por diverſas partes, ſempre por entre arvoredo hum de fruito, outro ſilveſtre: mas o ſilveſtre taõ copado, e freſco, que nenhuma enveja tem ao fructifero; antes, como queixoſo do muito, que ſe eſtima o proveito, ſe junta a huma parte da horta; ſaõ o mais hollayas, e loureiros, e tomando companhia de hum eſpeſſo ſylvado de moſqueta, ſe enreda, e tece com ella de ſorte, que ameaça

tolher

tolher a entrada de huma gracioſa eſtancia que aqui ha, aos que a buſcaõ. He retrato de huma camara ſubterranea, a que ſe deſce por alguns degraos. A fabrica em quadro perfeito, aſſentos em roda encoſtados a huma rede de ladrilho, que veſtem eras, entravaõ moſquetas. No meyo hum bocal de poſſo quadrado de boa pedraria, que cheyo d'agoa até lançar por fóra, moſtra ſer fonte viva, ou poſſo de agoas vivas, polla que em continuo movimento eſtá creſcendo, e curſando. Dos quatro cantos do bocal ſe levantaõ colunas de marmore, que ſuſtentaõ no alto huma mea laranja de perfeita abobada pera emparo da agoa, como o faz a ramada do arvoredo a toda a camara, que aqui he taõ ſombrio, e denſo, que naõ ſó lhe tolhe o ſol, quando mais ſóbe, e arde; mas quaſi o Ceo. Aſſi nos tempos, que a natureza eſperta as lingoas das aves, a louvar com mais armonia o Criador, he quaſi morada continua das que por mais muſicas ſaõ conhecidas. E he tradiçaõ, que juntandoſe nellas huns ſeculares de boas vozes, e começando a cantar ao ſom de inſtrumentos bem acordados, acudiraõ as que ſe tinhaõ por ſenhoras do ſitio, a deſafiar a melodia humana, e arteficial, com a ſua natural. E iſto com tamanha porfia, que vencidas as vozes dos homens naõ canſaraõ as pobres avezinhas de ſeguir as violas, que ficaraõ ſuprindo por elles; e huma ſe deixou levar tanto do impeto, e affecto de cantar, que veyo a desfalecer, e á viſta de todos cahio em terra ſem alento, como dizendo, que antes queria perder o bem da vida, que a honra de perſeverar cantando. Mereceo eſta eſtancia ſer eſtimada de hum Infante de Portugal, que foy Cardeal, e Rey. E porque no eſtado de Cardeal continuava, em a ver, e honrar, ficoulhe o nome de fonte do Cardeal. Tambem ha quem affirma, que o merece polla ventagem que o Cardeal achava no licor, e porque a eſſa conta o mandou aſſi compor.

Aſſi como eſtá por baixa, e ſoterrada, e pollo boſque, que a eſconde ſe faz eſtimar: ha outra, que tem tambem ſua graça na falta de todo artificio. He huma vea de agoa que ſahe no meyo da horta, por huma telha ordinaria, e formando logo hum profundo tanque, que tambem cria muito peſcado, rega dous eſtendidos talhoens de horta, em que recrea os olhos a diverſidade das hortaliças, o concerto, e diſpoſiçaõ de todas, miſturandoſe muitas hervas cheirоſas, e flores varias, com o que ſerve pera o refeitorio: com ſeus paſſeos, e ruas, que as dividem. E ſaõ barras da diviſaõ, ou ſidreiras, ou limoeiros, ou murtas, e craveiros, ou tudo junto.

Mas naõ ſerá rezaõ deixarmos em ſilencio outra fonte que em ſeu genero, e eſtranheza, compete com as boas calidades deſtas duas.

Deſta maneira podemos bem dizer, que fazem aqui as fontes todos os ſerviços, e feitios, que em Claraval faz o Rio Alva; e ſe huma ſó fonte, de que lá bebe o Moſteiro, he louvada de ſer viſitada dos primeiros rayos do ſol, quando ſe levanta (qualidade importante das boas agoas) eſta

eſta prerogativa ſe vê em todas as de Bemfica : porque todas tem ſua origem no monte de Ponente , a que o Convento ſe arrima , e ficaõ naſcendo com o roſto no ſol da manham.

O natural de agoas , e boſques tinha a Caſa , quando el-Rey fez a merce á Ordem : o arteficial foraõ fabricando os Frades , e devotos , e ajudando os Reys , que ſempre della moſtraraõ goſto , e tiveraõ particular cuidado. A Igreja em ſeus principios foy fabrica de pouca ſubſtancia , acreſcentouſe correndo os annos , mas como obra feita a pedaços , e com defeitos claros de architectura envelheceo depreſſa , e chegou a ameaſſar ruina no tempo que iſto eſcreviamos. O que obrigou os Frades a redificalla de propoſito , e com tanto animo , ſendo os tempos aſſaz apertados , que o que já hoje eſtá feito , moſtra que ſerá obra perfeitiſſima , ſendo acabada. Das memorias antigas , que nella havia , diremos em outro lugar : eraõ os Religioſos poucos quando comeſſaraõ a reformaçaõ ; e a caſa tambem curta , inda que Real , contentavaõſe de hum dormitorio terreo. Foy moſtrando o tempo , que era em demazia humido , e pouco ſadio , pera onde a comida era peixe continuo. Levantouſe , mas tambem pobremente , e trocouſe no que agora he caſa de Noviços. Naõ he pera eſquecer o que ſe conta daquelle primeiro , e mais humilde. Affirmaõ os Antigos , que todas as vezes , que havia de morrer algum Frade , havia nelle ſinais manifeſtos , ſentindoſe golpes , e rumor de maõ inviſivel , as mais vezes em tres partes diſtinctas ; era ſentença irrevogavel de morte vezinha a terceira. Ceſſou eſte prodigio com a mudança ; e ſeguramente podemos crer , que ceſſou hum grande bem , e indicio de perfeiçaõ daquelles primeiros moradores. Naõ eſpantaõ novas de morte aos que andaõ compoſtos , e aparelhados , e que na Religiaõ naõ buſcaõ mais , que bem morrer. Onde falta o aparelho , aqui ſobejaõ medos. E ſe a morte ſubita he o mayor mal de todos , grande miſericordia era do Senhor o aviſo antecipado. Creſceo a Caſa em renda depois que pareceo neceſſario na Ordem poſſuhiremſe bens de rays. Com a renda creſceo o numero dos Frades , e foy forçado alargar a vivenda. Lançouſe primeiro huma grande ſala com janellas raſgadas ſobre o jardim da portaria , e outra no eyrado , que cahe ſobre o meſmo. Logo do meyo della hum eſtendido , e eſpaçoſo Dormitorio , que corre contra o Nordeſte , até ficar quaſi ſobre o Rio : o forro de eſtuque , e em forma , que arremeda huma bem lavrada abobada , cellas grandes , e bem forradas ; portaes , e janellas de pedraria. Obra toda ayroſa , e bem traçada , ſe naõ fizera viſta de fóra , como de huma manga eſtirada , e deſpegada do mais edificio ; de que naſce ſer frio , e deſabrigado do inverno. Pagaſe eſte mal com algumas commodidades no reſtante do anno , que ſaõ viverſe nelle ſem ſentir calma na mayor força do Eſtyo : e naõ tendo mais , que tres degraos de ſubida da parte do edificio antigo , e da Igreja , fica em tanta altura , que deſcobre , goſa , e ſenhorea todo o vale

em roda ; e como cortou pollo boſque , e pumares , deleytaſe a viſta na freſcura , o olfato no cheiro dos laranjaes , o ouvido no canto das Aves , que ficaõ taõ vezinhas , que ás vezes ſe afigura , ou ſerem hoſpedes os Roxinois , ou quererem fazer officio de eſpertadores com os Religioſos pera os louvores Divinos ; ao pé da janella do topo inventou à curioſidade hum genero de recreaçaõ , que pudera ter muito de proveito , ſe as leys da caſa o permittiraõ. He hum viveiro de muitos coelhos: ſervem de viſta , naõ de paſto. Porque o Refeitorio naõ admitte aqui carne em nenhum tempo. A obra do Dormitorio ſeguio outra tambem importante , que foy a da ſacriſtia , e he huma das fermoſas , e bem acabadas caſas , que tem a Provincia por grande , e alta , e bem cuberta , e ſervida de huma fonte , que nella corre ſobre prato de jaſpe ; como atraz tocamos. Mas temonos detido muito , tornemos á noſſa Hiſtoria.

CAPITULO IV.

Parte o Meſtre Frey Vicente de Lisboa pera Roma , por mandado d'elRey. Succede em ſeu cargo o Meſtre Frey Vicente de Portugal ; tresladaſe o Breve , que trouxe do Capitulo pertencente á obſervancia.

GOvernava o Meſtre Frey Vicente de Lisboa o ſeu Moſteirinho com paz , e alegria de eſpiritu. Mas naõ lhe durou anno inteiro eſta quietaçaõ. Faz mal a muita gente o preſtar pera muito. Conhecia elRey Dom Joaõ ſeu grande talento: offereceraõſe negocios de peſo em Roma: naõ os quis fiar d'outrem , deſpachouo a elle. Naõ ha memoria de quem por entaõ ficaſſe em ſeu lugar. Só achamos , que celebrandoſe Capitulo geral de eleyçaõ em Odene , terra da Hiſtria do Patriarchado de Aquileya , em que ſahio eleyto Meſtre Geral , por falecimento do B. Frey Raymundo de Capua , o Padre Meſtre Frey Thomas de Fermo 24. Gerais em numero dos noſſos , foy preſente a elle hum Frey Vicente de Portugal com titulo de Vigairo do Meſtre Geral: do qual naõ conſta ſe fazia eſte officio em todos os Conventos de Portugal , ou ſó no da reformaçaõ de Bemfica , e podeſe cuidar que lhe pertencia ſó eſte : viſto como achandoſe no Capitulo fez tresladar em publica forma o Breve de que atraz fallamos , como concernente a couſa ſua propria : o qual tirado de verbo ad verbum de ſeu original , que ſe guarda no Cartorio de Bemfica he o ſeguinte. E eſcuſaremos o trabalho de o dar traduzido ; viſto como nos Capitulos atraz temos dado noticia baſtante de toda a ſuſtancia delle.

IN Chriſti nomine. Amen. Hoc eſt exemplum cujuſdam Bullæ Sanctiſſimi in Chriſto Patris , & Domini noſtri Domini Bonifacij , diuina prouidentia Papæ Noni , cujus

jus vera Bulla plumbea , more Romanæ Curiæ cum filis ſericis rubri , & crocei coloris bullatæ , non vitiatæ , nec cancellatæ , nec in aliqua parte ſua ſuſpectæ , ſed omni prorſus vitio , & ſuſpicione carentis , per me Petrum Bonum Notarium infra ſcriptum , á ſuo vero , & authentico originali ſumptum , & tranſumptum , cujus tenor de verbo ad verbum ſequitur , & eſt talis. Bonifacius Epiſcopus ſeruus ſeruorum Dei , ad perpetuam rei memoriam. Apoſtolicæ ſedis benignitas , perſonas ſub religionis obſeruantia aſſiduo ſtudio piæ vitæ vacantes , ex eorum , ac aliorum conamine , Deo lucrifacere cupientes , congruo fauore proſequitur : ac his , quæ ad eorum pium deſiderium conſequendum provide facta ſint , & illibata permaneant , libenter adhibet ſolicitudinis ſuæ partes. Dudum ſiquidem pro parte dilecti filij Raymundi Magiſtri Ordinis fratrum Prædicatorum nobis expoſito , quod dudum , cum ipſe ſuum Ordinem viſitaret , repererat inter extera , multos Frates ejuſdem Ordinis deuotionis feruore accenſos , & deſiderantes regularem obſeruantiam , per B. Dominicum , & alios antiquos Fratres ejuſdem Ordinis ordinatam ſeruare : & quod ipſe conſiderans , quod dictorum fratrum deſiderium ſalua conſcientia impedire non poterat , nec debebat : imo firmiter putaret ſe reum coram Deo , niſi eos adjuuaret , & promoueret ad perfectionem hujuſmodi , eorum deſiderij tam laudabilis , per dilectum filium Fr. Conradum de Pruſia , ejuſdem Ordinis profeſſorem , virum vtique vitæ commendabilis , ac famæ laudabilis in partibus Alemaniæ incepti , qui prædictos Fratres , vt præfertur , ſic deſiderantes in prouincia Theutoniæ , ſecundum conſuetudinem dicti Ordinis , inceperant congregare , & jam in loco dicti Ordinis ſito in Columbriæ Baſilienſis diæceſis , circa triginta Fratres congregauerant , quibus idem Magiſter dictum Conradum præpoſuerat , qui conſtitutiones dicti Ordinis integraliter obſeruabant cum effectu ; & ideo prædicationi Verbi Dei , & exemplo B. Dominici virtuosè inſiſtebant , quod de tota patria circunſtante , concurrebant homines ad audiendam doctrinam eorum , quam factis etiam virtuosè informabant : quodque ipſe Raymundus , qui , vt aſſerebat , ipſum ordinem per decem annos , & vltra gubernauerat ,

proponens hoc idem facere, ſeu ordinare in qualibet prouincia dicti Ordinis: videlicet, quod in qualibet ex dictis prouincijs eſſet vnus locus dicti Ordinis, in quo regularis obſeruantia dicti Ordinis, ſecundum ſtatuta B. Dominici prædicti, ſeruaretur, juxta tenorem prædictarum conſtitutionum, de multorum fratrum ejuſdem ordinis conſilio, & aſſenſu, tam authoritate officij ſui, quam Generalis capituli dicti ordinis, tunc vltimo celebrati ſibi commiſſa, per ſuas certi tenoris literas ordinauerat, ſtatuera, decreuerat, & mandauerat, quod infra annum á notitia literarum ſuarum, hujuſmodi Priores, Prouinciales, ſeu Præſidentes, & eorum quilibet in ſua prouintia ordinarent, & taliter facerent, quod in ſua prouincia eſſet vnus locus deputatus ad hujuſmodi obſeruantiam regularem: in quo poſſent ad minus viuere duodecim fratres Ordinis prædicti, qui dictas conſtitutiones conſeruarent, prout in dictis literis continetur: & pro parte ipſius nobis ſupplicato, vt ordinationem, ſtatutum, decretum, & mandatum hujuſmodi, & quæcunque inde ſequuta rata habere, & grata; illaque authoritate Apoſtolica confirmare, de benignitate Apoſtolica dignaremur. Nos ipſius Magiſtri in hac parte ſupplicationibus inclinati, ordinationem, ſtatutum, Decretum, & mandatum, prædicta, ac omnina, & ſingula in prædictis literis contenta, quorum tenorem noſtris literis, & præſentibus inſeri fecimus, rata habentes & grata, illa per eaſdem noſtras literas confirmamus, & ipſarum literarum patrocinio communimus, prout in noſtris inde confectis literis plenius continetur. Cum autem, ſicut nuper accepimus, non nulli Fratres ejuſdem Ordinis, ſalutis æternæ immemores, ac Dei timore poſtpoſito, nolentes intelligere vt bene agant, & ſecum alios trahere in præcipitium ſatagentes; quamuis ordinationem, ſtatutum, Decretum, & mandatum hujuſmodi per ſe obſeruare deſidia, & inertia non velint, neque curent: veruntamen eam obſeruari ab alijs non permittant; & nonnullos Fratres ipſius ordinis deuotos, volentes prædictam obſeruationem debitè obſeruare, multis friuolis, & exquiſitis coloribus, ab hujuſmodi eorum laudabili propoſito, in hac parte damnabiliter retrahunt, & paſſim remouere conantur, ac impediunt, quan-

quantum in eis eſt, quo minus ordinatio, ſtatutum, decretum, & mandatum, prædicta, debitum ſortiantur effectum: & nihilominus ſe jactant, quod vtique ordinabunt, & procurabunt pro poſſe, ordinationem, ſtatutum, decretum, & mandatum prædicta, etiam in generali iſtius Ordinis Capitulo in feſto Penthecoſtes proxime futuro celebrando, per diffinitores ipſius capituli juxta dicti Ordinis morem facere reuocari, in ſuarum animarum periculum, ac in contemptum ſedis Apoſtolicæ, & ſcandalum plurimorum. Nos, quorum intereſt hujuſmodi prauis conatibus, euidenter ad perniciem tendentibus, ſalubriter congruis remedijs obuiare, cupientes ne morbus factus Chronicus fomenta poſtremò deſpiciat medicinæ, omnibus, & ſingulis diffinitoribus, juxta hujuſmodi morem ordinis præfati, tam præſentibus, quam futuris, ac etiam quibuslibet Patribus ipſius Ordinis, & alijs cujuſcunque ſtatus, gradus, ordinis, vel conditionis exiſtant, diſtricte, & ſub excommunicationis pæna, quam contrarium facientes, authoritate Apoſtolica incurrere volumus, ipſo facto inhibemus expreſſe, ne aliquem profeſſorem ipſius Ordinis, ob frugem melioris vitæ, hujuſmodi obſeruationem regularem ſupradictam, prout permittitur, ſic proindé, ſicque ſalutifere ordinatam, obſeruare volentem, perpetuis futuris temporibus, aliquatenus publicé, vel occultè, directe, vel indirecte, ac quouis quæſito colore impediant per ſe, vel alium, ſeu alios, aut ab hujuſmodi laudabili propoſito, ſcilicet, obſeruantiæ hujuſmodi retrahant, ſeu impedire, vel retrahi faciant, vel procurent quouis modo: nec ordinationem, ſtatutum, & mandatum prædicta, maxime cum ad eos non pertineat, auſu temerario reuocent: ſeu etiam contra ea aliquid attentent, aut attentare præſumant: ſed ea potius, & quæcunque alia ad augmentum plurium conuentuum, in quibus etiam hujuſmodi obſeruantia ſeruetur, per ipſum Magiſtrum forſan ordinanda, concernentia, ſi non virtutis amore per ſe ad obſeruantiam hujuſmodi forſitan inclinentur, nec ſint apti; ſaltem permittant æquanimiter, vt expedit, per alios Fratres dicti Ordinis obſeruari; ac ipſos Fratres eandem obſeruantiam obſeruantes, & obſeruare volentes, juxta illud, quod in poteſtate hominis non ſit, qui ſpiritu

ritu Dei ducuntur, in ejuſmodi eorum laudabili propoſito confoueant potius, & confirment, ſi Diuinam, & noſtram gratiæ offenſionem deſiderant euitare. Nos enim ex nunc irritum decernimus, & inane, ſi ſecus ſuper his, á quoquam quauis authoritate, ſcienter, vel ignoranter attentatum forſitan eſt hactenus, vel impoſterum contigerit attentari, nihilominus contra transgreſſores inhibitionis noſtræ hujuſmodi, ſi expedierit, grauius proceſſuri. Tenor vero dictarum literarum ipſius Magiſtri ſequitur, & eſt talis. Vniuerſis, & ſingulis Prioribus Prouincialibus, ſeu Præſidentibus, in quibuſcunque prouincijs, tam præſentibus, quam futuris ordinis fratrum Prædicatorum, Fr. Raymundus ejuſdem ordinis humilis Magiſter, & ſeruus ſalutem & Chriſtum Dominum efficaciter imitari: quantò inſufficientiorem ad regimen tanti ordinis me conſpicio, tanto magis neceſſitatum video ad laborandum ſolicite pro ipſius Ordinis reformatione pariter, & augmento. Sane cum reformationis vocabulum proprie dicat primæ formæ reſumptionem, nullam viam inuenio meliorem ipſum ordinem reformandi, quam ſi oculis mentis reſpiciamus ad petram vnde præciſi ſumus, & ad cauernam laci, de qua proceſſimus, ad Abraham ſcilicet multarum gentium Patrem Beatum Dominicum, qui virtute ſpiritus genuit nos; & ad Saram, videlicet ſacram Religionem per ſanctos Patres ordinatam, quæ peperit nos. His diligenter attentis juxta gratiam mihi datam, & dum ordinem viſitarem inuentis quampluribus Fratribus, qui feruenter deſiderant reduci ad primam formam obſeruantiæ regularis per Beatiſſimum Patrem noſtrum Dominicum inchoatam, & per ſanctos ſucceſſores ejus poſtmodum confirmatam, poſt longi temporis deliberationem, multiplicem habitam collationem cum Fratribus magis timentibus Deum, decreui omnino tam pro inceptione reformationis totalis, quam pro ſatisfactione ſancti deſiderij fratrum ſupradictorum, taliter ordinare, quod in qualibet prouincia ſupradicti Ordinis ſit ad minus vnus conuentus, in quo regularis obſeruantia teneatur ad vnguem, juxta noſtrarum conſtitutionum tenorem, & formam. Quamobrem de multorum fratrum Deum timentium, & religionem noſtram feruenter diligentium, non tan-

tantum consilio, & assensu, sed instantia, & supplicatione feruenti, omni modo, & via, quibus melius possum, tam authoritate officij mei, quam Capituli Generalis vltimo celebrati mihi concessa, ordino, statuo, & decerno, ac nihilominus cuilibet vestrum præcipio in virtute promissæ obedientiæ, & spiritus Sancti, per quem filij Dei aguntur, & congregantur, quatenus infra annum à notitia præsentium, quilibet vestrum ordinet, & taliter faciat in prouincia sua, quod sit vnus conuentus deputatus ad obseruantiam regularem, in quo possint viuere ad minus duodecim fratres, & deinde fratres voluntarios ad dictam obseruantiam ibidem assignet, vsque ad numerum prætaxatum, vel amplius, si tot ei Deus dederit inuenire: sin autem, illos, quos inuenerit, assignet in dicto conuentu, in quo seruetur ad vnguem, vt est dictum, tenor constitutionum nostrarum, & obseruantiæ regularis, sicut in ipsis constitutionibus prouinciarum nostrarum per me ad hanc regularem obseruantiam congregatos, & eorum Præsidentes, per me deputatos, nullo modo molestare, aut quomodolibet præsumatis impedire: imo ipsos adjuuetis, & foueatis, ac in sancto proposito confirmetis juxta gratiam vobis datam. Cæterum quicunque vestrum, quod absit, ex notabili negligentia, vel, quod deterius est, ex proposito dicto meo præcepto inobediens fuerit, post annum superius prætaxatum, ab officio Prioratus, si fuerit Prouincialis, Prior, aut Vicarius, si fuerit Vicarius Prouinciæ, absolutum in pænam, & inhabilitatum per decem annos, ad illud officium resumendum, quem, vel quos dicti præcepti mei trasgressorem, vel transgressores, ex nunc prout ex tunc, & ex tunc prout ex nunc, modo, quod supra dictum est, absoluo, & inhabilito præsentium per tenorem. In quorum omnium testimonium præsentes patentes literas fieri feci, & sigillo nostri Ordinis muniri. Datum Romæ anno Domini milesimo, trecentesimo nonagesimo, die prima mensis Nouembris. Nulli ergo omnino hominum liceat hanc paginam nostræ inhibitionis, constitutionis, & voluntatis infringere, vel ei ausu temerario contraire. Siquis autem hoc attentare præsumpserit, indignationem Omnipotentis Dei, & Beatorum Petri, & Pauli Apostolorum

tolorum ejus ſe nouerit incurſurum. Datum Romæ apud Sanctum Petrum Kalend. Decembris, pontificatus noſtri anno quinto.

1401. *In Chriſti nomine. Amen. Anno nativitatis ejuſdem Milleſimo, quadrageteſimo primo, Indictione vndecima, die lunæ, penultimo Maij, ectum Vtini Aquilegienſis Diæceſis in domo habitationis Venerabilis, & ſapientis Viri Domini Iacobi de Giſcardis de Arpino, egregij decretorum doctoris Canonici Aquilegienſis, Reuerendiſſimi in Chriſto Patris, & domini, dom Antonij Dei gratia Aquilegienſis digniſſimi Patriarchæ; in ſpiritualibus Uicarij Generalis, præſentibus nobilibus, egregijs, & prouidis Uiris Ser, Articho de Brugueira Uittæ de portilijs, Ser Muſchino de la Ture de Vtino, Ser Ioannis Suſannæ notario quondam Ser Odolici Suſannæ notario de Utino Cancellariæ præfati Domini Domini Patriarchæ. Iacobo Roncono de Ronconis de Vtino, & Meulichino filio. Ser Ioannis de Atens notarij in ciuitate Hiſtria habitante. Teſtibus ad hoc conuocatis ſpecialiter, & rogatis, & alijs: ibique coram memorato Domino Iacobo Vicario prælibati Domini noſtri Patriarchæ Aquilegienſis pro tribunali pro præſenti actu ſedente, ego Petrus Bonus quondam Ser veritatis de Ioſeppis de Verona publicus Imperiali authoritate notarius Vtini habitans ſpiritualis Curiæ Patriarchalis Aquilegienſis ſcriba, ſupra ſcriptum exemplum per me á ſua vera originali autentica Bulla non vitiata, non corrupta, nec in aliqua ſui parte ſuſpecta, ſed omni prorſus vitio, & ſuſpitione carenti, ad petitionem, & inſtantiam venerandi, & religioſi Uiri Domini fratris Vincentij de Portugalliæ Diæceſis Ulixbonenſis Magiſtri ſacræ paginæ, Uicarij Magiſtri Ordinis fratrum Prædicatorum ſumptum, & tranſſumptum in præſentia ante dictorum teſtium, & notariorum infra ſcriptorum per me lectum fuit, & vna cum eiſdem notarijs diligenter, & fideliter auſcultatum, prælibato Domino Iacobo ibidem, vt ſupra, pro tribunali ſedente; & quia per ipſum Dominum Iacobum vicarium, vna cum infra ſcriptis Franciſco Macorio, & Iacobo notarijs publicis, atque mecum, repertum fuit ipſum exemplum cum eodem ſuo authentico origi-*

originali per omnia concordare : ideo ipſe Dominus Iacobus Uicarius , vt eidem exemplo , tanquam præfato ſuo vero , & authentico originali , decreto adhibeatur plena fides , ſuam , & ſui Uicariatus , officij authoritatem interponit , pariter , & decretum , mandans ante dictis notarijs , & mihi , vt nos eidem ſubſcribere deberemus , & ſui Vicariatus ſigilli appenſione muniretur ad perpetuam fidem , & memoriam prædictorum.

Com todas as ſolemnidades, que o Notario Petro Bono aponta, eſtá concertado eſte treſlado: e ſaõ tres os Notarios, que alem do Petro Bono puſeraõ nelle ſeus ſinais publicos , que ſaõ humas rubricas de formas differentes ao modo que as fazem neſte Reyno os Tabaliaens. E porque tudo o que contém faz muito ao caſo pera honra , e quietaçaõ dos que reſidimos em caſas , que profeſſaõ a reformaçaõ antiga, e nos dá perfeita noticia do que era dezejada de noſſos mayores; naõ peço perdaõ do papel , e tempo , que nella empregamos.

CAPITULO V.

Da vida , e morte , e ſepultura do Padre Meſtre Frey Vicente de Lisboa.

CArga de negocios grandes ſobre idade creſcida , e mudança de Ares com vida pouco mimoſa ordinariamente abreviaõ o curſo da vida , inda em ſujeitos muy robuſtos. Naõ ſoube reſiſtir o Meſtre Frey Vicente á vontade de ſeu Rey , e enganando com o eſpiritu , e bom animo as forças já quebradas , fez ſua jornada. Mas a poucos mezes foy ſalteado de infirmidade, que o conſumio , e paſſou em breve ás moradas eternas. Aſſi ſendo o primeiro ſeguidor da reſuſcitada obſervancia em Portugal , foy tambem o primeiro que della levou o premio , fallecendo á menos de dous annos deſpois de fundada ; e por tanto fica por muitos titulos merecendo primeiro lugar entre todos os companheiros , e filhos deſte Convento , e lho daremos no preſente Capitulo. Foy Frey Vicente natural de Lisboa , naſcido , e criado na freguezia de S. Nicolao , e pelo que ſe pode colligir de ſeu naſcimento , de gente humilde. Acompanhava a ſua mãy na hora do parto huma vezinha mulher pya ; mas igualmente ſimples , e de pouco ſaber. Eſta ſendo o parto trabalhozo , e tal , que veyo a criança quaſi morta , quiz fazer o officio , que em neceſſidade he permitido ás comadres : e a occaſiaõ amoeſtava. Acudiolhe com o material da agoa do bautiſmo : mas a forma foy defectuoſa , e como de quem ignorava o principal , differente da que uza a ſancta Madre Igreja. Convaleceo o minino , creſceo , fezſe Frade , eſtudou , teve nome nas letras , e fama na prégaçaõ. Contava já annos ſobre trinta na idade , e por boa conta naõ deviaõ ſer poucos ; quando o trouxe ſua devaçaõ , ou boa ventura a querer ſer ouvido na freguezia em

Chron. de S. Domingos da provincia de Aragaõ l. 2. c. 19.

que naſcera. Prégou com alegria, e applauſo dos conhecidos, e amigos, entre os quais ſe chegou a elle huma velha, que amontoando bençoens, diſſe pera os que com outras tantas o acompanhavaõ, que tinha mais auçaõ que todos pera lhas dar: porque o Padre prégador naõ ſó lhe naſcera nas mãos, mas fora por ellas bautizado. Hiſtoria he muito celebre, e com geral, e antiga tradiçaõ confirmada neſta Provincia, e por tal eſcrita de alguns Authores: hum dos quais he o devotiſſimo Padre Fr. Luis de Granada no ſeu Symbolo da fé. Naõ ſabemos, que ſentio Frey Vicente na lingoagem, ou ſimplicidade da velha, ou que lhe revelou naquella hora o Eſpiritu: parou, e de propoſito perguntou á boa madrinha, pollo que lhe ouvira, e com que palavras o fizera. E ella affirmou, ratificandoſe huma vez, e outra com ſingeleza, e alegria, que por ſuas mãos o bautiſara, e as palavras foraõ: eu te bautizo, e te encomendo a Deos, e a noſſa Senhora. Era Frey Vicente naõ ſó letrado, mas dotado tambem de agudo juizo, e grande Religioſo; naõ guardou pera mais longe averiguar tudo, o que tocava pera materia taõ importante: perguntoulhe ſe ſoubera, ou ouvira dizer, que quando deſpois o levaraõ á Igreja a receber os ſanctos Oleos fora bautizado pollo Parrocho. Affirmando ella, que tal diligencia ſenaõ fizera em confiança da que por ſuas mãos paſſara, deu graças a Deos, pollo beneficio de tal revelaçaõ: e fazendo todas as diligencias, que moralmente pareceraõ neceſſarias pera ſegurança da conſciencia, ſe fez bautizar, e criſmar ſub conditione, e a cautella: e fez de novo profiſſaõ, e ſe ordenou de todas as ordens ſacras. Naõ permittio o Senhor que ficaſſe fruſtrada a tençaõ da piadoſa femea, que a elle, e a ſua Mãy ſagrada encomendara o afilhado. E elle como quem tal valia tinha no Ceo foy procedendo com tanta virtude, que ſem outro favor mais, que della, ſubio a tudo o mais, que na Religiaõ ſe podia alcançar. Deſpois de Leytor, e Meſtre em Theologia, chegou a ſer Provincial de todos os Conventos de Caſtella, e Portugal, que entaõ andavaõ juntos, e faziaõ huma ſó Provincia, antes da Ciſma, que pouco ha contamos, e juntamente foy Inquiſidor geral de toda Eſpanha. Entrando a guerra, e diviſaõ de animos nos Reys, e Reynos de Caſtella, e Portugal, a elle ſe attribue o conſelho, que o governo da Cidade tomou em fazer voto de tirar os abuſos Gentilicos, que duravaõ no Reyno, como em outra parte temos contado, de lançar ſortes, furtar agoas, carpir defunctos: elle fez trocar em ſanctas, e devotas prociſſoens as profanidades, que o povo mantinha de feſtejar certos dias do anno por titulo recebido da Idolatria, com outros maos coſtumes, que em fim por ſua induſtria ficaraõ deſterrados do Reyno. E como o arrancar vicios he diſpoſiçaõ pera prantar virtudes, inſtituhio, e deu principio ás prociſſoens da quinta feira da ſemana Sancta, que hoje eſtaõ á conta das Irmandades da Miſericordia, nunca dantes uzadas. E por lhe naõ ficar nada por fazer pera augmento

Fr. Luis de Granada no ſymbolo da fé p. 2. c. 27. parag. 15.

P. 1. l. c. deſta Chr.

de

de devaçaõ dos seculares, impetrou do Papa Bonifacio Nono huma Bulla pera todas as pessoas que assistissem, ou déssem esmollas nos nossos Capitulos Provinciaes com todas, e as mesmas indulgencias, que a Sé Apostolica tinha concedido á casa de nossa Senhora da Porciuncula. Nasciaõ estes bons effeitos de ser muito dado aos sanctos exercicios de Oraçaõ, e penitencias, a que juntava hum cuidado incansavel de ajudar, e alumiar o mundo, compondo livros de sancta doutrina. O que tudo o fazia amado do povo, e taõ estimado d'elRey Dom Joaõ, que sobre a honra de seu confessor, e prégador, se ajudava delle em todas as materias, que se offereciaõ de importancia: porque era sabio em discorrer, e aconselhar: e como sancto livre, e desenganado em dizer o que sentia. Assi estando já em idade, que mais requeria repouzo, que o manejar negocios, e fóra da Patria, inda entaõ naõ quis occupar outrem, nos que atraz dissemos se offereceraõ em Roma, e na jornada acabou seus dias.

Fr. Antonio de Sena na sua Chr. f. 214

Grande queixa tenho dos descuidos daquella idade. Ficando em memoria o dia de seu fallecimento, que foy a 5. de Janeiro de 1401. perdeose a do lugar; e sendo certo, que em vida, e morte confirmou o Senhor com milagres sua sanctidade, nem hum só nos deixaraõ apontado nossos antepassados; e constando, que escreveo livros, naõ temos hoje nenhum; mas nem seus ossos tiveramos, se os merecimentos de sua sancta vida, e o bom serviço da joanada naõ obrigaraõ o mesmo Rey aos mandar vir, donde foy sua morte. Agradecimento, e galardaõ de grande Principe Passados alguns annos mandou hum fidalgo de sua casa por nome Pedro Rodrigues de Moura, que os trouxesse a este Reyno, pera se quer na morte descansarem na patria, e na Casa, e Convento, que a Deos dedicaraõ, quando tinhaõ vida. Foy Pedro Rodrigues ao effeito acompanhado de dous Religiosos de Bemfica, trouxeos a Lisboa, teveos em sua casa recolhidos com segredo até que elRey deu ordem pera trazerem ao seu Mosteiro, com a pompa que era devida a quem tinha por sancto. E foy assi, que em certo dia mandou que fossem postos no caminho do Convento, em hum lugar distante delle hum bom espaço: e aly fez que se juntasse a Camara da cidade, com todos os ministros do governo della, e da justiça do Reyno; e o Cabido da Sé, e toda a nobreza da Corte. E com tal acompanhamento, sendo levados em hombros dos seus Frades, e seguidos de muito povo, que acudio á solemnidade, e fama do Sancto, se meteraõ no Convento. Ficou em memoria, que dous Religiosos, que governaraõ esta pompa, se chamavaõ Frey Rodrigo, e Frey Martinho, que por boa conta deviaõ ser os mesmos, que em companhia de Pedro Rodrigues de Moura haviaõ hido buscar as sanctas reliquias. E naõ he pera esquecer por honra dellas, e da opiniaõ em que Frey Vicente está na de sancto, hum requerimento juridico, que em dia taõ solemne, e em meyo de tanta gente, se atreveo a fazer Frey Martinho de Cintra Prior

1401.

do noſſo Convento de S. Domingos de Lisboa. Allegando com graves, e efficazes palavras, que aquellas reliquias, ſem embargo, que as acompanhava por lho elRey mandar ao Moſteiro de Bemfica, pertenciaõ legitimamente ao de Lisboa, que elle Frey Martinho governava, e cujos ſubditos aly vinhaõ por honra, e decoro da Religiaõ; por quanto Frey Vicente tomara nelle o habito, e nelle profeſſara. E melhor titulo era o de filho, e ſubdito pera pertencer a Lisboa, que o de pay, e fundador de Bemfica. Dura inda hoje no Cartorio hum treslado authentico deſte auto, tomado por fé de Tabaliaõ, a quem o Prior pedio o treslado, requereo depoſito, e proteſtou por cuſtas, perdas, e danos. E naõ damos a copia, porque he largo, e convem hirmos encurtando leytura.

Recolhido o corpo no Convento lavrouſe hum tumulo de pedra, e entalhado nelle hum letreiro, que declara ſuas virtudes, pollo eſtylo, e lingoagem daquelle tempo; e ſe ſubio, e embebeo no alto da parede do cruzeiro, onde o vimos muitos annos, fronteiro do Altar de S. Sebaſtiaõ, que tinha ſeu ſitio ſahindo do Choro ſobre a maõ eſquerda. O que a letra continha he o ſeguinte.

AQui jaz Frey Vicente de ſancta memoria Frade da Ordem dos Prégadores, e Meſtre em Theologia, Varaõ muy excellentiſſimo em ſciencia, e virtudes, cujas obras reluziraõ ante Deos, e os homens: porque por elle foraõ deſtruidas as obras do Diabo, e as heregias, os errores, e idolatrias em eſta Cidade, e em outras partes do Reyno: e convertidas em prociſsoens, e em outros ſerviços de Deos, e proveito das almas: e inda por elle foraõ compoſtas muitas obras de livros muy excellentes, tambem pera prégar, como pera diſputar. Eſclareceo por milagres na vida, na morte, e deſpois da morte. Fundou dous Moſteiros da obſervancia regular da predicta Ordem, hum em Lisboa, convem a ſaber, o das Freiras do Salvador, e eſte. Obijt autem anno Domini 1405. *Vigilia Epiphaniæ.*

Ainda que nos queixamos de naõ haver noticia de nenhum milagre deſte ſancto Varaõ: ſendo aſſi, que conforma a tradiçaõ geral da Provincia com o que o marmore da ſepultura refere, he couſa certa, que bullindoſe haverá ſetenta annos com ella por certa occaſiaõ, lançou de ſy taõ ſuave cheiro, que paſſou a fragrancia a toda a Igreja, e até ao Clauſtro. Prova bem clara de que nos naõ engana a tradiçaõ, nem a pedra: pois qualquer grande milagre fica vencido deſte. Por reliqua ſua, e argumento da pobreza em que vivia, ſe guarda, e eſtima

tima hoje hum copo, que lhe ſervia na meza, e nos caminhos: he de pao, pobre no feitio, e na ſorte da madeira. Guardaſe no depoſito do Convento com tres chaves como peça rica, pera vergonha dos ſoberbos do mundo, e boa doutrina dos Religioſos. Anda com elle huma memoria em pergaminho, que moſtra ſer da meſma idade com duas regras latinas, que o declaraõ, e dizem aſſi. *Hic eſt ſcyphus Egregij Patris, & fratris Vincentij fundatoris hujus Monaſterij, ſanctitate, & ſcientia præclariſſimi.*

CAPITULO VI.

Dos Padres Frey Diogo Gonçalves Belleagoa, e Frey Joaõ de Moura, e outros, que foraõ os primeiros ſeguidores da obſervancia.

O Padre Frey Diogo Gonçalves Belleagoa foy dos primeiros, e principais companheiros do ſancto Frey Vicente: e como atraz fica dito, o que tomou poſſe da Caſa, tanto que elRey a deu á Ordem. Era velho, e letrado, e grande zelador da perfeita Obſervancia, morando ainda na Clauſtra: quando ſe vio em parte, onde o nome da vida lhe punha mayor obrigaçaõ, determinou reſponder a ella, e aventejarſe a ſy meſmo. Ninguem era mais humilde, ninguem mais charidoſo, eſpantava com penitencia, e dava raro exemplo com a devaçaõ, e oraçaõ. Mas ſentio a idade canſada com os annos o peſo acreſcentado: e tendo cumpridos onze naquella ſancta milicia, foy receber em milhor vida a coroa de bom ſoldado. Ultimo dia do mez de Agoſto de 1410. Tal era a opiniaõ, que com ſeus irmãos tinha ganhado, e em toda a Religiaõ, que ſendo primeiro ſepultado no Cemiterio commum, ouveraõ, que ſe lhe fazia aggravo em ficar nelle: e poucos annos deſpois o paſſaraõ ao meſmo moymento de ſeu Prelado, e companheiro Frey Vicente: onde vimos as reliquias de ambos juntas no moymento, quando ſe desfez a Igreja velha, mas ſeparadas no lugar; e naõ ſendo poſſivel certeficarnos quais eraõ do Prelado, e quais do ſubdito, tirounos da duvida, vermos a huma parte todas as peças de huma oſſada inteira ſem faltar nenhuma, e na outra faltarem muitas. Aſſi fizemos juizo, que as que tinhaõ falta eraõ as de Frey Vicente, que como de Sancto, e vindas de longe, ouve ao parecer devaçaõ, e occaſiaõ pera chegarem deminuidas. Por baixo do moymento corria a letra de Frey Diogo em outra pedra, e dizia aſſi. 1410.

AQui jaz Frey Diogo Gonçalves Belleagoa Frade da Ordem dos Prégadores; Varaõ approvado em ſciencia, e coſtumes, grato ante Deos por merecimentos, e ante os homens por bons exemplos. Eſte foy o primeiro Padre, e padroeiro, que corporalmente povoou eſte Moſteiro, e perſeverou em elle até a morte em muita pendençia, e ma-

e maçeramento da carne. Obitus ejus fuit anno Domini
1410. 1410. *ultimo menſis Auguſti.*

Moſtra eſta letra no eſtillo, e na forma, e feitio dos caracteres tanta ſemelhança com a de Frey Vicente, que naõ duvidamos ſerem ambas em hum meſmo tempo eſculpidas. E porque em tudo ouveſſe conformidade de parte dos ſucceſſores, tambem ouve cuidado de ſe guardar o copo do Padre Frey Diogo, que he peça em tudo ſemelhante á do companheiro, e em ter tambem ſua letra: cujo treslado merece ficar neſtes eſcritos pera teſtemunho da reputaçaõ em que ſeu dono eſtava. E he a que ſe ſegue.

HIc eſt ſcyphus deuotiſſimi Patris, zelatoris præcipui noſtræ ſacræ Religionis hujus conuentus, ſcilicet, Fratris Didaci Belleagoa, vita, conuerſatione mirabilis, humilitate inſignis.

Reſponde em vulgar.

ESte he o copo do devotiſſimo Padre, e zelador principal de noſſa ſagrada Religiaõ deſte Convento, o Padre Frey Diogo Belleagoa, admiravel em toda ſua vida, e trato, e na humildade inſigne.

A poz eſte companheiro de Frey Vicente entraõ tres, cujos nomes colligimos do que fica contado, que ſaõ Frey Vicente de Portugal, que achamos em Odene, tirando a copia da Bulla do Papa Bonifacio Nono em favor da reformaçaõ, por Mayo do anno de 1401. ſinco mezes deſpois de falecido o Meſtre Frey Vicente de Lisboa, e delle naõ ſabemos mais, que chamarſe Vigairo do Geral, e podia ſer hir por companheiro do Meſtre Frey Vicente de Lisboa, e nomeallo lá o Padre Geral por ſeu Vigairo da obſervancia; o que ſe deixa entender do cuidado com que requereo, e trouxe pera Bemfica a Bulla, que atraz fica lançada. Nos outros dous temos menos, que duvidar, porque ſaõ os meſmos, que ſe acharaõ com as reliquias do ſancto Meſtre, e Prelado, quando vinhaõ com o triumpho, que temos contado, pera o ſeu Convento de Bemfica: e conſta dos papeis antigos, que hoje temos vivos, que a elles, como a peſſoas muito principais do Convento, foy feito o requerimento de Frey Martinho de Cintra Prior de S. Domingos de Lisboa, e pódeſe crer, que ſeriaõ os meſmos, que foraõ buſcallos em companhia de Pedro Rodrigues de Moura.

Quinto companheiro deſta reformaçaõ nos deſcubrio a Chronica d'elRey Dom Affonſo Quinto de Portugal. Saõ de notar as palavras: por iſſo iraõ pontualmente como nella ſe lêm.

A Raynha

Chron. de maõ d'el-Rey D. Affonſo V. l. 1.

A Raynha Dona Leanor mulher d'elRey Dom Duarte era muy devota, e de muy religioſa vida: porque deſpois de morto ſeu marido, e ainda cremos que antes, continuadamente tragia cilicio, e jazia em cubertas de burel, poendo ſua carne em grande aſpereza, e havia ſingular devaçaõ em S. Domingos: e ainda alguns tem, que elRey Dom Henrique ſeu Avó, que era daquella linhagem, e polla devaçaõ, que neſte Sancto tinha, havia grande converſaçaõ com alguns Frades da obſervancia daquella Ordem: entre os quais era hum Frey Joaõ de Moura, que eſtava em hum Oratorio, que ſe chama Bemfica. Eſte homem era o que muitas vezes a confeſſava; e ou pera ſe confeſſar, ou pera outra couſa eſpiritual, que lhe delle compria, mandava ella por elle: porque era já velho, e ainda quaſi cego: pero muy entendido em toda boa, e ſancta doutrina.

Atéqui ſaõ palavras da Hiſtoria. E he de ſaber, que fallecendo elRey Dom Duarte em Thomar apreſſadamente, como amava muito á Raynha ſua mulher, e ella por ſuas grandes partes o merecia, deixou declarado, que ficaſſe criando ſeus filhos, que eraõ de tenra idade, e juntamente governando o Reyno. Era a Raynha filha d'elRey Dom Fernando Primeiro de Aragaõ, que foy Infante de Caſtella, e chamado nella o Infante de Antequera, e ainda que ſancta, e prudente, mulher muito moça. Havia no Reyno tres Infantes cunhados ſeus todos de madura idade, e de grande valor. Juntos em Cortes com os eſtados, naõ ouve quem aprovaſſe o aſſento d'elRey defuncto; ſalvo alguns homens, que eſtando em credito com a Raynha, pretendiaõ ter maõ nos negocios, e governo, e por eſta via adiantar ſuas caſas, e valia: e com os olhos em ſy, mais que no bem publico, e ainda no particular da Raynha, eraõ conſelheiros ambicioſos, e inſtavaõ com ella, que naõ deſiſtiſſe do governo, nem da confiança, que ſeu marido della fizera: e ſe os Infantes quizeſſem uzar de força, animoſamente lhes fizeſſe roſto, defendendo ſua cauſa com a juſtiça, que tinha, que Deos naõ deſempararia, e com muitas, e boas gentes, muitos, e bons criados, que no Reyno eſtavaõ por ella: e para mais atemorizar os Infantes, ſe paſſaſſe logo a Caſtella, com que ſe faria reſpeitar de maneira, que a ſeu peſar lhe obedeceſſem. Inclinavaſe a Raynha aos pareceres deſtes; porque naõ cahia na tençaõ de que ſahiaõ; e porque todavia a liſongeavaõ dezejos occultos de mandar, taõ occultos, que lhe pareciaõ puro zelo, que tal he a capa com que acomete, e vence até os ſanctos a féra peſſima da ambiçaõ. E todavia como

mo era muito chriſtam, naõ ſe quiz reſolver, ſem dar conta de tudo a ſeu confeſſor Frey Joaõ de Moura. Chamouo, communicoulhe o eſtado das couſas, pediolhe conſelho. Era Frey Joaõ dos olhos corporais quaſi cego; mas ſobejavalhe nos d'alma agudeza de viſta pera alcançar, que em ſe ſahir do Reyno, e naõ aceitar os partidos, que os Infantes lhe offereciaõ, fazia contra o Reyno, e contra ſy: contra o Reyno, porque o metia em guerras, e levantamentos, que de força haviaõ de ſer cauſa de grandes males; e quando lhe aconteceſſe vencer, todos os proveitos da victoria haviaõ de ſer daquelles, que lha deſſem, com muita perda, e dano do Reyno, que moſtrava, e tinha obrigaçaõ amar. Contra ſy: porque paſſandoſe a Caſtella, perdia por ſua vontade tudo o que os Infantes lhe offereciaõ, e huma mulher prudente devia dezejar; que era criar, e doutrinar, e ver creſcer ſeus filhos, ſervida com todo o eſtado Real, excepto o peſo de entender com o governo da Republica: quanto mais, que naõ ſó era engano, mas deſatino, cuidar que os Reys de Caſtella, nem outro nenhum Potentado, haviaõ de tomar cuidados, e emprender guerras ſó pollo reſpeito particular della: e aſſi lhe aconteceria perder pera ſempre a viſta dos filhos, que gerara, deſterrarſe por ſeu goſto da terra, que a amava, pera achar nas alheyas magoas, e deſeſperaçaõ. Ha muitas peſſoas, que pedem conſelho mais pera ouvir, que pera ſeguir: mais pera ſanear ſuas determinaçoens, que pera ſe obrigarem ás alheyas, por boas, e acertadas, que ſejaõ. Tal moſtrou o ſucceſſo, que fora a conſulta da Raynha. Paſſouſe a Caſtella, e experimentou brevemente com ſeu dano, que o bom diſcurſo do Confeſſor, naõ fora ſó diſcurſo, ſenaõ tambem prophecia: acabaraõlhe a vida deſgoſtos, e malencolias: porque naõ achou quem polla remediar quizeſſe dar hum paſſo. Eſte era o juizo de Frey Joaõ de Moura: e delle naõ ſabemos outra couſa. Como o Chroniſta diz, que era velho; e a hida da Raynha pera Caſtella foy pollos annos de Chriſtõ de 1438. porque elRey Dom Duarte ſeu marido falleceo por Setembro de 1437., entendido fica, que foy dos primeiros ſeguidores da Obſervancia, e polla meſma rezaõ dos primeiros companheiros do ſancto Meſtre Frey Vicente de Lisboa. 1438. 1437.

CAPITULO VII.

Dos muy antigos Padres, Frey Mendo, e Meſtre Frey Lourenço, e Frey Fernando de Braga: e do irmaõ leygo Frey Pedro Galego, filhos deſte Convento.

PRetenderaõ noſſos antepaſſados (e perfeitamente o alcançaraõ) que antes os tiveſſemos por deſcuidados, e froxos em nos dar noticia da perfeiçaõ, com que neſta caſa começou, e floreceo por longos annos o verdadeiro rigor da Obſervancia, que naõ por agudos, e ambicioſos aſſoalhadores das virtudes dos particulares: couſa, que em certo modo tornava em louvor proprio; e mantiveraõ taõ conſtante ſilencio, que enterraraõ conſigo tudo o bom,

bom, que aquella idade dourada da reſuſcitada reformaçaõ produzio, que ſem duvida foy muito. Dá bom teſtemunho o que acabamos de contar da Chronica d'elRey Dom Affonſo Quinto: que ſe ella nos naõ valera, em trevas nos ficara hum tal eſpiritu, como o de Frey Joaõ de Moura: e as meſmas nos eſconderaõ outros dous grandes Conventuaes deſta Caſa, ſe lhes naõ dera luz hum ſancto Sacerdote Eſcritor da muy religioſa Congregaçaõ dos Clerigos reformados de S. Joaõ Evangeliſta, que em Lisboa conhece o povo pollo nome do Convento de Sancto Eloy em que vivem, e algum Hiſtoriador noſſo, ſe contentou ſignificallos polla cor, que veſtem, chamandolhes Frades Azuys. Eſcreveo eſte Sacerdote os principios daquella Congregaçaõ no anno de 1468. e o nome com que por humildade ſe nos dá a conhecer he Paulo, Sacerdote de Chriſto. O livro eſcrito de maõ ſe guarda no Moſteiro de Villar de Frades. O que delle faz a noſſo propoſito he, que tratando dos primeiros annos, e mocidade do fundador Meſtre Joaõ, que deſpois foy Biſpo de Lamego. Attribue os principios, e augmento das grandes virtudes, com que na mayor idade reſplandeceo, ao trato, e continuaçaõ, que tinha com os Religioſos de Bemfica. Porem as proprias palavras, ſaõ as ſeguintes. Polla qual rezaõ muito a miude hia viſitar huma outra caſa da Virgem Maria, que he dita Bemfica, e eſtá mais arredada da Cidade apices huma legoa, em a qual ſe fundava hum Moſteiro de S. Domingos; porque até aquelle tempo eraõ Paços d'elRey: onde eſtavaõ dous ſervos de Deos de grande vida, SS. Frey Mendo, e Frey Joaõ de Moura. E mais abaixo diz aſſi. Pois a eſtes ſe começou a chegar o devoto mancebo, que já começava a ſer: o qual aſſi como creſcia em idade, muito mais creſcia em virtudes, e devaçaõ. E ſendo elle muito edificado do modo, e vida daquelles ſervos de Deos, ouve com elles muy ſingular familiaridade, &c. He grande parte pera hum homem ſer ſancto, tratar com ſanctos. Daqui veyo inflammarſe tanto em dezejos de deixar o mundo, e ſacrificarſe com Chriſto nos trabalhos da Religiaõ, que deſappareceo hum dia da caſa de ſeus pays, e entrando em Bemfica pedio com inſtancia lhe deſſem logo o habito, que já naõ era em ſua maõ viver huma hora abzente daquelle Senhor, a quem de todo coraçaõ ſe tinha, muito havia, dedicado. Era Meſtre Joaõ filho de gente honrada, e rica, e filho unico em ſua caſa, e collaço de leyte de Dom Joaõ de Caſtro hum dos grandes ſenhores do Reyno. Ficaraõ os Frades ſobreſaltados, e duvidoſos do que fariaõ. Obrigavaos a bondade do ſogeito, fazialhes medo a certeza, que tinhaõ de lho haverem de tirar á força com o poder de Dom Joaõ. Pediaõ ao moço, que ſe ſoffreſſe, e guardaſſe a ſancta determinaçaõ pera mais idade, e melhor tempo: que pois eſtava certo da vontade dos Frades, como elles o eſtavaõ de ſua conſtancia, pouco ſe perdia em ſuſpender a entrada, até com maduro conſelho, e com beneplacito de todos ſe executar. Mal ſe deixa

1468.

L. 1. c. 5. do Padre Paulo.

vencer hum eſpiritu reſoluto: inſtava, chorava, pedia miſericordia, quando ſentem á portaria gente junta com armas, grita, e aſſuada. Entendido o que era, naõ ouve que fazer, ſenaõ entregallo á ſeu pay, e parentes: com que foy o corpo, ficando a alma no Moſteiro. Ficou o devoto mancebo ſentido do ſucceſſo; mas nada trocado, nem arrependido do intento; e offerecendo a Deos aquella deſconſolaçaõ deu lugar ao tempo, e á paixaõ dos pays. E porque lhe tinha aſſentado na alma aquelle genero de vida, e fiava de Deos lhe daria meyo, e ordem pera algum dia ſem deſgoſto dos ſeus a ſeguir, determinouſe em eſtudar de propoſito pera melhor ſervir deſpois a Religiaõ. Como eſtudava com fim ſancto, e naõ deixava o trato, e familiaridade dos ſeus Frades, adiantava maravilhoſamente nas letras, e na virtude. Tomou o graõ de Meſtre em Artes: e porque naquelle tempo era eſtudo dos nobres a Medicina, deuſe a ella, ſeguindo o goſto dos Pays, que o queriaõ empregado em profiſſaõ de goſto, honra, e proveito; e parece que naõ eſtava eſquecido o exemplo do Sancto Frey Gil de Santarem, cujo primeiro eſtudo foy eſte. Sendo muito nobre, e muito rico, chegou Meſtre Joaõ a ſe doctorar neſta ſciencia, e a ſer Lente della com tanto nome, que o Infante Dom Duarte Principe, e herdeiro do Reyno, lhe deu titulo de ſeu medico, ainda em vida d'elRey Dom Joaõ ſeu Pay. Mas pera moſtrar quaõ altas raizes tinha lançado em ſeu peito a doutrina, que em Bemfica recebera, e que do Mundo naõ queria nada, tomou Ordens Sacras, e fezſe Sacerdote. Já neſte tempo tinha o Senhor communicado á ſua alma hum grande dezejo de ver reformado o Eſtado Clerical ſecular: e achando alguns Sacerdotes de bom eſpiritu, tratava com elles o ſancto dezenho, e hiaos diſpondo pera o ſeguirem. Porem, ou foſſe que por humildade arreceaſſe o peſo da obra; ou que tiveſſe por mais conveniente tratar ſó de ſua alma, que das alheyas: tornou a entender em tomar o habito de S. Domingos, e profeſſar no ſeu amado canto de Bemfica. Deſte penſamento, diz a Hiſtoria, que o divertiraõ os companheiros, affirmando, que de todo perderia o fruito de ſua pia tençaõ, tanto que ſe ſogeitaſſe a arbitrio alheyo. Aſſi ſe ficou no Mundo, quanto á profiſſaõ, mas quanto ao eſpiritu taõ religioſo, e taõ penitente, e auſtero, como quem mais o era em Bemfica: aonde ſe hia muitas vezes, e ſua mór delicia era gaſtar com os Frades todas as horas, e dias, que tinha de ſeu, como quem ſe havia por verdadeiro filho da Caſa no amor, e devaçaõ: o que ſe affirma moſtrou por muitas vias, ajudandoa com ſua authoridade, e credito no eſpiritual, e temporal, dentro, e fóra. No eſpiritual conſolando os affligidos com ſanctas amoeſtaçoens, e no temporal acudindolhes com ſua fazenda, como era caſa nova, e pobre, e fazendo, que lhe acudiſſem os Principes, e Senhores do Reyno, que todos o amavaõ, e eſtimavaõ grandemente. Iſto he o que achamos na Hiſtoria do ſancto Varaõ Meſtre Joaõ, per-

Cap. 6. do l. do Padre Paulo.

pertencente ao Moſteiro de Bemfica. Mas ſe he verdade, que a gloria do diſcipulo pertence em grande parte ao Meſtre que o criou, e doutrinou, muito devemos eſtimar os filhos deſta Caſa terſe criado no leyte della hum eſpiritu taõ perfeito, e que Deos tinha eſcolhido pera fundador de taõ ſancta religiaõ.

De mais dos dous Padres, Frey Mendo, e Frey Joaõ de Moura, nos dá noticia o meſmo Eſcritor Paulo d'outro Padre de Bemfica, quando eſcreve a vida do Padre Baptiſta primeiro; e ſaõ taes ſuas palavras. Foy requerido de muitos Frades de entrar em ſuas Religioens, aſſi dos Jeronymos, como dos Dominicos, aſſi Clauſtrais, como da Obſervancia: com os quais elle havia gram converſaçaõ, por cauſa do Meſtre Lourenço Frade da dita Ordem, homem profundiſſimo em ſciencia, de que elle ouvira, principalmente Grammatica, e Theologia, &c. Como em Lisboa naõ havia outro Convento de Frades da Obſervancia mais, que Bemfica, bem ſe deixa entender, que era noſſo, eſte Meſtre Lourenço, e baſtantemente ficaõ encarecidas ſuas partes, com o que delle diz o Eſcritor Paulo.

O meſmo P. Paulo c. 12.

Segue a eſtes com novo intervallo de annos o Padre Frey Fernando de Braga, de que já nos daõ noticia as memorias deſta Provincia, e as de Eſpanha. Pedio elRey D. Fernando Catholico, reynando em Caſtella, ao Reverendiſſimo Geral reformadores pera a Provincia Dominicana de Eſpanha. Mandoulhe o Geral huma Patente confirmada com authoridade Apoſtolica do Pontifice Alexandre VI. dirigida ao Padre Frey Pedro Dias, Vigairo Geral, que entaõ era da Obſervancia, e já de mais Conventos, como ao diante o dirá a Hiſtoria. Em virtude della nomeou o Vigairo, pera reformador, em primeiro lugar ao Padre Frey Joaõ Dias Preſentado em ſancta Theologia (Bacharel era a lingoagem d'entaõ) e a poz eſte Padre finalou outros quatro pera companheiros do trabalho; todos moradores deſte Convento de Bemfica, e hum delles filho, que era o Padre Frey Fernando de Braga. Naõ ſe póde deixar de ſentir tal inveja do tempo, ou tal deſcuido dos homens, ficando em memoria o nome de hum, perderſe de tres, que pois pera tal miniſterio foraõ eſcolhidos, havendo já outros Moſteiros obſervantes, força he que creamos deviaõ ſer peſſoas de grande conta na Religiaõ. Aſſiſtio Frey Fernando com ſeus companheiros no miniſterio a que foraõ chamados: e procedendo todos com ſatisfaçaõ do Rey, que os buſcou, e da Provincia que reformaraõ; ſó Frey Fernando offereceo a Deos ficar deſterrado, e fóra de ſua Patria: Sacrificio naõ pequeno pera homem Portuguez, pollo exceſſo, com que todos amamos eſte noſſo torraõ: e he de ſaber, que ficou ſem cargo, nem mando, nem outra ſuperioridade. Aſſinouſe primeiro em S. Pedro Martyr de Toledo: e pouco deſpois, buſcou Convento mais retirado, onde ganhaſſe, com ſer pouco conhecido, ſer tambem menos reſpeitado. Chamaſe de Sancta Catherina hum que a Ordem tem na Vera de Plazenzia: teve novas, que havia nelle grande exerci-

cio de Oraçaõ, aſſiſtindo os Religioſos diante do Sanctiſſimo Sacramento com tal continuaçaõ, que em nenhuma hora do dia, nem da noite, ficava deſacompanhado. Foyſe a elle com muito goſto: e como tinha grande fervor de eſpiritu, pagouſe tanto daquella vida, que ſe affirma, que nunca mais deu hum paſſo fóra da Clauſura, ſenaõ em communidade. Nunca comeo carne, ſenaõ por grave doença, e em fim aqui acabou ſanctamente. Contavaõ os Conventuaes, que o bom velho, ou polla falta de ſono, que acompanha a velhice, quando ſobejaõ annos, ou por devaçaõ, tomou á ſua conta o officio de eſpertar ás Matinas, e correndo as cellas (parece que naõ havia na caſa ſino) chamava cada Religioſo com eſtas palavras. Meu filho vinde ás Matinas de Noſſo Senhor.

Mas naõ foy taõ avaro o tempo com hum Irmaõ converſo daquella idade, como com os tres companheiros de Frey Fernando de Braga: ſinal que era homem de muito preço. Chamavaſe Frey Pedro Galego. Deſpois de fazer os officios da Communidade, que tinha á ſua conta, com cuidado, e perfeiçaõ; as horas, que lhe reſtavaõ, dava todas a huma aturada, e devota oraçaõ, que ſempre acompanhava com lagrimas, e diſciplinas: lagrimas de devaçaõ, e amor a todo tempo: diſciplinas de rigor no ſilencio da noite, quando os membros canſados do trabalho do dia mais neceſſidade tinhaõ de repouſo. E ſendo tal pera conſigo, era com todos brando, e mavioſo, e cheyo de charidade. Pagavalhe o Senhor fiel, e benigniſſimo com mimos, e favores de filho querido: e foy hum revelarlhe o dia, e hora em que havia de chegar ao fim da vida mortal, e entrar em póſſe da eterna. Diſſeo muito tempo antes aos Frades, e ſuccedeo ao certo.

CAPITULO VIII.

Do Beato Frey Bernardo Arnao de Rivo, que vulgarmente ſe chama Frey Arnao.

Parte 2. l. 2. Convento de Bemfica.

GUilherme Arnao foy hum illuſtre Cavaleiro Ingrez, que, vindo a eſte Reyno a Raynha Dona Felipa, com ſeu pay o Duque de Lencaſtre a cazar com elRey D. Joaõ o Primeiro, trazia a cargo o governo de ſua caſa, como ſeu Vedor, ou Mordomo mór. Por morte da Raynha acoſtouſe com o Infante Dom Pedro ſeu filho ſegundo, que muito o eſtimava, por achar nelle valor de animo, junto com grande prudencia, e conſelho; e por tal o honrou, e adiantou em fazenda, deſpois que teve o governo do Reyno, na menor idade d'elRey Dom Affonſo Quinto ſeu ſobrinho, que ficou minino por morte d'elRey Dom Duarte ſeu Irmaõ. E deulhe a Villa de Sarnache dos Alhos com as terras de Almalaguez, e Sovereiro. Mas cuſtaraõlhe caro eſtas honras (como he ordinario) a Guilherme Arnao; porque obrigado dellas naõ pode acabar conſigo o animo honrado, e agradecido, deixar de o ſeguir no infelice ſucceſſo, que indignamente chamaraõ naquella idade Batalha da Alferroubeira: e nelle acabou com ſeu Senhor, e amigo. Ficaraõlhe dous filhos, Lançarote, e Bernardo.

nardo. Lançarote, que era mais velho, inda que perdeo as terras do Pay, que foraõ por ſua morte confiſcadas, achou em Coimbra caſamento rico, e honrado, com huma filha de Joaõ Pagem: e delle procedem os deſte apellido Arnao, em Portugal. E achamos nos que antes de nós eſcreveraõ, que tinhaõ eſtes Irmãos ſua deſcendencia dos Condes de Aro, ou Arondel em Inglaterra, e que a eſſa conta trazia o Pay por armas quatro Leoens negros em campo de prata, com ſeu elmo ferrado. Naõ me culpe ninguem da miudeza com que nos occupamos neſte Eſtrangeiro, que rezaõ he ficar vivo, e celebre nas memorias da Religiaõ, quem lhe deu hum filho taõ ſancto, como foy Bernardo. Vio Bernardo a paga, que o mundo dera a ſeu valeroſo Pay: eſtava em idade madura; buſcou a Deos com diſcurſo, e conſelho (ditoſo diſcurſo, e ditoſo conſelho, que nunca ſe acha, ſenaõ he do Senhor baſejado) conſagrouſe a elle no habito de S. Domingos em Bemfica. Começou a vida por aſpereza de penitencias, remindo aſſi o tempo, que lhe tinhaõ levado as vaydades da vida paſſada. O leyto, em que deſcanſava na cella, eraõ huns feixes de vides: a cabeceira huma pedra: e pera fazer eſcada, com que ſubiſſe depreſſa ao alto monte da perfeiçaõ, juntava com os rigores corporais huma profunda humildade de coraçaõ, e hum fogo ardente de charidade. Aſſi era continuo nos mais humildes ſerviços da caſa; tendo por verdadeira nobreza empregarſe nelles: e com tanta alegria os exercitava, que muitas vezes lhe acontecia fazer o officio de hortelaõ, e apertar a enxada, como ſe naſcera pera ella. Acudir aos pobres, que á portaria vinhaõ buſcar o remedio, era toda ſua deleytaçaõ: e por iſſo ſenaõ canſava com o officio de porteiro, fazendo outros. O tempo que lhe ſobejava deſtes exercicios, dava todo a Deos em oraçaõ, e naõ ſó entre dia, mas a mayor parte da noite. Aſſi foraõ ſeus paſſos taõ ligeiros em ſubir a huma grande, e verdadeira ſanctidade, que ſe contaõ delle maravilhas prodigioſas. Algumas diremos, que ſaõ publicas, e muy provadas, e andaõ já de muitos annos em eſcrito: com que ficaremos forrando dar noticia mais miuda dos principios de ſua vida. Viſto como naõ ha meyo, que melhor deſcubra as qualidades de qualquer arvore, que os fruitos, que della procedem.

Coſtumava dizer Miſſa no Altar de Jeſus, que entaõ era o que deſpois foy de S. Roque, encoſtado ao Choro da banda do Evangelho, e celebravaa ſempre com infinitas lagrimas, e tal ſe lhe tornava o ſemblante neſta hora, que moſtrava claro reverberavaõ nelle reſplandores da luz eterna. Nos principios padecia no meyo da Miſſa extaſis ſobrenaturais, que lhe duravaõ grande eſpaço, arrebatados ao Ceo todos os ſentidos, e perdido todo o movimento natural, e até o da reſpiraçaõ. Diziaõ os ignorantes dos effeitos do eſpiritu, quando em tal eſtado o viaõ, que durmia em pé: e naõ faltava quem o comparaſſe a Grou. Acudio o Senhor a manifeſtar, que era o ſono celeſtial, e qual elle coſtuma dar aos ſervos, que

mui-

muito ama. Quaſi nunca dizia Miſſa, que naõ ficaſſe levantado da terra á viſta do povo todo, tres, e mais palmos em alto. Os meſmos raptos lhe ſuccediaõ de ordinario nas horas, que tomava pera oraçaõ, que eraõ todas as que tinha livres das occupaçoens, e ſerviço da Communidade, como á Noa, e completas, e principalmente deſpois das Matinas: e a poſtura era quaſi ſempre em pé: e ainda que as memorias, donde tiramos eſta, apontaõ que tal poſtura era a fim de eſtar mais eſperto; eu me perſuado, que a tençaõ principal devia ſer pera reſiſtir quanto pudeſſe aos raptos, que levantandoo ſempre no Ar, e a olhos, e face de todos, lhe rendiaõ gloria de Sancto; de que muito ſe entreſtecia: porque em ſeu conceito ſe condenava, e havia pollo mayor peccador, que lograva a luz do ſol. Mas o Sol Divino, como ſempre reſplandece com mayores luzes nas almas, que mais fazem por ſe eſcurecer, e aniquilar por humildade, entaõ mais ao vivo uzava de ſeus poderes, vencia todas as reſiſtencias, e a pouco eſpaço de oraçaõ faziao ficar levantado, e pendurado no Ar, aſſi direito, como orava, que parecia huma eſtatua, ou corpo fantaſtico. No que eſtá bem provado o que eſcreve hum Autor moderno bem eſpiritual, que eſtes actos Anagogicos, e de Amor unitivo, o final, que trazem de procederem da maõ de Deos, he naõ ficar de nenhuma maneira ſenhor de ſy quem alcança a boa ventura de os experimentar; e ſe ouver quem diga, que achandoſe nelles, fica todavia com poder, e forças, pera os encurtar, ou eſtender: ou que antes de os poſſuir, poſſa por virtude propria alcançallos, e deſpois de alcançados deſpedillos a ſeu arbitrio: ſeguramente lhe podemos dizer, que nunca ſentio, nem gozou tal mercê.

Fr. Alonſo de Medina l. da oraçaõ c. 13. e 14.

Buſcou Frey Bernardo outro meyo de fugir á gloria do Mundo, já que o naõ podia fazer ao impeto do eſpiritu: determinou furtarſe aos olhos da gente, fechavaſe na cella: aly portas trancadas ſe entregava todo ao Divino Amor, ſubindo com a contemplaçaõ, e affecto ſobre todos os choros dos Anjos: e tanto com mayores jubilos da alma, quanto lhe parecia, que eſtava mais eſcondido. Porem o Senhor pagandoſe muito do animo de ſeu ſervo, tomava occaſiaõ delle, pera fazer mais publica ſua ſanctidade. Acontecia, quando aſſi eſtava encerrado na cella, ſahirem della tays rayos, e reſplandores, que viſtos de noite parecia aos que paſſavaõ perto, que ſe abraſava com fogo; e viſtos de dia, que naõ podia ſer couſa da terra, ſenaõ celeſtial, tal genero de luz. E aſſi naõ ficava menos celebrado por eſta via, que pollos raptos: e com tudo ainda Deos quiz pôr mais na praça os merecimentos de ſeu ſervo. Coſtumaraõ ſempre os Reys viſitar a eſta Caſa: ora com a occaſiaõ da paſſagem pera Cintra: ora convidados da freſcura do ſitio, e obrigados principalmente do amor, que todos tiveraõ a eſta Religiaõ: amor, que ſendo nelles igual pera com todas as Religioens da Igreja; e como de Pays prudentes, que naõ querem fazer differença entre os filhos, por eſcuſarem os deſgoſtos, que da deſigualdade procedem:

cedem : com tudo pera com a de S. Domingos moſtraraõ ſempre huma muito aventajada benignidade. Poſſivel he, que obraſſe parte deſtes effeitos o ſangue, que ſabidamente tinhaõ deſte ſancto. Reynava neſte tempo Dom Joaõ o ſegundo : Principe, que deſpois que paſſou da verdura, e azedo da mocidade, e foy entrando em dias, e idade madura, vencida huma grande tempeſtade de deſgoſtos, que com ſeu proprio ſangue teve, dos quais foy boa parte ſer naturalmente inclinado á deſconfiança, facil nas ſoſpeitas, acre, e acelerado nas execuçoens : paſſou a hum termo de vida taõ entregue a Deos, e aos exercicios de ſeu amor, que a boca cheya o podemos nomear por ſancto. Como tal he couſa ſabida, que tinha particular goſto em ſe retirar alguns dias do anno a eſte Convento, quando os negocios lhe davaõ lugar ; e ſe acontecia ficar de noite, apoſentavaſe em huma caſa, cujo ſitio era o meſmo, que agora toma a porta da Igreja. Era a Igreja muito mais curta entaõ : e como foy creſcendo a pedaços, e com parecer aos Frades, que algum dia teria devida proporçaõ (dia que já hoje por grande mercê de Deos gozamos, porque ſe vay redificando com ſingular architectura) ſempre ficou pobre em fabrica. Tinha o apoſento d'elRey ſua Tribuna contra a Capella mór, que ſendo tambem entaõ muito curta, e eſtreita (porque a que vemos hoje he obra moderna) fazia tudo mais pequeno, e quaſi, como hum oratorio, como he o nome que tem nas Chronicas daquelle tempo. Daqui aſſiſtia elRey muitas noites a Matinas, procurando naõ ſer viſto, nem ſentido dos Religioſos : antes acompanhando a devaçaõ, que nelles via, com outra muito cordial ſua. E de crer he, que como Varaõ eſpiritual, e coſtumado, ſegundo lemos delle, a obras de penitencia, e rigor, naõ faltaria nellas, onde tudo o convidava. Viaos buſcar os cantinhos pera orar cada hum a ſeu modo: huns proſtrados por terra, que parecia quereremſe ſumir no centro della por humildade, outros em pé com braços eſtendidos, e olhos ao Ceo, como que queriaõ voar a elle. E naõ ha duvida, que em todos voavaõ as almas, ſó em Frey Arnao voava tambem o peſo mortal do corpo, que ſe hia apoz o eſpiritu, como atraz diſſemos. Era Frey Arnao continuo em orar diante do Sanctiſſimo Sacramento deſpois de Matinas. Ficara huma noite ſó na Igreja deſpois dellas : começava a temperar a viola do eſpiritu, pera lograr aquella hora, convidado da quietaçaõ, e eſcuridade nocturna, e de ſe ver ſó ante ſeu Senhor: parecialhe que podia dizer: *Inueni quem diligit anima mea, tenui eum, nec dimittam.* Achey meu Divino Eſpoſo, achey aquelle ſummo bem, que minha alma ſó ama, e ſó merece ſer amado, lanceime a ſeus pés, ferreime com elles, naõ haverá força do Ceo, nem poder da terra, que me faça largallos. Hiaſe aſſi diſpondo ; ſenaõ quando eſtalla a alampada, que ardia diante do Sanctiſſimo Sacramento, e lhe ficava perto : tinem os pedaços do vidro no prato, perdeſe a luz na agoa, fica tudo em trevas. Qual foſſe a occaſiaõ do

Reſende na ſua Chron.

Chron. d' elRey D. Affonſo V.

do deſaſtre, naõ conſta, podendo ſer a caſo, ou por obra de Satanas, perturbador em quanto pode dos bons eſpiritus. O que ſabemos de certo he, que acertou elRey de eſtar neſta conjunçaõ no Convento, e naquella hora ſe achou na Tribuna, ou pera orar tambem, ou pera notar como orava o Sancto: e vio, e ſentio, e notou o que temos dito: e ouvio logo hum magoado ſuſpiro, ſeguido de huma ſó palavra, que foy. Ah Senhor! Foy palavra de quem ſentia ficar a Igreja ſem luz; porque ſegundo a pobreza do tempo, nem devia haver outra nella, nem na caſa outro vidro, nem outro fogo, nem remedio facil de o acender. Mas eſtá o benigniſſimo Deos ſempre taõ perto dos que o amaõ, e buſcaõ, e chamaõ de todo coraçaõ, que immediatamente, e ſem haver tempo pera Frey Arnao dar hum paſſo, vio elRey donde eſtava luz nova, clara, e fermoſa, nova alampada, inteira, e reſplandecente, por eſtranho, e repentino milagre reformada: e o meſmo Rey foy o que o contou, e publicou aos Frades: Que naõ quiz o Senhor dar menos honrado teſtemunho, que o de hum Rey, quando a hum ſó gemido do ſervo humilde faz huma maravilha, em que ha muitas maravilhas juntas, reduzindo a primeira forma, e inteireza, vaſo eſpedaçado, tornando a recolher, e compor o liquor eſparzido, e confuſo, e criando nova luz, tudo couſas fóra do curſo natural das couſas. Em qualquer caſo ſabemos, que val o teſtemunho ſingular do Rey por muitos teſtemunhos: porem logo contaremos outros, que paſſaraõ a olhos de muitos, e naõ eſpantaraõ menos. Será no Capitulo ſeguinte.

CAPITULO IX.

De outras maravilhas, que o Senhor foy ſervido obrar por mãos, e merecimentos de Frey Bernardo.

DAva Deos virtude ás mãos de Frey Bernardo, como a ſuas vozes, e oraçaõ; porque ſe o fervor da oraçaõ fazia força ao Ceo na Igreja, o trabalho das mãos lha fazia tambem em tudo, o que com ellas tocava. Tanta era ſua charidade, que quando ſahia moido, e deſvelado, de eſtar toda a noite em pé orando, amanhecia na horta com a enxada na maõ, pera ter com que recrear ſeus irmãos do trabalho daquella agricultura. Chegara a neceſſidade da Caſa, e a continuaçaõ de ſuprir as faltas com a hortaliça, a tirar tanto pollo que eſtava prantado, que vindo huma menham á horta, achoua em eſtado de naõ ter huma erva verde pera a cozinha, nem pera o refeitorio. Magoado Frey Bernardo do que via, começa a toda a preſſa a ſemear couves, e rabãos. Entendiaõ as mãos na obra, o coraçaõ eſtava com ſeu Deos. Naõ pedia nada, porque ſe tinha por indigno de alcançar. Propunha ſómente a falta: e a hum meſmo tempo penetrava ſua oraçaõ o Ceo: e deſciaõ de ſeus olhos rios de agoa ſobre a terra. Como naõ fructificaria milagres horta ſemeada com oraçoens, e regada com lagrimas? Tornou ſobre tarde a rever o trabalho

balho da menham : acha (caſo prodigioſo, e nunca viſto) couves groſſas , e grandes , rabãos creſcidos , e perfeitos : entra pollo Convento carregado , paſmaõ os Frades , naõ daõ credito aos olhos , nem conſentem, que falte Ariſtoteles de ſua Philoſophia. *Nil naturale in inſtanti.* Nenhuma couſa natural ſe faz ſem diſcurſo , e proceſſo de tempo : e he contra natureza darſe obra em inſtante. Inda que tinhaõ viſto no Sancto outras couſas milagroſas , eſta julgaõ que excede a todas : correm a horta , por ver ſe achaõ nella hortaliça ſemelhante , ou ſe viera de fóra a que tinhaõ viſto. Aqui foy o paſmar de novo , que vem canteiros cheyos da meſma hortaliça , e em igual corpo , e proporçaõ , onde na tarde atraz era tudo terra herma , e ſeca , e em que polla manham viraõ começar a ſementeira. Entaõ naõ ouve que fazer , ſenaõ celebrar , e engrandecer o milagre , louvar o poder Divino.

Mas naõ pararaõ aqui os mimos , que o Senhor fazia a eſte ſeu amado. Muito adiante paſſaraõ em numero , e qualidade , naõ deixaremos nenhum dos que á noſſa noticia chegaraõ. Era porteiro , e tinha a cargo a repartiçaõ dos pedaços do paõ , que os Religioſos vaõ deixando como em depoſito , pera os que ſaõ irmãos na pobreza forçada , aos que a ſeguimos voluntaria. Repartia com goſto , e com largueza : que era o naõ reſervar nada por providencia ; porque ha gente , que encobre eſcaceza com capa de querer abranger a outros , e ficaõ em pé neceſſidades preſentes , e certas , á conta das futuras , e duvidoſas : Frey Bernardo via o que havia pera os ſeus convidados : e como nunca ſaõ muito ricos os ſobejos da pobreza , empregava tudo nos que achava preſentes , ſem reſervar nem huma ſó fatia de paõ. Mas eis que hum dia tendo procedido a eſte modo , e deſpejado os almarios , apparecem dous pobres , que ſe vinhaõ convidar , e com repreſentaçaõ , que haviaõ bem miſter o convite. Abrazouſe em charidade : era tarde pera buſcarem remedio em outra parte : aly naõ havia nada. Que faria ? Cerra ſua porta , corre ao refeitorio , pede ſoccorro ao procurador. Reſponde o procurador com o que era pura verdade , que naquelle jantar ficara varrida a arca do paõ ; e que , ſe Deos o naõ trouxeſſe de novo , naõ havia pera a noite nem hum bocado. Inſtou Frey Bernardo , naõ por lhe parecer a repoſta aſtucia de homem tenaz , ou invençaõ de negar (que os ſanctos naõ julgaõ mal de ninguem) ſenaõ perſuadido do grande affecto da piedade , e confiança que tinha em Deos : que todavia quizeſſe buſcar , e ver , ſe achava alguma couſa , com que conſolar os novos hoſpedes. Antes , diſſe , o procurador , porque vejais que fallo verdade , tomay eſta chave , ou vamos ambos : vereis tudo , dareis fé a voſſos olhos , pois a naõ dais a meu dito. Chegaõ juntos , abre o procurador a arca , e juntamente fica attonito , e ſem ſaber formar palavra , porque a vê cheya de paõ , ſendo aſſi , que poucas horas antes a deixara de todo vazia : e naõ corrido de ſer acolhido em mentira taõ proveitoſa , publicou o milagre por

obra naſcida de ſancta confiança, e charidade de Frey Bernardo.

Outro dia ſahia do Refeitorio contra a portaria, com a aba do eſcapulario feita alforge de muitos pedaços de paõ, e com paſſos apreſſados, como quem levava riqueza (erao eſta pera a ſua condiçaõ) e ou foſſe que o Prelado tiveſſe poſto taxa naquelle genero ne eſmolla, ou ordenado outra hora pera ella, ou que Fr. Bernardo foſſe com ſeu fervor de eſpiritu conſiderando, que ſaõ flores offerecidas a Deos, as migalhas, que damos aos pobres; dando de roſto hum com o outro, levantou o Prelado a voz, como que colhia o ſubdito com furtos nas mãos, e perguntou, que levava: ſem receber alteraçaõ, naõ fez mais o porteiro, que dizer trago roſas, e eſtendendo o eſcapulario alegrarlhe os olhos, e eſpantallo, com as mais bellas, e mais freſcas roſas, que nunca no meſmo ſitio criara amoroſo Abril: ſendo aſſi que foy o ſucceſſo em dias de hum frio, e deſtemperado Dezembro.

Acontecia muitas vezes fazeremſe horas de jantar, e naõ haver paõ em caſa: acertava de vir á noticia do Sancto; caminhava pera o choro, proſtravaſe em oraçaõ. Andava quaſi a par com a petiçaõ o remedio; acudia o mantimento na meſma hora, donde, e quando menos era eſperado.

Eſtes caſos, e outros lhe tinhaõ acquirido nome de ſancto com grandes, e pequenos: el-Rey D. Joaõ ſegundo, por ſeu reſpeito ſolgou de fazer mercê a eſte Convento de huma boa fazenda, que poſſue, junto á villa da Eiriceira, que chamaõ os Caſais de Ilhas, e rendem quaſi vinte moyos de paõ: e polla meſma rezaõ continuava mais com os Frades. A Raynha D. Leonor lhe tinha tanta devaçaõ, que todas as vezes que o via, o tratava, e honrava como a grande Sancto; e eſtimou alcançar delle, porque neſte tempo era já muito velho, que huma vez cada anno a viſitaſſe: e em todo tempo foy nelle couſa muy rara apparecer fóra do Convento.

Os doentes, que o conheciaõ, ſe lhe encomendavaõ: e era com taõ bom ſucceſſo, que Rodrigo Affonſo da Autouguia ſenhor de Bellas, e inſtituidor daquelle morgado, naõ ſe contentou com menos, que mandallo retratar em hum paynel do retabolo da capella que aly tem. Foy a cauſa, que eſtando apertado de huma perigoſa doença, e ſentenceado á morte pollos medicos, que tinhaõ deſconfiado delle, mandou huma manham, que foſſem correndo a viſitar o Sancto, e pedirlhe ſoccorro diante de Deos. Era conjunçaõ, que ſahia pera celebrar: prometeo lembrança, e foy ella tal, que quando o meſſageiro tornou a caſa, eſtava o doente naõ ſó melhorado, mas inteiramente ſaõ, ou pera melhor dizer reſuſcitado: e fezſe pintar tambem a ſy, poſto de joelhos aos pés do Sancto, como dandolhe graças da ſaude.

Entre couſas tamanhas, naõ parece menor a que agora diremos: e ſerá a ultima de ſua vida, por abreviarmos. Aſſiſtia hum dia a humas completas com toda a Communidade: eis que a poucos verſos do primeiro Pſalmo,

O Biſpo de Monopoli na Chron. da Ordem p. 3. l. 1. c. 89.

mo, ſoaõ apreſſadamente as taboas, que ſervem de eſpertar o Convento. He inſtrumento, que todas as vezes, que fóra de horas ſe ouve, cauſa torvaçaõ: porque he ſinal de morte em algum de caſa. Foraõ ſahindo os Religioſos todos hum traz outro apreſſuradamente: ſô Fr. Bernardo, nem ouvio o rumor das taboas, nem vio ſahir os Frades. Taõ enlevado eſtava no que reſava, e no Senhor que louvava (ditoſo traſportamento) que naõ deu fé de nada: e aſſi naõ fez movimento, nem deixou de continuar o Pſalmo. Paſſada a neceſſidade, que tinha levado os Frades: que fora hum paroxiſmo de hum enfermo, que por parecer termo de acabar, dera occaſiaõ ao Enfermeiro tocar as taboas, foraõ tornando pera começarem de novo ſuas completas: mas poſtos na porta do choro, ouvem Frey Bernardo, que entoava o verſiculo. *In manus tuas Domine, &c.* e hia proſeguindo como ſe tivera o choro cheyo de Frades, que reſpondeſſem. Naõ ſe eſpantaraõ por entaõ, parecendolhes, que era força do eſpiritu de Frey Bernardo, que como andava ſempre abſorto em amores Divinos, morava ſua alma mais no Ceo, que amava, que no corpo, que animava. Differaõ ſuas Completas. E toda via ouve huns curioſos que lhe perguntaraõ deſpois, que queria dizer em homem ſiſudo, ficarſe no choro, quando todos deſpejaraõ; e já que ficara, hir cantando ſó. Reſpondeo quanto ao primeiro, que facilmente lhe foy crido, por ſer conhecido o enlevamento perpetuo de ſeu eſpiritu, que naõ vira ſahir os Frades: e quanto ao ſegundo, affirmava, que nunca deixara de ver o Choro cheyo, nem lhe faltara companhia, e repoſta em todos os verſos dos Pſalmos, até o ponto que de novo entoaraõ. Era a virtude, e verdade de Fr. Bernardo taõ provada, que naõ ouve ninguem, que duvidaſſe do que dizia: e fazendo reflexaõ, e diſcurſo no que podia ſer, aſſentavaõ que o Pay Omnipotente Deos de todo o criado, que em todo lugar faz Corte, e ſe acompanha de milhares, e milhares de eſpiritus Angelicos, mandara aos que aly lhe aſſiſtiaõ, que mantiveſſem Choro a Fr. Bernardo, e ſupriſſem a falta de ſeus irmãos. Sinal claro, que a reſa deſte ſeu ſervo era muito agradavel diante do Divino acatamento: e ſinal certo que temos comnoſco nas Igrejas, onde eſtá Chriſto Sacramentado, exercitos de Anjos, que como humildes miniſtros a ſeu Rey, aſſi lhe fazem Corte, e perpetua aſſiſtencia. Pollo que deſde entaõ pera cá ficou aſſentado, e corrente neſta Provincia, que todas as vezes que o thuribulario encençaſſe o Choro, como ſe uſa nas feſtas, fizeſſe igualmente, e ſem diſtinçaõ a todas as cadeiras a meſma cerimonia, dando por certo, que nas em que faltaõ Religioſos, aſſiſtem Anjos. E iſto ſe ſegue, ſem embargo do que diſpoem o noſſo Ordinario, que he terſe reſpeito ſómente ás que eſtaõ occupadas de Religioſos, e naõ ás outras

Era entrado o anno de 1502. e Frey Bernardo andava taõ conſumido da muita idade, que era como milagre poderſe ter em pé: porque ſe he verdade, como acha-

mos em algumas memorias, que naõ ſó era já naſcido, quando ſeu pay veyo de Inglaterra com a Raynha Dona Felipa, mas que o acompanhou na jornada, de força havemos de confeſſar, que, por muito minino que vieſſe, paſſava neſte tempo de cento, e quinze annos. Neſte paſſo dezejo dar graças a Deos em brados, que ſoem pollo mundo todo, pollo grande cuidado, que tem dos ſeus até no temporal. Naõ abrevia os annos a vida da Religiaõ, por auſtera, e aſpera que ſeja: a froxa, e delicioſa he a que os corrompe, encurta, e acaba. Em dous de Mayo veſpera da Sancta Cruz livrou o Senhor a ſeu ſervo Fr. Bernardo Arnao de taõ longa, e canſada vida, longa de dias, cançada de penitencias. Foy enterrado no Capitulo: como era amado de todos, deſpois que deſappareceo aos olhos entaõ ſe enxergou mais quanto o eſtimavaõ. Havia grande concurſo de gente a ſua ſepultura de todo o eſtado, e ſexo; e o que cada hum ſentia em ſy de bem com as oraçoens, que lhe fazia, era cauſa de ſer mais buſcado, e mais viſitado morto, que quando o tinhamos vivo. Aſſi pareceo aos Religioſos, que ſe devia a eſta devaçaõ darlhe, mayor copia do Sancto, paſſandoo pera a Igreja: o que tambem ſeria meyo de ficar com a honra que ſua ſanctidade merecia. Veyo a ter effeito eſte penſamento no anno de 1516. Abrioſe no corpo da Igreja na parede fronteira á Capella, e Altar de Jeſu, huma concavidade capaz de hum pequeno Archete, que ſe fabricou nella, com feiçaõ de tumulo, ornado por diante de huma taboa de bom marmore, e cuberto de outro a feiçaõ de tumulo: aqui ſe paſſaraõ os oſſos ſanctos, aſſiſtindo a Communidade a celebrar o acto com toda a pompa poſſivel. Ao paſſar eſtavaõ alguns Religioſos com toalhas, purificandoos da terra: e era o cheiro, que delles ſahia, taõ vivo, e taõ ſuave, que vencia todos os ambares do mundo. E ouvimos a Frades velhos, que contava o Doutor Diogo de Lemos, que na Miſſa da tresladaçaõ foy Diacono, e tambem ajudou a tirar da terra as ſanctas reliquias, que mais de dous mezes lhe ficara nas mãos a meſma fragrancia. E aſſi o refere o Meſtre Frey Antonio de Sena na Chronica geral da Ordem. Foy o reſpeito deſta collocaçaõ quererem os Padres conformarſe com a lembrança, que havia da continuaçaõ com que o Sancto celebrava diante do ſancto Crucifixo, quando eſtava no Altar, que agora he de S. Roque. A letra, que ſe eſculpio na face da pedra, diz aſſi. 1516.

Chron. da Ord. f. 281. An. 1500

AQui jaz Frey Arnao da Ordem dos Prégadores, verdadeiro Religioſo, que por toda eſta terra deixou ſingular cheiro de ſanctidade. Falleceo a 2. de Mayo de 1502. *annos.*

Deſte tempo ficou em memoria, que adoecendo de huma eſquinencia, julgada dos medicos por mortal, Ruy Mendes de

de Vaſconcellos ſenhor do Pedrogaõ grande, e de Figueiró dos vinhos: e tendo a garganta taõ cerrada, que nenhuma couſa podia paſſar, e ſobre tudo padecendo graviſſimas dores, com que ſe dava por morto, tomou por ultima medicina o que pudera matar mais depreſſa: deixa a cama, e a caſa abrigada, meteſe em humas andas, toma conſigo quem lhe contava as virtudes do Sancto, que era hum ſobrinho do meſmo; caminha pera Bemfica, buſca a pedra fria depoſitaria de ſuas reliquias: chega a ella o roſto, e o peſcoço, pedelhe ſua interceſſaõ, e valia com Deos. Acudiraõ os Religioſos á Igreja, quando ſouberaõ quem era, pera o acompanharem. Divertioſe com elles em practica, e pareceolhe que ſe deſcuidara hum pouco do mal que trazia, ou o mal delle: e tornando ſobre ſy, foyſe achando taõ deſafogado, e taõ outro do que viera, que ſe atreveo a entrar com os Frades no Refeitorio: e com entrar ſó por devaçaõ, e ſem fazer conta de comer, porque naõ eſperava poder levar nada, foy Deos ſervido creſcer tanto a melhoria, que diſſe logo ao Prior, que ſem duvida o ſancto fizera milagre por elle, porque ſe ſentia ſaõ: e em teſtemunho comeo deſpejadamente do que havia no Refeitorio quem nos dous dias antes fazia taõ pouca conta da vida, que a cada momento ſe dava por enterrado. Dizem que deſpedindoſe dos Religioſos, lhes pedio affectuoſamente, que trataſſem da canoniſaçaõ de quem aſſi ſabia remediar males mortais, prometendo ajudalla com huma muito groſſa eſmolla.

CAPITULO X.

Do Doutor Frey Antonio Freyre.

O Padre Meſtre Frey Antonio Freyre, que achamos nomeado com titulo de Doutor ao uzo antigo, ſendo de idade de dez annos, era já entaõ devoto de Noſſa Senhora, porque lhe diziaõ ſeus pays, que naſcera em hum dia de feſta ſua. Teve hum ſonho, que ſegundo o ſucceſſo bem podemos chamar revelaçaõ. Parecialhe que via a Virgem Sanctiſſima veſtida de reſplandores eternos, e que lhe dizia, que entraſſe na Ordem de S. Domingos. Diſpoſſe logo a obedecer como a chamamento Divino: e com goſto dobrado, porque tinha já na Ordem dous irmãos. E daqui em diante com os olhos ſempre na Senhora, que delle tivera tal cuidado, todos os actos importantes, que na vida fez, procurou que foſſem em feſtas, e dias ſinalados ſeus, offerecendoſelhe ſempre de novo pollo meyo delles. Pedindo o ſancto habito, foylhe mandado dar no Convento da Batalha. Quando o ouve de veſtir traçou as couſas de maneira, que foy em huma feſta da Senhora. Do anno de provaçaõ paſſou huma parte naquelle Convento, e outra neſte de Bemfica, e em fim fez aqui ſua profiſſaõ. E por eſta cauſa tratamos delle, como de filho de Bemfica. Mas a mudança dos Conventos, naõ lhe tirou eſperar dia feſtival da Virgem pera profeſſar: e o meſmo fez deſpois, quando ouve de dizer miſſa nova. Naõ temos Eſcritura, que nos diga os meyos com que comeſſou ſua vida, e

como

como procedeo em noviço; mas podemos fazer boa conjectura pollo que ſabemos de como viveo na mayor idade, que na verde, aſſi como huma boa criaçaõ aſſegura bom proceſſo no tempo adiante, aſſi o bom proceſſo da mayor idade, he certo indicio de bem lançados fundamentos no tempo atraz. Sabemos de Frey Antonio deſpois de entrado em annos mayores, que nunca uzou de lenço em tunicas, trazendoas ſempre de aſpera eſtamenha. Nunca comeo carne, comia pouco, dormia menos, e pera mais tyranizar eſta parte principal, e neceſſaria da vida humana, que he o ſono, dormia veſtido, e todas as noites infallivelmente, des que anoitecia até polla menham, tomava ſinco riguroſas, e vagaroſas diſciplinas, á honra das ſinco precioſas Chagas do bom Jeſus. E tinha feito tal habito, e goſto deſta penitencia, que nem caminhando por eſtalagens, e gaſalhados eſtreitos, era em ſua maõ deixalla. Como a naõ fazia por vamgloria, ſenaõ ſó com os olhos em Deos, davalhe pouco dos juizos, que o mundo podia fazer. Com eſtas ajudas, e com a de hum bom juizo, e habilidade natural, de que era dotado, adiantou muito nas letras, e ſubio ao gráo de Doutor, e a grande nome na prégaçaõ: deſpois que foy Sacerdote, nunca lhe paſſava dia ſem dizer ſua Miſſa; que celebrava precedendo ſempre confiſſaõ, e bom eſpaço de oraçaõ. E como levava tal aparelho, faziaõ eſpanto os eſtremos de devaçaõ com que aſſiſtia a ella. Tantas eraõ as lagrimas, que ſeus olhos vertiaõ des que começava a conſagrar, até conſumir, que os Corporaes naõ ficavaõ em eſtado de poder celebrar outrem com elles. Na devaçaõ de Noſſa Senhora creſceo grandemente com os annos, e a do ſeu Roſario eſtimava tanto, que ſempre trazia hum ao peſcoço, e ſobre o capello. Como ſahio das eſcollas, e começou a ſer ouvida ſua prégaçaõ em Lisboa, acodialhe a terra toda: e muitos annos prégou a elRey Dom Joaõ em Lisboa, e Evora, ouvido ſempre com grande aceitaçaõ. Entrado em dias, quiz a Ordem aproveitarſe de ſeu exemplo, e bom governo. Foy eleyto muitas vezes em Prior, huma de Coimbra, outra no Porto, outra em Bemfica, tres em Evora, e pollo tempo em diante, chegou a ſer tres vezes Vigairo Geral da Provincia. Mas antes diſto ſendo eleyto Biſpo de Portalegre: Dom Juliaõ Dalva Capellaõ da Raynha Dona Catherina, que com ella viera de Caſtella, dezejoſo o Prelado de aproveitar ſuas ovelhas, naõ achou melhor meyo, que levar conſigo a Frey Antonio. Tanto ſoube fazer, que o obrigou a reſidir com elle dous annos, em que fez notavel fruito por toda a terra, prégando incanſavelmente por todas as villas, e aldeas, ſem deixar nenhuma, e fundando em todas as confrarias do nome de Deos, contra juramentos, e blaſfemias: em que naquelles tempos tinha introduzido o inferno geral devaſſidaõ. Aſſi ſe affirma, que tirou muitos abuſos, ſuperſtiçoens, e ignorancias, com que a Dioceſi ficou, naõ ſó melhorada, mas trocada em outra. Só Frey Antonio naõ fez nunca mudança em ſeu modo de vida. Con-

taſe

taſe por maravilha, que com comer quotidianamente á meza do Biſpo, nunca já mais perdeo o eſtylo ſancto dos Clauſtros de S. Domingos de naõ tocar carne. Faltava muitas vezes o peixe na meza Biſpal por aſpereza do tempo, e por eſtar longe o mar, mas naõ faltava em Frey Antonio ſeu bom coſtume. Grangeoulhe eſte genero, e conſtancia de vida tanto nome, que elRey Dom Joaõ ſe confeſſou algumas vezes com elle, e mandou ao Principe Dom Joaõ ſeu filho, que fizeſſe o meſmo. E contava ſeu grande valído, e grande ſabio, o Conde da Caſtanheira, que ſe ouvera Frey Antonio com elle, como Varaõ verdadeiramente Apoſtolico: dizendolhe com liberdade algumas couſas muito importantes ao ſerviço de Deos, e bem do Reyno: e que ſentindo em elRey tençaõ de lhe querer dar o titulo, e honra de ſeu confeſſor, elle meſmo com bom termo o deſviou diſſo.

Chegando a ter cumpridos ſeſſenta, e quatro annos, hum mais ſobre o Critico, que tanta, e boa gente tem tirado ao mundo, annos bem occupados, e bem trabalhados todos, recolheoſe no Convento de Lisboa: naõ a deſcançar, como pudera pretender, mas pera morrer. Ordinario he nas couſas naturais ſer mais apreſſado, e mais violento o movimento das que buſcaõ o Centro, quando eſtaõ mais perto delle, e dobrar forças ao remeiro o goſto de ver o porto. Aſſi aconteceo a Frey Antonio: Jubilado eſtava por muitas razoens; nenhuma quiz, que lhe valeſſe. Esforçouſe no cabo pera trabalhar mais. Vinte ſeis annos lhe tardou a morte, deſpois que fez conta que a tinha á porta; e a vinha receber em Lisboa: e tal vida fez nelles, que he bem de eſpantar, como a pode aturar tantos: muitos a vimos com os olhos, e por iſſo naõ paſmamos della: ſendo certo, que ſe de algum muito antigo Anacoreta no la contaraõ, nos aſſombrara. Todas as noites, ſem faltar nenhuma, tomava as ſuas ſinco diſciplinas, como atraz diſſemos: todas ſe levantava á meya noite, e aſſiſtia nas Matinas de Noſſa Senhora, e nellas por ſua devaçaõ fazia o officio, que ordinariamente ſe dá a hum Irmaõ moço de caſa dos Noviços, que he dizer hum verſo, e a Communidade toda reſponder, e reſpondendo, e alternando outro. Quando eraõ quatro horas da manham no veraõ, e ſinco no inverno, eſtava levantado; e dizia a Miſſa d'Alva, no altar de Jeſu, onde ſempre celebrava: e no cabo da vida, hum anno, e meyo, antes do fim acreſcentou canto de Ciſne: que foy fazer ſempre huma practica deſpois de Miſſa, na qual tudo era eſpiritu, e fervor do Ceo. Aſſi ſe enchia a Igreja: porque do mais afaſtado da cidade acudia muito povo a edificarſe com o que viaõ nelle, e com o que lhe ouviaõ. Daqui ſe hia pera a cella, e deſſa naõ ſahia ſenaõ era pera o Choro, e lugares da Communidade, ou a ver algum Frade doente. Na cidade naõ viſitou nunca ninguem, ſenaõ em alguma extrema neceſſidade, ou por negocio muy forçado de charidade. Antes de hir a jantar rezava hum officio inteiro de defunctos, e iſto era tarefa de cada dia em

que

que nunca faltava. O reſto do dia paſſava em oraçaõ, e eſtudo: eſta forma de vida continuou todos os vinte ſeis annos ſem della diſcrepar hum ponto; até dous dias antes da morte. Ajudavao huma muy robuſta diſpoſiçaõ de que era dotado, naõ ſendo nunca doente, nem ſentindo dores. Dos que as tinhaõ, ou padeciaõ doenças, ou outros trabalhos, ſe compadecia muito: conſolavaos com charidade, e lembravalhes o dito de S. Gregorio. *Mala, quæ nos hic premunt, ad Deum ire compellunt.* Quaſi dizendo, os males, que neſta vida nos perſeguem, ſaõ meyos de buſcarmos a Deos: e ſe a iſto nos forçaõ boas venturas ſaõ, e naõ males, e acreſcentava. *Per multas tribulationes oportet nos intrare in regnum Dei*: que pera tanto bem, como he reynar com Deos, juſto he, e neceſſario, que nos cuſte muita tribulaçaõ, e muito trabalho. Mas logo tornava ſobre ſy, humas vezes dando graças a Deos polla ſaude, e boa diſpoſiçaõ, que lograva, até na ultima velhice, onde tudo coſtuma ſer labor, e dolor: outras enchiaſe de medo, e triſteza, porque avia, que como a fraco, e pera pouco lhe perdova Deos a perſeguiçaõ de doenças, de que tantos ſe queixavaõ, e dizia conſigo. Que ha de ſer deſte peccador? vida taõ longa, e taõ poucas dores? repartindo o Senhor tantas entre ſeus ſervos, a ti nenhuma? Medo tenho, que he pera mayor mal. Aſſi ſe queixava o bom velho, e dezejando acompanhar ſeus proximos nos trabalhos, com tomar parte nelles: quando veyo o mayor de todos, que foy da peſte geral, e grande do anno de 569. que abraſou eſta cidade: quando naõ havia peito izento de medo, quando todos fogiaõ: entaõ animoſamente ſe deixou ficar na cidade, e no Convento. E fez de ſua vida a Deos voluntario ſacrificio em ſerviço do povo affligido. Taõ deſaſſombrado entrava polla caſa da ſaude (eſte era o nome do Hoſpital da peſte) e por entre hum numero infinito de homens, e mulheres, que ardendo na miſeravel contagiaõ eſperavaõ a morte, como ſe nelles nenhum mal ouvera. Conſolava huns, animava outros: ajudava a bem morrer os que hiaõ acabando: viſitava os noſſos Religioſos, que naquelle purgatorio eraõ entaõ os primeiros enfermeiros; e como ſe viraõ hum Anjo do Ceo, aſſi ſe alegravaõ com elle. Era tempo de grande tormenta, e tribulaçaõ, tempo de ganhar o Ceo. Aſſi o ganharaõ neſta conjunçaõ muitos homens ricos, abrindo as bolſas por ſeu conſelho, e repartindo groças eſmolas, de que elle foy fiel, prudente, e cuidadoſo deſpenſeiro. Mas como naõ ſeria bom repartidor do alheyo, quem tudo o ſeu ſoube dar por Deos? Saõ os livros entre todas as alfayas, a que com mais rezaõ ſe ama de quem ſabe conhecer o preço das que merecem ſer eſtimadas. Alguns annos antes da peſte fora corredor, e meſſageiro della neſte Reyno huma univerſal eſterilidade de todos os fruitos, que cauſou apertada fome. Era peſte dos pobres: porque triunfando os ricos, e dando a ſuas riquezas as graças de ſeu remedio, ſó os pobres padeciaõ de muitas maneiras, já na falta da ſua ſuſtentaçaõ propria, já

na dor de ver perecer a mulher, e eſtallar o filho. Que faria Frey Antonio neſte paſſo? poſſuhia huma copioſa livraria, dadiva, que fora do Biſpo D. Juliaõ d' Alva, acreſcentada com a liberalidade de Jorge da Sylva, fidalgo muito rico: e igualmente largo de condiçaõ, e ſeu amigo: foyſe hum dia ao Prelado, e propoz aſſi. Tenho, Padre, muitos livros, e muito bons: e ou porque ſeu dono he já acabado, ou porque todos, e tudo pára niſto, eſtaõ feitos mantimentos da traça, das aranhas, e do caruncho: melhor ſerá, que o ſejaõ dos pobres de Chriſto, que andaõ por eſſas ruas cahindo com fome. Mantenhaõ aos pobres, poſtos na praça em venda, antes que aos bichos eſtando nas eſtantes ocioſos. Deu o Prelado licença, vendeo todos, ficandoſe ſó com alguns de devaçaõ, remedeou muitas neceſſidades.

1575. Entrou o anno de 1575. e elle andava ao juſto nos noventa de ſua idade: mas como ſe tivera ametade menos, aſſi continuava com todos os exercicios, que atraz temos dito, ſem faltar ponto: e todavia fallava muitas vezes na morte, ou porque a eſperava por horas, ou porque a naõ temia: e dizia, que ſe Deos lhe ouveſſe de cumprir ſeus dezejos, e o que em ſuas oraçoens pedia, naõ queria deixar o mundo com doença comprida, e morte dilatada, como he ordinario nos que morrem de velhice: no que affirmava naõ ſe ter reſpeito a ſy, nem a ſeu trabalho, ſenaõ ſó, conſiderando a pena, e carga, que daõ nas Communidades doenças largas com trabalho igual dos que as curaõ, e dos meſmos que as padecem. Até neſte particular quiz o Senhor conceder com a tençaõ pia de ſeu ſervo: adoeceo aos ſinco de Mayo deſte anno huma quinta feira, acabou ao Domingo, que ſe contavaõ oito: dia em que no Convento ſe fazia a feſta de Sancta Catherina de Sena. Foy doença de moço, colica com inflammaçaõ, e dores agudas, e taõ vehementes, que em tres dias o conſumiraõ. Mas naõ ſe póde paſſar depreſſa polla paciencia, e bom termo com que neſta afflicçaõ ſe ouve. Edificaõ ſempre as palavras, e obras dos Varoens exemplares: mas as do fim da vida parece que trazem fogo, e o pegaõ nas almas. Na mór força das dores repetia ſempre o dito do Apoſtolo. *Non ſunt condignæ paſſiones hujus ſæculi ad futuram gloriam, quæ reuelabitur in nobis.* Como ſe diſſera, nenhum peſo de tribulaçoens da vida preſente, póde chegar a merecer o bem da gloria que nos eſpera. Parece, que ſe lhe deſcubriaõ já os Orizontes della, ou que fallava com experiencia, como taõ eſpiritual. Era o mal de fogo, cauſava ſecuras, abraſavaſe com ſede. Acudiaõlhe os enfermeiros com agoa cozida, ordenada pollos medicos pera temperar a furia do ardor ſem dano; e elle tomandoa, dizia devotamente. Fel, e vinagre achaſtes vós meu doce Jeſu na voſſa ſede, que por ſalvar peccadores padeceſtes, e eu ſendo o mayor deſſes meſmos peccadores, acho na minha quem me acode com agoa medicinal, e boa. *O Domine ſaluum me fac, quoniam ego ſeruus tuus ſum*: ſalvaime bom Senhor, que ainda que máo, ſou ſervo voſſo, e vós a ſalvar vieſtes, e naõ a julgar.

Naõ havia quem duvidaſſe ſer tal doença de chamamento final, e o bom velho o teve por taõ certo, que no primeiro aſſalto do mal, pedio logo que lhe deſſem o ſancto Viatico, pera com tal ſoccorro entrar com eſforço na temeroſa jornada. Fez officio de Parrocho o Provincial, e perguntandolhe, como he coſtume, ſe cria, que eſtava debaixo daquelles accidentes, e repreſentaçao de paõ o verdadeiro corpo de Noſſo Senhor Jeſu Chriſto, Deos, e homem verdadeiro; alegre, e prontamente, e com abundancia de devotas lagrimas, reſpondeo. *Nihil eſt aliud, quod verius credi poſſit.* Naõ ha couſa nenhuma, que com mais verdade ſe poſſa, e deva crer. Conſeguintemente requereo o Sacramento da Unçaõ: e lembrandolhe o Padre Provincial, quando lho miniſtrou, que pediſſe perdaõ a todos os Padres: acudio com grande humildade com eſtas palavras. Si peço, e tenho muitas razoens de lho pedir. Pareceo, que as mantas em que jazia, acenderiaõ mais a inflammaçaõ: lançaraõlhe huns lençois de eſtopa pouco mais amoroſos, que o ſaco das mantas: ſofreos, como quem já naõ ſentia bem, nem mal; e ſerviraõlhe dous dias em noventa annos de vida. Entrando em artigo de morte fez huma breve practica a huns irmãoſzinhos noviços, que o acompanhavaõ. Lembravalhes que deviaõ muito a Deos elles, e todos aquelles que ao eſtado da religiaõ vinhaõ em tal idade: meninos em annos, e naõ abocanhados do mundo em vicios. Que iſto valeria aos noſſos ſanctos canonizados, pera o grande bem, que de todos ſe contava, que foy naõ cometerem nunca peccado mortal: que a vida larga, e a curta, era tudo huma vaidade, e ſombra. Pois pera os noventa annos, como pera os vinte havia huma febre, que levava á ſepultura: e ſó dava conſolaçaõ na ultima hora o tempo bem vivido nos clauſtros da Religiaõ, e o ſerviço de noſſo Senhor, como experimentariaõ, quando chegaſſem a verſe a braços com aquelle temeroſo paſſo em que o viaõ. Acabou taõ longa vida ſem lhe faltar dente na boca, nem ſentir outra nenhuma quebra nos ſentidos, das que a velhice coſtuma executar nelles: que he o meſmo, que de S. Agoſtinho ſe eſcreve. E tambem podemos inferir, naõ do que fallou morrendo, ſenaõ de como procedeo vivendo, que foy hum dos que, ſem mortalmente tropeçar, paſſou ſua carreira. Jorge da Sylva ſeu amigo lhe honrou a ſcpultura com campa, e letreiro, e os Religioſos todos com lagrimas, e ſaudades, principalmente, quando deſpois de morto, ſe acharaõ juntos nas primeiras Matinas de N. Senhora, e ouviraõ differentevoz daquella, que de tantos annos ſeguiaõ, e conheciaõ. Tal foy o ſentimento, que atou as linguas em geral, e quaſi naõ ouve quem reſpondeſſe aos verſos. Conſolaraõſe muitos com guardar peças ſuas, como reliquias de preço.

CAPI-

CAPITULO XI.

Dos Padres Frey Lopo da Corda, Frey Diogo de Lemos, e Frey Antonio d'Azevedo, e do Irmaõ Leygo, Frey Reginaldo de Sancta Maria.

FRey Lopo da Corda ſe quiz chamar na Religiaõ hum famoſo Doutor em Canones, que deſpois de ter dado a melhor idade ao mundo, e ſervindo longos annos o officio de Deſembargador dos aggravos na caſa, e corte da Supplicaçaõ, ſoube acolherſe a ſagrado na velhice, e rematar huma larga vida com muita ſanctidade. A cauſa de tomar tal nome naõ pudemos averiguar. Parece, que devia ſer devaçaõ do Serafico Franciſco, ſeguindo no nome o que naõ fazia na Ordem. Contaſe delle, que de conformidade, e como em conjuraçaõ (ditoſo conjurar) tomou o habito neſte Convento de Bemfica com hum ſobrinho, que tinha, e hum criado que o ſervia; e ficou em memoria, que era notavel o fruito, que ſua prégaçaõ fazia em toda eſta vezinhança, reſpondendo o eſpiritu, com que fallava no pulpito, ao com que buſcara a Deos no habito.

Por perfeito Varaõ celebraõ as lembranças deſte Convento outro Doutor em melhor ſciencia, que he a ſancta Theologia. Chamavaſe Frey Diogo de Lemos, e foy o meſmo de quem atraz eſcrevemos, que deu teſtemunho da ſanctidade de Frey Arnao, com o cheiro, que lhe ficou nas mãos, ſó de paſſarem por ellas os oſſos ſanctos. E bem podemos crer, que ſenaõ pega tanto o cheiro dos ſanctos, ſenaõ em mãos, que o merecem por pureza, e ſanctidade. Sobre as virtudes particulares deſte Padre, deulhe fama, e nome hum livro, que compoz da vida de noſſo Padre S. Domingos, illuſtrado de doutrina, e conceitos concernentes á vida religioſa, deduzidos todos dos exemplos do meſmo Sancto, que imprimio no anno de 1525. e dedicou á Madre Dona Joanna da Sylva primeira Prioreſſa, e fundadora do religioſiſſimo Moſteiro da Anunciada de Lisboa, e a Raynha Dona Leanor terceira, e ultima mulher d'elRey Dom Manoel, que pouco deſpois foy Raynha de França, mandou fazer o gaſto da Impreſſaõ. 1525.

Adiante na 3. p. l. 1. c. 4.

Filho deſte Convento foy o Padre Frey Antonio de Azevedo, de quem ao diante faremos mais larga mençaõ, quando em particular tratarmos do ſerviço, que a noſſa Ordem fez a todo o Reyno no mal da peſte, que por tres diſtinctas vezes graviſſimamente o afligio: porque elle foy o primeiro, que ſe offereceo, e deu a vida por remediar os enfermos do hoſpital publico, que ſe fez fóra da cidade com nome de caſa da Saude, tomando ſobre ſy toda a adminiſtraçaõ delle, temporal, e eſpiritual: e porque a carga era mayor, do que podiaõ levar forças humanas, ſendo o numero dos enfermos infinito, acabou a vida dentro de poucas ſemanas; vencido mais da força do trabalho, que tomava, em acudir a todos com os remedios de corpo, e alma, que do mal da contagiaõ. Acompanha a tres muy religioſos Padres, ricos de nome, e letras, hum muy religioſo

Adiante p. 3. l. 6. c.

ſo Irmaõ Leygo, pobre, e deſconhecido em tudo o mais; mas criado com elles nos meſmos Clauſtros. Taõ deſconhecido, que ſe affirma delle, que em quarenta annos, que aqui reſidio, nunca pedio licença pera ſahir de Caſa, nunca dormio fóra della. Quer Plutarcho, que a boa, e honrada mãy de familias naõ tenha nome, nem ſeja conhecida mais, que de ſuas portas adentro. Aqui parem todos ſeus cuidados: daqui naõ ſaya ſua fama: porque aquella, que prudente, e virtuoſamente ſoube governar ſua familia, naõ tem pera que buſcar mais honra, que a que ganha, parecendo bem áquelles com quem vive; e ſendo eſtimada dos que rege, e manda. Eſta recluſaõ amava Frey Reginaldo de Santa Maria, que tal era o nome do noſſo Leygo. Mas os fins eraõ muy differentes. Sabia que o melhor coſſolete do profeſſor da milicia Monaſtica contra os tiros do inimigo Infernal, he a clauſura. Sabia o que já diſſe hum bom velho Portuguez, que nunca tornara pera caſa taõ honrado, como ſahira della: aſſi o requerimento ordinario, com que importunava os Prelados, era que o naõ mandaſſem nunca fóra. Ajuntavaſe fazer elle ſó todos os officios do governo temporal daquella Communidade, que hoje fazem muitos: era cilleyreiro, adegueiro, refeitoreiro, procurador, enfermeiro, e em fim coſinheiro, e vinha a ſer força por eſta via, o que polla de ſeu eſpiritu era goſto: eſtando no Convento acudia a todos eſtes officios, e a todos dava expediente: naõ ſó ſem dar pena a ninguem, nem a ſignificar por obra, nem palavra (como hoje vemos muitos, que com pouco trabalho logo abafaõ, e perdem o tino) mas com muito ſoſſego. E o que he mais de eſpantar, e eſtimar, tinha tempo pera muitas horas de oraçaõ, ſem ſe lhe enxergar falta em nenhuma de tantas obrigaçoens. A muito abrange o tempo, ſe o queremos empregar bem: e ſe a vontade anda prompta, ſempre há lugar pera darmos a Deos ſua parte. Levantavaſe Frey Reginaldo ante manham, corria ſuas officinas, ordenava, compunha, e aviava tudo o que convinha em cada huma: quando começavaõ as miſſas na Igreja, já eſtava em oraçaõ em huma pequena tribuna, que da varanda das Craſtas cahia ſobre o Cruzeiro, defronte do Altar de S. Roque, que entaõ era de Jeſu. Aqui com os joelhos nús ſobre o ladrilho ſe deixava eſtar, até que o arrancavaõ as horas de acudir aos ſerviços, que tinha á ſua conta. E na verdade arrancado hia, e tirado á força: porqne todo o momento, que ſem dano da Communidade ſe podia furtar a elles, logo tornava ao meſmo poſto com tanta diligencia, e goſto, que nenhuma bem apontada agulha de marear buſca com mais ligeireza o pólo do Norte, a que o ſegredo natural inviſivelmente obriga, e move a pedra com que o Piloto a ſeva. Iſto era de dia; o meſmo fazia de noite, ſem quaſi tomar hora pera repouſo: e tal era a continuaçaõ, que vieraõ os ladrilhos a ſentilla, e accuſalla, imprimindo em ſua dureza as rodas dos joelhos. Naõ me atrevera a ſer eſcritor de couſa taõ prodigioſa, ſe naõ conhe-

Plut.

ceramos,

ceramos, e trataramos religioſos de grande credito, que foraõ teſtemunhas de viſta. Deviaõ aquelles joelhos ter trocado a natureza da carne, e oſſo, em callos de pedra, como acontece, e aſſi fazer força ao barro do ladrilho: ſe naõ quizemos dizer, que concorria aqui o poder Divino com milagre ſeu pera exemplo noſſo: querendo que foſſe publico quanto eſtimava a oraçaõ de ſeu Servo, como ſabemos, que acontecia a noſſa Sancta Ines de Monte Pulciano, que qualquer lugar em que punha os joelhos pera orar, logo dava ſinays do que agradava nos Ceos ſua oraçaõ, criando ſubitamente fermozas flores. Aſſi o celebra a Igreja na oraçaõ de ſua feſta: e porque naõ eſpante a maravilha nos ladrilhos, acreditallaemos com outras, que os Prelados affirmavaõ naõ menos eſpantoſas. Diziaõ que era fóra do natural o muito tempo que durava qualquer proviſaõ, que debaixo de ſua chave entrava. Lançaraõ contas, huma, e muitas vezes, e averiguavaõ, que tudo o que ſe lhe entregava creſcia a olhos viſtos; ſendo aſſi, que nunca ouve Prelado, por muy liberal, nem ſubdito, por desbaratado que foſſe, que lhe notaſſe eſcaceza, ou demaſiada providencia, que he a capa dos avaros, pera com os Religioſos. Ajuntava-ſe a iſto ſer practica commum entre elles, que em tudo, o que por ſuas mãos paſſava, ou foſſe a pobre comida, que guizava na cozinha, ou a fruita que repartia pera a meza, ſe achava novo ſabor, e goſto. Obrava aqui a tençaõ com que ſervia: porque ſe lhe repreſentava em cada Religioſo, e aſſi o dizia, a meſma peſſoa de N. P. S. Domingos: e com o meſmo goſto, cuidado, concerto, e limpeza, preparava, repartia, e miniſtrava pera o mais pequenino da Caſa, que ſe fora pera o meſmo Sancto. Mas que faria com os pobres, que Chriſto nos deixou por retrato ſeu, e em ſeu lugar, quem aſſi procedia com os de caſa? Naõ era menos diligente, nem menos charidoſo miniſtro ſeu. Viaſe no cuidado que tinha de que ſenaõ esfriaſſe, nem perdeſſe ſazaõ a parte que os Padres lhes deixavaõ da meza, fazia chegalla ao fogo, em quanto ſe dilatava o levariha á porta: e quando em tempo de fruita, hya antes do ſol apanhar pera o Refeitorio, naõ ſe eſquecia de fazer cabaz particular pera a porta. Eſcuſadas diligencias pera os frios da fome da Portaria, comida quente, e fruita freſca, colhida antemanham, e aljofarada com o orvalho da noite: porem naõ eſcuſada, pera huma verdadeira charidade, na qual naõ ſabia perder lanço. E ſe eſte he de eſtimar, naõ agradará menos o que logo diremos. Como repartia por ſua maõ a fruita, pondo no lugar de cada Religioſo ſua porçaõ, ſempre a que punha no do Padre Meſtre Frey Franciſco de Bovadilha, era notavelmente aventajada em qualidade, e quantidade. Morava o Meſtre, muitos annos havia, neſte Convento, deſpois, que ſe perfilhara nelle, como ao diante o dirá a Hiſtoria, e ſeguia huma grande conſtancia na guarda dos rigores, e auſteridades da Regra; e entre outras paſſeando a miude polla horta, e pumares, nunca ſe ſoube delle, que

Legenda de S. Ines de Monte Pulc.

que lançaſſe maõ de pera, nem ginja, nem outra fruita pera trazer pera a cella. Contentavaſe com deleytar os olhos na viſta: o ſabor guardava pera o Refeitorio. Como Frey Reginaldo o ſabia, fazia obra de juſtiça diſtributiva, naõ ſó de piedade; e a quem lhe arguhia a differença dava juſta, e ſancta repoſta, que o pumar, e horta, eraõ hum grande prato em que comiaõ os Frades daquella Communidade. Que aſſi como, comendo tres, ou quatro companheiros em hum prato, ſeria havido por ruſtico, e groſſeiro o que comeſſe aſſodadamente, e com toda a maõ, quando os mais procedeſſem com repouzo, e temperança: da meſma maneira, quem eſpreitava tempo, e occaſiaõ, e ſe aproveitava della, pera ſe fazer ſenhor do melhor da horta, e do pumar, cometia huma eſpecie de tyrannia, e como latrocinio de tudo o que mais levava, alem do que por boa conta lhe pertencia, ſobre cometer vileza, e fazer deſcortezia a ſeus irmãos. E porque o bom Padre, nem ainda o que juſtamente podia tomar, queria dever a ſuas mãos, ficava merecendo achar nas alheyas, e nas delle Refeitoreiro ſemelhante reſpeito.

Vieraõ em fim a render aquella humanidade, inda que robuſta, e dura de natureza, tantos trabalhos juntos, e continuos: porque baſtando elles ſós pera a derribarem, acompanhavaos com grandes mortificaçoens de crueis diſciplinas, quaſi de cada noite, e eſtreitas abſtinencias em todo tempo. Sentioſe desfalecer, e acabar, quiz ver ſe com tomar humas ferias de alivio podia tornar ſobre ſy, e ſervir com forças novas: pudera tomalas no ſeu meſmo Moſteiro: naõ ſe atreveo a viver huma hora ocioſo, onde toda a vida trabalhara: pedio que lhas deſſem no Convento de S. Paulo de Almada, que entaõ naſcia na Ordem. Foyſe a elle, deſcanſou do trabalho de ſervir, mas naõ o de continuar o da Oraçaõ, e penitencias: e como a fraqueza naſcia tambem de peſo de annos, e defeito da natureza, a cabo de dez mezes paſſou a melhor vida.

CAPITULO XII.

Dos Padres Frey Jeronymo, e Frey Fernando de Tavora irmãos, e tirados ambos da Ordem pera Biſpos.

SEguem dous irmãos filhos da villa de Santarem por ſangue, e naſcimento: e deſte Convento por criaçaõ, e profiſſaõ: e ambos Biſpos por merecimentos peſſoays de virtudes, e letras. Seu pay foy Fernaõ Cardoſo, taõ conhecido, e eſtimado na Corte d'elRey D. Joaõ Terceiro por excellencias de aviſo, e ditos agudos, que fallando delle com alguns velhos mo nomearaõ pollo grande Fernaõ Cardoſo. Tinha profundiſſimo aviſo pera conhecer, e julgar polla viſta as naturezas dos homens, com quem tratava: e com tanto engenho ſabia achar, e deſcubrir a cada hum ſem ſemelhante, hora entre couſas animadas, hora inanimadas, que ſempre eſpantava com a propriedade da comparaçaõ, e deleytava igualmente com a novidade, e agudeza dos termos com que ſe declarava. Lembrado eſtou ver em maõ de

de hum Cortezaõ velho, e muito aviſado algumas comparaçoens deſtas poſtas em eſcrito, e bem eſtimadas polla memoria de ſeu Auctor. Foy de geraçaõ nobre, e por tal caſou em Sanctarem com Felipa de Brito, ſenhora principal irmãa de Manoel Serraõ de Brito, da qual teve muitos filhos: e foraõ, terceiro, e quarto Jeronymo de Brito, e Fernaõ Cardoſo, que tomaraõ o habito neſte Convento, e tiveraõ a boa ventura de ſerem diſcipulos nelle do grande eſpiritu de Dom Frey Bertholameu dos Martyres Arcebiſpo de Braga, ſendo aqui Prior antes de ſua eleyçaõ em Arcebiſpo. Do Jeronymo dizem, que o Cardeal Dom Henrique lhe mandou que foſſe Frade, e porque honrou o dia de ſua entrada com ſua preſença, agradecido o moço trocou o nome da pia em Henrique, e o da geraçaõ em S. Jeronymo, e chamouſe Frey Henrique de S. Jeronymo. O Fernando contando muitos appellidos honrados na linha de ſua mãy, e querendo eſconderſe ao mundo, pollo muito que ſeu pay era conhecido nelle, deixou o Cardoſo, e chamouſe de Tavora: e foy cauſa, que por Tavoras foſſem deſpois muito conhecidos ambos os irmãos. Mas he grande a miſeria da vida, grande a preſſa com que tudo nella corre ao fim. Havendo na caſa de Felipa de Brito ſinco irmãos, e duas irmãs, e na de Manoel Serraõ de Brito ſeu irmaõ muitos herdeiros, eſtá hoje quaſi acabada eſta geraçaõ, e ſó della vemos o Doutor Luis da Sylva de Brito Prior da Igreja do Sancto Milagre em Santarem, neto de Manoel Serraõ de Brito, por Dona Joanna de Brito, que foy ſua mãy, e filha de Domingos Guedes peſſoa bem conhecida em Santarem por muitas, e boas qualidades.

Mas tornando aos dous Frades, he de ſaber, que como á competencia foraõ ambos dando boa conta da criaçaõ, e do ſangue, ambos de grande habilidade nas letras, de grande exemplo na Religiaõ, e como tais alcançaraõ nella bons lugares. Foy natural em ambos huma inclinaçaõ á pintura, que ſe fora ajudada com trabalho, e arte, os pudera fazer taõ inſignes, como os grandes, que celebra a antiguidade. De hum, e outro nos ficaraõ memorias neſte Convento, e no de Evora, que deſpois de tantos annos daõ todavia grande teſtemunho do eſpiritu, e da maõ. As daqui ſaõ humas ſeis figuras grandes, que vemos na caſa das horas; obra da maõ de Frey Fernando, e pintura a freſco, como em caſa pobre; as de Evora fez Frey Henrique, querendo, que ficaſſe aly memoria ſua, como ſeu irmaõ deixara em Bemfica; mas pera forrar tempo, porque era Prior, e muito occupado, tomou á ſua conta os roſtos das figuras, e ajudouſe pera os corpos de hum pintor de fama, que vivia em Badajos, que mandou vir a Evora, chamado Morales. Saõ tres payneis do retabolo do Altar mór. O do meyo he hum retrato da transfiguraçaõ de Chriſto: nos dos lados, ſe vê no direito huma figura da glorioſa Virgem Mãy: no outro a do S. Bautiſta; tudo figuras inteiras, e grandes, e de tanto eſpiritu cada huma, que as podemos dar por obra dos mais famoſos

moſos Antigos : porque ſe alguma ſua enganou a ſimplicidade de animais brutos, eſta move, e enleva maravilhoſamente os entendimentos humanos. Das meſmas mãos he, e os meſmos effeitos faz hum Ecce Homo do Capitulo.

De Frey Fernando ſe conta, que era taõ filho de ſeu pay na graça, e ſuavidade na lingoagem, que ſendo Meſtre de Noviços em Lisboa, deixavaõ muitos Religioſos ſua quietaçaõ, por hirem ouvir as practicas, que fazia a propoſito de algum exemplo, que mandava propor a qualquer daquelles ſubditos. Em materia ſubita, e nao cuidada encantava a agudeza dos conceitos que lhe acudiaõ, os trocados, as dependencias, as dirivaçoens, com que perſuadia o que queria, e deleitava ſobre maneira os ouvintes : ſendo tal no officio de Prégador, naõ era menos na converſaçaõ, e trato commum: onde elle fallava, era muſica que levava traz ſy tudo. Aſſi tinha grandes, e poderoſos amigos, que vagando o Biſpado do Funchal da Ilha da Madeira, o propoſeraõ, e lhe foy dado, e elle conſagrado no primeiro anno do Provincial Frey Eſtevaõ Leytaõ. Foy culpado de receyos de paſſar o mar, ſendo a paſſagem breve, e pouco arriſcada, e em fim veyo a renunciar a dignidade, e paſſou o reſto da vida recolhido no Convento de Azeitaõ. Falleceo pouco antes da jornada de Africa, tendolhe elRey Dom Sebaſtiaõ dado o cargo de ſeu Eſmoler, eſperandoſe que o levantaſſe a couſas mayores. Antes de acabar mandou ſignificar ao Prior de Bemfica, que acudiſſe a lançar maõ de tudo o que tinha, como fazenda de filho deſta Caſa.

Frey Henrique era irmaõ mais velho, tinha ſervido bem a Ordem, e acompanhado ao ſancto Arcebiſpo Dom Frey Bertholameu dos Martyres ſeu Meſtre, e Prelado antigo, na jornada que fez ao ſancto Concilio; onde ſe fez eſtimar com credito, e honra da Religiaõ, como o temos eſcrito na vida do meſmo Arcebiſpo, que imprimimos em Viana no anno de 1619. e em fim eſtava actualmente governando o noſſo Convento de S. Domingos de Evora, de que era Prior, quando Deos o quiz igualar tambem na Mitra, como tinha feito no mais, com ſeu irmaõ: e foy chamado pera Biſpo da cidade de Sancta Cruz de Cochim na India. Era entrado o anno de 566. governava inda a Provincia o Padre Frey Eſtevaõ Leytaõ, e o Reyno elRey Dom Sebaſtiaõ. Embarcouſe Frey Henrique com grande animo: e como tinha procurado retratar em ſy o eſpiritu Apoſtolico, e virtudes de ſeu Meſtre, tal conta deu de tudo no cargo, que vagando a Cadeira de Goa Metropoli, e principal do Oriente, o mandou elRey paſſar a ella: e ficou igualando, ou vencendo com mayor dignidade a dianteira, que ſeu irmaõ mais moço lhe tomara na promoçaõ. Tanto que entrou em Goa, e fez ſua viſita da cidade, e ilha, tratou logo de reconhecer peſſoalmente todas as terras de ſua Dioceſi. He o eſtado, que os Portuguezes poſſuem no Oriente, muy eſtendido polla coſta, e prayas do mar; eſtreito, e curto pollo Sertaõ, e quaſi ſem mais dominio nelle, que quan- 1566.

to

to lhes val o reſpeito das boas cidades, e fortalezas, que ſuſtentaõ, que ſaõ polla mayor parte ſobre o mar. Aſſi he neceſſario ao bom Prelado andar ſempre embarcado, e experimentar ſobre os perigos da terra, tambem os das agoas: embarcou, e deſembarcou tantas vezes, quantas eraõ as cidades de ſua juriſdiçaõ: porque nenhuma deixou de ver, e com muita atençaõ, e miudeza viſitar: obrigandoo a iſſo, alem de ſeu eſpiritu, as muitas miſerias, que padecem os enfermos, quando ſaõ curados de longe. Grandemente quebranta a inquietaçaõ do navegar, a quem he criado no ſoſſego dos Clauſtros: que ſerá lidar com huma tormenta de ventos furioſos, e mares cruſados, onde até os que curſaõ a navegaçaõ por officio perdem as cores, e deſmayaõ com medo? que ſerá encontrar com inimigos armados? ver arder o mar em fogo, e trovoens de artelharia? e logo tingirſe em ſangue, e achar martyrio ſem o buſcar? De tudo iſto vio, e experimentou o Arcebiſpo muito neſta primeira viſita: mas inda foy o Senhor ſervido, que achaſſe mais mal, e mais perigos na terra. Foy a ultima cidade, que viſitou, a de Chaul: diſta polla coſta ſeſſenta legoas da Metropoli contra o Norte: he cidade grande, fermoſa, e rica: coſtumaõ ſer as que tem ſemelhantes qualidades, grandes mattas de vicios. Afiou a lingoagem nos ſermoens, reprehendeo gravemente os peccados, em publico, e em ſecreto: caſtigou os que achou comprehendidos com rigor, e ſem medo, á imitaçaõ de ſeu grande Meſtre D. Frey Bertholameu: eſte exemplo ſem elle tal cuidar o fez Martyr. Paſſou o caſo aſſi. Sentioſe hum caſtigado, ſendoo por ventura menos do que ſuas culpas mereciaõ; determinou vingarſe: offereceolhe a rayva o meyo do veneno, de que he taõ copioſo todo o Oriente, que mata muitos mais com elle em ſegredo, que a guerra em publico, e ſaõ muitos mais os mortos, que os remediados com as ſuas bazares, abadas, unicornios, cocos de Maldiva, e outros antidotos ſem numero, de que ſe jacta. Jantou hum dia alegremente, e em caſa ſem ſoſpeita. Aqui lhe armou o inimigo, com tal ſegredo, e diſſimulaçaõ, que nem o dono da pouzada pode nunca antes, nem deſpois raſtejar o arteficio: e ſoube tam bem temperar a peçonha, e o modo de a dar, que naõ foy entendida, ſendo maſtigada, e comida: nem foy conhecida a ſemente da morte que levava, ſenaõ deſpois que os effeitos a deſcobriraõ, effeitos taõ acelerados, que naõ paſſaraõ da meſma noite. Foraõ dous os colhidos na treiçaõ, que ſó eraõ os buſcados: hum o Arcebiſpo, o outro ſeu companheiro. Eſte reſiſtio ao mal, como robuſto, que era de forças, e idade; e ajudado de muitos antidotos, com que ſe lhe acudio, ſuſtentou a vida: o ſancto Arcebiſpo era entrado em dias, e fraco de compreiçaõ, naõ lhe valeo nenhum remedio, e acabou logo: deuſelhe ſepultura alta conforme a ſua dignidade na Igreja Matriz da meſma cidade em hum moymento, que hoje ſe vê junto ao Altar de Noſſa Senhora do Roſario, embebido

na parede : porque ſe naõ duvidaſſe, que fora a morte de refinado toxico, deu ella baſtante final no que ficou vivo, ſahindo com a força dos beſoarticos, e da boa natureza á ſuperficie da carne, e fazendolhe trocar couro, e cabello.

CAPITULO XIII.

Vida do Padre Meſtre Frey Franciſco de Bovadilha.

SEis annos havia, que reſidiaõ neſta Provincia os Padres Caſtelhanos, que elRey D. Joaõ o Terceiro mandara vir pera reformadores della. Fazia Officio de Vigairo Geral do Reverendiſſimo, e Provincial noſſo, o Meſtre Frey Jeronymo de Padilha. Era Prior de Lisboa Frey Chriſtoval de Valbuena, quando no anno de 1543. entrou pollo Convento o Padre Meſtre Frey Franciſco de Bovadilha, peſſoa de nome na Provincia de Eſpanha, por letras, e nobreza de ſangue. Fez eſpanto ſua vinda, porque deſpois de ter lido muitos annos, fora Prior em algumas Caſas, e huma dellas fora Piedrahitta: e a iſto ajuntava ſer filho dos Condes de Punhaõ Roſtro: e ſabiaſe, que naõ fora dos apontados d'elRey: com tudo juntandoſe com os Padres ſeus naturais, que deviaõ ſer conhecidos, e amigos, aſſentou ficar na Provincia, e no meſmo anno ſe perfilhou nella, e no Convento de Bemfica. Por cujo reſpeito nos toca fazer delle memoria. A cauſa deſta reſoluçaõ, e de ſua vinda, ſe referia a negocio particular ſeu, que dizem paſſou deſta maneira. Fallecera o Conde irmaõ de Frey Franciſco, e ſem embargo de deixar herdeiro, e filho legitimo, ouve hum irmaõ do defuncto, que pretendeo introduzirſe no eſtado, e deſapoſſar o ſobrinho: tinha Dom Pedrarias de Bovadilha, que aſſi ſe chamava o thio, grande força de valias: o ſobrinho nenhuma, ſobre pouca idade, ſe naõ era a piedade de Frey Franciſco, que ſendo irmaõ de hum, e thio do outro, ſentio a crueza do irmaõ, e dezejava o remedio do ſobrinho. Levantouſe grande fogo de letigios: e viaſe claramente ſoçobrar a juſtiça vencida do poder, e favores. Neſte paſſo ſe valeo o moço de hum reſcrito de Roma, com Breve do Pontifice avocatorio da cauſa pera a Sé Apoſtolica, como ultimo remedio. Mas foy principio de nova, e mayor difficuldade: porque alcançado o Breve naõ havia Notario, que ſe atreveſſe a publicallo: ou foſſe por parecer em parte contrario á juriſdiçaõ real, ou por ſer contra Dom Pedrarias homem aſſomado, e fero de condiçaõ. Vendo Frey Franciſco, que da publicaçaõ do Breve pendia todo o bem do ſobrinho, fez conta de perder por elle, e irmaõ, Patria, e quietaçaõ: e tudo foy hum, publicar o Breve, e paſſarſe a Portugal. Devia ſer obra muito ſancta, e juſta: porque naſceo della entrar o Padre Frey Franciſco com taõ bom pé neſte Reyno, que alcançou na terra alheya tudo o que, ſe fora muito ambicioſo, pudera dezejar na propria: e ſendo aſſi, que entre muitos chamados, he coſtume haver poucos eſcolhidos, elle ſem ſer chamado, foy eſcolhido, e buſcado pera cargos, e honras.

1543.

A primeira lhe deu logo o Convento em que ſe perfilhou, fazendoo ſeu Prior por Mayo de
1544. 1544. Era o Padre Frey Franciſco do habito, e profiſſaõ do muy reformado Convento de S. Gines de Talaveira, e bem o moſtrou na obſervancia, com que começou a proceder neſte primeiro governo, que foy a meſma, que ſe lhe vio guardar toda a vida. Eſtamenha continua, ſem admittir linho, continuaçaõ do Refeitorio, ſem conſentir creſcimento, nem differença do que ſe dava em geral na Communidade. Veſtido, cama, cella, tudo pobre com extremo, mas com limpeza, e conſerto. Na hora mais peſada do choro, que he a de Matinas, naõ havia faltar, nem conſentir, que ouveſſe deſcuido na pauſa, e attençaõ, e devaçaõ do cantar: e enxergavaſelhe particular goſto na aſſiſtencia de todo o mais officio Divino. Em ſecreto he couſa certa, que ſe lhe naõ paſſava noite ſem tomar diſciplina: e ſendo conſigo ſempre auſtero, e no comer muito abſtinente, era muy facil em ſe acommodar (que he grande prova de virtude mociſſa) com as neceſſidades dos ſubditos. Eſte cargo lhe durou pouco tempo: porque ſuccedeo elegeremno por ſeu Prior os Religioſos de S. Domingos de Lisboa, por fim
1544. do anno de 1544. ficando o cargo vago pollo deixar o Padre Frey Chriſtoval de Valbuena, que ſuccedeo em Provincial, e Vigairo Geral ao Meſtre Frey Jeronymo de Padilha, fallecido por Agoſto do meſmo anno. Mas tambem no ſegundo Priorado foy de pouca dura, dandoſe tanta preſſa a buſcallo as honras da Ordem, que antes de cumpridos dous annos deſta dignidade, ſe vio poſto na mayor da Provincia, que era Vigairo Geral do Reverendiſſimo, e pouco deſpois eleyto Provincial: porque elRey Dom Joaõ tendo conhecido ſuas partes, e querendo acautelarſe pera o que podia ſucceder, fez eſcolha de ſua peſſoa pera o governo da Provincia, e ouve pera iſſo provimento ſecreto do Padre Geral, que tinha em ſua maõ. Succedeo logo morrer o Provincial Valbuena, antes de cumpridos dous annos de ſeu cargo, por Setembro de 46. e quando a Provincia cuidou tornar ao governo dos naturais, mandou elRey a Frey Franciſco huma Patente do Geral em que o fazia ſeu Vigairo nella. Aceitada a Patente polla Provincia, e o cargo por Frey Franciſco, convocou Capitulo pera Lisboa: juntaraõſe os Eleytores na entrada do anno ſeguinte de 1547., e ſahio eleyto Vigairo 1547.
Geral na Dominga entre entre as oitavas da Epiphania, e pouco deſpois confirmado em Provincial. Aſſi veyo a ſucceder, caſo bem raro, que tres Padres de Provincia eſtranha, ſucceſſivamente, e ſem ſe meter natural, em meyo, entraſſem em Priores de Lisboa: e os meſmos, hum traz outro ſahiſſem pera Vigairos da Provincia, e foſſem Provinciaes. Naõ faltou reſiſtencia, e contradicçaõ ao Eleyto, de parte dos naturais, que todavia dezejavaõ governo Portuguez: porque havia muitos ſogeitos na Provincia de merecimento, e valor. Mas tinhaſe perſuadido elRey D. Joaõ, que nenhuma couſa convinha mais pera cortar o fio ás parcialida-

des, e ſe conſervar melhor o rigor Monaſtico, que ſer mandada por homens independentes nella, ſem parente, nem obrigaçaõ, nem pretençaõ: e naõ eſpanta pouco, que achando na meſma conjunçaõ na Ordem muitas peſſoas notaveis por letras, e grande talento, que tirava pera ſeu ſerviço, e eſcolhia pera Biſpos, e paſtores de Provincias muy eſtendidas, e numero infinito de almas, deſcubrindo niſto que amava a Religiaõ, e tinha boa opiniaõ, e conceito dos Religioſos: com tudo ſeguia ſua determinaçaõ em naõ conſentir, que por entaõ governaſſem os ſeus. Começou ſeu cargo Frey Franciſco: e ſe boas moſtras tinha dado de verdadeiro obſervante no tempo de Prior, deſpois de Vigairo, e Provincial, naõ afroxou nada no rigor da vida: antes vendoſe em lugar, que ficava alvo de mais tiros, e de mais olhos eſpelho, guardou huma invenſivel conſtancia, e no governo procedeo com muita prudencia, conſelho, e cautella, e grande gravidade junta com brandura. Em ſeu tempo tiveraõ notavel favor as boas habilidades: porque como era grande letrado, aſſi zelava o bem dos eſtudos. Delle achamos, que foy hum dos homens de ſeu tempo, que com mais applauſo foy ouvido nas eſcollas, aſſi da Ordem, como ſeculares, por agudeza de engenho claro, e ſutil, que ajudava com graça natural de huma gravidade deſaſſombrada, e deſpejo grave, partes que o faziaõ grandemente bem viſto. Em ſeus eſcritos era ſentencioſo, e reſoluto, e com clareza breve. Aſſi como favorecia os bons engenhos polla inclinaçaõ das letras, da meſma maneira achavaõ nelle pay todos os virtuoſos, pollo muito que amava a virtude. Elle foy o que deu principio á Congregaçaõ, que a Ordem tem na India, mandando pera fundadores della, no anno de 1548. que foy o ſegundo de ſeu cargo, doze Religioſos debaixo do governo do Padre Frey Diogo Bermudes, como adiante ſe dirá, quando chegarmos com a Hiſtoria a eſte tempo. No fim do quarto anno, que foy entrado já o de 1551. paſſou a Salamanca a aſſiſtir em hum Capitulo geral, que aly celebrou o Meſtre da Ordem Frey Franciſco Romeo. Concluidos ſeus quatro annos com louvor de hum inteiro, e acertado governo, recolheuſe com goſto ao ſeu Convento, a tratar ſó conſigo, e de ſy. Mas naõ val deliberaçaõ propria, por juſta, e ſancta que ſeja, a quem huma vez ſe deſapropriou até da vontade, e alvedrio, e tudo a Deos conſagrou. Eraõ paſſados longos vinte annos, elle velho, e a ſeu parecer, enterrado no eſquecimento dos homens, quando de novo foy buſcado, e eleyto ſegunda vez em Provincial. Succedeo o negocio deſta maneira. Juntouſe Capitulo Provincial de eleyçaõ no Convento de Santarem, paſſada Paſchoa do anno de 1571. acabava ſeu tempo de Provincial o Meſtre Frey Franciſco Foreiro: ſahio eleyto do primeiro banco o Padre Meſtre Frey Manoel da Veiga, mas naõ teve a eleyçaõ effeito: porque o Cardeal Infante Dom Henrique, que fazia officio de Inquiſidor Geral no Reyno, e juntamente tinha commiſſaõ, e poderes do

1548.

1551.

1571.

noſſo

noſſo Reverendiſſimo pera em ſemelhantes caſos, aviſou aos Capitulares, que do eleyto havia mais neceſſidade no Tribunal do Sancto Officio da Inquiſiçaõ de Lisboa, em que eſtava occupado, que no ſerviço da Ordem, onde naõ faltavaõ homens; e que por tanto ceſſava a eleyçaõ. Naõ ouve lugar de replica: procedeoſe a ſegunda eleyçaõ, e achouſe eleyto o Meſtre Frey Franciſco de Bovadilha. Acceitou o cargo com toda a repugnancia, que he de crer de homem livre de ambiçaõ, carregado de annos, e que ſó entendia com ſua alma. Dizem, que no meſmo dia notou cartas pera Roma, em que com toda inſtancia pedia ao Meſtre Geral Frey Serafino Caballi, naõ confirmaſſe ſua eleyçaõ; e aos amigos, e conhecidos lhe alcançaſſem eſta graça: porem o Padre Geral, naõ ſó a confirmou, porque o tinha bem conhecido; mas louvandoa, animouo com boas razoens pera o trabalho. E todavia naõ deſiſtindo do requerimento, alcançou abſolviçaõ antes de cumpridos os quatro annos á inſtancia da Raynha Dona Catherina, que como era velha, e entendia em fazer ſeu teſtamento, queria o Meſtre, que tambem era ſeu confeſſor, deſembaraçado de toda outra occupaçaõ.

CAPITULO XIV.

Proſegue a vida do Padre Meſtre Frey Franciſco de Bovadilha.

FOy o Meſtre ſempre reſpeitado dos Reys deſte Reyno, e de todos os Principes, e Senhores, que alcançou nelle, muito eſtimado, e encarregado de negocios de importancia, que ſendo muitos, e varios, de todos ſabia dar ſatisfaçaõ, e reſponder ao conceito, que delle ſe tinha: porque procedia em todos com muito tento, e cautella; e pera os levar ao fim, que pretendia, tinha huma facilidade, e deſtreza natural, que lhe deſcubria, e fazia acertar os meyos, e concluſaõ. A Raynha Dona Catherina querendo ordenar ſeu teſtamento, poz em ſua maõ tudo o que convinha pera deſcargo de ſua alma, e mandou que a elle acudiſſem todos os que achaſſem deverlhes ella alguma couſa: e neſtas materias chegaraõ a noſſas mãos alguns papeis eſcritos da letra do Padre, que teſtemunhaõ bem a miudeza, e cuidado com que lhe perſuadira deſcarregar a conſciencia, fazendo eſcrupulo a quem era Raynha, e muito religioſa, de naõ cortar todos os gaſtos ſuperfluos, e ainda encurtar alguns neceſſarios pera eſcuzar deixar dividas na morte, que os ſucceſſores naõ pagaõ cá; e na outra vida he duramente executado quem as leva ſem ſatisfaçaõ da parte: caſos ſe contaõ, que lhe aconteceraõ fazendo eſte officio, que acreditaõ aſſaz ſua virtude, e inteireza, Naõ nos podemos deter nelles: diremos hum ſó, que o meſ-

o meſmo Padre contava por graça, naõ lhe faltando ſubſtancia. Pretendia certo homem nobre da Raynha, ſatisfaçaõ de hum ſerviço antigo. Tratou de informar o Padre; e porque a informaçaõ foſſe melhor entendida, antecipoua com hum prezente de couſas, que a ſeu parecer naõ mereciaõ engeitadas: offereceoas confiadamente. Reſpondeo o Padre com crimeza, que ſe queria ſer ouvido, ſe tornaſſem os criados com tudo o que traziaõ. Era o requerente matreyro: determinou encerlhe os olhos, pois ſe defendiaõ as mãos: pediolhe, que ſe quer a viſta naõ negaſſe a hum mimo pobre, e de pouca valia, que bem ſe podia acceitar em ſinal de amor de quem hia pedir. Serrandoſe o Padre com a meſma conſtancia ao ſegundo tiro, naõ faltou o requerente com o terceiro. Perguntoulhe ſe havia de dizer Miſſa: e que tem v. m. que fazer com a minha Miſſa? Queria, tornou elle, ver a meu Senhor Jeſu Chriſto em mãos taõ limpas. Contava deſpois o Meſtre, eſpantado do muito, que todo o homem ſabe pera os negocios do mundo, que naõ no vencendo as veras, ficara peitado da zombaria. Naõ nos conſta ſe foy neſta conjunçaõ, ſe alguns annos antes, a liçaõ de Cazos, e Collegio de pobres Clerigos, que eſta meſma Senhora, ſegundo temos em outra parte eſcrito, fundou na Igreja de Noſſa Senhora da Eſcada, hermida do Convento de S. Domingos; mas de peſſoas de credito ouvimos, que huma, e outra couſa naſceo da traça, e conſelho do Padre Frey Franciſco.

P. 1. l. 3. c. 40. deſta Chron.

Delle ſe ſervio tambem o Cardeal Infante Dom Henrique. Era Legado da Sé Apoſtolica neſte Reyno: quiz ordenar viſita dos Frades da Ordem de Chriſto, que vivem em Communidade no Convento de Thomar, caza muito populoſa, e rica. Naõ lhe pareceo que tinha no Reyno peſſoa mais a propoſito; e foy tal a eleyçaõ, que cumprindo com a obrigaçaõ de hum inteiro Juiz, e Religioſo Viſitador, ſatisfez a quem o mandou, e dos viſitados ficou taõ amado, como ſe de cada hum fora Pay.

Paſſados muitos annos, ſucedeo a ruina do Reyno com a infelice jornada de Africa: tomou o Setro elRey Dom Henrique, obrigava tudo ao grande eſpiritu de Frey Franciſco a entender ſó com Deos, e naõ cuidar em nada fóra dos Clauſtros: quando de novo ſe vio inquietado por differentes vias, e em fim tirado á força delles. Deraõlhe primeira guerra peſſoas de grande authoridade, quais eraõ os Procuradores, que elRey Dom Felippe Segundo de Caſtella, que deſpois foy Primeiro de Portugal, enviou a eſte Reyno, a requerer ſeu direito na ſucceſſaõ delle, diante do Cardeal Henrique, que reynava. Apertaraõ confiadamente com elle, como com natural, e nobre; pediraõlhe os ajudaſſe na pretençaõ, viſto o longo trato, e conhecimento, que da gente principal tinha, por todos os lugares grandes do Reyno: e bem ſe deixa entender, que naõ eſqueceriaõ promeſſas de honras, que nelle cabiaõ, e da parte do Rey era facil o cumprimento. Reſpondeo com ivençaõ, e liberdade a huma, e outra couſa, e com huma ſó reſpoſta:

poſta : que naõ era materia pera Frades , entender , nem fallar em ſucceſſaõ de Reyno , ſe naõ foſſe encommendandoa a Deos no canto da ſua cella , e no altar : que iſto fazia , e faria : outra couſa naõ quizeſſem delle. Mas foy mais peſado o ſegundo deſaſſoſego. Era entrado o anno de 580. partiaſe pera Roma , eleyto poucos mezes antes em Provincial , o Meſtre Frey Antonio de Souſa (que deſpois vimos Biſpo de Viſeu) pera hir aſſiſtir em Capitulo geral , convocado pera eleyçaõ do novo Geral , por ſer fallecido em Sevilha por Novembro de 1579. o Reverendiſſimo Frey Serafino Caballi. Conſiderou , que pera em tempos revoltos naõ podia deixar a Provincia melhor emparada , que entregandoa em mãos de Frey Franciſco : por outra parte tinha por certo , que por via de rogo naõ aceitaria o cargo : uzou de arteficio , pozſe a caminho , e nelle , antes de ſahir do Reyno , lhe deſpachou Patente de Vigairo Geral , com preceito , que aceitaſſe : e medio o tempo de maneira , que ſe quizeſſe replicar , o achaſſe já a replica fóra da Provincia. Entendeo Frey Franciſco o lanço : acceitou com humildade , e grande deſgoſto , vendoſe poſto em cerco com a obediencia , e auzencia juntamente de quem lha punha : e como dezejava , que todos os Frades foſſem de ſeu humor em ſe naõ embaraçarem nas materias do Reyno ; deſpachou hum preceito por toda a Provincia , tolhendo aos Religioſos todo genero de practica dellas : preceito ao parecer injuſto pera os que eraõ letrados , e intoleravel de guardar pera o povo dos Frades : que ſe todavia permanecera , eſcuſara a muitos de grandes trabalhos : mas ceſſou brevemente , porque os Governadores , que ficaraõ por morte d'elRey D. Henrique , mandaraõ ſignificar a Fr. Franciſco , que devia largar o cargo ; que naõ convinha quando havia Pretenſores eſtrangeiros á Coroa , preſidir quem o era em Provincia de tanta qualidade , como a de S. Domingos : ouvido o recado , paſſouſe logo a Evora , e naquelle Convento fez ſua renunciaçaõ.

1580.

Tornou Frey Franciſco neſte Convento a ſeu modo de viver antigo , quando entrou na cidade o fogo da peſte , que ardia em Lisboa , e por outras partes do Reyno : chamavaõlhe a ſegunda , a differença da grande , e primeira do anno de 1569. ſoltouſe com tanta furia , que em poucos dias naõ havia caza livre de mortes , e deſconſolaçaõ. Era Arcebiſpo Dom Theotonio de Bragança , e foy providencia Divina , que o foſſe por naõ ficar a terra aſſolada : acudio ás ovelhas , naõ ſó como pay , viſto como em tais occaſioens fogem os pays dos filhos : acudio como Sancto , e como Principe , com peſſoa , conſelho , fazenda , e magnificencia no eſpiritual , e temporal , de ſorte , que naõ faltando nada do que a terra podia dar , nem aos enfermos , nem aos ſãos , fazia mais toleravel o açoute do Ceo. Sobre iſto andava pollas ruas , e praças publicas , animando , e conſolando a todos com ſua preſença. Vendo o Meſtre por ſeus olhos , e notando tudo com admiraçaõ , conſiderava quanto dano faria naquelle povo a perda

1569.

da

da de tal Prelado, ſe aconteceſſe faltar em tal tempo, andando (como andava) taõ arriſcado. O primeiro emprego, que fez de ſua eloquencia, e do reſpeito que o meſmo Prelado lhe tinha, que era muito, foy, hirſe a ſua caſa, perſuadillo, e acabar com elle, que ſe ſahiſſe da cidade; e porque ſe viſſe a boa tençaõ, com que dava o conſelho, tomou pera ſy o contrario, recolhendoſe no Convento em que já era entrada a contagiaõ, e tantos Frades feridos, que ſó os mortos foraõ nove; aqui reſplandeceo ſeu esforço, e animo: era enfermaria dos apeſtados a caſa dos Noviços: andava entre elles ſem nenhum pavor, conſolava, e animava sãos, e enfermos: e como tinha grande entendimento, e authoridade, e juntamente grande charidade, com o ſaber dava ordens pera o neceſſario da cura, e preſervaçaõ do mal; e com as entranhas piadoſas aſſiſtia peſſoalmente aos mais trabalhados, miniſtrandolhes por ſuas mãos os Sacramentos, exhortandoos a bem morrer, e deſpois acompanhandoos á ſepultura.

Fez todavia grande impreſſaõ nos Religioſos sãos, e enfermos, hum taõ novo exemplo de piedade, e taõ reſoluto deſprezo da vida. Pareceo a todos, que eſtavaõ obrigados a conſervar tal eſpiritu, e procurar livrallo de perigos taõ manifeſtos. Fizeraõlhe inſtancia, que os deixaſſe, e poupaſſe huma vida digniſſima de longos annos, pera bem, e honra da Religiaõ: pois eſtava certo, que naõ poderia durar em huma caſa já meyo aſſolada. Foy a força verdadeira, entendeo elle o bom animo: dizem, que conſentio na hida; vieraõ cavalgaduras pera elle, e outro companheiro. Ao pôr o pé no eſtribo foy couſa de myſterio: moveuſe duvida com o Almocreve em materia de preço, e ponto taõ leve, que nem pera tempo de bonança, e muita ſaude era conſideravel. Deſcompozſe o homem, arrebatou as beſtas, e ſem haver couſa, que o quietaſſe, deſappareceo: tratouſe de buſcar outras: mas o Meſtre, ou arrependido de ter moſtrado fraqueza, ou por ventura julgando, que fora obra do Ceo o deſconcerto, e que o chamava em Evora o fim de ſeus trabalhos, naõ conſentio, que em ſua hida ſe fallaſſe mais: teveſe por clara miſericordia de Deos eſte ſucceſſo, entre os meſmos, que lhe perſuadiaõ, e negociavaõ a fugida, pollo muito que lhes valeo deſpois ſua prezença em outras mortes, e trabalhos, que logo ſobrevieraõ. Mas em fim a elle cuſtoulhe a vida: levando á cova hum Religioſo, tornou do acompanhamento com o mal do que acabava de enterrar. Como era velho, naõ ouve no ſogeito força pera reſiſtir: recebidos com devaçaõ todos os Sacramentos, acabou em paz. Muitos annos adiante veyo a ſer Prior deſte Convento o Padre Meſtre Frey Joaõ de Portugal, que deſpois foy Inquiſidor de Lisboa, e agora he meritiſſimo Biſpo de Viſeu: pera ſe naõ perder a memoria de tal Varaõ, e honrar a ſua, mandou gravar no marmore, que cobre ſua ſepultura, a letra ſeguinte. *Magiſter Fr. Franciſcus de Bouadilha hujus quondam Prouintiæ bis Prior Pro-*

Prouincialis, regulari obſeruantia, & in Deum pietate commemorandus H. S. E. querendo ſignificar: Aqui jas o Meſtre Frey Franciſco de Bovadilha, por obſervancia regular, e amor de Deos digno de eterna memoria. Mas naõ ſe contentava de lembrança taõ modeſta o grande Dom Theotonio de Bragança: como ſabia muito delle, todas as vezes, que entrava no Convento pollа Craſta, buſcava ſua ſepultura no Capitulo, pedia hyſope, rezavalhe ſeu reſponſo: e hum dia muito feſtejado na Caſa (era de S. Pedro Martyr) havendo nella grande concurſo de povo, quiz ouvir Miſſa no meſmo lugar do Capitulo: e achando nelle o ſeu ſitial cuberto de flores, colheo todas com ambas as mãos, e foyas lançar ſobre a ſepultura do Meſtre, dizendo, como fazia todas as vezes, que fallava com Frades noſſos: eſte foy verdadeiro filho de S. Domingos.

CAPITULO XV.

Dos Padres Meſtres Fr. Gaſpar Leytaõ, e Frey Manoel Coelho, e do Padre Fr. Sebaſtiaõ de Goes.

DE tres filhos deſte Convento nos reſta por dizer, que variamente, e cada hum por ſua via lhe grangearaõ honra, e credito. Foraõ todos tres contemporaneos: diremos delles conforme ao tempo em que cada hum desfez à companhia. Aſſi ſerá primeiro Frey Sebaſtiaõ de Goes, que a deixou primeiro, fallecendo no anno de 1597. Eſte Padre antes de vir ao habito foy fámoſo Cirurgiaõ: levado de eſperanças de honra, e fazenda, ſe offereceo a curar a cidade na primeira, mayor, e mais temeroſa peſte do anno de 1569. trabalhou muito, fez 1569. inſignes curas. Ao colher do fruito das merces prometidas, que largamente cumpriraõ por huma parte elRey, e por outra a cidade, a todos os mais Cirurgioens, Mediços, e Barbeiros, que tinhaõ curſado no meſmo perigo; tomou novo conſelho o noſſo Cirurgiaõ. Fora companheiro dos noſſos Frades Frey Iſidro Altamirano, e Frey Belchior de Monſancto, e dos mais, que no principio do mal tomaraõ a cargo acudir com viſita, e cura a algumas Freguezias, como ao diante ſe contará mais largamente. Notou nelles o muito que trabalhavaõ, como ſe arriſcavaõ com valor, e ſem medo, onde a morte andava taõ barata, e preſtes: e iſto ſó com os olhos em Deos. Conſiderou em ſy, que andava nos meſmos, e mayores riſcos: mas com a mira em premios humanos; enchiaſe de inveja delles, e de vergonha, e dó de ſy. Eſtes, dizia, arrebataõſe num momento á gloria eterna, pera que o homem foy criado, porque outro fim naõ tem no que trabalhaõ: e eu que ande no meſmo fogo, e em mayores perigos, por alcançar huma honra vam do mundo, ou mais quatro reis de renda, que acabaõ com a vida? Melhores contas convem fazer, a quem naõ tem inda o ſizo perdido. Guardouo Deos no meyo das mortes, e da tempeſtade; aſſi como lhe inſpirou o ſancto intento: paſſada ella, quando os outros andavaõ á preſſa, huns tirando portarias de tenças, e moyos de renda: outros enfei-

tandoſe com habitos de Chriſto, e Sanctiago, já em ſeda, e eſcarlata bordados, já em ouro eſmaltados: appareceo elle no Moſteiro de Bemfica, requerendo huma mortalha, que he o habito de S. Domingos; e logo envolto nella com grande alegria de ſua alma, e igual edificaçaõ do Rey, que lhe ſabia o nome, e da cidade, e povo, que o amava. Aqui viveo até o
1597. anno, que diſſemos, de 1597. e acabou ſua carreira no mez de Mayo com grande ſentimento, e ſaudade de todo eſte contorno, a quem acudia com charidade nos cazos de cirurgia, e medicina, e com tanta diligencia, como ſe de cada caſa eſtivera aſſalariado.

Succede o Padre Meſtre Frey Gaſpar Leytaõ, que falleceo treze annos deſpois por Agoſto de
1611. 611. merecedor deſta memoria por muitos titulos. Foy eminente letrado: leo quaſi vinte annos Theologia no Convento de Lisboa: foy Prior do meſmo Convento, e eſcolhido por el-Rey Dom Felipe Primeiro de Portugal, pera prégador de ſua Capella, e logo pera Provincial pollo Capitulo de eleyçaõ, que ſe juntou em Bemfica por Abril de 1591. pera ſe dar ſucceſſor ao Preſentado Frey Diogo Ramires, que tinha acabado ſeu tempo: e ſendo pollo meſmo Rey nomeado pera Biſpo de Sanctiago Ilha do Cabo Verde, e deſpois por duas diſtinctas vezes da famoſa cidade de Malaca, que de torraõ de Ouro teve o nome entre os Antigos, chamada delles Aurea Cherſoneſſus; animoſamente reſiſtio á tentaçaõ da honra, da renda, e da grandeza: e podemos dizer, que recuſou tres Mitras, inda que a memoria de ſua ſepultura naõ aponte mais, que duas. Fora diſcipulo neſta Caſa do grande Primás Dom Frey Bertholameu dos Martyres, como noutra parte eſcrevemos: tinhalhe aſſentado na alma aquella doutrina ſancta, e hum grande medo de perder a paz do eſpiritu, em que ſó ſe acha verdadeira alegria. Vio executada pollo Meſtre a fugida do mundo, e com eſpanto dos homens, deſprezada groſſa renda, ſenhorio de grande Cidade, e titulo Primacial de Eſpanha, temeo parecer indigno diſcipulo, ſe naõ foſſe verdadeiro imitador. A meſma eſcolla, e ás meſmas liçoens podemos attribuir hum raro cuidado, com que eſte Padre vivia de ſua conſciencia. Contaſe, que dez annos antes da morte, nenhuma noite ſe recolheo pera a cela ſem ſe purificar de novo com o banho ſancto do Sacramento da confiſſaõ; final do verdadeiro conhecimento de Deos, e verdadeiro temor ſeu, que he principio do ſoberano ſaber. De quem aſſi vivia, ſuperfluo fica tudo o que mais ſe póde dizer; mas naõ deixaremos em ſilencio, que deſpois que foy Provincial ſeus quatro annos, ſendo convidado, e inſtado por ſeus amigos, que tinha muitos, pera tornar á meſma Cadeira, chammente engeitou a honra, affirmando, que nem eſta, nem outra nenhuma aceitaria na Ordem, nem fóra della: falleceo em Lisboa, eſtá enterrado no Capitulo.

Na Vida de D. Frey Bertholameu dos Martyres. Arc. de Braga. l. 2. c.

Terceiro companheiro, e eſtimado filho deſte Convento, foy o Padre Meſtre Frey Manoel Coelho: deſpois de ler Theologia

gia longos annos no Convento da Batalha, vindo a Lisboa foy admittido pollo tribunal da Sancta Inquiſiçaõ a Conſultor delle, e Calificador dos livros; e paſſado pouco tempo nomeado por Prégador da Capella Real; e em hum, e outro lugar, deu muita ſatisfaçaõ de ſy: porque juntava com a liçaõ continua dos livros ſagrados bom entendimento, e graça natural. Por eſtas, e outras boas qualidades, que nelle concorriaõ, celebrandoſe Capitulo de eleyçaõ em Lisboa por Abril do anno de 1603. foy eſcolhido pera Provincial, e he de ſaber, que neſta eleyçaõ tinha já per ſy o muy religioſo, e pyo juizo d'elRey Dom Felippe Segundo de Portugal, que dezejando, como ſempre, a paz, e bom governo deſta Ordem, o tinha mandado propor aos Capitulares em companhia de outros dous bem dignos ſogeitos, que eraõ os Meſtres Frey Antonio Tarrique, e Frey Joaõ de Valadares. Vio eſte Padre nos ſeus quatro annos buſcados na Ordem, e tirados della com grande honra pera Biſpos, tres Religioſos. Foy o primeiro o Padre Frey Antonio de S. Eſtevaõ, que já era Prégador d'elRey, e de grande nome no Pulpito, ao qual ſe deu o Biſpado de Congo, e Angola na Ethiopia Occidental. O ſegundo Frey Joaõ da Piedade provido na Igreja da Cidade de Macáo na China, que no tempo que iſto eſcreviamos vivia em Lisboa, renunciada a dignidade deſpois de a ter ſervido alguns annos. Terceiro, Frey Antonio Valente, que animoſamente paſſou a Torrida Zona ſervir a Igreja de S. Thomé, em ſua Ilha. O primeiro, e terceiro, filhos do Convento de Lisboa, como em outra parte tocamos: o ſegundo de Azeitaõ: e ſe iſto foy gloria da Ordem, e do Prelado, naõ deixaremos em ſilencio, que vio tambem em ſeu tempo, e no ſeu Convento de Lisboa hum Arcebiſpo dos Conventos, e chriſtandade, que de antiquiſſimos tempos fundou a noſſa Ordem em Armenia: ſeu nome Frey Bautiſta Fridoni, a cauſa da vinda dar obediencia ao Romano Pontifice, que o honrou com ſagraçaõ, e pallio.

P. 1. l. 3. c. 36. deſta Chron.

Na entrada do anno de 1605. celebrou ſolemniſſimo Capitulo geral em Valhedolid em Caſtella o noſſo Reverendiſſimo Frey Jeronymo Xavier; aſſiſtindo elRey Dom Felippe Segundo nelle com toda ſua Corte, acudio de Portugal o noſſo Provincial, deixando por Vigairo da Provincia o Padre Frey Joaõ da Cruz, que era Prior de Lisboa, levou por companheiro ao Meſtre Frey Sebaſtiaõ da Aſcenſaõ, que deſpois foy Biſpo do Cabo Verde, e prégou em hum dos dias mais ſolemnes, ſendo ouvinte elRey, e tudo o que havia de bom, e grande na Corte. Tornando ao Reyno, e continuando com o cuidado no ſerviço do Sancto Officio, fez elRey Dom Felippe mercê á Ordem de hum lugar perpetuo nos Tribunais ſupremos delle nos Reynos de Eſpanha. Era iſto pollos annos de 1615. como o Padre Frey Manoel eſtava taõ benemerito do Tribunal, com muitos annos de ſerviço delle, e da Capella Real no miniſterio da prégaçaõ, foy nomeado pollo Inquiſidor Geral, a quem ſó toca a eſcolha dos ſogeitos: e ficou com titulo do

1615.

Conſelho de Sua Mageſtade, e do Geral, e Supremo da Santa Inquiſiçaõ: logo no anno de
1617. 617. paſſou a Evora com cargo de Viſitador do Tribunal do meſmo Officio Sancto, que aly aſſiſte, no qual ſe governou com muita inteireza, e prudencia. He o ſalario dos Inquiſidores quatro centos mil reis por anno: tinha o Padre Frey Manoel mais ſincoenta de Prégador d'el-Rey: punha elle tudo, como verdadeiro pobre, nas mãos de ſeus Prelados, e elles reſpeitando ao ſuor de quem o ganhava, deixavaõlhe por cortezia grande parte pera deſpender a ſeu arbitrio. Deſta ſabemos, que fazia muitas eſmollas, guardando ſempre na ſua cella, e gaſto de ſua peſſoa religioſa moderaçaõ. Falleceo por fim do anno de 1620. recebidos todos os Sacramentos.

CAPITULO XVI.

Do Padre Meſtre Frey Joaõ de Valadares, fallecido neſte Convento, e do Padre Frey Fernando da Cruz.

SIntome obrigado a contar entre os filhos de Bemfica, o Padre Meſtre Frey Joaõ de Valadares, porque nos mereceo por direito da ſepultura, que he filiaçaõ, e aſſinaçaõ do Ceo, o que lhe faltou pollas leys da terra, e da Provincia. Obra foy do Senhor de tudo, pera que naõ ficaſſe fóra deſtas memorias. Em breve eſcritura apertaremos huma longa vida; porque ſe naõ queixem os filhos de fazermos mais honra aos perfilhados. Naſceo eſte Padre em Guimaraens; foraõ ſeus pays Joaõ de Valadares letrado juriſta, e Brittes Lopes de Carvalho, ambos nobres: criouſe, e eſtudou Gramatica em Lisboa; porque o pay ſervia a elRey de Juiz da fazenda, cargo de honra, e confiança. Affeiçoouſe á Ordem deſde minino, fizeraõlhe caminho pera ſer recebido nella, a inclinaçaõ, o ſangue, a viveza de engenho, que já moſtrava: profeſſou cumpridos 16. annos em 17. de Outubro de 1563. eſtudou Artes no Convento de Lisboa, na Religiaõ, e Noviciado teve por Meſtre o Padre Frey Fernando de Tavora, que deſpois foy Biſpo do Funchal. Deſcubrio habilidade com o exercicio de ſorte, que vindo a eſte Reyno o noſſo Geral Juſtiniano ſabio avaliador de tudo, julgou ouvindoo, que daria homem inſigne ſe foſſe experimentar o mal, e o bem, por terras alheyas, como diz o Sabio, afaſtado dos mimos da propria: e deixoulhe licença pera ſe hir a Lovayna, ou Paris. Eſtavaõ começadas a corromper da heregia as terras de França, e Frandes, e trocaraõlhe os Padres da Provincia eſte favor em outro mayor, que foy mandaremno ao Collegio de Coimbra antes de ter Ordens: onde entrou em 5. de Outubro de 1567. e foraõ companheiros Frey Bernardino, e Frey Lopo, ambos de Carnide, Frey Paulo Foreiro, e Frey Eſtevaõ Caveira em tempo, que ſe naõ dava ſe naõ a homens feitos, e com eſtudos acabados, porque ſuccedera eſtar cerrado alguns annos reſpeito das obras, que ſe faziaõ. De Coimbra foy mandado por Leytor de Caſos a Elvas; de Elvas por Lente de Artes á Batalha, e deſpois de Theologia. Era amigo

go dos livros, tanto como habil, fezſe eſtimar pollo melhor engenho da Provincia, e por tal chamado a Lisboa: leo com tanto nome, que o mandaraõ os Padres da Provincia de novo a Coimbra pera ſe formar polla Univerſidade, e declaradamente pera ſubſtituir na Cadeira de Prima ao Padre Frey Antonio de S. Domingos, que a lia: foraõ os Autos de fama, o gráo ſó de Bacharel. Teſtemunhava naõ ha muitos annos de huma couſa, e outra, o Doutor Gabriel da Coſta inſigne Catredatico.

Paſſado algum tempo caminhou pera Roma ao Capitulo de eleyçaõ do Geral, que inſtava, nomeado por Eleytor em companhia do Meſtre Frey Gonçalo da Sylva Diffinidor. O lugar alto fez luzir a tocha, o concurſo avivou o engenho, creſceo em reputaçaõ, argumentando, e defendendo Concluſoens; a uzo de Coimbra, de poucas regras; mas muitas queſtoens: em que teve por ouvintes, naõ ſó letrados religioſos, e ſeculares, mas tambem Cardeais dos ſinalados em letras. Aqui lhe aconteceo hum caſo digno de grande louvor: ſendo eleyto em Geral o Meſtre Xiſto Fabri, mandoulhe o Cardeal Protector certo Decreto do Pontifice, tocante aos Moſteiros das Freiras: tal opiniaõ tinha com elle o Padre Valadares, que foy o primeiro com quem o conſultou, e ſendo de parecer, que ſe o Papa naõ revogaſſe o Decreto, largaſſe a Ordem os Moſteiros, mandoulhe que foſſe diſputar a materia diante do Protector. Tais foraõ ſuas razoens; taõ doutas, taõ avizadas, e efficazes, que o Decreto ſe revogou com gloria ſua, e grande goſto do Geral, que logo o fez Meſtre, naõ tendo quarenta annos de idade.

Tornando a Portugal foy feito Prior de Bemfica: era conjunçaõ que abalava o mundo a fingida ſanctidade de Sor Maria da Comceiçaõ da Anunciada, e como ſe fora couſa fatal, levava tudo traz ſy. Quizſe valer delle contra algumas queixas, que ſe começavaõ a levantar contra as ſuas chagas entre as Freiras: diſſelhe o Meſtre com liberdade, e charidade Apoſtolica, que ſendo aſſi, que ſegundo S. Thomas, havia dous generos de eſcandalo, hum phariſaico, e ſoberbo, outro fraco, e humilde; que eſte humilde, que era o das Freiras, eſtava obrigada a atalhar; ſogeitandoſe ás mais eſcrupulofas diligencias, que com ella quizeſſem fazer: e ſe lhe cuſtaſſe dor, e martyrio, como temia, tudo importava menos, que o bem das almas. O meſmo diſſe ao Geral Xiſto Fabri, que por eſte tempo veyo a Portugal: e foy o meſmo, que apontarlhe com o dedo a falſidade, que deſpois appareceo.

Foy deſpois Prior da Batalha, e antes de acabar foy chamado, e eleyto de Lisboa. A eſta eleyçaõ reſiſtio com força: mas ouve de obedecer a outra força mayor da obediencia, acompanhada de carta, e rogos do grande Arcebiſpo Dom Miguel de Caſtro. Corria o letigio das precedencias com S. Agoſtinho, Carmo, e Trindade, como adiante ſe fará larga mençaõ. Pareceo na Provincia, que convinha hir huma peſſoa de muita conta a elRey, e que naõ havia nenhuma mais a propoſito, que o

Prior.

Prior. Pozſe a caminho, e foy de muito effeito a jornada: porque ſe juntou com ſuas letras, e induſtria o muito conhecimento, que elRey tinha delle, deſdo tempo, que tornando de Roma eſtivera em Madrid.

Tornando a Lisboa, eſpantava o goſto com que todos os Conventos o queriaõ por Prelado: foyo de Sanctarem, e duas vezes do Collegio de Coimbra, e ultimamente chamado, e eleyto de novo pollos Padres de Bemfica, e deſpois pollos de Almada. Já ſe naõ pode acabar com elle, que aceitaſſe o cargo; mas agora ſerá bem, que ſaibamos, que havia neſte Padre pera ſer taõ buſcado: porque como por toda parte ſe achaõ condiçoens de vulgo, que ſegue mais opiniaõ, que juizo: mais parcialidade, e companhia, que boa razaõ: acontece muitas vezes abraçarſe o Peyor, darſe de maõ ao que mais merece, como lemos dos Oſtraciſmos de Athenas, donde ſe deſterrava hum Ariſtides juſto, e ficava hum Alcibiades diſſoluto. Teve Frey Joaõ partes taõ raras, e taõ fóra do commum do mundo, e deſta idade, que, ſe naſcera em Republica de Barbaros, fora muito eſtimado, quanto mais vivendo entre gente de bons entendimentos. Se o quizermos diffinir em poucas palavras, ponhamos diante hum Cataõ: taõ amigo era do rigor antigo, da moderaçaõ, da pobreza, das boas leys; taõ livre em ſeus pareceres, taõ independente de opiniaõ, taõ izento de ambiçaõ, e condiçaõ. Nunca por ſeu intereſſe ſeguio partido, ou acoſtou a mayor poder: nem ainda quiz ſer ſeguido: com o primeiro deſagradava, e confundia os poderoſos: com o ſegundo eſpantava a todos. Tanto que ſe offereciaõ eleyçoens, e via, como ſempre, inclinaçaõ a ſua parte; a primeira voz que ſe lhe ouvia era, que ſe trataſſe do mais digno; e delle ſe fizeſſe conta, como de homem morto, e pera ſer havido por tal pera todo cargo, pedio, e alcançou licença do Geral, que ninguem o pudeſſe obrigar. Ordinario he agradar o brio, e valor alheyo até aos meſmos, que por cativos, e baixos de animo, naõ tem nada (tal he o poder da virtude) aſſi era Frey Joaõ havido por modello de hum verdadeiro Religioſo: louvado de todos, imitado de poucos, e de alguus deſamado: porque era taõ conſtante no que huma vez determinava, que ſe fazia julgar por teimoſo, e ao modo do meſmo Cataõ, a toda a hora tinha a lingoa prompta pera reprehender, em preſentes, e paſſados, o que ſeu zelo lhe dictava, com tanta energia, que ás vezes parecia mais goſto, e ſoltura de dizer, que liberdade religioſa; mais mormuraçaõ, que reprehençaõ: o que naõ he poſſivel crerſe de homem, que trazia como elle, regiſtada a vida com todas as regras de virtude, honeſtidade, recolhimento, eſtudo: acudir com cuidado ao choro, e a horas da meya noite, ainda deſpois de diſpenſado: naõ querer mais paſto, que o do refeitorio: em depoſito commum nem real, nem nome ſeu: Miſſa cada dia com tal continuaçaõ, e goſto, que a diſſe até no dia em que morreo: com tal eſpiritu, e devaçaõ, que a muitas peſſoas de conta ouvimos dizer, que

qua-

quaſi ſempre era com lagrimas.

Eſtas partes, que por raras tresbordavaõ por fóra dos Clauſtros, e eraõ ſabidas de muitos, lhe grangearaõ ſer eleyto pera couſas grandes no peito dos Reys, e miniſtros mayores. Frey Diogo de Chaves Confeſſor d' elRey Dom Felippe Primeiro de Portugal lhe offereceo o cargo de Inquiſidor da India, e dizia delle, que naõ vira homem mais idoneo pera confeſſor de hum grande Monarcha. O Biſpo Capellaõ mór Dom Jorge de Attaide tratou com elle fazello Prior mór de Palmella. O Biſpo de Coimbra Dom Affonſo de Caſtello-Branco, ſendo Viſo-Rey deſte Reyno, o chamou da parte d'elRey Dom Felippe Segundo pera Biſpo de Malaca no Oriente: de todos ſe eſcuzou com razoens humildes. Dignas ſaõ de memoria, pera enſino, e caſtigo de huns indignos, e atrevidos, que com afouteza ſe abalançaõ a pedir, e aceitar cargos, que naõ entendem, nem merecem. Ao Confeſſor diſſe, que pera julgar vidas, honras, e fazendas, como ſe fazia na Inquiſiçaõ, convinhaõ tanto, como as letras, annos de experiencia daquelle Tribunal, que elle naõ tinha: ao Biſpo Viſo-Rey, reſpondeo com S. Thomás, que o miniſterio Epiſcopal era hum Meſtrado de perfeiçaõ: o ſer Frade era ſer diſcipulo della; que ſe elle em ſua conſciencia ſe naõ achava inda bom diſcipulo, como ſe atreveria a aceitar ſer Meſtre?

De huma ſó couſa podemos culpar eſte Padre, que ſendo ſuas letras, quais ſabemos, a ſua vida bem compleſſionada, tanto, como larga, nenhum fruito nos deixou dellas: e ſabia bem, que ſó com naõ deixar paſſar a vida em ſilencio, nos differenſamos os homens dos animais brutos. Mas ſe naõ eſcreveo, naõ vivia de todo ocioſo; porque os Reys, em quanto teve forças, o tiveraõ ſempre occupado em juntas, e negocios do Reyno, importantes; e de todos os ſenhores Grandes, e nobres da terra, era buſcado pera conſelho, podemos dizer, como hum oraculo: porque juntava com a ſua Theologia conhecimento mais que meaõ de outras muitas ſciencias, e huma tenaciſſima memoria, que nunca perdeo; partes que o faziaõ outro Neſtor em fallar bem, e referir ſucceſſos antigos.

Viveo tambem como Neſtor longos annos, pagandolhe Deos com muitos, e robuſtos no mundo, a conſtancia com que delle naõ quiz nunca nada. Polla conta, que nos dava no mez de Outubro, em que falleceo, era entrado em oitenta annos; e he de notar, que naſceo em Outubro, em Outubro tomou o ſancto habito, e fez profiſſaõ, e em Outubro veyo a acabar. E ſe he dita pera quem morre huma doença breve, livre de accidentes, de dores, e de trabalhos; parece, que lha deu Deos tal em paga de virtudes; porque em 30. de Outubro de 626., havendo ſinco mezes, que reſidia em Bemfica por goſto da Caſa, e amor que lhe tinha o Prelado, e tendonos dito, que nelle tinha entrado em oitenta annos: foy Deos ſervido levallo pera ſy com huma morte muito pera dezejar, e envejar de quieta, e bem aſſombrada. Tinha dito Miſſa polla menham, jantado com boa

boa graça, mas temperadamente, como ſempre, repouſado deſpois hum pouco; quando foy ás tres horas, eſtando em converſaçaõ ſentio revolverſelhe o eſtamago; ſobreveyolhe hum vomito, com que ficou muito abalado. Como andava taõ ſobre aviſo, que cada hora eſperava lhe bateſſe o Senhor á porta, recolheuſe, e deitouſe. Chegou o Prior, diſſelhe o que convinha Padre Prior, reſpondeo, muito tempo ha me aparelho pera eſte chamamento, que me parece he chegado: mas porque a velhice extrema, e meu deſcuido, me tem tirado fazer penitencia, peço a V. R. me dê algum merecimento, reprendendome, como meu Prelado: Miſſa diſſe polla menham com penſamentos, como me acontece ha muitos dias, que podia ſer a ultima: agora eſtou prompto pera o mais, que V. R. ordenar. Tratouſe dos Sacramentos, e confeſſouſe; e diſſe o confeſſor, que fora geralmente. Confiſſaõ bendita, que ſendo de 80. annos de vida, naõ paſſou de meya hora: entraraõ dores com vehemencia, que lhe fizeraõ crer eraõ de morte, recebeas com impeto de lagrimas, e com as devotas palavras de Agoſtinho. *Hic vre, hic ſeca, hic non parcas, vt in æternum parcas.* Pedio juntamente, que lhe leſſem hum paſſo do Concilio Tridentino, apontou a ſeſſaõ, e o Capitulo onde ſe diz, que temos taõ bom Deos, que naõ ſó recebe em ſatisfaçaõ de culpas a penitencia, que cada hum faz, ou por vontade, ou por mandado do Confeſſor: mas tambem os caſtigos temporais, que Deos nos dá, ſe os levamos com paciencia. Ouvioas, e referioas com devaçaõ, e virouſe ſobre o lado eſquerdo; pareceo, que quietava: tratandoſe do ultimo ſoccorro da ſancta Unçaõ, porque o receyo do vomito obrigou a naõ fallar noutra couſa: pareceo a quietaçaõ demaſiada, chamaraõ por elle, achouſe, que era paſſado; que de taõ fracos vinculos pende a vida humana: todavia eſpantou a preſſa, porque gozava de huma diſpoſiçaõ pera invejar, ainda em menos annos. Naõ uzava bordaõ, nem ocolos pera lêr, ſerviaõlhe pera olhar ao longe; todos os mais ſentidos promptos, e preſtes. A naõ lhe faltarem dentes, que de todo o tinhaõ deſemparado, era fermoſa velhice; poucos mezes antes de fallecer o vimos huma manham paſſear deſcalço ſobre o ladrilho, couſa que em hum moço parecera temeridade. Foy enterrado no antechoro, aó longo da cazinha, que ſerve de deſpejos da ſacriſtia: o Padre Preſentado Frey Joaõ de Vaſconcellos Prior lhe mandou pôr na cabeceira huma pequena pedra, conformandoſe com o eſpiritu do defuncto, mais que com ſeu merecimento, que declara o nome, com mez, e anno do tranſito. Eſte breve tratado ſuprirá por mayor marmore.

Tambem naõ he rezaõ deixarmos em ſilencio a vida do Padre Frey Fernando da Cruz filho deſte Convento; porque ſe nos tempos antigos ouve nelle baroens taõ aſſinalados na virtude, tambem nos tempos modernos naõ faltaraõ. Hum deſtes foy o Padre Frey Fernando da Cruz, que em ſecular ſe chamava D. Fernandalvares de Caſtro, Baraõ muy eſtimado, e reſpeitado de todo o eſtado de

gen-

gente, por ſua grande virtude, nobreza, e prudencia, regeitando muitas vezes cargos honroſos em que os Reys o occupavaõ, contentandoſe ſomentes com ſervir a Deos; porque por eſpaço de mais de vinte annos guardava a regra de S. Domingos com a mayor perfeiçaõ, que hum ſecular póde guardar, comendo ſempre peixe, jejuando ſete mezes deſde dia de Sancta Cruz, que he a 14. de Setembro, té dia de Paſchoa de flores: as ſextas feiras de todo o anno, veſtindo lam ſobre a carne, rezando o officio Divino, e outras abſtinencias, e auſteridades, que fazia: e quem deſta maneira procedia em ſecular, com mais perfeiçaõ obraria ſendo Religioſo, donde o caminho he mais acommodado pera ſalvarſe. Entrado na Religiaõ, os annos, que viveo nella, foy com notavel exemplo; porque ſendo já de muita idade, naõ faltava em o Choro, aſſi de noite, como de dia, nem nas mais communidades: era grande o amor, e charidade, que tinha a todos, principalmente aos enfermos. Com os pobres uzava de grande piedade, e miſericordia, dandolhes muitas eſmolas, e buſcandoas ſempre pera ter que dar, de maneira, que nenhum chegava a elle, que ſe foſſe deſemparado do remedio.

CAPITULO XVII.

Em que ſe dá razaõ de algumas antiguidades, que ha no Convento.

EM caſa moderna, como eſta he, que paſſa pouco de quzentos annos, naõ póde haver grandes antigualhas: todavia as que forem de tanta idade, como ella, já merecem memoria, e honra, por lhe cahirem em proporçaõ. Diremos algumas das mais notaveis: ſeja a primeira a veneravel figura do noſſo Padre S. Domingos, veneravel, naõ por riqueza de materia, nem primores da eſcultura, mas por devaçaõ de todo o grande povo de Lisboa, que pollo mez de Mayo deſpeja a cidade pollo vir buſcar, e offerecerlhe ſuas oraçoens: e ainda que em materia de romarias tem muito poder o coſtume, ou a companhia, ou a imitaçaõ, naõ póde ſer tanta a conſtancia em aturar eſta, ſem haver cauſa, que a ſuſtente: quero dizer ſem os que a continuaõ ſentirem algum beneficio no que pretendem com ella. He eſte Sancto hum dos 17. que chamamos auxiliadores, e pera todas as neceſſidades da vida grande valedor diante de Deos. Mas aqui particularmente he buſcado dos que eſperaõ por parentes, ou amigos abzentes, e que andaõ ſobre as agoas do mar: e dizem, que começou a devaçaõ no meſmo tempo, que a Imagem entrou no Convento, referindoa ao ſucceſſo, que diremos. Partia pera Alemanha certo mercador, quando os Frades começavaõ a povoar a caſa. Aſſentou elRey D. Joaõ com elle, que lhe fizeſſe lavrar naquellas partes em fino Alabaſtro huma imagem do Sancto pera a dar aos Frades. Naõ foy deſcuidado o mercador: fez a imagem, e embarcouſe com ella. Na viagem levantouſe tormenta, e foy o perigo tal, que os que mandavaõ a via ſe deraõ por perdidos,

tratando cada hum dos remedios da alma, mais que do governo da embarcaçaõ. Neſte eſtado foy inſtincto do Ceo, lembrarſe o mercador da peça, que trazia. Cheyo de animo, e confiança, deu viſta della aos companheiros; exhortouos a ſe encomendarem ao Sancto: esforçouſe a devaçaõ com a neceſſidade: moſtrou o Senhor, que a interceſſaõ de ſeu ſervo dava vida, e ſalvaçaõ aos affligidos; porque num momento ceſſou a furia dos ventos, abrandou o mar, e correraõ com bonança até tomarem a barra de Lisboa, e entrarem no Rio. Celebrouſe o ſucceſſo como verdadeiro milagre; e tanto, que ſoou na cidade, como ſua vida, e ſubſtancia pende de navegaçoens, obrigou o povo a eſtimar, e buſcar a Imagem; e porque conſtou, que valera aos navegantes, que a traziaõ em hum Domingo de Mayo, dura a romagem em tais dias. A figura he pequena, o ſitio pouco atilado: e pera menos policia de barba, e circilho dourado, pollo qual he conhecida, e nomeada no vulgo: tem ſeu aſſento no altar do Roſario em hum nicho dourado, que fica aos pés da Senhora. He ponto de conſiderar, e digno de ficar em lembrança, que dando de ordinario ſemelhantes concurſos occaſiaõ a brigas, e deſcompoſturas, naõ ha quem ſe lembre ver nunca neſte nenhuma.

Outra Imagem ſe vê ſobre o arco da abobeda da Portaria, a que dá fama huma tradiçaõ (certeza naõ ha) que a inviou pera eſta caſa o noſſo grande ſancto Arcebiſpo de Florença Sancto Antonino, repreſenta hum Frade, que no geito, crime, e efficaz de olhos, e roſto, e maõ levantada eſtá prégando. A materia parece eſpecie de perſolana, e daquella maſſa de que em Veneza ſe faz a louça vidrada fina: porque o roſto he todo vidrado, e muito alvo; e ſó o campo, em que eſtá relevado, tira a azul, e fica nelle a modo de hum Camafeo: mas de taõ perfeito lavor, no que toca a vazaõ da eſcultura, que iſſo nos obrigou a fazer mençaõ della. Tambem he de louvar a compoſiçaõ do vidro, e barro: porque eſtando muitos annos há neſte lugar expoſta a todas as injurias dos tempos, e contra o vento ſueſte, donde mais força de agoas lança o inverno: naõ apparece nella final de damno. Fazendo juizo de que Sancto da Ordem poſſa repreſentar, parece que nenhum outro, ſe naõ S. Vicente Ferrer, noſſo Frade Valenciano, que no tempo, que eſta Caſa começou, eſclarecia com maravilhas de prégaçaõ, e milagres: e com eſta tradiçaõ concerta outra, que anda na Provincia, que o meſmo Sancto Arcebiſpo nos mandou de Italia a fermoſa reliquia, que aqui poſſuhimos de hum dedo do Angelico Doutor Sancto Thomás. Eſtá metido em hum viril de criſtal laurado a modo de pyramide com ſeus engaſtes, pedeſtal, e remates de prata dourada: a groſſura do oſſo, e comprimento moſtraõ ſer polegar da maõ.

Por Varaõ inſigne, grande bemfeitor, e devoto da Religiaõ de S. Domingos, nos merece memoria, e agradecimento neſtes eſcritos o Doutor Joaõ de Aregas (e naõ das Regras, como erradamente lhe chamaõ al-

alguns) devemoslhe, alem dos beneficios, que por ſua via recebemos, de duas caſas, que elRey Dom Joaõ Primeiro, a quem ſervio, e de quem foy eſtimado, e amado, deu à Ordem, querer ficar entre nós, por morte, podendo ter lugar primeiro, e principal entre ſeus illuſtres deſcendentes, cuja caſa grandemente acreſcentou: porque elRey Dom Joaõ tanto que começou a ter quietaçaõ no Reyno, como os grandes merecimentos de Joaõ de Aregas o obrigavaõ a dezejar fazerlhe merce, e honra, a que primeiro lhe fez, foy cazallo em Coimbra com Dona Leanor da Cunha, filha herdeira de Martim Vazques da Cunha; que nas alteraçoens do Reyno, e guerras daquelle tempo, ſeguira as partes de Caſtella, e paſſandoſe a ella, foy lá Conde de Valença de Campos: e por eſte caſamento deu elRey a Dona Leanor as terras, e fazenda, que o pay por tal auzencia tinha perdido; que eraõ as Villas de Lourinham, e Caſcaes, e o morgado de S. Mattheus em Lisboa, com outros muitos bens, e rendas: e de tudo foy herderra Dona Branca da Cunha filha unica, que d'entre ambos naſceo: a qual cazando com Dom Affonſo, que chamaraõ de Caſcaes, baſtardo do Infante Dom Joaõ, que foy filho d'elRey D. Pedro de Portugal, e de Dona Ines de Caſtro, ouve delle huma ſó filha por nome Dona Iſabel, que caſou com Dom Alvaro de Caſtro, primeiro Conde de Monſanto: e por eſte modo veyo a lograr a caſa de Monſanto a fazenda, e trabalhos do inſigne Baraõ Joaõ de Aregas, que vindo a fallecer no anno de 1404. 1404.

ſe mandou ſepultar neſte Convento. He a ſepultura huma grande caixa de marmore, aſſentada ſobre quatro leoens, lavrada em torno de eſcudos de armas, quarteados em aſpa, e nos campos alto, e baixo, em cada hum ſua Cruz floreada da feiçaõ das da Ordem de Avis: e nos campos de cada lado huma ſerpe com azas ameaçando pera fóra: na lagea, que a cobre, eſtá o defuncto entalhado de relevo, veſtido em roupas largas, e barrete poſto, inſignias de letrado: mas acompanhado tambem das de cavaleiro, que ſaõ ſeu eſtoque á ilharga: as mãos juntas ſobre o peito, como quem faz oraçaõ: aos pés hum grande libreo com ſua coleira de tachoens, e lavores arremedados, aſſentado ſobre pés, e mãos em acto de vegia. Faz orla ao tampaõ huma letra, que contém o ſeguinte. *Aqui jaz Joaõ da Regas Cavaleiro Doutor em Leys, privado d'elRey Dom Joaõ fundador deſte Moſteiro, finou tres dias do mez de Mayo era de* 1442. (*reſponde ao anno do Senhor* 1404.) o ſitio deſta caixa foy ſempre no corpo da Igreja, e no meyo della: porque ſe compadecia com o lugar, que entaõ tinha a porta principal, que era a hum lado, e naõ defronte do Altar mór, como agora eſtá. Ao trocar da porta, pareceo, que impedia a entrada, e ſahida do povo: e que ſe naõ perdia nada do reſpeito devido a tal peſſoa, ſe ficaſſe deſviada hum pouco ſobre a maõ eſquerda. Fezſe a ſaber a quem tocava: naõ ouve duvida: afaſtouſe, e aſſi ficou. Mas naõ faltaõ hoje juizos ambicioſos, que medindo os eſpiritus grandes antigos pollos miudos, e intereſ- 1442. 1404.

ſeiros d'agora, fazem eſpanto de Joaõ da Regas naõ occupar com ſua ſepultura o melhor da Igreja, que era a Capella mór; ao que ſe reſponde com duas razoens, fundadas ambas em hum animo grandioſo, qual era o ſeu. Primeira, que foy coſtume dos Varoens famoſos da mais alta antiguidade, mandarem aſſentar ſeus moymentos fóra das Igrejas nos porticos dellas. O que começando em reſpeito de humildade chriſtam, veyo a ficar em uzo de grandeza, como bem ſe collige do teſtamento de Dom Affonſo Sanches ſenhor de Albuquerque, Medilhim, filho d' elRey Dom Dinis, que mandandoſe ſepultar no ſeu Convento de Sancta Clara de Villa do Conde, por elle fundado, e dotado; declara, que ſeja fóra da Igreja; e dá por razaõ naõ ſer conveniente eſtar o ſervo taõ honrado, como ſeu Senhor. E naõ falta quem affirme, que as ſepulturas dos Reys Dom Affonſo Henriques, e Dom Sancho ſeu filho eſtiveraõ muitos annos fóra da porta de ſua Igreja de Sancta Cruz de Coimbra: e o meſmo acho, que aconteceo algum tempo a eſta de Joaõ de Aregas, por relaçaõ de hum Religioſo muito velho, e bem viſto nas antiguidades de noſſos Conventos; o que tambem ſe deixa entender da eſtreiteza, que a Igreja tinha, quando elle falleceo, que nem entaõ, nem muitos annos deſpois, era mais, que hum pequeno Oratorio. A ſegunda rezaõ he de crer, que foy, porque como por ſeu meyo alcançamos d'elRey a Caſa, recearia, que cuidaſſe o mundo, ſe pagava na dadiva alheya, do emprego de ſua valia. Aſſi, nem quiz lugar, com que deſſe pejo á Caſa, nem nos obrigou com nenhum ſuffragio, contentandoſe ſó de moſtrar o amor, que tinha á Ordem, e a confiança, que fazia dos animos honrados, e agradecidos della.

Deſta affeiçaõ foraõ imitadores, correndo os annos, muitos de ſeus deſcendentes, dos quais, alem de tres diſtinctas ſepulturas, que achamos na Igreja velha arrimadas ás grades do Choro, com nomes, e armas deſtes fidalgos, Dom Alvaro de Caſtro, filho de Dom Fernando de Caſtro, que foy Governador da caſa do Civel, embarcandoſe com elRey Dom Sebaſtiaõ na infelice jornada de Africa, onde com elle acabou, naõ ſe contentou com menos, que obrigar a eſte Convento em huma boa porçaõ o melhor de ſua fazenda, que foy o grande aſſento de caſas, e jardins, que poſſuhia em Lisboa junto a Sancta Martha, acreſcentando obrigaçaõ, e goſto, que em falta de legitimos, e direitos ſucceſſores de ſua linha, fique ao Convento ſem paſſar a tranſverſais: e juntamente edificou logo, e ornou pera jazigo ſeu, e delles a Capella do Capitulo novo, vezinho ao antechoro.

A meſma tençaõ teve outro Dom Alvaro de Caſtro do meſmo ſangue, e deſcendencia, e filho do famoſo Governador da India Dom Joaõ de Caſtro, que na Igreja, que ſe derrubou, tinha lavrado huma boa Capella, com tençaõ de paſſar a ella os oſſos de ſeu Pay, que ſaõ os que hoje vemos na do parente em hum tumulo cuberto de ve-

ludo

ludo negro ſobre eſtrado da meſma guarniçaõ.

Naõ he poſſivel ſeguirmos todas as memorias, que ha de Capellas, e enterros nobres, porque ſeria eſtender demaziado eſta eſcritura, que he feita a outro fim. Mas naõ ſerá rezaõ ficar em ſilencio Gil Vazques de Altero por ſobrinho do grande Condeſtable Dom Nuno Alvares Pereira filho de ſua irmã Ines Alvares Pereira, que eſcolhendo ſepultura neſta Caſa, deixou pera ſuſtentaçaõ dos Religioſos huma boa fazenda de vinhas, que ſaõ as que cercaõ a quintinha de recreaçaõ, que temos ſobre o vale de Noſſa Senhora da Luz. Por bemfeitor aſſentou o Convento lavrarlhe Capella na Igreja velha com Miſſa quotidiana, e altar priveligiado, e ſua campa no meyo.

CAPITULO XVIII.

Das memorias, que neſte Convento permanecem dos Reys, e de como lhe foy doada a Ermida de Noſſa Senhora do Cabo de Eſpichel.

BEm ſerá, que cerremos o que ha que dizer deſte Convento com as memorias, que os Reys foraõ nelle deixando ſucceſſivamente. Aſſi como elRey Dom Joaõ Primeiro deu o caſco da caſa aos Frades, no eſtado em que a Coroa o poſſuhia: vindo a reynar outro Dom Joaõ, que foy ſegundo do nome, e biſneto do Primeiro, acudio á ſuſtentaçaõ delle com huma boa fazenda, que chamaõ a quinta de Ilhas, junto á villa da Eiriceira. Fora eſta quinta do Conde de Penamacor, Dom Lopo de Albuquerque, e de ſua mulher Dona Leonor de Noronha. Vendeoſe em Almoeda á inſtancia de hum Affonſo Gonçalves d' Alcanhaens, por dividas, que o Conde lhe devia; e mandou elRey tomala no meſmo preço, em que foy arrematada, pera fazer mercê della aos Frades; e na Carta, que lhes mandou paſſar, diz que a dá por ſua devaçaõ, e deſcargos: mas com tanta liberalidade, que valendo perto de vinte moyos de renda, declara, que ſeja pera veſtiaria, e ſuſtentaçaõ de quatro Frades, ſem lhes pôr obrigaçaõ nenhuma. Foy feita a merce em Março de 1487. e como quem naõ ignorava os deſemparos das Communidades, logo no anno ſeguinte a mandou atombar juridicamente: e aſſi nos deu junto fazenda, e tombo: e fica ſendo a parte mais ſubſtancial do que a Caſa poſſue, e com que alimenta de ordinario trinta, e ſinco Religioſos, e ás vezes mais. 1487.

Naõ paſſaraõ muitos annos, que ajuntou elRey Dom Manoel outra memoria digna de ſua grande piedade. Foraõ duas Miſſas cantadas aos Anjos cada ſemana, e a tençaõ declaradamente em favor dos navegantes, como proſeguia os deſcobrimentos da India; outras tantas mandou juntamente cantar em outros dous Moſteiros noſſos, Azeitaõ, e Almeirim, conſignada a eſmola de todas na eſmollaria Real: e como a tençaõ ſancta era, alem do ſuffragio, ajudar a viver os Religioſos, vindo elRey Dom Felippe o Primeiro a eſte Reyno, e ſendo advertido, que a eſmolla, como muito antiga, era igualmente curta, e tenue pera o tem-

o tempo preſente , mandou aſubir a quantia , que hoje ſe dá , que he de vinte mil , e oito centos reis a cada Moſteiro.

Tambem a Raynha Dona Catherina quiz que ficaſſe ſeu nome neſta Caſa por hum modo muito ſancto. Tinha huma fermoſa Cruz de prata , que incluhia em ſy outra do ſancto Lenho da Vera Cruz , pedaço muito conſideravel : tinha tambem huma cabeça de Sancta Cecilia , huma das onze mil Virgens , que juntas em hum dia , deraõ o ſangue pollo Eſpoſo Sagrado. Deunos huma couſa , e outra , foy o meyo o Padre Frey Franciſco de Bovadilha. O nome de Cecilia me faz duvida , mas eſtá eſcrito no meſmo caſco da ſancta cáveira : e devemos fé a quem aſſi a deu : ao redor faz o engaſte tres nichos em que eſtaõ oſſos de Sancta Anna , e dos Martyres S. Coſmo , e S. Severo , com ſeus rotulos em cada nicho : os engaſtes ſaõ grandes , e bem lavrados , todos de prata , e dourados , e com ſeus pedeſtaes altos do meſmo , pera quando ſe poem no Altar.

Como iſto ſaõ teſtemunhos da boa opiniaõ , que os Reys tinhaõ do Convento , e moradores delle , e por Reays ficaõ mayores de toda exceiçaõ , eſcuſado fora juntar outros : mas naõ me atrevo a deixar fóra deſtes eſcritos o juizo de hum fidalgo muito honrado , e muito cavaleiro , dado por huma eſcritura publica , cujo treslado lançaremos aqui de verbo ad verbum : porque forrandonos de mayor relaçaõ , ordinariamente reluz nas palavras toſcas , e mal polidas da antiguidade huma certa pureza , que faz grande eſtribo á verdade , e diz aſſi.

AQuantos eſta Carta de dotamento , e perpetua doaçaõ virem ; eu Diogo Mendes de Vaſconcellos cavalleiro comendador de Coimbra , e de Ourique , faço ſaber , que eu vendo , e conſirando da diſcriçaõ , e bondade , e bom viver dos frades de S. Domingos de Bemfica : e vendo eu como os ditos frades vivem em conſervancia , e guardaõ toda ſua regra , e os modos de ſua Ordem , e ſe trabalhaõ de acreſcentarem em ſerviço de Deos , e de Sancta Maria ſua madre , dezejaõ de haver lugares honeſtos , e apartados , om que elles , e os que poz elles vierem á dita Ordem , o Senhor Deos podeſſem ſervir , e louvar. E porem vendo eu todo eſto : e vendo que a hermida , e logar , e limite de Sancta Maria da Pedra de Mua , que he no cabo de Eſpichel , termo de Cezimbra , que he bom , e honeſto , logar qera em elle viverem , e eſtarem os Frades da dita Ordem , de bom , e honeſto viver : dou , e outorgo aos ditos Frades de Bemfica perpetuamente pera ſempre a dita hermida , e logar , e direito delle , e ſeu lemite com todolos hon-

honramentos , e direitos , e pertenças , que a dita hermida há , e lhe pertencem , e podem pertencer ao diante pera ſempre , por qualquer guiza que ſejaõ , que a ella venhaõ , que os ditos frades hajaõ tudo pera ſy livremente , e ſem contenda , pera ſoportamento , e corregimento da dita hermida , e logar. Aos quais frades dou , e outorgo todalas couſas que ditas ſom , polla guiſa , que ſuſodito he , e tiro de mim , e leixo todo ſenhorio , e poſſe , e propriedade , e direito , que eu hey , e tenho no dito logar , e hermida , e offrendas , e couſas ſuſo ditas : e dou , e ponho tudo em poſſe , e ſenhorio dos ditos frades hora preſentes , e dos que pollo tempo veerem , que tudo hajaõ pera ſempre , e izentamente com eſta condiçom , que os frades da dita Ordem , que no dito logar eſtiverem , tenhaõ aquelle bom modo de viver , pera ſempre , que hora tem , e teverem os frades do Moſteiro de Bemfica : e que outro nenhum Provincial naõ haja dever em o dito logar , e frades delle pera os vizitar , ſalvo o que for Prior , e Vigairo de Bemfica : os quais com ſeu Convento ſejaõ regedores , e governadores dos frades , que eſtiverem em a dita hermida , e logar. E ſe algumas clauſulas de direito , e verbas de razom aqui falecem pera eſta eſcritura , e doaçaõ mais firme ſer , eu as hey aqui por poſtas , e expreſſamente nomeadas , e declaradas , e por iſto ſer firme , e eſtas couſas nom virem em duvidas por tempo , dey eſta minha Carta de firme doaçaõ , e dotamento , com outorgamento de todalas couſas , que ditas ſom aos ditos frades ; aſſinada por mim , e feita por Affonſo Martins Tabaliaõ , a que a eu mandey fazer , teſtemunhas deſte Joanne Annes Prior de Sancta Maria de Cezimbra , e Gonçallo Vazques , e Joanne Annes clerigos , e raçoeiros della , e Gonçallo Lourenço Procurador do Conſelho , e Diogo Affonſo , e Ruy Vicente taballiaens da dita villa : e Pedro de Carvalho , e Eſteves , e Affonſe Annes Romeu , e Rodrigo Affonſo , e Lope Diz , e outros homens bons da dita villa , que eſto aſſináraõ. Feita em Cezimbra dezoito dias de Novembro , Affonſo Martins Tabaliaõ o fez , era do Naſcimento de Noſſo Senhor Jeſu Chriſto de 1428. annos. 1428.

Saibaõ quantos eſte inſtromento virem , que na era do Naſ-

Naſcimento de Noſſo Senhor Jeſu Chriſto de mil quatro centos, e vinte nove annos, vinte ſinco dias do mez de Julho em Cezimbra, e em caza da Vereaçaõ, ſendo aby Lope Diz, e Rodrigo Affonſo juizes da dita villa, e Lourenço Martins Calvo, e Alvaro Annes Sintraõ, e Affonſo Annes Tamarinho Vereadores, e Gonçallo Lourenço Procurador do Conſelho, e Joanne Annes raçoeiro da dita villa, e Gonçallo Vazques, e Joanne Annes, raçoeiros em ella meſma: Fernaõ Dalvares, e Affonſe Annes Romeu: e Pedro Carvalho, e Eſtevaõ Eſtevens, e Luis Peres, e Alvaro Domingues, e Ruy Vicente, e Fernaõ Rodrigues, e Diogo Affonſo tabaliaens, e outros muitos homens bons da dita villa, e termo, que em a dita vereaçaõ eſtavaõ: aos ſobreditos em vereaçaõ foy moſtrada eſta Carta deſtoutra parte eſcrita, e viſta por elles por parte do Conſelho, outorgaraõ todalas couſas, que em a dita Carta ſom conteudas: e diſſerom, que ſe os ditos frades em a dita hermida, e logar eſteveſſem, que todolos moradores deſta terra, e comarca, e termo os ajudariaõ a ſoportar, e correger o dito logar por ſerviço do Senhor Deos, e que lhes prazia muito de ſua vinda, e eſtada. E de como eſto outorgaron, e lhes aprouve, Eſtevaõ Eſtevens, eſcudeiro vaſſallo d'elRey morador na dita villa pedio aſſi dello hum eſtromento: e o Procurador do Conſelho outro tal com o theor da dita Carta, pera jazer na Arca do Conſelho: e os ditos juizes, e officiaes lhas mandaraõ dar. Teſtemunhas os ſobreditos, e Gonçallo Diz, e Alvaro Affonſo Brinto, e Diogo Lopes filho de Rodrigo Affonſo, e outros: e eu Affonſo Martins Tabaliaõ geral por elRey em certos logares da correiçom dantre Tejo, e Odiana, que a eſte preſente fuy, com as ditas teſtemunhas, e eſte Eſtromento eſcrevy, e aqui meu ſinal fiz, que tal he.

ADDI-

ADDIÇAÕ
A' FUNDAÇAÕ DO CONVENTO
DE
S. DOMINGOS
DE BEMFICA

Deſcreveſe o edificio da Igreja, e mais obras, que fez de novo o Padre Meſtre Frey Joaõ de Vaſconcellos no Convento de Bemfica.

DEſcreveo o Author neſta Segunda Parte a Igreja, e Convento de Bemfica no eſtado em que d'antes eſtava; mas como ao preſente eſtá a Igreja, e a mayor parte do Convento taõ mudado, e tanto mais aperfeiçoado, do que foy em tempo atrazado; aſſi com as obras que nelle fez o Padre Meſtre Frey Joaõ de Vaſconcellos, como tambem com a magnificencia da Capella, e mais obras, que mandou fabricar o Biſpo Inquiſidor Geral Dom Franciſco de Caſtro, pera jazigo ſeu, e de ſeus aſcendentes, parece mate forçado relatar o eſtado em que ao preſente eſtaõ, porque naõ pareça a quem ler a deſcripçaõ, e vir as obras, que naõ diz huma couſa com a outra, e tambem pera que fique em memoria a mudança, o Author della, e o tempo em que foy feita. Bem vejo que naõ vinha fóra de maõ, antes era muy proprio eſte lugar pera ſe relatarem as couſas do Padre Meſtre Frey Joaõ de Vaſconcellos, pois ſe deſcrevem ſuas obras; mas como ſua vida, e morte foy taõ notavel na eſtimaçaõ commua de todos: aquella por ſer dourada de tantas virtudes, como heroicas; eſta por ſer taõ glorioſa, e acompanhada de tantas maravilhas; reſervaſe a relaçaõ dellas pera mayor Tratado, em que tambem ſe poſſaõ deſcrever outras muitas obras, em que nos deixou ſuas memorias eterniſadas, pollo que ſó trataremos das que tocaõ a eſte lugar.

Foraõ bons de contentar os noſſos Antigos, fabricavaõ com pouco cuſto ſuas obras, naõ tratavaõ de recrear com apparencias, nem cançavaõ os Architectos com raſcunhos; pagavaõſe de huma ſancta ſimplicidade, e com ella ſerviaõ muy contentes.

tes. Tais eraõ os edificios deſta Caſa; Igreja ſimples, e com pouco cuſto, mas devota; pouco correſpondente em obra, e arteficio: he o tempo gaſtador, e deſcobridor dos bens da vida, dandonos manifeſto deſengano de ſua pouca duraçaõ: de ſorte que nem fortes marmores lhe fazem reſiſtencia. Mal podiaõ já as humildes paredes da Igreja ſoportar o continuado impeto de ſeus tiros; e aſſi envelhecidas dos rigores ameaçavaõ por muitas partes tal ruina, que era neceſſario acodirlhe com brevidade, por naõ arriſcar o edificio a mayor dano.

Corria o anno de 1623. acabava de Prior de Bemfica o Meſtre Frey Manoel Telles, illuſtre por ſangue, letras, e virtude, que deſpois governou a Provincia, como Provincial, que foy della, donde foy tirado pera Arcebiſpo Primás do Oriente, onde naõ chegou por lho atalhar a morte na viagem: tratavaõ os Religioſos moradores entaõ no Convento, de elleger novo Prelado; dezejavaõ, que foſſe em tudo qual convinha pera naõ deixar afroxar hum ponto o rigor da obſervancia, e creſcer muito nas obras neceſſarias: fizeraõ entre ſy ſuas conferencias religioſas, até que foraõ deſcubrir entre as eſcholas hum ſujeito, que por todas as partes era adequado pera o cargo por ſe achar nelle tudo o que ſe podia dezejar: foy eſte o Padre Meſtre Frey Joaõ de Vaſconcellos, que actualmente eſtava lendo Theologia no Convento de S. Domingos de Lisboa, com igual ſatisfaçaõ de todos em tudo: entraõ em Capitulo, elegemno Prior ſem contradiçaõ alguma, antes com demonſtraçoens de boa vontade, pondo em duvida ſe aceitaria: e naõ ſe enganavaõ em duvidar; porque o Padre Meſtre, que entaõ era ſómente Preſentado, fez toda a repugnancia, que ſe permitte em hum ſubdito, allegando por ſua parte muitas, e boas rezoens, concernentes á Religiaõ; naõ ſendo menos efficazes as que os Religioſos acumulavaõ pera o tirarem da Cadeira pera Prelado de hum Convento da reforma; meteoſe a obediencia de por meyo; atalhou as contendas, obrigouo, que aceitaſſe; naõ ouve mais boquejar, tomou o caminho pera Bemfica Apoſtolicamente, tomou poſſe com tanto goſto dos ſubditos, que ſe davaõ os parabens huns aos outros de terem feito tal eleyçaõ, e os ſucceſſos moſtraraõ, que naõ ſe tinhaõ enganado: e parece, que foy ordem particular do Ceo, que foſſe reſtaurador deſta Caſa o Padre Meſtre, que deſpois foy Provincial da Provincia, Prégador da Capella Real, e do Conſelho Supremo do Sancto Officio, pera ter proporçaõ com o primeiro fundador, o Meſtre Frey Vicente de Lisboa, Prégador tambem d'el-Rey, Provincial na Religiaõ, e Inquiſidor geral de toda Eſpanha.

Tanto que tomou poſſe do Convento o novo Prior, tomaraõ delle poſſe os cuidados: naõ foy menor o que logo lhe entrou de fazer nova Igreja; porque o requeria aſſi o eſtado da antiga; e tambem, porque a fervoroſa devaçaõ que tinha pera as couſas do culto Divino, naõ no deixava parar em emprender a obra. Entra em conſelho dos mais velhos,

velhos, ſem o qual naõ podia fazer nada, acha contradiçaõ em alguns, que conſiderando as poucas poſſes do Convento, contentavaõſe com algum reparo poſſivel, ſem derrubar por terra a Igreja antiga, movendoos tambem a iſſo o amor, que tinhaõ áquellas paredes velhas, tacitas teſtemunhas das riguroſas diſciplinas, das fervoroſas oraçoens, das lagrimas, e ſuſpiros ao Ceo, que por tantos annos ſe tinhaõ continuado naquella pobre caza de Oraçaõ, que por pobre incitava mais aos ditos exercicios. Mas como no Prior ſobejava valor, e naõ faltava confiança na providencia Divina, allegou taõ vivas razoens por parte deſta, que reduzio a ſeu parecer os que ſe moſtravaõ mais incredulos de ſortir effeito o novo intento. Tinha o Prior alguma ſciencia de architectura, conſulta os peritos na arte, viſita com alguns delles os templos de Lisboa, notando as perfeiçoens, e as faltas que nelles ſe deſcobriſſem, pera ſe imitarem humas, e pera fugir das outras, apreſentaõſe, e cotejaõſe varias plantas, tomaõ aſſumpto na fabrica, manda derrubar todo o corpo, e cruſeiro da Igreja velha, ficando ſó em pé o Choro, e Sacriſtia, aquella, nobre jazigo dos Botelhos, eſta, novo deſcanſo dos poſſuidores da nobre Caſa de Bellas.

Tratouſe logo de lançar a primeira pedra ao novo templo; communicou o Prior ſeu deſenho ao Capellaõ mór da Capella Real, que naquelle tempo era Dom Joaõ da Sylva, da illuſtriſſima Caſa de Portalegre; offereceſe de boa vontade pera aquella fundaçaõ, apraſaſe o dia, que foy o dedicado á feſta dos Sanctos Principes da Igreja, Pedro, e Paulo; leva conſigo toda a muſica Real; á fama de tanta ſolemnidade acodem os vezinhos de perto, e de longe, concorrem os parentes do Author da obra, levando em companhia outra muita nobreza: celebra o Capellaõ mór Miſſa, prégou o Padre Prior; e no fim de tudo deitouſe a primeira pedra, com a ſolemnidade que a Igreja pera iſſo ordenou: naõ continha o letreiro della mais, que a memoria do tempo do Summo Pontifice, Emperador, e do Rey, que governava eſte Reyno; naõ vay aqui a copia delle, porque ſe perdeo, como muitas couſas ſe perdem: foy iſto na era 1624 no dia de Julho apontado: poem logo as mãos á obra, com tanto valor, que em poucos annos ſe deſconheceo o Convento do eſtado em que eſtava, porque mudou a portaria, fazendo pera ella huma fermoſa caza: fez novo Clauſtro, novo Refeitorio, com todas as mais officinas neceſſarias, novo Capitulo, e Igreja nova, cuja deſcripçaõ he a ſeguinte.

Deſcreveſe a Igreja.

Eſtá a Igreja nova do Convento de Bemfica no meſmo ſitio em que ficava a antiga, he fabricada de huma nave, em forma de huma perfeita Cruz, como a arte, fundada no myſterio enſina, creſcem as paredes, fechaõſe as abobadas, remataſe a obra no meyo do Cruſeiro com hum taõ alteroſo Zimborio, que eſtando a fabrica em hum vale, fica competindo na altura com os montes vezinhos. Saõ as paredes groſſos muros, por todas as partes guarnecidas de pedra-

ria bornida, e ſobre os cunhais cerca a Igreja huma bem ſahida, e pompoſa ſimalha, donde naſcem as voltas de quatro arcos, em cujas cabeças faz circulo outra que dá principio ao levantado Zimborio: occupaõ as paredes freſtas raſgadas, e abrigadas com vidraças chriſtalinas, com que o templo fica muito claro. Saõ as Capellas deſta Igreja por todas nove: a ſaber, ſeis no corpo da Igreja, duas nos braços do Cruzeiro, e ultimamente a Capella mór. As mais tem reſpondencia entre ſy, no ſitio, na macenaria dos retabolos, ſómente differem em ſerem differentes as Imagens, que nelles eſtaõ, humas de vulto, outras pintadas em quadro; mas todas trazidas de fóra do Reyno, pollo Padre Meſtre, por ſerem feitas pollos mais inſignes artifices de Europa.

Entrando polla porta á maõ direita, he a primeira Capella dedicada aos Sanctos Auxiliadores, dezaſete em numero, ſingulares na perogativa de ſe alcançar do Senhor tudo, quanto ſe pede por ſua interceſſaõ; baſtante intereſſe pera naõ haver Igreja ſem eſtes Sanctos; e com tudo eſta he a unica Capella, que vimos a eſtes Sanctos dedicada; tem eſta indulgencia plenaria annual na Dominga deſpois da feſta dos Sanctos. Reſponde a eſta outra Capella da maõ eſquerda, cujo titulo he da prodigioſa Imagem, que a Raynha do Ceo trouxe á terra, de ſeu ſervo, filho, e Apoſtolo, noſſo Patriarcha S. Domingos, chamaſe commummente do Soriano, tomando o nome do lugar, em que a maravilha ſuccedeo: eſtá a Senhora acompanhada das duas protectoras de noſſa Religiaõ, a inſigne Martyr, e Doutora Catherina, e o exemplo de penitencia, incendio de amor, e Apoſtola dos Apoſtolos a Magdalena; deſcobreſe tal afabilidade na Senhora em dar ao Filho o retrato do Pay celeſtial; e no Religioſo tal ſuſpençaõ, com alegria juntamente, que vendo os melhores pintores de Lisboa eſte quadro pera fazer outro, que ſe lhe tinha encomendado, confeſſaraõ (e he muito pera crer quando o confeſſaõ) que naõ ſe atreviaõ a copiar outra por ella com a meſma perfeiçaõ, e ſombras.

A ſegunda Capella em ordem, he do Eſpiritu Sancto, em que he muito pera conſiderar a admiraçaõ com que ſe repreſentaõ os ſagrados Apoſtolos, recebendo o fogo Divino; mas com ſingularidade admiravel ſe vê o Evangeliſta, fenix de Amor, encoſtado ſobre hum livro, que lhe cahio da maõ, abrindoſelhe as folhas com propriedade taõ enganoſa, que quando eſte quadro chegou de fóra, deſenrolandoo o Pintor pera ver o que era, e tirando as folhas do papel que trazia pera reſguardo da pintura, remeteo com a maõ a huma folha do livro pintado, cuidando, que era tambem papel poſto de fóra: já naõ temos que nos admirar com as uvas com que as Aves ſe enganaraõ, nem ainda da toalha com que outro Pintor ſe enganou. A eſta ſegunda Capella reſponde outra da Aſſumpçaõ da Senhora, aonde ſe vê taõ grande multidaõ de Anjos, occupados todos em feſtejar a Raynha do Ceo, por Mãy de Deos, cada qual occupado em ſeu exercicio, que com

diffi-

difficuldade ſe pódem numerar.

A terceira Capella do corpo da Igreja, he da glorioſa Tranſfiguraçaõ, he huma admiraçaõ ver a arte com que nos moſtra o Senhor cheyo de gloria, dadas as ſombras taõ ſutilmente nos veſtidos, que ſem fazer algum eſcuro, deſcobre a clareza das ſagradas roupas, de que o Sancto velho Pedro, que levado da ſua viveza, trata de porfiar em ver contra o impedimento da propria viſta, pera o que ſe ajuda do braço, fazendo delle abrigo aos rayos da luz, que reverbera, pera eſpecular a gloria de ſeu Meſtre. Reſponde a eſta Capella a ultima do corpo da Igreja, em que ſe repreſenta a deſcida do Senhor a libertar as Almas dos Sanctos Patriarchas; admira a fermoſura do Senhor, a grande alegria dos Cativos com ſua viſta, a confuſaõ dos moradores infernais, com as portas deitadas por terra, ſahindo livre o primeiro Propagador do genero humano com ſeus deſcendentes, alegres todos por ver já cumpridas as eſperanças, que tantos annos os tinhaõ affligido. Aſſi que eſtes quadros, como á porfia, ſe eſtaõ realçando huns aos outros: fazem guarda a eſtas capellas grades bem torneadas de páo ſancto, com ſeus remates de bronze, que continuando, fechaõ todo o cruſeiro, e ſobre ellas nos cantos de huma, e outra parte, fazem ſacada dous peitoris lavrados de pedra branca, ſobre que eſtribaõ dous proporcionados pulpitos marchetados, com ſombreiros ſobre poſtos da meſma obra.

Entrando no Cruſeiro, vemos nos topos duas Capellas mais alteroſas, fazendo roſto, e competencia huma a outra, lavradas ambas com o meſmo debuxo de macenaria entalhada; levantaõſe quatro colunas, que emparelhadas de duas em duas, ſuſtentaõ hum ayroſo fronteſpicio de flores, e varios bruteſcos: abreſe no meyo de toda eſta obra hum grandioſo nicho, cercado pollo interior de reſalteados florins do meſmo talhe: ſendo eſtas Capellas no feitio as meſmas, differem nas Imagens, que occupaõ os nichos: ſaõ ambas de vulto, que ſervem de pintura mais ao vivo; e confiadamente podemos dizer, ſeraõ as melhores de toda Europa, como confeſſaõ todos os que chegaõ a adoralas, naõ ſe ſabendo apartar de ſua preſença.

Tem da parte da Epiſtola huma Imagem da Senhora do Roſario, de eſtatura natural, cauſa admiraçaõ ſua fermoſura, hum roſto mageſtoſo, e alegre, em forma que obriga a reſpeito, acende em amor, e devaçaõ: eſtá com os olhos na querida prenda, que tem ſobre a maõ eſquerda, dando com a direita o Roſario a ſeus devotos: he muito pera ver o Minino Deos todo embebido na piadoſa Mãy, com huma acçaõ pueril, todo riſonho, fugindolhe com huma flor: veſte a Senhora tunica branca, ſemeada de flores de ouro, e cobrea manto azul com rica bordadura tambem de ouro, ao pincel; ſaõ tais as dobras, e meneyos deſtes veſtidos, que ouve quem ſe enganou por vezes, julgando por ſeda o que he pura madeira: piſa a Senhora huma nuvem cuberta de hum trepel de Serafins, e remataſe embaixo com huma bem traçada peanha: neſte Altar eſtá a milagroſa

ſa Imagem de noſſo Padre S. Domingos, taõ celebrada de todos, que commummente lhe chamaõ da Barba dourada; e foy acertado pera ella eſte lugar, porque ſendo eſta Senhora ſempre ſeu abrigo, juſto era que tambem agora o foſſe.

Reſponde na Capella fronteira, outra Imagem do Senhor Jeſu, da meſma eſtatura, e maõ, couſa devotiſſima, e excellente; tem os braços cravados ao alto, eſtá com os olhos no Ceo, como intercedendo a ſeu Eterno Pay pollos homens, no meyo de tantas dores: moſtra aquelle divino roſto eclypſado com huma ancia taõ naſcida da Alma, que naõ ha olhos enxutos de quem a conſidera: ver a fermoſura daquelles ſagrados membros, aquelle corpo taõ bem organizado, com eſtar matiſado de crueis vergoens, fica taõ agradavel á viſta, que leva apoz ſy, e enleva os coraçoens de todos, por duros que ſejaõ. Vieraõ eſtas imagens, e outras duas, que veremos no Altar mór, do Reyno de Caſtella, feitas por hum inſigne official; e por tal chamado áquella Corte, Portuguez, natural do Porto; mereçe eterna lembrança, por unico, e honra dos engenhos Portuguezes. Em reſpondencia da Imagem do noſſo Padre S. Domingos ſe poz neſte Altar outra do Seraphico Padre S. Franciſco, que por ſeguir em vida o Senhor com ſua Cruz, teve tambem em vida por premio as Chagas.

Entremos na Capella mór com advertencia, que temos muito que ver, e admirar, huma obra taõ ſingular na perfeiçaõ, que compete com as melhores de Portugal, e levalhe em muitas couſas grande ventagem.

Subindo tres degráos do cruſeiro, ſe deſcobre o pavimento matiſado de hum xadrez de pedras pretas, e brancas: daqui ſe ſobem outros tres degráos ao Altar, que fica ſeparado do retabolo, quanto dá lugar a huma franca via Sacra: he o Altar de huma pedra branca, embutida de varios jaſpes negros, e vermelhos, com ſeu b anco em ſima de hum prolongado tambem vermelho, lavrado com boa arte, pera ſerviço dos caſtiçais, e mais ornato. Detraz das pontas deſte Altar, afaſtado delle quanto cabe a via que diſſemos, comeſſa a obra do retabolo ſobre oito alteroſos pedeſtais de jaſpe vermelho, bornidos, e perfilados com diamante em cada face, e largas molduras; ficaõ quatro a huma banda, e quatro a outra, poſtos em quadro, de ſorte, que daõ pollo meyo de cada huma baſtante ſerventia: ſobre elle ſe levantaõ oito alteroſas colunas, que vaõ receber huma fermoſa ſimalha, ſobre a qual ſe levantaõ dous nichos, hum de cada parte, nos quais eſtaõ duas valentes Imagens, que ſaõ as que prometemos dizer, feitas, e vindas da meſma parte, que as outras: he a da maõ direita de noſſo Patriarca S. Domingos, de eſtatura natural, por eſtremo fermoſo, e devoto: eſtá lançando a bençaõ a ſeus filhos, que de contino pollo diſcurſo do dia, e da noite lha vem tomar: tem na outra maõ Cruz de Patriarcha, e ao pé o ſeu coſtumado companheiro com ſua diviſa na boca: a outra Imagem que correſponde a eſta, he do glorioſo

S.

S. Pedro Martyr, que como Inquiſidor, o Author da obra, naõ quiz ficar ſem elle, pois lhe ſuccedia no officio: he da meſma eſtatura, roſto penitente, olhos no Ceo, e na maõ ſua real inſignia, Palma com tres Coroas, ſymbolo das tres, que na gloria eſtá gozando. Entre eſtes dous nichos dá volta hum fermoſo arco, que faz aſſento de cada parte ſobre duas das colunas interiores, e vay fazendo volta até as outras duas da outra banda. Sobre o fecho do arco corre outra mais extenſa, e brincada ſimalha, que tomando toda a largura, ſe vay unir com a da pedraria da Capella: daqui ſe levanta hum prolongado quadro da meſma maõ, que os paſſados: contém eſte quadro hum agradavel Preſepio, em que eſtá a Senhora deſcubrindo o Minino Jeſu aos ruſticos hoſpedes, que admirados com hum alegre temor, moſtraõ ſeu affecto ao fruito do Ceo, naſcido em ſua ditoſa terra: he muito pera ver o Sancto Eſpoſo, como enleado, e cuidadoſo entre tanto deſabrigo, e pobreza: apparecem multidoens Angelicas, que vem adorar, e reconhecer ſeu Deos Minino.

Acompanhaõ eſte quadro das ilhargas dous quartoens, que comeſſando debaixo, ſe vaõ deſenrolando até pegar na ultima guarniçaõ, de que naſce huma arteficioſa concha, que faz principio ao retabolo; acompanhada de varios, e alegres bruteſcos com folhagens, e ultimos remates: toda eſta obra he fermoſa por eſcultura, e traça: e pera declaramos bem de todo, he neceſſario voltar aos primeiros pedeſtais de jaſpe, e veremos entre elles, detraz do Altar, huma grandioſa peanha, que occupa todo o centro, do meſmo jaſpe, e feitio da mais obra: mas difere ſómente em o corpo oitavado prolongado, fazendo mais larga face a Igreja, e Choro, que detraz fica: ſobre eſta peanha ſobem oito ayroſas methas, que comeſſando em retroſidos quartoens, continuaõ em meyos corpos de humas alegres figuras, que com as cabeças ſuſtentaõ o primeiro, e mayor corpo do Sacrario, em que ſe conſerva o Divino depoſito: cercamno oito colunas no meſmo eſtylo oitavado, entre as quais ſe abrem nichos com varios Sanctos da Ordem, tirando ſó a face dianteira, aonde fica a porta do Sacrario no meyo de huma taria de varios Serafins, e talha: correſponde no meſmo tamanho a outra face que fica pera o Choro, aonde ſe moſtra hum paynel de meyo relevo, que contém a adoraçaõ dos Sanctos Magos, em que a perfeiçaõ, e miudeza das figuras faz inveja ao mais delicado pinſel: remataſe eſta primeira peça com oito lindos remates, que diviſaõ os oito cantos: de entre elles ſahem outras oito colunas mais pequenas, que bem lavradas a farpaõ, fazem huma deſcuberta charola, e nella huma figura, qne a occupa, abraçada com huma Cruz; moſtranos ſer a Fé, virtude principal pera o conhecimento deſte Senhor Sacramentado, ſuprindo a falta dos ſentidos humanos: coroaõ em torno eſta charola outros oito remates, naõ menos galantes, que os paſſados, ſeguindo a meſma ordem que diſſemos: no meyo deſtes naſce a ultima peça mais

peque-

pequena, taõ bem oitavada, rodeada de varias methas, e flores, que daõ lugar a dous nichos, hum pera a Igreja, em que eſtá a figura da Eſperança, com ſua diviſa da anchora; ouro pera a parte do Choro, em que ſe recolhe a figura da Charidade, occupada com huns mininos innocentes.

Finalmente ſobre eſta ultima peça arremata hum globo, cercado de huns quartoens, que vaõ receber o pé de huma Cruz entalhada ao viez, cujos remates nas pontas ſaõ flores de Liz, muy proporcionadas com a mais obra. Saõ notaveis finalmente as miudezas deſtas folhas, a perfeiçaõ dos paſſarinhos, huns com as azinhas abertas, outros picando em os delicados ramos: o ſutil das figurinhas, muitas, e varias: e ſobre tudo admira o ſofrimento da madeira, e a paciencia do artifice: de ſorte, que ouve votos que ſe naõ cobriſſe de ouro, por ſe naõ encobrir de algum modo a perfeiçaõ de taõ delicado feitio; mas naõ era conveniente ficar aſſi, viſto ſer morada de tal Senhor; e aſſi ſe chamaraõ os mais inſignes officiais, que com variedade de ouro, mate, e burnido, o fizeraõ parecer huma rica peça de ouro fino.

Temos relatado as obras, que fez o Padre Meſtre Frey Joaõ de Vaſconcellos, comeſſadas em 1624. e aperfeiçoadas com o ultimo remate em 1632. em que ſe diſſe a primeira Miſſa na Igreja nova em quinta feira de Endoenças: diſſea o meſmo Padre Meſtre, e prégou o Padre Frey Joſeph da Conceiçaõ. Se ouveramos de relatar as muitas couſas, que mandou fazer pera o culto Divino, de vaſos, e veſtiduras ſagradas, e de todas as couſas concernentes ao culto Divino, era neceſſario novo livro; porque alem de ſerem muitas, ſaõ todas com particular perfeiçaõ: aſſi ſe trata de entaõ até o preſente neſte Convento o culto Divino, com o aſeyo, limpeza, e perfeiçaõ, que na terra ſe póde fazer.

Mas naõ he rezaõ deixar em ſilencio huma capelinha, que deſpois ſe fez por induſtria do Padre Frey Luis Garcês, merece ſua vida, e obſervancia eſta memoria. Eſte Religioſo já bem velho, buſcou eſmolas com que fez huma capelinha no canto do Cruſeiro, da parte da Epiſtola, azulejada com ſombrio conforme a Capela, fechaſe com ſua porta: o intento, com que a fez, foy pera encerrar o Senhor, deſpois que o tiraõ do Sepulchro em ſeſta feira Mayor: fez nella ſeu Altar, fechado com balauſtres ornados de ouro, e preto, por entre elles ſe vê huma Imagem do Senhor morto, e deitado, cuja viſta á primeira viſta faz pavor; mas o pavor, que naſce da viſta de couſas divinas, logo ſe troca em conſolaçaõ de noſſas Almas: aſſi acontece com a viſta deſte Senhor: fechaſe o cerco de balauſtres com duas portas, que eſtando abertas, moſtraõ dous Anjos pintados de joelhos, com poſtura de quem adora com ſentimento: ſobre o Altar eſtá hum quadro, que contém o enterro de Chriſto Senhor Noſſo, obra da primeira maõ deſte Reyno, com que fica eſta Capella muito acommodada pera todos os exercicios religioſos: e porque naõ fique o Leytor com dezejo de ſaber que ſe fez das

das reliquias do Beato Arnao, e do Meſtre Frey Vicente de Lisboa, e ſeu companheiro. Deoſelhe lugar na parede do Cruſeiro, de huma, e outra parte do Choro, com rotolos abertos em pedra, que aſſi o moſtraõ.

Vida do Biſpo Inquiſidor geral, D. Franciſco de Caſtro.

Pertence tambem a fabrica do Convento de Bemfica, como parte naõ pequena da religioſa grandeza, que hoje logra a Capella, que nelle lavrou de novo o Biſpo Inquiſidor geral Dom Franciſco de Caſtro, e em que eſcolheo, pera deſcanſo deſpois de morto, a companhiá dos meſmos Religioſos, que com vivos affectos ſempre acompanhara vivo: ultimo, mas ſingular argumento de quaõ bem lhes havia merecido ſua memoria, pois os deixava com a obrigaçaõ de que entre ſy a conſervaſſem taõ perenne como grata. E pois eſta he a occaſiaõ primeira em que ella ſe nos offerece á eſcritura, falta de acordo fora naõ ſaber moſtrar, que a temos na meſma conta, em que a aceitamos, e nota de ingratidaõ conſentir, que fallem, ou appareçaõ neſte papel agradecidas primeiro as pedras de hum edificio, que muitas vontades obrigadas; ſendo certo, que tanto mais vivamente executaõ neſtas, que naquellas, os beneficios, quanto vay de conhecellos a ignorallos, e que ſe delles ſe deixa liſongear até nas pedras a dureza mayor, o ficará parecendo a de vontades, que naõ moſtraõ, que ſe deixaraõ lavrar delles. Sirvanos pois de deſculpa á breve digreſſaõ deſta memoria a meſma cauſa, que a neceſſita; porque ſe vejaõ nella de algum modo reconhecidas obrigaçoens, que no deſcuido nos puderaõ arguir, tanto como offendidas, queixoſas.

Foy o Biſpo Dom Franciſco de Caſtro, filho de Dom Alvaro de Caſtro, unico Védor da fazenda d'elRey Dom Sebaſtiaõ, ſeu particular aceito, do Conſelho de Eſtado, Embaixador a Roma, Caſtella, França, e Saboya, lugares, que ſendo na ſua qualidade taõ proprios, pareceraõ curto premio aos merecimentos da peſſoa, glorioſamente qualificados nos empenhos em que no Oriente o puzeraõ ſeu ſangue, ſeu zelo, ſeu valor; e de Dona Anna de Atayde, filha de Dom Luis de Caſtro, Senhor da Caſa de Monſanto. Teve por Avô paterno ao ſempre grande Dom Joaõ de Caſtro, Quarto Viſo Rey da India, mayor que ſua meſma fama; que em fé de que ſe vio vencida de ſuas obras, por mais que o deſſe a conhecer ao mundo, ainda o nomea hoje com temor, ou com reſpeito.

Naſceo em Agoſto de 1574. e á poucos annos, pois naõ paſſavaõ de quatro, pagou com dura pençaõ a ventura de haver naſcido bem, perdendo com os Pays, de quem no illuſtre do ſangue a recebera, a primeira, e mais opportuna liſonja com que ao entrar no mundo nos engana, e nos ſoccorre a natureza. Se bem em Dom Franciſco de Caſtro, póde parecer eſta infelicidade preſagio naõ infeliz dos acertos a que naſcia, como que delles, mais que do abrigo dos Pays, ouveſſem de reſultar de juſtiça ſeus augmentos, quando nos mais ſe naõ lograõ ſem negociaçoens do favor. Naõ lhe faltou com tudo naquelles primeiros annos o de ſua Irmam Dona Violante de Caſtro Con-

deſſa de Odemira, viuva do Conde Dom Affonſo de Noronha, que com elRey Dom Sebaſtiaõ ſe perdera; da qual recebendo no enſino, e criaçaõ, melhor, e ſegunda vida, logrou juatamente affectos, e demonſtraçoens naõ menos officioſas de Mãy, titulo com que ſempre a reconheceo deſpois em credito do grande amor, e cuidado, com que ella lho ſubſtituira, e merecera.

Entrando na idade competente, foy enviado a Coimbra pera ſer alli inſtruido nos primeiros Rudimentos, de que como diſpoſiçoens neceſſita o conhecimento das Sciencias: eſtudou a de Theologia Porcioniſta primeiro, Collegial deſpois do Collegio de S. Pedro. Mas apenas ſe havia deſembaraçado da trabalhoſa fadiga de diſcipulo nos Curſos, e nas Eſcholas, quando ſe vio chamado, ou prevenido de outra, por anticipada a ſeus annos, muito do tempo de ſeus merecimentos: foy nomeado Reytor da Univerſidade de Coimbra, com geral aceitaçaõ; ſingularidade, que por naõ favorecida, ou originada em algum anterior exemplo, nem ſuccedida, ou imitada deſpois em outros, foy tambem já naquella idade hum ſingular teſtemunho de ſeus ajuſtados procedimentos, que toda aquella confiança lhe haviaõ grangeado, e merecido com quem lhe fiava o governo daquelles meſmos, de que ainda naõ acabara de receber a doutrina. Intentar acertos a perſuaſoens do brio, ou da obrigaçaõ, louvavel emprego he, até naquelles, que de todo os naõ conſeguem, lograllos a cuſto de deſvellos felicidade, que reſpeita ao merecimento; mas ſegurallos nas eſperanças, he ſuperior qualidade da virtude, que ſó póde ſegurar o que promete, e em quem ſó os fruitos anticipados ſempre foraõ de ſezaõ, que como izenta da juriſdiçaõ do tempo, em nenhum póde faltarſe aſy meſma; e de todos he taõ natural nos progreſſos, como deſenganada nas certezas. Neſta devia fundarſe a confiança, que ſingularizou a Dom Franciſco de Caſtro pera o lugar de Reytor da Univerſidade, e delle pera o de Preſidente da Meſa da Conſciencia, e Ordens: em ambos correſpondida, ou deſempenhava, com tal cuidado, e vigilancia, que paſſou naquelle tempo a ſer proverbio authoriſado na aceitaçaõ, ainda dos menos, e contentes, e mais eſcrupuloſos, que quem ouveſſe de ſer bom Preſidente, ou bom Reytor da Univerſidade, pollos dictames de Dom Franciſco de Caſtro havia de regular as acçoens.

De Preſidente da Meſa da Conſciencia, foy nomeado Biſpo da Guarda: entaõ como quem entendia de quanto pezo foſſe a nova dignidade, aſſi lhe applicou as forças de ſeu talento grande, que ſem que ſe viſſem eſtas em occaſiaõ alguma canſadas, ou opprimidas, aquella ſe vio em todas bem ſervida, nunca queixoſa, e ſobre tudo favorecida de hum vivo, e naõ menos efficaz exemplo, que a ſeus ſucceſſores facilitaſſe, imitado, ou de ſuas obrigaçoens, ou deſempenho, ou o conhecimento dellas.

He aquella Regiaõ da Guarda, por exceſſivamente fria, deſtemperada; e por eſta cauſa de taõ

taõ roim vezinhança nos invernos aos que a habitaõ, que a coſtumavaõ deſemperar ſem nota os Biſpos ſeus anteceſſores, trocandoa por outra menos deſabrida, e mais acommodada pera a defenſa de que a natureza humana contra as inclemencias daquelle tempo neceſſita. Por tal eſcolheraõ a Villa de Caſtellobranco do meſmo Biſpado, na qual pera aquella breve, mas opportuna manſaõ lavrou a neceſſidade, acompanhada do decoro, e do reſpeito, particulares apoſentos; porem o Biſpo Dom Franciſco de Caſtro, em cujo generoſo, e religioſo brio, até as taõ particulares praticadas, e vulgares conveniencias da humanidade, chegavaõ a parecer culpaveis deſatençoens ao officio, julgou primoroſamente, que no de Paſtor eraõ primeiras, e mais nobres qualidades aquellas meſmas de que naſcera; e que ſe em ſervir a commodidade das ovelhas conſiſtia juntamente toda a honra, e obrigaçaõ de Paſtor, até o nome na ſemelhança offendia quem vendo expoſtas as ſuas ás inclemencias do tempo, já que lhas naõ eſcuſava, lhes naõ fazia nellas companhia. Achava que com obrigaçaõ de dar a vida por ellas, lhas encomendara Chriſto em fé do amor, com que as queria tratadas, e que pera tanto valor, e amor tanto, eraõ contrarias diſpoſiçoens as de hum taõ frio, e deſalentado affecto, que até o temor do frio ſe rendia. Que mal ſaberia arroſtrar confiadamente em ſy meſmos os perigos, quem na mais leve ſemelhança delles, ou deſmayava covarde, ou ſe retirava cauteloſo: que naõ era a ſua vida deſpois que o fora do officio, e das ovelhas; e que no reſguardo della defendia ingratamente aquillo meſmo, que offendia, tratandoa nas conveniencias como ſua, nos perigos como alheya: finalmente, que ſe naõ enſaya bem nas auzencias o cuidado, nos retiros a vigilancia, nos deſvios a affeiçaõ; e que achandoſe a todos eſtes encargos devedor, todos interpretava mal, ſó com huma apparente repreſentaçaõ, que até no diſſimular os deſmentia. Aſſi ſe deixava ficar todos os invernos na meſma Cidade da Guarda; e na noite, em que a Igreja celebra o Naſcimento de Chriſto, fazia todos os annos Pontifical na Sé.

Quem com tanto deſpego de ſy meſmo ſe dava a ſuas ovelhas, naõ lhes podia faltar em os favores, que naquelle cargo coſtuma, ou deve diſpenſar a piedade aconſelhada da juſtiça. Gaſtava das rendas do Biſpado em cada anno conſigo, e ſua caſa, o que preciſamente era neceſſario, uzando da moderaçaõ, que em todo o diſcurſo da vida inviolavelmente obſervou; o mais ſe deſpendia com pobres, e nos encargos do Biſpado. Maxima foy de ſua grandeza, ou de ſeu zelo, tanto nas obras, como nas palavras praticada: que era couſa indigna de hum Prelado fazer morgados das rendas da Igreja: com exemplo a confirmou em ſy meſmo, mas com ſingulares exemplos; pois quando largou o Biſpado, por conta que mandou ajuſtar com proteſto, que fez diante do Cabido, tirou ſó o que havia juntado da renda, que tinha antes que entraſſe nelle; mas porque lhe foraõ reſervados por Bul-

las Apoſtolicas ſinco mil cruzados nas rendas do meſmo Biſpado, mandava todos os annos diſtribuir quinhentos cruzados com pobres, repartidos pollas caſas da Miſericordia dos lugares donde as havia, moſtrando na circunſtancia deſta, de cujo uzo ſe privava, que eſtimava em mais o fruito, que o goſto della. Com igual grandeza, e mais claro teſtemunho de amor grande a ſua eſpoſa a Igreja da Guarda já deſobrigado della, a proveo de lampadas, e outras peças de preço; inſtituindo juntamente duas Capellanias perpetuas, com obrigaçaõ a ſeus Capellaens, que ajudaſſem ao ſerviço da Sé, pera os quais, e outros encargos, que o Cabido tomou á ſua conta, lhe deixou cento, e vinte mil reis de juro perpetuo aſſentado nas rendas da Camara da Cidade de Lisboa. Pera a morte reſervou a mais viva, e deſenganada prova da maxima que praticava, quando já, nem a aceitaçaõ nem o applauſo a podiaõ fazer menos firme, por bem viſta; e foy ordenar, que o que ſobraſſe de ſua fazenda, deſpois de comprido ſeu teſtamento, ſe applicaſſe a caſamentos de orfãas, e reſgate de cativos; e naõ foy taõ pouco, que naõ chegaſſe a doze mil cruzados.

Com acertos muy proprios de taõ deſentereſſado animo governou o Biſpado da Guarda, do Anno de 1616. até o de 1629. em que foy nomeado Inquiſidor geral: viſitou logo a Inquiſiçaõ de Coimbra, e de Evora, donde ſe recolheo a Lisboa.

Naõ creſceo no Biſpo Dom Franciſco de Caſtro a capacidade com a obrigaçaõ do cargo, deuſe a conhecer melhor no exercicio delle, luzio, naõ ſe augmentou; que havendo naſcido pera todos grande, a cada hum ſe ajuſtava, em cada qual ſe igualava a ſy meſmo taõ conforme, que ſó lhe faltou dividirſe juntamente em todos pera que foſſe a mayor. Aquelle talento he com propriedade eminente, cujas forças, em cada emprego argumentadas, de nenhum foraõ comprehendidas: tal foy o do Biſpo Dom Franciſco de Caſtro, ſempre ſuperior, nunca inferior a ſy meſmo.

No cargo de Inquiſidor geral, que exercitou até o anno de 1652. em que falleceo, ſe portou com tal inteireza, zelo, e prudencia, que póde deixar de ſy, á imitaçaõ aviſos, credito á opiniaõ, dezejos, e ſaudades á lembrança. Taõ cuidadoſo no reſguardo da authoridade, e preheminencias do officio, que coſtumava dizer, daria primeiro a vida, que conſentir nelles a menor quebra; e naõ lhe faltaraõ occaſioens em que moſtrou bem o valor de que eſta reſoluçaõ naſcia.

Em todos os eſtados procurou com muita vigilancia, que os de ſua familia (grande ſempre) viveſſem de ſorte, que nem com o exemplo offendeſſem, nem mereceſſem nota indigna de criados de Prelado, animavaos, e quaſi efficazmente conſtrangia como exemplar vivo, que em ſeus coſtumes, gravidade, e compoſtura, lhes offerecia á conſideraçaõ, e aos olhos: e pagoulhe Deos eſte virtuoſo zelo, vendoo logrado nos effeitos, e na fama, pois pera a conſervarem boa, era merecimento em ſeus criados ſaberſe, que o ſerviaõ. Obſervou inviolavelmente naõ

gaſtar

gaſtar mais, que o que permitiaõ ſuas rendas; e deſta prudente moderaçaõ reſultou, que viveo, e morreo ſem dividas, circunſtancia que tanto coſtuma favorecer o credito das qualidades, quanto a falta della occaſionar tropeſſos.

Demonſtraçoens no exterior taõ reguladas pollos dictames da virtude, naõ podiaõ naſcer menos, que de hum interior affecto, ou impulſo della: que ſe bem diſſimulado no recato, ſe dava a conhecer em grande parte naquelles exercicios, que a pezar delle lhe coſtumaõ ſervir de piadoſo alivio, e deſafogo. Eraõ os do Biſpo Dom Franciſco em tudo ſemelhantes aos de hum obſervante Religioſo: ao jejum de todos os ſabbados do anno, acreſcentava o das ſeſtas feiras a paõ, e agoa; diſciplina duas vezes na ſomana, pollа quareſma com toda ſua familia na Capella; trazia muy de ordinario o cilicio de que uſaõ os Religioſos Cartuxos; outros de ferro, pera os braços ſe acharaõ por ſua morte, aos quais o meſmo recato indiciava de naõ ocioſos. Nunca veſtio ſeda, e foy na compoſiçaõ de ſua peſſoa taõ honeſtamente grave, que nunca ſe lhe vio acçaõ em que ſe naõ conſervaſſe o reſpeito. Por eſtas, e outras qualidades foy ſujeito verdadeiramente grande, em quem ſe continuou de ſeus aſcendentes a gloria, e que pera a memoria delles ſoube grangear com ſuas obras quaſi igual fama com a que já tinhaõ merecido.

Acabou á ſua cuſta no Convento da Cartuxa de Laveiras huma cella, a melhor que nelle ſe vê, e deixou ſincoenta mil reis de juro pera ſuſtento do Monge que a habitaſſe.

Deſcripçaõ da Capella, que fundou em Bemfica.

A Capella que lavrou no Convento de Bemfica, e nos ſervio de motivo á digreſſaõ, em que atéqui nos detivemos, de ſua vida, com propriedade ſe póde dizer, que forma outro novo Convento; pois naõ ſó comprehende em ſy quanto pede huma perfeita Igreja, mas acompanhada pollo lado direito, e emparada por detraz com hum dormitorio de dous lanços, que occupaõ vinte cellas, e mais officinas: compoem huma Caſa de Noviços; que quer parecer novo, e diſtincto edificio, mayormente ajudada pollа parte eſquerda da meſma Capella de hum palacio com apoſentos, e officinas neceſſarias pera hoſpedar hum Senhor com a familia de ſeu ſerviço; naõ ſem goſto, e recreaçaõ dos ſentidos, porque ao da viſta, a offerece pollas janelas hum breve, mas deleitoſo jardim com cerca particular, regado de hum grande tanque, que liberalmente lhe communica a agoa que bebe de hum ſombreiro de jaſpe vermelho; e juntamente hum fermoſo, e eſtendido vale de hortas, e arvoredo, pollo qual ſe dilata ſem impedimento, e com agrado ſempre a viſta. Aos ouvidos liſongea com brandos, e ſaudoſos accentos a muſica dos Roixinoes, e outras Aves, que naquelle retiro ſerve de deſpertar, e levantar á contemplaçaõ o penſamento.

He a obra da Capella Dorica, a proporçaõ Dupla, com quarenta palmos de largo, mais de ſetenta de comprimento. He de huma ſó nave de pedraria brunida, o lageamento de pedras de

de cores, tambem brunidas: fundaſe a mais architectura della em hum proporcionado pedeſtal, que em torno a circunda interiormente. Tem ſeis arcos com pilares interpoſtos ſobre baſes: capiteis, e ſimalhas tambem em torno, com ſeis luzes obradas com reſpeito á architectura. A porta principal tem no clauſtro do Convento, e ſobre ella pende hum eſcudo relevado das armas do Fundador. O tecto, deſpois de coroado com a ſimalha, he tambem de pedraria, apainelada com artezaens, e molduras: os dous primeiros arcos de ſeis, que a compoem, ficaõ nos Presbiterios; no da parte do Evangelho eſtá huma porta, que dá ſerventia pera a Tribuna, e apoſentos do Fundador: no outro da parte da Epiſtola, outra pera o ſerviço da ſacriſtia, os outros quatro occupaõ quatro ſumptuoſas ſepulturas, de pedras de cores luſtradas, que ſobre as coſtas ſuſtentaõ Elefantes de pedras negras.

No primeiro arco, que fica junto ao do Presbiterio da parte do Evangelho, eſtá a ſepultura de Dom Joaõ de Caſtro, com o ſeguinte Epitaphio.

D. *Ioannes de Caſtro XX. Pro Religione in vtraque Mauritania ſtipendijs factis, nauata ſtrenue opera Thunetano bello fælicibus armis penetrato; debellatis inter Euphratem, & Indum nationibus: Gendroſico Rege, Perſis, Turcis vno prælio fuſis; ſeruato Dio, imo Reipublicæ reddito, dormit in magnum diem, non ſibi, ſed Deo triumphator: publicis lachrimis compoſitus, publico ſumptu præ paupertate funeratus: obijt Octauo Id. Iunij. Anno* 1548. *Ætatis* 48.

Eſtaõ em o ſeguinte Arco, junto a eſte, os oſſos de D. Leonor Coutinho ſua mulher.

Da parte da Epiſtola, em o arco que reſponde ao da ſepultura de Dom Joaõ de Caſtro, eſtá a de Dom Alvaro ſeu filho, com o Epitaphio ſeguinte.

D. *Aluarus de Caſtro, Magni Ioannis primogenitus, cui penè ab infantia diſcriminum ſocius pugnarum præcurſor, triumphorum Conſors, æmulus fortitudinis, hæres virtutum, non opum: Regum proſtrator, & reſtitutor in Sinai vertice eques fæliciter inauguratus: a Rege Sebaſtiano Summis Regni auctus honoribus; bis Romæ, ſemel Caſtellæ, Galliæ, Sabaudiæ, legatione perfunctus, obijt* 4. *Kalend. Septemb. Anno.* 1575. *Ætatis ſuæ* 50.

Lo-

Logo no outro arco junto a eſte eſtà Dona Anna de Atayde mulher do meſmo D. Alvaro.

No vaõ deſta Capella ſe fez hum Carneiro com ſeis arcos de pedraria, em hum dos quais ha Altar pera ſe dizer Miſſa, e os mais tem repartimentos pera os oſſos, e corpos dos defunctos.

Sobeſe do pavimento deſta Capella por ſeis degráos entre dous presbiterios, nos quais eſtaõ as ſepulturas do Fundador, e ſua Irmam: a primeira da parte do Evangelho com o Epitaphio que ſe ſegue.

D. *Franciſcus á Caſtro, Epiſcopus olim Ægitanenſis, hujuſce Sanctuarij, ac interioris Cænobij fundator, hunc ſibi, dum viueret, tumulum poſuit, in quo & requieſcet poſt mortem.*

A ſegunda, com eſte, da parte da Epiſtola.

D. *Violante de Caſtro Cometiſſa relicta vidua Domini Alfonſi de Noronha, Comitis Odomirenſis hic quieſcit, obijt XIV. Kalendis Iulij, anno Domini DC.XXXXVI. Sorori optimæ, ſeu verius matri, Frater amantiſſimus dedit, poſuit.*

Sobre eſtes degráos eſtá o Altar de jaſpes brunidos, apartado do retabolo, em forma que fica emparando a entrada do Choro, que detraz do meſmo Altar tem os Irmãos da caſa de Noviços; e a que ſe entra por entre dous pedeſtaes de jaſpes brunidos de treze palmos de alto, nove de largura, onze de groſſura. No frontiſpicio delles ſe vem duas tarjas embutidas de jaſpes brancos, cercadas de ſuas faxas de outros pretos, na que fica da parte do Evangelho eſtá eſcrita a inſtituiçaõ da Capella na forma ſeguinte.

AD maiorem ineffabilis Euchariſtiæ venerationem, peculiarem Deiparæ Virginis de Roſario honorem; indiuiduam Patriarchæ Dominici, Martyrum Nazarij, Celſi, Victoris, ac Innocentij confeſſoris memoriam, ædem hanc in penetralibus Sacratiorem Erexit, Condidit, Dicauit D. Franciſcus á Caſtro Epiſcopus olim Ægitanenſis, Regis, ad ſtatus conſilia adſidens, rerum fidei moderator ſupremus. Anno Domini M.DC.XLVIII.

Na outra tarja, que fica da parte da Epiſtola, ſe contém as obrigagoens dos ſufragios, que por ſy deixou o Fundador, diz aſſi.

Inſ

INſtituit ad altare triplex iuge ſacrificium annuas pro defunctis vigilias, iuniorum cænobitarum adſciuit excubias, habitacula coædificauit: ſibi religioſe ante Dominum ſepultura prouiſa; maioribus ſuis poſuit monumenta, magis pie, quam magnifice, quorum poſteris ſubtus aram Conditorium fecit, legauit in hæc opera pietatis ſexcentos annuos aureos.

Sobre eſtes pedeſtais ſe levantaõ de cada parte tres colunas de folhagem até o meyo, que proſeguem em Eſtriado as dos cantos mais recolhidas, as outras duas mais ſahidas pera fóra, e corpulentas, entre ellas ſe abrem nichos de alto abaixo, que recolhem varias reliquias de Sanctos engaſtadas em cuſtodias de preço. Eſtas ſeis colunas, que todas ſaõ de lavores, vaõ receber a ſimalha do Altar, ſobre a qual ſe preſenta á viſta hum quadro da Cea do Senhor, de ſingular pintura, acompanhado de duas colunas de macenaria galantemente lavradas, que vaõ receber hum remate do meſmo quadro, unido já com a aboboda da Capella. Aos lados deſtas colunas ficaõ dous quartoens ornados com duas pyramides exteriores.

Por entre as tres colunas, de huma, e outra parte, que eſtaõ ſobre os pedeſtais, ſe fecha hum arco quaſi da meſma altura das colunas, que fica fazendo lugar ao Sacrario (em que ſempre eſtá o Sanctiſſimo Sacramento alumiado com duas alampadas de prata) Do pavimento que fica debaixo deſte arco ſe levantaõ oito colunas em eſtylo oitavado, que recebem huma charola alteroſa com ſeu zimborio, que ſe remata com hum Pelicano polla banda de fóra. Debaixo deſta charola ſe levanta hum throno em forma quadrada com quatro colunas pequenas, que fazem os cantos, com que ſe forma a primeira peça, na qual ſe abrem dous nichos, hum pera a parte do Choro, outro pera a Capella; o do Choro tem huma Imagem de noſſo Padre S. Domingos, o que fica pera a Capella occupa outra de noſſa Senhora de ſingular eſtimaçaõ por antiguidade, e feitio, he hum meyo corpo de alabaſtro, com o braço eſquerdo abraça o minino, que ſe ſuſtenta em pé ſobre huma almofada, e na maõ direita tem hum livro, tudo da meſma pedra. Dá a eſtas imagens ineſtimavel valor a antiguidade, que em outras naçoens, com mais primor, e felicidade, que na noſſa, avalia ſemelhantes obras; porque ſegundo a certeza que diſto ha, e o Biſpo tinha, eſtiveraõ eſtas imagens occultas, e ſepultadas no muro da Cidade de Tunes, deſde o tempo, que os Mouros a tomaraõ aos Chriſtãos, até que o Emperador Carlos Quinto lha ganhou, que entaõ ſe deſcobriraõ, naõ ſem myſterioſa circunſtancia, porque batendo a artilharia o muro, e arruinando parte delle, cahiraõ as imagens ſem padecer leſaõ algu-

alguma. O Infante Dom Luis, que neſta empreſa ſe achou com o ſoccorro de Portugal, grandioſamente abreviado naquelle celebre galeaõ de 366. Peças, e ajudou a ganhar a victoria, por deſpojo della eſcolheo ſó eſtas imagens, que deſpois deu a Dom Joaõ de Caſtro, Avô do Biſpo fundador.

Na entrada do Choro, debaixo do Sacrario, tem ſepultura raza o Padre Frey Fernando da Cruz, no ſeculo Dom Fernando Alvarez de Caſtro, Irmaõ do Biſpo Inquiſidor geral, que tomando o habito de noſſo Padre S. Domingos, entrado já na idade, e deſpois, que chamado de Felippe Quarto de Caſtella, foy naquella Corte do Conſelho de Portugal, podemos com rezaõ dizer delle, que ſó o habito mudou, naõ o inſtituto da vida, por ſer a ſua, em quanto ſecular, huma continuada, e reformada obſervancia das conſtituiçoens da meſma Ordem em todo o rigor, e aſpereza della; deſpois que as profeſſou ſe vio melhor eſta verdade, porque a pontualidade com que as guardava, acompanhada de huma rara humildade, naõ podia naquelles annos naſcer menos, que de huma facilidade religioſamente adquirida em todos os mais de ſua vida. Alguns annos dilatou a mudança de eſtado, naõ ſem grave ſentimento ſeu, obrigado do eſcrupulo que lhe faziaõ peſſoas doutas, que peſavaõ bem a falta, que no mundo faria a pobres, que em ſuas eſmollas, e piedade, tinhaõ remedio ſeguro. Venceo com tudo o eſcrupulo o dezejo de ſe ver por obrigaçaõ religioſo, ſendoo até entaõ ſem ella, e do tempo que entre nós viveo nos deixou novo exemplo, e novas ſaudades: achouſe por ſua morte hum jubaõ de bicos de ferro por dentro, que moſtrava haver uſado bem delle, e quais eraõ os exercicios em que entretinha a velhice.

He a Capella, de que temos tratado, da Inſtituiçaõ do Corpus Chriſti, e aſſi ſe diſſe nella a primeira Miſſa o oitavo dia deſta feſta, prégou o Padre Meſtre Frey Joaõ de Vaſconcellos: e porque da Eſcritura das Tarjas, em que diſſemos ſe continha inſtituiçaõ, e obrigaçoens della, aſſi polla brevidade, como por ſer em lingua Latina, naõ ficara a todos taõ notoria huma, e outra couſa, nos pareceo repetilla com mayor extençaõ, e clareza na noſſa lingua vulgar em beneficio dos curioſos.

Quanto ás obrigaçoens, a primeira, e principal, he conſervarſe neſta Capella perpetuamente o Santiſſimo Sacramento, com a veneraçaõ devida, e que ſe eſpera de Religioſos taõ obſervantes. Todos os Sabbados ſe renovará o Sanctiſſimo Sacramento, pera o que viraõ os Religioſos do Convento cantar Miſſa. Todos os annos no dia oitavo da feſta de Corpus Chriſti, que he o Orago deſta Capella, virá a communidade cantar a Miſſa conventual nella, e ſe exporá o Senhor, antes de começada Terça, e ſe recolherá acabada a Miſſa; tudo com a deſſencia declarada na inſtituiçaõ. No dia oitavo de Noſſa Senhora do Roſario, cuja feſta ſe celebra o primeiro Domingo de Outubro, ſe dirá a Miſſa conventual neſta Capella. O meſmo ſe fará no dia oitavo do Patriar-

cha S. Domingos, e no dia dos Santos Martyres, Nazario Celio, Victor Papa, e Innocencio Papa, e Confeſſor, que he a 28. de Julho, e no dia de S. Leonardo, que he a 6. de Novembro, ſatisfazendo ſempre com eſtas Miſſas cantadas a huma das tres daquelle dia.

Os ſuffragios pollos vivos, e defunctos, ſaõ os ſeguintes. Tres Miſſas quotidianas pollo Inſtituidor, por ſeus Pays, Avós, e Padroeiros, que ao diante forem deſta Capella, e pollos mais a que eſtaõ applicadas na inſtituiçaõ, e tençaõ do Fundador. Tres Anniverſarios em cada hum anno; hum no oitavo dia dos Sanctos, outro na ſemana ſeguinte, e o terceiro no dia do fallecimento do Inſtituidor.

O dote pera eſtas obrigaçoens, ſaõ duzentos, e quarenta mil reis, na forma ſeguinte. Quarenta mil reis pera a fabrica da Capella, ſegundo a ordem que ſe declara na inſtituiçaõ della. Sincoenta mil reis pollas Miſſas cantadas, e Anniverſarios. Cento, e vinte mil reis pera eſmola de tres Miſſas quotidianas. Trinta mil reis, pera ſe acudir ás neceſſidades dos Irmãos deſte noviciado, polla cuſtodia, e limpeza da Capella.

A prata que ha, e deixou pera ſerviço da Capella, he a ſeguinte. Huma Cuſtodia, duas alampadas, quatro piviteiros, huma ſacra, huma eſtante, humas laminas em que eſtaõ oraçoens da Miſſa, huma coroa do minino, que eſtá ſobre o Sacrario, huma Coroa da Senhora, e outra do Minino, que tem nos braços; dous calices, tribulo, e naveta, mais huma Cruz de ouro pequena, que o Papa Urbano Oitavo lhe mandou com indulgencia plenaria, e de Altar privilegiado, pera tirar huma alma do Purgatorio o Sacerdote que diſſer com ella Miſſa, e aſſi a levaõ todos ao peſcoço.

Alem deſtas peças, tem a Capella ornamentos ricos pera todas as feſtas duplicados, e alguns triplicados.

CAPITULO XIX.

Fundaçaõ do Convento, e Vigairaria da Cidade de Ceita, em que ſuccedeo a que a Ordem tem de preſente na Cidade de Tangere.

PORque o Convento que a Ordem fundou na Cidade de Ceita em Africa, e os Reys deſpois paſſaraõ a de Tangere onde hora eſtá, he taõ antigo, como a conquiſta da meſma Cidade, conquiſta que elRey Dom Joaõ Primeiro fez com as armas de Portugal, e por ſua peſſoa, e braço: juſto parece comeſſarmos a Hiſtoria por eſte ſucceſſo: que pois pera elle, e pera o Reyno foy de inextimavel gloria, naõ ſerá deſagradavel ao Leytor achallo eſcrito neſte lugar; e variar por hum pequeno eſpaço a liçaõ Eccleſiaſtica, com hum illuſtriſſimo feito de armas. Sendo eſtabalecidas pazes perpetuas entre eſtes Reynos, e os de Caſtella, deſpois das longas, e porfiadas contendas que tiveraõ, e duraraõ até ſucceder na Coroa de Caſtella elRey Dom Joaõ o Segundo, neto que foy do que perdeo a Batalha de Aljubarrota; determinou elRey Dom Joaõ de Portugal, que foy o que a ganhou, e todavia vivia, converter em danno, e offença dos inimigos pa ſancta fé, as

armas,

armas, que até entaõ trouxera ás coſtas, e em defender ſua peſſoa, patria, e vaſſallos, exercitara. Foy a primeira couſa, que a eſte fim ordenou, convidar por ſuas Cartas ao Infante Dom Fernando, tutor que era d'elRey minino, e Regente dos Reynos de Caſtella, pera de maõ commum fazerem guerra aos Mouros de Granada. Refuſou o Infante a propoſta, apontando inconvenientes: porem o Portugues naõ ſó naõ esfriou na tençaõ; mas criando brios, e tirando coragem da meſma difficuldade, e deſvios, que achava nos vezinhos, veyo a dar principio ao que dezejava com a occaſiaõ, que agora diremos. Tinha elRey D. Joaõ ſinco filhos baroens legitimos, e os tres delles com idade competente pera receberem a ordem de cavalaria, ſegundo coſtume daquelles tempos, e com gentileza de corpos, e força de membros pera bem a exercitarem. Tratou hum dia com elles de os armar cavaleiros, dizendo, que pera o tal auto publicaria, e aperceberia feſtas de tanta ſubſtancia, e cuſto, que o fizeſſem ſolemniſſimo, e pera ſempre memoravel, porque ordenaria juſtas, e torneos, proporia preços de grande valor, daria ſaraos Reays, e publicos, e eſplendidos banquetes: o que tudo juntaria em Lisboa, o melhor de todas as Provincias da chriſtandade, naõ ſó de grandes cavaleiros, mas até dos Principes. Eraõ os Infantes dotados de animo igual a ſeu ſangue, de conformidade reſponderaõ, que naõ quizeſſe Deos, que filhos de tal Pay, aceitaſſem nome de Cavaleiros entre feſtas de banquetes, e armas ocioſas, quais eraõ as de juſtas, e torneos, ſombras de guerras, e brigas fantaſticas: em verdadeiros perigos, quais elle experimentara, entre medos, ſangue, e mortes, eſperavaõ merecer, e aceitar a honra, e doutra maneira naõ; ſe quer pera em alguma couſa parecerem ſeus filhos. Se iſto faltava em Eſpanha, naõ ficava muito longe Africa, e a Cidade de Ceita, recheada inda daquellas meſmas armas, que foraõ inſtrumento do captiveiro de Eſpanha, e do atrevimento com que tantos annos fora piſada de Barbaros: foſſem, vingaſſem eſtas injurias, que em animos honrados ſempre deviaõ eſtar freſcas, ficaſſe com titulo de Cavaleiro, quem melhor as vingaſſe. Alegrouſe elRey dentro em ſeu coraçaõ (que no ninho moſtraõ quem ſaõ os filhos das Aguias) eſtimou o brio, reconheceo a razaõ: e aproveitou o dito; e pollo que deſpois ſe vio, tambem deſde logo a empreſa. Paſſou por entaõ ſem mais ſe declarar, nem fazer outra couſa. Mas em cabo de poucos dias deſpachou por Embaixadores pera Cicilia o Prior do Hoſpital, D. Alvaro Gonſalves Camello, e o Capitaõ Affonſo Furtado de Mendoça, com pretexto de reſponder ſobre certo trato de caſamento, que a Raynha daquella Ilha intentara neſte Reyno. Eſte era o mandado publico; porem de ſecreto aportar de caminho em Ceita (pera iſſo lhes deu huma Galé em que foraõ) conſiderar a fortificaçaõ, porto e deſembarcaçaõ. Eraõ ambos homens de guerra: o Prior exercitado nas de ſua Religiaõ contra Mouros, e Turcos: o Furtado nas de mar, e terra de Eſ-

Chron. de maõ d'el-Rey D. Joaõ Primeiro.

Duarte Nunes de Liaõ Chr. d'elRey D. Fernando an. 1371 f. 201. & an. 1382. f. 223.

panha, em tempo d'elRey Dom Fernando, em que já tinha titulo de Capitaõ, e Anadel mór do Reyno: e deſpois nas d'elRey Dom Joaõ Primeiro, ſobre a ſucceſſaõ do Reyno, e conſta, que por valeroſo era já eſtimado d'elRey Dom Pedro.

Entre tanto, determinado elRey já na empreza, hia com ſegredo, e diſſimulaçaõ, entendendo nos apercebimentos, que o tempo dava lugar; juntava dinheiro, que he o nervo da guerra, por todas as vias, que podia, ſem aggravo, nem prejuizo do povo. Mas ſendo de volta os Embaixadores, e dando boas novas do que acharaõ em Ceita, que eraõ, pouca força em Cidade grande, muita confiança, e igual deſcuido nos moradores, porto limpo, facil deſembarcaçaõ, porque tiveraõ lugar de ſondar tudo: começou a proceder com nova, e mayor diligencia, fabricando galés, e fuſtas, levantar navios de alto bordo, e fretar outros: juntar mantimentos, lavrar armas, encher almazens, e ao meſmo paſſo eſcrever gente por todo o Reyno. Tal era o aparato, que ſoou por Eſpanha, e fóra della, e fez entrar em cuidado os Reynos vezinhos, e afaſtados, como he coſtume. Pareceo, que convinha cubrir a determinaçaõ, e communicandolhe inimigo certo, e ſabido. Lançou primeiro voz, que era contra Olanda, de cujos moradores tinha queixa, por roubos feitos em navios Portuguezes, e logo pera ſe naõ duvidar da fama mandou hum valente Cavaleiro, por nome Fernaõ Fogaça, com embaixada ſolemne, e deſafio juntamente de guerra, declarada a ſogo, e ſangue, ao Duque Senhor da Ilha. Foy neceſſario o arteficio: porque ſegundo era grande o movimento no Reyno, e o numero das embarcaçoens, armas, e gente, que ſe apercebiaõ, nenhum vezinho, nem Mouro, nem Chriſtaõ ſe quietara, e até os Mouros de Africa achara prevenidos, ſe naõ enganara todos com a publicidade do deſafio.

Encarece a Hiſtoria, o numero de navios, e gente: mas nenhuma couſa aponta ao certo: ſalvo dos navios de remo, que diz foraõ quinze galés, e outras tantas fuſtas, as que elRey mandou fazer em Lisboa. No Porto fez o Infante Dom Henrique outras ſete galés: nellas, e em muitos navios de alto bordo, que tinha juntos, ſe embarcou com a gente de entre Douro, e Minho, e da Beyra. Do reſtante do Reyno correo a Lisboa: e era tanto o alvoroço com que todos ſahiaõ de ſuas caſas, que ſe eſcreve de tres velhos, que cada hum delles, ou paſſava, ou naõ tinha menos de noventa annos, ſe foraõ alegremente embarcar com o Infante: eraõ robuſtos de membros, e diſpoſiçaõ, e de bom nome nas guerras paſſadas; mas accuſando os annos a neve das barbas, e cabeça, e dizendo o Infante a hum delles, que trataſſe de ficar, e deſcançar, que baſtava o bem que tinha ſervido nos tempos atraz; reſpondeo, que por nenhum caſo deixaria de o acompanhar, que eſta jornada, dizia, quero eu, que ſeja pera exequias de minha ſepultura. Andava a gente exercitada de muitos annos: ninguem receava o embarcar: e na verdade

dade bem de invejar he tanta idade com tal robuſteza de corpo, e eſpiritu: mas eu quizera, que invejaramos os meyos, porque eſtes bons velhos chegaraõ a ella, que naõ foraõ outros, ſe naõ a criaçaõ virtuoza, e auſtera, que noſſos mayores ſeguiaõ na mocidade, e por toda a vida.

Juntouſe todo o corpo da armada em Lisboa: nomeou elRey por General dos navios dalto bordo ao Infante Dom Pedro ſeu filho ſegundo: tomou pera ſy o cargo dos do remo. Neſtes embarcou o Principe Dom Duarte (Infante era o titulo, que entaõ ſe lhe dava, como a ſeus irmãos) foraõ tambem na Armada o Condeſtabre Dom Nuno Alvares Pereira, e ſeu genro, o Conde de Barcelos, filho natural d'elRey: e o Meſtre de Chriſto Dom Lopo Dias de Souza; mas ſem cargo particular: e apoz elle toda a flor da nobreza do Reyno. Ficou por Governador do Reyno, e das peſſoas dos Infantes Dom Joaõ, e Dom Fernando, que pera as armas naõ tinhaõ idade, o Meſtre de Avis. Sendo junto taõ grande poder, ſem extorçaõ, nem dano, nem ainda queixa de ninguem, naõ faltaraõ caſos, que o vulgo ignorante, e inclinado ſempre a julgar o pior, torſia pera pronoſtico de ſucceſſos aveſſos, e triſtes. Vioſe quaſi juntamente em veſperas da partida a morte da Rayuha Dona Felipa, e hum eclypſe do ſol, que por vir em tal occaſiaõ, e durar grande eſpaço com hum aſſombramento da luz, ao parecer fóra do ordinario, metia grande pavor. Mas era o terceiro mais temoroſo: andava na Cidade, e Comarca huma peſte muy aceza, e naõ ardia menos na armada, esforçando o dano da contagiaõ o tempo calmoſo, e o concurſo da gente. Porem a Providencia Divina, que por ſeus occultos juizos mandava o açoute, que o povo padecia com a peſte, e os terrores, que recebia com os prodigios, que imaginava, tinha cuidado por outras vias de animar o bom Rey a ſeguir ſua empreſa, ſem receyo: e naõ eraõ os caſos, com que o obrigava, menos prodigioſos. Foy hum, que tendo elle em tanto ſegredo o fim da jornada, que ſó os Infantes, e poucos do Conſelho o ſabiaõ, hum dia ſe foy a elle hum homem ordinario, e ſem nome, e lhe preſentou em hum papel a pranta do ſitio, e aſſento de Ceita. Eſpantado elRey em ſeu animo, fez ſembrante de naõ eſtimar o que via: mas reconhecendo ſimplicidade em quem lho offerecia, levantou os penſamentos a ter o negocio por hum genero do aviſo do Ceo, pera naõ deſiſtir do comeſſado. Juntavaſe, que ſendo de ſua natureza taõ ſojeito a ſe perturbar com o ar do mar, que ſó de paſſar de Lisboa pera Couna enjoava piadoſamente; deſpois que comeſſou a entender em ſua embarcaçaõ, entrava nas galés, e náos, ſem nenhum pejo, nem final de enjoamento, e num mez que a jornada durou, paſſou da meſma maneira. Mas o que agora diremos, teve mais de maravilhoſo, e de mais conſolaçaõ. Hum Religioſo do noſſo Convento de S Domingos do Porto vigiava huma noite em oraçaõ diante do Altar de Noſſa Senhora do Roſario, e em aparelho

de

de prégaçaõ, que tinha á ſua conta no dia ſeguinte: era no fervor dos aparatos da guerra: devia requerer victoria, e bom ſucceſſo nella, eis que ſubitamente lhe fere nos olhos huma luz ſobrenatural, e ſe lhe repreſenta nella elRey Dom Joaõ, que bem conhecia, poſto de joelhos diante da Senhora com as mãos levantadas, e vio que lhe punhaõ nellas huma fermoſa eſpada, que de luzente lançava rayos, como o ſol. E naõ comprendendo quem lha dava; todavia notava ſer obra celeſtial. Conſiderava elRey os ſucceſſos todos: conferia huns com outros, e como ſeu animo era invencivel, e juntamente muito pio, e chriſtaõ, nem com os favoraveis recebia vangloria; nem ſe perturbava com os contrarios: offerecia a Deos igualmente graças por todos, e tendo aviſo, que eſtava tudo preſtes, mandou fazer ſinal de partida.

Gomezeanes Chr. d'elRey D. Joaõ I. na tomada de Ceita.

Era veſpera de Sanctiago Anno de 1415. foyſe elRey com as galés lançar ferro em Sancta Catherina, pera que ouveſſe lugar de ſe embarcarem todos: no dia ſeguinte, feſta do grande Patraõ de Eſpanha, ſahio polla barra fóra com a mais fermoſa Armada em numero, e grandeza, e bom aparelho de vélas, que nunca em nenhum tempo ſe tinha viſto em Eſpanha, e mandando navegar contra o Cabo de S. Vicente, foy ſurgir na villa de Lagos no Algarve com toda a Armada junta. Aqui ſahio em terra pera fazer feſta a Sanctiago. Mandou celebrar huma Miſſa ſolemne com prégaçaõ, que fez ſeu Confeſſor o Padre Frey Joaõ de Xira Dominico, e nella mandou declarar a todo o exercito a verdade da derrota, que levava, diſſimulada até aquella hora por bons reſpeitos com o deſafio de Flandres. Declarou o Prégador por extenſo todas as rezoens, que o obrigavaõ: das quais eraõ as principais a exaltaçaõ do nome de Chriſto, e de ſua ſancta Fé, e vingança dos inimigos della. Sobreveyo calmaria: foy força eſperar até os ſete de Agoſto. Neſte dia ſe tornou a fazer à véla, e ao ſabbado, que foraõ dez, dia de S. Lourenço, foy anchorar diante das Algueziras. Saõ as Algueziras dous eminentes cerros na Coſta de Eſpanha, que divididos entre ſy com eſpaço de terra em meyo, pendem igualmente ſobre as agoas de huma Bahia, que o mar abre quaſi defronte de Ceita. Em tempos antigos deraõ aſſento a huma forte Praça, fundaçaõ de Araves, como he o nome. Conhecida a fortaleza, e commodidade do ſitio, determinaraõ fazello aſſento, e cabeça de ſeu Imperio em Eſpanha. Creſceo com eſta tençaõ, e com a vezinhança de Africa, e Ceita, e fezſe Cidade taõ famoſa, que ſendo deſpois conquiſtada por elRey Dom Affonſo de Caſtella Onzeno, mereceo entrar nos titulos da Coroa de Eſpanha, como ſe fora hum Reyno, nelles, e no ſitio permanece o nome. A povoaçaõ acabou, ſem apparecer ſinal do que foy. Já neſte tempo era o Eſtreito, que os Romanos chamaraõ Gaditano, dandolhe o nome da Ilha, e Cidade de Cadiz: nos de Gibaltar, que por lugar mais vezinho lhe fica mais proprio: porque nelle ſe juntaõ as terras de Euro-

1415.

Europa, e Africa com tamanha vezinhança, que ameaçaõ quereremſe abraçar, e unir.

CAPITULO XX.

Proſegue a jornada de Ceita.

GRande, e naõ cuidado pavor, cahio ſobre toda a Coſta de Africa, e naõ menos na de Eſpanha, que ainda occupavaõ Mouros. De huma, e outra, ſe via com eſpanto o mar cuberto de navios, que faziaõ ſemelhança de hum grande boſque, movediço em meyo das agoas, que aſſombrava mar, e terra. Quem mais temia, eraõ as terras de Gibaltar, e ſeu contorno, cheyas de Mouros, e ſujeitas a elRey de Granada, por ſe verem abertas, e mal fortificadas; mas com mais fundamento eſtavaõ attonitos os moradores da grande Cidade de Ceita, onde os que bem entendiaõ, faziaõ juizo, que tamanho movimento, e poder taõ creſcido, naõ podia demandar, ſe naõ Cidade Real, e famoſa, qual era a ſua. Todos os Coſmografos antigos, aſſi Gregos, como Latinos, concordaõ, que o nome de Ceita teve principio de ſete montes, que naquella paragem ſe deixaõ ver do mar, taõ altos, e iguais entre ſy, que os Gregos lhe chamaraõ *Eptadelphos*, e os Latinos, *ſeptem Fratres*, que he o meſmo, que ſete irmãos. Abilavés Arabe, com outros Autores de ſua naſçaõ eſcrevendo, que foy a primeira povoaçaõ, que ouve em Africa, e ſeu fundador hum neto de Noe, a que naõ dá nome, diz que eſte lhe chamou *Septa*; porque na lingoa Caldea reſponde ao meſmo, que principio de fermoſura. E na verdade quadra bem com o ſitio; porque levantou aqui a natureza, como com conſelho, huma montanha de terra alta, e penhaſcoſa no meyo do mar, que terá boa meya legoa em roda, e eſtá, como ſe fora huma cabeça humana, juntou com o corpo da terra firme por meyo de huma eſtreita ponta, ou peſcoço de terra, de tal feitio, que ficando lavado das agoas de huma, e outra parte, deu baſtante aſſento pera huma grande, e fermoſa povoaçaõ. Per maneira, que de hum, e outro lado chegaõ ſuas muralhas a beber quaſi no mar: humas no de Ponente, e outras no de Levante: e ficando a Cidade ſenhora da montanha, que diſſemos (chamaõlhe Almina) que lhe fica nas coſtas, faz roſto a toda Berberia, com huma teſta taõ eſtreita, como he a groſſura do peſcoço, que diſſemos. E pollo meſmo caſo, he Praça fortiſſima, e que com rezaõ já no tempo dos Godos era havida por chave de Eſpanha contra os Barbaros: e andava em mãos dos que por melhores della eraõ avidos. Tal devia ſer o aſſento da Cidade de Corintho em Grecia, que pollos reſpeitos ditos chamavaõ ſenhora de dous mares: e por ſua fortaleza ſe meteraõ os Romamos tanto della, que por Decreto commum foy mandada aſſolar. Era neſte tempo ſenhor da Cidade Salabemſala, homem poderoſo, e rico, a quem obedeciaõ muitos outros lugares da Coſta: perſuadido pollas rezoens dos ſeus, que ſó a elle buſcava o poder que viaõ, deu rebate na Comarca, apelidouſe a terra

Chron.d' elRey D. Joaõ I

Iſidorus Etymol.l. 4. c. 5. de Libijn.

Ptholom. Geogresb lib.4. tub. 1. Libyæ. Mela lib. 5. c. 4. Plin. natur. Hiſt. l. 5. c. 11.

terra até bem longe ; gente, que polla mór parte vive no campo , uſo paſtoril , com poucas alfayas , e pouco que mover. Naõ tardou em acudir ao mar multidaõ ſem numero.

A ſegunda feira, que foraõ doze do mez, poz elRey as proas das galés ſobre a Cidade da banda do Ponente, pera começar a deſembarcar o exercito: deixou de o fazer ; porque acalmando o vento, foy a corrente , e peſo das agoas, levando os navios dalto bordo pera dentro do Eſtreito , e afaſtandoos demaſiadamente da companhia. Entre tanto quiz elRey ver ſe teria melhor deſembarcaçaõ da parte de Levante , onde chamaõ Barbacote : levouſe com as galés, e foyſe a ella em quanto a frota tornava. Junta toda a Armada em Barbacote , deu elRey ordem pera a deſembarcaçaõ: começavaõ alguns mais atrevidos a ſaltar na praya , e envolverſe com os inimigos , que ánimoſamente a defendiaõ: eis que ſe levanta hum temporal de Ponente , que ſem remedio fez eſcorrer de novo as náos groſſas contra Malaga: e as galés com muito trabalho puderaõ vencer a ponta da Almina , e em fim ſe tornaraõ a ajuntar no primeiro porto das Algezerias: daqui ſahio elRey em terra de eſpaſſo em hum cabo , que fica perto, que chamaõ punta del Carnero. Teve conſelho , em que ouve grande differença de pareceres; affirmando muitos , que era temeridade tentar terceira vez a deſembarcaçaõ, que duas vezes, como por ordem do Ceo , eſtorvara o vento; mas dado, que deſembarcaſſem muito a ſeu ſalvo, como ſe haviaõ de atrever a aſſentar arrayaes com gente enferma, fraca, e neceſſitada de mezinha , e deſcanſo : quando pera levantar vallos , e formar trincheiras convinhaõ animos, e forças dobradas , pois juntamente ſe havia de trabalhar , e peleijar , e iſto em terra de ſua natureza calidiſſima , que eſtava certo havia de aſcender de novo o mal , que traziaõ. Que o certo era recolher pera o Reyno com boa ordem , antes que a peſte os conſumiſſe de todo, e ſe todavia por reputaçaõ queriaõ tingir as mãos em ſangue inimigo , ahi tinhaõ Gibaltar, que cuſtaria menos, que Ceita, e naõ faltaria aos valentes em que moſtrar esforço, nem ao povo em que ſatisfazer a cobiça. Neſte ultimo ponto ſe affirmavaõ muitos ; mas elRey , que ſofria mal conſelhos pouco animoſos , ajudado dos Infantes, reſolveo , que em todo o caſo ſe acometeſſe a Cidade, com eſperança em Deos , que lhe daria victoria , e bom ſucceſſo. Era iſto aos 20. do mez ; mandou apregoar, que toda a armada ſe abalaſſe logo pera o meſmo lugar onde primeiro o ſurgira, da parte de Ponente , e no dia ſeguinte todo o homem eſtiveſſe com ſuas armas preſtes, pera ſeguir ſuas bandeiras com a primeira luz. A ordem havia de levar o Infante Dom Henrique com os ſeus a dianteira , que aſſi o tinha pedido, e alcançado d' elRey ſeu Pay, inda antes , que foſſem de Lisboa. Ganhada a deſembarcaçaõ aſſentaraõ arrayal na montanha de Almina, e fortificaraõ , pera della combaterem a Cidade.

Entre tanto o Mouro, ou de pouco practico nas couſas do mar, ou

ou porque todo o homem facilmente dá credito ao que deseja, ſe anda favorecido da fortuna, attribuhia a medo as duas retiradas dos noſſos, e julgava de os ver afaſtados, e ao parecer quietos no primeiro poſto das Algeziras, que deſconfiavaõ da empreza; e cheyo de alegria, e confiança, tratou primeiro de ſe deſobrigar dos hoſpedes amigos, que o vinhaõ ſoccorrer, que já lhe pareciaõ mais peſados, que contrarios, ou por ſobejos, e deſmandados (dizem que eraõ cem mil Alarves) ou o que he mais certo da avareza Mouriſca, por medo de fazer com elles alguma deſpeza, como era juſto, ſe mais os detiveſſe; mas naõ eraõ bem deſpedidos os Alarves, quando aos 20. do mez ſobre tarde, ſe começſou a mover toda a armada contra a Cidade, como eſtava aſſentado. Vivia Salabemſala taõ deſcuidado em ſeu penſamento do mal, que o eſperava, e davaſe por taõ ſeguro de todo o perigo, que vendo tornar os noſſos, mandou encher a Cidade de luminarias com deſprezo, e ſonfarrice: como acendendolhe faroes, pera que naõ erraſſem o porto. A Cidade grande, e allumiada, fazia famoſa viſta no mar, reſpondendo no fundo, e quietaçaõ das agoas, e eſcuridade da noite; outros tantos lumes, como em terra ardiaõ. Mas acontece muitas vezes fazerem os homens por ſuas mãos, e ſem o cuidar, agouro triſte contra ſy meſmos. Viſto como he couſa natural reveſtirſe de nova luz a candea, que vay acabando; aſſi foy final eſte fogo demaſiado, de haver de fenecer depreſſa o de Mafamede, que alli durava havia já ſetecentos annos. Amanheceo o dia de 21. de Agoſto (era huma quarta feira) mais claro, e fermoſo ao parecer de todos, e mais quieto do coſtumado. Meteoſe elRey em huma fuſta, veſtido em huma cota d' armas, roſto, e cabeça deſcuberta, dava ſua boa ſombra, e alegria certos ſinais de victoria: correo a armada, deu ſuas ordens aos Capitaens, e advertio cada hum do que havia de fazer com palavras, que em todos infundiaõ esforço, e confiança. Foy o primeiro a ſaltar em terra, e inveſtir nos Mouros, que a cobriaõ, o Infante Dom Henrique, e junto com elle o Principe Dom Duarte ſeu irmaõ: que tanto, que vio a elRey ſeu Pay divertido no officio de General, determinou elle tomar o de ſoldado: e pera ſer dos primeiros paſſouſe a ſeu irmaõ. Fazendoſe ambos companhia com até cento, e cincoenta ſoldados, que puzeraõ em terra, fizeraõ tal impreſſaõ nos inimigos, que abriraõ larga carreira, pera os que ſeguiaõ. Foy grande o peſo, que ſuſtentaraõ, porque encontraraõ com os melhores da Cidade, mas mayor o eſtrago, que fizeraõ, gente deſarmada, e atrevida, cortava o ferro por elles de ſorte, que quaſi naõ havia golpe daquelles braços vigoroſos dos Infantes, e dos que os acompanhavaõ, tudo gente eſcolhida, que deixaſſe corpo com vida. Entre tanto foyſe enchendo a praya da noſſa ſoldadeſca, e havia já nella trezentos homens dos melhores; e os barbaros eſcarmentados de taõ duro acometimento hiaõ largando o campo, e recolhendoſe pera a porta da Cidade. Reconhe-

ceraõ os Infantes deſconfiança nos Mouros : e fazendo conta que ſe ſuccedia fazeremſe ſenhores da porta, ou entrarem de miſtura com os que ſe retiravaõ, podiaõ naquelle dia dar fim á empreſa, lançaraõ maõ da occaſiaõ, que o caſo offerecia, apertaõ as eſpadas, e apellidando S. Jorge, e victoria, daõ de novo rijamente ſobre elles, e fazemnos apinhar todos ſobre as portas. Aqui ouve muitas mortes, reſiſtindo alguns Mouros com grande valor, e procurando outros ſer primeiro a entrar, e ſalvarſe na Cidade, foy grande o aperto, grande a grita, e tal a matança, que era tudo cheyo de corpos eſpedaçados, e corriaõ rios de ſangue : em fim por muito, que os defenſores trabalharaõ, nem puderaõ ſerrar as portas, nem tolher entrarem os noſſos de volta com elles.

Neſte tempo Salabemſala arrependido tarde de ter deſpedido os que o vinhaõ ſoccorrer, e deſeſperado, com a primeira nova das portas ganhadas, de poder ſuſtentar a cidade contra tamanho poder, tratou de ſe pôr em ſalvo com ſeu theſouro, e mulheres : e ſem tentar outro genero de reſiſtencia, ou defençaõ, poz-ſe a cavallo, e deſemparou a terra. Naõ o faziaõ aſſi muitos dos moradores antigos, que ſem embargo de ſe verem entrados, animavaõſe huns aos outros a morrer pollas cazas, em que foraõ naſcidos, e criados, e tomando forças da deſeſperaçaõ, peleijavaõ como leões. Mas os Infantes vendoſe ſenhores da porta, e tendo já conſigo hum corpo de quinhentos homens, deixada nella baſtante guarniçaõ, quizeraõ proceder com prudencia na entrada da cidade : tomaraõ hum teſo, que acharaõ entrando ; e feitos fortes nelle, foraõ dando lugar a que acudiſſem mais companheiros : era já com elles o Conde de Barcellos ſeu irmaõ, e recreſcia por momentos a ſoldadeſca. Dividiraõſe entaõ, e o Principe foy ſubindo aos lugares mais altos, e fazendoſe ſenhor de todos até chegar ao mais eminente da cidade, que chamavaõ o Ceſto : o que naõ foy ſem grande trabalho, e muito ſangue ; porque achavaõ tudo cheyo de inimigos, e ſobre a fadiga de peleijar, ferir, e matar, era inſoportavel a força do ſol, e da ſede, que huma, e outra couſa abraſava os membros abafados do peſo das armas. O Infante Dom Henrique, e o Conde de Barcellos tomaraõ pollas ruas debaixo, fazendo conta, que o Principe, como naõ tiveſſe que fazer no alto, deſceria a juntarſe com elles. Mas ſuccedeo differentemente ; porque ſeguindo o Infante polla rua direita adiante, foy dar em outro muro, que fazia diviſaõ do reſto da cidade : e parecendolhe, que convinha paſſar além, achou huma pequena porta junto aonde era a Aduana, a qual defendiaõ tanto numero de Mouros, e taõ inteiros, que por muitas vezes fizeraõ retirar os noſſos, ſem baſtar a prezença do Infante para os ter. Mas elle fazendo ſó por ſeu braço mais, que muitos homens juntos, era eſpanto o que ſofria, e trabalhava. Era eſte Infante filho terceiro d'elRey, e em idade de 21. annos, robuſto, e membrudo ; e taõ parecido com elle em tudo, que

que de roſto, e coraçaõ, era hum retrato do Pay; do que naſcia ſerlhe grandemente affeiçoado. Conta a Hiſtoria, que foy a briga taõ porfiada, largando ora os noſſos a rua, ora tornando a levar diante de ſy os Mouros, e matando muitos, que em fim, deraõ com elles polla porta dentro, e entraraõ de miſtura o Infante, e os ſeus, que já a eſte tempo naõ eraõ mais, que 17. do que era cauſa ſerem as ruas taõ eſtreitas, que naõ podiaõ peleijar ſenaõ muy poucos em fileira: e com tal occaſiaõ davaõſe huns a roubar, outros a buſcar remedio contra o fogo da ſede, e do ſol, e das armas. Mas parece, que eſtava guardado todo o peſo deſte dia para o Infante Dom Henrique. Franqueada a porta que diſſemos, encontrou logo outra, e naõ menos numero, e esforço, e força de teymoſos defenſores. Peleijou com todos, e recebeo algumas feridas, até ſe fazer ſenhor della: o que foy cauſa de ſe publicar, que era morto, aſſi polla braveza com que ſe empenhou neſte feito, como polla tardança, que ouve em apparecer, e por ſerem mortos alguns homens de grandes pedras, que os inimigos ſoltavaõ dos muros.

ElRey entre tanto, tendo poſto em terra todo o poder de ſua gente, ſentouſe na porta da cidade, e mandou fazer alto, até ſaber ſe eſtava a cidade de todo ganhada; porque naõ havendo nella reſiſtencia, queria entrar a combater o Caſtello. Era já ſobre tarde, quando teve aviſo, que ſó o Caſtello reſtava por conquiſtar: entrou entaõ até huma Meſquita, que deſpois mandou ſagrar, e quiz que tiveſſe o nome do Martyr de ſua devaçaõ S. Jorge. Aqui o vieraõ demandar, e darlhe os parabens da victoria o Principe, e Infante, e Conde de Barcellos, quanto podia ſer gentiſhomens do pó, e ſuor os cobriia; e de muito ſangue, que os tingia, em eſpecial ao Infante Dom Henrique, que de mais de ſangue inimigo, vinha banhado em muito proprio de algumas feridas, que trazia, de que as mais eraõ nas pernas. Começava elRey a dar ordem no que ſe havia de fazer para o dia ſeguinte no acometimento do Caſtello, quando ſoube, que eſtava ſem defenſa, e deſpejado. Mandou logo arvorar ſobre a mais alta Torre o eſtendarte Real, e deu o cargo de guardar a Praça ao Alferes delle, chamalhe o Chroniſta a bandeira de S. Vicente. Devia ſer por trazer pintado eſte Sancto, de que elRey era muito devoto, ou por ventura por ſer a bandeira da gente de Lisboa, e querer fazer eſta honra á Cidade. E com eſte ultimo feitio ficou elRey Dom Joaõ Primeiro de Portugal ſenhor da mais inſigne povoaçaõ de todas as Provincias de Africa; deſpois de ſe contarem ſetecentos annos, que os Mouros a tinhaõ ganhado ao ultimo Rey Godo, Dom Rodrigo.

Da Chronica de maõ c. 28.

CAPITULO XXI.

Purificaõſe as Meſquitas : Jagraſe huma com nome de S. Jorge para Moſteiro de S. Domingos : ficaõ nelle os Frades da Ordem, que hiaõ na armada. Daſſe conta de dous bravos cercos, que os Mouros poſeraõ á Cidade, e do glorioſo fim, que tiveraõ.

TInhaſe moſtrado elRey D. Joaõ taõ agradecido de animo, e obra, às grandes boas venturas, que Deos lhe tinha dado nos tempos atraz, fazendoo Rey, e Senhor pacifico de hum Reyno, que primeiro procurava, e defendia para outrem, e deſpois teve quaſi todo contra ſy, que em paga, e premio deſta virtude, que muito eſtimava, lhe quiz de prezente dar huma Praça nas mãos, que era terror de Eſpanha, e gloria de Africa : e para moſtrar, que ſó de ſua Divina maõ vinha tal dadiva, deulha com tanta facilidade, e taõ ſem ſangue, que acometendoa huma manham, foy ſenhor della antes da noite, e ſendo o combate taõ arriſcado, naõ ouve nelle de noſſa parte mais, que ſete mortos. Foy tambem circunſtancia, que elRey muito eſtimou, ſuccederlhe tal favor no Oitavario da glorioſa Aſſumpçaõ da Virgem Mãy de Deos, a cujos meritos, e interceſſaõ referia os melhores ſucceſſos de ſua vida. Na veſpera de ſeu dia naſcera, em ſua veſpera ganhara a precioſa batalha de Aljubarrota : emfim em ſua veſpera veyo deſpois a fallecer, contando de vida cheya de proſperidades ſetenta, e ſeis annos, e quarenta, e oito de Reyno. Mas naõ tardou com o devido agradecimento a eſta ultima victoria, da maneira, que entaõ podia, que foy no Domingo ſeguinte fazer ſagrar a Meſquita mayor á honra, e nome da Sagrada Virgem, e de ſua ſoberana Aſſumpçaõ : ouvir Miſſa nella, e do noſſo Padre Frey Joaõ de Xira a prégaçaõ. Nella em nome dº elRey, e de todo o exercito, deu o Prégador as graças ao Senhor dos exercitos, trocando chriſtaõ, e aviſadamente o dito taõ ſabido de Julio Ceſar, *Veni, vidi, vici*, e dizendo, *Veni, vidi, vicit Deus.* Vim, vi, e Deos venceo : e logo armou cavaleiros o Principe, e Infantes, e Conde de Barcellos.

Foy primeiro cuidado deſpois da victoria, conſultar, que ſe havia de fazer da cidade. Se ſeria bem deixalla abraſada, e poſta por terra, ou meterlhe preſidio, e ſuſtentalla. Ouve no caſo varios, e muy encontrados pareceres. Requeria a mayor parte conſtantemente, que ſe aſſolaſſe, provando com urgentes rezoens, que nem a Portugal convinha manter tal Praça, nem o Reyno tinha baſtantes forças para a ſuſtentar : e como eſtava dividida delle com tanta terra, e mar em meyo, impoſſibilitava a diſtancia o ſoccorro em huma neceſſidade : de ſorte, que o meſmo era ficar nella guarniçaõ, que entregalla ſabidamente ao cutello dos infieis : porque ninguem duvidava, que na hora, que deſapareceſſe a Armada, havia de vir ſobre ella toda Berberia. E dado, que ouveſſe tempo de ſer ſoccorrida, era mayor a difficuldade : porque em tal caſo naõ devia, nem poderia ſer menos poder, que

o que

o que alli eſtava junto, nem com menos deſpeza, que a daquella Armada, que todos ſabiaõ deixara o Reyno exhauſto de gente, de dinheiro, de mantimentos: que para o brio, e cavalaria dos Infantes, e honra de Portugal, ſe tinha feito aſſaz naquelle acometimento: que pois Deos os ajudara com taõ manifeſto favor ſeu, o certo, e acertado era cortar todos os caminhos de tentar mais a fortuna em tal lugar: quanto mais, que naõ cabia em regras de prudencia tomar Portugal á ſua conta defender hum lugar, onde havia de ſer ſeu todo o trabalho, e deſpeſa, e riſco, e o proveito ſó das terras de Andaluzia, e Caſtella, que com elle confinavaõ: que olhaſſem para o exemplo, que a meſma Africa lhes offerecia na grande cidade de Cartago. De a naõ aſſolarem os Romanos da primeira vez, que a conquiſtaraõ, naſcera terem com ella ſegunda, e muy perigoſa guerra; e ſer neceſſario naſcer outro Scipiaõ para a domar: e porque a experiencia lhes moſtrou o engano do primeiro conſelho, naõ ſe quizeraõ enganar na ſegunda guerra, e ficou entaõ abraſada, e deſtruida: em fim affirmavaõ, que em quanto Ceita eſtiveſſe em pé, e por conta de Portuguezes, eſtava aberta para elles huma fonte perenne de gaſto, de trabalhos, de ſangue, e viva, e certa huma occaſiaõ para algum ſucceſſor ſeu, que foſſe, ou ſobejamente zeloſo, ou demaſiado atrevido, ſepultar algum dia naquelles campos a ſy, e a todos os ſeus. Naõ eraõ bem ouvidas eſtas rezoens dos Infantes; que como tinhaõ por ſua a môr parte da honra, que alli ſe ganhara, e viaõ, que ficava enterrada, e perdida, ſe ſenaõ ſuſtentavaõ aquellas torres, e muros, que lha deraõ: e viaſe-lhes nos ſembrantes, que ſe dezagradavaõ muito dellas. Alegrouos o Pay, acudindo com a reſoluçaõ de defender a Cidade em breves palavras, que a Deos tomava por teſtemunha, que o naõ trouxera áquelle lugar o goſto de ſeus filhos, nem nenhum apetite de gloria humana; ſenaõ ſó dezejo de empregar ſeu braço, e os de ſeus filhos, e vaſſallos, em ſerviço do meſmo Deos, e exaltaçaõ de ſua fé; que aſſi como elle conhecendo ſua tençaõ lhe dera taõ fermoſa victoria: aſſi confiava de ſua miſericordia lhe daria outras muitas, pollo tempo adiante a elle, e a ſeus ſucceſſores: e tanto mais aventejadas, quanto conhecia, como bem lhe diziaõ, que ſe obrigava a gaſtos, e perigos, para ſegurança, e remedio alheyo, mais que proprio; mas que tambem ſe vencia muito de huma rezaõ, que lhe fazia lembrar o que alli ouvira de ſucceſſos da antiguidade; porque lera entre elles, que hum Cidadaõ dos mais ſizudos de Roma encontrara a deſtruiçaõ da meſma Cidade de Cartago, affirmando, que na hora, que faltaſſem inimigos áquella Republica, ou ſe perderia por ocioſidade, ou converteria contra ſy meſma o valor de ſuas armas. E porque o tempo moſtrou, que fora genero de prophecia aquella boa conſideraçaõ, determinava conſervar a Praça de Ceita, para eſcolla de exercicio da nobreza, e povo de ſeus Reynos; e aſſi o aſſentava, e queria.

Tra-

Tratouſe logo em ſegundo lugar de quem ficaria com o governo da Cidade. Acompanhava a elRey Martym Affonſo de Mello, fidalgo velho, que nas guerras paſſadas tinha procedido em ſemelhantes cargos com tanta prudencia, e esforço, que na opiniaõ commum, ninguem lhe fazia ventagem pera o preſente. Declaroulhe elRey, que o tinha eleyto pera elle; mas o bom velho, receoſo de perder em hum dia o credito em muitos annos ganhado: com a confiança, que lhe davaõ ſuas obras, e vida paſſada, chammente ſe eſcuſou. He fama, que ſoando iſto entre os fidalgos, com encarecimento do riſco, que correria quem ficaſſe, Dom Pedro de Menezes, que ſe achava a caſo com outros mancebos em hum jogo de campo, e de exercicio, levantando hum troço de páo, com que acodia ao jogo (chamavaõlhe os que jugavaõ Alco) diſſe alto, que com aquelle Alco, ſem mais armas, ſe atrevia elle a defender Ceita. Eſta he a fama, e tradiçaõ, que hoje dura. Mas o que achamos eſcrito he, que tanto que ſoube, que Martym Affonſo refuſava o trabalho, procurou elle por meyo do Meſtre de Chriſto, que lhe foſſe encomendado, e elRey o ouve por bem: e deixandolhe dous mil, e ſetecentos ſoldados, ſe fez à véla para o Reyno em dous de Setembro.

Gomezeanes de Zurara p. 3. da Chr. de maõ d' elRey D. Joaõ I.

Aſſi vay cerrando a relaçaõ deſta jornada o Chroniſta, ſem nos deixar memoria de muita gente Eccleſiaſtica, e religioſa, que ſe embarcou nella; nem de hum auto, que precedeo a partida d' elRey, o qual ſem authoridade ſua naõ podia ter effeito: que foy a fundaçaõ do Convento de S. Domingos, que entaõ ficou começado, aceitando a reſidencia delle os mais dos noſſos Frades, que hiaõ na Armada, excepto o Prégador Frey Joaõ de Xira, que voltou com elRey, como era rezaõ. Queixa tenho geral de quaſi todos os Chroniſtas ſeculares antigos, e modernos, que gaſtando muita tinta, e papel, em qualquer expediçaõ, ou ſucceſſo de guerra, ou outra materia de eſtado temporal dos Reys, facilmente deixaõ cubertas de ſilencio as obras, que pertencem à Fé, e à Religiaõ, que na verdade ſaõ as mais heroicas de todas, e que mais louvor grangeaõ aos Principes diante de Deos, e dos homens, como já em outra parte apontamos. Colligeſe da Chronica, como por adevinhaçaõ (pudera ſer relaçaõ clara, e diſtincta) que elRey foy o que eſcolheo para Igreja de S. Domingos a Meſquita, em que quando primeiro entrou na Cidade, foy buſcar reparo do fervor da calma. Diz a Chronica, que temos de maõ, começada por Fernaõ Lopes, e proſeguida por Gomezeanes de Zurara, e acabada por outro Autor ſem nome, fallando d' elRey palavras formais: O qual eſtava em outra Meſquita, donde agora he o Moſteiro de S. Jorge: e como em Ceita, nem entaõ, nem grandes annos deſpois ouve outro Moſteiro, bem provado fica, que eſte foy o nome, e ſitio do noſſo. Às memorias, que temos na Provincia, apontaõ entre os religioſos, que logo ficaraõ em forma de communidade, quatro principaes,

cipaes, dos quais diz, que tinhaõ ſervido cargos de importancia na Ordem, e eraõ peſſoas de muita conta: a ſaber, Frey Affonſo d'Alfama, Frey Pedro Pinto, Frey Gil Mendes, Frey Roget Ingres de naçaõ, mas filho deſta Provincia, e outros.

Sabemos deſtes Padres, que padeceraõ neſta primeira aſſiſtencia grandes trabalhos, grandes medos, e ſobreſaltos, ſervindo aquelle preſidio com charidade, e continuaçaõ corporal, e eſpiritualmente, a muitos de enfermeiros, a todos de medicos das almas: e iſto em longo diſcurſo de annos, e em dous apertados cercos de Mouros. Foy o primeiro tres annos deſpois d'elRey hido: juntaraõſe cento, e vinte mil Barbaros por terra, e muitas galés, e outros navios por mar: deraõ ſobre a cidade com furia de gente, que ſe tinha por afrontada. Mas acharaõ em D. Pedro, e ſeus companheiros tal reſiſtencia, que ſe levantaraõ com perda de mais de tres mil, e eſtes dos melhores, como he ordinario em ſemelhantes aſſaltos. Naõ tardou muito ſegundo acometimento: deuſe por obrigado elRey de Granada a ſer valedor a ſeus amigos, e parentes: e tambem havia por ſoſpeitoſa, e mal ſegura pera ſy a vezinhança dos Portuguezes por eſta parte: determinou fazer ultimo esforço pollos lançar fóra: e deſprezando Alarves mal providos de armas, e menos de animo, e conſtancia, juntou tudo o que havia de bom em ſeu Reyno, gente exercitada nas guerras de Eſpanha, homens de honra, e bem armados, tiradores déſtros, e valentes: e poſtos em ſetenta, e quatro galés, com Muley çayde ſeu ſobrinho por General, tomaraõ terra, e fortificaraõ o meſmo ſitio da Almina, que elRey Dom Joaõ dezenhara, quando alli chegou, para aſſento, e alojamento de ſeu campo. Aſſentado o Arrayal, foy eſtranho o animo, e pertinacia, com que apertaraõ a cidade. Amiudaraõ os combates, hora da parte da Almina, hora da banda contraria da terra firme, hora de ambas juntamente, e tanta era a preſſa, tanta a força, e esforço, que naõ davaõ hora de repouſo aos cercados: e naõ faltando ao valor boa ordem militar, refreſcavaõ por momentos a briga com gente nova, e deſcançada: com o que chegaraõ os noſſos a grande extremo: porque ainda que dos cercadores era infinito o numero, que moriaõ aſſi por ſua braveza, como pollo cuidado grande, com que Dom Pedro acudia a tudo, ſendo ſempre o primeiro a defender, e offender, e pollo numero exceſſivo de inſtrumentos de defençaõ com que tinha provido muros, e torres; todavia a multidaõ, com que os inimigos ſobrepojavaõ, tinha em peſo, e igualdade a balança deſte feito. Morriaõ os Granadinos por moſtrar a ventagem, que faziaõ ſeus braços aos Africanos: abalançavaõſe a todo perigo temerariamente, e tendo por certo: que ſe tardavaõ em ganhar a Praça, naõ tardaria de Portugal ſoccorro aos cercados, ſem nenhum cuidado de ſe poupar, recebiaõ a morte: entre os noſſos naõ era o perigo tamanho, como o mal, e canſaço de eſtarem ſempre com as armas nas mãos:

e com

e com tudo morriaõ muitos, e quaſi todos eraõ feridos. E conta a Hiſtoria, que ouve dias, em que as mulheres veſtiraõ as armas, e ſubiraõ ao muro, naõ ſó pera repreſentaçaõ de corpo de gente, mas tambem pera jugarem dellas, e pera ferirem, e matarem.

Donde fica bem provado, que naõ eſtariaõ os Religioſos em tal tempo eſcondidos pollos cantos das celas; mas tambem ſobre as muralhas animando, e lembrando a todos a honra de Deos, e do Rey, por quem derramavaõ o ſangue: ao modo, que noutro tempo fazia noſſo Sancto Patriarca, contra os herejes Albigenſes. Daqui me perſuado, que tinha ſua origem o grande amor, e reſpeito, com que os ſucceſſores deſte famoſo Capitaõ, que ſaõ os Marquezes de Villa-Real, honraraõ ſempre a noſſa Ordem. Deſpois de varios, e perigoſos trances, teve o cerco glorioſo fim: porque deſcubrio huma manham de parte do Ponente hum fermoſo numero de vélas, que logo foy entendido ſer ſoccorro de Portugal. Eraõ os Infantes Dom Henrique, e Dom Joaõ, que o capitaneavaõ: e foy tal o animo dos cercados, ſó com a viſta do mar, que o tiveraõ pera cometer hum temerario feito, e que lhes pudera ſer muy cuſtoſo. Abrem as portas, ſahem de tropel, aſſaltaõ os Granadinos dentro em ſeus alojamentos: pareceo obra de rayva mais, que de valor. Acodem os inimigos, travaſe furioſa batalha, e ainda que os fazia deſmayar o meſmo, que animava os noſſos, que era a viſta do ſoccorro, foy brava, e deſeſperada a reſiſtencia, que fizeraõ. Foraõ em fim entrados, vencidos, e desbaratados, ſem eſcapar Mouro, de morto, ou captivo. O meſmo Sayde acabou peleijando, como valente cavaleiro, ſem querer ſalvar a vida, como pudera, ſeguido na reſoluçaõ de muitos Alcaides, e da flor da Corte de Granada. Aſſi foy eſpectaculo cheyo de horror, o que os Infantes acharaõ deſembarcando; montes de armas, e corpos de inimigos mortos. Os noſſos deſfigurados todos, parte do trabalho paſſado no cerco, parte do fervor, e aperto da briga preſente, que ainda lhes tinha os roſtos infiados, e os corpos, e armas cubertas de ſangue, muito delle proprio, porque naõ foy pouco o que lhes cuſtou a victoria; mas muito mais dos Mouros: e tal foy o principio, que teve o noſſo Convento de S. Jorge de Ceita.

CAPITULO XXII.

Do tempo, que os Religioſos de S. Domingos reſidiraõ em Ceita, & como ſe tresladou o Convento pera a Cidade de Tangere.

CEnto, e trinta annos havia, que os noſſos Frades reſidiaõ em Ceita, quando á petiçaõ d'elRey Dom Joaõ Terceiro de Portugal foy aſſentado em hum Capitulo Geral da Ordem, celebrado em Roma, Anno de 1546. que ſe paçaſſe pera Tangere. Eſtá ſituada a Cidade de Tangere na meſma Coſta do Eſtreito, no mar Oceano, junto a hum famoſo Cabo, que os Geographos antigos chamaraõ Ampeluſia, pollas muitas vinhas que tinha, e hoje ſe cha- 1546.

ma

ma Cabo de Eſpartel, em diſtancia de nove legoas de Ceita. Foy chamada dos Romanos primeiro Tingi Cæſarea, deſpois Julia Traducta, lugar taõ antigo, e nobre, que na repartiçaõ das Provincias de Africa, tomou delle nome a Mauritania Tingitana. Daõlhe por Fundador hum Anthæo, taõ rico de forças, e valentia, que lhe achou ſitio a antiguidade pera fundar nelle muitas fabulas. Cuſtou muito ſangue a Portugal de duas vezes, que foy cometida por noſſas armadas, e de nenhuma ganhada. Em fim conquiſtando elRey Dom Affonſo Quinto Arzilla, terra da meſma Coſta, fizeraõ conta os Mouros, que a naõ poderiaõ ſuſtentar. Deſemparada por elles veyo a noſſas mãos. Mas naõ foy poſſivel executarſe logo a mudança do Convento: porque os moradores de Ceita naõ acabavaõ conſigo conſentir nella, e requeriaõ efficazmente a elRey, que era dura couſa desfazerſe huma irmandade taõ antiga, como a conquiſta da meſma terra. Alegavaõ, que os tinhaõ por meſtres na doutrina, companheiros nos trabalhos, por enfermeiros, e alivio nas doenças; e os Padres correſpondendo a eſta boa vontade, foraõ diſſimulando com a tranſmigraçaõ, até que elRey Dom Sebaſtiaõ paſſou a primeira vez a Africa, que foy no Anno de 1575. quaſi trinta annos deſpois da aceitaçaõ do Capitulo: entaõ mandou elRey a noſſos Prelados, que ſem dilaçaõ fizeſſem deſpejar o Convento de S. Jorge de Ceita: e paſſaſſem os Frades para o que em Tangere poſſuhiaõ os Religioſos da Sanctiſſima Trindade: porque como eſtes Padres por particular inſtituto exercitaõ a redempçaõ dos cativos, ficavalhes atraz maõ a reſidencia de Tangere; e muito acomodada pera o Comercio de toda Berberia a Cidade de Ceita, polla vezinhança, que tem com a Villa de Tithuaõ, e polla meſma via com os mayores lugares de Africa. Caminharaõ os Frades de S. Domingos pera Tangere, e os da Trindade pera Ceita, com trocadas caſas: chegados os noſſos a Tangere, a primeira couſa, em que enteraõ, foy aſſentar com muita devaçaõ, e concerto a Confraria de Noſſa Senhora do Roſario, que ſendo recebida com grande vontade de toda a nobreza, e povo da Cidade, com mais particularidade tomaraõ á ſua conta o ſerviço do ſeu Altar, e irmandade os Atalayas, e Almocadens, e homens do Campo, que como ſaõ os que ſempre andaõ na dianteira, e na boca dos mayores perigos, folgaõ tambem de ſe adiantar neſte exercicio, e tem experimentado nelle notaveis mercês da Senhora, e caſos milagroſos. He o campo de Tangere muito ſego, e dobrado, e pollo meſmo caſo muito ſujeito a ſiladas, e enganos dos Mouros. Acode a gente pia aos remedios do Ceo. Saõ de ver os Roſarios lançados ſobre os arnezes, como precioſo Arreyo: e no meyo das brigas, que neſte lugar ſaõ mais continuas, que em todos os mais da Coſta, ſoa o nome da Virgem glorioſa entre o fogo dos pilouros, e a furia das lançadas. Mas naõ he menos de ver, quando na entrada dos mezes acode a cidade toda aos cileiros Reays, a receber ſua porçaõ, e ſoldo,

1575.

que ſe lhe paga em trigo; a liberalidade, e goſto com que todos os eſtados de gente, aſſi Cavaleiros, como piaens, repartem do ſeu paõ com a Confraria da Senhora, que he o meſmo, que tirallo da boca, pera que no ſeu Altar haja continuaçaõ de ſacrificios, e deſſencia, e concerto nos ornamentos.

He conſignaçaõ, e ordinaria perpetua dos Reys pera os Religioſos, que aqui mandaraõ aſſiſtir, dezoito moyos de trigo de Alemtejo, ou anafil de Caſtella, pera cada hum anno: e oito botas de vinho, de trinta almudes a bota; huma pipa, e meya de azeite, e outro tanto de vinagre, e cento, e ſincoenta mil reis em dinheiro, e de mais a cada hum quatro mil reis de viatico pera quando vaõ do Reyno.

Eſta Caſa de Tangere, he fama, que em tempo muito antigos foy Palacio Real: e deixaſe ver na curioſidade, e policia, que em muitas partes tem a fabrica, que naõ edificavaõ os Arabes naquella idade ſem regras, e ſciencia de architectura, em hum angulo da Craſta ſe vê ſumido na parede hum pedaço de marmore de ſete palmos de comprido, e dous, e meyo de largo, em que ha 18. regras ao comprimento da pedra, de letras Aravigas, cortadas de relevo com tanta delicadeza, e primor, que ſenaõ póde mais dezejar. Enxergaſe nellas, que foraõ antigamente douradas, e os campos inda hoje ſe moſtraõ tintos de verde, e azul. Em roda guarnecem o Marmore lavores de geſſo Mouriſcos em relevo, como por credito, e honra delle, e do que contém. Como entraraõ Padres letrados, e bem entendidos, eſpertouſe a curioſidade, procuraraõ ſaber o que continha. Cuſtou todavia trabalho; porque viſto por Mouros, e Judeos, que foraõ buſcados pera a interpretaçaõ, acharaõ cifrada nas poucas regras huma taõ comprida leytura, que tomada em papel, encheo huma grande folha. Affirmavaõ, que em cada letra havia particular conceito, e ſignificaçaõ de couſas varias. A ſubſtancia he parte louvores da falſa Ceita, e de ſeu Autor Mafamede, parte patranhas da antiguidade, contrarias à verdade ſabida das Hiſtorias Catholicas. Por iſſo deixamos de a lançar aqui, e tomamos ſó della o que pertence à Cidade, e obra do Convento, que he o ſeguinte.

DEſpois deſte tempo veyo o noſſo convertedor, e Profeta Mafoma, filho de Abdelá, e começou de converter em Meca os filhos de Abraham, e veyo a vencer todas as terras dos Romanos, e aſſi a terra de ſua Meſquita: e a ultima terra, que ſe converteo, foy eſta Cidade de Tangere. O Rey mouro, que tomou eſtas terras, he Rey, filho de Rey, e neto de Rey, he Rey dos Reynos, e naõ ha ſobre elle, ſenaõ Deos. Seu nome he Jacob Almançor, ſenhor de Levante até Ponente, e hum pouco abaixo. O qual

qual nos mandou fazer eſte letreiro em Aravigo. E mais abaixo. E o dito Rey Almançor nos mandou fazer noventa, e ſeis pedras da meſma maneira deſta, pera mandar por todo o ſeu Reyno aſſentar em caſas como eſta, por memoria. Serraſe a letra com os nomes dos meſtres de pedraria, e carpinteria da caza, e até dos azulejos, e do ſalario que cada hum levava por ſeu trabalho, e em fim acaba com as palavras, que ſe ſeguem. Aſſinaraõ neſte letreiro o Regedor, e Governador deſtas povoaçoens. E eu Hamete filho de Abdelá o fiz o derradeiro de Agoſto, quatro centos quarenta, e tres annos deſpois da vinda do noſſo Mafoma: (*reſponde aos annos de Noſſo Senhor Jeſu Chriſto* 1069.) *e aſſi vem a ter eſte edificio, do dia em que ſe acabou até o prezente, em que contamos* (1627.) 558. *annos.*

Fim do Livro ſegundo.

SEGUNDA PARTE

DA HISTORIA DE S. DOMINGOS PARTICULAR DO REYNO DE PORTUGAL.

LIVRO TERCEIRO.

CAPITULO I.

Como foraõ com effeito deſmembrados os Conventos de S. Domingos de Portugal da Provincia de Caſtella, e fizeraõ Provincia particular por ſy. Apontaõſe os Provinciaes, que a governaraõ até o Anno de 1513. com o tempo da Preſidencia de cada hum.

SE os dous primeiros Livros deſta Segunda Parte de noſſo trabalho tem alegrado os animos religioſos com os principios, que nos moſtraraõ do deſterro da Clauſtra: e ſe nelles deleitou os affeiçoados à patria, vella conquiſtadora de Mouros dentro em Africa, e em ſuas proprias terras, e acrefcentado o Rey, e Reyno, em novos titulos: creyo, que naõ ſerá menos agradavel a huns, e outros a Hiſtoria deſte terceiro: porque veremos nelle noſſa Madre a Sancta Igreja Romana, livre dos trabalhos, que por tantos annos padeceo com a diſcordia, e Ciſma de ſeus filhos, e logo com os bens da paz univerſal, veremos comeſſar a particular dos noſſos Conventos de S. Domingos de Portugal, fazendo corpo, e Provincia por ſy, e governandoſe ſem dependencia de Reyno eſtranho. Aſſi nos iremos deſempenhando pouco a pouco das promeſſas, que deixamos feitas no fim da Primeira Parte.

Foy feliciſſimo Anno o de 1415. pera a Igreja Catholica, como vimos que o foy tambem pera eſte Reyno. Cá deunos victoria de inimigos de fóra, lá dos Domeſticos, que muitas vezes ſaõ mais crueis, e muito piores de domar. Foy meyo principal deſte bem o Chriſtianiſſimo Emperador Sigiſmundo, que procurou, e alcançou o effeito da 1415.

da grande, e ſancta junta do Concilio Conſtancienſe: e ouveſe por inſtromento de muita importancia nelle o noſſo Sancto Valenciano S. Vicente Ferrer. Poſſuhiaõ tres o nome, que ſô a hum pertencia de ſucceſſor legitimo de S. Pedro. Renunciou voluntariamente o que mais juſtamente preſidia, que era Gregorio Duodecimo: foraõ depoſtos os dous por acordo do Sancto Concilio: eleyto, e recebido por toda a Igreja Martinho Quinto. Acabada a diviſaõ na parte principal, e ſuprema, ceſſou tambem a que havia nos membros, e nas Religioens. Juntouſe logo no anno ſeguinte de
1416. 1416. em Agripina a Ordem de S. Domingos, e Capitulo geral, e nomeou por Meſtre Geral o Padre Frey Leonardo Eſtaço, natural da meſma cidade, que por eſſa rezaõ he chamado de muitos Autores Leonardo de Florença. Eſte Padre foy o primeiro, que comeſſou a uſar o eſtylo, que hoje ſeguem ſeus ſucceſſores, de ſe nomearem por Geraes de toda a Ordem dos Prégadores, acenando niſto a dezejada uniaõ, que em ſua peſſoa ſe fez della: porque dantes ſe chamavaõ em ſuas letras ſingellamente Meſtres Geraes da Ordem, e daqui teve principio huma temeroſa excomunhaõ, que he coſtume fulminarſe em todos os Capitulos geraes, deſde entaõ pera cá, contra os que de alguma maneira procurarem, ou intentarem, que a Ordem ſe divida em duas, ou mais cabeças. Seguioſe tambem por entaõ nova uniaõ de todos os Conventos de Caſtella, e Portugal, debaixo de hum ſó Provincial, e paſſou o negocio aſſi. Tinhaõ os Conventos de Portugal pedido em dous Capitulos geraes, celebrados em Italia, no tempo da Ciſma da Igreja, e das guerras entre Portugal, e Caſtella, que lhes foſſe licito terem ſeu Provincial ſeparado, e fazerem Provincia por ſy. Davaõ baſtantes rezoens: diziaõ, que naõ permittia a largueza das terras de Eſpanha, e a grande diſtancia, que havia entre os Conventos, ſerem viſitados todos por hum ſó Provincial: porque havendo de ſer a viſita ſempre a pé, como era coſtume, vinha a ſer inſoportavel o trabalho; e por eſſa rezaõ ſe abſolviaõ muitos Prelados muito dignos de governarem ſempre. Juntavaſe a difficuldade dos caminhos, e da paſſagem de Reyno a Reyno, pollas guerras, e diſcordias dos Reys; e conſtava ſobre tudo ter Portugal Frades, e Conventos tantos, e tais em numero, e qualidade, que bem podiaõ fazer familia per ſy; e como filha que era mais velha da Ordem em Eſpanha, emancipar-ſe, e ſaberſe governar ſem dependencia doutra. Ajudava os requerimentos elRey Dom Joaõ, que como metia muito cabedal na fabrica do Convento da Batalha, que tinha dado á Ordem, como temos eſcrito, naõ approvava ficar ſubdito a gente eſtrangeira, e conſiderava no caſo muitos inconvenientes. Naõ ouve neſtes dous Capitulos contradiçaõ; porque como naquelle tempo naõ acodiaõ a Italia os Frades de Caſtella, por ſeguirem (como atraz tocamos) com ſeu Rey, ao Antipapa, que reſidia em França, e ſó Portuguezes ſe achavaõ nelles; todos os Capitulares favoreciaõ a ſeparaçaõ,

çaõ, ſem haver quem a encontraſſe. E puderaõ os Portuguezes entaõ proceder ao effeito della, ſe naõ foraõ deſviados por alguns bons eſpiritus de entre os meſmos, que propuzeraõ, que viſto como cada hora ſe eſperava a uniaõ da Igreja univerſal, pollas grandes diligencias, que por toda a chriſtandade ſe faziaõ, mais fermoſo ſeria tratarem de ſua cauſa particular, deſpois, que a geral tiveſſe quietaçaõ, e ainda entaõ ſeria acertado, e decente eſperar outra circunſtancia, qual era juntaremſe todos os Frades de Eſpanha, crearem ſeu Provincial, que a governaſſe toda, como nos tempos antigos, e antes da guerra: e a poz iſto com paz, e amizade, pedir a terra de Portugal, como boa filha, apartamento de caſa, e fato. Ajudou Deos os bons intentos, e para facilitar o fim, deulhes Prelado de caſa: juntos em Capitulo todos os Vogaes de Caſtella, e Portugal, cahio a ſorte em hum Portuguez, ſujeito bem digno da honra, e filho, pollo que ſe póde entender, ſe valem conjecturas (que outra certeza naõ ha) do Convento de Coimbra, e natural da meſma cidade. Eſte foy o Meſtre Frey Joaõ de Sancta Juſta; e naõ ouve mais dilaçaõ em ſeparar, que quanto tardou a licença do novo Meſtre Geral Frey Leonardo, que como foy eley-
1416. to no Anno de 1416. ſegundo fica dito, faço conta, que o primeiro acto de ſeparaçaõ entre os Conventos de Caſtella, e Portugal, ſuccedeo no ſeguin-
1417. te de 1417. e que foy com eleyçaõ feita já em Portugal, em Capitulo particular noſſo, e de Provincial noſſo particular.

Saõ as memorias, que deſtes tempos ficaraõ na Provincia, curtas, e cegas, e tays, que quaſi ſenaõ póde por ellas alcançar certeza de nenhuma couſa preciſamente: digo curtas, porque ſaõ pergaminhos, e lembranças de poucas, e mal declaradas regras: digo cegas, porque quaſi todas nos daõ os nomes dos Provinciaes, e outras peſſoas notaveis por huma ſó letra: como dizer, o Provincial, ou Vigairo Geral, P. ou A. e quando muito por hum ſó nome, como dizer, Franciſco, ou Gonçalo: ſem advertirem, que por hum P. ha Pedro, e Paulo, e Payo; e pera hum A, Affonſo, e Antonio, e Alvaro: e pera hum Franciſco, ou Gonçalo ſingello, e deſacompanhado de Patronimico, ou de outra diſtinçaõ, ſe podem applicar povos inteiros de nomes. Mas deixando queixas, que naõ tem remedio, nem fim, ſabemos ao certo, que ſuccedeo por eſte tempo a ſeparaçaõ: porque o eſcreve Suſato Autor antigo das couſas da Ordem: e o meſmo ſe declara na Chronica abreviada, que anda no fim do livro das noſſas Conſtituiçoens: apontando, que foy deſpois de eleyto em Geral o Meſtre Frey Leonardo. E porque ſeparaçaõ de Provincias naõ he outra couſa, ſenaõ entrar em cada huma Prelado, e governo particular ſeu; bem podemos aſſentar, que no Anno, que temos dito de 1417. ſe juntaraõ os Conventos de Portugal, e nomeraõ ſeu Provincial. Foy o nomeado o Meſtre Frey Gonçalo. Do lugar da eleyçaõ, e dia em que começou ſeu cargo, naõ ha certeza. O

Suſato l. das Conſtituiçoens ad finem.

anno

anno que temos dito, ſe alcança claramente polla pedra de ſua ſepultura, que temos no Convento de Sanctarem: noutra parte a tresladamos, e aqui irá tambem pera mais clareza da Hiſtoria. He a letra. P. 1. l. c. 39. da Hiſt.

AQui jaz Meſtre Gonçallo, que foy Provincial da Ordem de S. Domingos por dezoito annos, e Prior do Moſteiro da Victoria por dez annos. Alma ſua folga em paz, e finou era Domini. Mccccxxxxbiij aos dezoito dias de Outubro.

A conta reſponde bem ao juſto: porque juntos 18. annos de Provincial, e dez mais de Prior, ſobre o de quatro centos, e dezaſete em que a Provincia ſe ſeparou, fazem quatro centos quarenta, e ſinco, e reſtaõ ſó tres pera comprimento dos que o letreiro aponta, que naõ teve mais o bom velho de deſcanſo em Sanctarem, deſpois de forro da longa occupaçaõ de Prelado.

Pera boa ordem do que daqui em diante havemos de eſcrever, pareceome importante, e que naõ ſerá trabalho perdido, lançar neſte lugar huma lyſta dos Provinciaes, que nos governaraõ, deſpois, que eſta Provincia Portugueza começou a fazer cabeça por ſy, e fiarſe de governo proprio dentro dos lemites do Reyno. Será luz pera todos os ſucceſſos, e fundaçoens dos Conventos: e taõ acertada diligencia, que ſe a acharmos feita pollos que antes de nós eſcreveraõ, deſdo primeiro dia, que a Ordem entrou em Eſpanha, correrá toda eſta eſcritura com mais clareza, que he parte principal de toda boa Hiſtoria. Daremos logo Provinciaes pera tantos annos, quantos faço conjectura, que nos levará eſta Segunda Parte de noſſo trabalho. E aſſi como na Primeira tomamos por rays, e tronco della a vida, e annos de noſſo Padre S. Domingos, em quanto o tivemos na terra: aſſi daqui em diante levaremos por guia o governo, e peſſoas dos Provinciaes. E ainda que em alguns nos ha de faltar noticia preciſa do tempo, que governaraõ, porque o naõ pudemos deſcobrir em todos; contentarnosemos com que naõ falte das peſſoas, que procede polla ordem ſeguinte.

No Anno de 1417. começando governo particular, e ſeparado na Provincia Dominicana de Portugal, foy eleyto em primeiro Provincial o Meſtre Frey Gonçalo, governou dezoito annos, abſolveoſe no de 1435.

Succedeolhe, e foy ſegundo Provincial Frey Gonçalo Mendes Prior da Batalha: teve o cargo quinze annos até o de 1450.

Neſte Anno foy eleyto em Provincial Fr. Joaõ Martins Meſtre em Theologia. Renunciouſe no ſexto anno, que foy por fim do de 1456.

Por ſua auzencia foy eleyto o Meſtre Frey Diogo do Porto, ſen-

ſendo actualmente Prior da meſma Cidade, e dizem que natural della. Governou a Provincia dezaſeis annos até o de 1472.

Fezſe eleyçaõ no anno ſeguinte do Padre Frey Alvaro Correa, que algumas memorias chamaõ Correano. Eſteve no cargo ſeis annos até entrada do de 1479.

Succedeolhe o Padre Frey Joaõ Martins, ſegundo em Capitulo de eleyçaõ, celebrado no Real Convento da Batalha, de que era Prior. Governou de 479. em que foy eleyto, até o de 485. que foraõ ſete annos.

Seu immediato ſucceſſor foy o Meſtre Frey Bras de Evora, e tirado do Convento de Villa-Real, onde era Prior. Apontaõ as lembranças deſte tempo, que em quanto tardou a confirmaçaõ do Padre Geral, ſervio de Vigairo Geral o Padre Frey Joaõ de Guimaraens, Confeſſor d' el-Rey Dom Joaõ Segundo, e da Princeſa Dona Joanna. Naõ conſta ao juſto do tempo, que Frey Bras ſervio; mas ſabemos, que entre elle, e o que por ſua morte ſe nomeou, que foy o Padre Frey Gil Magro, graduado de lecenciado em Theologia, e Prior do Convento de Sanctarem, ouve quinze annos: e aſſi ſervio Frey Gil até principio de 1501. ſobre os annos, que tinha ſervido Frey Bras.

Foy noveno Provincial o Padre Frey Thomas Borges Doutor graduado em Theologia: cumprio quatro annos, até fim de 1504. porque já neſte tempo eſtava provido, e decretado em muitos Capitulos gerais, que foſſe o cargo temporario, e naõ perpetuo. Parece, que nelle ſe começou a cumprir a ley dos quatro annos. Soſpeitas ha, que tambem ſe cumprira já no anteceſſor Frey Gil Magro.

Em decimo Provincial achamos eleyto o Padre Frey Alvaro Dias famoſo Theologo, e graduado de Doutor polla Univerſidade de Parys. Por excellencia era nomeado na Religiaõ, e fóra della, por Meſtre Alvaro, e em algumas eſcrituras, o Doutor Meſtre Alvaro. Governou ſeus quatro annos, até cumprido o de 1508.

Da entrada do Anno de 1509. ſuccedeo por eleyçaõ o Padre Frey Mendo d'Abreu, teve o cargo até principio do de 1513. 1513.
no qual Anno aos 3. de Janeiro em Capitulo de eleyçaõ, celebrado em Lisboa, ouve nova uniaõ dos Conventos reformados com a Provincia: ſendo prezente o Padre Meſtre Frey Joaõ Furtado reformador.

CAPITULO II.

Do nome, e lugar com que ficou a Provincia Dominicana de Portugal, deſpois de ſeperada de Caſtella: Daſſe conta do numero, e nomes dos Vigairos, que preſidiraõ nos Conventos reformados.

ASſentado o eſtado da Provincia de Portugal, quanto ao que tocava das portas adentro, ficava em duvida, que lugar havia de poſſuir de aſſento, e honra nos Capitulos Gerais, entre as Provincias, que entaõ ſe contavaõ na Ordem, que eraõ dezoito. Succedeo apartarſe no meſmo tempo Sicilia, que fazia corpo com Napoles, deuſelhe lugar decimo nono, e a Portugal vigeſſimo, e ultimo, ficando

do por todas vinte Provincias. Aconteceo aqui o que he ordinario a quem tarda nos requerimentos, que paga a tardança com ſeu dano. Deu a terra de Portugal os primeiros dous Provinciaes, e primeiros Conventos a Eſpanha, tinha direito de filha primogenita nella, e na Ordem, pollas razoens, que largamente ficaõ referidas na primeira parte deſta Chronica: ao ſeparar, ficou em ultimo, e infimo lugar, e ſendo aſſi, que por antiguidade merecia ao menos aſſento igual com Aragaõ; quando naõ foſſe melhorado. Ganhou Aragaõ em dignidade quanto ſe anticipou em diligencia: perdeo Portugal pollo que tardou, naõ ſó com Aragaõ nos primeiros tempos, mas tambem agora nos derradeiros com Sicilia. Tratouſe conſeguintemente de nomes: pareceo ao Padre Geral, que a noſſa ficaſſe com o nome do Reyno, e a de Caſtella com o de Sanctiago. Aſſi anda declarado na Chronica abreviada, que acompanha o livro de noſſas Conſtituiçoens: mas pegaõſe melhor nomes fauſtoſos. Ficava Caſtella em primeiro lugar, como era rezaõ, por Patria do Fundador, quiz tambem o nome mayor, uſurpando o todo polla parte, chamouſe Provincia de Eſpanha: conſta pollo que atraz deixamos eſcrito, que Aragaõ desfez companhia quaſi aos cem annos deſpois de entrada a Ordem em Eſpanha; porque ſe apartou no de 1301. e Portugal aos duzentos juſtamente: porque entrando a Ordem no de 217. viemos nós a ſepararnos em 1417. e he curioſidade digna de ſe ſaber, que da meſma maneira, que Aragaõ, quando ſe ſoltou, teve hum Provincial de toda Eſpanha Aragones, que foy Frey Domingos de Alquezar: aſſi alcançou Portugal na ſua diviſaõ outro Provincial de toda Eſpapanha Portuguez, que foy Frey Joaõ de Sancta Juſta, como temos referido.

Deſpois que deixamos dado numero, e nomes dos Provinciaes, que em Portugal tivemos, des que conſtituimos Provincia, até a vinda do primeiro reformador Frey Joaõ Furtado: tenho por conveniente ajuntarmos neſte ſegundo Capitulo ſemelhante diligencia, no que toca aos Vigairos, que governaraõ a Obſervancia até o meſmo tempo, e nelle tiveraõ fim; pera que os curioſos achem tambem todos juntos, quando delles quizerem ſaber; e forrem o trabalho de os buſcar pollo diſcurſo da Hiſtoria; que às vezes canſa demaſiado. He de ſaber, que eſtes Vigairos eraõ no principio perpetuos, como os Provinciaes, e viviaõ ſujeitos aos Provinciaes. O nome que uzavaõ era Vigairos dos Conventos reformados, ou Vigairos do Meſtre Geral da Ordem.

O primeiro Vigairo dos dous Conventos reformados, a ſaber, Bemfica de Frades, e Salvador de Freiras, conſtituido pollo Meſtre Geral Frey Raymundo de Capua, foy o Meſtre Frey Vicente de Lisboa, que mais trabalhou por chegarem a ter nome, e effeito de reformaçaõ. Durou no cargo pouco mais de hum anno: porque foy mandado por elRey Dom Joaõ fóra do Reyno, como em ſua vida diſſemos.

Entrou em ſeu lugar Frey Vicen-

Vicente de Portugal, que achamos com eſte titulo no Capitulo Geral de Odena, como atraz fica dito: mas como naquelle tempo ſe ſervia o cargo em vida, e naõ ſabemos ao certo os annos, que preſidio, he força, que os conjecturemos pollo ſucceſſor.

Sabemos, que veyo apoz elle Frey Mendo de Sanctarem: porque o achamos aceitando o Convento de Noſſa Senhora da Miſericordia de Aveiro no Anno de 1423. fundado pollo Infante D. Pedro: e tambem deſte Vigairo naõ temos tempo certo: mas alcançalloemos a pouco mais, ou menos pollo que lhe ſuccedeo. 1423.

Eſte foy em quarto lugar o Meſtre Frey Joaõ de Sancto Eſtevaõ, que recebeo à Ordem o Convento de Noſſa Senhora da Piedade de Azeitaõ, com elRey Dom Duarte, e a Raynha Dona Leonor ſua mulher no Anno de 1434. e porque conſta, que eſte Padre fez auzencia do Reyno, partindo pera Caſtella, em ſerviço, e companhia da Raynha Dona Leonor, cujo confeſſor era, quando no Anno de 1437. ficou viuva d'elRey Dom Duarte; e por deſgoſto, que ouve com os Infantes, ſe determinou a deixar filhos, e Reyno, ficamos com quatro Vigairos ſabidos neſtes trinta, e oito annos. 1434. 38.

Eraõ já neſte tempo os Conventos da Obſervancia quatro: A ſaber, Bemfica, Salvador, Aveiro, e Azeitaõ: e o Meſtre Fr. Joaõ eſcreveo ao Padre Geral, que viſta ſua forçoſa auzencia, devia prover no cargo o Padre Frey Antaõ de Sancta Maria de Neiva. Era eſte Padre filho do Convento de Aveiro; e peſſoa de grandes partes: foy logo provido pollo Geral, e governou quaſi dezanove annos: e por duvidas, que ſe levantaraõ entre elle, e os Padres da Provincia, depoz o cargo no Anno de 1457. 1457.

Acudiraõ os religioſos ao Nuncio da Sé Apoſtolica, que proveo em lugar de Frey Antaõ, ao Meſtre Frey Joaõ Martins, de quem ſe diz, que acabando de ſer Provincial, ſe tinha recolhido à Obſervancia: eſte Padre governou a Vigairaria até fim do Anno de 1460.

Em ſeptimo lugar tornou a entrar por fim do Anno de 1460. o Meſtre Frey Antaõ de Sancta Maria de Neiva, provido pollo Meſtre Geral Marcial Auribelli: cumprio deſta ſegunda vez ſinco annos.

Entrada do Anno de 1466. entraraõ duas novidades nos Conventos da Obſervancia. Foy huma izentallos o Meſtre Geral da juriſdiçaõ dos Provinciaes: outra darlhes licença pera cada tres annos, ſe lhes eſtiveſſe bem, elegerem, ou poſtularem novo Vigairo: e foy o primeiro dos izentos, e aſſi eleytos, o Padre Frey Bertholameu de S. Domingos, que naõ aceitou ſua eleyçaõ, e governou por elle o Prior de Bemfica tres annos inteiros até fim 468.

Paſſados os tres annos, foy eleyto em noveno Vigairo, e ſegundo dos izentos da Provincia, Frey Joaõ de Guimaraens, cumprio ſeu tempo até 472.

Succedeo o Padre Frey Pedro Dias, graduado de Bacharel em Theologia; ſervio até fim de 478.

Seguioſe o Padre Frey Joaõ

de Braga, que acabava de ſer Prior de Aveiro, cumprio ſeus tres annos até 481.

Entrou traz Frey Joaõ de Braga, o velho Frey Joaõ Lopes; que ſervio muitos annos, opprimido ſempre de grandes infirmidades, e todavia nunca os Gerais lhe quizeraõ conceder hora de abſolviçaõ, e deſcanſo, pollo grande conceito, que tinhaõ de ſua virtude, e bom governo: e veyo a morrer no cargo, tendo ſervido (ſegundo parece) dezaſeis annos continuos até 497.

Seguio por eleyçaõ Frey Ayres de Azevedo, e cumprido ſeus tres annos, deulhes fim na entrada do Anno ſecular de 1500.

Com o Anno ſecular entrou Frey Thomas Rabello Doutor em Theologia: e porque ſuccedeo ſer chamado a Caſtella do Padre Geral Frey Vicente Bandelli, ficou em ſeu lugar Frey Affonſo de Seor Prior de Aveiro, e fizeraõ entre ambos ſeus tres annos.

Succederaõ Frey Mendo de Eſtremos até 1506. e logo Frey Jorge Vogado até 1509. e em fim Frey Lopo Soares, que foy ultimo Vigairo da Obſervancia, que a governou até fim de 1512, e primeiros mezes de 1513. no qual anno ceſſou a diviſaõ, e governo de Vigairos, e ceſſou tambem o nome de reformados, e naõ reformados, nome odioſo, deſpois que ſe acabou de deſterrar das religioens o da Clauſtra: e ficou toda a Provincia unida debaixo de hum ſó Prelado.

Por eſta conta, que tiramos com o mayor cuidado, que em couſas taõ antigas, e eſcuridas do tempo ſe podia fazer, temos neſtes cento, e treze annos, contando nelles o em que começou a Obſervancia no Convento de Bemfica, que foy o de 1399. dezoito Vigairos diſtinctos: dos quais os primeiros ſete foraõ ſujeitos aos Provinciaes; e os onze preſidiraõ com izençaõ delles, e immediatos ao Meſtre Geral: e porque na entrada do Anno de 1513. acabou toda a diviſaõ de nomes, e differenças do governo, que havia na Provincia: faremos, que tenha entaõ fim a Segunda Parte deſta Chronica, e dahi em diante, como a Provincia começa com uniaõ em todos ſeus membros, e Conventos, e em ſogeiçaõ de hum ſó Prelado, entrará Terceira Parte: e entaõ teremos cuidado de dar novo aranzel de Prelados. 1399.

CAPITULO III.

Fundaçaõ do Convento de Noſſa Senhora da Miſericordia da Villa de Aveiro.

NO Anno do Redemptor de 1423. que foy principio do ſeptimo do Meſtre Frey Gonçalo, primeiro Provincial de Portugal deſpois da ſeparaçaõ, teve ſeu principio o primeiro Convento de S. Domingos de Aveiro, polla maneira ſeguinte. Procedia a reformaçaõ dos Frades de Bemfica com tanta pontualidade, e concerto, que ſe fazia amar por todo o Reyno; e juntandoſe huma graça particular, que a caſa ſobre outras tem do Ceo, que he ſer bem viſta dos Reys, e Principes: obrigava todos os filhos d' elRey Dom Joaõ a lhe moſtrarem

trarem huma notavel affeiçaõ. Mas avantejavaſe o Infante Dom Pedro, que era o ſegundo com tanta inclinaçaõ a toda a Ordem, que quando fallava nos Religioſos della, naõ ſe, contentava com lhes chamar os ſeus Frades, que aſſaz honra fora, mas uzava de termo, pera Principe, mais humilde, e pera nós de mais favor: dizendo, os noſſos Frades. Confirmava com iſto publicar grandes dezejos, que a obſervancia de Bemfica ſe dilataſſe, e creſceſſe em numero de Caſas, como a via creſcida em ponto; e vindo à ſua noticia, que o Prior della Fr. Mendo de Sanctarem, que juntamente era Vigairo da reformaçaõ pollo Padre Geral, pretendia povoar huma Caſa nova; porque tinha baſtante numero de ſojeitos, como quem tira enxame de colmea rica; declaroulhe, que queria, que foſſe em huma de ſuas terras. Tinhao feito elRey ſeu pay Duque de Coimbra, e Senhor de muitas Villas grandes, como Aveiro, e Montemór o Velho, e outras. Determinado de dar huma dellas, naõ ſe reſolvia em qual eſtaria melhor á Ordem, ou por divertido, em muitos cuidados, como Principe: ou por pouca agencia dos Frades; couſa em que nenhuma idade nos tem melhorado. Valem muito com Deos tençaõ, e dezejos firmes no bem: como eraõ tays os do Infante, aſſi os agaſalhou, uzando com elle hum termo de miſericordia grande: e quaſi ſemelhante ao antigo, com que honrou a Joaõ Patricio Romano, polla vontade, que tinha de empregar em ſeu ſerviço a fazenda, que poſſuhia. Vivia na Villa de Aveiro hum Affonſo Domingues, velho de annos, e de perſeguiçaõ de doenças, que de longos tempos o tinhaõ tolhido de pés, e mãos, e como com pregos cravado em huma cama, homem conhecido na terra pollo mal, que padecia, e por bom chriſtaõ, e devoto de Noſſa Senhora, antes da doença. Eis que hum dia, era por Agoſto do Anno de 1422. amanhece ſaõ, e ſalvo, e em pé á porta do Infante, que a caſo ſe achava entaõ na Villa. Sóbe as eſcadas taõ ſolto, e taõ ſenhor de ſy, como quando era de 25. annos: paſmando todos os que o conheciaõ, como ſe viraõ fantaſma. Pede audiencia, levaõno ao Infante, corre toda a caſa traz elle: poſto em ſua preſença, foy contando, que na meſma noite ſe ouvira chamar por ſeu nome, e abrindo os olhos, vira arder a pobre caſa em reſplandores muito aventejados ao ſol do meyo dia, e no meyo delles ſe lhe repreſentara huma Senhora cercada de tamanha gloria, e fermoſura, que naõ pudera duvidar ſer a Virgem Mãy de Deos; e adorandoa por tal, entre perturbaçaõ, e alegria, ella lhe mandara, que tomaſſe huma enxada, e a ſeguiſſe. Tal era a minha torvaçaõ, dizia o bom velho, que ſem me lembrar a priſaõ de membros, que tantos annos ha naõ mandava, nem eraõ meus, tive mãos pera tomar a enxada, e pés pera andar, ſem ſaber o que fazia, nem como o fazia. Fuyme traz a bemdita Mãy de Piedade, que encaminhou pera a porta do Sol (he nome de huma das portas da Villa) e chegando a ella, notei, que ſe ſentou

tou na eſcada, que ſobe pera o muro, e daqui me mandou, que foſſe ſinelando com a enxada (como fiz) hum bom pedaço daquelle deſcampado. Iſto feito, diſſeme, que logo da ſua parte vos avizaſſe, ſenhor Infante, que lavraſſeis aqui hum Moſteiro da Ordem de S. Domingos, e que foſſe do ſeu nome della. Até eſte ponto, como ſe tudo fora ſonho, que na verdade aſſi mo parecia, naõ tinha eu reparado em nada: mas quando me vi feito embaixador, comeſſei a duvidar comigo, e dizialhe, que ninguem me daria credito, homemzinho, e coitado, e em negocio tamanho: e a Senhora tornou: Vay, naõ duvides; que baſtará, pera ſeres cridó, verte o Infante poſto em pé, e ſaõ, e valente, como eſtás, quando ſabia, que eſtavas entrevado: entaõ parece, que acabei de entrar em mim, e cobrei luz pera ver, e entender, que tinha cobrado milagroſa ſaude, qual nunca eſperei, nem mereci. Foy o caſo celebrado na Villa por todos os naturais com eſpiritual contentamento, como grande mercê do Ceo, e por tal ficou nas memorias della, e do Cartorio do Convento, pera honra da terra, e da Ordem: e he a couſa mais ſabida de quantas ſe contaõ em Aveiro. O Infante ficou cheyo de conſolaçaõ, e alegria, dando graças ſem fim á Virgem, por ver que lhe era grato hum ſerviço, que até aquella hora naõ tinha paſſado de traça, e dezejos: mas pera naõ haver mais tardança na execuçaõ, chamou por huma parte o Vigairo da reformaçaõ, pera aſſiſtir na obra da caſa, que logo queria, que começaſſe: e por outra foy procurando licença de Roma pera ella, que impetrou por hum Breve, que temos paſſado pollo Papa Martinho Quinto em dezanove de Fevereiro de 1423. e deſte tempo lhe contamos ſua antiguidade. Quando veyo aos vinte, e tres de Mayo, tendo juntos grande copia de materiaes pera a fabrica, lançou o Infante por ſuas mãos a primeira pedra: e fazendo logo levantar hum Altar no meſmo ſitio, onde ora he o da Capella mór, celebrou nelle primeira Miſſa o Padre Frey Mendo de Sanctarem Vigairo dos Conventos reformados. Concedeo a Villa de boa vontade todo o ſitio, que por mandado da Virgem, e mãos de Affonſo Domingues ſe achou dezenhado: e o Infante comprou outro chaõ vezinho pera mais largueza, acudindo de ſuas rendas com todo o neceſſario: de ſorte, que brevemente ouve gaſalhado pera alguns Frades, e começou na terra o edificio eſpiritual igualmente com o material: porque vieraõ Religioſos de Bemfica, que ficaraõ logo prégando, e confeſſando: e do que tocava à pedra, e cal ſe entregou a ſuperintendencia ao Padre Frey Nicoláo de S. Domingos. 1423.

Tratouſe da invocaçaõ da Caſa, e como havia de ſer da Senhora, eſcolheo o Infante a daquelle paſſo, em que mais dores, e mais merecimento juntamente teve ſua bendita Alma, que foy quando vio em ſeus braços ao pé da Cruz a fonte de Vida ſem vida: e o Autor da luz cuberto de ſombras, e eſcuridade mortal, paſſo, em que o Infante tinha particular devaçaõ: e ficouſe chamando com lin-

lingoagem, e conſideraçaõ pia daquelle tempo, Noſſa Senhora do Pranto, que nós agora dizemos milhor da Piedade: porque pranto ſuppoem dôr publicada com effeitos, e moſtras exteriores, que muitas vezes ſervem de alivio: e eſtas naõ conſente aqui o bom diſcurſo, conformandoſe com as palavras do Sancto Simeon, que na alma lhe puzeraõ a eſpada, por mayor, e mais encarecido ſentimento, que ſignificamos com termo, que todo ſe refere ao eſpiritu, qual he piedade. Mas nem eſte nome lhe durou muito tempo, pera que o ſucceſſo da fundaçaõ ficaſſe em mais partes ſemelhante ao de Roma, com quem o temos comparado. Se em Roma ouve o milagre de cahir neve em tempo que o ſol com mais fervor abraſava a terra, e ſinelar a Senhora com ella o templo que queria: cá o ouve tambem em dar calor a hum corpo humano, que por frio, e deſemparado da natureza eſtava meyo morto: e por ſeu meyo, e maõ dezenhar o circuito do Moſteiro, que mandava fazer. A Igreja de Roma teve varios nomes: já Baſilica de Liberio, porque ſe levantou em ſeu Pontificado: já Sancta Maria do Preſepio: e em fim Sancta Maria Mayor, que he o que hoje dura. Aſſi aconteceo a eſte Moſteiro: foy do Pranto o primeiro nome, ſegundo da Piedade, terceiro da Miſericordia, e eſte terceiro lhe ficou como em ſorte. Foy a occaſiaõ, que elRey Dom Duarte, edificando poucos annos deſpois o Convento de Azeitaõ, quiz que ſe chamaſſe da Piedade: e ficando na Provincia dous de hum meſmo titulo, mandouſe alguns annos adiante em hum Capitulo Provincial, que pera evitar confuſaõ, ſe lançaſſem ſortes em qual das Caſas havia de ficar com a vocaçaõ da Piedade; e cahio a ſorte ſobre Azeitaõ. E os Padres de Aveiro contentaraõſe com o da Miſericordia. E porque a mayor miſericordia, que a Senhora, e o mundo receberaõ do Ceo, foy a vinda do filho de Deos à terra, he a feſta mais ſolemne deſte Moſteiro, ſua ſanctiſſima Encarnaçaõ aos 25 de Março, ſolemnizada ſempre com notavel concurſo dos lugares vezinhos, em memoria dos myſterioſos principios da Caſa. Soube elRey Dom Duarte da devaçaõ, folgou de lhe dar augmento, com conceder à Villa huma feira franca, e geral, que começa aos vinte do mez, e dura oito dias.

E o Infante fundador, que ſempre teve olho nos bens eſpirituais do Convento, deſpois de lhe dar todos os temporais, que pode, alcançou do Papa Eugenio Quarto no Anno de 1439. huma indulgencia plenaria pera todos os Religioſos, que nelle acabaſſem ſeus dias. O que era cauſa de nenhum velho ſoffrer auzencia da caſa, tanto que acabava Priorado, ou Vigairaria, ou qualquer ſerviço da Ordem em outra parte. Aſſi eſtava ſempre acompanhada de gente veneravel por cans, e virtude. E, na verdade criaraõ aquelles clauſtros abalizados Eſpiritos, que por elles jazem ſepultados, e podemos dizer, que foy terra fertil de ſanctidade, e virtude da celeſtial bençaõ de quem a mandou edificar. De alguns iremos dizendo, de todos naõ póde ſer: porque, como eraõ 1439.

San-

Sanctos, ouve entre elles mais cuidado de trabalhar, que de notar trabalhos: de exercitar virtudes, que de fazer livros dellas.

A Igreja veyo a ſagrarſe muitos annos deſpois no Anno de 1464. por Dom Jorge de Almeida Biſpo de Coimbra, particular devoto do Convento, e grande pregoeiro das virtudes delle.

CAPITULO IV.

Do Padre Frey Antaõ de Sancta Maria de Neiva, primeiro filho deſte Convento.

POr filho inſigne entre os primeiros deſte Convento nos contaõ os Antigos ao Padre Frey Antaõ de Sancta Maria de Neiva, inſigne em virtudes, e na eſtimaçaõ dos Gerais da Ordem, e dos Principes, que em ſeu tempo concorreraõ no Reyno. Pollo que parece dos cargos que ſervio, e dos annos em que nelles entrou, e perſeverou, devia ſer homem feito, quando veyo ao habito: porque nos conſta, que começou a governar os Conventos reformados, tanto que elRey Dom Duarte falleceo, e a Raynha Dona Leonor ſua mulher levou deſte Reyno comſigo ao Meſtre Frey Joaõ de Sancto Eſtevaõ, que era Vigairo delles pollo Reverendiſſimo Geral. E ſendo iſto, como foy,
1438. no Anno de 1438. quinze annos deſpois de fundado o Convento de Aveiro, bem ſe deixa ver que, ſe tomara o habito moço, era a idade muy verde pera tamanho cargo. Mas deſte particular naõ ha clareza, ſó ſabemos, e torna em grande louvor ſeu; que o Meſtre Frey Joaõ, que era peſſoa graviſſima, havendo de fazer auzencia, e deixar o cargo, aviſou ao Padre Geral, que nelle eſtaria bem empregado: e por tal informaçaõ foy logo provido. Do tempo, que o poſſuhio, que foraõ dezanove annos, deſta primeira vez, podemos fazer juizo, qual era ſua prudencia. De tal arte ſe ſabia haver com os ſubditos, que à fama, que elles davaõ, roubava os coraçoens aos Religioſos, que viviaõ fóra da Obſervancia, pera ſe virem a ella, e deixarem as commodidades corporais, que a outros tinhaõ preſos na Provincia, pera gozarem do muito, que agrada hum bom governo: que na verdade hum mandar temperado, e ſiſudo, he a mayor felicidade, que na vida póde haver pera mandados, e mandadores. Mas noſſa natureza tem mal as redeas à proſperidade: e he grande ſiſo naõ largar todas as vélas ao vento dos bons ſucceſſos. Vioſe Frey Antaõ naõ ſó amado, e eſtimado dos de ſua obediencia: mas ſeguido dos mais doutos, e mais graves Religioſos da Provincia, que a ſua conta ſe vinhaõ paſſando pera a Obſervancia. Dezejou fazer ſerviço a Deos em unir a ella o Convento de Evora: ſabia que era couſa de ſatisfaçaõ d'elRey (que os Reys pios ſempre querem o que eſtá milhor á Religiaõ) e juntamente ao Nuncio do Summo Pontifice, que reſidia na Corte. Ajuntavaſe ter por ſy a mayor, e melhor parte da Communidade: apertou as diligencias pera conſeguir o effeito; mas achouſe enganado: porque os que eraõ menos em numero, e em bondade,

dade, reſentidos da pretençaõ alheya, e determinados em naõ mudar coſtumes velhos, nem largar caza, em que eſtavaõ a ſeu ſabor, trataraõ naõ ſó de ſe defender, mas de offender, naõ ſó reparar, mas fazer guerra tambem. Como havia tantos annos, que Frey Antaõ era Prelado, levantaraõlhe, que naõ era, nem nunca fora Prelado legitimo da Congregaçaõ, e menos tinha poder pera lhe aggregar novos Conventos: e diſto ſouberaõ dizer tanto, porque naõ faltava quem aſſopraſſe o fogo da deſavença: que o bom Vigairo amigo de ſua paz, e quietaçaõ, naõ ſómente largou o negocio, pera quando Deos, cujo era, lhe deſſe melhor enſejo; mas tambem a dignidade, por naõ litigar no que a ſua peſſoa tocava: e alegremente, como quem nada tinha de ambicioſo, ſe tornou pera o antigo repouſo, e eſtado de ſubdito. Proveo em ſeu lugar o Nuncio do Summo Pontifice ao Meſtre Frey Joaõ Martins, que acabando de ſervir ſeis annos de Provincial da Clauſtra deſpois do Padre Frey Gonçalo Mendes, como atraz fica referido, eſtava de freſco recolhido na Obſervancia. Vivia entre tanto Frey Antaõ livre de cuidados, e ſem nenhum de acudir per ſy, na confiança, e bom teſtemunho, que lhe dava ſua conſciencia: mas o Reverendiſſimo, que neſte tempo era o Meſtre Frey Marcial Auribelli, tornou por elle, mandoulhe huma honrada Patente, que aqui poremos em vulgar, pera que ſirva de hiſtoria, e de ſe ver a reputaçaõ em que eſtava diante delle; porque além de o reſtituir na honra de Prelacia, e no ponto de que os adverſarios o calumniavaõ, de naõ ſer verdadeiro Prelado, deulhe ſuperioridade ſobre os Conventos reformados da Provincia de Eſpanha: e approvou a uniaõ tentada do Convento de Evora pera os ſeus. Diz a Patente aſſi.

AO muito amado em Chriſto Frey Antaõ de Sancta Maria de Neiva, Vigairo Geral dos Conventos reformados da Provincia de Eſpanha, e Provincia de Portugal da Ordem dos Prégadores: Frey Marcial Auribelli, natural de Avinhaõ, Meſtre em Sancta Theologia, e humilde Geral de toda a dita Ordem, e ſervo: ſaude, e cumprimento de todas as virtudes. Sendo vós já outra vez inſtituido em Vigairo Geral dos Conventos reformados da Provincia de Portugal, alguns Frades deſſa meſma Provincia dizem, que eu vos abſolvi do tal officio: por tanto, porque da verdade diſto conſte, e naõ alguma má ſoſpeita, declaro, que vós foſtes, e ainda agora ſois verdadeiro Vigairo Geral dos Conventos reformados da Provincia de Portugal; a quem eu nunca abſolvi do tal officio, nem na verdade delle eſtais abſolto; naõ obſtante qualquer

Carta minha, ou Patente, que diga o contrario: a qual declaro, ſe a ouve, que naõ procedeo de minha deliberada determinaçaõ, antes foy ſubrepticiamente impetrada. E a mayor cautella eu de novo vos inſtituo, e faço Vigairo Geral dos ditos Conventos reformados, e dos que daqui em diante nella ſe reformarem, com plenario poder, aſſi no eſpiritual, como no temporal, ſobre os Prelados, e mais Religioſos della. E ſobre os ditos Conventos, e Frades delles, vos dou authoridade, pera os poderdes viſitar, caſtigar, e pórlhes preceitos, e mandallos chamar, aſſinar, e deſaſſinar, receber, e deitar fóra, ſentenciar, determinar, premiar, fazer concertos, e pôr ſilencio; abſolver Priores, e confirmar os eleytos: inſtituir Vigairos, e tirar os que eſtaõ poſtos. E iſto aſſi nos Conventos já reformados, e que ao diante ſe reformarem na Provincia de Portugal, como tambem na de Eſpanha: e pera poderdes fazer todas as mais couſas, e cada huma dellas, que eu meſmo podera fazer, ſe ay preſente fora. E notefico a todos, e a cada hum dos Religioſos, que em tudo eſtarey pollo que me mandardes aviſar, ou eſcrever, como peſſoa, de quem ſummamente confio. E além de tudo iſto approvo, ratifico, e confirmo terdes aceitado o Convento de Evora, e a reformaçaõ, que nelle fizerdes. E quero, que fique debaixo da voſſa obediencia, e de voſſos ſucceſſores. E naõ conſinto, que Prelado algum outro a mim inferior, vos poſſa eſtorvar, por qualquer via, que ſeja, em todo, ou em parte no que aſima dito tenho: ſem embargo de tudo o que em contrario haver poſſa. E em teſtemunho deſta declaraçaõ, corroboraçaõ, e inſtituiçaõ de novo, mandei aqui pôr o ſello de meu officio. Tende ſaude, e encomendaime a Deos em voſſas oraçoens, e nas deſſes Religioſos. Dada em Sena aos nove de Julho do Anno do Senhor 1460.

Ainda que neſta Patente ſe trata da aceitaçaõ do Convento de Evora, naõ teve effeito, ſenaõ ſeis annos adiante, como em ſeu lugar ſe dirá; porque Frey Antaõ pera ficarem cortadas ſemelhantes controverſias pera o diante, como eſcarmentado das paſſadas, quiz primeiro confirmar a Patente por authoridade Apoſtolica, como fez: confirmoulha o Papa Pio Segundo por huma Bulla, que começa. *Ad ſupremum Patrem familias, &c.*

To-

Todas as memorias antigas, que tratão deſte Padre, fallão delle com veneraçaõ. Em huma da noſſa Ordem achamos as palavras ſeguintes: Era varaõ poderoſo em obras, e palavras, em tudo digno de louvor, muy douto, mas de mais virtuoſos coſtumes, e excellentes virtudes. Aſſi lhe paſſaraõ polla maõ os negocios mais importantes, que em ſeu tempo ſe offereceraõ no Reyno: e elRey Dom Affonſo Quinto, e ſeu tyo, e Regente, o Infante Dom Pedro, o reſpeitavaõ de maneira, que ſe tem por certo, que ſó elle pudera concertar ſuas deſavenças, que por falta de bons terceiros vieraõ em fim a romper em campos formados, e guerras civis. Declaraſe o Chroniſta deſte Rey por eſtas palavras.

Ruy de Pina na Chr. d'el-Rey D. Affonſo V.

Entre muitos Religioſos, que ao Infante Dom Pedro, que governava eſte Reyno, aconſelharaõ o que importava pera conſervar ſua vida, cujo conſelho elle cuidava, que vinha mandado por Deos; e por iſſo determinava de lhes obedecer, e pôr ſeus negocios em ſuas mãos. Dentre todos, eſcolheo elle, e apartou ao Padre Frey Antaõ de Sancta Maria, que era Prior de Aveiro; e Frey Dinis, que deſpois foy confeſſor d'elRey, peſſoas de muy ſancta vida, e grande doutrina: e porque os inimigos do Infante, conheciaõ eſte Religioſo, e a muita authoridade, que com elRey tinha: naõ conſentiraõ, que lhe fallaſſe; mas o ameaçavaõ, que ſenaõ tornaſſe pera o Infante com a repoſta; e por iſſo ſe foy triſte pera o Moſteiro de Bemfica.

Paſſadas eſtas alteraçoens, foy eſcolhido por elRey Dom Affonſo, pera ſeu confeſſor: e tambem o foy do Principe Dom Joaõ ſeu filho em vida d'elRey, e deſpois de ſeu fallecimento: e juntamente da Infanta Dona Joanna, aconſelhada pera iſſo do meſmo Principe. E em taõ boa hora foy o conſelho, que de Frey Antaõ ſe affirma, ſahio a traça, e ordem de ſe recolher eſta Senhora no noſſo Moſteiro de Jeſu de Aveiro, como ſe dirá, quando a elle chegarmos: e naõ ſó lhe devemos eſta Sancta; mas boa parte da fundaçaõ do meſmo Moſteiro.

Por teſtemunho do rigor com que fazia correr a Obſervancia nas Caſas, que governava, he de ver hum Alvará d'elRey D. Affonſo Quinto, paſſado em ſeu tempo, e à ſua inſtancia, pera ſe poder tirar eſmolla pera ellas pollas Igrejas do Reyno, que naõ póde ſer mais claro argumento de eſtreita pobreza. Segueſe o Alvará.

NOs ElRey Dom Affonſo faço ſaber a qualquer que iſto pertencer, que noſſa mercê he, que os Frades da Obſervancia da Ordem de S. Domingos em eſtes noſſos Reynos, poſſaõ por peſſoas interpoſtas, devotas de ſua Ordem, demandar, e receber eſmolas dos fieis chriſtãos em as Igrejas, e lugares, que ſom nas comarcas dos ſeus Moſteiros: e que contra iſto lhes naõ ſeja poſto algum embargo. Cá nos prazos ditos Religioſos ſerem aſſi ajudados

com as ditas eſmollas pera ſoportarem ſua prove, e devota Religiaõ: ſem embargante á noſſa defeza, que fizemos a cerca das bacias, que ſe nom tirem, ſenom polla redençaõ dos Cativos: porque noſſa vontade he, nom ſe entender noſſa defeſa, a cerca deſtes ditos Religioſos. Feita em
1456. *Evora a dez de Dezembro, Era de Chriſto de* 1456. *annos.*

Chron. geral da Ord. fol. 207.

Concluiremos com eſte Padre, acreſcentando ſó o que delle diz o Meſtre Frey Antonio de Sena, e he, que lhe conſtou por hum livro muito antigo, eſcrito de maõ, e guardado entre as Freiras do Moſteiro de Jeſu de Aveiro, que o Senhor tivera cuidado de honrar as virtudes deſte ſeu Servo com milagres em vida. O que a meu parecer ſe collige manifeſtamente do que refere a memoria, que atraz apontamos, que lhe dá nome de poderoſo em obras, e palavras. Falleceo cheyo de dias na meſma Caſa de que era filho, que foy acabar ſuavemente entre os braços da boa mãy: eſtá ſepultado no Capitulo.

CAPITULO V.

Vida, e morte do Padre Frey Bertholameu de S. Domingos.

LIdo tenho de hum Sancto Anachoreta, que ſe arriſcou a fugir do ſeu Moſteiro, e hir viver entre féras, por eſcapar a ſer eleyto em Prelado. Atreviaſe antes com a guerra de Leoens, e Tigres, que com a paz de ſubditos modeſtos, e bem diſciplinados. Que ſe póde dizer a iſto, ſenaõ, que o levava hum profundo ponto de humildade, e verdadeiro conhecimento proprio. Retrato temos bem natural de tal Sancto no preſente Capitulo. Criaraſe o Padre Frey Bertholameu de S. Domingos neſte Convento de muito moço, nunca ſeus penſamentos ſe eſtenderaõ a mais, que cultivar ſua Alma com exercicios ſanctos, e toda pureza devida. Aſſi começou, aſſi creſceo, e chegou a idade madura. E com viver entre Sanctos, de que eſte Convento em todas as idades teve muito, reſplandecia entre elles, como a eſtrella da Alva entre as menores. Eſpantava entre as mais virtudes huma eſtranha paciencia, com que levava graviſſimas doenças, que de contino o perſeguiaõ. No meyo dellas ſe lhe abrio em huma perna huma chaga taõ rebelde, e de má qualidade, que era martyrio perpetuo de dores, e aſſi lhe durou toda a vida; e com tudo pera ſeguir as Communidades, e rigores da Regra, naõ havia Frade mais ſaõ, nem mais valente. Na primeira eleyçaõ, que ouve de Vigairo izento nos Conventos da Obſervancia, que foy pollos annos do Senhor de
1466. foy nomeado Frey Ber- 1466.
tholameu com todos os votos, e recebida ſua eleyçaõ com applauſo de Religioſos, e ſeculares. Pareceo áquelles Frades, que os cuidados do governo lhe ſeriaõ, ſenaõ alivio das dores, ao menos diverſaõ dellas

(que

(que ſuccede muitas vezes ſer huma peçonha medicamento doutra) mas de maneira ouvio a nova, que naõ pudera ſer com mais ſentimento, ſe lha deraõ de huma morte arrebatada, ou afrontoſa, e pera ſe executar com exquiſitos tormentos: chorou, affligioſe, encheoſe de malencolia; em reſoluçaõ reſpondeo, que a toda pena eſtaria antes, que a huma ſó hora de Prelado. Naõ curaraõ os Eleytores de eſtar por tal parecer, como ſabiaõ o muito, que ganhavaõ em ſeu governo. Acudiraõ ao Geral por confirmaçaõ: mandoua de boa vontade, polla noticia, que era publica do ſujeito. Tornaraõ os Frades a batalhar com elle; mas foy de balde: porque determinado a viver, e morrer, ſem experimentar os perigos, a que offerece ſua alma, quem por ſua vontade toma ſobre ſy adminiſtraçaõ das alheyas; deu traça (naõ pudemos alcançar qual foy; nem porque via) pera ſe auzentar da Provincia: e o que naõ tinha pés pera andar fóra do Moſteiro, nem pera governar ſubditos, teve huma couſa, e outra, pera fugir ao mundo, e governo; e porque vio, que todavia eſperavaõ os Frades por elle, com a meſma conſtancia, que elle ſe ſabia deffender, deixouſe eſtar fóra todo o tempo, que lhe ouvera de durar o cargo, padecendo grandes trabalhos, e deſcommodidades, e naõ tornou ſenaõ deſpois que lhe conſtou de nova eleyçaõ, e ſucceſſor. Taõ amado, e dezejado era dos Frades, que nem deſeſperaraõ de ſua vinda, até o ultimo dia dos tres annos; nem o Padre Geral quiz prover o lugar. E achamos, que preſidio entre tanto o Prior de Bemfica, onde fora o Capitulo da eleyçaõ.

Tornado á cella, naõ ſe fartava de dar graças a Deos, polla liberdade em que ſe via, e riſco em que ſe vira; e como homem, que eſcapou de naufragio, que traz vivas na imaginaçaõ as eſpecies do perigo, e do medo, a furia dos ventos, a braveza das ondas: e até a agoa leyte prateada do Rio lhe faz pavor: aſſi queixandoſelhe os amigos que os deſemparara, entrava em novas deſconſolaçoens: e affirmava, que toda a vida lhe duraria a memoria do deſgoſto, que com capa de honra, e amor lhe queriaõ dar: e affervorandoſe, dizia: Padres, Padres, quem aceita cargo dalmas, por ſanctas, e puras que ſejaõ, ou ſenaõ entende, ou naõ entende o que aceita: porque a ſciencia de governar homens he a mayor ſciencia de todas as ſciencias: e a de governar almas he tanto mais alta, quanto a alma tem mais de nobre, que o corpo. E he final claro de fraqueza de entendimento, preſumir de ſy hum pobre fradinho, criado na ſimplicidade da Religiaõ, deſde minino, que eſcaſſamente ſaberá dar conta de ſua alma, de que he inteiro dono, que poderá dalla boa de muitas, que ſem eſtar em ſua maõ toma em adminiſtraçaõ. Ser Prelado he obra ſancta, e boa; mas ſó pera gente perfeita: e ſó pollo meſmo caſo, quem ſe vir longe de perfeiçaõ, ſayba, que abre grande porta pera ſe perder, atrevendoſe a mandar. Perſuadido deſta verdade, e conhecido de minhas

Greg. Naz.

nhas faltas, e miſerias, naõ me dobrey, nem dobrarey nunca, em quanto ſiſo tiver, a iſſo, que chamais honra, e que eu ſey, que he caminho de perdiçaõ. Tornou o bom Padre a ſuas occupaçoens antigas, e a entender ſó conſigo, e com Deos; e como ſe no mundo outra couſa naõ ouvera mais, que elle, e Deos, aſſi ſe recolhia com elle o dia todo em oraçaõ, e uniaõ continua.

Sendo velho, foyſelhe corrompendo a chaga da perna, e era intoleravel o tormento, que lhe cauſavaõ as dores, e juntamente o aſco, e máo cheiro da corrupçaõ. Mas acudialhe o Senhor com huma paciencia tanto mayor, que o trabalho, que já naõ parecia paciencia, ſenaõ alegria, e triumpho: chegavaõ os Religioſos a conſollalo com laſtima: tays repoſtas lhes dava, que tornavaõ compungidos, e confuſos. Dores ſaõ, dizia, do Inferno, as que me cercaõ; mas eu tomara ter muitos corpos, e em cada hum muitos mais membros dos ordinarios, e em cada membro outra tal chaga, e muito mayores dores das que padeceo neſte: porque tudo fora ganho pera mim, e mercê de meu Senhor Jeſu Chriſto, pera lhe ſatisfazer por meus grandes peccados, e alguma parte do muito, que elle fez por mim: eraõ dezejos de coraçaõ. Parece que foraõ ouvidos no Ceo. Naõ ſe póde crer a tempeſtade de males, que vieraõ de novo ſobre elle, que a longa idade fazia mais peſados. Veyo a ficar tolhido de todos os membros, e ſem movimento natural em nenhum mais, que na lingoa, e olhos. Mas neſte eſtado a lingoa, como a de outro Job, pregoava louvores de Deos, e os olhos, pregados em hum Crucifixo, davaõ teſtemunho com abundancia de lagrimas, que tudo havia por pouco pera o que ſe ſentia obrigado a padecer por taõ bom Senhor. Saõ Inferno novo pera Satanas ſemelhantes eſpiritus; rayvava de ira, abraſavaſe de inveja pollo que via em Frey Bertholameu. He a terra de Aveiro, por muito humida, e cercada de eſteiros do mar, que a retalhaõ, e penetraõ por muitas partes, ſujeita a hum genero de bicho taõ nojento, que até o nomeallo cauſa aſco (chamaõlhe perſobejo) bicho taõ natural, e familiar em todas as caſas da Villa, que por mais diligencia, e curioſidade que haja, naõ ha nenhuma, que baſte a deſterrallo, e vencello. Parece que o meſmo ar o cria, e com tal importunaçaõ, que tirado, e desbaratado à noite, quando vem pola manham, já as paredes, os ſobrados, os forros das caſas, e qualquer taboa o brotaõ, e chovem: porque por ſy ſe cria, e naſce ſem haver miſter ſemente, como os outros animays; e ſobre bellicoſo, e bebedor do ſangue humano, tem outras partes, que o fazem ſobre maneira aſqueroſo, e aborrecido. He a primeira hum cheiro peſtilencial, ſegunda amar, e buſcar os leytos, e converſaçaõ humana, fazendo guerra ſem remedio ao ſono, e à limpeza, porque tem muitos pés pera correr, e dentes pera morder; ſendo tal pera os ſeculares, que tem, e ſabem procurar ſuas commodidades, entendido fica qual ſerá pera os pobres Frades, onde cada

da hum ſe ſerve a ſy ; e pollas muitas occupaçoens, de que vivem ſercados dia , e noite, eſcaſſamente tem hora ſua : e ſe iſto he em todos , faça agora juizo quem iſto ler , qual ſeria pera hum entrévado , corpo vivo , e com valor pera criar , e alimentar o bicho, defuncto pera ſe defender. Parece, que eſpertaraõ a praga os miniſtros do Inferno ; porque eraõ infinitos ſobre elle , e acreſcentavaõ o martyrio das outras dores , com as picadas , ou dentadas , com o nojo , e com o máo cheiro , afferrados na carne, que naõ reſiſtia , e bebendo como ſangueſugas ſem ceſſar aquelle ſangue ſancto , e pacientiſſimo. Muitos annos dizem, que lhe deu o Senhor de vida, e merecimento neſte eſtado, que ſofria alegre ſempre, e bem aſſombrado. Mas ſendo tantos os generos de pena ; ſó o do bicho moſtrava ſentir ſobre todas: porque ſe notou algumas vezes, que fallando com Deos , ſem pedir pera ſy mais , que paciencia , pedialhe ſempre com efficacia , que livraſſe a ſeus irmãos de taõ cruel inimigo ; chegou em fim o termo dos trabalos , e a hora do premio: entendendo, que o tinha perto, naõ era em ſua maõ o diſſimular o alvoroço com que a eſperava. Notaraõ a novidade os Religioſos ; e elle fazendo eſcrupulo , ſe por ventura a attribuiriaõ a goſto do fim da guerra, e limite de ſeus tormentos , declarouſe com elles, affirmando, que naõ era a cauſa de ſeu contentamento acharſe no cabo de tantos , e taõ importunos , e prolongados males , que eſſes tivera ſempre por neceſſarios pera pagar , e merecer : ſenaõ ver já os principios dos bens da gloria , cujos orizontes comeſſava a deſcubrir com a viſta beatiſſima do bom Jeſu , que ſobre tudo dezejava Aſſi acabou , e acabou na meſma hora , e juntamente com elle a praga dos perſobejos no Convento : de ſorte , que ſenaõ viraõ mais nelle : e ſe acontecia vir roupa de fóra com alguns , entrando das portas pera dentro morriaõ logo. Semelhante favor he o que alcançou Sancta Thereſa pera as ſuas Deſcalças contra os piolhos. Mas ſendo aſſi, que conhecemos Fadres , e naõ dos mais velhos , que alcançaraõ o Moſteiro limpo deſta miſeria , he couſa certa, que de alguns annos a eſta parte tem ceſſado nelle a maravilha ; e continuaõ como de antes da morte do bom velho. Bom aviſo pera que trabalhemos de conformar noſſas vidas com a ſua : e que temamos , ſe nos falta o milagre por ſobejarem defeitos nellas. Deu o Ceo ſegundo teſtemunho em honra do Sancto aos quinze annos deſpois de ſeu bemdito tranſito. Abrioſe a cova pera outro defuncto (eſtivera até entaõ reſpeitada por quem nella jazia) eis que apparece eſtranha maravilha : topaõ os coveiros debaixo da terra com capa preta , e habitos brancos , taõ ſãos , e puros , como ſe daquella hora foraõ alli lançados. Paſſaraõ adiante : achaõ o corpo inteiro , e taõ longe de corrupçaõ pera mais eſpantar , que alegrava , recreava , e conſolava hum halito , que daquella terra fria eſpirava: terra taõ poderoſa em virtude do Senhor , a quem ſervira , que baſtou a communicar ſua incorrupçaõ , e fragrancia , até a lam

dos

dos animais, de que era compoſto o veſtido. Digniſſimo caſo pera ſe illuſtrar com mais, que eſcritura ordinaria, ſe nos naõ fizera puſillanimes em todo tempo, recearmos, que nos lance cores ao roſto, celebrar couſas, que por ſerem de noſſos irmãos, ficaõ em lugar de proprias. Huma, e outra ficou a beneficio de tradiçaõ, e memoria dos ſucceſſores; mas ſabidas com tanta certeza, que naõ ha nenhuma na Provincia mais averiguada.

CAPITULO VI.

Dos Padres Frey Eſtevaõ da grande memoria, Frey Payo, Frey Palladio, e Frey Joaõ Dias primeiro, e ſegundo.

COm o titulo da grande memoria, e ſem outro nenhum ſobrenome, nos deraõ a conhecer os Religioſos antigos o Padre Frey Eſtevaõ. A razaõ dizem, que naõ foy ſó tella feliciſſima, mas merecella tambem por obras de grande virtude, que por ſerem tays, foy muy aceito a elRey Dom Affonſo Quinto. Contaõ delle, que tinha huma notavel candideza, e ſimplicidade natural, acompanhada de alto ſaber, com que repreſentava ao juſto em ſy o que Chriſto queria nos ſeus, prudencia de Serpente, ſingeleza de Pomba. Eſtas partes empregadas nos officios, que a obediencia lhe encomendava, rendiaõlhe fazer todos com grande perfeiçaõ, e fiar delle muitos juntos, que elle por brando, e alegre de condiçaõ, aceitava ſem replica, e por muito entendido dava de todos boa conta, acudindo a todos, inda que lhe cuſtavaõ muito trabalho, como ſenaõ tivera mais que hum ſó. Alegremſe os bem occupados, e activos: envergonhemſe os preguiçoſos. Trabalhando ſempre Frey Eſtevaõ viveo vida muy larga, e acabou ſanctamente.

Dous Padres ambos de hum nome, que quaſi juntos concorreraõ neſta Caſa, celebraraõ as memorias della com louvores de Sanctos: e eſcondendonos particularidades, ſó apontaõ, que hum ſe chamava Frey Payo de Lyra, e o outro pera diſtinçaõ ſe nomeava em algumas Eſcrituras por Frey Palladio. De ambos affirmaõ, que foy a vida de raro exemplo, e a morte ſancta: mas na de Frey Palladio ouve hum prodigio, que faz medo, por extraordinario. Entrando em artigo de morte appareceo ſobre o Campanario do Convento huma coluna de fogo, que ſendo viſta, e notada com eſpanto, naõ ardeo mais, que em quanto durou a candea da vida do Religioſo. No ponto, que ſe apagou o fogo deſta, deſappareceo o da Coluna.

Sigaõ a dous Religioſos de hum meſmo nome, e de huma meſma ſanctidade outros dous, que em ambas eſtas partes lhes foraõ bem parecidos. Ambos eraõ de nome Joannes, e de ſobrenome Dias, ſó com eſta differença, que o mais antigo era Meſtre em Theologia, o outro Bacharel, que agora chamamos Preſentado. O Meſtre foy Reformador em nome, e obras fóra da Provincia: o Preſentado entre os naturais, era chamado por excellencia o Reformador, e juntamente Reedificador: porque em toda a Caſa, em que entra-

trava, naõ ceſſava de reformar coſtumes a todo ſeu poder, e reedificar o que eſtava neceſſitado de obra de mãos: e tudo lhe ſuccedia bem, obrigando ſeu grande exemplo aos de Caſa pera o imitarem de boa vontade; e aos de fóra pera lhe acudirem liberalmente com eſmollas. Mas o Meſtre, além deſtas partes, era famoſo letrado, e prégador inſigne: e por ſer tal, pedindo el-Rey Dom Fernando o Catholico Reformadores pera a Provincia de Caſtella, e paſſando o Padre Geral ſua commiſſaõ confirmada com Breve Apoſtolico pera o Vigairo Geral da Obſervancia deſte Reyno, que era Frey Pedro Dias, que eſcolheſſe em ſua Congregaçaõ peſſoas idoneas pera o negocio, o primeiro, que chamou, foy o Meſtre Frey Joaõ Dias: e dandolhe companheiros de grande conta, e reſpeito a ella, fez cabeça de todos, com titulo, e poderes de Vigairo Geral do Reverendiſſimo, pera viſitar, e reformar como lhe pareceſſe. Os Frades, que levou, ſerá razaõ ficarem aqui juntamente nomeados por huma vez, ainda que de cada hum per ſy, ſerá poſſivel fazermos mençaõ no diſcurſo da Hiſtoria, porque pera clareza della, e honra dos ſujeitos, naõ ſe eſcuſa em algumas occaſioens repetiçaõ de couſas: pollo pedir, ou antes forçar muitas vezes a qualidade deſta Eſcritura. Os que ficaraõ em lembrança, filhos deſte Convento, foraõ Frey Joaõ de Aveiro, e Frey Diogo Velho. Levou mais do Convento de Bemfica Frey Fernando de Braga, e outros tres. O primeiro Convento, em que comeſſou a uſar de ſeus poderes, foy Sancto Eſtevaõ de Salamanca: logo paſſou a Sancta Cruz de Segovia, e a Sancto Thomas de Avila: deſpois vio S. Domingos de Piedrahita, e outros, mas poucos: porque neſtes foy tomando conhecimento de toda a Provincia: e como tinha grande juizo natural, e experiencia acquirida de governo, ficou largamente inteirado de tudo, o que cumpria remediar. Era a tençaõ d' elRey neſta viſita reduzir as couſas da Religiaõ em tudo o que pudeſſe ſer, a ſeus primeiros principios: e pera eſte fim deſfazer parcialidades, e extinguir ambiçoens, que ſaõ a peſte, com que o inimigo commum corrompe os bens da Religiaõ, desbarata as leys, afroxa o rigor; e em fim aſſola as Provincias inteiras; porque quem folga de mandar, logo arma traças pera continuar o mando em ſy, ou nos alliados: e ſaõ as ordinarias fazer gente, e criar obedientes pera vir a alcançar por numero, e vozes, o que ſenaõ merecer por virtude, e juſtiça. Aqui entra a perdiçaõ, porque ſuſtentar eſtes, naõ ſe faz ſenaõ à cuſta da honra de Deos, ſofrendo deſcompoſturas, naõ caſtigando, nem reprehendendo devaſſidoens, que he o primeiro mal, que faz contra a Religiaõ, e contra ſy, quem ſem grandes merecimentos quer, e procura ſer Prelado. He o ſegundo dano, que como naõ ha pena pera culpados, vem o vicio a preſumir tanto de ſy, ou fiar tanto de quem aſſi manda, que depreſſa ſe atreve a pretender, e pedir o premio devido à virtude; e nunca deixa de alcançar: porque a maõ do diſpenſeiro, como he guiada de intereſſe, e reſ-

peito proprio, ſabe que ſua vida, e poder conſiſte em o ter contente. Aſſi reynaõ os que menos merecem: e morrem pollos cantos deſconfiados, e deſprezados os que deviaõ eſtar nos primeiros lugares. E às vezes póde tanto o deſprezo, e a deſconfiança (como noſſa natureza he taõ fragil) que perde a virtude os eſtribos da fé, e dezemparando os muros da inteireza, lançaſe com ſeus contrarios; e ouzaria eu affirmar, que ſe o monſtro antigo da Clauſtra naõ entrou por eſtes meyos, ao menos com elles ſe ſuſtentou. Mas tornando aonde nos deviamos, tanto que o Viſitador alcançou o eſtado das couſas, e conheceo os humores, e qualidades dos ſujeitos, que havia na Provincia, foy grangeando, e ganhando os animos de todos, com tanta brandura, e prudencia, e encaminhando os fins de ſua commiſſaõ com tal deſtreza, que muito ſuavemente, e ſem lhe diſcrepar homem, levou toda a Provincia a conſentir em muitas couſas, que por entaõ lhe pareceraõ neceſſarias. Como a vio neſte eſtado, publicou Capitulo Provincial. Juntos os Vogais, era imaginaçaõ, e diſcurſo dos mais, naõ mal fundado, que pera conſervaçaõ da paz, e deſentabolar parcialidades, ſe faria eleger em Provincial a ſy, ou algum dos companheiros. Mas Portuguez limpo de mãos, e de todo o raſto de ambiçaõ, tendo ſó diante dos olhos o ſerviço de Deos, e o bem, e honra da Provincia, propozlhe o mais digno ſujeito, que nella achou; e inſtou com admiraçaõ de todo o Capitulo, porque ſahiſſe eleyto, como ſahio, com grande conformidade. Chamavaſe Frey Diogo Madanelo, conhecido por grandes letras, e partes, quais convinhaõ na occaſiaõ preſente. Feita eleyçaõ, e confirmada por elle, paſſou a outro Auto, que naõ eſpantou menos, mas edificou mais. Como tinha a Provincia junta, fez huma practica aos religioſos, na qual lhes declarou, que por iſſo lhes dera Provincial, pera elle pôr termo à ſua viſita, e commiſſaõ: porque ſua tençaõ era deixar o proceſſo da reforma nas mãos de tantos Varoens taõ prudentes, taõ letrados, e taõ religioſos, como na Provincia havia; que ſe elles, que eraõ tays, naõ reduziſſem por ſy o eſtado das couſas a mayor pureza antiga, em vaõ ſe canſariaõ niſſo os eſtranhos: e affirmava, que ao credito de todos cumpria governaremſe com paz, e tanto amor da Obſervancia, que a elles, naõ a elle ficaſſem devendo o Rey, e o Reyno, e o Reverendiſſimo todos os bens, que dalli em diante ſe contaſſem da Provincia; que tinha por certo haviaõ de ſer muitos, em virtude da grande bondade, e fervor de eſpiritu, que nella achava. E por tanto deſde aquella hora ſe deſpedia do cargo, e delles, e lhes pedia o encomendaſſem a Deos: e logo havendoſe já por ſubdito, tomou com humildade a bençaõ ao Provincial. A cabo de poucos dias, deu volta pera a patria com muita ſatisfaçaõ d'elRey: mas com louvores nunca ouvidos dos Frades Caſtelhanos, que ficaraõ paſmados da facilidade, e boa ſombra, com que ſe deſpegou de tamanho, e taõ honrado lugar, que pudera lograr annos inteiros, ſe fora ambicioſo. De todos ſó

Frey

Frey Fernando de Braga ſe atreveo a ficar, mas ſubdito, e em Caſa das mais reformadas.

O Meſtre Frey Joaõ deſpois de vindo pera o Reyno, foy eſcolhido por elRey Dom Joaõ Segundo por ſeu confeſſor: e tambem o foy da Infanta Dona Joanna ſua irmam; e ſe achou em ſua morte: e a ambos era muy aceito ſeu trato, e ſua doutrina. Neſte Convento foy Prelado algumas vezes, e nelle veyo a fallecer em boa, e ſancta velhice, e ſendo actualmente Prior. Reſta declararmos huma divida em que eſtamos a eſte Padre, e naõ he pequena a meu ver. Tambem fundada deixou a reformaçaõ com ſua doutrina, exemplo, e trabalho, naquella Provincia, que dentro de poucos annos nos veyo a pagar na meſma moeda, e ſemelhante officio, mandandonos o muy religioſo Padre Frey Joaõ Furtado pera reformador dos Conventos de Lisboa, e Batalha, à petiçaõ d'elRey Dom Manoel, e deſpois em tempo d' elRey Dom Joaõ Terceiro outros Varoens graviſſimos, que com ſuas virtudes, e prudencia, fizeraõ mais illuſtre a memoria do noſſo Portuguez: e naõ na honra hoje menos o Padre Meſtae Frey Domingos Pimentel irmaõ do Conde de Benavente, que actualmente nos eſtá viſitando no tempo, que iſto vamos eſcrevendo, por commiſſaõ do noſſo Reverendiſſimo Frey Serafino Sicco: e ſaõ ſuas qualidades taõ raras no que toca ao ponto da Religiaõ, e bom governo, que ſempre faraõ ſua memoria louvada, e celebre neſte Reyno.

CAPITULO VII.

Do Padre Frey Pedro Dias Vigairo da Congregaçaõ reformada.

O Padre Frey Pedro Dias foy aquelle, que ſendo Vigairo dos Conventos Obſervantes, eſcolheo, e deſpachou pera Caſtella os Viſitadores, de que acabamos de eſcrever. Antes de entrar na Religiaõ tinha tomado gráo de Bacharel formado em Theologia: e nunca deſpois teve outro; porque os Prelados da Congregaçaõ naõ conſentiaõ, que ouveſſe entre elles, quem grangeaſſe, nem aceitaſſe gráos de mercê, que ſaõ materias de oſtentaçaõ, naõ de juſtiça: juntava eſte Padre com grandes letras maravilhoſa eloquencia no Pulpito. Huma, e outra couſa lhe rendeo chamallo elRey Dom Joaõ Segundo pera ſeu Prégador: e valerſe de ſeu conſelho, e partes, em negocios de grande peſo: como foraõ o aſſento das pazes entre elle, e elRey Dom Fernando Catholico: e do caſamento do Principe Dom Afonſo ſeu filho com a Infanta Dona Iſabel filha do Catholico: e neſtes procedeo com grande ſatisfaçaõ de ambos os Reys, ſegundo o achamos pollas memorias da Ordem. Dos Chroniſtas ſeculares naõ ha que fazer caſo: ſempre ficaõ curtos em dar louvor, e memoria aos Religioſos, por grandes que ſejaõ as couſas, que paſſaõ por ſuas mãos. Eſtas tiveraõ muitos encontros, e difficuldades, mas todas venceo a induſtria, e prudencia de Frey Pedro: porque em aviſo, e agudeza de engenho, naõ ti-

nha igual; e particularmente era notado de huma facilidade, e preſteza natural pera deſcubrir meyos em negocios difficultoſos, e até pera os deſeſperados tinha maõ, e confiança, com que os fazia chegar a bom fim. Eſtas partes juntas com grandes virtudes, e religiaõ, pollas quais era conhecido, e com huma preſença natural de grande authoridade, o faziaõ em todo lugar veneravel, e amado, aſſi na Ordem, como fóra della. O que ſe deixa bem entender de huma commiſſaõ, que elRey Dom Joaõ fiou delle, naõ menos importante à Coroa Real, que ao bem do povo. Lançaremos aqui a propria Proviſaõ, que pera exercitar lhe mandou elRey paſſar: ficarnosha ſervindo de hiſtoria, e teſtemunho mais verdadeiro da grande opiniaõ em que eſtava na terra: e diz aſſi.

DOm Joaõ por graça de Deos Rey de Portugal, e dos Algarves, da quem, e dalem, mar em Africa Senhor de Guiné, &c. A quantos eſta noſſa Carta virem fazemos ſaber, que nós damos, e outorgamos ao Doutor Frey Pedro Dias, Frade da Ordem de S. Domingos em eſta Villa de Sanctarem, toda noſſa authoridade, e inteiro, e cumprido poder, pera elle em noſſo nome, e por ſuas Cartas aſſinadas por elle, e feitas por Gonçalo Gil noſſo Eſcudeiro mór na dita Villa, que lhe por noſſo Eſcrivaõ por eſta apropriamos, poder dar livramento, e perdaõ dentro no termo de nove mezes primeiros ſeguintes, contados da feitura deſte em diante, e mais naõ, a toda a peſſoa, que atégora for culpada em as culpas abaixo declaradas, naõ ſendo noſſo official, nem noſſo Capitaõ, ou Eſcrivaõ de navio, ou trato, e reſgate de Guinea. E eſto ſatisfazendo a dita peſſoa culpada, por cada huma das ditas culpas, na maneira, que ſe adiante ſegue. Se ouve deſembargos d' elRey meu Senhor, e Padre, que Deos tem, ou noſſos duplicados: ou tem em ſy por qualquer maneira alguns dinheiros ſeus, ou noſſos, ou outras quaeſquer couſas, como nom devia, e nos tornar as tres partes delles, ſeja perdoado da quarta parte, e de toda outra pena crime, e civel, que por ello merecia. E ſe tem havidos, ou ſonegados dinheiros, ou couſas dos culpados nas treiçoens paſſadas, que a nós pertençaõ, e pagar ametade, ſeja perdoado da outra metade, e de toda a pena, em que por ello encorreo; e ſe deu dinheiro a cambios pera Guinea, ou levou couſas defezas, ou reſgatou, ſem noſſa licença,

naõ

naõ ſendo já por ello demandado por noſſa parte: nem ſendo noſſo Capitaõ, ou Eſcrivaõ: pagará ametade do que por noſſas Ordenaçoens haviamos de haver, e ſeja perdoado da outra metade, e das outras penas, que por ello merecia. E ſe meteo de fóra do Reyno couſas defezas, pague a ſiza, e a dizima do que nellas montar, e ſeja perdoado das outras penas, em que por ello encorreo. E ſe meteo couſas naõ defezas, e nom pagou dellas noſſos direitos, pague ametade, do que ouvera de pagar; e ſeja perdoado da outra metade, e de toda a outra pena, que por ello merecia. E ſe paſſou para fóra do Reyno ouro, prata, e quaeſquer outras couſas defezas, ſem noſſa licença, e pagar as dizimas do que as ditas couſas valiaõ, ſeja perdoado do mais, e de toda a outra pena, em que por ello encorreo: e ſe paſſou gados pera fóra do Reyno, pague o quinto delles, e ſeja perdoado do mais, e aſſi das penas crimes, e civeis, que por ello merecia: e queremos, e mandamos, que os perdoens, que o dito Frey Pedro a cada hum dos ditos culpados aſſi der, das culpas, e couſas, que em elles forem eſpecificadas, e declaradas, ſejaõ firmes, e valioſas pera todo ſempre; aſſi como ſe por nós, e noſſas Cartas aſſinadas de noſſo ſinal, e ſelladas de noſſo ſello pendente foſſem dados. E em teſtemunho dello mandamos paſſar eſta noſſa Carta, aſſinada por nós, e ſellada do dito noſſo ſello pendente. Dada em noſſa Villa de Santarem a 8. dias de Novembro. Antonio Dorta a fez, Anno do Naſcimento de Noſſo Senhor Jeſu Chriſto de 1487. 1487.
e os officiaes, que neſte perdaõ naõ haõ de entrar, alem dos que aſſima ſaõ nomeados, ſaõ os de noſſa fazenda, e outras peſſoas, que tiverem carrego de eſcrever, receber, e deſpender dinheiros, e couſas noſſas, que em ſcus officios, e carregos erraſſem. ElRey.

Lancei aqui de melhor vontade eſta honrada commiſſaõ de Frey Pedro, porque, dandolhe elRey a honra, julgo que deu elle a elRey a traça. Era ſeu confeſſor, julgou que lhe convinha procurar, por todas as vias poſſiveis, que os vaſſallos eſtiveſſem em boa conſciencia. Grande, e ſancto documento pera todos os que tem ſemelhante lugar com os Principes. Advirto, que naõ faça duvida nomearſe na Proviſaõ Doutor, ſaõ honras, que os Reys fazem a muitos eſcrevendo, e fallando. E poſ-

poſto eſtá em uſo valeremſe os homens dellas: porque naõ tem os Reys menos authoridade pera dar gráo em ſeu Reyno, e a ſeus vaſſallos, que a ſua Academia por elle inſtituida: mas Frey Pedro naõ uſou nunca deſta na Ordem, nem quiz mais, que a que por ſeu eſtudo, e trabalho tinha alcançado. Por naõ deixarmos nada do que os Antigos louvaraõ neſte Religioſo, diremos duas partes, que na Religiaõ luſtraõ muito; e pera bem ſervir ſaõ muy convenientes. Era huma, ſer muito déſtro, e bom muſico, de que reſulta concerto, e decoro nos officios Divinos: outra ſer excellente Eſcrivaõ. Que na verdade parece, que faz contradiçaõ ſer hum homem douto em ſciencia, da qual naõ ſabe com perfeiçaõ formar os caracteres. Por iſſo gabo, e he de louvar o coſtume de huma Religiaõ, que a primeira couſa, em que exercita ſeus noviços ſem faltar nas do eſpiritu, he eſta mecanica: e daqui vem ſer muy raro entre elles o que naõ eſcreve bem.

CAPITULO VIII.

Do Padre Frey Baltheſar de Guimaraens.

NO Anno de 1501. veſtio o habito de Irmaõ Leygo, ou Converſo, Frey Baltheſar de Guimaraens em idade de 24. annos, pouco mais, ou menos: e tal conta deu logo de ſy nas materias do eſpiritu, e nas outras de ſua obrigaçaõ, moſtrando neſtas diligencias, e bom juizo, e nas mais muito amor de Deos, e da Religiaõ: que ſuccedendo certo negocio na Congregaçaõ, em que pareceo ao Vigairo Geral della, que convinha mandarſe homem proprio a Roma, foy elle eſcolhido pera a jornada. Era Frey Baltheſar muito pequeno de corpo, e por eſſa rezaõ naõ conhecido por outro nome, ſenaõ de Frey Baltheſarinho: tomando o caminho Apoſtolicamente a pé, preſentouſe diante do Reverendiſſimo, aſſi fraco de peſſoa, e geſto, e ſobre tudo empoado, e mal tratado; mas val tanto a virtude, que naõ ſó lhe pareceo gentil homem, mas hum verdadeiro filho de S. Domingos; e ouvidas ſuas rezoens, e a ſuſtancia do negocio, que levava, ouveo por digno de tornar com honra, além do bom deſpacho, e de ſua maõ lhe veſtio o habito de Frade do Choro: e lhe deu licença pera receber todas as Ordens; porque tinha de latinidade o que baſtava pera ellas. Era Frey Baltheſar antes de Sacerdote muito dado à Oraçaõ: tal ſabor ſentia nella, tantos favores communicava Deos a ſeu eſpiritu, que, ſe naõ ouvera de permeyo acudir às occupaçoens em que a Communidade o trazia empregado, nunca a deixara. Mas deſpois que foy continuando a communicaçaõ quotidiana do Altar, abraſavaſe em fogo do Divino Amor. Cerrandoſe o dia, e com elle tomando termo as obrigaçoens do ſerviço da Caſa, aproveitavaſe da noite pera dar a môr parte della às delicias, que ſua alma achava no trato, e contemplaçaõ do Ceo. Creſcia o fogo com a continuaçaõ, a experiencia ſevava o goſto: horas havia, que naõ trocara por todos os bens da terra juntos. Porém o Inferno, que todo noſſo bem

bem aborrece, deſpois que com lanços ſecretos lhe naõ pode fazer dano na conſciencia, que com tentaçoens, e varias ſiladas intentou: reſolveſe em guerra campal. Juntaſe a inquietalo no mayor fervor da Oraçaõ, com medos, e fantaſmas. Bem ſabia Frey Baltheſar, que lhe naõ podia empeſſer em nada ſem licença do Senhor do Ceo, e da terra, a quem tudo obedece: todavia perturbavaſe a humanidade, com a fealdade infernal. Pera ſe valer coſtumava pedir a algum Religioſo, que o acompanhaſſe, ao menos ficando ſentado nos degráos da Capella. Baſtava iſto pera lhe darem os inimigos menos guerra, mas naõ pera o deixarem de todo. E elle pera que o Frade naõ temeſſe, dizialhe, que ſe ouviſſe rumor, ſoubeſſe que naõ era couſa de importancia, que o faziaõ hum proviços ocioſos, que continuavaõ na Igreja, e aſſi paſſava. A eſtes fervores ajudava huma inflammada charidade pera com os pobres, naſcida de grande compaixaõ, que lhe fazia toda a gente neceſſitada, e affligida. Alguns caſos ficaraõ entre os Religioſos, que deſcobrem diſto muito: e ſerá rezaõ naõ callarmos nenhum: porque, inda que poucos, ſaõ como humas balizas, que nos eſtaõ provando, e affirmando, que ouve muitos mais, que a nós naõ chegaraõ.

Era Refeitoreiro (e a tradiçaõ he, que fazia eſte officio no Convento do Porto) entraraõ huma manham muitos Frades juntos, huns da Batalha, outros de Coimbra, outros de Aveiro, e todos caminho pera Braga a tomar Ordens: naõ querendo eſperar pollo jantar, por naõ perderem jornada, deulhes de almorçar com charidade, e deſpois encheolhes as mangas do paõ que havia, e pediolhes que levaſſem de mais humas peſcadas ſecas pera ſe valerem onde chegaſſem ao meyo dia, e à noite, viſto naõ haver Convento noſſo no caminho, nem em Braga. Fez conta o charidoſo Refeitoreiro, que por muito que gaſtaſſe com os hoſpedes, naõ faltaria o paõ ordinario na Amaſſadeira, nem o peixe freſco na ribeira, que ſempre acode. Mas porque as horas corriaõ, e almaſſadeira tardava com o paõ: mandoua aviſar da neceſſidade, e da rezaõ della. Foy a repoſta, que ouvera ſucceſſo, que eſtorvara cozer o forno, e naõ ſeria poſſivel acudir com paõ menos das duas horas deſpois do meyo dia. Sobreſaltado ficou, temendo fazer defeito, mas naõ deſconfiado das miſericordias do Altiſſimo, que cada hora experimentava. Foyſe diante do Sanctiſſimo Sacramento propor a falta com lagrimas; allegando, que fora a cauſa della charidade naõ intempeſtiva, e diſcurſo naõ mal fundado. Tornouſe a aparelhar o refeitorio cheyo de confiança, que o Senhor lhe acudiria: ſenaõ quando a caſo, abrindo a arca do paõ pera tirar della huma toalha, deſcobre, ſoberana maravilha! vê a arca cheya de paõ até boca; paõ mimoſo, e fermoſo, e em fim dado do Ceo. Reconheceo a miſericordia, e logo alli com os joelhos em terra, mãos, e olhos ao Ceo, rendeo as graças ao Senhor delle, e alegremente fez final à ſua hora. Mas o Senhor, que nunca faz mercês de meyas, e ſempre

exce-

excede as medidas curtas de noſſos dezejos, quiz tambem dar premio á charidade do peixe, e foy aſſi, que hindo ſobre tarde receber o paõ á portaria, achou nella dous mancebos com huma copia de peſcadas freſcas: que ſem eſperar, que ſe trataſſe de preço, nem outra palavra, lhas deixaraõ diante, e feita ſua reverencia viraraõ as coſtas. Naõ ignorou Frey Baltheſar quem eraõ os portadores: porque a preſença, o geito, e a cortezia o obrigava a julgar naõ ſer gente do mar, nem da terra. Aſſi o affirmou, ſendo já muito velho, a hum Religioſo amigo, pera honra de Deos: mas ainda entaõ pedindo ſegredo pera em ſua vida, contava, que tal reſplandor vira no ſembrante, e olhos de ambos, que nunca lhes pudera ter o roſto direito.

Conhecemſe de longe, e juntaõſe facilmente, e de boa vontade os ſervos de Deos. Vinha de Caſtella, chamado d' elRey Dom Manoel, o Padre Frey Joaõ Furtado pera effeito de reformar os dous Conventos de Lisboa, e Batalha: entrou por entre Douro, e Minho: pagouſe tanto do que ſentio, e ſoube de Frey Baltheſar (naõ nos conſta onde ſe encontraraõ) que tendoo por gigante de eſpiritu, ſe bem de corpo Pigmeo, folgou de ſe acompanhar com elle. Bem he poſſivel, que como era ſobre maneira humilde em todas ſuas acçoens, ſenaõ deſcuidaſſe em tomar companheiro, peſſoa em quem reluzia humildade por tantas vias, como eraõ, alem da fama de virtude, e a repreſentaçaõ corporal, e o haver ſido pouco antes Frade Leygo. De qualquer maneira, que foſſe, ſabemos, que fizeraõ juntos alguns caminhos, e o modo era caminhar a pé ſem alforje, nem bolſa: capa às coſtas, breviarios nas mãos, ou nas mangas, entrando nos lugares, ſe eraõ horas de comer, mendigar alguma couſa por eſmolla pera paſſar, de porta em porta. Succedeo ſahirem huma manham de Guimaraens pera Braga hum pouco tarde, e ſem comer. Deviaos deter a Miſſa, e ſer dia de jejum. Deſcubrio o ſol, comeſſou a cahir calma: creſceo a fraqueza com a quentura, e canſaço, nos corpos por ſy debilitados de jejum, e penitencias. Sentaraõſe a huma ſombra pera deſcanſar hum pouco, tomando por alivio louvar a Deos, e rezar ſuas horas. Tinhaõ rezado té Noa: mas desfalecia o alento pera ſubir os montes igualmente em ambos: eſtava à viſta huma caſa, que por ſó, e mal compoſta, prometia pouco remedio pera ſeu dono, quanto mais pera hoſpedes. Diſſe Frey Joaõ ao companheiro, que foſſe a ella pedir eſmolla, foy confiança de Sanctos o ir, e o mandar. Pedio eſmolla Frey Baltheſar, e acudio á porta huma pobre mulher, que pondo os olhos nelle, ſegundo deſpois contava, ficou como eſpantada: e devia ſer ou de ver Frade pedir a tal porta; ou de ver tal peſſoa de Frade: e recolhendoſe, tornou logo com hum paõ alvo, e hum vaſo de vinho, que lhe poz nas mãos. Cauſou eſpanto a ambos acharſe tal paõ em lugar taõ ermo, e maravilhou mais a qualidade do vinho bom, e fino pera deſcançados, quanto mais pera neceſſitados: e huma couſa, e outra, contra o coſtume daquella

quella terra, onde o paõ ordinario, até em mezas grandes, he de milho, que chamaõ boroa, e o vinho verde, e tal, que na arvore, a que ſe arrima, naſce já vinagre; com tudo foy caſo, que podia bem ſucceder ſem myſterio. Mas o que ſuccedeo, e aconteceo outra vez a ambos, teve muito de milagroſo. Caminhando huma manhã, encontraraõ com huma Igreja na eſtrada, que levavaõ: diſpuzeraõſe a dizer Miſſa, fizeraõ muita detença, e tornaraõ a ſeguir ſeu caminho, e muito canſados, e já tarde chegaraõ a huma venda; naõ eraõ bem chegados, quando ſahe à rua a vendeira, e recebeos com eſtas palavras. Acabay de chegar Padres, que ha boas duas horas, que eſpero por vós com o jantar preſtes. Eſta mulher naõ vira nunca a nenhum delles, e dizem alguns, que chamou por ſeu nome ao Padre Frey Joaõ.

Viveo Frey Baltheſar longos annos, e veyo a cegar de velhice, mas eſpertou a viſta dos olhos da alma a falta dos corporaes. Ditoſa cegueira pera quem naõ ſabia, nem queria mais, que eſtar ſempre com Deos: dantes tomavaõlhe muitas horas os officios da Communidade: deſpois de cego naõ havia nenhuma, que deixaſſe de ſer toda de Deos, e ſua. E porque tinha longa experiencia dos ganhos, que ſe achaõ na oraçaõ, e reza da Communidade: aſſi cego acudia ao Choro a todas as horas do dia, e noite, como quando era muito moço, e bem viſto: e porque ſabia tudo de cór, naõ perdia verſo. Pareceo todavia a hum Provincial, que era crueza ſoffrer hum velho tanto trabalho; mandoulhe por obediencia que deixaſſe a continuaçaõ do Choro. Aſſi o ſentio, como ſe fora huma grande affronta. Queixouſe, chorou, allegou, que era muito peccador, e naõ tinha já outro meyo de ſatisfazer ſenaõ aquella pequena occupaçaõ; que o naõ livraſſem della, ſe lhe queriaõ dar alguns dias de vida, e conſolaçaõ. Em fim venceo, tornou a ſua aſſiſtencia, e nella perſeverou, até que deſemparada do vigor natural com a força dos annos aquella humanidade, cahio em cama, contando muitos annos, além dos oitenta. Aſſi cego, e entrévado viveo ainda, como em purgatorio algum tempo, até que hum dia do Anno de 1564. paſſando hum Irmaõ Leygo por junto da enfermaria, ſentio que ſe tocava dentro hum inſtrumento muſico. Eſtranhou a novidade; e muito mais a ſuavidade da armonia, que lhe parecia couſa muy peregrina; e acudindo aonde ſoava, achou Frey Baltheſar em eſtado, que entrava em agonias de morte. Eſtranho caſo, e de grande louvor do Altiſſimo. He ordinario no mundo, por bem que haja ſervido o ſoldado, tanto que chega a perder as forças, e o brio com a velhice, pagarſelhe o valor paſſado com deſprezo, naõ ſó com pouco favor. Naõ acontece aſſi na voſſa milicia meu bom Deos. Faltava lembrança, e vigia nos enfermeiros da terra do voſſo Velho Sancto: mandaſteſlhe Anjo enfermeiro, e taboas do Ceo, que foy a muſica, que o Leygo ouvio, e tanto a tempo, que o naõ ouve pera mais, que tocar as do Convento, juntarſe a Communidade, e deſpe- 1564.

nar o Velho, vividos 88. annos. Sinalouſelhe a ſepultura, que tem na Craſta com huns azulejos na cabeceira, que naõ ſaõ mais viſtoſos os Mauſoleos, com que a Religiaõ honra neſte mundo ſeus bons filhos.

CAPITULO IX.

De alguns filhos deſte Convento, que foraõ inſignes em letras, e Pulpito.

HAvendo de ſer eſte Capitulo de Letrados, e Prégadores eminentes, he força tornarmos a nomear alguns Religioſos, de que por outros titulos deixamos atraz feita mençaõ: e devemos primeiro lugar por eſtas partes ao Padre Frey Antaõ de Sancta Maria de Neiva; porque todos os Antigos lho deraõ nellas: e (o que he mais de eſpantar) ſem ter, nem procurar gráo de nenhuma Univerſidade.

Deſte Convento era filho o Padre Frey Dinis, de cujas partes nos dá baſtante teſtemuho o Chroniſta d'elRey Dom Affonſo Quinto Ruy de Pina nas palavras, que delle diz, e do Padre Frey Antaõ, que atraz referimos, dizendo d'ambos, que eraõ peſſoas de muy grande doutrina, e muy ſancta vida; e de Frey Dinis, que foy Confeſſor d'elRey D. Affonſo Quinto.

Cap. 4. deſte l. 3. na vida de Fr. Antaõ.

Ao Meſtre Frey Joaõ Dias Viſitador de Caſtella, ſuas letras, e prégaçaõ lhe deraõ aquelle grande cargo, e o honraraõ deſpois toda a vida: e as meſmas, que elle conhecia em Frey Diogo Velho filho deſte Convento, o obrigaraõ a que o levaſſe conſigo a Caſtella, quando foy por Viſitador.

Dous Irmãos gemeos fez verdadeiramente irmãos o habito, que neſte Convento receberaõ juntos, e a profiſſaõ, que juntamente fizeraõ, igual habilidade no eſtudo, e igual graça em ſe declarar no pulpito. Foy hum o Padre Frey Joaõ Lopes, de quem deixamos eſcrito, que foy muitos annos Vigairo da Congregaçaõ. Tal era a fama de ſuas letras, que o Padre Geral o mandou apparecer em hum Capitulo geral em Roma, e vendo nelle obras, que excediaõ à fama, lhe deu de ſua maõ o gráo de Meſtre. Falleceo no Convento de Evora, ſendo de muita idade: foy o outro Padre Frey Lopo Rodrigues em tudo igual ao irmaõ, ſenaõ no gráo. Foy Prior de alguns Conventos, e governando o da Serra de Almeirim, acabou nelle a vida, e ahi ſe enterrou.

Baſtantemente ficou acreditado o Padre Frey Joaõ de Aveiro, ſendo (como foy) eſcolhido pollo Meſtre Frey Joaõ Dias, pera ſer hum dos companheiros da viſita, e reformaçaõ, que foy fazer a Caſtella, como atraz fica dito; porque ſe determinou em levar gente, que por todas as qualidades luſtraſſe muito, e tais eraõ todos os que o foraõ acompanhando na jornada. Eſte Fadre antes de entrar na Ordem foy graduado de Lecenciado em Theologia: e contaſe delle, que com ſer nella muito douto: tanto que entrou na Religiaõ, ſe deu todo à miſtica: e a exercitava com grande deleytaçaõ do eſpiritu.

Contaõſe por de hum meſmo tempo, e de huma meſma claſſe dous Padres de muito nome,

me, nas partes dos que atraz ficaõ, que ſaõ o Padre Fr. Joaõ de Guimaraens, e Frey Domingos de Tavilla, ambos foraõ Priores nos Conventos reformados, ambos Vigairos da meſma reformaçaõ. E baſtava naquelle tempo pera credito, e como gráo eminente de letras, e eloquencia, e bom eſpiritu, chegar hum Religioſo a ſer Prelado de qualquer daquelles Conventos, inda que nenhum gráo tiveſſem de Eſcollas. De Frey Joaõ ſe faz relaçaõ na vida da ſancta Infante Dona Joanna, irmam d'elRey Dom Joaõ Segundo, que aquella idade chamou Princeſa, e nós lhe daremos hum, e outro nome ſem eſcrupulo de cometermos erro. Era elle entaõ Prior do Convento. Do Padre Frey Domingos ſe conta ſobre grandes virtudes, huma muito particular de conſervador, e augmentador dos bens dos Conventos, onde aſſiſtia, e acquiridor de novas eſmollas pera bom governo das Communidades.

Tambem careceo de gráo das Eſcollas o Padre Frey Joaõ de Braga com ſer inſigne em reputaçaõ de ſciencia; como ſe deixa entender do muito caſo, que toda a Religiaõ fazia delle, occupandoo nos cargos de mais confiança: o que naõ podia ſer ſem grandes fundamentos. Acabando de ſer Prior neſte ſeu Convento, foy chamado pera Vigairo Geral da Congregaçaõ; e governandoa, fez acabar o Moſteiro de Sancta Anna de Leyria, ſendo Confeſſor, e Teſtamenteiro da Fundadora Condeça de Loulé, filha do Duque de Bragança, e mulher do Conde de Marialva, como adiante ſe verá. Deſpois no Anno de 1513. quando ſe unio toda a Provincia á inſtancia do Padre Frey Joaõ Furtado, e tiveraõ fim as diſtinçoens dos Conventos reformados, e naõ reformados, em ſua cabeça ſe fez a uniaõ de todos, e foy o primeiro Provincial delles: e tal foy ſeu governo, que na primeira occaſiaõ, que pollo tempo adiante ſe offereceo, tornou a ſer buſcado pera o meſmo cargo, como veremos na terceira Parte deſta Hiſtoria. 1513. P. 3. l. 1.

Tambem aconteceo ao Padre Frey Aires de Azevedo, ſem ſer graduado, ter tanto nome de ſabio, e tanta authoridade com os Frades, que o fizeraõ Prelado da Congregaçaõ deſpois de ter governado alguns Conventos em particular: e tal ſujeito achou nelle o Padre Fr. Joaõ Furtado, que o ouve por baſtante, e como outro elle pera reformar o Convento da Batalha, pera que fora chamado de Caſtella por elRey Dom Manoel, ſegundo acharemos adiante. Ultimamente foy eleyto em Prior de Lisboa, e neſta Provincia acabou a vida, no Anno do Senhor de 1518. 1518.

Frey Alvaro de Inſoa, e Fr. Eſtevaõ Soutello, tiveraõ gráo de Meſtres, ambos famoſos letrados, famoſos, e utiliſſimos prégadores: neſte Convento acabaraõ cheyos de dias; mas conſta naõ ſerem filhos delle: damos-lhes o lugar pollo direito da ſepultura, e porque lhes naõ pudemos alcançar Convento proprio.

Frey Sebaſtiaõ de Aveiro por ſuas letras, e pulpito, foy muitas vezes Prior de Lisboa, e da Batalha, e deſte de que era filho;

lho: e ſem nunca ſer Provincial, foy mandado viſitar muitos Conventos em particular, e de huma vez toda a Provincia: falleceo no Convento de Villa-Real, ſendo Prior delle.

Por grande Eſcriturario foy nomeado em ſeu tempo o Padre Frey Affonſo de Seor. Eſtudou as letras na inſigne Univerſidade de Salamanca, e os bens da Religiaõ neſte Convento. E quanto ſe levantava ſobre todos por engenho, e ſciencia, tanto deſcia por humildade, e ſe havia por inferior aos mais pequenos, com huma ſancta diſciplina, digo diſplicencia, que de ſy tinha: a qual era cauſa, que ſó dos officios, que outros tinhaõ por abatidos, ſe ſatisfazia, e nenhum engeitou nunca por indigno, nem por trabalhoſo deixou de o ſervir com grande eſpiritu, e contentamento. Succedendo vir a Eſpanha o Geral Frey Vicente Bandelli, e chamando a ſy os Padres, Provincial, e Vigairo da Obſervancia, a elle encomendou por ſua Patente ambos os cargos.

Frey Thomas Rabello graduado de Doutor, antes, e deſpois de ſer Vigairo da Congregaçaõ, governou particularmente todos o Conventos della.

Frey Alvaro de Aveiro, antes de receber o habito foy muitos annos eſtudante de Theologia na Univerſidade de Alcalá de Henares.

Frey Affonſo de Madayl, por habilidade rara, foy admittido entre os primeiros Collegiais do novo Collegio, que elRey Dom Manoel inſtituhio no Convento de S. Domingos de Lisboa, e nelle veyo deſpois a ſer Prior.

De Frey Martinho de Aveiro, que foy graduado de Doutor em Theologia, e a leo muitos annos na Ordem: e de Frey Gonçalo de Oliveira Bacharel formado nella polla Univerſidade de Pariz: digamos juntamente pera contarmos de ambos huma ſancta, e humilde devaçaõ. Eraõ letrados, prégadores, graduados, e velhos: e quando aos ſabbados ſe dizia a Miſſa de Noſſa Senhora, cantavaõ ambos as ſuas proſas, que na Ordem ſe coſtumaõ; e era tanto o goſto, com que o faziaõ, que hum delles, porque tinha a viſta curta (era o Padre Frey Gonçalo) apontouas todas em caderno particular, e por elle as cantava.

Frey Pedro de Abreu eſtudou em Paris, e deſpois em Salamanca: e podendo adiantar muito mundo por eſta via, e polla da prégaçaõ, em que era unico, animoſamente ſacrificou a Deos as eſperanças de valer, e querendo ſó valer com elle, buſcouo neſte Convento: onde ſendo Prior, deſpois de o ſer em outros, falleceo ſanctamente no Anno de 1518. 1518.

De Frey Lopo Soares fica ſomado tudo o que ſe póde dizer de grandes partes, com ſabermos, como adiante largamente o contará a Hiſtoria, que foy eleyto pollo Padre Frey Joaõ Furtado, quando veyo a Lisboa no Anno de 1513. em Vigairo Geral da Provincia: e juntamente da Congregaçaõ Obſervante em quanto ſe eſperava do Reverendiſſimo a confirmaçaõ da uniaõ, que eſtava tratada, e aſſentada de todos os Conventos da Provincia, e Congregaçaõ, na peſſoa, e cabeça do Padre Frey Joaõ de Braga: chegada a confirmaçaõ, foy eleyto

Prior

Prior de Lisboa na vagante do Meſtre Frey Joaõ da Povoa : e veyo a fallecer no Convento de Azeitaõ.

Frey Thomas de Quadros Preſentado em Theologia , era taõ eſtimado polla prégaçaõ , que o tiveraõ conſigo o Biſpo , e Cabido da Sé de Coimbra , ſem conſentir faltarlhe ſua preſença , e companhia em muitos annos.

Doze annos continuos aturou a Univerſidade de Pariz eſtudando Theologia o Padre Frey Pedro Bom , que em algumas partes achamos nomeados por Frey Pedro de Aveiro. Nella tomou o gráo de Doutor , e tornando à patria , foy publico Leytor nas Eſcollas Gerais da Cidade de Lisboa onde naquelle tempo reſidia a Univerſidade , que havia no Reyno , que elRey Dom Joaõ Terceiro deſpois transferio pera Coimbra : como em ſeu lugar ſe verá. Deſpois de muito velho , e canſado , retirouſe ao Convento de Sanctarem ; e ahi falleceo ; ſendo naſcido por rezaõ de profiſſaõ neſte de Aveiro.

Demos fim a eſte Capitulo com hum filho mais moderno de todos , o Doutor Frey Antonio de Sena. Eſte Padre ſendo naſcido em Guimaraens , e recebendo o habito em Aveiro , ſe chamou da Conceiçaõ. Deſpois por devaçaõ da Seraphica Sancta Catherina de Sena , devaçaõ muito propria , e muito antiga da terra de ſeu naſcimento , como em ſeu lugar deixamos contado , trocou o appelido da Conceiçaõ em Sena , (que naõ ſe offende a Raynha dos Ceos , de mudanças naſcidas de boa tençaõ.) Acabou ſeu eſtudo no Collegio de Sancto Thomas de Coimbra ; e logo leo hum Curſo de Artes no Convento de Lisboa : dezejando conſumarſe nas letras , alcançou licença do Geral Juſtiniano pera paſſar à Univerſidade de Lovayna nos Eſtados de Frandes. Nella reſidio quaſi onze annos , recebeo o gráo de Doutor , e foy aceitado por Meſtre na Ordem , e conſeguintemente inſtituido em primeiro Regente do noſſo Convento da meſma Cidade. Aqui ſe deu a eſcrever em ſerviço da Ordem , e compoz muitos livros com que a obrigou aſſaz. Principalmente com o que chamou Bibliotheca geral ; porque com grande trabalho , e curioſidade fez huma liſta ; e aranzel de tdos os Religioſos Dominicos , que alguma couſa eſcreveraõ , apontando particularmente as qualidades dos eſcritos , e numero dos livros. Obra digna de muita eſtima nos tempos preſentes , em que os inimigos da Fé tem por ocio infructifero a clauſura , e trabalho dos Religioſos ; e tambem pera os ultimos , quando com o revolver dos annos , que tudo deſtruem , vierem a faltar os livros : pera que naõ falte entaõ huma lembrança do muito que por todas as idades trabalharaõ os noſſos Frades. Dos mais que compoz fez tambem ſua memoria : e ſaõ tantos , que naõ gaſta pouco papel em nos dar noticia delles.

P. 1. l. 4. c. 19. & 20.

Litera A. f. 28. 29. 30. 31. 32. 33. 34.

CAPI-

CAPITULO X.

Do Biſpo de Laodicea D. Frey Duarte Nunes filho deſte Convento.

AGora he tempo de dizermos alguma couſa dos filhos deſta Caſa, que ſubiraõ a dignidades mayores. No Anno de 1489. achamos, que fez profiſſaõ neſte Convento o Meſtre Frey Duarte Nunes, foy natural da meſma Villa: e correndo o tempo polla opiniaõ, que elRey Dom Manoel tinha de ſuas letras, e virtude, quiz que foſſe conſagrado em Biſpo titular de Laodicea, e o mandou à India no tempo, que aquella conquiſta Oriental andava no mayor fervor. Devia ſer o fim pera acudir com o poder, e authoridade Epiſcopal a muitas couſas, que já o pediriaõ nas praças, que ſe hiaõ povoando, em quanto naõ eſtavaõ capazes de Prelados proprios, e legitimos, que andando o tempo ſe mandaraõ. Aſſi foy o primeiro Biſpo, que eſta longa peregrinaçaõ acometeo, e entre os primeiros ſemeadores da palavra, e doutrina Evangelica Portugueſes, o que com Mitra ouvio a India. Mas naõ parece, que foraõ muitos annos os que neſte ſeu miniſterio ſe occupou, viſto como nenhum Chroniſta do Reyno, nem Eſcritor noſſo das couſas da India fazem mençaõ delle. Podemos cuidar, que o naõ levar lugar deſtinado de ſua Prelacia, e a occupaçaõ continua da guerra, em que os noſſos andavaõ envoltos, tolheria darſe perfeita attençaõ a brandura, e manſidaõ das couſas ſagradas: que naõ acordaõ bem preceitos de amor, e charidade com eſtrondo de bombardas, e furia de ferro, e fogo: e acontece os meſmos Eſcritores, quando trataõ ſemelhantes materias, tranſformaremſe quaſi nellas, e como ſe veſtiraõ Arneſes, e ſeguiraõ o ſom dos pifaros, e atambores, perderem a lembrança do que toca ao ſoſſego, e partes da paz. E todavia naõ poſſo deixar de lhes eſtranhar (queixas já naõ ſervem) que ſendo Portugal terra taõ limitada, e eſtando a ſepultura deſte Baraõ publica, e ſabida, e em lugar, naõ dos ultimos, do Reyno, e ſobre tudo ornada de verſos, que declaraõ a jornada, que fez a Oriente, lhes paſſaſſe por alto fazer caſo de tal Baraõ. Pollo que ficando eſta noſſa verdade, como fica, por teſtemunho ſingular, ſerá neceſſario darmoslhe tanta luz, que qualquer bom juizo, que iſto ler, ma julgue por livre de eſcrupulo, e ſem ſoſpeita. O certo he, que elle foy o primeiro Sacerdote Portuguez, que com Mitra paſſou à India por mandado d'elRey Dom Manoel, e achando as ſearas verdes, e tudo ſem fazaõ, pera o que hia fazer, por ordem do meſmo Rey ſe tornou pera o Reyno; e pera o romanſo da Villa em que naſcera, e Convento em que ſe criara. Do tempo, e annos preciſos, em que foy, e veyo, naõ ficou entre nós memoria, ſó ſabemos, que falleceo no Anno de 1528. e o Meſtre Frey Lopo de Aveiro fez gravar em ſua ſepultura huns verſos latinos, que nos daõ baſtante noticia de ſua peſſoa, e jornada: os quais tresladaremos aqui; porque, inda que faltos de

1489.

1528.

de policia, acreditaõ o que temos dito, por ſerem feitos no tempo de ſeu fallecimento, e por peſſoa que ſabia todo o diſcurſo de ſua vida. Seguemſe os verſos.

Virtutum ſpecimen iacet hic, & Præſul Eous,
Qui primum ſacris initiavit eos
Indorum populos, quos Luſitania vicit.
Hic Eduardus erat relligione ſacra.
Infractos Mauros poſtquam non vincere poſſe
Vidit, ad imperium Principis ipſe redit.
Quem domus hæc genuit, buſto hunc ſuſcepit auito:
Relligio hic peperit, relligio hic tumulat.

Quaſi dizendo. Aqui jaz Frey Duarte Religioſo, eſpelho de virtudes, e Prelado do Oriente, que foy o primeiro, que deu ordens aos povos da India pollos Portuguezes conquiſtados. Mas vendo, que naõ podia vencer a infidelidade, e dureza Mahometica, tornouſe por ordem d'elRey a ſua patria. Nella foy recebido neſta caſa, que o gerou, e na ſepultura de ſeus avôs. Aqui o gerou a Religiaõ, aqui a meſma o tem ſepultado. Pera gente de boa rezaõ, baſtante prova deve fazer eſta pedra com ſua letra, e antiguidade: mas pera demaſiado eſcrupuloſos ajuntaremos confirmaçaõ de authoridade Real. He huma Carta d'elRey Dom Joaõ Terceiro pera hum Ouvidor da Villa de Aveiro, eſcrita no meſmo Anno, que o Biſpo falleceo, à petiçaõ do Prior do Convento, pera o effeito, que nella ſe declara: e diz aſſi.

OUvidor Antonio Dias, Eu ElRey vos envio muito ſaudar. Frey Sebaſtiaõ Prior do Moſteiro de S. Domingos deſta Villa, me enviou dizer, que Dom Duarte Biſpo, Frade da dita Ordem, que veyo da India, fallecera na dita Villa, e deixara a dita Caſa, por herdeira de ſua fazenda. E por elle fallecer em caſa de Joaõ de Couros ſeu cunhado, donde ſe eſcondera, e ſonegara muita della, me pedia, que pollo Corregedor da Comarca, ou por vós, mandaſſe tirar inquiriçaõ ſobre a dita fazenda, e a entregaſſem ao dito Convento, ſendo elle Prior, e Convento ouvidos com quem a tiveſſe. E viſto por mim ſeu requerimento, hey por bem, e vos mando, que tanto que eſta minha Carta virdes tireis inquiriçaõ ſobre o dito caſo, e ouçais ſobre iſſo o dito Prior, e Convento com

as partes a que tocar, e o deſpacheis, como for juſtiça, dando appellaçaõ, e aggravo nos caſos em que couber, e pera quem pertencer; e poſto que naõ poſſais conhecer por auçaõ nova. O que aſſi compri, como de vós confio. Anto-
1528. *nio Godinho a fez em Lisboa a 9. de Setembro de* 1528.

Aſſi como tomamos mal enganaremſe neſte ponto os Eſcritores noſſos naturais: aſſi damos por baſtantemente deſculpados os foraſteiros, que ſe foraõ traz o que acharaõ em noſſas Hiſtorias, e huns, e outros daõ por primeiro Biſpo embarcado pera a India o Padre Dom Fernando Vaqueiro da Serafica Ordem dos Menores; havendo já muitos, que era vindo de lá Dom Frey Duarte Nunes: e paſſando de tres, que eſtava enterrado.

CAPITULO XI.

Do Biſpo de Malaca Dom Frey Jorge de Sancta Luzia.

NO meſmo Anno, que os Padres deſte Convento enterraraõ o Biſpo de que acabamos de eſcrever, trouxe Deos a fazer profiſſaõ nelle, outro Religioſo pera Biſpo tambem da India: ordenando o Senhor, que aſſi como eſta Ordem, e eſte Convento deraõ o primeiro Biſpo, que deſpois do deſcobrimento da India, paſſou o Cabo de Boa Eſperança ſem determinada Dioceſi, deſſem tambem o primeiro à grande, e opulenta Cidade de Malaca. Eſte foy o Padre Frey Jorge de Sancta Luzia, que aqui profeſſou
1528. por Julho do Anno de 1528. Eſtudou eſte Padre Philoſophia, e Theologia, com fama de habil, mas mayor de bom Religioſo: e eſta conſervou por todas as Caſas, em que morava; agradando aos Prelados com humildade, e ſujeiçaõ, e aos ſubditos ſeus iguais com manſidaõ, e prudencia. Como era conhecido por eſtas qualidades; ſuccedendo hir por Biſpo das Ilhas dos Açores Dom Frey Jorge de Sanctiago Religioſo da meſma Ordem, pediolhe encarecidamente, quizeſſe ſer ſeu companheiro, e aceitar a mayor, e milhor parte do Biſpado, que deſde logo lhe offerecia, ſó á conta do muito, que eſperava adiantar no ſerviço de Deos, ajudado de ſuas letras, e exemplo. Naõ ſe fez de rogar, porque vio, que havia muito, que merecer com Deos na jornada, nada com o mundo. Embarcouſe animoſamente com o amigo, P. 1. l. 3. c. 36.
e achouſe com elle em muitos trabalhos, e perigos, que em outra parte já contamos: ultimamente parecendo ao Biſpo, que convinha dar conta a elRey, e aos Miniſtros da Sé Apoſtolica, reſidentes em Liſboa, de algumas couſas tocantes ao bem da Igreja, naõ achou peſſoa a quem com mais confiança as encomendaſſe, que Frey Jorge. Era entrada do Anno de 1557. quando Frey Jorge de San- 1557.
cta Luzia aportou em Lisboa. Naõ falta quem affirme que, dizendoſe a elRey Dom Joaõ que eſtava o Religioſo na antecamara pera lhe fallar, chegado daquella hora das Ilhas, diſſera aos circunſtantes, já temos Biſpo pera

pera Malaca. Era o caſo, que dezejava elRey honrar aquella Cidade com a fazer Epiſcopal: e ou ſenaõ ſatisfazia dos ſujeitos, que lhe propunhaõ; ou por ventura tinha eſcrito ao Biſpo, que lhe mandaſſe eſte Padre (tanta noticia tinha o bom Rey dos vaſſallos, que o mereciaõ, e principalmente dos Religioſos): na hora, que o vio, lhe declarou a mercê, que em ſeu peito lhe tinha feito, de o eſcolher pera aquella Dignidade. Foraõſe logo procurando as letras da Sé Apoſtolica; e quando chegou a Dominga de Ramos do Anno ſeguinte de 1558. foy ſagrado em S. Domingos de Liſboa logo á quinta feira: fez o primeiro Pontifical na meſma Igreja; e porque as Naos eſtavaõ a ponto de partir, foy o fim do Pontifical, principio de ſua embarcaçaõ. Chegou a Goa; e porque aquella Igreja eſtava ſem Paſtor, entrou no governo della, por ordem, que pera iſſo levava d'elRey: e nella aſſiſtio quaſi quatorze mezes, até que chegou do Reyno o Arcebiſpo Dom Gaſpar de Sancta Maria, que foy o primeiro que levou titulo de Primás da India. E entregue a Igreja alheya a quem tocava, naõ tardou em ſe embarcar pera a propria.

Muitas couſas ſe contaõ deſte Varaõ, que lhe daõ glorioſo teſtemunho, naõ ſó de ſanctidade, mas tambem de eſpiritu Profetico. Puderaſe fazer huma fermoſa Chronica dellas, pera honra da Ordem, que o criou, ſe nos Religioſos da Congregaçaõ da India daquelle tempo ouvera cuidado pera notarem, e apontarem as particularidades, e tempos de cada huma. Mas das poucas, que ficaraõ em lembrança, que todas diremos, ſe poderá conjecturar quais, e quantas ſeriaõ as mais. Jaz Malaca debaixo da linha Equinocial, que he o meyo, e mais afogueado ſitio da torrida Zona, na parte do Oriente, que chamamos India alem do Ganges: chamaraõlhe os Antigos, pollo que ouviaõ della, Aureo cherſoneſſo: nós pollo que ſabemos de experiencia, lhe podemos dar nome de hum torraõ d'ouro, polla groſſura do trato, riqueza dos moradores, e abundancia de tudo o que a cubria, e o goſto podem dezejar na vida. Tudo achou o Biſpo, e ainda em mais copia do que imaginava. Porem achou juntamente huma matta de vicios, fruita, que ſegue as delicias: acarrea a demaſia dos bens temporais, fomenta a proſperidade: com eſtes começou a entrar em guerra no pulpito, no confeſſionario, e nas viſitas, trabalhando incanſavelmente por lhes dar remedio: e moſtroulhe o Senhor, que ſe agradava de ſeu ſerviço com hum caſo admiravel. He a terra de Malaca por rezaõ da ſituaçaõ, que lhe temos dado, ſujeita a continuas agoas do Ceo, e humidades da terra, com tanto exceſſo, que cria eſpeſſo, e freſquiſſimo arvoredo, cuja verdura naõ he menos, que de huma eſmeralda fina, e muito deleitoſa pera os olhos. Quem perſuadira iſto aos Antigos, que por abraſada do ſol a faziaõ inhabitavel? Mas deſconta os bens da freſcura com criar nella infinitas féras. Entre outras ha hum genero, que chamaõ Reymoens, feyas, e temeroſas na catadura, de corpulencia como Tigres, mas na con-

condiçaõ mais carniceiras: e eraõ tantos, que naõ ſó ſe entrava com perigo no matto, mas dentro na Cidade ſe vivia com medo, e cautella, porque ſe vinhaõ a ella no ſilencio da noite, e arrebatavaõ o moço, ou eſcravo, que encontravaõ pollas ruas. Que faria o bom Paſtor, vendoſe cercado de monſtros de Inferno contra as almas, e monſtros da terra contra os corpos? Deſpois de ter negociado com Deos, por meyo de oraçaõ, e jejuns, junta hum dia o Clero, veſteſe em Pontifical, arvora cruzes, vayſe ao matto vezinho com huma devota prociſſaõ. Alli em nome de Deos, e de ſeus Sanctos, amaldiçoou particularmente os Reymoens com as oraçoens, e exorciſmos, que uza a Igreja: e foy o effeito, que deſdaquella hora deſappareceraõ daquelles contornos pera taõ longe, que ficou a terra, e matto ſeguro.

Porem obedecendo os animaes feros, e irracionais á virtude das palavras ſagradas, moſtravaõſe os racionais mais indomitos. Havia no lugar algumas taõ perdidas, e entregues ao máo coſtume da vida devaſſa, que naõ baſtavaõ amoeſtaçoens de hum Prelado a quem as ſalvagens ſe humilhavaõ, nem aproveitavaõ rogos, nem em fim caſtigos pera tornarem à eſtrada. Era o Biſpo inteiro, e conſtante, procurava a toda força o remedio de todas: mas reſiſtialhe o Inferno com pertinacia, e maldade ſua: e particularmente ſe armou todo contra o ſancto Prelado, perſuadindo a huma deſcompoſta femea, que naõ tinha outro meyo pera ficar ſenhora de ſy, e de ſeu danado trato, ſenaõ tirando a vida a quem lho tirava. Propozlhe o meyo ordinario nas terras do Oriente, de veneno, meyo facil, e ſecreto (quantos males eſtorva o receyo da publicidade, e a tantos faz abalançar a confiança do ſegredo) compoem a miſeravel hum prato de certo manjar muito aceito aos goloſos da Cidade (chamaõlhe com o nome da terra Sericaya) disfarçado com tantas compoſturas, que ficou fermoſa, e cubiçada a morte, que dentro levava: buſca terceiros, faz que ſe preſente ao Biſpo em nome alheyo a hora de comer. Pareceo a quem tinha cuidado de ſua meza, meza ſempre religioſa, ſem delicias, nem ſuperfluidade, que lhe dava aquelle dia banquete. Mas o Sancto pondo os olhos no prato, que a todos enganava com a belleza da repreſentaçaõ, naõ ſó naõ quiz tocar nelle, mas mandou, que o lançaſſem no mar, e ninguem começſſe delle. Levantou o Védor, e levando já boa parte comida em goſto da viſta, e da boa ſorte, que ſe fingia em o haver de lograr ſó, fez que lho guardaſſem, ſem obedecer a ſeu amo, de quem julgava, que por abſtinente o largara, e por mortificado o condenara ao mar. Aſſi de ſofrego ſe fechou com elle, como deixou o Biſpo. Mas duroulhe pouco o goſto da golodice. Inda o naõ tinha acabado, quando ſentio a peçonha, que era taõ fina, que naõ teve remedio com nenhum antidoto, e morreo logo.

Foy eſte caſo havido por revelaçaõ Divina, aſſi no ſucceſſo do criado, como na efficacia com que o Sancto o mandava lançar no mar. Mas logo ſe vio outro, que

que o confirmou com aventagem. Tem a Cidade de Malaca inimigos perpetuos, e como de caſa, que a cercaõ na terra firme, e em grandes Ilhas, que naõ ficaõ longe. Sobre todos ſaõ mais perniciosos, e em odio noſſo mais encarniçados os que chamaõ Achens: gente ſem fé, ſem honra, nem palavra, e taõ atreiçoados, que com ſerem muito bellicoſos, ſaõ mais de temer no ſoſſego da paz, que na furia da guerra. Aſſi como quem vive em fronteira, eſtá ſempre a terra provida de ſoldadeſca, armas, muniçoens, artilharia, baluartes, e fortaleza. Havia tempos, que naõ faziaõ movimento, viviaſe no lugar com algum deſcuido. Neſte eſtado manda o Biſpo hum dia aviſar ao Capitaõ, que ſobre a Cidade vinha huma groſſa armada; e porque naõ duvidaſſe, e eſtiveſſe apercebido, lhe fazia a ſaber, que das ſuas janellas a eſtava vendo. Pareceo graça ver ſó o Biſpo o que ninguem via: e pior que graça deſvelarſe o povo todo aquella noite à conta do aviſo: e quando amanheceo o dia ſeguinte, naõ apparecer véla, nem ſinal de inimigo no mar. He toda a gente de guerra geralmente livre de animos, e ſolta de lingoa. Cada ſoldado ſabia dizer ſeu mote, e inventar huma ſutileza, ou derivaçaõ, já contra os olhos, que ſem vidraças viaõ taõ longe: já contra o coraçaõ, que de fraco, e fradeſco affigurava à viſta fantaſmas de exercitos, e navios armados. Todavia o Capitaõ, que das virtudes, e verdades do Prelado tinha conhecimento, e por juizo militar naõ havia por danoſa nenhuma cautella, mandou reforçar as guardas, dobrar, e eſpertar a vigia, e pôr a Cidade toda em ſom de guerra: era paſſado o dia, e entrada a noite, ſem ſombra de medo; ſenaõ quando ſobre o quarto da Alva, comeſſa a luz da lua a deſcobrir o mar coalhado de embarcaçoens de remo de todo genero, que a boga arrancada, e como gente, que ſe perſuadia naõ ſer ſentida, ſem medo, nem ordem demandaõ a terra, a toda furia faltaõ na praya huns ſobre outros, e a qual primeiro: fere nas nuvens o eſtrondo da grita, e vozes, e inſtrumentos barbaros. Entaõ louvaraõ os noſſos a Deos, e reconheceraõ a ſanctidade, e prophecia, que lhes valeo ficarem as prayas juncadas de corpos, e armas de inimigos mortos: e os que eſcaparaõ do ferro, recolheremſe com perda, e vergonha: ſendo aſſi, que ſe naõ precedera o aviſo, fora facil, perderſe a Cidade, ſegundo o ſegredo, e força com que foy acometida.

CAPITULO XII.

Proſegue a vida, e outros maravilhoſos ſucceſſos do Biſpo Dom Frey Jorge: e como foy eleyto Biſpo outro filho deſte Convento.

QUaſi dez annos achamos, que reſidio o Sancto Biſpo Dom Frey Jorge em Malaca: no cabo dos quais fazendoſelhe intoleravel o peſo do governo, ou por infirmidades, ou por dezejar de tratar ſó de ſua alma ſem miſtura das alheyas, veyo a renunciar a Dignidade, e povoar de novo huma cella entre os ſeus Frades na Cidade de Goa: que ninguem ſabe co-

nhecer a verdade, fermoſura, e riquezas do deſerto da Religiaõ, ſenaõ deſpois de experimentadas as tormentas, e tormentos, em que vivem, ou em que morrem, os que folgaõ de mandar no mar do mundo. Mas ſerá bem, que digamos brevemente o ſucceſſo de ſua embarcaçaõ, e viagem; que em tudo ha muito, que eſpantar, e muito que louvar a Deos. Eſtavaõ no porto de Malaca duas náos à carga pera Cochim. Huma nova, a que concorria todo o peſo de paſſageiros, e mercadores, e riqueza de mercadorias: outra velha, e mal reparada, em que ninguem punha os olhos. Neſta mandou o Biſpo fazer ſeu gaſalhado, e embarcar ſua pobre recamara. Acodiraõ a elle os amigos, que ficavaõ em terra, e os que haviaõ por boa ventura terem já ſuas fazendas na Náo nova: e pediaõlhe naõ fizeſſe tamanha temeridade, como era em viagem de quinhentas legoas (que tantas ſe contaõ até Cochim (cheya de contraſtes, já por muitos baixos, e reſtingas perigoſas, já por tempeſtades, e força de ventos, eſcolher huma embarcaçaõ podre, e eſtroncada. Nada movia o Sancto conſtante em ſua determinaçaõ, ou no que ſeu eſpiritu lhe revelava: porem a gente honrada, e virtuoſa da terra ſentida de ſeu perigo, e naõ menos do em que ficava a terra, ſem tal Prelado em tempo, que todos os Reys vezinhos ardiaõ em guerra contra ella, deſpois que viraõ, que naõ baſtavaõ rogos, nem requerimentos, queixaraõſe ao Capitaõ mór do mar, que entaõ era Mathias de Albuquerque, de huma couſa, e outra. Procurou quietallo, ou pollo menos, que ſe embarcaſſe na milhor Náo: vendo, que naõ acabava nada, determinou fazerlhe força com diverſaõ, que he meyo de guerra mais poderoſo de todos. Manda ſoldados à Náo velha, que lhe prendaõ os marinheiros, como que os havia miſter pera ſerviço d'el-Rey: e deixandoa ſem marinhagem, fez conta que por neceſſidade, ſenaõ foſſe por vontade, ficaria o Biſpo em terra, ou ſe paſſaria a outra embarcaçaõ. Porem elle, como eſtava já embarcado, e naõ cuidava em fazer mudança, nem menos litigar contra poder Real, e militar, que cada hum per ſy ſe deixa mal vencer, quanto mais juntos, tomou huma reſoluçaõ, que a todo juizo pareceo naõ ſó temeraria, mas deſaſizada. Manda chamar à Cidade os irmãos da Confraria do Roſario naturaes Malayos: faz com elles levantar as vergas à força de Cabreſtante, e logo as anchoras, e deſpedidos pera terra com ſua bençaõ, larga as vélas ao vento, em Náo velha, e mal julgada, e quaſi ſem marinheiros. Foy devaçaõ ſua, e bem de notar, que fizeſſem eſta obra as mãos, que andavaõ empregadas no ſerviço da Senhora do Roſario; e teve tal devaçaõ poder, pera em quanto a viagem durou, ſenaõ amaynar mais véla: couſa quaſi milagroſa, reſpeito de muitos baixos, que a cada paſſo ſe achaõ, e ventos, que curſaõ contrarios: aſſi eſpantou a obra, e o ſucceſſo a quantos delle, e della ſouberaõ: e muito mais, quando deſpois ſe vio faltar a Náo gabada de nova, e forte, e bem marinhada, que com todas eſtas addiçoens navegando no

meſ-

meſmo tempo, e mar, ſe perdeo com quantos, e quanto levava.

De Cochim ſe paſſou o Biſpo a Goa: eſcolheo huma cella no noſſo Convento, alegre de ſe ver na pobreza, e quietaçaõ antiga: quietaçaõ, que ſempre dezejou, pobreza, que ſempre ſeguio: porque ſem embargo, que o rendimento do Biſpado, e a liberalidade dos amigos ricos, e honrados lhe valia muito: elle pera ſy em particular nada queria. Ao Convento de Aveiro, como Caſa, que reſpeitava, e reconhecia por mãy, acudia com groſſas eſmollas: e ao Meſtre Frey Franciſco Foreiro fez fundador de hum Moſteiro da Ordem, que foy o de Almada, como diremos quando Deos for ſervido chegarmos aos annos de ſua fundaçaõ. Por maneira, que tomando ſobre ſy todo o peſo da fabrica, e cuſto da renda, que lhe comprou, que importou mais de doze mil cruzados: deu ao amigo o nome, e a honra. Aſſi ſabem os Sanctos fugir à vamgloria do mundo, e merecer em ſecreto pera com Deos. Eſtando em Goa, como quiz eſtar, conventual, nunca ſe valeo do privilegio da dignidade, nem da authoridade das cans, pera deixar de ajudar os Religioſos nos officios de humildade. Dizem delle, que como ſe renunciar Biſpado fora ſahir das Eſcollas; e aſſi aceitou lerlhes Theologia.

Neſte tempo ſuccedeo o famoſo cerco da Cidade de Goa: em que o Hidalcaõ poderoſiſſimo inimigo conjurado com outros Reys da India faziaõ conta, que deſta vez a libertavaõ das mãos dos Portuguezes. Tal foy a força com que nos apertaraõ, acometendo o Eſtado todos juntamente a hum tempo por differentes partes, e todos com o extremo de ſeu poder, que ſe temeo muito mal. Aqui tambem reſplandeceraõ as oraçoens, e os merecimentos do noſſo Biſpo: e juntamente aquelle gracioſo dom do Ceo, de antever os ſucceſſos das couſas. Pedia ao Senhor com vozes da alma continuas victoria pera os ſeus, confuſaõ, e conhecimento do poder Divino pera os Infieis. Publicouſe entre tanto, que o exercito contrario tinha nomeado dia pera com todas ſuas forças juntas acometer hum paſſo dos que com pouca agoa dividem a Ilha da terra firme: do qual ſe acertava fazerſe ſenhor, ficava a Cidade em manifeſto perigo polla grandeza, e diſcommodidade do ſitio mal defenſavel; tanto polla capacidade delle, como pollo pouco numero de defenſores, que havia. Soube o Sancto juntamente, que o Viſo-Rey, e Capitaõ geral, que era Dom Luis de Attayde, que até entaõ tinha governado a guerra com grande animo, e prudencia, eſtava com a nova poſto em grande cuidado: porque via, que o neceſſitava o eſtado das couſas a entregar tudo à ſorte de huma batalha, a qual ſe perdia (como os ſucceſſos da guerra ſaõ cheyos de riſco, e variedade) perdia juntamente toda a India. Nas ondas deſtas perplexidades vacillava, ſem acabar de reſolver o que faria, quando lhe entra pollas portas o Sancto Biſpo ſem ſer chamado: e lhe diz com palavras claras, e deſembuçadas, que poſto de parte todo receyo, que

como

como a bom Capitaõ lhe repreſentaõ as conſideraçoens militares, vá, peleije, e vença; que ſem duvida vencerá. Affirmaſe, que ſe encheo de alegria o valeroſo peito: que como he de prudentes temer, aſſi he de valeroſos vencer o medo com bom eſpiritu, e acometer os perigos com confiança no braço daquelle Senhor, que ſe chama Deos dos exercitos, e he ſó o que dá, e tira as victorias. Moſtrou o dia ſeguinte a verdade da profecia: porque foy huma das mais bem feridas, e porfiadas batalhas campais, que ſe deraõ na India, e peleijada de poder a poder com tanto esforço, e valentia de ambas as partes, e por tanto tempo, que eſteve em grande duvida o ſucceſſo, inclinando a fortuna já a huma parte, já a outra, tudo pera mayor gloria do nome Portuguez, e do Viſo-Rey, que em fim ficou ganhando a mais inſigne victoria, que em muitos annos ſe alcançou de infieis. Viveo o Biſdo alguns annos deſpois: e chegandolhe o fim dos trabalhos da vida com huma morte ſancta, repartio como Sancto, o que ainda poſſuhia. Lembrado do ſeu Convento, aventajouo, como a boa mãy nos legados, deixandolhe tres mil cruzados pera hum ornamento, que chegaraõ a ſalvamento, e ſe empregaraõ como mandou, e he peça muito rica. Em ſeu enterro naõ tratou mais, que de imitar noſſo Sancto Patriarcha: encomendouſe ao lugar commum dos mais Religioſos, e nelle ficou.

Sem fazermos Capitulos diſtinctos, ſiga logo a hum Biſpo antigo outro moderno, e filho do meſmo Convento, que bem merece a companhia por letras, e pulpito, em que foy inſigne: e naõ duvidamos, que a merecera por todas as mais qualidades, ſe o naõ atalhara a morte. Chamavaſe Frey Sebaſtiaõ da Aſcenſaõ. Era Meſtre em Theologia, e Lente de Prima della em Lisboa, Regente dos eſtudos, aceito a todos os Grandes, e de pequenos, e grandes bem ouvido. Sua eleyçaõ nos renovou huma magoa, e queixa geral da Ordem; que he criar os filhos com muito trabalho, e cuidado; e quando os havia de lograr, roubarlhos o mundo. E neſte ſogeito foy a dor dobrada; porque foy mandado pera hum deſterro alongado da Patria, naõ ſó ſem diſtancia de clima, mas em qualidades de ſitio: ſitio enfermo, e afogueado do ſol, de ares groſſos, e peſtiferos, onde os eſtrangeiros vivem mais por milagre, que naturalmente: e todavia das terras, em que a força do ſol abraſa, e torna em carvaõ os naturaes, fazendo a todos negros: eſta he a menos prejudicial pera a ſaude dos eſtranhos, e mais vezinha do Reyno. Foy já conhecida dos Antigos, e apontada pollos Geografos com nome de Promontorio Praſſo: nós lho damos de Cabo-Verde. A Igreja, e habitaçaõ he na Ilha de Sanctiago vezinha ao Cabo, o titulo foy de honra, a merce cheya de perigo. Aſſi o chegar à Prelacia foy hum naſcer, e morrer, quaſi tudo junto. Todavia ſabemos, que no pouco tempo, que viveo, tinha dado moſtras de ſingular Prelado. O que ſe deixou bem crer de todos os que de ſeu entendimento, e trato tinhaõ noticia: partes de grande

de eſtima, todas mal logradas. Lembrame que o dia, em que o vimos conſagrar no Anno de
611. 1611. diſſe hum ſecular pera outros: Rezemos hum Pater Noſter polla alma deſte Padre: e acreſcentou, porque o meſmo he hir ſer Biſpo em Guiné, que hir a enterrar.

CAPITULO XIII.

De outros Religioſos de bom eſpiritu filhos deſte Convento, Sacerdotes, e Converſos.

NAõ ſerá rezaõ, deſpois que apontamos todos os filhos deſte Convento, que por letras, ou cargos, ou dignidades, ou heroicas virtudes gozaraõ eſclarecido nome, deixarmos eſquecidos huns filhinhos humildes, que vivendo no povo da Religiaõ, ſem ſubir a couſas grandes, todavia mereceraõ ficar apontados nas memorias do Convento entre os que muito valeraõ: porque os fez dignos huma virtude ſolida, continuada por muitos annos; que naõ tendo ſingularidades, era ſingularmente eſtimada. E pera que de melhor vontade ſe lea o que delles diſſermos, ſaiba o Leytor, que em criar ſemelhante gente teve eſte Convento tal dom, e graça do Ceo, que como ſe tomar aqui o habito fora o meſmo, que criarſe pera Sancto, quem o tomava, aſſi pollo que deſte ponto entenderaõ dous Gerais, que viſitaraõ peſſoalmente eſta Provincia, honraraõ o Convento com hum ſingular privilegio a nenhum outro de toda a Provincia communicado. E foy deixarem commiſſaõ, e faculdade aos Priores, que pudeſſem dar o habito, e fazer profiſſaõ a qualquer ſujeito, que por merecedor tiveſſe, ſem mais authoridade, que ſua vontade, e conformidade dos votos do Capitulo, como paſſaſſem da metade. Durou o privilegio até o Capitulo de Roma de 1612. em que foy 1612.
revogado, naõ por demeritos, ou máo uzo dos Prelados, ſenaõ por tirar invejas, e differenças entre os mais Priores, que ſentiaõ ſer Aveiro o Joſef da toga polimita: e tambem por acreſcentar authoridade aos Provinciaes, a quem principalmente toca a primeira aceitaçaõ dos Noviços. Entre os que diſſemos ſe contaõ dous Fernandos, hum de Sancta Maria, outro Apparicio. Do Frey Fernando de Sancta Maria dizem, que pera o officio de Suprior, que muitos annos ſervio, tinha hum natural muy proprio, ajuntava tanta benignidade, e prudencia, que trazia os Frades naõ ſó obrigados, mas cativos. Entre outras virtudes, era devotiſſimo da Senhora do ſeu nome, e nunca fallava nella, que naõ foſſe eſtranhando muito haver Frade de S. Domingos, que deixaſſe de lhe jejuar os ſabbados. O Frey Fernando Apparicio ſobre o trabalho de Suprior, em que muitas vezes era occupado, tinha outro quaſi perpetuo de Confeſſor das Freiras: trabalho, que os Prelados mayores lhe davaõ por ſer por huma puriſſima alma conhecido. O meſmo, e pollas meſmas palavras ſe refere do Padre Frey Alvaro de Monte mór.

Naõ foy menos eſtimado, nem de menos ſerviço, e virtudes, o Padre Frey Bras de Beſteiros, que as memorias nos daõ a conhecer por filho de hum Alva-

Alvaro Fernandes de Formentellos : eſte Padre ſendo Prior deſte Convento, recebeo ao habito ao Padre Frey Jorge de S. Domingos, que conhecemos, porque lhe eſtendeo Deos a vida até quaſi cem annos, que por ſua virtude, e bom exemplo de toda a vida mereceo fazermos de ſuas partes honrada memoria. Em Lisboa foy muitos annos Sancriſtaõ acquiridor de eſmolas pera ornamento do Culto Divino, nada pera ſy, nem pera os ſeus : livre deſte cargo pollo peſo dos annos, naõ ſe atreveo a viver ſem trabalhar. Sendo inſtituida de novo em Recolleta por mandado do Reverendiſſimo a caſa de S. Paulo de Almada, e Prior della o bom Padre Frey Coſmo da Coſta, ſe foy acompanhallo, e ſervio nella todo o tempo que durou, igualando os mancebos no rigor, e goſto de trabalhar. Era Frey Joſeph por Frade antigo muito conhecido de todos os fidalgos, e ſenhores da Cidade ; e dos meſmos por ſua virtude, e bondade grandemente amado. Daqui naſcia, que todas as vezes, que dava huma volta polla terra, levava pera caſa provimento largo de tudo o que queria. Acabada a Recolleta de Almada, e paſſados muitos annos, prantandoſe de novo no Convento de Bemfica, teve animo, tentou, e pedio ſer hum dos ſogeitos della : mas andava já ſobre hum bordaõ, e taõ vezinho dos noventa annos, que naõ pareceo juſto deixallo trabalhar de novo. Mandaraõ os Prelados, que ſe ficaſſe no Convento de Lisboa; e pera ter em que merecer, entregaraõlhe a capellania de Noſſa Senhora da Eſcada, prebenda de merecimentos, e premio dos velhos virtuoſos. Aqui reſidio alguns annos vencendo com a força do animo a fraqueza da muita idade : até que desfalleceo de todo aquelle vigor robuſto ; e durando todavia o pavio da vida, viemos a ver nelle aquelle circulo natural da vida humana, que aos que vivem demaſiado, torna aos termos da idade pueril, e infantil. Aſſi lhe aconteceo tornaremno a caſa de Noviços, alimentaremno, e curarem delle, como minino. Neſtes ultimos annos, porque naõ nos faça inveja o numero eſtendido delles, foy muy apertado de eſcrupulos, que lhe deraõ trabalho, e merecimento : e em fim, como candea, que acaba por falta de nutrimento, acabou velhiſſimo entre mininos.

Agora digamos de alguns Irmãos Leygos, que aqui tiveraõ ſua criaçaõ, e trabalharaõ por imitar os Sacerdotes com tanto cuidado, que deu eſte Convento muitos muy dignos de louvor. Contaſe entre todos por eſpelho, e como Capitaõ o ſancto Irmaõ Frey Pedro de Evora, que ſendo filho de habito, e profiſſaõ deſta Caſa, ſubio a taõ alto gráo de virtude, que pollo muito, que delle ſe honra a de Evora, e até a meſma Cidade, naõ nos atrevemos a deixallo de contar por ſeu, como na verdade o he pollo direito da ſepultura, e longos annos de bom ſerviço : naõ da criaçaõ primeira. Deixounos Frey Pedro outro Leygo de ſeu nome filho de huma ſua irmam, que aqui veyo tomar o habito, e aqui viveo, e morreo, homem de grande ſerviço; mas naõ nos deixa-

deixaraõ os Antigos eſpecificado nada delle : ſalvo ſe ouveraõ, que diziaõ muito com as novas de ſeu enterro : porque contaõ, que eſtá enterrado na Craſta em huma ſepultura de pedra : couſa naõ conhecida a muita gente de mais authoridade no eſtado.

Ajuntaremos outros dous Leygos : e naõ diremos de mais, porque ſeria eſtendermos a Hiſtoria mais do neceſſario, ſe ouveramos de tratar de todos os que mereceraõ nome, e memoria neſta Caſa. Seja o primeiro Frey Martinho de Sancta Maria, que eſtando com a doença triſte, e carregado, porque lhe eſtorvava o merecimento de ſervir a Communidade, e do coſtume antigo, e continuo de gaſtar muitas horas na Igreja em Oraçaõ : no momento, que o medico lhe diſſe, que eſtava às portas da morte, e convinha aparelharſe pera entrar por ellas : foy taõ extraordinaria a alegria de ſeu eſpiritu, que treſbordou no roſto, reveſtindolho de hum geito, e graça, que o fazia, naõ ſó bem aſſombrado, mas fermoſo : aſſi eſperou, e recebeo a morte, e affirmaſe, que aſſi ficou deſpois della.

Frey Fernando de Eſgueira havia nome o outro Leygo, enfermeiro de longos annos, charidoſo, e compaſſivo (partes principais pera o officio) e outras, que muito faz ao caſo pera entre gente deſemparada do mundo, como ſaõ os Frades, que era hum cuidado particular, e extraordinario de limpeza.

Contaſe deſte Convento caſo ſemelhante ao que deixamos atraz eſcrito de Bemfica. Sentiaſe a tempos no Dormitorio hum rumor com pancadas notaveis de maõ inviſivel, que ſendo ouvidas, polla experiencia que tinhaõ de muitos annos, eraõ ſinal certo, naõ ſó pronoſtico de morte de algum Conventual. Era hum Memento homo, que buſcando a hum ſó, citava a todos, eſpertava a todos : e como nenhum ſe tinha por ſeguro, todos ſe temiaõ, todos ſe aparelhavaõ, e era grande beneficio do Ceo tal aviſo. Ceſſou com a mudança do Dormitorio, que he o meſmo, que deixamos contado do de Bemfica : com tudo naõ ha muitos annos, que neſta Caſa ſe vio hum ſucceſſo, taõ myſterioſo em favor de hum enfermo, que moſtra bem naõ eſtar eſquecida diante do Senhor, inda que por ſeus occultos juizos nos haja faltado com o outro beneficio. Eſtava doente, e fraco hum Religioſo : era o mal acudiremlhe a eſpaços huns deſmayos, que ſendo ſoccorridos, com remedios, que os medicos tinhaõ receitado, tornava facilmente; mas com tudo hyaſe conſumindo a paſſos contados, ſem o entenderem os enfermeiros. Entraraõ hum dia a viſitallo dous Religioſos juntos : aſſentaraõſe; ſenaõ quando fica todo eſmorecido, treſpaſſado, e ſem cor. Acudiraõlhe com borrifos, e agoa, havendo, que ſeria algum dos deſmayos ordinarios : mas o enfermo naõ tornava, e os ſãos com a novidade do mal, que naõ entendiaõ, eſtavaõ perplexos ſem ſaberem o que ſe havia de fazer, nem ſe reſolverem em nada. Neſte eſtado, eis que acode o Ceo a ſuprir a falta dos homens por hum meyo nunca já mais ouvido. Soltaſe do

forro do Dormitorio, junto da porta do enfermo huma meya taboa, e ſem deſpegar de todo comeſſa a moverſe, e aballarſe, e abanar com tanta força, e ruido, qua abrio os olhos, e entendimento aos que o viraõ pera julgarem, que o doente tinha mayor mal do ordinario: e que o abalo myſterioſo daquella taboa, era hum ſinal de entrar em paroxiſmos de morte, e de ſer tempo de ſe tocarem por elle as taboas do Convento. Cahiraõ em fim na conta com grande conſolaçaõ de eſpiritu, e louvando a Deos polla lembrança, que moſtrava de ſeu Servo, deraõ ſinal na Communidade, que ſe juntou logo a ajudar a alma, que partia com as oraçoens, e ſuffragios coſtumados, ſoccorro celeſtial da Igreja.

Ha neſte Convento huma fermoſa reliquia do ſancto Lenho da Cruz de Chriſto. Pera argumento de muito approvado, ſabeſe, que foy dadiva do Convento da Batalha: mas hum deſaſtre, que ſuccedeo na ſacriſtia velha, que foy queimarſe a caſa com toda a prata, e ornamentos, deu mayor prova; porque ardendo tudo, ſó a ſanta Reliquia ficou intacta, e ſem lezaõ, e pera final do reſpeito, e de que o fogo a cercara de perto, ficou o Chriſtal, em que eſtá recolhida, arrebentando, e aſſi ſe conſerva por memoria: o reliquiario de prata dourado, em que hoje ſe vê deſſentemente guardada, achamos que foy curioſidade, e obra do Padre Frey Gonçalo de Oliveira, quando
1541. no Anno de 1541. foy ſegunda vez confirmado em Prior. Eſte meſmo Padre, e por eſte meſmo tempo alcançou do Senhor Dom Jorge, Meſtre de Sanctiago hum Padraõ de dous moyos de trigo, e ſincoenta galinhas, que muito ajudavaõ a pobreza do Convento: e de prezente lhe fazem muita falta; porque de poucos annos a eſta parte tem os Duques mandado ſuſpender eſta eſmolla: e a caſa he taõ pobre, que com o que lhe val a ſacriſtia, e humas marinhas, e quintas que tem, ſuſtenta mal, e com trabalho trinta Religioſos, que de ordinario nella reſidem. E pois tratamos de renda, juſto he que por obra de agradecimento digamos, que entre os bens, que poſſuem, ſaõ a quinta de Caſellas, e huma marinha, que lhe deixou Joaõ de Albuquerque, cuja he a Capella, que primeiro ſe chamou da Annunciaçaõ, e agora de Jeſu: e nella jaz em hum grande tumulo de marmore. Eſte tumulo teve em ſeus principios por ſitio o meyo da Capella: veyo hum Prelado, que à cuſta do tumulo, que era grande, quiz fazer largueza de ſerviço na Capella, que era eſtreita, tirouo de ſeu lugar, e arrimouo a huma parede com tanto deſcuido, que a face, em que eſtava hum letreiro, que nos pudera agora ſervir de Chronica de hum Fidalgo muyto illuſtre, e muito cavaleiro, ficou abraçada com a parede. Eu ſe aceitey eſcrever, foy pera fallar verdade, e naõ pallear defeitos onde os ouver. Aſſi ficará eſte culpado em publico, ou pera ſe remediar por algum Prelado zeloſo, ou pera ſer occaſiaõ de ſe naõ cometer outro ſemelhante.

A Capella mór ſe deu no Anno de 1551. pera enterro de 1551.
Dona

Dona Catherina de Atayde filha de Alvaro de Souſa, e logo juntamente fez o Prior Fr. Diogo de Victoria contracto com eſte Alvaro de Souza, preſente o Padre Frey Aleixo de Solier Vigairo geral da Provincia, pollo qual lhe deu a meſma Capella pera jazigo ſeu, e de ſeus deſcendentes com Miſſa quotidiana, e ſem acreſcentar mais eſmolla aos vinte mil reis de juro, que a filha Dona Catherina tinha em ſeu teſtamento deixado, pera huma couſa, e outra. Reſpeito foy da qualidade da gente, mais que de bom negocear.

CAPITULO XIV.

Do Padre Meſtre Frey Jeronymo de Padilha, e do Padre Preſentado Frey Chriſtovaõ de Valbuena.

REſtanos pera concluir com eſta Caſa dizer alguma couſa de dous Religioſos eſtranhos, que nella achamos ſepultados: peſſoas de tanta qualidade, e merecimentos, que ſe naõ deve honrar menos de ſuas cinzas o Convento de Aveiro, que dos bons filhos, que gerou. Que ſe o outro Romano valeroſo ouve por baſtante vingança de huma ingratidaõ de ſua patria, negarlhe a companhia de ſeus oſſos morrendo: bem podemos contar entre as boas venturas deſte Convento, agaſalhar algum tempo em vida, e poſſuir pera ſempre na morte, dous taõ inſignes ſujeitos, como foraõ o Meſtre Frey Jeronymo de Padilha, e o Preſentado Frey Chriſtovaõ de Valbuena, ambos filhos da Provincia de Caſtella, que commummente chamamos de Eſpanha, pera diſtinçaõ da de Andaluzia: ambos chamados a eſta pera Reformadores della. E naõ carece de myſterio, que aſſi como em tempos antigos deu Aveiro Reformadores a Caſtella, que lá foraõ tam bem viſtos, e taõ eſtimados, como atraz deixamos contado: achaſſem tambem os que de Caſtella nos vinhaõ trazer reformaçaõ a meſma correſpondencia de amor, e igual paga, e tratamento em Aveiro. E ſendo eſta baſtante rezaõ pera fazermos delles memoria neſte lugar; outra nos faz mais força, que he conſtarnos, que foraõ encorporados ambos neſta Provincia por hum Capitulo geral (como ao diante veremos) ſem particular perfilhaçaõ de Convento, ſegundo a tiveraõ os Padres Frey Luis de Granada no de Evora, e Frey Franciſco de Bovadilha no de Bemfica. Seja primeiro na Hiſtoria, quem foy primeiro nas honras da terra: e primeiro em receber os premios do Ceo. Digo o Padre Frey Jeronymo de Padilha.

Dezejava elRey Dom Joaõ com aquelle ſeu zelo, nunca baſtantemente louvado, do ſerviço de Deos, que tornaſſem as Religoens ao antigo, e mais ſubido ponto, em que foraõ fundadas: porque tinha conſigo aſſentado, que tanto creſcem os Reynos em proſperidades temporais, quanto adiantaõ em virtude, e bens eſpirituais: e como eſtes dependem principalmente do bom concerto das caſas de Religaõ, e da boa vida dos moradores dellas: por iſſo hia entendendo com todas. E pera tratar da noſſa, alcan-

çou huma commiſſaõ do Reverendiſſimo Geral Frey Joaõ de Fenario, pera poder trazer pera eſta Provincia os Religioſos, que lhe pareceſſe das Provincias de Eſpanha, ou Andaluzia, providos de todos os Poderes neceſſarios pera effeito da reformaçaõ. Neſta conformidade, e com eſte titulo appareceo em Lisboa, e entrou pollo Convento de S. Domingos principio do Anno de 1538. aos 25. de
1538. Janeiro o Meſtre Frey Jeronymo de Padilha, filho do Convento reformado de S. Ginez de Talaveira, acompanhado de Frey Mattheus de Ogeda, de quem temos eſcrito na Primeira Parte deſta Chronica no Convento de Lisboa onde falleceo. As partes de virtudes, e religiaõ do Meſtre Frey Jeronymo ficaõ baſtantemente delaradas, com ſabermos, que foy eſcolhido por el-Rey, e entre milhares de Religioſos. Os poderes foraõ todos os do Geral com authoridade, e titulo de Vigairo ſeu ſobre os Conventos deſte Reyno, e Viſitador, e Reformador delles. Naõ ouve duvida em ſer admittido, e obedecido: porque alem de lhe aſſiſtir a authoridade Real, enxergouſelhe logo tanta prudencia, e bom termo pera com todos; e tanto rigor, e auſteridade pera conſigo, que nem os mais mal contentes das peſſoas, e governo de Eſtrangeiros achavaõ, que tachar nelles. Mas porque inſtava Capitulo de eleyçaõ de Provincial, pera Setembro do meſmo Anno, em que acabava ſeu quadriennio o Padre Fr. Amador Henriques; determinou o Viſitador ſobreſtar na execuçaõ principal de ſeu cargo, até a conjunçaõ do Capitulo: tomando eſte tempo pera hir eſpiando, e conſiderando as naturezas dos ſujeitos, que havia de governar, as faltas, e defeitos, que havia de emendar. Chegado o Capitulo, foy eleyto Frey Mendo de Eſtremoz em Provincial, e o Viſitador em Prior de Lisboa: porem como elRey eſtava reſoluto, que pera bem da reformaçaõ convinha, naõ haver na Provincia mais, que huma ſó Cabeça, de maneira negoceou, que foy aſſolto Fr. Mendo no Capitulo geral de 1539. e celebrandoſe Capitulo Provincial de eleyçaõ em Liſboa no Anno ſeguinte de 1540. 1540.
ſahio eleyto o Padre Frey Jeronymo de Padilha em Provincial, e ficou juntando mais eſte cargo aos que tinha deſpois de exercitado dezaſeis mezes o de Prior de Lisboa.

Começou o novo Provincial ſua viſita com grande admiraçaõ dos ſubditos, e do Reyno todo; porque correo a Provincia ao modo dos primeiros Padres antigos, caminhando a pé, e ſem alforje, capa às coſtas, bordaõ na maõ, breviario debaixo do braço, e ſabemos, que era naſcido de pays muito illuſtres; que tal he o appellido dos Padilhas em Caſtella, e em Caſas grandes, de que he huma a dos Adiantados de Caſtella, Condes de Sancta Gadéa. Fez eſte Padre verdadeiro o que diſſe hum aviſado a quem ſe queixava das poucas forças dos homens do tempo preſente. Naõ culpe ninguem, dizia, a natureza de eſtar hoje enfraquecida, e debil. Haja eſpiritu, logo ſobejaráõ forças. A eſte modo procedeo Frey Jeronymo nas mais particula-

cularidades do officio; mãos limpiſſimas, naõ querendo dos ſubditos mais, que adiantamento na virtude: pureza dalma, negoceando com Deos, como outro Moyſes, primeiro que com os homens por meyo da Oraçaõ, e ſacrificios da Miſſa, que nunca perdia: exemplo perpetuo, e conſtante em fugir de mimos, e differenças na meſa, na cama, e em todo trato. Em fim naõ era Prelado mais, que pera entender em ſerviço de todos: e pera trabalhar, e canſar mais, que todos. No proceſſo da reformaçaõ ordenou muitas couſas ſábia, e acertadamente: e porque lhe naõ ficaſſe nada por fazer pera perfeiçaõ della, procurou, e alcançou do Summo Pontifice alguns Breves importantes, em que geralmente foy louvado ſeu juizo. Havia neſte Reyno muitos Frades, que com privilegios da Sé Apoſtolica viviaõ fóra da Ordem veſtidos no habito della: Frades na roupa; leygos na vida, e liberdade. Foy o primeiro Breve revocatorio de tays graças: acreditou a Religiaõ fazendo recolher a todos, ou deſpir o habito: apoz eſte impetrou outro de naõ menos importancia, em que o Papa com apertadas clauſulas revogou, e annullou todas as Bullas, e Confeſſionarios com que muitas peſſoas de Eſtado, mais por genero de recreaçaõ, e grandeza, que por outro bom fim, entravaõ nos Moſteiros de Freiras: e pera que de todo ficaſſem atalhadas as tays entradas, fez que comprendeſſem as letras Apoſtolicas no eſtado Eccleſiaſtico Biſpos, e Arcebiſpos, e no ſecular Condes, Marquezes, Duques, e ſuas mulheres.

No meyo deſtes cuidados entrou o Provincial em outros mayores: porque teve aviſo de ſer fallecido o Padre Geral Frey Agoſtinho Recuperato, e era obrigaçaõ acharſe em Roma onde ſe havia de celebrar Capitulo de eleyçaõ. Sahio de Portugal na entrada do Anno de 1542. foraõ com elle Frey Mattheus de Ogeda ſeu companheiro, e o Meſtre Frey Jorge de Sanctiago eleyto Difinidor polla Provincia, que deſpois foy Biſpo de Angra, e Ilhas dos Açores. Foy a jornada em hida, e eſtada muito proſpera: porque no caminho naõ ouve deſgraça, nem moleſtia: e em Roma, como hia muito favorecido d'elRey, e com ſua peſſoa, e partes acreditava os favores, negoceou quanto levava traçado, e lhe pareceo conveniente pera o intento da reformaçaõ. Mas naõ foy igual o ſucceſſo à volta: quiz fazer o caminho por França, naõ ſe temendo dos males da guerra, que ardia entre Carlos Quinto Emperador, e elRey Franciſco, como era guerra entre Principes Catholicos: porem naõ tinhaõ bem poſto os pés da Raya pera dentro os tres companheiros, quando ſe viraõ falteados de gente de armas, e aſperamente tratados, naõ menos, que com titulo, e nome de Eſpias: e com elle foraõ logo levados onde elRey Franciſco eſtava. Ameaçavaos grande trabalho, e quando menos hum riguroſo exame: porque os dous eraõ manifeſtamente Caſtelhanos; e o habito, e ſingeleza de religiaõ, em que fiavaõ, fazia contra todos por ſer ſuccedido, poucos dias havia, colherem os Franceſes huma Eſpia

do

do Emperador disfraçada em habito, e tonſura Monaſtica, inda que de Ordem differente. Valeolhes neſte medo, e livrouos de toda a affronta a preſença, e authoridade de Dom Franciſco de Noronha filho ſegundo de Dom Antonio primeiro Conde de Linhares, que aſſiſtia em França por Embaixador de Portugal. Procedia eſte Fidalgo naquella Corte com hum termo taõ extraordinario de virtude, liberalidade, e prudencia, que em muitos tempos naõ ouve Embaixador nella tam bem viſto, nem taõ eſtimado: e tudo foy neceſſario pera remediar os noſſos Frades: porque os Franceſes eſtavaõ eſcandalizados do diffraz, que diſſemos da Eſpia, em tanto gráo, que nenhum Frade era innocente diante de ſua paixaõ. E affirmava o Embaixador, quando deſpois contava eſte ſucceſſo em Lisboa, que com elRey lhos ter mandado entregar ſobre ſua fé, ſenaõ podia ver livre de gente atrevida do povo, que a deshoras lhe vigiavaõ, e cercavaõ a caſa: porque o nome de Eſpias, e a conjunçaõ da guerra atiçava o rancor, e contradiçaõ natural daquella Naçaõ com Eſpanha. E em fim foy forçado, pera lhes poder dar liberdade deſpois de alguns mezes de requerimento, pagar huma eſcolta de ſoldados, gente confidente, que os poz em terra de Eſpanha. Feito, que com ter muito de valor, e confiança, e que ſó o animo de Dom Franciſco ſe pudera atrever a tomalo ſobre ſy; lhe cuſtou de deſpeza mais de ſinco mil cruzados, com que ſe pagaraõ as guardas, e ſe venceraõ muitas difficuldades, que a cada paſſo encontravaõ nos caminhos. Da fortaleza de animo, com que o Provincial ſe portou neſta adverſidade, de ſua modeſtia, e grande humildade no diſcurſo della, contava Dom Franciſco muito, e dizia, que até aos meſmos Franceſes cauſava admiraçaõ: porque de ordinario tinha por convidados os mais principais Senhores da Corte: e entre elles por honra da Religiaõ, que já entaõ comeſſava a deſcahir muito em França, aſſentava ſempre o Provincial na cabeceira da meza.

CAPITULO XV.

Proſegue a vida do Padre Meſtre Frey Jeronymo de Padilha.

NAõ me atrevo paſſar daqui ſem dizer alguma couſa mais deſte Fidalgo: ſe quer por obra de gratidaõ: que pois iſto he Hiſtoria de S. Domingos, e o beneficio, que foy em favor de ſua Ordem, ſe alguma couſa valerem eſtes eſcritos, já fica immortal nelles, juſto, e devido he, que perpetuemos tambem com o beneficio a memoria de quem o fez. Tornou Dom Franciſco pera a patria, acabado o tempo de ſua embaixada: ſuccedeo no eſtado, e titulo de ſeu Pay. Como tinha viſto muito do mundo, e notado o pouco, que montaõ ſuas grandezas pera o fim principal do Chriſtaõ, que he a ſalvaçaõ: determinouſe a huma vida quieta, e retirada: digo retirada; porque com aſſiſtir ſempre em Liſboa, e ſervir, como ſervio, muitos annos á Raynha Dona Catherina de ſeu Mordomo mór: ſoube fazer deſerto da Corte, e

viver

viver no corpo, como izento delle, entregandoſe todo a Deos, com hum animo taõ reſoluto, que naõ fez mudança até a ultima hora, que teve de vida. Rendeulhe eſta conſtancia deixarnos na morte grandes ſinais de ſua bemaventurança. Foy o primeiro viſto logo, e em parte onde naõ teve lugar carne, nem ſangue, nem genero algum de adulaçaõ. Governara a caſa da Miſericordia de Lisboa, buſcado pera Provedor della duas vezes ſem ſer irmaõ. Deuſe a Irmandade por obrigada a lhe fazer exequias com particular, e ſolemne pompa. Sendo acabadas, como naquella Caſa corre tudo com grande conta, averiguaraõ os Miniſtros, que quando ſe pezou a cera pera ſe pagar a gaſtada, naõ ouve em muita copia de tochas, e brandoens, que grande eſpaço arderaõ, nem huma ſó onça de falta. Aſſi o fizeraõ logo ſaber à Meza; e a Meza à Condeça ſua mulher. Caſo he de grande maravilha; e em que a piedade chriſtam, coſtuma com rezaõ fundar prova efficaz de bom eſtado das Almas. Mas outro nos moſtraraõ neſte defuncto os annos adiante, em muitas partes mais eſpantoſo, e por ventura de mayor ſignificaçaõ do meſmo, que attribuimos à cera ardida, e naõ mingoada. Falleceo o Con-
1573. de no Anno de 1573. ſepultouſe em depoſito entre os Padres Eremitas de Sancto Agoſtinho. Paſſados quatro annos, quizeraõ os ſeus paſſallo pera jazigo proprio, á Capella mór de S. Bento de Emxabregas, Moſteiro de Religioſos de S. Joaõ Evangeliſta, mais conhecidos no povo polla Caſa mayor, que na Cidade poſſuem de Sancto Eloy, que pollo nome do Evangeliſta. Ao deſenterrar achouſe o corpo inteiro ſem final de corrupçaõ, nem na viſta, nem no cheiro; ſendo aſſi, que na ſepultura, como ſe fazia conta, que havia de ſer brevemente tresladado, fora cuberto de cal viva ſegundo coſtume pera effeito de ſe comer mais depreſſa. Paſmaraõ os Miniſtros da obra, e com tudo foraõ taõ mal conſiderados, que em lugar de ſobreſtarem nella, e fazerem publicar, e celebrar a eſtranheza do caſo, pera edificaçaõ dos fieis, e conſolaçaõ dos que ſabiaõ ſua vida paſſada, dobraraõ, e apertaraõ os membros todos à força, e fizeraõ, que foſſe capaz de hum corpo inteiro, e que quaſi nenhuma differença fazia de vivo, mais que na falta da alma, hum pequeno caixaõ, que fora lavrado com fim de ſervir paſſa oſſada deſarmada, e ſeca. Mas perſuadome, que permittio Deos eſta indeſſencia pera tirar della mais honra pera o defuncto; como ſe vio longos annos deſpois. Quarenta, e ſeis havia, que era fallecido, e quarenta, que fora mudado do primeiro enterro, quando no de
1619. 1619. tendo Dona Joanna de Noronha ſua filha, fabricada de novo, e acabada a meſma Capella: e ordenando de o paſſar a hum tumulo, que lhe tinha preſtes, ſe achou, que eſtava no meſmo eſtado, e taõ inteiro, como no primeiro dia, que alli fora trazido. Acudiraõ os Religioſos todos com o Padre Geral, que ſe achava em caſa, e atonitos do que ſeus olhos viaõ, deraõ graças de devaçaõ, e alegria ao Senhor, que he maravilhoſo em ſuas obras, e em ſeus San-

Sanctos ; entaõ ſe notou , e eſtranhou a ignorancia dos que aſſiſtiraõ na primeira tresladaçaõ: e logo com gente pya , e politica, quizeraõ tentar ſe tornaria eſtenderſe , inda que parecia naõ ſer poſſivel, viſta a longa poſſe de eſtar encurvado. Aqui foy o paſmar de novo , e o levantar mãos , e olhos ao Ceo com louvores da Omnipotencia Divina: porque acharaõ taõ brandos, e meneaveis aquelles membros , ſenhoreados quarenta , e ſeis annos do feyo da morte , e de ſeus effeitos , que ſe deixaraõ eſtender , e indereitar com a meſma facilidade , que ſe vivos eſtiveraõ. E o que foy mais ſem ficar quebra , nem final da força, e poſtura torcida. De tudo ſe mandou fazer aſſento , que vimos aſſinado pollo Geral , e por muitos Religioſos. Deuſe aviſo a Dona Joanna: ordenoulhe outro tumulo , e outro ſitio pera elle. Foy o tumulo huma caixa de marmore capaz de toda a eſtatura do corpo : foy o ſitio o vaõ do Altar mór ; como premio já de ſanctidade.

Mas tornando ao ponto donde nos divertimos , entrado o Provincial no Reyno , pollos meyos que temos dito , tornou a ſuas primeiras occupaçoens, empregandoſe todo no adiantamento da Religiaõ: e foy Deos ſervido honrar eſte ſeu cuidado, naõ ſó com o eſſencial que mais procurava: mas com acreſcentar a Provincia em numero de Caſas. Quatro achamos , que aceitou em ſeu tempo: duas de Frades , que foraõ Amarante , e a Vigairaria das Alcacevas: e duas de Freiras em Elvas, e Abrantes. Todavia o trabalho continuado , que Frey Jeronymo tomava ſem deſcançar , nem admittir alivio , foylhe fazendo força a natureza , e veyo açoçobrar com o peſo. Viſitando a Provincia chegou a Aveiro na força das calmas de Julho: aqui foy ſalteado de huma febre ardente , que lhe veyo a tirar a vida aos 8. de Agoſto , Anno de 1544. conheceo , que morria , e eſteve tanto Senhor de ſy , até o ultimo ſuſpiro , que pouco antes de acabar , notou huma Carta pera elRey Dom Joaõ , em que lhe dava conta de ſua morte , e do eſtado em que deixava a Provincia , e do que convinha fazerſe pera o fim, que elRey pretendia. 1544.

O Preſentado Frey Chriſtovaõ de Valbuena filho do Convento de Sancto Eſtevaõ de Salamanca , foy immediato ſucceſſor do Meſtre Frey Jeronymo de Padilha em todos ſeus cargos : porque quando o Meſtre largou o Priorado de Lisboa , pera governar a Provincia , foy eleyto nelle o Preſentado: quando foy ao Capitulo geral de Roma ficou por Vigairo geral o Preſentado , e na hora que ſe ſoube da morte do Meſtre , teve o Preſentado em Lisboa huma Patente do Reverendiſſimo, em que lhe cometia o meſmo cuidado de ſeu Vigairo Viſitador , e Reformador , e logo começou a exercitar o officio: ſem embargo , que a Vigairaria da Provincia , ſegundo o theor de noſſas Conſtituiçoens , tocava ao D. Frey Antonio Freyre, Prior do Convento de Evora , pera onde eſtava lançado o futuro Capitulo Provincial. Foy o caſo, que como elRey tinha determinado , que o noſſo governo naõ ſahiſſe por entaõ dos Padres Eſtran-

trangeiros, eſtava prevenido, e apercebido da Patente, que diſſemos pera os accidentes, que o tempo trouxeſſe. Tivemos no Padre Preſentado hum retrato da vida, e todo procedimento de ſeu anteceſſor; e com eſta ſó palavra damos por dito tudo o que puderamos dizer, e encarecer de ſuas partes: porem aſſi como foy dita ſua imitar nas virtudes hum tal ſujeito, aſſi foy deſgraça noſſa, parecerſe tambem com elle na brevidade da vida. Eleyto em Provincial á inſtancia d'elRey por Junho do 1545. Anno de 1545. e comeſſando a governar a Provincia, naõ durou mais, que até Setembro do ſeguinte de 1546. e veyo a acabar de ſua doença no meſmo lugar, e Convento de Aveiro pera tambem niſto ſerem ambos iguais: e eſtaõ ſepultados juntos no Capitulo, o primeiro com o Padre Frey Antaõ: e o ſegundo com o Padre Frey Joaõ de Braga na ſepultura mais chegada ao Altar.

CAPITULO XVI.

Fundaçaõ do Convento de S. Domingos de Villa-Real.

OIto annos havia, que o Meſtre Frey Gonçalo governava eſta Provincia, primeiro Provincial eleyto deſpois de deſmembrada de Caſtella: e corria o de Chriſto de 1524. quando 1524.
teve principio nella mais hum Convento da Ordem, que foy o de Villa-Real: e damoslhe neſte Anno ſeu naſcimento, porque ſem embargo, que tres antes tinha o povo alcançado licença d'elRey pera ſe fundar, como logo veremos: e havia dous, que a Camara, e governo da Villa nos tinha feito doaçaõ do ſitio: neſte de vinte quatro ſe juntou a terra toda, e de acordo commum aceitaraõ o Convento, e no meſmo, aos oito de Mayo dia ſinelado do aparecimento do Anjo S. Miguel tinha levantado Altar o Padre Frey Vaſco de Guimaraens em huma pequena caſa, e começado a celebrar os Officios Divinos, ſegundo parece de hum acordo, que deſde tal tempo ficou eſcrito, e guardado nos livros da Camara, e he o ſeguinte tirado de ſeu original.

AOs ſete dias de Julho do Anno do Senhor de 1424. 1424.
ſendo chamados por pregaõ publico todos os juizes, e Vereadores, Procuradores, e homens bons da Villa de Villa-Real. E eſtando todos juntos diante da porta do Moſteiro de S. Domingos, a todos fez em alta voz pergunta o Juiz de fóra, ſe lhes aprazia, de ſe edificar eſte Moſteiro no lugar demarcado por Martim Affonſo contador d'elRey: e meteo de poſſe ao Padre Frey Vaſco de

Guimaraens em nome de toda a Ordem: o qual começou em dia de S. Miguel, de Mayo do ſobre dito anno, a dizer miſſas, e horas rezadas, e cantadas, e de prégar: e continuou até o dia preſente, naõ ſò elle, mas outros Frades da ſua Ordem. E elles todos juntamente, quantos alli eſtavaõ a huma voz, nenhum naõ o contradizendo, reſponderaõ que grande tempo havia, que lhes aprouvera; e agora de prezente aprazia de bons coraçoens, e vontades de ſe o Moſteiro edificar no dito lugar: e das doaçoens, que ſom feitas pollo Convento: porque era bem convinhavel pera os Frades, e pera o povo ouvir as prégaçoens: e eſſomedezlhes aprazia, que os Frades, que em elle viveſſem, ouveſſem os privilegios, e liberdades, que haõ em os outros logares, e de direito devem daver, e que eraõ muito teudos, e obrigados a dar graças a Deos por lhe aprazer de lhes dar guiadores, que os encaminhaſſem pera o ſeu Reyno. E eſſo medez a noſſo Senhor elRey; porque lhe aprouve de os honrar, e igualar aos outros bons logares de ſeu Reyno: e quaſi todos aſſinaraõ.

Mas pera que em tudo proceda a narraçaõ com a ordem de vida, he de ſaber, que ſendo, como he, o commum deſta nobre Villa, gente devota, e amiga da virtude, dezejavaõ havia muitos annos, terem entre ſy hum Convento noſſo, e ouvirem cada dia a doutrina de noſſo Padre S. Domingos. Pera eſte fim tinhaõ feito ſuas diligencias nos noſſos Capitulos gerais, e alcançado huma Bulla do Papa Martinho Quinto, e as licenças neceſſarias do Arcebiſpo Primás de Braga, e do ſeu Cabido: e ultimamente valendoſe da authoridade, que o Meſtre Frey Franciſco de Lima filho do Convento de Guimaraens tinha com elRey Dom Joaõ, que era muita por ſuas letras, e virtude, alcançaraõ huma Carta ſua pera o Contador de Trallos-Montes do theor que ſe ſegue.

POr elRey, a Martim Affonſo ſeu Contador em a Comarca de Trallos-Montes. Martym Affonſo, nós ElRey vos fazemos ſaber, que nós ordenamos hora de fazer hum Moſteiro em Villa-Real á honra de S. Domingos: e demos diſto carrego a Frey Franciſco Meſtre em Theologia, Frade da dita Ordem. Por onde vos mandamos, que vós com o dito Frey Franciſco vejades o logar que mais honeſto, e melhor póde ſer, pera ſe o dito Moſteiro edifi-

edificar , e ahy ordenai que ſe faça : hora ſeja dentro da Villa , ou no arravalde ; onde quer que a ambos milhor parecer : e al naõ façades. Dada em Lisboa , &c.

Em virtude deſta Carta, fez Martym Affonſo a diligencia; e em falta do Meſtre Frey Franciſco, que pouco deſpois adoeceo , e morreo , aſſiſtio com elle o Prior de Guimaraens, Frey Vaſco de Guimaraens: e da reposta , que ambos deraõ , emanou a licença d'elRey , que mandou dar por huma muy ampla Proviſaõ, cujo theor he.

DOm Joaõ polla graça de Deos Rey de Portugal , e dos Algarves , ſenhor de Ceita: em ſombra com o Infante Duarte meu filho primogenito herdeiro nos ditos Reynos , e ſenhorios : A quantos eſta Carta virem fazemos ſaber , que Meſtre Franciſco Freyre da Ordem dos Prégadores em ſendo vivo nos diſſe , que os Frades da Ordem de S. Domingos de Guimaraens por ſerviço de Deos , e honra da Virgem Maria ſua Madre , e de S. Domingos Fundador da dita Ordem , queriaõ fazer hum Moſteiro da dita Ordem em a noſſa Villa de Villa-Real : pera o qual já tinha letras do Padre Sancto Martinho Quinto , pera o poder fazer , e de Dom Fernando Arcebiſpo de Braga , e authoridade , e conſentimento do Conſelho , e homens bons da dita Villa : e como quer que a dita licença tinhaõ , o que naõ podia fundar , nem edificar ſem noſſa authoridade , porque a dita Villa , e terras darredor della , he toda noſſa Reguenga : por quanto elRey Dom Dinis , que a edificou , e a povoou de certos moradores : e mandou , que cada hum delles lhe pague certo foro , e pençaõ em cada hum Anno : e que nos pediaõ por merce , e eſmolla , que lhe deſſemos noſſa licença , e authoridade pera o poderem fazer , e nós viſto ſeu dizer , e pedir : e porque entendemos , que iſto era boa couſa , e ſerviço de Deos , aproguenos dello : e mandamos noſſa Carta a Martym Affonſo noſſo Contador em a Comarca de Trallos-Montes , que com o dito Meſtre Franciſco deviſaſſem , e demarcaſſem o logar , onde ſe o dito Moſteiro , e Caſa delle fizeſſem. O qual aſſi o fez com acordo , e conſelho dos Juizes , e Vereadores , e Procurador , e homens bons da dita Villa , e

do Doutor Frey Vaſco de Guimaraens Prior do dito Moſteiro de S. Domingos do dito logo, que pera eſto foy chamado : os quais demarcaraõ , e aſſinaraõ o logar onde ſe ouveſſe de fazer , que he fóra dos muros da dita Villa , em ſima de todo o arravalde , em herdades deſtas peſſoas que ſe ſeguem. A ſaber : em parte do Reſſio da dita Villa , e em caſas , e chãos de Diego Gomez de Azevedo , e hum chaõ de Diego Affonſo , e hum chaõ de Vaſco Affonſo Moutinho , e hum chaõ de Vaſco Martins Caõ , e de Affonſo Martins ſeu irmaõ , e em hum chaõ de Vaſco Pires mercador , e de Maria Salvador ; e em hum chaõ de Alvaro Vaſques , e de ſeus criados. Os quais todos juntamente diſſeraõ que davaõ os ditos chãos , e caſas pera em elles ſe haver de fazer o dito Moſteiro , livres , e deſembargados , ſem o dito Moſteiro por elles a nós haver de pagar nenhum foro. E que ſe obrigavaõ per ſy , e por ſeus ſucceſſores de pagarem a nós , e a noſſos ſucceſſores , todolos noſſos direitos livremente , e ſem nenhuma briga inteiramente , aſſi , e por a guiza , que os pagavaõ antes , que dotaſſem as ditas herdades ao dito Moſteiro. E pera ſabermos quanto era de grande o dito chaõ das ditas herdades , em que ſe o dito Moſteiro com ſuas Craſtas , e caſarias , e hortas ha de edificar , mandamos a Pay Rodrigues noſſo Eſcrivaõ dos Coutos em a dita Comarca , que ſoubeſſe quantas braças de craveira havia de ancho , e de longo nas ditas herdades ; o qual nos enviou dizer por ſua Carta , que o mediraõ , e achara em longo ſincoenta braças , e de ancho vinte nove braças de craveira , de dez palmos cada huma das ditas braças. E ora querendo nós fazer graça , e merce aos ditos frayres por eſmolla de noſſo motu proprio , certa ſciencia , poder abſoluto , temos por bem , e outorgamos , que elles poſſaõ fazer , e edificar o dito Moſteiro nas ſobreditas herdades , e chãos , naõ tomando mór chaõ , que o ſobredito , que aſſi foy medido. E que as hajaõ livremente , e deſembargadameate , deſte dia pera todo ſempre , ſem dellas pagarem foro nenhum a nòs , nem a noſſos ſucceſſores : com tanto que façaõ em ellas o dito Moſteiro : e naõ o fazendo , que entom as ditas herdades ſe tornem aos ſobreditos , que lhas deraõ , ou a ſeus

herdeiros, pera as terem, e haverem como antes faziaõ, e pagarem os noſſos direitos: e fazendo aſſi o Moſteiro; que o naõ poſſaõ vender, nem dar, nem doar, nem trocar, nem eſcaimbar, nem por outra guiza emalhear. E ſendo derribado, ou deſtroido todo por terra, em algum tempo, que ſenaõ celebre em elle o Officio Divino, que entom ſe tornem a nós, e a noſſos ſucceſſores as herdades, e terras em que o dito Moſteiro foy edificado: e que as tenhaõ aquelles que antes cinhaõ, ou ſeus herdeiros. E mandamos, e defendemos, que naõ ſejaõ nenhum taõ ouſado, que lhes faça mal, nem deſaguiſado aos frayres do dito Moſteiro, e às couſas ſuas delle; porque nós a tomamos ſob noſſa guarda, e defenſom. Senaõ ſejaõ certos os que o fizerem, que nos pagaraõ os noſſos encoutos, e mais lho eſtranharemos nos corpos, e haveres, como aquelles, que paſſaõ mandado de ſeu Rey, e Senhor. Dada em os noſſos Paços de Almeirim, vinte dias do mez de Novembro, Era do Naſcimento de Noſſo Senhor Jeſu Chriſto 1421. *annos.* 1421.

CAPITULO XVII.

Fazem os moradores de Villa-Real alguns bons officios pera ſe abreviar a vinda dos Frades, e começar a obra. Daſſe conta da reformaçaõ com que ſe vivia no Convento: e das groſſas eſmollas com que os Marquezes lhe acudiraõ, tanto que foraõ Senhores da Villa.

ESTando preſtes, como vemos, tudo o que havia, que negociar de fóra, e muito prontas as vontades dos naturais da Villa pera ſe poder dar principio á fabrica, parece que foy cauſa de alguma ſuſpençaõ fallecer neſte tempo o Meſtre Frey Franciſco de Lyma, que por parte da Ordem, e dos meſmos era principal Promotor della. E como naõ procedia com o calor, que a terra pretendia, e dezejava, quiz a Camara obrigar de novo a Ordem com hum grande beneficio; que foy partir a agoa, que vem á Villa, e dar hum anel della pera ſe meter dentro no Convento. E porque na parte, onde ſe traçava o aſſento da Igreja, havia hum pedaço de terra pertencente ao Reſſio do Conſelho, que muito cumpria aos Frades, pera commodidade do edificio, determinou tambem fazerlhe della doaçaõ: e eſta lhe mandaraõ os da governança, feita, e aſſinada por todos ao Convento de Guimaraens: porque ſó com eſtes Padres corriaõ entaõ: e ajuntaraõ mais huma licença pera os Padres mandarem tapar certo caminho, em que a Camara primeiro duvidava. He de ver a Doaçaõ polla boa vontade, que nella moſtraõ á Religiaõ. Diz aſſi.

Nos

NOs os aſſima nomeados com firme devaçaõ, e eſperança, que temos em o glorioſo Padre S. Domingos, que ſerá rogador a Deos por nós, e por noſſos padres, e avós, e parentes, e por aquelles, cujas almas nós ſomos teudos, de noſſas proprias, puras, e eſpontaneas vontades, removido todo máo engano, opreſſaõ, forças, conſpiraçaõ, e vicio, damos, outorgamos, e fazemos pura, e duravel doaçaõ valedeira pera todo ſempre ao dito Senhor S. Domingos, e á ſua Ordem dos Frades Prégadores, pera ſe fazer hum Moſteiro da dita Ordem, na dita Villa, hum pedaço de Campo do Reſſio, que eſtá à porta da adega de Diogo Gomes de Azevedo, que ſeraõ oito, ou dez paſſadas, pera fazerem a cerca da Igreja do dito Moſteiro, que ſe ha de fazer onde eſtá a dita adega. E mais hum anel dagoa do Cano que vem do Seixo, pera a dita Villa, que que poſſa bir dentro pera o dito Moſteiro, por o dito Reſſio. Outro ſy do caminho da Barroca, que vay do dito Reſſio. pera a fonte do Chaõ, que o tapem, e poſſaõ fazer em elle o que quizerem, e por bem tiverem. E eſta doaçaõ prometemos por nós, e por noſſos herdeiros, e ſucceſſores nunca contradizer, nem revogar de feito, nem de direito, em juizo, nem fóra delle por nós, nem por outrem, em parte, nem em todo; e poſto què queiramos, naõ ſejamos a ello recebidos, e fazendoo, ou attendendoo de fazer, que peitemos de pena, e em nome de pena, e intereſſe, eſtimado a dita Ordem, e Frades della, trezentas coroas douro. E a tal pena levada, ou naõ, tadavia eſta doaçaõ ſeja firme, e valioſa, e dure pera ſempre como em ella he conteudo, e por eſta expreſſamente renunciamos todolos direitos, leys, ordenaçoens, foros, coſtumes, e poſturas, e geralmente todo outro remedio, e ajuda, que pudeſſe desfazer, ou quebrar eſta doaçaõ, &c. A 9. de Dezembro do
1422. *Anno do Senhor* 1422.

Com todas eſtas diligencias, e offertas anticipadas, que os Padres ſabiaõ eſtimar, e agradecer, quanto era rezaõ, como penhores de amor, e dezejo de ſua vezinhança, tem qualquer negocio de Communidades tantos contraſtes que vencer, que naõ podia acudir o Doutor Frey Vaſco de Guimaraens, a dar principio à obra, ſenaõ hum Anno, e meyo deſpois deſta doaçaõ,

çaõ, que ſe cumprio no tempo, que atraz diſſemos de 8. de Mayo de 1424. no qual dia celebrou elle a primeira Miſſa, e fez juntamente comeſſar a abrir os aliceſſes do Convento.

Naõ foraõ os Religioſos, que eſta Caſa povoaraõ, de melhor condiçaõ, que todos os das outras antigas, de que ſempre nos queixamos, em nos deixarem memorias particulares dos bons filhos, que nella criaraõ: ſendo aſſi, que ſabemos de certo, e naõ conſta menos, que por letras Reays, ſerem tais, que honravaõ o Reyno com ſuas virtudes: aſſi o diz elRey Dom Affonſo Quinto nos Prologos de duas Proviſoens de certa merce de dinheiro, que lhes fez no Anno do Senhor de 1450. e 1451. pera ajuda de ſuſtentaçaõ, os quais comeſſaõ com as rezoens ſeguintes, formalmente tomadas dos Originais. 1450. 1451.

COnſirando nós o grande ſerviço de Deos, e proveito das Almas, e honra de noſſos Reynos, e o officio Divino, que ſe faz no Moſteiro de Villa-Real na Comarca de Trallos-montes, ſegundo ſomos certificados, mandamos, &c.

Eſcuſamos tresladar aqui as Proviſoens, porque ſaõ largas em leytura, e muito curtas nas merces, ſegundo os tempos. Polla primeira lhes manda dar duzentos, e oitenta, e ſeis reis brancos, aſſentados no Almoxarifado da Villa, polla ſegunda quatro centos reays: e eſtes declara, que ſeraõ de ſinco livras o real. Mas eſta pouquidade, aſſi como foy dada por reſpeito de virtude aos Frades; aſſi moſtra tambem, que ſe vivia com eſtremos de pobreza (que por ſy he outra grande virtude) onde huma merce taõ fraca ficava ſendo remedio de vida. E naõ diz mal com eſte eſtado, antes he grande prova delle, outra doaçaõ, que eſtes Padres aceitaraõ dos de Guimaraens, de poucos livros pera o Choro, e huns ornamentos pobres pera o Altar, acompanhados de huma Cruz, Turibulo, e Naveta de cobre, aos dous annos, deſpois de fundada a Caſa. Por couſa notavel a lançaremos aqui: diz deſta maneira.

VNiuerſis Fratribus, & Patribus Ordinis Prædicatorum præſentes literas inſpecturis pateat euidenter, quod nos Frater Uelaſcus Uimarenſis Doctor, & Prior Conuentus Uimarecenſis, Magiſter Franciſcus, Fr. Stephanus Rangel Bachalaureus, Fr. Ioannes de Baſto Bachalaureus, Fr. Stephanus Ualaſci Doctor, Fr. Ioannes Bracharenſis Doctor, Fr. Ioannes de Freitas Doctor, exterique Patres, & fratres dicti conuentus, domum villæ Re-

Regalis tanquam filiam nobis vnigenitam dotare, & ornare atque promouere cupientes, eidem donauimus vnum Breuiarium in duo volumina diſtinctum manu Fratris Alvari de Sancta Iuſta ſcriptum: quaſdam Legendas Sanctorum. Unum Pſalterium cum apparatu, quoddam teſtamentum nouum, triabaldoaria, vnum veſtimentum antiquum de ſerico, vnam cappam ſericam, & albam pro mortuis, vnum frontale ex excarlato, & ſerico miſtum, duo veſtimenta de panno lineo, vnam crucem, & vnum thuribulum cum vaſe thuris de cupro, vnum miſſale ad celebrandum Miſſas ſine nota, & quoddam graduale, atque alia jocalia, quibus jam dicta filia, tanquam monilibus, decoretur. Quam donationem, ac conceſſionem perpetuis temporibus irreuocabiliter volumus permanere. Inſuper concedimus, & donamus in perpetuum, vnum Miſſale completum, punctuatum, ad celebrandum Miſſas cum nota in Conventu: ſub tali conditione, quod dictum Miſſale maneat apud nos, quoad vſque conſimile, quod eſt in fieri, ducatur ad complementum, quo completo, & ligato, vt oportet, tunc Præſidens dictæ domus Villæ Regalis libere poſſit dictum Miſſale repetere, et habere, tanquam ſibi donatum, et appropriatum ſine quacunque conditione. In quorum omnium teſtimonium hanc literam donationis, et perpetuæ conceſſionis ad perpetuam rei memoriam noſtris manibus ſignatam, & ſigillo noſtri Conventus munitam ſupra dictæ domui, & Conventui Villæ Regalis gratanter, & ſponte dedimus.
1426. *Septima die menſis Ianuarij Anno Domini* 1426.

Naõ damos a traduçaõ, porque já deixamos declaradas as peças, que contém. Os meſmos Religioſos deſculpaõ a dadiva, lembrando, que a ſua Caſa, como mãy amoroſa, parte com a de Villa-Real de ſua pobreza, ao modo que fazem no mundo as boas mãys com as filhas que dotaõ: dandolhe dos bens, que poſſue eſta pequena parte, como brincos pera ſe enfeitar em ſua primeira idade.

Andando o tempo veyo eſta Villa a cahir em mãos de hum ſenhor particular: o que ſendo geralmente havido por caſo de menos valer, nella foy principio de grandeza, e boas venturas. Deua elRey Dom Joaõ o Primeiro a Dom Pedro de Menezes filho de Dom Fernando de Noronha com titulo de Marquez. Saõ eſtes ſenhores muito grandioſos de animo, e dotados de condiçoens taõ Reays, que naõ ſó ſe fazem conhecer por verdadeiros ſucceſſores do tron-

tronco de que procedem, que foraõ dous Reys, hum Dom Henrique de Caſtella, e outro Dom Fernando de Portugal. Mas vencem a muitos Principes da chriſtandade nos eſpiritus de magnificencia, e liberalidade: e o que mais ſe louva, e eſtima nelles, he que ſendo natural a variedade nas couſas humanas, até hoje ſenaõ tem viſto quebrar eſte fio em nenhum herdeiro deſta Caſa. Aſſi levaõ traz ſy o amor, naõ ſó dos vaſſallos deſta Villa, e doutras grandes, que poſſuem, que todas tem por dita ſerem ſuas; mas de todo o Reyno em geral: ſendo tays pera com os ſeus, e pera com o commum da terra, facil fica de crer, que naõ ſeraõ menos benigna com os Religioſos. A todos honraõ, e amaõ; porem a os de S. Domingos com mais particular inclinaçaõ, e favor. Aqui cabe bem o que diz o Proverbio Portuguez, que o ſangue naõ ſe roga: pois ſabemos, que pollo que tem de tantos Reys, participaõ do illuſtriſſimo de noſſo Sancto Patriarcha. Mas quem com attençaõ ler o que fica atraz eſcrito, entenderá, que outro titulo obriga a eſtes Senhores quaſi igualmente, com o da geraçaõ, e ſangue. He virtude muy irmam da nobreza o agradecimento entre os animais, achaſe nos Leoens: entre os homens he mais natural dos Reys: que conta deraõ de ſy, ſenaõ tiveraõ impreſſa em ſeus coraçoens, e como em diamantes gravada, aquella animoſa reſoluçaõ, com que imitando o valor do grande Capitaõ Dom Pedro de Menezes, ſe offereceraõ a ficar com elle em Ceita os mais dos Religioſos Dominicos, que tinhaõ atély acompanhado ſeu Rey. Aſſi, tanto que foy ſenhor da Villa o primeiro Marques Dom Pedro de Menezes, de tal maneira ſe ouve com eſte Convento, como ſe quizera moſtrar, que o naõ eſtimava menos, que outro grande ſenhorio. Senhores ha que fazem grandezas, e merces, ſó pera acreditar novas entradas; e eſtas como ſaõ accidentes, e pollo meſmo caſo de pouca dura, ſervem mais a quem as faz, pollo que grangea, que a quem as recebe, pollo mal que permanecem. O Marquez deu muito de boa entrada: e quanto deu no primeiro dia, tanto ficou perpetuo até hoje, ſem diminuiçaõ, antes acreſcentado com muitas graças, e beneficios extravagantes todas as vezes, que no Convento ouve neceſſidade. Foy o que deu cem alqueires de trigo, cento de milho, trezentos de centeyo, cem almudes de vinho, e dez mil reis em dinheiro. Eſmolla Real em todo tempo, quanto mais em era, que todas as rendas de Portugal eraõ muito fracas.

Paſſados alguns annos, no 1509. dezejaraõ os Frades fabricar certa officina neceſſaria dentro da cerca do Convento, e pretenderaõ haver pera iſſo hum chaõ, que partia com ella. Tentaraõ o dono ſe o queria vender; e ou foſſe ſua tençaõ arrancar mais dinheiro, fazendoſe de rogar: ou que na verdade tiveſſe amor à fazenda de ſeus mayores, naõ havia couſa, que o dobraſſe. Chegou à noticia do Marquez, que tinha o eſtado; mandou diſſimuladamente comprallo pera ſy; e na meſma hora o deu gracioſamente aos Frades.

des. Como eſtes Senhores fizeraõ o Convento rico, comeſſou a Provincia a carregarlhe Religioſos, e ſuſtenta de ordinario quatorze. Pollo meſmo caſo, andando os annos, pareceo a hum Prior, que ſeria bem alargar o apoſento do Convento, comprando humas caſas vezinhas. Buſcou dinheiro, offereceo a quem as poſſuhia mais do que valiaõ, naõ baſtava nada: acudionos o Marquez, comprouas pera ſy, e mandouas entregar ao Convento por eſmolla. He de advertir, que nenhuma deſtas, e outras eſmollas, nem polla principal, e mais groſſa puzeraõ nunca, nem pediraõ ſuffragios de obrigaçaõ. Porem pollo meſmo caſo tem capellaens; e mercieyros continuos, naõ ſó nos moradores deſta Caſa, mas nos de toda a Provincia inteira.

Foy natural deſta Villa o Padre Frey Joaõ da Cruz, duas vezes Provincial deſta Provincia, e polla meſma rezaõ grande bemfeitor do Convento. Elle foy o que fez a obra nova de dez celas, que vemos no Dormitorio: e com ſua induſtria ſem nenhum cuſto da Caſa lhe fez hum ornamento de téla de ouro roxa taõ perfeito, que póde ſervir em exequias de qualquer Principe.

De poucos annos pera cá ſe levantou neſta Igreja, e Convento huma muito frequentada confraria de Noſſa Senhora do Roſario, em que concorrem com devaçaõ cento, e ſincoenta irmãos ſeculares, e quinze ſacerdotes, e ſetenta, e tres mulheres; e tendo neſtes numeros pyas conſideraçoens, tem feito hum fermoſo retabolo no Altar da Senhora, que acompanhaõ com quatro caſtiçays de prata, e ſua alampada, e frontais de ſeda, e vay a irmandade em grande augmento.

Ao meſmo paſſo vay correndo a confraria de S. Gonçalo, que com, ſer fundada de pouco, tem já ſeu retabolo de boa pintura na meſma Igreja; e favorece o Senhor a devaçaõ do ſeu ſervo, como vimos por hum notavel milagre, que foy authenticado pollo Lecenciado Manoel Dias de Morais Vigairo geral da Villa: e foy o caſo, que hum Fernaõ Gonçalves morador no lugar de Auta guiava hum carro, e hindo em ſima, entraraõ os boys em furia, que foy cauſa de cahir de maneira, que lhe ficaraõ as pernas metidas pollas aberturas de huma das rodas, e ambas miſeravelmente quebradas, era pobre, e ſobre pobre tinha ſetenta annos: pera boa cura faltavalhe fazenda, e pera a natureza ajudar ſobejavalhe a idade: aſſi vinha à Villa encomendarſe ao Sancto milagroſo, e havia quinze mezes, que o fazia, arraſtando os joelhos por terra, e ajudandoſe das mãos por ella. Neſte eſtado lhe acudio o Sancto, e ſua devaçaõ. Era primeiro dia de Agoſto do Anno de 1617. huma terça feira, quando ao tempo de querer deixar a pobre cama, em que jazia, ſe ſentio aliviado de todo o mal, e eſpantado de ſy meſmo, pedio hum bordaõ, pera ver ſe ſe podia levantar, e uzando do arrimo, mais por velho, que por enfermo, foy com admiraçaõ de toda a terra dar graças ao Senhor diante do Altar do Sancto, a quem ſe encomendara. 1617.

Naõ temos que dizer de filhos

lhos deſte Convento ; porque como nelle naõ ouve nunca Caſa , nem criaçaõ de Noviços, reſpeito da aſpereza do ſitio, polla meſma rezaõ naõ ouve filhos , que nos poſſaõ dar materia de hiſtoria , ſalvo algum , que ſendo recebido em outra Caſa, lhe deraõ titulo , e filiaçaõ por eſta , e tal devia ſer o Padre Frey Gil de Leyria , que achamos contado por filho della , e merece memoria por homem de grande habilidade, e de grande virtude. Polla habilidade mereceo ſer hum dos primeiros Collegiaes do Collegio de Sancto Thomas de Coimbra : e polla virtude alcançar titulo de Sancto. Veyo a fallecer na Vigairaria das Alcacevas : onde ſe lhe fizeraõ ſuas exequias com ſolemnidade , e aconteceo , que peſandoſe a cera , como he coſtume no principio , e no cabo, naõ faltou nella couſa nenhuma, com arder grande eſpaço : era particular devoto de Noſſa Senhora do Roſario ; e tinha por goſto , e coſtume em todos ſeus ſermoens ſer pregoeiro de ſuas grandezas.

Fim do Livro terceiro.

SEGUNDA PARTE

DA HISTORIA DE S. DOMINGOS,

PARTICULAR DO REYNO DE PORTUGAL.

LIVRO QUARTO.

CAPITULO I.

Do eſtado em que eſtavaõ os Conventos da Congregaçaõ reformada, e como corriaõ entre ſy, e com a Provincia, quando ſe aceitou na Obſervancia o de Azeitaõ. Daſſe conta como o Principe Dom Duarte paſſou Carta de ſeu Padroeiro..

1435. ENtramos no Anno de 1435. com quarto Moſteiro da Obſervancia, que he o de Azeitaõ, e ficamos com tres de Frades, e hum de Freiras. A ſaber, Bemfica, Aveiro, Azeitaõ, e o do Salvador: ſerá bem vermos agora como ſe governavaõ neſta conjunçaõ. Era Vigairo geral delles o Meſtre Frey Joaõ de Sancto Eſtevaõ, que as memorias chamaõ Doutor, que juntamente era confeſſor da Raynha Dona Leonor. A Provincia governava já o Padre Frey Gonçalo Mendes; porque na entrada do meſmo Anno ſe tinha abſolto o Meſtre Frey Gonçalo. A reformaçaõ eſtava taõ bem recebida do Rey, e Principes, e até do Povo, que creſcia com grandes augmentos. Entrava nella cada dia gente nobre; e muitos Religioſos, que na Clauſtra tinhaõ nome de letras, ſe paſſavaõ aos Obſervantes. Do que naſciaõ manifeſtos deſgoſtos, que os Padres da Provincia naõ diſſimulavaõ, e ou por moſtrarem ſuperioridade, ou porque a muita eſtima, em que os Obſervantes eſtavaõ (como noſſa natureza ſofre mal deſigualdades) lhes cauſava nos animos alguma deſconfiança, e exercitavaõ ſobre elles duro Imperio; já os fazem acudir aos Capitulos da Provincia, davaõlhes ley, perturbavaõlhes o governo: já lançavaõ a miude os meſmos ſeus Capitulos em Bemfica: com que a Caſa pobre, e quieta ſe havia por avexada. Com tudo ſofriaõ, e pairavaõ,

ravaõ, por moſtrar, que naõ poſſuhiaõ de balde o nome de Reformados: mas ganhaõ pouco com amos injuſtos, criados ſofridos: azedavaõſe com ſofrimento, indignavaos o ſilencio: e o que era pura virtude, e modeſtia, torſiaõ a penſamentos, e traças de mais izençaõ; chamavaõlhe ſoberba, e vamgloria, que com capa de virtude, palavras humildes, peſcoços torſidos ſe refinava. Em fim veyo de apertada a rebentar a paciencia. Foraõſe os Reformados a elRey, propuſeraõ ſuas queixas diante delle, e dos Infantes. Como eraõ Principes pyos, e ſanctos, naõ ſe contentaraõ com menos, que tomar toda a cauſa á ſua conta: e o Principe D. Duarte ſe adiantou em hum extraordinario favor, que foy darſe, e nomearſe por Padroeiro da Obſervancia: e diſſo lhe mandou paſſar ſuas letras Reays, cujo treslado guardamos pera eſte lugar pera acompanharem o novo Convento reformado de Azeitaõ, em que eſte Senhor, e a Raynha Dona Leonor ſua mulher tiveraõ grande parte. Segue o Alvará do Principe, que ainda entaõ naõ uzava mayor titulo, que o de Infante, como qualquer de ſeus irmãos.

NOs o Infante fazemos ſaber a vós Provincial, ou Vigairo, e qualquer, que hoje tem carrego de reger a Ordem de S. Domingos em eſta Provincia de Portugal, e tever daqui em diante. E iſſo meſmo aos Diffinidores dos Capitulos Provinciais, quando os fizerdes: que nós conſiderando em como por elRey meu ſenhor, foraõ dados os Paços de Bemfica, a voſſa predicta Ordem, pera ſe em elles edificar Moſteiro da Obſervancia. E viſto outro ſy em como os Padres, que o começaraõ, e outros Padres, e Frades, que deſpois vieraõ viverom, e vivem atâ hora, ſempre viverom, e haõ fama, que vivem aguiſadamente, por guiſa, que as gentes deſta terra tem boa informaçaõ, e devaçom de ſua fama, e vida. E viſto outro ſy em como elles atáqui nom tiverom nenhum Padroeiro, que delles tiveſſe carrego eſpecial. Por todas eſtas rezoens, e por nós eſperarmos ſer ajudados pollas ſuas oraçoens: noſſa merce he de tomarmos, e tomamos carrego delles, e do ſeu Moſteiro em todas couſas, aſſi como ſeu Padroeiro eſpecial: e por tanto vos rogamos, e encomendamos, quanto podemos, e em nós he, que elles ſejaõ eſſomedez por vós fovorados, e ajudados em todo, por guiſa, que de voſſa parte naõ ſeja feita couſa nenhuma, porque elles ſejaõ torvados de viverem ſegundo os coſtumes, com que atá aqui viverom.

verom. E logo em eſpecial vos rogamos, que os naõ conſtranjades, que vaõ a Cabidos, nem aſſineis Cabido no dito Moſteiro, nem diſponhais del, nem delles alguma couſa, a menos de nolo primeiramente fazerdes a ſaber. E ſe o aſſi fizerdes, ſede certos, que nos fares com ello prazer, e ſerviço. Feito em Lisboa primeiro dia de Julho. Alvareannes o fez, Era do Naſcimento de Noſſo Senhor Jeſu Chriſto M.ccccix.. annos. Infante.

Suſpendeo taõ grande valedor os deſgoſtos, que a Provincia dava aos reformados: mas brotaraõ por outra parte, e ao longe, vendoſe os que nella mandavaõ, com as mãos atadas pera impedirem os augmentos com que a Obſervancia a olhos viſtos creſcia, queixaraõſe agramente ao Reverendiſſimo Geral, que os reformados à conta do nome, mais que da ſuſtancia, ſe faziaõ reſpeitar, e ſeguir de maneira, que cedo ficaria nelles a Provincia: porque pouco a pouco lhe roubaraõ os melhores, e mais doutos ſujeitos della, alargavaõ ſeus Conventos, e povoavaõ outros de novo, e pollo muito favor, que tinhaõ dos Principes, naõ valia com elles a authoridade do cargo dos Provinciais pera ſe deixarem governar della, como era rezaõ. Aſſi arrezoavaõ juntando tudo o que lhes parecia podia indignar o Reverendiſſimo. Mas acabaraõ de cahir tarde, que era occaſiaõ de goſto pera elle o que pretendiaõ, que foſſe de ira, e paixaõ: porque ſe alegrava em ſua alma de ver, que enfraquecia a Clauſtra com eſtas contradiçoens, e que por ſy ſe hiria deſfazendo, e mingoando, quanto a Obſervancia foſſe adiantando. Diſſimulava, e contemporizava com as queixas; e tanto diſſimulou, que os Padres da Provincia, deſconfiados delle, deraõ com ellas na ſuprema cabeça da Igreja, que era o Papa Martinho Quinto; e pera que tiveſſem mais força por multiplicadas, juntaraõſe por Cartas com outras Provincias, que tinhaõ ſemelhante controverſia; e tanto apertaraõ, que alcançaraõ delle mandaſſe juntar hum Capitulo geral da Ordem de S. Domingos com apercebimento, que acudiſſem a elle naõ ſó os Vigairos gerais dos Obſervantes, mas todos os Frades mais graves, e mais doutos dellas, pera com iſſo tomar o aſſento, que pareceſſe mais conveniente. Grande foy o medo em que eſta determinaçaõ poz aos pobres da Obſervancia, porque davaõ por certo haviaõ de ganhar ſeus adverſarios por numero, e vozes, quanto quizeſſem: e a eſſa conta cantavaõ já victoria: mas acudio Deos a deſviar a junta com guerras, que ſe levantaraõ em Italia, pera onde eſtava aprazada: e porque ſe viſſe, como ſe havia por bem ſervido da Obſervancia; acudiolhe com a conſolaçaõ de mais outro Moſteiro de ſeu inſtituto, que foy o de Azeitaõ, polla maneira ſeguinte.

Tinha elRey Dom Duarte antes de ſucceder na Coroa deſtes

tes Reynos moſtrado tanta devaçaõ, e affeiçaõ à Ordem de S. Domingos, como pouco ha acabamos de contar. Tanto que tomou o ſetro, naõ perdeo a boa vontade; antes foy mayor: porque a companhia da Raynha Dona Leonor ſua mulher deulhe occaſioens de creſcer: era filha d'elRey D.Fernando de Aragaõ, que antes de ſer chamado à ſucceſſaõ daquella Coroa fora Infante de Caſtella, com titulo de Infante de Antequera: e por eſta já tinha parte no ſangue do P. S. Domingos, e polla de Rey Aragones a devaçaõ, que todos à ſua Ordem ſempre tiveraõ. Ajudava eſta inclinaçaõ de ambos o P. Fr. Joaõ de S. Eſtevaõ Confeſſor da Raynha. Fora eſte Padre eſtudante em Pariz, e graduado em Doutor por aquella Univerſidade: e ſendo filho de habito, e profiſſaõ de S. Domingos de Lisboa, tanto que tornou ao Reyno, deixara tudo pollo rigor da Obſervancia. Trataváõ os tres a miude, e com grande goſto d'elRey, do augmento da Congregaçaõ; o que foy meyo de ſe applicarem os Reys com muita vontade a procurar acreſcentala com huma Caſa nova. Andando com eſte cuidado, pareceolhes muito a propoſito a ſerra de Azeitaõ pera huma companhia de Anachoretas, e gente de eſpiritu, terra ſádia, gracioſa, e de bons áres, afaſtada do povoado pera viverem com quietaçaõ os Religioſos, e pera terem provimento de peixe, e eſmollas, acompanhada naõ longe das peſcarias de Setuval, e Sezimbra. Só duvidavaõ em que lugar da ſerra ficariaõ milhor, pera mandar pôr mãos na obra.

Publicada pollos lugares da ſerra a determinaçaõ d'elRey, abbreviou Deos a fabrica por hum meyo aſſaz eſtranho, mas todo ſeu, pera lha devermos ſó a elle. Poz no coraçaõ de hum homem rico, e honrado da meſma ſerra, naõ ſó dar ſitio acommodado pera o Convento, mas pera ſe lhe entregar tambem a ſy meſmo, e o melhor de ſua fazenda por meyo delle: chamavaſe Eſtevaõ Eſtevens, e tinha titulo de vaſſallo d'elRey, que entaõ ſe dava ſó a homens de boa qualidade. Foyſe hum dia a elRey, deulhe conta de ſeus penſamentos, moſtroulhe, que naõ eraõ ſó traças na imaginaçaõ fanteſiadas, ſenaõ aſſento tomado com madureza entre elle, e ſua mulher, filhos, e filhas, e até criados, de ſe conſagrarem todos a Deos. E dizia, que pois ſua Alteza tinha goſto, como lhe affirmavaõ, de edificar Convento naquella ſerra, elle lhe offerecia lugar, e ſitio aſſaz conveniente, que era huma quinta ſua, com pumares, e hortas, e boas agoas, e apoſento baſtante pera deſde logo ſe poderem agaſalhar alguns Religioſos. De preſente naõ ſe alargava a mais, inda que mais determinava fazer: porque queria primeiro dar aſſento nas couſas de ſua vida, e alma: pera que havia miſter o uzo de ſuas rendas, e fazenda por algum tempo. Agradecido elRey aceitou a offerta: e tanto a eſtimou, que logo mandou aviſar o Vigairo da Obſervancia lhe buſcaſſe Frades pera virem aſſiſtir na Quinta, e entender na fabrica, que logo queria ſe começaſſe.

CAPI-

CAPITULO II.

Toma o Vigairo da Obſervancia poſſe da Quinta por virtude do Teſtamento de Eſtevaõ Eſtevẽs.

TOdavia pareceo, que ſe procedeſſe na Doaçaõ da Quinta com ordem, e ſolemnidade juridica, fazendo Eſtevaõ Eſtevẽs de maõ commum com ſua mulher ſeu Teſtamento: e nelle declaraſſem o que davaõ aos Frades, pera em virtude da declaraçaõ pòderem tomar poſſe do ſitio, e comeſſarem a Caſa. Vivo eſtá hoje no Cartorio do Convento hum treslado authentico do teſtamento, que lançaremos aqui na forma em que originalmente o achamos, e diz aſſi.

DEzejando eu Eſtevaõ Eſtevẽs, e Maria Lourenço minha mulher, de nos partir dos negocios do mundo, e de nos pôr em ordem de Religiaõ, e noſſos filhos commoſco, ſe ao Senhor aprouguer de nolo aſſi ordenar: de todos noſſos bens fazemos morgado, dos bavidos, como dos por haver; e mandamos, que noſſos bens, nem parte delles, nunca ſe vendaõ, nem poſſaõ vender, deſpois de noſſas mortes a nenhumas peſſoas, que ſejaõ, nem ſe poſſaõ dar, nem eſcaymbar huns por outros, nem apenhar: e que andem ſempre juntamente em poder, e vedoria dos que forem noſſos teſtamenteiros; e fazemos cabeça de noſſo morgado a noſſa quinta de Azeitaõ, em que nós hora moramos: a qual quinta, e caſarias della, a nós praz de a entregarmos, e metermos em ella de poſſe, e aſſi de todos os outros noſſos bens, que pertencerem ao dito teſtamento, a Fr. Mendo Doutor, Frade antigo da Ordem de S. Domingos, Prior do Moſteiro de S. Domingos de Bemfica.

E mandamos, que todolos outros noſſos bens, e herdamentos, que nós havemos, e todos eſcreveremos ao diante, e rendas, e novidades delles, que ſaõ fóra das heranças, e pertenças da dita noſſa quintam: e aſſi as da dita quintam, que os ditos Frades tem, e quizerem haver: que todas as hajaõ pera ſempre em eſmolla, deſpois de noſſas mortes, e nós partidos dos negocios do mundo, as Freiras da dita Ordem de S. Domingos, que eſtaõ em Lisboa no Moſteiro do Salvador: por quanto ſaõ monjas pobres, e encerradas, que naõ comem carne, e vivem em Communidade de Obſervancia; e porem nós mandamos, e outor-

outorgamos, que as ditas Freiras, e Frades, como o ouverem em ſy eſte noſſo teſtamento, e nós ambos formos partidos dos negocios do mundo, e poſtos em Religiaõ, como nós dezejamos, que elles, e ellas, deshi em diante, hajaõ em ſy pera ſempre a miniſtraçaõ, e regimento, e ſenhorio, e proveito, e todo uzo, e fruito de todolos ditos noſſos bens, e rendas delles, cada hum Moſteiro; aſſi como lhe forem repartidos, e diviſados; e que nunca os vendaõ, nem poſſaõ vender.

E mandamos que o Prior, e Frades conventuais, que eſtiverem em o dito Moſteiro de Azeitaõ; e a Prioreſſa, e Freiras conventuais, que eſtiverem no Moſteiro de S. Salvador de Lisboa; aſſi os que hora ſaõ preſentes, como todolos outros, e outras, que pollos tempos forem moradores, e conventuais em os ditos Moſteiros, que elles, e ellas ſejaõ pera ſempre noſſos teſtamenteiros, e regedores dos noſſos bens, e teſtamento.

Item ordenamos, que na dita noſſa quintam façaõ os Frades, que nella morarem, hum Moſteiro da ſua Ordem de S. Domingos, que ſeja de Frades da Obſervancia de bom viver em louvor do ſerviço do Senhor Deos: e todos em Communidade, e ſempre ſob a obediencia da ſancta Igreja de Roma: o qual Moſteiro nós mandamos, e outorgamos, que ſe faça em o dito noſſo lugar, e quintam à honra, e louvor de S. Domingos, e da Senhora Virgem Maria. E a vocaçaõ, e nome do dito Moſteiro, a nós praz que elle ſeja chamado, e nomeado pera ſempre: Sancta Maria da Piedade.

E dizemos, que os Frades, que eſtiverem no Moſteiro de Bemfica, que todos ſe hajaõ pera ſempre hirmammente, em huma Communidade, e Obſervancia, como ſe todos eſtiveſſem em hum Moſteiro, e aſſi ſe requeiraõ, e ajudem huns aos outros pera ſempre. E com tal propoſito ordenamos nós, que ſe faça o dito Moſteiro, e no dito noſſo lugar por Frades da Obſervancia do Moſteiro de Bemfica.

E com tal declaraçaõ, que os Frades naõ alheem, vendaõ, nem empreſtem, nem enpenhem couſas da ſacriſtia, ſenaõ com licença do Provincial, por acordo, e prazimento

to de todos os Frades Conventuais, que no dito Moſteiro eſtiverem. E que cada hum Anno ſe faça livro de tombo em que ponhaõ as couſas da Sacriſtia: o qual ſe moſtre ao Provincial, quando vier viſitar.

E que nom façaõ os Priores das eſmollas, e offrendas preſentes, nem convites baldiamente a peſſoas ricas, e honradas, a louvaminhas do mundo; ſenaõ que quando ſucceder caſo, e neceſſidade de ſe fazerem, ſe faça por bom acordo, e aprazimento de todos os Frades, que no dito Moſteiro eſtiverem. E que ſenaõ dê acolheita no dito Moſteiro a omiziados, pollo dano que ſe diſſo ſegue.

Eſta he a nota do Teſtamento, que ſe moſtra ſer feito, e approvado aos quinze dias de
1434. Setembro do Anno de 1434. e conſta, que logo por virtude delle tomou poſſe de todo o aſſento de caſas, quinta, e pumares, o Prior de Bemfica Frey Mendo, que devia ſer o meſmo Frey Mendo de Sanctarem, que tambem foy tomar poſſe do ſitio de Aveiro, como atraz fica eſcrito. Mas he de ſaber, que paſſado eſte anto entrou no cargo de Vigairo geral da Obſervancia o Doutor Frey Joaõ de Sancto Eſtevaõ Confeſſor da Raynha, pedido pollo meſmo Rey ao Geral da Ordem Frey Bertholameu Teixerio; porque queria ter junto de ſy quem a todo tempo lhe deſſe aviſo de como procedia a Reformaçaõ, em final, e penhor do muito que a amava. Aſſi achamos logo no An-
1435. no ſeguinte de 1435. o Padre Frey Joaõ, acompanhando o Padre Provincial, e mais Frades, que ſe acharaõ na ſolemnidade, que ſe fez ao abrir dos Aliceſſes, e lançar da primeira pedra, que logo contaremos.

CAPITULO III.

Do auto, e cerimonias com que ſe deu principio à obra do Convento, e Igreja de Azeitaõ.

SEndo elRey Dom Duarte hum dos mais pyos, mais catholicos, e ſabios Reys, que Portugal teve, foy Deos ſervido por ſeus occultos juizos, que lhe coubeſſe o mais calamitoſo tempo de reynado, que a nenhum de ſeus anteceſſores tinha acontecido. Pareceo que todo bem acabara, e ſe enterrara com ſeu Pay. Emprendeo a jornada de Tangere em Africa, perdemos hum bom exercito, e com elle hum Infante, como deixa- P.1.l.6.c.
mos contado em outro lugar: apoz eſta perda entrou huma praga de peſte taõ cruel, que andando elRey deſviandoſe della de lugar em lugar, ella em fim o veyo a matar com taõ poucos annos de Rey, que naõ logrou o titulo mais, que ſinco annos, morrendo em Agoſto de 1438. e com todos eſtes trabalhos naõ ſe eſquecia do ſeu Convento de Azeitaõ, em quanto a vida lhe durou. Antes ſendo elles cauſa

de ſe ſuſpender a fabrica muitos mezes deſpois de tomada poſſe da quinta por Frey Mendo: em fim mandou, que ſe juntaſſem na ſerra o Provincial, e Vigairo geral, e naõ ouveſſe mais dilaçoens. Aſſi ſe vieraõ a achar ambos com muitos Padres da Provincia, e Obſervancia, em companhia dos fundadores, dia ſinelado da Expectaçaõ do Parto em 18. de Dezembro do Anno ſeguinte de 1435. e nelle ſe deu primeiro principio ao Convento, como he de ver de hum aſſento, que achamos no Cartorio, cuja liçaõ naõ ſerá deſagradavel por ſua antiguidade, e cerimonias daquelle tempo: e he o que ſe ſegue. 1435.

DIa de Noſſa Senhora do O, do Anno do Senhor de 1435. ſe ajuntaraõ na dita Quinta, que he Comarca da Villa de Sezimbra, e Freguezia ſofraganha à Igreja de Sancta Maria da dita Comenda de Sezimbra, com grande devaçaõ muitas honradas companhas de homens, e de mulheres, e dos virtuoſos, e honeſtos Religioſos Frey Gonçalo Mendes Meſtre em Theologia, e Prior Provincial da Ordem dos Prégadores: e o Doutor Frey Joaõ de Sancto Eſtevaõ Confeſſor da Raynha Dona Leonor noſſa Senhora: e o Bacharel Frey Vaſco da Alagoa Prior do Moſteiro de Elvas, e Frey Martinho de Lisboa, e Frey Alvaro de Portalegre, e Frey Joaõ Vaqueiro, e Frey Joaõ de Sancta Maria, e Frey Martinho d' Azambuja, e Frey Vaſco de Portalegre, e Frey Fernando de Sancta Maria da Eſcada, e Frey Fernando de Sancto Antonio, e Frey Eſtevaõ da Cruz, e Frey Gonçalo do Porto, e Frey Affonſo de Chellas, e Frey Martinho de Cordova, e Frey Eſtaço, e outros Frades da dita Ordem, eſtando preſentes Eſtevaõ Eſtevẽs, e ſua mulher Maria Lourenço; tomaraõ os Frades poſſe por huma Bulla do Papa Martinho Quinto; polla qual diſſe o Padre Provincial, que a Ordem tinha já tomado poſſe do Moſteiro de Villa-Real: e lida aby logo a dita Bulla, e o dito Frey Gonçalo Mendes Provincial reveſtido em veſtiduras ſagradas, e preſtes pera dizer Miſſa, como de feito diſſe, acompanhado de Diago, e Sodiago, e acolitos, e cantores, e cruzes, e thuribulos, e agoa benta; e ordenados em prociſſaõ muito devota, e honeſta, vieraõ todos à Igreja de S. Lourenço, que he na dita Comarca de Azeitaõ, e entra-

entraraõ no dito lugar, e quintam: e filharaõ poſſe, como já dante haviaõ filhada do dito lugar, cantanto, e rezando louvores ao Senhor Deos, e andaraõ quadrangularmente fazendo ſuas eſtaçoens polla terra, onde havia de ſer o o dito Moſteiro, e Craſta delle edificada: e aſſi proceſſionalmente procederaõ todos, e foraõ com a dita prociſſaõ contra o lugar, onde a Igreja do dito Moſteiro havia de ſer fundada, e edificada. E feito o dito Aliceſſe da dita Igreja, e Capella della, e abrido, logo o dito Provincial deitou em elle pedras por ſua maõ pera fundamento. E eſcreveo em ellas letras com certas candeas de cera aſezas da vocaçaõ, e nome do dito Moſteiro. E aſſi reveſtido, como eſtava, ſendo ſervido pollos ditos Diago, e Sodiago, e acolitos, e cantores, e officiais da dita prociſſaõ, todos reveſtidos de veſtiduras ſagradas, como dito he; e apoz elles o nobre Cavaleiro Diogo Mendes Comendador de Sezimbra, deitou ſuas pedras em o dito fundamento de aliceſſe: e apoz elles deitaraõ ſuas pedras o dito Eſtevaõ Eſtevẽs, e a dita ſua mulher doadores do dito lugar: e aſſi outros muitos. E acabado o dito fundamento de pedra, e cal, e eſpargida agoa benta ſobre tudo, com o reſponſo de Aſperges me, &c. com ſeu verſo, e oraçaõ logo em o dito lugar, e caſas delle, diſſeraõ ſua Miſſa cantada, muy devota, e honeſta, ſolemnemente feita. O que tudo ouveraõ por bem, firme, e valioſo os ditos Eſtevaõ Eſtevẽs, e ſua mulher. O que diziaõ que faziaõ por ſerviço de Deos Noſſo Senhor, e de Sancta Maria ſua Madre, e por ſalvaçaõ de ſuas almas, e de ſeus filhos, e parentes, e por prol communal da terra. E o Provincial, e o Doutor Frey Joaõ de Sancto Eſtevaõ Vigairo dos Moſteiros da Obſervancia, e Frey Martinho de Lisboa Prior do dito Moſteiro, e Frades conventuais delle, diſſeraõ em nome da dita Ordem, que lhes prazia comprirem o dito Teſtamento, e Eſcritura pera ſempre, como em ella he conteudo.

Feita a cerimonia, ficou correndo a obra por conta da fazenda d'elRey, e ajudando a Raynha com particulares eſmollas de ſuas rendas. Dura inda hoje hum Alvará deſte Rey, que foy paſſado no Anno ſeguinte; em que dá licença pera ſe cortar nas defeſas Reays toda a madeira neceſſaria: o qual confirmou

firmou deſpois elRey Dom Afonſo ſeu filho. Dura tambem a memoria de huma fermoſa eſmolla, que a Raynha fez a eſte noſſo Convento, pera que lhe ficaſſe devendo os primeiros principios de ſua ſuſtentaçaõ. Como as Caſas reformadas naõ poſſuhiaõ bens de rays, quiz eſta Senhora por ſua piedade dar traça, com que eſta tiveſſe alguma couſa certa, e permanente, ſem parecer renda formal, de que ſem eſcrupulo ſe pudeſſe ajudar. Tinha na ſua Villa de Alemquer humas Aſſenhas, que eraõ quatro varas de azeite, e quatro pedras de moer paõ: fez doaçaõ dellas aos Religioſos de S. Jeronymo do Moſteiro, que chamaõ do Matto, com encargo de acudirem cada Anno aos de Azeitaõ com eſmolla de ſinco moyos de trigo, e dez cantaros de Azeite, e dez mil reis em dinheiro. Eſta fazenda poſſuhe hoje redondamente o noſſo Convento de Azeitaõ; porque vieraõ a fazer ceſſaõ della em noſſos dias os Padres do Matto, em mãos da Raynha Dona Catherina mulher d'elRey Dom Joaõ Terceiro; a quem pertencia, como ſenhora que era do lugar. Pareceolhes peſado o foro, encamparaõ a propriedade. Aceitou a Raynha, porque era juſtiça, as Aſſenhas: mas com a meſma, maõ com que as aceitou, as treſpaſſou logo aos Frades de Azeitaõ, com encargo, e reconhecimento de huma Miſſa quotidiana: encargo que a primeira doadora naõ puzera na pençaõ, ou foro.

Em quanto ſe hia trabalhando no que era pedra, e cal, que eſtava à conta do Vigairo geral Frey Joaõ, naõ ſe deſcuidava do edificio eſpiritual o Prior da Caſa Frey Martinho de Liſboa: hia, e mandava os ſeus Frades pollas Aldeas vezinhas a doutrinar, e enſinar: e faziaſe muito ſerviço a Noſſo Senhor; porque naõ havia menos matto nas almas, que na ſua ſerra. Paſſavaõ tambem às Villas de Setuval, e Sezimbra: onde, deſpois de darem o paſto ſancto da prégaçaõ Evangelica, ſe ajudavaõ tambem, como pobres de alforge, e brádo, pedindo pollas portas, como entaõ ſe uzava, o remedio de ſuſtentaçaõ quotidiana, conforme ao dito de Chriſto Noſſo Salvador. *Dignus eſt operarius mercede ſua*: rezaõ he, que ſe pague ſeu jornal a quem trabalha. Mas eraõ moradores antigos em Setuval os Padres Menores: e como a Villa naõ eſtava taõ povoada, como agora, queixaraõſe de quererem os noſſos doutrinar onde ſó elles baſtavaõ: e pedindo eſmollas, tiraremlhes parte do paõ, que haviaõ miſter, e por boa conta era ſeu. He triſte couſa contendas entre irmãos; porque igualmente deve doer o vencer, e o ſer vencido, ſe ſe lançaõ boas contas. Acudio elRey a pacificar como Pay, e fez a compoſiçaõ, que parece pollo Alvará ſeguinte, que originalmente tresladamos pera memoria de ſua grande bondade, e religiaõ. Matth. 10.

Nós

NO's ElRey fazemos ſaber a quãntos eſte Alvará virem, que ouvemos informaçaõ, como entre os Religioſos, Frades Menores de S. Franciſco da Villa de Setuval, e os Frades Prégadores da Ordem de S. Domingos do Moſteiro de Sancta Maria da Piedade de Azeitaõ, era eſcandalo a cerca das eſmollas, e prégaçoens, que pediaõ, e faziaõ em Setuval. E por a eſto pormos algum modo; mandamos chamar Frey Mendo por parte dos Frades de S. Franciſco, e Frey Joaõ de Sancto Eſtevaõ Confeſſor da Raynha minha mulher por parte dos Frades Prègadores; e em nome, e peſſoa de todolos outros. E ſobre ello determinamos a cerca das eſmollas, que os Frades de S. Franciſco poſſaõ pedir eſmollas no dito lugar ao Domingo, e à ſeſta feira, e os Frades Prégadores poſſaõ demandar eſmolla ao ſabbado, e o outro dia da ſemana, que naõ ſeja Domingo, nem ſeſta feira: e mandamos em feito das prégaçoens, que as Domingas, e feſtas ſolemnes, que ſegundo a devaçaõ do povo, e coſtume ſoem prégar no dito lugar, que os Frades Menores, e Prégadores, ordenem entre ſy, que huns préguem huma Dominga, e outros outra: e aſſi meſmo das feſtas. E que ſe outros Domingos, e ſanctos fóra da ordenaçaõ quizerem prégar gracioſamente, e virem juntamente pera prégar dous Frades dos ditos Moſteiros, que hum Frade prégue em huma Igreja, e outro em outra. E porém mandamos a quaiſquer que eſto pertencer, que ſobrello nom ponhaõ nenhum outro embargo, e que os ditos Frades nom empachem huns aos outros, e cumpraõ o que aſſi por nós he determinado, e ordenado, por azo de tirarmos dantre elles eſcandalo a cerca das ditas eſmollas, e prégaçoens. Feito em Lisboa nove dias de Agoſto: Diogo Lopes o fez, Anno do Naſcimento de Noſſo Senhor Jeſu Chriſto de 1437.

CAPI-

CAPITULO IV.

Compoem elRey outra differença entre os Frades, e huns vezinhos. Daſſe conta do trabalho, que ouve no Convento até ſe pôr em perfeiçaõ.

LOgo apoz eſta differença accommodou elRey outra em caſo aſſaz importante pera os Frades. He de ſaber que a quinta, e caſas, que Eſtevaõ Eſtevẽs deu pera o Convento, haviaõ ſido longos annos poſſuidas com outro aſſento de caſas, e pumares, por hum ſó dono, que foy hum Lourenço Dinis. Por maneira, que em tempos atraz eraõ ambas as quintas huma ſó couſa, e hum ſó corpo de apoſento, caſa, e fazenda. Vindo a fallecer Lourenço Dinis ſem filhos, partioſe a herança de por meyo entre elle, e ſuà mulher Catherina Mattheus, levando cada parte quinhaõ igual aſſi nas caſas, como em toda a mais fazenda. Partido tudo igualmente, ouve Eſtevaõ Eſtevẽs por compra tudo o que tocava a Catherina Mattheus, e aſſi o largou aos Frades. O defuncto deixou o ſeu quinhaõ vinculado em Capella, e carregado de obrigaçoens a hum herdeiro, que o ficou logrando, e vivendo nelle; e polla meſma rezaõ naõ havia entre elle, e os Frades mayor diviſaõ, que a de huma parede: o que era cauſa de grande diſgoſto pera os Religioſos, grande inconveniente pera a honeſtidade da Religiaõ; porque como caſa de ſecular, havia mulheres, filhas, e criadas, que polla eſtreiteza da vezinhança, ſempre ſe viaõ, ou ouviaõ: e ainda que a gente era virtuoſa, e honrada, naõ parecia deſſente tanta domeſtiqueza pera quem deixara o mundo, e buſcara a ſerra por Ermo, e deſerto. Propozſe o caſo a elRey pollo Prior, pedindolhe remedio: como ſe tratava de prejuizo de terceiro, naõ ſe deu elRey por ſatisfeito ſem viſta de olhos. Foy, e levou conſigo os Infantes ſeus irmãos. Achando a informaçaõ verdadeira, mandou ao Infante Dom Joaõ, que era Meſtre de Sanctiago, chamaſſe os herdeiros de Lourenço Dinis, e lhes compraſſe as caſas, e mais fazenda, que por alli tiveſſem, pera que os Frades ficaſſem deſabafados, e livres. Naõ tinhaõ os homens goſto de vender, e a fazenda valia mais com hum Moſteiro à porta: allegaraõ em ſua defeza o ponto da Capella, e obrigaçoens Eccleſiaſticas. Mas por aqui perderaõ a cauſa: porque elRey mandou, que ſe lhe tomaſſe conta dellas com applicaçaõ logo declarada do que deveſſem pera as obras do Convento: e foraõ alcançados com tamanha quantia, que iſſo os fez deſcer a bom concerto, que elRey confirmou, neſte meſmo Anno de 1437. ficando os Frades ſenhores da fazenda, e izentos da ſujeiçaõ. 1437.

Mas o tempo, ſempre author de novidades naõ cuidadas, trouxe neſte Anno huma repentina, que foy cauſa, e principio de muitas outras, alterando o Reyno todo, e fazendo grande dano ao pobre Moſteirinho, que hia naſcendo. Falleceo elRey apreſſadamente, ficaraõ filhos mininos, recreſceraõ duvidas ſobre a tutoria delles, e Regimento do Reyno. Procedeo dellas

las deſgoſtarſe a Raynha, e deixar a terra, caſa, e filhos. Aſſi vieraõ a faltar quaſi em hum dia ao Convento ſeus dous fundadores, e pera inteiro deſemparo auzentarſe tambem o Meſtre Frey Joaõ, que naõ póde deixar de ſeguir a Raynha. Sentio logo o edificio o desfavor do tempo: porque naõ ſó parou no que era pedra, e cal; mas comeſſou alguma gente de máo zelo a maltratar os Religioſos, alegre de lhes ver faltar o mimo, que tinhaõ nos Reys. Do que alguns tomaraõ occaſiaõ de deixar a caſa. He grande conſelho de quem ſegue a Deos, mudar terra pera eſcuzar contendas. Nenhum ficara em Azeitaõ, ſe naõ interviera a devaçaõ, e muita charidade de Eſtevaõ Eſtevẽs, e ſua mulher, e filhos, que conſolavaõ com a prezença, e remedeavaõ com a fazenda. E foy Deos ſervido, que comeſſavaõ a eſtar deſembaraçados das obrigaçoens, que ainda os detinhaõ no mundo: de ſorte, que ſendo já mais ſenhores do ſeu, do que eraõ no tempo atraz, largaraõ ao Convento algumas boas peças de fazenda, vinhas, e olivaes: e com o que lhes ficou, tornaraõ com dobrado animo a continuar na obra: e como gente já dedicada a Deos com hum novo genero de merecimento, e muito digno de ſe invejar acudia polla menham à obra com ſeus filhos, e criados, naõ ſó como ſobreſtantes, mas como jornaleiros, alegravaõſe de cubrir os veſtidos, e roſtos daquelle pó, e caliça da caſa de Deos, ver empollar as mãos, e fazer callos no ſerviço. Em eſcrito ficou, que ſinco annos aturaraõ eſte ſancto trabalho: no cabo dos quais, vendo a Caſa acabada de todas ſuas officinas, inda que de pobre fabrica polla falta dos Reys, deu comprimento à primeira determinaçaõ, bemaventurada, e ſalutifera determinaçaõ, pollo Ceo dada em ſeus principios, por elle favorecida, e ajudada nos meyos, e por elle nos fins executada. Tomou o ſancto habito no Convento, ſeguido de dous filhos, e hum criado. Entrou Maria Lourenço ſur mulher no Salvador, e duas filhas com ella. Diviſaõ de poucos annos na terra pera ſegurar eterno, e glorioſo ajuntamento no Ceo. Fizeraõ voluntariamente o que de força havia de ſer em breve, ou acabando a vida à violencia de huma febre, ou cahindo per ſy com a demaſia, e fraqueza dos annos. Iſto he ao juſto o que diz o Proverbio, fazer da neceſſidade virtude: e com tudo temos taõ bom Deos, que o aceita por ſacrificio pera o pagar a cento por hum, e com eternos peſos da gloria. Grande maravilha! Como ſenaõ deſpovoa o Mundo ſe cremos, ſe temos fé? Antes que ſe apartaſſem, enriqueceraõ eſte Convento com muitas peças ricas, e importantes pera aquelle tempo. Valem muito miudezas de caſas grandes, qual era a ſua. Ficou em lembrança, que deſpois de repartirem com ambos os Moſteiros a fazenda da rays, que poſſuhiaõ, deraõ a eſte huma Cruz de prata dourada de bom feitio, e hum Caliz: a Cruz de ſinco marcos de peſo, o Caliz de hum marco: e ajuntaraõ muita roupa do ſerviço pera o Dormitorio, e muita louça pera recolhimento das novidades: e em fim deraõ quanto tinhaõ.

Por genero de agradecimento particularizamos tudo, eſperando tambem na bondade do Senhor, que tal animo lhes deu, que na relaçaõ preſente receberáõ grande gloria accidental.

ElRey Dom Duarte, ſegundo a devaçaõ que tinha, muito ouvera de fazer pollo Convento, ſe lograra mais annos de vida: tinhalhe dado muitas peças boas pera o choro, e ſacriſtia: e como Varaõ Religioſo ajuntou huma indulgencia pleniſſima, que alcançou da Sé Apoſtolica pera todos os Frades, que nelle viveſſem, e morreſſem.

Seguio o eſpiritu de taõ bom Pay, elRey Dom Affonſo Quinto, tanto que tomou o Setro, moſtrandoſe com particularidade devoto deſta ſua Caſa, em a honrar muitas vezes com ſua preſença, e eſmollas. E entre outras lhe fez mercê de tres moyos de trigo de renda perpetua nos fornos de Palhays, e mil reis em dinheiro, que deviaõ ſer pera paga dos carretos; eſte trigo ſe paga agora nas jugadas de Sanctarem.

Succedeo na meſma devaçaõ muitos annos deſpois hum néto d'elRey Dom Affonſo, que foy o Meſtre de Sanctiago Duque de Coimbra, que ſendo ſenhor da ſerra, e Comarca de Azeitaõ, com ſingelleza, e affabilidade Real vinha muitas vezes buſcar o gazalhado de huma cella entre os Frades: a qual imitando ſeu filho o Duque Dom Joaõ, e os mais ſucceſſores, pera ſerem vezinhos mais continuos, e menos peſados, pediraõ terra pera fazerem humas caſas de Campo. Nunca a Religiaõ perde com os que ſaõ Principes na Republica: porque como ſua principal obrigaçaõ he fazer creſcer, e adiantar a Obſervancia onde aſſiſtem, ficamos ganhando na vezinhança; termos Principes per juizes da vida; e por huns perpetuos amoeſtadores das obrigaçoens Monaſticas, no concerto do Culto Divino, na reza, nas horas, na clauſura; e até nas miudezas ſem nome. Aſſi naõ ſe concedera a outrem o que elles ouveraõ, que foy com pequeno reconhecimento de foro, largo ſitio pera caſas, jardim, pumares, e boſques; e até pera hum fermoſo Pinhal, que quizeraõ prantar ao modo dos que elRey tem na Villa de Almeirim. E porque tudo iſto ſem agoa era como perdido, partiraõ os Frades com elles as ſuas fontes, e tudo foy pouco em comparaçaõ do goſto com que ſe deu, e com que ſouberaõ eſtimar taõ honrados foreiros. Começou a fabrica em caſa de Campo: e hoje he Palacio, que póde competir com os melhores de Eſpanha, cujo mayor luſtre, como fica arrimado ao Convento, he o meſmo Convento, e huma Tribuna ſobre a Igreja, defronte do Altar mór, de que o Prelado he ſeu porteiro, e lha manda abrir todas as vezes, que querem gozar da Igreja, e officios Divinos, como em Oratorio proprio. Pagaraõnos os paſſados com perpetua correſpondencia de Amor. Os que de preſente vivem no Anno de 1624. que iſto vamos eſcrevendo, paſſaraõ a obras; deraõnos pera o habito hum dos mais queridos penhores de ſeu ſangue, e conſeguintemente, porque o Prelado tratou de redificar a Caſa, que amea-

ameaçava ruina ; tomaraõ primeiro à ſua conta huma parte, que he propria de Principes, que foy a arquitectura de toda a obra, em que entenderaõ com grande goſto ; e deſpois ſe offereceraõ a fazer o edificio da Craſta, que eſperamos, pois ſe tem obrigado, ſeja o melhor de todo o Convento. Bem podemos acommodar aqui o que de tantos annos atraz eſtava por Deos prometido à Igreja Catholica. *Erunt Reges nutritij.* Quaſi dizendo: grande, e ſoberana honra da Religiaõ, que viráõ os Grandes, e Senhores da terra a uzar com ella dos mimos, e amores, que faz huma ama a hum minino de peito trazello nos braços, criallo, e amallo com affecto de mãy; e a verdade he, que os Reys, que aſſi reſpeitaraõ a Igreja, e ſeu ſerviço, foraõ os que mayores proſperidades contaraõ na vida, mayores victorias ouveraõ de ſeus inimigos: ſejaõ teſtemunhas nos tempos muito antigos hum Conſtantino Primeiro, e hum Carlo Magno: nos mais chegados a nós hum Rey Dom Manoel de Portugal, e hum Dom Felippe Segundo em Eſpanha.

Iſai 47.

Ficaraõ feitos de obra nova dous membros principais do Convento: o corpo da Igreja na capacidade antiga, que naõ he grande, porque foy forçado acommodar com o ſitio, e com parte da obra velha, que eſtava em eſtado de poder ſervir. A que ſe juntaraõ humas tres Capellas novas, que faltavaõ pera correſpondencia das antigas. Ficou tambem feito hum refeitorio novo, que he huma das mais ayroſas officinas, que temos na Provincia, e bem de eſtimar, ſe naõ excedera a proporçaõ dos mais membros da Caſa. O choro, e Capella mór, he fabrica moderna, e muito boa, degraos, e presbyterios de jaſpe taõ luſtroſo, e fino, que na variedade do lavor natural, e fineza das cores, faz officio de requiſſima alcatifa. O retabolo bem obrado, a pintura de maõ inſigne: e com ſer tal eſta Capella, inda hoje eſtá ſem dono. Na Igreja, como eſtá em deſerto, ha poucas couſas notaveis. Dom Pedro Dinis irmaõ do Duque Dom Jorge, netos ambos do Meſtre, fallecendo na flor da idade, eſcolheo com humildade chriſtam hum recanto que fica entre o choro, e ſacriſtia pera ſepultura, taõ eſtreito (que pouca terra baſta pera quem vive, ſe nos queremos contentar, quanto mais pera quem morre) que hum paynel naõ grande de huma devotiſſima Senhora do pé da Cruz, toma toda a parede, e huma pequena campa raſa todo o pavimento.

Suſtentaõſe aqui de ordinario trinta, e ſinco Religioſos, até quarenta, porque tem provimento de paõ, vinho, e azeite, que recolhem de propriedades, que lhes deixou Eſtevaõ Eſtevês, que baſta pera os moradores ordinarios; e do que ſobeja, e ſe vende acodem ao peixe, e mais gaſto ordinario, que faz muita deſpeſa, reſpeito da abegoaria, e adminiſtraçaõ, que ſuſtentaõ, e fazem por ſy de terras, vinhas, e olivais. Daqui naſceo, que o dia, que foy neceſſario pôr mãos na obra, que temos dito, com quanto ſe diminuiraõ bocas, paſſandoſe alguns Conventuais a outras Caſas da Provincia, naõ ſe eſcu-

zou fazer venda de algumas peças de fazenda.

CAPITULO V.

De alguns Religioſos filhos deſte Convento, que floreceraõ em virtude, e letras.

PArece que devemos primeiro lugar de filho nas qualidades propoſtas de virtude, e letras ao Doutor Frey Joaõ de Sancto Eſtevaõ, pois paſſandoſe, como temos viſto, da Provincia pera a Obſervancia, foy principal Promotor da fundaçaõ deſta Caſa, e nella trabalhou todo o tempo, que elRey Dom Duarte vivco. Mas com que juſtiça ſe póde preferir nenhum filho deſta Caſa a Frey Eſtevaõ Eſtevẽs, que ſe entregou a ella com dous filhos, e toda ſua fazenda; e o que aqui naõ cabia entregou ao Moſteiro do Salvador? Venceo a ſciencia dos letrados, com ſaber dar a Deos huma familia inteira. Venceo todos os virtuoſos com huma charidade taõ inflammada, que deu tudo ſem reſervar nada pera ſy: logo, ſe lhe naõ dermos lugar de primeiro filho, naõ lho poderemos negar de Pay. Mas tornando ao Doutor Frey Joaõ, delle achamos eſcrito que, além de lhe deixar muitos, e bons livros, que as memorias declaraõ valerem muito dinheiro; poz tambem na ſacriſtia tres calices de prata, e outros ornamentos negociados com ſua induſtria, e diligencia por entre amigos, e conhecidos. E ſe por eſtes officios merece o titulo de filho, naõ merece menos por letras, e virtude, que lhe renderaõ ſer eſtimado do Rey, e do Reyno; e alcançar a honra de Confeſſor da Raynha, a quem naõ deſemparou, quando com pouco acertado conſelho, e levada de paixaõ molheril ſe deſterrou voluntariamente do Reyno. Tambem achamos referido deſte Padre, nos pergaminhos antigos de Azeitaõ, que deu ao Convento de Bemfica outro numero de livros. Deviaõ ſer de Theologia; porque as memorias lhe chamaõ livros de eſtudar: e certo ouro, e outras eſmollas, que lhe ouve d'elRey Dom Duarte.

Com titulo de Doutor, e agraduado por Pariz, e de famoſo Prégador, fazem memoria os papeis deſta Caſa do Padre Frey Franciſco da Piedade. E aſſaz nos diz niſto a curteza daquella idade, contandoo entre os primeiros filhos della.

Tambem he contado entre os primeiros filhos Frey Duarte Sodre. Era nobre por geraçaõ, mas mais por virtude: ſuccedeo fallecerem ſeus Pays ſem outro herdeiro de muita fazenda, que tinhaõ no lugar da Amora, termo de Almada. Tal opiniaõ tinha ganhado de bom Religioſo, que a Sé Apoſtolica lhe concedeo aſſiſtir com o habito na adminiſtraçaõ della. Ganhou com iſto o Convento edificarlhe huma Capella, em que ſepultou os Pays, e ſobre outras eſmollas lhe deu hum ornamento de brocado; e por ſua morte huma copioſa herança: naõ ſe ſabe ſe foy ſacerdote; mas ſabeſe, que podendo enterrarſe com ſeus Pays na Capella, que lhes fez, naõ quiz ficar, ſenaõ na Craſta entre os ſeus Frades.

Frey Luis da Cunha dizem as Eſcrituras, donde vamos colhendo o que neſta lançamos, que

que ſendo ſecular, era naõ ſó bem viſto, mas valido d'elRey Dom Joaõ o Segundo, e irmaõ de quem actualmente era ſeu Camareiro mór. Muito he de eſtimar ſer aceito a hum Rey ſabio: mas no meyo deſta gloria, foy tocado de celeſtial inſpiraçaõ de deſenganos, e verdades. Moſtroulhe que ninguem he Rey ſobre a terra, ninguem poderoſo, ninguem ſabio, ſenaõ ſó Deos: e que ſó ſervillo, he o que ſe deve prezar. Naõ tardou em deixar tudo, e buſcallo neſte Convento. Aqui, como tinha ſeguido no mundo vaidade, e ſoberba, fez empregos todos ao contrario, eſmerandoſe em deſcer tanto por deſprezo proprio, quanto noutro tempo dezejara levantarſe por vamgloria. Foy hum eſpelho de humildade: contaſe, que andando elRey à caça no termo de Evora, notou, que alguns fidalgos, que o acompanhavaõ, corriaõ com alvoroço à eſtrada, e ſe apeavaõ. Era o tempo ſoſpeitoſo pera elle: porque começava a ter deſgoſtos do procedimento do Duque de Viſeu, e como era ardente de condiçaõ, naõ ſe contentou com menos, que chegar a ver com ſeus olhos, o que ſeria: ſenaõ quando acha hum Frade de S. Domingos todo empoado, e ſuado, que ſentado no chaõ revolvia com roſto alegre de hum pobre fardel pedaços de paõ, e queijo, e confiadamente os repartia pollos que o cercavaõ, que como às rebatinhas faziaõ feſta ao almorço, e a quem lho dava. Alegrouſe elRey, quando conheceo, que era Frey Luis da Cunha, e como andava envolto em cuidados, diſſe alto: Ah Padre Frey Luis, e como he ſem ſoſpeita eſſe voſſo alforge! Hora ſejais vem vindo, ireis deſcançar, e vernosemos. Foy o caſo, que ſuccedendo certo negocio na Communidade de Azeitaõ, que convinha communicarſe a elRey, encomendouo o Prior a Frey Luis, como a quem tinha parentes, e amigos em Palacio, e elle tomou logo o caminho Apoſtolicamente a pé; e ſe levava alforge, era pera recolher o que de caminho hia pedindo pollas portas pera ſua ſuſtentaçaõ. Sendo viſto neſta poſtura pollos fidalgos da companhia d'elRey, e conhecido, correraõ a elle, como diſſemos; porque de todos era amado: e a primeira couſa, que fizeraõ deſpois dos abraços, foy lançaremlhe maõ do fardel, pera verem a proviſaõ, que trazia; porque a todos era notorio o rigor, e auſteridade, com que procedia em ſua peſſoa; e eſtimavaõ aquelles bocados, como de maõ de Sancto.

Vivendo eſte Padre deſpois no Convento de Bemfica, viſitava elRey a Caſa a miude pollo goſto que levava em tratar com elle. Entrou hum dia, perguntou por elle: era tempo de vindimas. Diſſeraõlhe, que era hido a tirar eſmolla de vinho; mas que naõ tardaria: mandou elRey, que quando vieſſe, naõ ſe lhe abriſſe ſem o chamarem primeiro. Na hora em que chegou acudio elRey à porta com todos os fidalgos, que o ſeguiaõ: e acha a Frey Luis com hum odre quaſi cheyo ſobre os hombros, taõ alegre, e prazenteiro, inda que canſado, que ſe edificou elRey, e admirou a todos. Só ſeu irmaõ, como poderoſo,

roſo, e rico ficou corrido, e diſſe algumas palavras peſadas contra elle, queixandoſe de ſe querer abater tanto, e com tanta publicidade, havendo na Ordem outros generos de merecer, e humilhar. Contaſe do bom Padre, que com os olhos no chaõ, e paz de Sancto lhe reſpondeo aſſi: Pois, eu meu irmaõ, prezo mais a mercê, que me Deos fez em me chegar a poder ſervir aſſi humilmente taõ ſancta gente, como neſta Caſa mora, do que vós podeis eſtimar os fauſtos, e grandezas, que lograis. Foy iſto hum genero de demanda com ſeu libello, e contrariedade. Faltava ſentença: quiz elRey dalla; e deua logo de palavra, e obra, dizendo pera o Frade: Padre Frey Luis, ſabeis que obra he eſta, que quero eu, que partais comigo do merecimento della. Chegouſe logo a elle, poz as mãos Reays no odre, e foyo ajudando até as portas da adega. Dito, e feito, bem merecedor, que entre os mais celebres de ſua Hiſtoria fora pollos Chroniſtas apontado. Honrou a Religiaõ, caſtigou a vaidade. Achamos eſte ſucceſſo em hum livro de pergaminho muito velho no Convento de Bemfica, que trata de ſuas antiguidades.

Deſtes, e de outros caſos, que a nós naõ chegaraõ, naſcia eſtar em grande reputaçaõ a vida, que ſe fazia nas Caſas reformadas. E a de Azeitaõ, ou por mais moderna (que ſempre a novidade obriga muito) ou porque na verdade andava mais apontada no rigor, tinha tanto lugar diante do meſmo Rey Dom Joaõ Segundo, ſe practicava em materias de Religiaõ, dava notaveis louvores aos Padres, que nella viviaõ. E hum dia foy tanto o encarecimento com que ſe alargou, referindo particularidades, que delles ſabia (que por ventura ſe as hoje ſouberamos, nos foraõ materia de copioſa eſcritura) que deu occaſiaõ a hum ſucceſſo poucas vezes acontecido, e de muita honra pera eſte Convento: e foy aſſi. Acharaõſe a caſo preſentes a eſta practica, entre outros, tres moços da Camara, moços de bom ſangue, e bom entendimento; e por iſſo favorecidos d'elRey. Penetroulhes os coraçoens o que ouviraõ: fez força o teſtemunho taõ callificado: que eſte bem tem as converſaçoens ſanctas, e mais, ſe ſaõ dos Grandes. Juntaraõſe ſahindo pera fóra (parece, que eraõ amigos) conferiaõ entre ſy o que ſe tratara, acharaõſe todos tres abraſados do meſmo fogo, que já era fogo do Eſpiritu Sancto: porque a obra era toda ſua, pera bem delles, tomando Deos por Orgaõ, e inſtrumento a boca d'elRey. Alli logo ſe deraõ as mãos de buſcar a Deos aſſi juntos, como eſtavaõ; e porque nas determinaçoens ſanctas naõ ha dilaçaõ ſem perigo, aſſentaraõ, que foſſe no meſmo dia, e na meſma Caſa d'elRey taõ gabada. Em outro tempo ouvio hum Antaõ Alexandino cantar na Igreja hum Evangelho, que quem quizeſſe ſer perfeito vendeſſe a fazenda, déſſe o preço aos pobres, e ſeguiſſe deſembaraçado a Chriſto. Era Evangelho, eraõ palavras de Chriſto: que maravilha, ſe fizeraõ grande effeito? Mais parece, que devemos a eſtes tres. Tanto ſe affervoraraõ no fervor alheyo, e na relaçaõ delle, que deixando tudo, naõ eſperaraõ mais,

mais, que a maré pera ſe embarcarem. Vaõſe à praya. Tardava em ſe deſpachar a barca da paſſagem de Couna; os momentos lhes pareciaõ annos. Julgou hum delles, que teria horas pera haviar certo negocio, que deixara indeciſo, toma licença, prometendo naõ tardar. Entre tanto faz o barqueiro ſinal de partida. Naõ quizeraõ os dous perder a occaſiaõ, inda que faltava o companheiro. Embarcaõſe, vaõ a Azeitaõ; e veſtiraõ na meſma noite o ſancto habito, hum com nome de Frey Jorge Vogado, outro de Frey Mendo de Eſtremoz. De ambos faremos aqui, e ao diante larga mençaõ; porque ambos foraõ homens de muita conta na Ordem. Naõ he pera eſquecer o ſentimento, e fineza do companheiro, tornando à praya, e vendoſe ſem remedio de poder ſeguir no meſmo dia os que hiaõ diante, determinou alcançallos por outra via. Da praya donde eſtava, ſeguindo com eſtremos de ſentimento a barca, que fogia ajudada do vento, e maré: caminhou pera S. Franciſco, pedio, e recebeo o habito. E ſe bem faltou na hida de Azeitaõ, naõ faltou, nem foy vencido na parte principal do concerto, que era buſcar a Deos, e naõ paſſar daquelle dia. Aſſi foy deſpois eminente peſſoa naquella Religiaõ.

CAPITULO VI.

Dos Padres Frey Jorge Vogado, Frey Mendo de Eſtremoz, e Frey Lourenço da Cruz, e Frey Joaõ Pinheiro.

OS Padres Frey Jorge Vogado, e Frey Mendo de Eſtremoz, aſſi como vieraõ à Religiaõ por meyo taõ extraordinario, como temos contado, aſſi paſſaraõ muito adiante nella, e ſubiraõ a tudo o que podia dar a Congregaçaõ da Obſervancia, e a Provincia. Frey Jorge eſtudou formalmente, foy Meſtre em Theologia, e abalizado Prégador. Deſpois de Prior em muitos Conventos, foy Vigairo dos Obſervantes, e logo Confeſſor d'elRey Dom Manoel, e duas vezes Provincial de toda a Provincia unida. Da primeira, que eſte cargo ſervio, ſuccedeo ao Padre Frey Joaõ de Braga, que foy o primeiro eleyto, quando ceſſou a Vigairia dos Conventos reformados, como atraz fica contado; e ao diante ſe dirá mais largamente. Servindo eſte cargo, recebeo a Provincia o Moſteiro de Freiras da Annunciada de Lisboa; e acompanhou a elRey Dom Manoel em ſua morte, como ſeu Confeſſor que era. Aſſiſtindo juntamente o Biſpo de Evora Dom Affonſo, e o de Lamego Dom Fernando de Vaſconcellos Capellaõ mór. Acabado ſeu quadriennio de Provincial, foy eleyto Prior de Lisboa: e neſte Priorado teve a boa ventura de receber ao habito dous ſujeitos, que muito o honraraõ. Hum Frey Bertholameu dos Martyres, que veyo a ſer Arcebiſpo de

Damiaõ de Goes Chr. d'el. Rey D. Manoel p 4. c. 83.

de Braga, e Primás das Eſpanhas; o outro Frey Jorge de Lemos Biſpo do Funchal na Ilha da Madeira. E ſe outra couſa naõ tiveramos, que dizer do Padre Jorge Vogado, ſenaõ eſta ultima, aſſaz merecedor ficava com ella deſte lugar. Mas era havido em todo o Reyno por peſſoa taõ grave, e digno de toda honra, que querendo el-Rey Dom Joaõ Terceiro mandar viſitar a Duqueza de Saboya ſua irmam, anojada polla morte de hum filho que muito amava, foy elle o eſcolhido pera eſta jornada: levou conſigo por companheiro o Padre Frey Pedro Lobato Suprior de Lisboa; e partiraõ por fim do Anno de
1536. 1536. Conſolouſe muito a Infante com ſua viſta, como de peſſoa, que por religiaõ, e letras muito conhecia, e reſpeitava: e na deſpedida mandouo cheyo de honras, e mercês.

O Padre Frey Mendo de Eſtremoz correo quaſi os meſmos paſſos nas dignidades da Ordem, que ſeu companheiro Frey Jorge Vogado. Governou o Convento de que era filho, e o de Bemfica, e foy Vigairo geral da Obſervancia, e ultimamente ſendo Confeſſor do Senhor Dom Jorge Meſtre de Sanctiago, e Prior de Lisboa, celebrandoſe Capitulo de eleyçaõ na meſma
1538. caſa no Anno de 1538. foy eleyto Provincial do primeiro Banco, com applauſo, e alegria nunca viſta de toda a Provincia: prometendoſe todos de ſua virtude, prudencia, e inteireza grandes couſas. E eſtimouſe mais, porque era entrado, e eſtava preſente o grande Meſtre Frey Jeronymo de Padilha, com authoridade de Vigairo geral do Reverendiſſimo, e Viſitador, e Reformador, como adiante ſe dirá mais largamente em ſeu lugar. E ſem embargo de ſua preſença, e de haver contradiçaõ de parte dos Miniſtros Reays, foy confirmado pollo Geral, e começou a exercitar ſeu cargo com taõ grande authoridade, que logo no diffinitorio penitenciou ao Provincial ſeu anteceſſor Frey Amador Henriques por froxo em ſeu governo, como adiante veremos em ſeu proprio lugar. Mas naõ acabou ſeu tempo Frey Mendo; porque elRey Dom Joaõ Terceiro, como tinha por neceſſario, pera introduzir huma reformaçaõ geral, que dezejava, governarſe a Provincia alguns annos por Prelados eſtrangeiros, e foraſteiros, mandou negocear no Capitulo geral celebrado em Roma no Anno ſeguinte de 1539. 1539.
que foſſe depoſto ſem haver contra elle outra rezaõ.

Frey Lourenço da Cruz foy Prior neſte Convento, e Confeſſor da Duqueza Dona Brites mulher do Meſtre de Sanctiago. Era ſua virtude taõ notoria, que hum lavrador vezinho do Convento, fallecendolhe hum filhinho, que muito amava, na hora, que acabou de eſpirar, o tomou nos braços, e ſe foy com elle a Frey Lourenço, que era Prior, em hora, que o eſtava viſitando Dom Luis de Lencaſtre filho do Meſtre; e desfazendoſe em lagrimas, pedialhe, que ouveſſe piedade daquella criaturinha, e de ſeu pay, e mãy, que naõ tinhaõ outro bem, que lha deſſe viva, pera que todos viveſſem. Eſtranhoulhe o Frade o requerimento, dizendo com humildade, que quem era elle pera ſe lhe fallar tal couſa, pobre

bre Frade, e grande peccador. Naõ baſtava nada pera o affligido Pay: inſtava, e pedia remedio com grande fé, e foy tal elle, que fazendo o Prior huma breve Oraçaõ pollo conſolar, e lançando a bençaõ ſobre o defuncto, no meſmo ponto tornou da morte à vida: e vivo o levou com grande alegria, quem o trouxera morto. Ficou Dom Luis cheyo de eſpanto, dando com o Prior graças a Deos: e elle foy o que publicou a maravilha, contandoa por honra do Senhor muitas vezes. E ſeu filho Dom Luis Comendador mór de Aviz, affirmava, que lha ouvira referir muitas vezes: e pera nos conſtar com a certeza, que a eſtes eſcritos convem; nos mandou dar diſſo huma certidaõ de ſua maõ aſſinada.

O Meſtre Frey Joaõ Pinheiro tomou o habito em Toloſa de França, eſtudou em Pariz até ſe agraduar de Doutor, e foy com tanta fama de grande habilidade, que obrigado della elRey Dom Joaõ Terceiro, o mandou chamar pera Cathedractico de Veſpera de Theologia, em Coimbra, onde comeſſava a aſſentar huma florida Univerſidade de todas as letras. Vindo ao Reyno, como ſabia da pontualidade de Obſervancia, com que ſe vivia neſte Convento, perfilhouſe nelle. Illuſtrava eſte Padre a mayor ſciencia com huma eſtranha perfeiçaõ, que tinha na lingoa latina, fallandoa, e eſcrevendoa com tanta eloquencia, que em Coimbra era chamado Pay della, de todos os que mais nome tinhaõ nas letras humanas, como ſe perfilhou por Caſa, em que florecia reformaçaõ, fazia tal vida, que naõ deſdizia em nada della. Era riguroſo na guarda della, e da Regra, e nos jejuns da Ordem taõ pontual, que naõ ſó naõ perdia nenhum, mas ajuntava muitos de paõ, e agoa. E eſpantava iſto mais, porque era homem grande, e envolto em carnes, e neceſſitado por eſta rezaõ, e polla do eſtudo, de paſto aventajado. Contavaõ os que o tratavaõ com familiaridade, que lhe acontecia comer com ſeu pay, que era nobre, e afazendado, e entre muitos convidados, e tomar à ſua conta o officio de Trinchante; e cortando galinhas, e capoens, e outras carnes, proceder com tanta diſſimulaçaõ, que no meyo dellas fazia perfeito jejum: ficando os aſſiſtentes perſuadidos, que os acompanhava em comer de tudo. Na convocaçaõ geral do ſancto Concilio Tridentino, quando a ultima vez ſe abrio, foy por Theologo d'el-Rey Dom Sebaſtiaõ. Pareceolhe tocar primeiro Roma, pera dar conta ao Summo Pontifice, das rezoens que ſeu tyo Dom Gonçalo Pinheiro Biſpo de Viſeu tinha, pera ſenaõ achar naquella ſancta juncta, e mandallo a elle por ſeu procurador: que eraõ carga de annos, e infirmidades. De caminho quiz ver Bolonha, e com devaçaõ de bom filho viſitar as reliquias do noſſo Sancto Patriarca. Chegou doente a Roma, e em breves dias, paſſou à melhor vida. Eſcolheo ſepultura no noſſo Convento da Minerva, fóra da Igreja, aos pés do Cardeal Cayetano, onde os amigos lhe puzeraõ ſua campa, e letra por memoria. Edificou, e admirou juntamente aos que ſe acharaõ a ſeu tranſito, a recamara de hum Catredatico de

Univerſidade inſigne ſobrinho, e procurador de hum Biſpo honrado, e naõ pobre. Era huma eſtreita maleta, em que naõ havia mais, que tres tunicas de lam, dous cilicios, e dous ramais de diſciplinas, que moſtravaõ no trato, naõ andarem ocioſos com ſeu dono.

CAPITULO VII.

De outros Religioſos filhos deſta Caſa, que a honraraõ com virtuoſos trabalhos: parte defunctos, e parte, que vivem de preſente.

DE quatro animoſos peregrinos, que trocaraõ a freſcura deſta ſerra, com os medos, e perigos do mar, embarcandoſe pera a India, ſem outro fim mais, que merecer a Deos, e ſervir a Ordem, que os criou: digamos agora, e ſeja o primeiro o Pade Fr. Antonio de Sancta Catherina, em quem pera que eſcuzemos longa narraçaõ, louvaremos ſó a pedra fundamental de todas as virtudes, que he a humildade, taõ conhecido vivia do ſeu nada, que ſó chegou eſte conhecimento a fazer extremos, e finezas naõ viſtas, nem cuidadas. Tinha eſtudado bem, e trabalhado em ſerviço da Religiaõ annos, que pareceo aos Padres mayores, e Prelados, que cabia nelle com juſtiça a honra de Prégador geral, que naõ pedia muito milhor, que em muitos, que ambicioſamente a pretendiaõ. Nomearaõno nella excluidos todos os mais, quando o ſoube aſſi ſe affrontou com o favor, como o pudera fazer outrem com huma injuria. Conſiderava as partes, que as Conſtituiçoens querem, que concorraõ nos chamados a ſemelhante lugar. Tal ſe julgava, que nenhuma ſentia em ſy: e com eſpanto de toda a Provincia refuſou a dignidade, que ſe affirma lhe foy por muitas vezes offerecida. Quem a ſy ſe furtava as honras, certo eſtava, que naõ buſcaria eſcuſas pera os trabalhos. Eſtavaõ as Náos da India de vergas dalto, e taõ a pique de partirem, que naõ tardaraõ dous dias. Dezejavaſe huma peſſoa notavel por virtude, e boas qualidades, pera acompanhar com credito huns Frades mancebos, que hiaõ: manifeſtoulhe o Provincial eſta vontade, moſtrando, que taõ bem era neceſſidade. Foy novo o termo da repoſta, e da aceitaçaõ de huma jornada, que aos mais eſforçados faz temer, e tremer. Como ſe de muitos mezes eſtivera admoeſtado do Prelado, e reſoluto conſigo, naõ fez mais, que pedirlhe a bençaõ, tomar a capa, e ſombreiro, e breviario, e embarcar. Foy liçaõ eſpantoſa de verdadeira obediencia, ir depreſſa, ir ſem cuidar, ir ſem fazer alforje, ſem pedir nada, e ſem querer nada; e em fim ſem dizer huma ſó palavra, como ſe tivera a vontade na maõ do Prelado; e de ſeu naõ tivera boca. Reſponderaõ a tais principios os meyos, e fins da jornada. Eſteve na India alguns annos, aceitou ſer Meſtre de noviços em Goa, e criou muitos com ſingular doutrina: em fim aborrecido das dilicias Orientais, tornou pera o Reyno: e foy certo, e averiguado por toda a Provincia, que trouxe o meſmo habito, e chapeo, com que em Lisboa ſe embarcou: ſem total-

totalmente trazer nenhum genero de peça, nem curioſidade Oriental. Soberana, e verdadeiramente chriſtam temperança, pera envergonhar a fauſtoſa Gentilidade nos ſeus Curios, e Fabricios, de que tanto ſe jacta. Quatro, ou ſinco vezes foy occupado em Prioratos, que governou com grande eſpiritu: como pera ſy naõ queria nada, luzia na Communidade ſeu cuidado. No Porto onde foy duas vezes Prelado fez a Quinta, que he o remedio, e recreaçaõ daquelles Padres. Em Sanctarem prantou hum grande pumar no Convento. Em Azeitaõ trouxe a agoa, e fez a fonte do Convento, obra cuſtoſa, e importante. Era velho, e por muito ſerviço jubilado. Pediraõlhe, que foſſe Meſtre de Noviços em Liſboa, naõ ſe ſoube negar a humildade ao ſerviço, nem a velhice ao trabalho, que ha miſter forças, e robuſteza. Em fim veyo a fallecer cheyo de dias, recebidos todos os Sacramentos, nos braços da mãy que o criara, que he toda a felicidade de hum Religioſo: e ſucceſſo, que hum Antigo eſtimava, tendo por ditoſo aquelle a quem acontece naſcer, criarſe, e envelhecer na meſma Caſa.

Vna domus puerum, quem videt ipſa ſenem.

Foy ſegundo dos quatro o Padre Frey Jeronymo das Chagas, que neſta Caſa profeſſou em primeiro de Abril de 1572. e acabado ſeu eſtudo ſe embarcou pera a India.

Apoz elle ſe embarcou o Padre Frey Pedro Uſus Maris, ou Uzadamar, que adiante, quando tratarmos da Congregaçaõ da India, acharemos morto às mãos de Mouros Malabares. Tinha ſervido de Prior em algumas Caſas com nome de Prelado zeloſo. Navegava de Chaul, pera Goa, e naõ falta quem diga, que hia chamado, e eleyto Vigairo geral da Congregaçaõ. A embarcaçaõ fraca, e mal provida de defenſores, deu ouſadia aos inimigos pera o cometerem, e a rayva Mahometica pera fazerem o Religioſo em poſtas.

O ultimo, que ſe chamou Fr. Antonio Liaõ, era dotado de taõ boas partes, de virtude, letras, e pulpito, que foy julgado por digno do cargo de Vigairo geral da Congregaçaõ. Nomeado nelle ſe embarcou em Lisboa, e chegou com boa viagem a Goa: mas naõ lhe ſuccedeo aſſi no cargo, adoeceo a cabo de quatro mezes, e falleceo da doença.

Filho mais antigo, que os tres ultimos, era deſta Caſa o Padre Frey Luis Cacegas, a cujo nome, e trabalho ſe deve a parte mais ſubſtancial da preſente eſcritura, e de outros dous volumes, que já temos dado na luz da impreſſaõ. Hum da vida do Primás Dom Frey Bertholameu dos Martyres, que imprimimos em Viana de entre Douro, e Minho, no Anno de 1619. 1619.
e foy taõ bem viſto pollos merecimentos do Sancto, que dentro de ſeis annos, ſe gaſtou a impreſſaõ, e he dezejada ſegunda. Outro, que he a primeira Parte deſta Chronica, foy impreſſo em Lisboa, por fim do An-

1623. no de 1623. em ambos abrimos as portas da obra com o nome deſte Prdre, dandolhe o primeiro lugar nella; porque na verdade ſe lhe deve. Andou perto de vinte annos polla Provincia inveſtigando antiguidades dos Conventos, pera eſta Hiſtoria, e pera a vida do Primás fallou, e tratou com curioſidade muitos criados, e outros familiares ſeus, que entaõ viviaõ. Foy eſte ſeu trabalho meyo pera nos deixar junta a mayor parte da informaçaõ do que vamos hiſtoriando; e ſerviraõme os ſeus caminhos, pera eu poder eſcrever aſſentado, quieto, e eſcondido no canto da Cella. Em outras partes temos apontado, que nos deu materia, pera bom edificio, naõ edificio feito. E daqui naſceo mandarme a Ordem, que foſſe eu o Architecto em lhe dar a traça, e o alvener em o levantar; e pollo meſmo caſo, ouve quem affirmava, e com exemplos provava, que naõ eſtamos obrigados a lhe dar nome de companheiro. Pareceome tentaçaõ, ou adulaçaõ: naõ me deixei vencer, lembrandome, que ſe elle naõ fora primeiro no merecimento de trabalhar, naõ pudera eu ſer ſegundo no de eſcrever: porque a idade creſcida em que buſcamos a Religiaõ, ſe bem nos deixou entender com eſta fabrica, de todo impoſſibilitava o deſaſſoſſego dos caminhos, e o mendigar das informaçoens.

Ao Padre Frey Luis Cacegas deve logo a Religiaõ o que elle fez; e o que eu fiz, e por grande benemerito della merece dobrado louvor, e memoria, entre os filhos deſta Caſa. Mas o que mais faz ao caſo he, que ſempre poſſuhio nome de eſſencial Religioſo, como noutra parte apontamos, muito amigo dos livros, e de ter muitos, e muito bons: no Anno de 1571. foy 1571.
a hum Capitulo geral por companheiro do Meſtre Frey Nicolao Dias; onde eſpantou os Eſtrangeiros, com paſſar veraõ, e inverno ſem nunca beber vinho. E o que mais he, que eſtendendo a vida por ſima dos ſetenta annos, e vivendo os ultimos no Convento de Bemfica, onde por rezaõ da Recolleta ſe comia, e come peixe continuo, naõ baſtou nada, pera lhe trocar o coſtume: no Anno de 1580. aſſiſtio no Convento de Lisboa por Suprior, e Vigairo in capite. Deſpois que ſe deu à ocupaçaõ de eſcrever, foy nella taõ continuo, que a naõ deixou ſenaõ com a morte, que o levou deſpois de alguns mezes de doença no Anno de 1610. 1610.

Por Varoens illuſtres, e filhos bons, que com ſeus trabalhos, letras, e merecimentos ſouberaõ honrar eſta Caſa, e mãy ſua, juntemos os nomes de tres, que hoje vivem, e polla meſma rezaõ ficamos obrigados a ſilencio no mais, que delles puderamos dizer. He hum Dom Frey Joaõ da Piedade Biſpo da Cidade de Dachao, e da China, que agora eſtá neſte Reyno, renunciada a dignidade, por rezaõ de graves indiſpoſiçoens, deſpois de ter aſſiſtido alguns annos em ſua Dioceſi. Outro he o Meſtre Frey Jeronymo da Paixaõ, que no Anno de 1624. que 1624.
iſto eſcreviamos, he Vigairo geral da Congregaçaõ da India. He o ultimo o Meſtre Frey Antonio da Reſurreiçaõ, Catredatico de Prima de Theologia na Uni-

Univerſidade de Coimbra, e Biſpo de Angra.

CAPITULO VIII.

Fundaçaõ do Moſteiro de Freiras de Jeſu de Aveiro.

QUaſi pollos meſmos paſſos, e com os meſmos ſucceſſos, que deixamos fundado o Convento de Noſſa Senhora da Piedade de Azeitaõ; entra o de Jeſu de Aveiro, e ſem mais differença, que ſer eſte de Freiras, e o outro de Frades. Aſſi como o Fundador de Azeitaõ deu ſitio, quinta, e renda pera a ſua Caſa: da meſma maneira entra a Fundadora de Aveiro, dando terra, fazenda, e bons rendimentos, como vimos na Serra hum pay de familias honrado ajudar corporalmente a obrá. Aſſi veremos na Villa huma nobre Matrona, naõ perdoar a nenhum trabalho de ſuas proprias mãos por levantar a caſa de Deos. Lá tomou o Fundador o habito com dous filhos, cá veremos recolherſe, e profeſſar a Fundadora, e duas filhas juntamente com ella. Mas ſerá acertado pera fundamento da Hiſtoria tomarmoslhe os principios hum pouco atraz. Governando eſtes Reynos na menor idade d'elRey D. Affonſo Quinto, o Infante Dom Pedro ſeu tyo, de quem ſenaõ póde fallar nunca ſem proemios, e ſaudades de hum perfeito Governador, criavaſe em caſa da Infante Dona Iſabel ſua mulher huma minina muito nobre por nome Brites Leytoa (naõ nos deixaraõ os Antigos mais noticia de ſuas couſas) que naquelles annos tenros, tinha hum jeito taõ grave, e aſſentado, que a todos os que a viaõ prometia muito de ſy pera o diante: e aos Infantes obrigava a lhe quererem mais, ſobre o que por ſeu ſangue, e por ſervir ao ſeu baſo merecia. Servia no meſmo tempo ao Infante hum fidalgo mancebo (chamavaſe Diogo de Atayde, ſobrinho do Conde da Atouguia, e do Prior do Crato Dom Joaõ Gonſalves de Atayde) eralhe elle muito aceito, porque além de ter dado moſtras de valente na guerra, e ſizudo na paz; ſabia das letras humanas, e das lingoas, Latina, Italiana, e Franceſa, quanto baſtava pera dar luſtre a hum ſujeito muito nobre. Havia o Infante, que tinha nelle pera Brites Leytoa conſorte, e parelha igual: quando lhe pareceo tempo, tratou da materia, deſpachouo com elRey: e ainda que ella naõ tinha idade baſtante pera tomar ſua caſa, fez o caſamento, ficando ambos, como dantes no ſerviço, e caſa da Infante. Neſte eſtado, eis que ſuccede hum dia faltar no Paço Diogo de Atayde: ouveſe por novidade. Mandado buſcar em caſa naõ foy achado: buſcado polla Cidade naõ parecia; nem por caſa de parentes, e amigos havia quem delle deſſe nova. Cauſou ſua auſencia eſpanto em todos os que o conheciaõ, deſgoſto em ſeus tyos, cuidado no Infante. Até que hum dia ſe ſoube, couſa, que mais admirou: e foy, que eſtava no Convento de Bemfica com o habito de S. Domingos veſtido, e taõ contente do eſtado, que parecia, naõ haveria força, que lho fizeſſe trocar. Acudiraõ os tyos, vieraõ amigos, fizeraõlhe praticas, naõ aproveitava nada.

Em

Em fim valeraõſe da força, e do poder do Infante, que mandava tudo. Notificouſe logo aos Frades em nome d'elRey, que lhe deſpiſſem logo o habito, e o lançaſſem do Moſteiro, viſto ſer caſado. Repoſtas havia, e boa defeza em direito pera em caſo, como eſte era de matrimonio naõ conſumado. Mas contra mandado Real, e força de validos, naõ baſta rezaõ, nem as leys tem authoridade com magoa da Communidade, e dôr do Noviço, que fazia extremos de ſentimento, deſpedindoſe com muitas lagrimas do habito, beijandoo muitas vezes, e pondoo ſobre os olhos, e coraçaõ: em fim ſe tornou aos ſeus. Naõ tardaraõ elles em o prender logo com lhe darem caſa, e lhe entregarem a mulher: e o Infante pollo mais obrigar deulhe cargo de Guarda mór da Infante, com quem ficaraõ vivendo em largueza, e com authoridade. Paſſaraõ annos: tiveraõ duas filhas, e deſpois dous filhos. Acabou o Infante deſeſtradamente, perſeguido d'elRey moço, e dos que andavaõ junto delle feitos ſenhores de ſua vontade, e conſelhos. Durou pouco a Infante ſua mulher, conſumida de deſgoſtos, pagas, que o mundo dá a quem milhor o ſerve. Convidava elRey a Diogo de Atayde pera ſeu ſerviço, como ſabia de ſuas partes: mas elle deſenganado das miſerias da vida em ſucceſſos alheyos taõ triſtes, e tragicos, como foraõ os deſte Principe, determinou fugir da Corte, e entregarſe todo a hum ſó cuidado, de criar ſeus filhos, e ſalvar ſua alma em vida ſolitaria. Ajudavao muito achar em ſua mulher Brites Leytoa animo, companhia, e conſelho de annos maduros, e grande conformidade com elle em tudo. Era ſenhor de huma boa fazenda, a duas legoas de Aveiro: chamaõlhe Oucca. Aqui eſcondidos, ou antes enterrados, comeſſaraõ a fazer vida heremitica, cultivando as almas com oraçoens, e jejuns, a que juntavaõ huma continua hoſpedagem de pobres, e peregrinos, que faziaõ com goſto; como outro Abrahaõ, e Sara. Elle grangeava a quinta por ſuas proprias mãos, dandoſe a prantar vinhas, e olivaes, por fugir à ocioſidade. Ella trabalhava de ſuas portas a dentro governando a familia com grande cuidado. No meyo deſta vida ſancta, e de verdadeira Religiaõ, inda que ſem habito, nem regra Monachal, chamou Deos pera ſy a Diogo de Atayde. Era pollos annos de 1453. quando falleceo, eſtá enterrado em Leyria no Moſteiro de S. Franciſco: ficou Brites Leytoa com quatro filhos, mas taõ moça, que naõ tinha mais, que vinte, e ſete annos: como era havida por rica de fazenda, e muito mais de virtude; o primeiro trabalho em que ſe vio, antes de enxutas as lagrimas, que devia a hum marido ſancto, foy ſer importunada por aceitar outro. Até a Raynha, que della ſabia mais, tratava do meſmo, e lhe tomou logo a filha mais velha pera Dama, com ſer muito minina, pera que mais deſembaraçadamente pudeſſe entrar em novo eſtado. Mas eraõ muy differentes os cuidados da Viuva; entregue toda à boa memoria do defuncto, e a naõ tratar mais, que de Deos: cerrou conſtantemente as orelhas a toda

da practica de caſamento, e de mais mundo: e encerrada entre as paredes da ſua quinta de Oucca; entendia com efficacia em cumprir o teſtamento do marido, e nas obras ſanctas, que ambos coſtumavaõ; juntamente pedia a Deos com affectuoſas oraçoens, lagrimas, e penitencias, lhe deſſe luz nalma, pera eſcolher hum tal genero de vida, na determinaçaõ em que eſtava de ſó a elle ſervir, que mais certo, e ſeguro foſſe pera a ſalvaçaõ de ſua alma. Pera eſte effeito invocava por avogada, e interceſſora, e meſtra ſua, a Sagrada Virgem Mãy. Eraõ os dezejos da alma, a petiçaõ hum perpetuo emprego, de dias, e noites; e parecendolhe, que por ſeus demeritos naõ ſeria ouvida, buſcava peſſoas devotas, religioſos, e religioſas, por fama de virtude conhecidas, fazialhes largas eſmollas de ſeus bens pera merecer, que lhas fizeſſem elles de ſuas oraçoens.

Naõ coſtuma o Senhor, como a todos nos quer ſalvos, engeitar requerimentos ſanctos. Corria por quatro annos, que Brites Leytoa aturava eſta vida. 1457. Era entrado o de 1457. determinou eſmerarſe eſta quareſma nos ſanctos exercicios: e pera o fazer com mais fundamento, quiz haver practica de hum religioſo, por fama de virtude, letras, e pulpito, muy conhecido naquellas partes, e que no meſmo tempo era Prior do Convento de S. Domingos de Aveiro: ſeu nome Frey Joaõ de Guimaraens, que os pergaminhos em que eſta Hiſtoria achamos eſcrita, chamaõ com palavras formais. Angelico Padre. Mandoulhe pedir, que a viſſe: veyo, confeſſouſe com elle, deulhe larga conta de ſua alma, e de ſeus penſamentos, e determinaçoens. Admirouſe o Frade, inda que tinha ouvido muito della de quanto mais achava de valor, e eſpiritu, do que a fama publicava; e parecendolhe, que tinha Deos alli depoſitado hum theſouro de ſuas grandezas, pera bem de muitos: pois com annos floridos, e ſangue illuſtre, entre liberdade, e muita riqueza ſabia juntar aborrecimento do mundo, e verdadeiro amor do Ceo: tomou à ſua conta ajudar a quem por ſy corria com oraçoens, e bons conſelhos: e propoſlhe logo o que pera ſubir à perfeiçaõ devida, que dezejava, naõ era morada conveniente a do Campo, longe dos officios Divinos, que adoçaõ, e enlevaõ o eſpiritu, longe das prégaçoens, que ſaõ doutrina perpetua do ſancto Evangelho; que pois tinha tomado por Padroeira, e Meſtra de ſuas determinaçoens a Virgem Sagrada, o certo ſeria avezinhar com ella, paſſandoſe à Villa, e junto da caſa onde ſe mandara honrar, e era ſervida com nome de Senhora da Miſericordia: proſeguio com boas rezoens, fundadas na doutrina, e exemplos dos Sanctos. Era Brites Leytoa dotada de bom entendimento, que as virtudes que ſeguia faziaõ milhor, e mais claro. Sentioſe penetrar dellas como de vozes do Ceo: mas naõ ſe dando por convencida, ſem mayor deliberaçaõ, pedio ao Prior, que com muito cuidado, até ſe tornarem a ver outra vez, encomendaſſe o negocio a Deos, pera que o encaminhaſſe a ſeu mayor ſerviço: e ella entre tanto

to faria o meſmo. Paſſados poucos dias reſolveoſe em aceitar o conſelho do Prior, e chamandoo de novo, pediolhe que tomaſſe à ſua conta o trabaiho de lhe eſcolher, e comprar ſitio acommodado junto do Convento, pera edificar huma pobre Caſa. Obedeceo o Prior com a ſingeleza daquelles tempos, e de homem ſancto, levou dinheiro, e fez logo compra de hum pedaço de chaõ, que he o meſmo em que hoje vemos o Moſteiro de Jeſu: taõ pegado ao noſſo Convento dos Frades, que entre elle, e a noſſa Igreja, naõ fica mayor diſtancia, que a largura de huma rua, que corre em meyo: era o lugar baixo, corriaõ a elle muitas agoas de Inverno da parte da Villa, que o faziaõ humido. Pareceo inconveniente de conſideraçaõ; mas o Prior naõ deſiſtio da compra, fazendo conta com bom juizo, que o lugar levantaria com a terra, que ſahiſſe dos aliceſſes, e com a obra de pedra, e cal enxugaria qualquer humidade natural; e aſſi aconteceo. Comeſſou logo a fabrica, e naõ tardou em ſe acabar. Caſa pequena, ſobejando diligencia, e naõ faltando dinheiro, brevemente ſe poz em eſtado de agaſalhar ſeu dono. Parece, que revelava o eſpiritu ao Prelado, e ſubditos, que edificavaõ pera a ſua Ordem, e naõ pera outrem: porque com o meſmo goſto ajudavaõ a obra, já cozinhando no Convento a comida dos officiaes, já trazendolha por ſuas mãos: e outras vezes creſcendo tanto a charidade, que naõ ſe contentavaõ com menos, que acarretar pedra, e cal: eſteve a caſa em ſua perfeiçaõ no anno ſeguinte de 1458. 1458.

CAPITULO IX.

Deſcreveſe a traça da nova Caſa. Paſſaõſe a ella Brites Leytoa, e ſuas filhas: recebe tres companheiras. Trata de fazer Moſteiro: alcança licença deſpois de muitas difficuldades: lança el-Rey Dom Affonſo Quinto a primeira pedra.

COmo a Divina Providencia ordenava eſta Caſa, pera nella ſer ſervida de grandes, e valeroſos eſpiritus; ſegundo veremos ao diante, logo diſpoz que foſſe a fabrica por tal arte traçada, que quando eſteve acabada, parecia a quantos a viaõ, e conſideravaõ, hum bem entendido Moſteiro: mas humilde em architectura, e capacidade de apoſentos, e muy proprio pera agaſalhar gente: amadora de pobreza, e ſanctidade: e que hia já em vida buſcando ſepultura E com tudo neſta eſtreiteza naõ faltava officina nenhuma de quantas ſe requerem em qualquer grande Moſteiro. Aſſi admirava, e fazia devaçaõ juntamente a quem ignorava o fim, que Deos nella tinha traçado.

Aqui ſe paſſou Brites Leytoa em 24 de Novembro de 1458. com ſuas filhas Dona Catherina, e Dona Maria, e com huma Dona velha, e virtuoſa, deſpedindo, e pagando primeiro todos os mais criados, e criadas: porque a vida que determinava fazer, queria que foſſe deſembaraçada, e livre de todo cuidado, e ruido de gente de ſerviço. Mas he de notar a vida, que fazia deſpois, que aſſi ſe encerrou: naõ era menos, que de huma emparedada das 1458.

mais

mais auſteras que por eſta eſcritura atraz temos encontrado. Portas ſempre fechadas pera todo genero de gente, e trato exterior, ſalvo a horas de Miſſa, e veſperas, e completas do noſſo Covento: porque entaõ acudia com ſuas filhas à Igreja: mas nella guardavaõ tal ordem, que nem entre ſy, nem com nenhuma peſſoa fallavaõ, mais que com ſeu Confeſſor. Tornando a caſa, trancavaõſe de novo; e ficava ſó hum eſtreito poſtigo aberto, por onde recebiaõ o neceſſario pera a vida: que lhes trazia, e buſcava huma mulher velha, e honeſta, que pera ſervir das portas a fóra tinhaõ aſſalariada. Todo o ſerviço de dentro faziaõ as quatro recluzas. A comida de todas era peixe continuo. Brites Leytoa nunca mais comeo carne: jejuava todo o Anno, naõ comendo mais, que huma vez no dia: guardava ſilencio, ſenaõ era em caſo neceſſario, e de doutrina das filhas. O ſeu veſtido era ao caraõ da carne, hum tecido de cilicio aſperiſſimo, a modo de gibaõ ſem mangas: ſobre elle huma tunica de burel apiſoado, groſſo, e forte, que de ordinario, como era muito delicada, a trazia cheya de chagas. As noites paſſava inteiras no Oratorio, a mayor parte em oraçaõ, alternada com diſciplinas, e muitas lagrimas, e ſem conhecer outra cama, mais que o chaõ do Oratorio. A criaçaõ das filhas era coſtumallas aos officios humildes, fazellas trabalhar em tudo o que podiaõ, como mininas que eraõ. Enſinavaas a ter oraçaõ, e amar a Deos: mandava, que ſenaõ chamaſſem irmãs, nem uzaſſem de outros nomes brandos, que eſpertaõ affeiçoens da terra, ſenaõ os da Pia: e pera exemplo, nem ella lhes chamava filhas. A noite naõ conſentia recolheremſe em ſeus leytos, ſem terem primeiro reſado o Roſario, e Coroa de Noſſa Senhora: e os leytos eraõ huma cortiça cuberta com duas mantas de bruel ſeco, e aſpero, huma que ſervia de colchaõ, outra de cubertor: pera a cabeceira huma almofada embutida de lam tanto à força, que ficava como hum madeiro na dureza.

No Anno ſeguinte de 1459. recolheo Brites Leytoa conſigo huma moça nobre da Villa em lugar da velha, que, ou foſſe naõ poder aturar a aſpereza de vida, que alli via, ou faltaremlhe as forças na idade creſcida, pedio licença, e deixou a companhia. No meſmo tempo recolheo tambem huma minina de nove annos por conſelho do Padre Frey Joaõ de Guimaraens: chamavaõſe Garcia Alvares a moça; Iſabel Luis a minina: ambas deraõ deſpois peſſoas de muita conta.

Corria o tempo, e a fama da clauſura, governo, e ſanctidade de Brites Leytoa, era celebre, e voava por todo o Reyno; o que era occaſiaõ de lhe chegarem cada hora recados de mulheres muito nobres, e outros de differentes eſtados, que lhe pediaõ lugar pera em ſua companhia ſervirem a Deos. Eſcuſavaſe nos principios, lembrandolhe, que o fim daquelle recolhimento fora particular, pera ſalvaçaõ ſua, e de ſuas filhas: e que neſte caſo naõ cumpria acreſcentar companheiras; viſto como toda a multidaõ confunde, e cauſa deſordem: com tudo paſ-

ſados mais dias, ou foſſe, que lhe inſpirava já Deos tratar de Moſteiro: ou que a obrigaſſe a qualidade da peſſoa, deixouſe vencer de Dona Mecia Pereira, viuva tambem, e moça como ella, e irmam do Conde da Feira. Entrou eſta Senhora por Mayo
1460. do Anno de 1460. com duas companheiras: ambas de muito reſpeito, inda que em idades differentes, huma entrada em dias, outra moça. E porque era rica, e o numero de oito peſſoas, que já eraõ, requeria mais largueza da caſa, poz em maõ de Brites Leytoa copia de dinheiro, com que comprou humas caſas vezinhas, cercadas de hortas, e pumares.

Creſcendo a companhia, naõ afrouxou em nada o rigor comeſſado: antes creſceo ao meſmo paſſo em todas as couſas: porque como ſe fora já huma Communidade concertada, e Moſteiro muito obſervante, aſſi na hora, que no noſſo Convento ſoava o ſino da meya noite a Matinas, era pera ellas eſpertador pera ſe levantarem todas, e até as mininas, a rezar, e tomar ſuas diſciplinas. Dadas a Deos as horas, que parecia, entendiaõ logo no ſerviço de caſa, ſem tornar aos leytos até amanhecer. Amanhecendo caminhavaõ juntas em Communidade a ouvir Miſſa no noſſo Convento cada dia, com o meſmo concerto, e ſilencio, que atraz temos dito. Aos Domingos, e dias ſanctos, em que havia prégaçaõ, aſſtiaõ tambem a ella. Veſtiaõ todas as cores de S. Domingos, ſayas brancas, e mantos pretos, tudo pano vil, e groſſeiro, ſem differença humas das outras. E naquelles primeiros tempos, contaſe, que os mantos, que cubriaõ, eraõ humas mantilhas curtas, trajo, e coſtume de gente pobre, e humilde: tornando pera caſa entendiaõ cada huma em ſua coſtura, ou outro trabalho de maõs, até horas do meyo dia, porque de ordinario nunca comiaõ mais cedo. Na meſma havia ſilencio, e liçaõ de livros devotos. A colaçaõ de noite, ſegundo achamos eſcrito, naõ era mais, que beber huma pouca de agoa; que parece naõ podiaõ uzar mais rigor os antigos moradores das ſerras de Scythia. E com eſte trato ſe affirma, que andavaõ ſãs, e alegres, e conſoladas todas, e até as mininas, ajudando Deos a fraqueza natural, com ſoccorros celeſtiaes: em que Brites Leytoa era aventajada; porque a perſeguia o Inimigo do genero humano com medos, e fantaſmas; e quanto era mayor a perſeguiçaõ, tanto com mais largueza lhe acudia o favor Divino.

Mas hyalhes moſtrando o tempo, que dizia mal com o aperto, que guardavaõ das portas adentro, a liberdade, e diſtrahimento de ſahirem duas vezes fóra de caſa cada dia, inda que foſſe taõ breve jornada, como a largura de huma rua. E foraõ cuidando, que com facilidade podiaõ evitar as ſahidas, ordenando huma Capella dentro de caſa, em que os Frades lhes foſſem quotidianamente dizer Miſſa, recebendo por iſſo huma eſmolla conveniente. No que ficavaõ ganhando acreſcentamento de renda com pouco trabalho, viſta a vezinhança: e ellas quietaçaõ, e grande commodidade. Era todavia Prior do Convento o Padre Frey Joaõ de Guimaraens:

raens : deraõlhe conta do penſamento, levantou elle os olhos, e mãos ao Ceo, dando a Deos graças, e a ellas louvores; porque via hir naſcendo por ſy, ſem nenhum feitio humano, huma caſa mais de Deos, em que tinha por certo havia de ſer muy ſervido. Deſpois de lhes louvar a traça, foylhes moſtrando, como aquelle termo de vida, que ſeguiaõ, inda que bom, e virtuoſo, naõ era bem ſeguro pera as almas : porque onde naõ havia vinculo de Religiaõ, ficava ſendo aquelle ajuntamento hum genero (foy palavra ſua) de biguinaria, ſujeito a perigos, já de infamia, já de erros. Por onde o que cumpria, era naõ ſó ter Capella dentro, como acertadamente pediaõ : mas juntar a ella obrigaçaõ de Moſteiro, e Religiaõ formada, e conſagrarem a Deos corpos, e almas com ſolemnes votos. Foy o conſelho ouvido de todas com alegria, e como vindo do Ceo aceitado: e propuzeraõ logo darlhe execuçaõ com toda a brevidade poſſivel. Porem he permiſſaõ Divina, que quaſi nunca falta, terem as couſas boas, encontro, e contradiçoens neſte mundo, pera merecimento, e prova da conſtancia de quem as procura. Que na verdade navegar com mar bonança, qualquer navio o faz : mas governar bem com força de tormenta, cortar ſerras de ondas, e mares cruzados, ſó acontece ao que he firme, e bom. Contradizia o Biſpo de Coimbra, a quem pertence Aveiro, parecialhe lugar pequeno pera ſuſtentar Moſteiro de Freiras, alem do que já tinha de Frades. Os Miniſtros Reays diziaõ, que era apetite de mulheres, ſem fundamento, e que naõ hiria adiante. Os Clerigos da Villa faziaõ mais força, temeroſos de lhes encurtarem ſeus beneſſes de enterros, ſuffragios, e offertas. Convinha requerer em Roma ao Summo Pontifice pera dar licença, e ao noſſo Geral, e Capitulos gerais, pera ſer recebido à Ordem. Tudo difficuldades, e dilaçoens, que as boas Matronas venciaõ com ſofrimento; e principalmente com oraçoens, e devaçoens, que faziaõ continuas. E como guiavaõ por eſte caminho, nada ſe lhes negou. Contaſe de ambas, que jejuavaõ a paõ, e agoa quartas feiras, e ſeſtas, e ſabbados : e de Brites Leytoa hum acto de muita edificaçaõ, que era jejuar com o meſmo rigor todos os dias, que commungava ; e commungava a miude : ſancto, e cortez, e generoſo acto. Entre tanto dava cuidado, e naõ pequeno, em que parte da Villa edificariaõ; porque fallar em Moſteiro demandava campo, e largueza. Se ſe alongavaõ dos Frades, difficultavaõ o ſerviço, que haviaõ miſter delles ; ſe ficavaõ onde eſtavaõ, era o ſitio apertado. Em fim tendo novas, que em Roma era concedida licença, e deſpachado o Breve della, reſolveraõſe em naõ deſemparar a primeira morada, alargarem ſó algumas officinas, e levantarem Igreja. Foy expedido o Breve pollo Pontifice Pyo Segundo, que foy o que cannonizou a noſſa Serafica Sancta Catherina de Sena. Em 16. de Mayo de 1461. deu juntamente ſua licença o Reverendiſſimo Marcial Auribelli Meſtre da Ordem pera ſerem recebidas à obediencia da Ordem; e lhe damos 1461.

a eſte Moſteiro o principio de ſua antiguidade.

Naõ ficava que fazer mais, que levantar a Igreja: foraõ juntando materiais pera comeſſar a obra com o Anno novo. Neſta conjunçaõ quiz o Senhor honrar ſuas ſervas, e a caſa, que havia de gozar o nome do Bemdito Jeſu ſeu filho. Era por Janeiro do Anno de 1462. eſtava elRey Dom Affonſo Quinto em Coimbra: alli ſoube da fabrica, que queriaõ comeſſar; parece, que foy inſtincto do Ceo. Determinou vella, e vellas: julgando, que o mereciaõ por ſeu ſangue, e virtude; e pollo valor com que de novo ſe diſpunhaõ a mayor rigor. Achouſe elRey em Aveiro aos 12. do mez: viſitouas com Real affabilidade: offereceolhes novas merces, e favores em geral, e hum mais particular, que era querer honrar o edificio com lhe lançar por ſua maõ a primeira pedra. E ſuccedeo virſe a fazer a ceremonia em 15. do mez; dia que toda a Corte feſtejava por ſer o em que elRey fazia ſeus Annos. Aſſiſtio o Biſpo de Coimbra Dom Joaõ Galvaõ, que diſſe a Miſſa em Pontifical: a qual acabada, eſtava preſtes huma fermoſa, e bem lavrada pedra, e pondolhe elRey a maõ por huma parte, e o Biſpo pollа outra, foy aſſentada no aliceſſe: em que elRey antes de ſe aſſentar, lançou a mayor moeda, que entaõ corria no Reyno, que era huma dobra de ouro. Ficou em memoria, que ao tempo, que elRey acabou a cerimonia, ou por moſtrar ſatisfaçaõ do que tinha feito, ou por ventura querendo diſculpar hum acto, que alguns julgariaõ por pouco Real, diſſe pera os que o acompanhavaõ: Poſſivel ſerá, que ainda eſte Moſteiro venha a ter couſa minha: dito taõ profetico, que dentro de dez annos o viraõ cumprido a môr parte dos que foraõ preſentes, vendo recolhida nelle a Infante Dona Joanna ſua filha, que ordinariamente chamaõ os Eſcritores Princeſa, pollа rezaõ, que ao diante veremos: e aqui viveo, e morreo.

1462.

CAPITULO X.

Da diligencia com que corria a obra: daſe conta de grandes eſtorvos, que intervieraõ até ſe acabar: e como a Fundadora com todas as companheiras veſtiraõ o habito de noviças: e comeſſou a correr o Moſteiro em clauſura formada.

DO grande goſto, que he pera todo homem entender em fabrica de pedra, e cal, naſceo o proverbio, que naõ ha meyo mais facil pera empobrecer, ſem ſe ſentir, que o edificar. Se iſto he no mundo, onde naõ ha mais fim, que curioſidade, e paſſatempo, que diremos das noſſas fundadoras, que ſó edificavaõ por devaçaõ, e por honra, e amor de Deos? Tanto era o goſto, e cuidado com que ſe occupavaõ em fazer correr a obra, que voava, e naõ corria. E achamos nas memorias antigas, que os meſmos officiaes quando ao amanhecer do dia tornavaõ a ella, ſe admiravaõ, e affirmavaõ, acharemna muito mais creſcida, do que a tinhaõ deixado na tarde atraz. E como as autoras eraõ havidas por ſanctas, ſahio huma voz pollа terra,

ra, que elles trabalhavaõ de dia, e os Anjos vinhaõ trabalhar de noite. Grande, e ſoberaña honra deſta Caſa! mas porque ſe diceſſe com verdade, as duas Matronas faziaõ apertadas diligencias, e naõ perdoavaõ ao trabalho de ſuas proprias mãos, e peſſoas, repartindo entre ſy os cuidados, e o merecimento. Dona Mecia deſpois de ouvir Miſſa ante menham, acompanhada de huma filha de Brites Leytoa, já viſitava os que arrancavaõ pedra nas pedreiras, já acudia aos que a lavravaõ, e o reſto do dia continuava com officiaes da Alvenaria, como ſobreſtante; e taõ ſolicita, que lhe naõ lembrava comer, nem ſe fazia ſol, ou vento, ou chuva. Brites Leytoa com outra companheira foyſe aſſiſtir à quinta de Oucca com os que faziaõ telha, e ladrilho. E affirmaſe della, que ſe naõ contentava com menos, que fazer ſerviço de jornaleyro, ajudando a eſtender a telha, e o tijolo ao ſahir das formas: e deſpois de enxuto a enfornallo, e cozello. E ſobre tudo ella era a que negoceava a provizaõ de paõ, e vinho, e comida pera os officiaes, meſtres, e ſervidores: e com tantos cuidados, e trabalhos juntos, nem ella, nem Dona Mecia aliviavaõ o trato de ſuas peſſoas, ou afrouxavaõ hum ponto de ſuas penitencias. Aſſi creſcia o edificio material, naõ ſe perdendo o eſpiritual: mas abraſavaſe em ira lá nas covas infernais o inimigo Lucifer contra a obra, e contra as ſobreſtantes, certo ſinal de que ſe agradava della, e dellas o Senhor dos Ceos. Particularmente perſeguia a Brites Leytoa, continuando as tentaçoens de medo, e fantaſmas, que atraz diſſemos: mas deſpois que ſe vio deſprezado, chegou a moſtrarlhe viſivelmente toda ſua fealdade ameaçandoa, ſe naõ deſiſtia, com huma terrivel repreſentaçaõ do Inferno. Grande conſolaçaõ pera todas as que hoje ſaõ moradoras deſte Moſteiro, e o forem daqui até o fim do mundo: e pera todos os eſpiritus, que a ſemelhantes empreſas pera mais honra, e veneraçaõ do Senhor ſe applicarem: por mais que as encontrarem diſcurſos humanos, ſempre raſteiros, ſempre enganados. Naõ ſe póde duvidar, que antevia o maldito, como ſabe muito por velhice, e por diſcurſo, que ſe haviaõ de povoar daqui por ſanctidade, muitas daquellas cadeiras, que elle, e ſeus companheiros, por ſoberba, e maldade tinhaõ perdido no Ceo. Como naõ tirou proveito dos aſſombramentos, paſſou a novas traças: perſuadio a hum Senhor poderoſo, e rico do Reyno, que pediſſe a Quinta de Oucca por demanda: e foy o requerimento taõ fundado em boas apparencias de direito, que mandou a juſtiça apparecer na Corte, pera reſponder a elle, a poſſuidora Brites Leytoa. Naõ ſe pudera em tal conjunçaõ imaginar mayor eſtorvo pera tudo, e fez muito dano: mas a boa Matrona armada de paciencia, e confiança em Deos, pozſe a caminho a pé, e ſem mudar nada dos trajos, que uzava, acompanhada de hum criado velho, que fora de ſua caſa, e de huma das donzellas, que conſigo tinha de mais idade. Abalou a Corte, e a Cidade toda huma mulher, que noutro tempo conhecera rica de eſtado, renda,

da, e lugar, e gentil preſença, pobre agora, e humilde por amor de Deos, e cuberta de panos vis: eſpantava o roſto pallido, deſcarnado, e ſeco; os olhos ſomidos, e lagrimais piſados; teſtemunhando tudo o que a fama publicava, e pregoava de ſuas penitencias. As Damas de Palacio, alvoraçadas com ſua viſta, pediraõ a elRey (era morta a Raynha de tempo atraz) lha deixaſſe agaſalhar conſigo: e naõ ſe fartavaõ de conſiderar, e paſmar no valor, e fortaleza do eſpiritu, que naquella notomia de oſſos reſplandecia: mas foy Deos ſervido, que naõ tardou em ſe moſtrar de ſua parte a juſtiça da cauſa, inda que à cuſta de huma grave, e cumprida doença: da qual tanto, que ſe vio melhorada, ſem ter reſpeito à muita fraqueza, que o mal lhe deixou, fez volta pera ſua companhia, dandolhe azas o dezejo de a ver.

Era entrada a Quareſma do Anno de 1464. quando chegou ao ſeu moſteiro: achou acabada a Igreja, e outras obras, que deixara começadas. Faltava ſó guarnecer, e aperfeiçoar: determinou entaõ à inſtancia de Dona Mecia receber mais companheiras, e tomou ſeis, que foraõ Dona Tareja Pereira, irmam de Dona Mecia, Violante Nunes, Guimar Velha, com Brites Velha ſua filha, Iſabel Pires, e Catherina Rodrigues, e ficaraõ por todas quatorze. Faziaõſe em veſparas de Moſteiro perfeito, quando ſe vio de nova tribulaçaõ cercada Brites Leytoa com o fallecimento de ſua grande amiga, e companheira Dona Mecia, perda pera todas, mas pera ella occaſiaõ de graviſſimo ſentimento. Era Dona Mecia mulher delicada, fezlhe muita impreſſaõ a mudança da vida: foy cahindo em grandes enfermidades, que lhe renderaõ o bem da profiſſaõ, que fez antecipadamente com licença do ſeu Vigairo geral Frey Antaõ de Sancta Maria: aſſi foy a primeira, que deſta bemdita companhia alcançou eſcrever ſeu nome no livro da vida, profeſſando, e morrendo quaſi tudo junto.

Trabalhavaſe com cuidado no que eſtava por aperfeiçoar, dezejando a fundadora, que no primeiro dia do Anno ſeguinte, que era o de 1465. recebeſſem todas o ſancto habito, e com clauſura perpetua começaſſem ſeu Anno de provaçaõ, pera effeito de poderem profeſſar em dia do nome de Jeſu do Anno adiante, porque delle tinhaõ aſſentado entre ſy ella, e Dona Mecia, que havia de ter a Caſa ſua vocaçaõ: porém foy conſelho do Padre Frey Joaõ de Guimaraens, que ſe repartiſſe a cerimonia, fazendoſe a do habito no dia ſolemniſſimo do Naſcimento do Salvador 25. de Dezembro do Anno, que corria, de 1464. e a da clauſura no dia do nome de Jeſu, dia primeiro do Anno, que entrava. Conformaraõſe todas com o Padre Frey Joaõ: e elle amanheceo no Moſteiro ao dia do Natal: diſſelhes a Miſſa da Alva no Capitulo, e commungou de ſua maõ a todas as que haviaõ de receber o habito: dia, que por devaçaõ jejuaraõ todas a paõ, e agoa, como era coſtume da fundadora todas as vezes, que á ſagrada Meſa chegava. Foy Brites Leytoa a primeira, que veſtio o habito; ſeguiraõ 1465.

raõ ſuas filhas, e todas as mais que tinhaõ idade: quando veyo o ultimo de Dezembro eſtava levantado na Igreja dos Frades hum devotiſſimo Crucifixo, que a hora de Veſperas levaraõ os Frades em prociſſaõ à Igreja de S. Miguel Matriz da Villa. No dia ſeguinte primeiro de Janeiro de 1465. ſe juntou nella ſolemne concurſo de toda a Clerezia, e cruzes da Villa, e termo; e tanto povo, que ſe affirma acudio muito, naõ ſó da Camara, mas até das Cidades do Porto, e Coimbra: e ordenados de novo com os Frades em devota, e alegre prociſſaõ, que cerravaõ os Miniſtros reveſtidos, e acompanhados de muitos Cantores, neſta ordem caminharaõ pera o Moſteiro; e aſſi entraraõ por elle cantando: *Te Deum, &c.* e foraõ viſitando, e benzendo todas as officinas ſem deixar nenhuma; e até horta, e pumares. Ultimamente pararaõ nas Craſtas; onde por rezaõ da muita gente, que tudo enchia, ſe cantou a Miſſa, ficando o Sacerdote, e miniſtros a huma parte das varandas, e as Religioſas à outra. O pulpito ſe poz nas Craſtas, e prégou devotamente, e com a ſua eloquencia, que entaõ naõ havia mayor, o Bacharel Frey Pedro Dias, que as memorias chamaõ Frey Pedro Dias de Evora. Feſtejaraõ as Religioſas eſte dia com banquete de pobres; eſtendendo meſa franca a todos os que a quizeraõ. A cerimonia da Clauſura naõ teve fim, ſenaõ a hora de Veſperas. Veyo cantallas ao Capitulo o Prior com todos os noſſos Frades, com ſolemnidade de muſica, e orgãos: e acabadas com a Completa, e Salve, que tambem cantaraõ, mandou que ſe fechaſſem todas as portas, e lhe tornaſſem as chaves, as quais de ſua maõ entregou à Madre Brites Leytoa; e deſte dia começſou a clauſura, e encerramento perpetuo. E podemos dizer, que teve tambem principio o Moſteiro dia ſinelado do nome de Jeſu, cujo titulo tomou, dia primeiro de Janeiro do Anno de 1465. ſendo Vigairo geral da Obſervancia, em que foy fundado, o Padre Meſtre Frey Antonio de Sancta Maria de Neiva, e Provincial o Padre Meſtre Frey Diogo do Porto.

CAPITULO XI.

Do concerto, e ordem com que começſou o novo Moſteiro em ſeu governo. Profeſſaõ as Noviças, aſſiſtindo elRey D. Affonſo. Morrem algumas: recolheſe no Moſteiro a Princeſa Dona Joanna filha d'elRey. Saheſe por occaſiaõ de peſte, acompanhada da Fundadora, que morre em ſua companhia.

NO dia ſeguinte tornou ao Moſteiro polla menham cedo o Padre Frey Joaõ de Guimaraens: e deſpois de cantar huma Miſſa da Cruz, que as Religioſas officiavaõ, fezlhes Capitulo, e nomeou por Regente a Madre Brites Leytoa. Logo foy repartindo officios pera adminiſtraçaõ das officinas de portas adentro. Nomearemos alguns com as proprias palavras, que achamos nos papeis antigos do Cartorio, pera exemplo da humildade, e trabalho, e ſujeiçaõ com que naquelle bom tempo ſe diſpunhaõ as Religioſas a ſervir ſuas Communidades.

Saõ

Saõ as palavras. Fez procuradeira a Madre Gracia Alvares, pera ella mandar alimpar o trigo, amaſſar, e cozer. O que ella por ſua virtude fazia, ſendo doutra ajudada. Fez ſanchriſtam a Sor Ines Alvares, criada que foy de Dona Mecia Pereira: e encomendoulhe, que tiveſſe cuidado da horta, e do linho. A Iſabel Pires fez enfermeira, e tecedeira. Paſſado o Anno de provaçaõ, e chegado o dia eſperado do nome de Jeſu, dia
1466. primeiro do Anno de 1466. acudio ao Moſteiro, acompanhado de todos os Frades de mais conta, o Padre Prior Frey Joaõ de Guimaraens, e fazendo profiſſaõ a Regente, e outras duas, naõ tratou eſte dia de mais pera que as outras irmãs pudeſſem profeſſar nas mãos da Regente, que já agora ficava com titulo de Vigaira.

Achavaſe elRey a caſo por eſte tempo na Cidade do Porto. Naõ faltou quem lhe deſſe novas do eſtado em que eſtava o Moſteiro, que pouco antes honrara com ſua preſença no edificio da Igreja. Encheoſe o bom Principe de devaçaõ, dezejou authoriſar tambem eſte acto de tantas profeſſas juntas; e mandou eſcrever à Vigaira, que ſobreeſtiveſſem até elle poder ſer preſente. E teve tam bom cuidado, que ſe achou na Villa a veſpera da primeira Dominga deſpois da Epiphania; e pera mayor ſolemnidade, como tudo eſtava preſtes pera o Domingo, mandou, que ouveſſe Pontifical, e prégaçaõ. Sendo tudo acabado, levantouſe do ſeu lugar pera ver a cerimonia de mais perto: e naõ ſe contentou com menos, que eſtar em pé arrimado às grades. Appareceo de dentro a Vigaira com as duas profeſſas novas, lançados ſeus veos ſobre os roſtos, e cirios nas mãos: e poſta em ſeu lugar, mandou a huma dellas, que trouxeſſe as Noviças, das quais as duas eraõ ſuas filhas. Chegadas diante da Prelada fizeraõ ſua profiſſaõ taõ devotamente, e com tanta gravidade, que naõ ouve coraçaõ, que deixaſſe de mandar aos olhos teſtemunhos claros de piedade chriſtam, e devaçaõ, e compunçaõ. ElRey contente do que tinha viſto, fallou à Vigaira, e honrandoa com muitas palavras, e affabilidade, prometeo fazerlhe mercê: e nos dias, que aqui ſe deteve, lhe fez algumas, como foraõ licença pera as Freiras herdarem, e poſſuirem bens de raiz; e poderem comprar outros; a que juntou alguns privilegios pera a Caſa, que entaõ eraõ de eſtimar.

Deſte dia em diante comeſſou a florecer eſte Moſteiro em todas as boas leys, e governo de perfeita Obſervancia. A Prelada prudentiſſima, as ſubditas humildes, e ſujeitas: armonia, e concerto do Ceo. Era de ver o zelo da Prelada em enſinar, e mandar; o cuidado das ſubditas em aprenper, e obedecer. Fazia Capitulo cada dia acabada a Miſſa, ſem exceptuar Domingo, nem ſancto: todas ſerviaõ, todas trabalhavaõ, ſem haver veleiras, converſas, nem moças deputadas pera ſerviço de portas adentro. Trabalho eſpiritual no choro, fóra corporal, ſem haver peſſoa, nem hora ocioſa. A cozinha faziaõ às ſemanas, acudindo a ella cada huma por ſeu termo, e ordem com alegria, e charidade: mas com

taõ

taõ pouco mimo pera a ſuſtentaçaõ, que acho eſcrito, que por nenhum caſo admittiaõ ovos, nem mel, nem manteiga. A nenhuma parte haviaõ de hir, que naõ foſſe companheira a roca. Algumas vezes a levavaõ até à porta do Choro, e alli a deixavaõ pera tornar a entender com ella ſahindo. A Vigaira, inda que cercada de occupaçoens do governo, e opprimida de achaques de ſuas penitencias, tambem por dar exemplo, entendia em ſerviço de mãos à viſta de todas, ora fiando, ora torcendo fiado. E daqui ganhava confiança pera pedir conta ao ſabbado do que cada huma tinha feito polla ſemana, que com humildade lhe apreſentavaõ todas, recebendo por premio bençoens, e louvor, ou amoroſa reprehençaõ, ſe convinha. Mas iſto eraõ couſas acceſſorias. No eſſencial do officio Divino, oraçaõ, vigias, jejuns, diſciplinas, havia em todas tanto cuidado, que mais requeria freyo, pera ſenaõ matarem, que eſporas pera ſe adiantarem. Viſitas, e practicas até dos pays evitavaõ: pera todas naõ havia mais, que huma pequena grade cuberta com hum ralo de folha de Frandes, e ſobre elle pregado hum pano negro, que nunca ſe tirava: e eſta meſma guarda fechava os confeſſionarios.

Mas naõ cuide ninguem, que ha de eſcapar de tentaçaõ, e cruz, por muito perfeito que ſeja: aperceber pera ella, amoeſta o Sabio a quem entra pollo caminho da virtude. Trabalho ha de haver, ou pera prova, ou pera merecimento, ou pera tudo junto. No meyo de taõ ſancto, e taõ religioſo trato, foy o Senhor ſervido, que vindo peſte ſobre o Reyno, déſſe logo em Aveiro, e naõ perdoaſſe ao Moſteiro. Ardia a Villa em fogo de contagiaõ, e mortes. Acudiraõ as Freiras à Vigaira, lembraraõlhe, que trataſſe de conſervar ſua vida, e ſaude, ſahindo ſó pera melhores áres, pois havia quintas proprias: allegavaõ, que aquelle ſeu rebanho era tudo gente moça, ſe ella faltaſſe, ficaria ſem cabeça, e em dezemparo certo. Mas naõ ouve couſa, que a dobraſſe, nem ainda a tratar de ſy com mais reſguardo. Era por Julho deſte meſmo Anno de 1466. amanheceraõ hum dia feridas do meſmo mal duas Madres, que foraõ as que profeſſaraõ primeiro, que todas em companhia da Vigaira. Chamavaſe huma Sor Ines Alvares, e a outra Sor Iſabel Rodrigues. Naturezas gaſtadas de penitencias, e trabalho deſacoſtumado. Teve pouco que fazer com ellas a doença. Foy a morte abreviada, mas glorioſa: porque ſendo o aparelho, que tinhaõ feito em toda a vida, ſó pera ganhar eſta hora, nem eſpantou a nova da morte, nem entriſteceo o deſengano. Recebidos os Sacramentos com devaçaõ de quem pera premio certo caminhava, deraõ as almas a ſeu Criador. Adoeceraõ logo duas Noviças, que por falta de idade naõ profeſſaraõ com as mais; e outra minina, que ſe criava pera Freira. As Noviças, paſſado muito trabalho, convaleceraõ: a minina foyſe pera o Ceo. Aqui reſplandeceo muito a charidade, e o valor da Madre Brites Leytoa. A todas acudia ſem nenhum cuidado de ſy, nem lembrança ſe havia peſte.

1466.

Eccleſ. 1.

As mortes ſentia de ſorte, que podemos dizer, que em cada huma era Martyr. Mas inda o Senhor quiz provar a fineza daquelle ouro com nova tribulaçaõ no mais intimo da alma. Entrando o mez de Agoſto deu o mal em Sor Catherina de Atayde ſua filha mais velha, arrebatoulha como tiro de bombarda. Naõ foy menos a violencia, nem menos acelerada a morte. Saõ os filhos pedaços d'alma: aſſi he cuſtoſa a diviſaõ. Foy trago penoſiſſimo, reſpeito do ſangue, da companhia, e do merecimento da defuncta: porém de nenhuma Matrona antiga, das que mais celebra a fama, podemos dizer, que mais varonilmente ſe portaſſe em ſemelhante occaſiaõ; com olhos enxutos, e animo inteiro a deu à terra, ſendo a couſa, que nella mais amava; mas applacava o miſericordioſiſſimo Senhor eſtes mares de afflicçaõ com extraordinarios favores de ſua Divina maõ; humss vezes fazendolhe ouvir muſicas de Anjos, outras dandolhe viſta da gloria dos bemaventurados, com que as mayores penas ſe lhe trocavaõ em goſo, e em dezejos vivos de padecer muito mais por taõ bom Deos.

Entre tanto foy ceſſando a furia do mal, e ganhando grande nome o Moſteiro, e quem o governava. De ſorte, que pareceo ao Vigairo geral da Reformaçaõ, que devia fazer eleyçaõ Canonica de Prioreſſa: e aſſiſtindo elle peſſoalmente, foy eleyta com grande uniformidape a Madre Brites Leytoa, que era Vigaira. Era iſto no Anno 1468. de 1468. e deſde entaõ comeſſou a fazer o officio de Prioreſſa. Como ſó eſte titulo faltava pera inteira perfeiçaõ do Moſteiro; foy logo importunada de muita gente do milhor do Reyno pera lhe darem filhas, e irmãs: e recebeo algumas, e entre outras huma ſobrinha de ſua grande amiga, e companheira Dona Mecia Pereira, e de ſeu meſmo nome, filha de ſua irmãa Dona Brites Pereira; e duas Madres mais, que as memorias do Cartorio chamaõ Sor Maria Rafael, e Sor Ineſeannes: e dizem, que ſe vieraõ a eſte Moſteiro deſpedidas do do Salvador de Lisboa; mas que eraõ tais peſſoas, que logo fez Vigaira do Choro a Maria Rafael, e a outra Meſtra de Noviças: grande credito da criaçaõ, que traziaõ. Mais lançou o habito a Dona Leonor de Menezes, filha do Conde de Viana Dom Duarte de Menezes, o que foy 1471. no Anno de 1471. e logo no ſeguinte de 1472. 1472. veyo honrar eſta Caſa a Sereniſſima Princeſa Dona Joanna, vivendo elRey D. Affonſo Quinto ſeu Pay; e cumprindoſe, como ſe fora profecia, o que o meſmo Senhor diſſe, quando lhe lançou a primeira pedra dez annos antes: e aqui reſidio, e acabou ſeus ſanctos dias, como mais largamente contaremos adiante em ſeu particular titulo.

Mas já he tempo de concluirmos com a fundaçaõ, e fundadora, e he de ſaber, que no Anno de 1479. tornou a peſte a cometer eſta Villa; e como durava a memoria do eſtrago, que fizera no Moſteiro, foy mandado expreſſo d'elRey, que a Princeſa ſe ſahiſſe delle; e para que lhe naõ faltaſſe a companhia, e doutrina, que ſobre tudo eſtimava, e alli a trouxera, da Prioreſſa Brites Leytoa, mandou logo as licenças neceſſarias dos

dos Prelados, pera que a foſſe acompanhando com as madres, que a Princeſa eſcolheſſe, a quem dava licença pera fundar novo Moſteiro em qualquer lugar que achaſſe a propoſito, e foſſe de ſeu goſto. Obedeceo a Prioreſſa, mas com grandes repugnancias de ſua alma, e entendimento: porque tomava eſte apartamento por mayor mal, que todos os que na vida experimentara: e deſpedindoſe daquellas paredes, que por ſua maõ edificara, com pranto taõ funeral, que bem pronoſticava naõ as haver de ver mais, ſahio dellas em fim, como arraſtada, e a viva força arrancada. Foyſe ſeguindo a Princeſa, e paſſando de huns lugares a outros, ſegundo apertava, ou afrouxava o mal da contagiaõ. Deſpois de viſtos, e corridos muitos, vieraõ a parar na Villa de Aviz. He lugar de charneca, enfermo, e quente. Adoeceo de febres a Prioreſſa: pareceo à Princeſa, que ſeria remedio deixar Alentejo, e buſcar melhores áres; fez caminhar pera Abrantes. Era por Julho na força dos Caniculares, o tempo, e o caminho aggravaraõ o mal; e em fim deraõ remate à peregrinaçaõ da terra, e da vida juntamente huma quinta feira, tres de Agoſto do Anno de
1480. 1480. Foy preſente a ſeu tranſito o Vigairo geral da Congregaçaõ, que ſempre acompanhou a Princeſa: notaraõlhe elle, e mais Padres, que hiaõ na companhia, na ultima hora huma nunca viſta alegria, e quietaçaõ, que he natural daquellas almas, a quem os bem vividos annos eſtaõ prometendo a poſſe certa do premio, porque trabalharaõ. Vioſe deſpois, que ſendo ordinario enteiriſſaremſe os membros defunctos com o frio da morte, nella eſtavaõ as mãos, e braços taõ brandos, e meneaveis, como quando viva eſtava. Tresladaraõſe ſeus oſſos dous annos deſpois, ſendo Prioreſſa a Madre Sor Maria de Atayde ſua filha: e foraõ collocados em particular ſepultura no Choro debaixo, ſinelada com ſua campa, como ſe devia ao titulo de fundadora, e ao exemplo de ſua vida.

CAPITULO XII.

Da Madre Dona Mecia Pereira primeira filha profeſſa deſte Moſteiro.

POr mãy, e Fundadora, naõ ſó por filha deſte Sanctuario, he rezaõ que ſeja contada a Madre Dona Mecia Pereira, viſto o muito, que nelle fez com ſua peſſoa, e fazenda. Diſſemos alguma parte atraz: agora diremos o que lá naõ teve lugar. Foy eſta Madre filha de Fernaõ Pereira, e irmam de Dom Rodrigo Pereira, primeiro Conde da Feira: caſaraõna ſendo muito moça com Martym Mendes de Berredo, peſſoa de grande qualidade por ſangue, e partes naturais: e pollo lugar, que tinha na graça d'el-Rey Dom Affonſo, que era grande: mas ficou brevemente viuva; porque foy mandado Martym Mendes por Embaixador a França, pouco deſpois de recebidos, e adoeceo lá, e veyo a fallecer por fim do Anno de 1458. 1458.
Coſtumavaõ naquelle tempo as mulheres nobres fazer tamanhos extremos de ſentimento na morte dos maridos, que pareciaõ

mais reliquias de coſtumes gentilicos, que demonſtraçaõ de verdadeira dôr. E com tudo contaſe de Dona Mecia, que paſſou muito além dos deſatinos ordinarios. Juntos os merecimentos do marido, com o pouco tempo, que o lograra, deſculpavaõ todo o exceſſo, que fazia, pranteando ſeu eſtado, tanto, como a morte alheya. Acudiaõ, Pay, irmãos, e parentes, vinhaõ religioſos ſabios, e doutos: huns prégavaõ, outros conſolavaõ: nem admittia rezaõ, nem conſolaçaõ: nem afrouxava no pranto; e tal eſtava, que ſe lhe temia perder o juizo, e a vida. De laſtima, que lhe tiveraõ huns Frades velhos do noſſo Convento de Aveiro, que foraõ chamados, pera lhe fallar, pediraõ a Brites Leytoa, quando tornaraõ, que a encomendaſſe a Deos, e juntamente lhe eſcreveſſe huma Carta de ſua maõ. Fez ella huma couſa, e outra por piedade, e como experimentada em ſemelhante dôr. A oraçaõ penetrou os Ceos: a nota da Carta o coraçaõ contumaz em ſuas magoas, e em ſeu dano. Saõ feitiços divinos as palavras dos Sanctos, porque trazem conſigo daquelle fogo do Senhor, de quem eſtá eſcrito. *Ignitum eloquium tuum vehementer.* Foy o primeiro effeito encher de ſuavidade, e amor do Ceo aquellas orelhas de Aſpide ſurda, na opiniaõ de ſe querer matar com triſteza: traz iſto, logo achou lugar huma amoroſa reprehenſaõ de dar tantas lagrimas a hum homem mortal, e morto: feitio de gente ſem fé, e genero de idolatria dar a hum homem o que ſó devia a Deos: que naõ lhe tolhia o chorar, nem o maltratarſe com aſpereza de vida: ſó lhe pedia, que trocaſſe os fins: choraſſe embora, e a toda hora: mas iſto ſó por Deos, e pollo tempo, que deixara paſſar ſem chorar por elle: continuaſſe as penitencias, e máo tratamento; mas foſſe em pago das delicias, e vaidades da vida paſſada, e das offenſas, que com ellas lhe tinha feito. Aſſi tiraria intereſſe de huma couſa, e outra diante da Divina Mageſtade pera bem da ſua alma, e da que tanto amava. Amolgou em fim hum peito de bronze a lingoagem, e eſpiritu de Brites Leytoa, inda antes de ſe ter obrigado á Religiaõ com voto. Paſmou a affligida viuva, como deſpois contava devagar no Moſteiro, da impreſſaõ, que a Carta lhe fez na alma, e como ſe ſentio outra deſpois de lida. Affirmava, que logo ſe tornara a Deos, offerecendolhe ſuas dores, e as lagrimas, que naõ podia enxugar, à conta das que o bom Jeſu chorara no mundo, e pedindolhe perdaõ do errado emprego, que até entaõ fizera dellas. Succedeo a eſta boa diſpoſiçaõ da alma, hirſe levando de hum ſancto penſamento de ſe lhe entregar de todo ponto, e naõ cuidar mais em couſa da terra.

Soſſegado hum pouco o pranto com a nova imaginaçaõ, comeſſaraõ apertadas inſtancias do Pay, e irmãos, ſem ſaberem della, porque trataſſe de ſegundas vodas. Havia em Dona Mecia partes, que a faziaõ requeſtada de muitos, em pouca idade grande entendimento: com gentil parecer natural, muita virtude, e gravidade, e aſſento: e ſobre tudo eſtava acreſcentada em

em dote, que eſtes ſaõ os idolos, a que o mundo mais ſe humilha: porque o marido lhe tinha deixado tudo, quanto pode teſtar. Foy grande a bateria, defendeuſe. Sobreſtiveraõ hum pouco, fazendo conta de deixar alguma couſa ao tempo, que póde muito em tudo. Mas ella entre tanto hiaſe confirmando no ſancto propoſito com a graça do Divino Eſpiritu, que a bafejava. E entrando a Quareſma, mandou pedir ao Prior do Convento lhe enviaſſe hum Frade letrado, e velho pera a confeſſar. Foy a ſubſtancia da confiſſaõ declararlhe a determinaçaõ em que eſtava de deixar o mundo, e buſcar a Deos em lugar, onde ninguem, ſenaõ elle, tiveſſe parte nella. Era o Confeſſor o Padre Frey Vaſco de Guimaraens religioſo devoto, e ſiſudo. Occorreulhe eſtando com ella, o que ſabia de Brites Leytoa: e ſem fazer miſterios, nem encarecimentos, deulhe conta de ſeu recolhimento, vida, e exercicios: e naõ foy neceſſario mais pera quem ſe lembrava, que o primeiro movimento bom, que tivera em ſeus trabalhos, naſcera de huma Carta ſua. Ouvindo agora a relaçaõ do Confeſſor, aſſentou conſigo entrar em ſua companhia, ſe a quizeſſe admittir; e pediolhe, que tornando a Aveiro lho diceſſe aſſi de ſua parte.

Tornaraõ entre tanto as importunaçoens dos parentes, naõ deixando nenhum meyo pera a obrigarem, ora mimos, e affagos, até lhe trazerem Cartas d'elRey, que approvavaõ o cazarſe; ora com aſperezas, e deſcompoſturas. Mas ella firme em ſeu propoſito, e animada já com Cartas, que recebia a miude da que já tinha por Meſtra, e Mãy em Aveiro; determinouſe a hum acto heroico. Chama hum dia ſeu Pay, e irmaõ, e dizlhe chammente, que naõ ſó eſtava reſoluta em naõ receber outro marido, deſpois do que perdera: mas em deixar o mundo de todo, e buſcar a Deos em pobreza, e humildade, na companhia de huma mulher, que tinha por ſancta, que era Brites Leytoa. Val muito pera tudo huma reſoluçaõ animoſa. Paſmaraõ do brio, da ſegurança, e da fortaleza, Eraõ chriſtãos, tementes a Deos: naõ na perſeguiraõ mais: e em fim quietou tudo hum partido da fazenda, que aſſi ſe vem a compor as mais das contendas da terra. Contentaraõſe, com que a viuva largaſſe ao Pay a legitima de ſua mãy, com lhe dar quitaçaõ della; o que logo fez; e conſeguintemente nomeou dia pera ſua partida.

Era por Mayo do Anno de 1460. quando Dona Mecia ſe 1460.
poz a caminho pera Aveiro. Acompanhoua o Conde ſeu irmaõ, com todos os de ſua caſa até a embarcaçaõ em Ovar: e quando menos ſe cuidava appareceo às portas do ſancto Recolhimento. Tinhalhe Brites Leytoa feito apoſento em huma boa caſa pegada com elle: quizera que ſe agaſalhara nella, e naõ nos pobres apozentinhos de ſua morada. Reſpondeo com humildade, que vindo, como vinha, a ſer ſua diſcipula, e ſubdita, já mais della ſe apartaria. Logo lhe mandou entregar muitas caixas em que trazia todo ſeu movel, que era aſſaz rico: joyas, dinheiro, prata lavrada, e tapeçaria: e deſ-

deſpedido o mais acompanhamento, ficouſe com duas criadas, que profeſſaraõ, e perſeveraraõ na Religiaõ com louvor. Deſta hora em diante naõ tratou mais, que de Deos, e do ſerviço da pobre caſinha: começou a vida por huma confiſſaõ geral, e cingindoſe hum aſpero cilicio, gaſtou todos os dias, que ſe ſeguiraõ, até a veſpara da Trindade em oraçaõ, jejuns, e diſciplinas. Com eſta preparaçaõ feita, quando chegou o dia da ſancta feſta appareceo deſaſſombrada dos panos triſtes da viudez, e veſtida em ſaya branca, e manto, ou mantilha preta da meſma feiçaõ, e da laya de pano, que ſe uzava na Caſa, ſeguio a companhia. Do rigor que uzava conſigo, e da humildade, com que vivia, temos dito alguma couſa atraz, e por eſcuſarmos dizer muito, ſervirá ſó o que agora apontaremos. Como tinha trazido conſigo tanta fazenda, pedio que ſe recebeſſem Noviças, e por ſua conta entraraõ logo algumas, que como ſe foraõ eſcolhidas por voto Angelico, e naõ humano, aſſi honraraõ deſpois a Caſa, e a Ordem: e dellas fallaremos ao diante. Tratou juntamente, que ſe deſſem officios a todas pera terem em que merecer, e em que ſe occupar ſempre: e como a Fundadora lhe tinha grande reſpeito, aſſi por ſua peſſoa, e qualidade, como pollo eſpiritu, que em todas ſuas obras moſtrava, pediolhe, que ella quizeſſe ordenar tudo a ſeu modo. Aceitou Dona Mecia a commiſſaõ, e executandoa, moſtrou claro, quaõ liberal he Deos, e quaõ poderoſo pera fazer votos de eleyçaõ todas as vezes, que he ſervido, ſem pôr tempo em trocar natureza, e coraçoens. Repartidos os cargos, que havia em caſa, cuidaraõ todas, que ficar ella ſem tomar pera ſy nenhum ſeria a rezaõ de aſſiſtir, como aſſiſtia, nas obras: mas logo as tirou deſta duvida, dizendo, que naõ ſe deſcuidara de ſy, que muy bom officio tinha eſcolhido, e tal, que naõ lhe tolheria o que fazia de acudir às obras: e declarou, que havia de ſer levar fóra todo o ciſco, e varreduras da caſa. Atonitas ficaraõ ouvindo tal lingoagem: mas muito mais paſmaraõ, quando a viraõ executada com taõ boa ſombra, e alegria, que nem de ſuas criadas conſentia ſer ajudada, ſendo ſeguida de muitas lagrimas, que taõ alta humildade fazia brotar dos olhos de todos: e o que mais he, que eſtava tanto em ſy, que nos officios de trabalho das companheiras tomava parte, e as aliviava todas as vezes, que tinha lugar. Com eſta humildade ajuntava grande amor da pobreza, aconſelhava, que ſenaõ fizeſſe nada das portas a fóra do que foſſe neceſſario, e ſe pudeſſe fazer em caſa: que ella remendaria até o calçado: e que pera remendar os veſtidos naõ queria mais, que pedaços de ſacos velhos. Da dilencia com que ſervia nas obras, temos dito atraz.

Agora por remate digamos pera gloria de Deos, e da Religiaõ alguns effeitos, que cauſava eſte ſeu genero de vida. He de ſaber, que os nobres da Villa, como gente ocioſa, eſtavaõ quaſi ſempre ſobre a fabrica. Do povo tambem acudia muito em numero; e notando, e conſiderando

rando todos em Dona Mecia o eſtado paſſado, e as obras de humildade preſentes, ſe foraõ vencendo de tanto amor, e reſpeito pera com ella (rayos, e força inviſivel da virtude) que havia homens, que ſó a eſta conta vinhaõ ſervir, e trabalhar de graça, e os honrados, e ſuas mulheres ajudavaõ o edificio com muito de ſuas caſas. Porem muito mayor força foy, e mais digna de ſe ſaber, a que fez a ſeu proprio ſangue. Andava no Paço Dona Tareja Pereira ſua irmam mais moça, rica de eſperanças por quem era, mais que de fazenda. Sabendo do eſtado, que a viuva tomara, foy aconſelhada, que a vizitaſſe, que ſeria occaſiaõ de partir com ella do muito, que poſſuhia. Mas quando chegou, e a vio, tudo foy hum, vella, e ficar outra. Taõ fermoſo lhe pareceo aquelle ſaco, em que a achou veſtida, taõ engraçado aquelle pó, e caliça, de que andava cuberta, que logo aborreceo as ſedas, e brocado, e vaidades do Paço: e em fim lhe aconteceo, o que diz o Proverbio: buſcando caça ficar caçada. Buſcando joyas pera o mundo, entregou as que trazia a Deos: e de tanto bem lhe foy meyo a viſta, e practia de ſua boa irmam, que alegre de a ter ganhado pera a Religiaõ, naõ ceſſava de dar graças ao Senhor em nome de ambas, e continuar com mais fervor em ſeus exercicios, e penitencias. Porem eſtas juntas ao máo tratamento, que voluntaria, e temerariamente padecera nos primeiros tempos de viuva, lhe vieraõ a cauſar huma doença incuravel de hidropezia. Era Vigairo geral dos Conventos reformados de Portugal, e Caſtella o Padre Frey Antaõ de Sancta Maria: vindo a Aveiro, e achandoa neſte eſtado, fezlhe ſua profiſſaõ; e foy o Senhor ſervido levalla pera ſy aos tres de Outubro de 1464. aſſiſtindo com ella o Padre Frey Joaõ de Guimaraens, e a Condeſſa ſua cunhada. Foy enterrada no Capitulo, e ſua ſepultura viſitada por muitos dias de todo o povo, como de Sancta, levandoſe à terra della pera enfermos; e affirmandoſe, que fazia effeitos milagroſos. Trouxe eſta Madre pera o Moſteiro, alem do que atraz diſſemos, hum conto, e ſete centos mil reis em dinheiro, e humas aſſenhas, e marinhas. Sua irmam Dona Tareja tomou deſpois o habito de Noviça com as mais; porém naõ fez profiſſaõ, porque quiz cumprir primeiro huma Romaria de voto a Noſſa Senhora de Guadalupe: e no caminho falleceo. 1464.

CAPITULO XIII.

Das Madres Dona Catherina de Atayde, Guiomar Velha, e Brites Velha.

PRimeiro lugar démos às Madres Brites Leytoa, e Dona Mecia Pereira, ſem guardar a ordem, que coſtumamos ſeguir dos annos em que cada Religioſo, ou Religioſa fallecem, quando ſe podem alcançar: porque ſendo, como foraõ, fundadoras, parece que eſtavaõ merecendo ſerem antepoſtas a todas; inda que algumas ſe lhe antepuzeraõ em paſſarem primeiro a gozar os premios eternos com menos annos da vida mortal. Daqui em diante ſeraõ primeiras

meiras as que primeiro ſe deſataraõ da priſaõ da carne, ſe por alguma particular virtude merecerem tratarmos dellas : porque ſegundo terá notado quem com attençaõ nos lêr, naõ he noſſa tençaõ darmos memoria a virtudes ordinarias da Religiaõ; que ſe iſſo ouveramos de fazer, tempo, e papel nos faltara pera eſcrevermos de todos os ſujeitos, que por eſta via a merecem. Tanta, e taõ boa gente nos tem dado neſte Reyno, e ſuas conquiſtas a Religiaõ de S. Domingos : aſſi daquelles ſómentes fazemos Hiſtoria, que em alguma particularidade da vida, ou da morte, nos deixaraõ claros ſinais, e teſtemunhos vivos de hum abrazado amor de Deos, que he verdadeiro fundamento de ſanctidade : ſanctidade pera ſer amada, e imitada, naõ certificada, nem canonizada por noſſo dito, que iſto ſó pertence ao juizo da ſancta Madre Igreja de Roma, inda que naõ dizemos, nem diremos couſa, que naõ tenhamos averiguada por dito de gente virtuoſa, e de credito, ou por fama, e tradiçaõ de grande fundamento recebida.

Por eſta conta tem a primacia das filhas deſte Moſteiro a Madre Dona Catherina de Atayde filha da Fundadora Brites Leytoa : porque como filha de tal mãy, naõ foy inſigne em huma ſó virtude: mas ſoube retratar em ſy tanto ao vivo todas aquellas em que ſua mãy ſe eſmerava, que naõ havia differença entre mãy, e filha mais que nas idades, e em mandar huma, e obedecer a outra. Contaõſe della duas couſas aſſaz eſtranhas. A primeira, que naſcendo trouxe ſobre huma eſpadoa hum ſinal grande preto, em forma de huma bem feita concha do mar, das que chamamos Vieyras, que toda a vida lhe durou ſem ſe lhe ſaber dar mais rezaõ, que huma grande devaçaõ, que ſeu pay tinha ao Bemaventurado Apoſtolo Sanctiago Mayor, cuja inſignia antiga ſaõ as Vieyras; ſenaõ quizermos filoſofar, que como elle foy o primeiro dos Sanctos Apoſtolos, que deu ſeu ſangue por Chriſto, aſſi ſeria ella a que primeiro da familia de ſua mãy foſſe povoar o Ceo. A outra foy, que vendoa hum peregrino em tempo, que era muito minina, affirmou, que ſeria Freira de S. Domingos. Pera huma, e outra couſa a foy diſpondo a graça Divina logo na primeira idade : porque tirada do Paço por fallecimento da Raynha, que a pedira pera Dama, como atraz contamos, ſoube accommodarſe à vida do encerramento, oraçaõ, e penitencias, que ſua mãy começou a fazer, como ſe vio viuva, de ſorte, que ſó pera Religioſa parecia que naſcera, e ſó pera o Ceo ſe criara. Deſpois de mudadas pera a pobre caſinha de Aveiro, vencia a idade com o animo de ſe mortificar, e trabalhar, dormir pouco, e orar muito; e porque tinha grande habilidade natural pera tudo, ordenou Dona Mecia, que ella, e ſua irmam Dona Maria de Atayde aprendeſſem a eſcrever livros de Canto pera ſervirem no Choro. E foy logo meſtra, porque juntava com a boa natureza grande goſto de ſervir; e com viver taõ poucos annos, como logo veremos, deixou feito hum Miſſal pera a Eſtante, e hum Pſalterio meão, e tinha começado hum

Miſſal

Miſſal Santoral, quando veyo a fazer profiſſaõ por Janeiro de 1466. em idade de dezaſete annos, e meyo naõ perfeitos; por-
1448. que naſcera no de 1448. em Julho. Foy eſtranho o alvoroço com que ſe entregou ao jugo ſancto; parece que lhe adevinhava o coraçaõ, quaõ perto tinha o premio: porque de novo ſe começou a dar a mayores penitencias, e mais devações. E em fim corridos ſó ſete mezes, e poucos dias mais deſpois da profiſſaõ a nove de Agoſto do meſmo
1466. Anno de 1466. nas veſperas de S. Lourenço ſe ſentio ferida do mal da peſte, que andava muy aceſa na Villa: e com tudo ſe fez força pera continuar até o fim das Veſperas. Sendo acabadas, chamou ſua irmam, deulhe conta de ſy: e foy couſa certa, que logo lhe diſſe, ſabia de certo ſer chegada ſua hora, e que naõ eſcaparia: e foy bom indicio pedir logo os ſacramentos, como pedio, e ſem fazer caſo de remedios, nem medicamentos, que ſe lhe applicaraõ, e ella por ſua humildade, e obediencia conſentia, tratou de morrer com ſancta, e varonil reſoluçaõ. Quebrou a todas o coraçaõ com magoa o colloquio, que ante todas couſas teve com ſua Mãy: era Mãy, era Meſtra, era companheira, e Prelada. Foraõ palavras Angelicas as com que por todos eſtes titulos ſe foy deſpedindo della, e com que lhe encomendou todas as Religioſas, e ella a todas. Ultimamente como filha, e ſubdita, e diſcipula pediolhe perdaõ de ſeus erros; e a maõ pera lha beijar, e a bençaõ pera morrer; com ſua irmam, e com as companheiras teve particularidades de taõ alta doutrina, que pareciaõ já da outra vida; e aſſiſtindo com ella o Padre Frey Joaõ de Guimaraens ſeu Prelado, e Confeſſor, entregou o eſpiritu nas mãos de ſeu Eſpoſo Jeſu, no fim do ultimo verſo do Benedictus, que mandou lhe rezaſſem: e acabando com a meſma paz, que no Verſo ſe pede, ficou eſpantando a todas com huma alegria, que lhe reſplandecia no roſto, e olhos, e hum riſo taõ gracioſo na boca, que deu occaſiaõ a todas enxugarem as lagrimas, e durou tanto, que nenhuma ſe atrevia a cobrilhe o roſto porque de nenhuma maneira parecia já creatura morta.

Juntemos a quem em taõ verdes annos ſe foy lograr do Ceo, huma mãy, e huma filha, que poucos tardaraõ apoz ella em hir receber a meſma coroa: ſeus nomes, Guimar Velha a mãy, e Brites Velha a filha. Eraõ da obrigaçaõ de Dona Mecia: entraraõ por ſeu meyo, e foraõ das primeiras, que povoaraõ o Moſteiro. A mãy ſobre os mais exercicios de penitencias, e devaçoens, que a todas eraõ como paõ quotidiano, tinha particular goſto na devaçaõ do Sancto Roſario; e ainda que com as obrigaçoens, e ſerviço da Communidade, andava ſempre falta de tempo, nenhum dia ſe lhe havia de paſſar ſem o rezar, acompanhandoo com amoroſas conſideraçoens em todos os paſſos de maneira, que da oraçaõ vocal paſſava à mental, e da mental à contemplaçaõ, com a qual levantada ſua alma ſobre os choros dos Anjos, fazia taõ agradavel ſacrificio ao Senhor, que foy elle ſervido ſignificarlho

por meyo de hum eſtranho myſterio: e paſſou aſſi. Havia de amaſſar o paõ da communidade, levantouſe de noite, e começou a peneirar a farinha; mas temendo faltarlhe deſpois tempo pera o ſeu coſtumado exercicio, como era de noite, e eſtava ſó, pareceolhe que naõ eſtorvaria o trabalho de mãos, e braços a obra da lingua, e do entendimento. Eſtende as contas junto de ſy ſobre a meſma banca em que trabalhava, começa a entender com ellas, e com a farinha: rezando huma Ave Maria ſoltava a peneira de huma parte, eſtendia a maõ, corria huma conta: e tornava a trabalhar, e rezar juntamente: e aſſi hia revezando huma couſa, e outra. Eiſque huma noite tendo continuado hum eſpaço a eſte modo com ſua reza, e ſerviço, com grande ſuavidade de eſpiritu, que o Senhor lhe communicava, vê ſubitamente, que junto do ſeu Roſario ſe hiaõ amontoando verdadeiras roſas brancas, e vermelhas, e compondo outro Roſario por tal arte, que eraõ roſas brancas cada dez contas: e vermelhas os extremos. Sobreſaltouſe, e naõ ſe fiando dos olhos, julgou que ſe enganava: ſenaõ quando, chegando a correr huma conta no ſeu Roſario, vio claramente acreſcentarſe no outro outra roſa, e deſpois outra, e outras, aſſi como corriaõ as ſuas: e quando corria o extremo, via juntarſelhe huma vermelha. Naõ ſabia, que fizeſſe a boa Madre, mais que abraſarſe em novos amores da Virgem glorioſa, e darlhe graças por taõ alta miſericordia em ſerviço taõ pequeno, e continuavao com mais cuidado. Todavia fezlhe o Senhor eſta mercê tantas vezes, que veyo a ſer publica, e ſabida por toda a caſa, e as roſas viſtas: por onde ficou em eſcrito o ſucceſſo nos pergaminhos do Moſteiro, donde o tiramos: tomando daqui liçaõ, que naõ parece ſer Deos ſervido de ſe levantarem nas religioens huns com os officios de Martha, e outros ſó com os de Maria, como acontece, e por ventura por forrar trabalho; ſenaõ que exercitemos huns, e outros juntamente, e nos façamos força, e preſtemos pera tudo. Falleceo eſta Madre, por minha conta, no Anno de 1471. 1471.

Sor Brites Velha ſua filha foy verdadeira filha em lhe herdar as virtudes: tanto as ſoube imitar, que entrando neſta Caſa a Princeſa Dona Joanna ſe lhe affeiçoou com grande eſtremo, que he baſtante teſtemunho de quem era, cahir em graça a hum taõ alto eſpiritu, que ficou mais claro quando a Princeſa por mandado d'elRey ſe fahio della, e de Aveiro, fugindo da peſte: porque huma das que eſcolheo pera levar conſigo foy Sor Brites. Falleceo em Abrantes pouco deſpois da Madre Brites Leytoa no Anno de 1480. e com ella foy deſpois tresladada pera o ſeu Moſteiro â inſtancia da Princeſa. Bem podemos dizer por eſtas duas Religioſas, viſto o pouco tempo, que lograraõ a vida, que tiveraõ o nome de velhas por contrario ſentido, que he a figura, que os Rethoricos chamaõ Antifraſi. 1480.

CAPI-

CAPITULO XIV.

Da Madre Dona Leonor de Menezes.

DOm Duarte de Menezes Conde de Viana caſou ſegunda vez com Dona Iſabel de Caſtro, e della ouve huma ſó filha, que ſe chamou Dona Leonor de Menezes. Foy eſta Senhora criada por ſeus pays com eſperanças de ſe aparentarem por ſeu meyo com a melhor caſa das terras de Portugal. Mas foy tanto mayor ventura ſua, que a quiz pera ſy o meſmo Senhor do Ceo, e da terra. Foraõ os meyos hum rayo do divino Eſpiritu, do qual prevenida, ſendo ainda de muito tenra idade, ſe entregou toda a elle: e taõ de verdade, que quando chegou a annos de ſe entender, e julgar per ſy do que lhe cumpria, fazia já huma vida mais de religioſa emparedada, que de dama criada pera poſſuir eſtados do mundo, quais ſeus pays lhe buſcavaõ. Aſſi continuava a mayor parte do dia em hum Oratorio: aſſi rezava o Officio Divino, como ſe já eſtivera obrigada a alguma Religiaõ. Tinha Miſſa todos os dias, e o ſeu mór entretenimento era rezar, e orar, e ler livros devotos. No meyo deſtas occupaçoens havia homens do milhor do Reyno, que a prentendiaõ, e pediaõ por eſpoſa. Succedeo fallarſelhe niſſo hum dia por parte de ſeus Pays, que tinhaõ reſpeito ao grande juizo, e partes que nella viaõ. Soubeos deſviar por entaõ com bom termo, mas dando claras moſtras de que lhe aborrecia tal eſtado: e ſó tinha na alma o de ſervir a Deos. Creſceo na idade, e nas ſanctas occupaçoens: e foy cobrando animo pera o que imaginava, e lhe pedia o eſpiritu, que era buſcar a Religiaõ, e começou a fazer diligencias ſem manifeſtar a tençaõ, por ſaber, que Moſteiros guardavaõ mais rigor, que Freiras eſtavaõ mais acreditadas no Reyno. He muy ordinario em toda a parte ſer o povo grande inquiridor da vida dos nobres. Era tanto o que ſe ſabia de Dona Leonor, que já ninguem duvidava, que caminhava polla eſtrada do Ceo. Chegaraõ eſtas novas à valeroſa Infante de Portugal Dona Joanna, a quem, porque aconteceo em certa conjunçaõ ſer jurada por Princeſa deſte Reyno, lhe daremos o meſmo titulo algumas vezes ſem cometer erro. Andava ferida da meſma ſeta, e do meſmo Eſpiritu, que em fim a veyo encerrar nos clauſtros de hum eſtreito Moſteiro; como adiante veremos. Julgoua por conforme conſigo na tençaõ: alegrouſe, e dezejou communicarlhe a ſua: foraõ os meyos Cartas. Aſſi ſe começaraõ a entender entre ſy eſtes dous Anjos da terra, communicando materias do Ceo, que ſe reſolveraõ em affervorados dezejos de ſervir a Deos, ſanctos, e firmes propoſitos de naõ quererem nada do mundo. Choravaõ tambem os montes de difficuldades, que cada huma via levantadas contra ſy. Ambas muito moças, e em poder de pays: e pays de tanta qualidade, que ſe repreſentavaõ impoſſivel fazer couſa contra ſeu goſto. Mas naõ deixe ninguem por medos do mundo de agaſalhar ſanctos penſamentos, e eſperar bons partos delles: por-

que quem dá os principios, terá cuidado dos fins. Aſſi aconteceo a Dona Leonor, quando o cuidava menos: porque ſucedeo matarem os Mouros ao Conde ſeu Pay em Africa, e ficar ella com inteira liberdade pera executar o que pretendia: e por rezaõ da tamanha adverſidade, tratar com mais vontade de ſe deſenganar das falſidades, e mentiras do mundo. Ceſſaraõ diſcurſos, começou a entender em obras. Nos principios inclinouſe á Ordem de S. Franciſco, e tratava de hum dos dous Moſteiros: Sancta Clara de Lisboa, ou de Coimbra; mas eſtava guardado eſte bem pera outra parte. Chegou às orelhas da Princeſa, que ſe abalava muita gente nobre pera entrar no moſteiro do Bom Jeſu de Aveiro, com ſer Moſteiro pobre, e moderno: ſoube que ſem falta ſe hiaõ pera elle Dona Catherina da Sylva, e Dona Brites de Noronha, filhas do Conde de Abrantes: Dona Clara da Sylva irmam do meſmo Conde: Dona Violante de Souſa filha do grande Ruy de Souſa: Dona Leonor de Atayde filha do Conde Dom Joaõ de Vaſconcellos: Dona Maria Pereira filha do Conde da Feira, e ſobrinha de Dona Mecia Pereira, de quem atraz eſcrevemos: Dona Leonor de Berredo Condeſſa da Feira por caſar com Ruy Pereira, primeiro Conde da Feira: Dona Catherina da Sylva ſobrinha de Dona Leonor, de que vamos fallando: Dona Joanna da Sylva filha do Conde de Penella Dom Affonſo de Vaſconcellos: Dona Maria de Menezes filha de Dona Joanna de Caſtro Condeſſa de Monſancto. Eſpantouſe a Princeſa, pareceolhe novidade grande; mas entendendo, que naõ podia ſem grande fundamento o abalo de tantos animos juntos, avizou de tudo a ſua amiga pera que procuraſſe ſaber, que myſterios havia neſte Moſteiro, que aſſi tirava pollas gentes. Naõ foy ella vagaroſa na diligencia: e deparoulhe Deos em Lisboa o Vigairo geral dos Obſervantes, que era neſte tempo o Padre Fr. Antaõ de Sancta Maria. Fallou com elle, e tal foy a informaçaõ do Moſteiro, e de quem o governava, que do ponto, que a teve, fez conta de naõ veſtir outro habito, ſenaõ o de S. Domingos, nem em outra caſa, ſenaõ na de Aveiro. Seguiraõ obras a reſoluçaõ: declarouſe com ſua mãy, e com o Conde Dom Henrique ſeu irmaõ; e por remate pediolhe ſua bençaõ pera ſe hir pera Aveiro: mas achouos taõ longe de lhe dar a licença, que lhe affirmaraõ naõ podiaõ faltar ao concerto, e contracto, que tinhaõ feito com o Duque de Bragança Dom Fernando, de lha darem por mulher: e ſó eſperavaõ virem de Africa Dom Joaõ de Menezes, e de Roma Dom Garcia Biſpo de Evora ſeus irmãos pera celebrarem as vodas. Naõ perdeo o animo a valeroſa Eſpoſa de Chriſto: antes cobrando forças da contrariedade, determinou tomar por ſy, ſe foſſe neceſſario, a licença, que ſe lhe negava, antes que ſe juntaſſem taõ poderoſos adverſarios. Mas primeiro quiz provar o poder de ſuas lagrimas com a Condeça ſua mãy. Tantas chorou, tantas inſtancias lhe fez com rogos, e meiguices, que em fim a rendeo; e ſe puzeraõ ambas a caminho pera Aveiro. Viſitou Dona

na Leonor a Princeſa ao tempo da partida, e deixoua cheya de taõ conhecidas, e publicas invejas de ver, que lhe levava a dianteira, que deſde eſta hora ficou entre a gente do Paço aſſentado, que naõ tardaria em fazer outro tanto, por mais arteficios, que por outras vias fazia pera ſe encobrir. Achouſe o Vigairo geral em Aveiro à ſua chegada, foy preſente ao tomar dos votos, e aos contratos; e deſpois ao lançar do habito, que foy por maõ da Madre Brites Leytoa Prioreſſa aos 1471. 6. de Dezembro de 1471.

Bem digna he de ſe contar eſta fugida do mundo entre as muy celebres dos Sanctos antigos: raro deſprezo das grandezas do mundo! admiravel conſtancia, e igual execuçaõ! Trouxe a Noviça pera o Moſteiro hum grande emprego de livros, e de retabolos, de paramentos pera a Igreja, e ornamentos pera os altares: e ficou taõ contente de ſe ver entre aquellas humildes Religioſas, e veſtida no ſeu burel, que contava eſte dia pollo melhor de ſua vida: aſſi naõ he rezaõ diſpender palavras na promptidaõ, e goſto com que ſe applicava a tudo o que lhes via fazer. Todas vencia na vontade, e igualava na obra. Fez ſua profiſſaõ com novo alvoroço no dia da immaculada Conceiçaõ da Virgem glorioſa do Anno ſeguinte, e daqui em diante foy creſcendo tanto em todas as virtudes, que dezejando a Prioreſſa quatro annos adiante criar officio de Suprioreſſa, por parecer neceſſario, reſpeito de eſtar muito creſcida a Communidade, todas puzeraõ nella os olhos, e com ſer muito moça lhe deraõ os ſeus votos; e foy a primeira, que eſte cargo teve: nelle procedeo com muita prudencia, humildade, e religiaõ: e aſſi quando deſpois no Anno de 1480. tiveraõ recado de ſer fallecida em 1480. Abrantes a Madre Sor Brites Leytoa, Fundadora, e primeira Prelada ſua, a ella puzeraõ em ſeu lugar com toda a mayor conformidade, que podia ſer. E foraõ eleyçoens ambas bem acertadas; porque nellas, e no officio de Vigaira in capite, que já ſervia por auzencia da Prioreſſa, foy ſeu particular cuidado moſtrarſe verdadeira filha de S. Domingos. Juntava, como elle, ao governo brando, e amoroſo, perpetuo rigor conſigo, muito trabalho, muita diligencia em acudir ao temporal, e eſpiritual: mas naõ eraõ as forças iguais ao eſpiritu. Veyo a cahir em huma trabalhoza doença, que parou em manifeſta etiguidade. Vendoſe morta pera poder exercitar o cargo de Prelada, e viva pera o martyrio de huma morte lenta, que a hia conſumindo; porque naõ ouveſſe no bom governo de caſa falta, pedio abſolviçaõ do officio, que lhe foy concedida por Mayo de 1482. e dous annos deſpois por Novembro de 1484. foy gozar dos premios eternos. Trouxe eſta Madre conſigo pera a Religiaõ oitenta mil reis de tença em vida. Eſtes, como eraõ da Coroa, pedio a Princeſa a elRey, que por memoria de taõ honrado ſujeito ficaſſem de juro ao Moſteiro; e lhe foraõ concedidos.

CAPI-

CAPITULO XV.

Da Madre Dona Maria de Atayde terceira Prioreſſa deſte Moſteiro.

DA Madre Dona Maria de Atayde podemos dizer, que naſceo na religiaõ ; porque ſendo de quatro annos a mandou ſua mãy ao moſteiro de Sancta Clara de Villa do Conde, com occaſiaõ de ſer Abbadeça nelle huma tya ſua , e do ſeu nome. Mas tanto que edificou em Aveiro o ſeu Recolhimento, logo a chamou pera ſy , e a tornou a ſua criaçaõ , que ſendo taõ auſtera, como fica dito, podemos eſcuſar repetir os termos com que ſe havia nella quem era filha, e irmam de peſſoas taõ calificadas em virtude. Com tudo , porque naõ faltaráõ juizos agudos, que argumentem dos erros da natureza, que muitas vezes de boas arvores produz fruitos pedrados , e bichoſos : he de ſaber , que foy ſua vida taõ pura , e de tal exemplo , e zelo da Religiaõ , que na hora , que a Madre Dona Leonor ſe abſolveo , foy eleyta por ſua ſucceſſora com todos os votos , em idade de trinta , e tres annos , e perſeverou no cargo quarenta , e tres com grande ſatisfaçaõ da Communidade, e dos Prelados , que naõ pode ſer mayor argumento de virtude, e prudencia : inda que naõ faltaraõ particulares occaſioens outras , que deſcobriraõ nella eſtas , e mais partes de grande valor. Succedeo mandarem os Prelados , que ſe comeſſe no Moſteiro carne tres dias da ſemana , obrigados de haver nelle doenças continuas , e fallecerem muitas Religioſas. O que inda que ſe entendia ſer cauſado das aſperezas demaziadas da vida que faziaõ , tambem ſe podia attribuir à continuaçaõ do peixe ſempre , danoſo a compreiçoens delicadas , e à natureza das mulheres. Foy admiravel a contradiçaõ , que toda a Communidade fez a tal ley ; e reſiſtoa conſtantiſſimamente a Prioreſſa com todos os meyos que pode , e ſoube. E em fim , quando vio , que lhe naõ valiaõ forças , naõ na admittio com menos lagrimas , que ſe vira huma ruina na Religiaõ. Deſpois de admittida , foy couſa averiguada , e certa , que faziaõ aquellas Madres em geral mais abſtinencia nos dias de carne , que quando comiaõ peixe : porque as mais tomavaõ da taboa ſua pitança por cerimonia , e ſem lhe tocarem a mandavaõ aos pobres , e ficavaõ comendo paõ , e agoa.

Taõ acreditada eſtava eſta Caſa no Reyno com o governo preſente de Dona Maria de Atayde , que foraõ em ſeu tempo chamadas por muitas vezes religioſas della , hora pera Fundadoras , hora pera reformadoras de outras Caſas , como veremos pollo diſcurſo da Hiſtoria , e agora diremos de algumas. No Anno de 1490. foraõ ſinco à Cidade de Leyria dar principio ao Moſteiro de Sancta Anna. Os nomes diremos chegando a eſcrever ſua fundaçaõ. He de conſiderar , que no Breve , que o Papa Alexandre Sexto lhe mandou paſſar pera hirem eſtas Madres , quando falla na Caſa de Aveiro , donde havia de ſahir , lhe dá nome de Jeruſalem. Tal

fama

fama tinha dentro em Roma.

1513. No Anno de 1513. quando ſe tratava de acabar de extinguir os coſtumes velhos da Clauſtra, no noſſo Moſteiro de Santarem, que chamaõ das Donas, mandaraõ os Prelados a elle ſeis Religioſas deſte, que foraõ Dona Mecia Pereira, Dona Franciſca de Caſtro, Dona Cecilia de Menezes, Iſabel da Fonſeca, Leanor Alvares, e Eyria Alvares: e deſtas foy lá eleyta em Prioreſſa Dona Mecia Pereira: e Eyria Alvares deu em grandes extremos de ſanctidade; como ſe contém na primeira Parte deſta Chronica, na relaçaõ daquella Caſa.

Outras ſeis mandou elRey Dom Manoel, que vieſſem a Liſboa, pera fundarem o Moſteiro da Annunciada, como ſe verá adiante, quando chegarmos aos annos em que começou. Grande honra deſta Caſa, e de quem trazia o leme della, andar tanto em ſeu ponto a perfeiçaõ da Obſervancia em diſcurſo de tantos annos, que foſſe Meſtra, e déſſe leys a todo o Reyno. Mas porque iſto naõ eſpante muito, diremos mais alguma couſa do eſpiritu deſta Madre Prelada. Era taõ zeloſa da guarda das Conſtituiçoens, e Regra, que pera vencer os apertados eſcrupulos, que tinha em materia de diſpenſaçoens, ainda em couſas muito neceſſarias, e ordinarias; que naõ deſcançou até haver pera ellas hum Breve do Summo Pontifice. E teve cuidado quem nos deixou eſta memoria, de fazer relaçaõ de humas palavras de quem lho negoceou em Roma, que daõ mais clara noticia da boa opiniaõ em que lá eſtava. Eſcrevialhe em companhia do Breve, e dizia aſſi em hum periodo.

COnheço ſer V. R. taõ timida nas couſas, que tocaõ à conſciencia, que em qualquer faz ponto. Vay a licença, que no tempo da neceſſidade, e indiſpoſiçaõ, V. R. poſſa diſpenſar com ellas, e aſſi conſigo meſmo de conſelho de Medico.

Deſentranhavaſe o Moſteiro por acudir aos outros, dando ſempre por credito, e honra delle o melhor que tinha: porem a provida Prelada, julgando que viria a redundar em dano proprio, ſervir com demaſia ao proveito alheyo, poz em conſelho ſerrar as portas à largueza com que os Prelados lhe deſpovoavaõ a caſa: e impetrou hum Breve de Roma com duas graças aſſaz importantes. Primeira, que ſem licença ſua particular, e votos da mayor parte da Communidade lhe naõ pudeſſem tirar nenhuma Religioſa, inda que foſſe chamada pera fundadora, ou reformadora. Segunda, que da meſma maneira naõ foſſe conſtrangida a recolher conſigo nenhuma Freira doutro Moſteiro. Entre eſtas graças naõ ſe eſqueceo de procurar algumas de ſua particular conſolaçaõ. Era muito devota do noſſo Sancto Portuguez Sancto Antonio: e a eſſa conta fazia muita charidade aos

ſeus

ſeus Capuchos, que neſta Villa tem caſa. Alcançou Breve do Papa Julio Segundo pera rezar delle neſta caſa totum duplex: e foy iſto muitos annos antes que na Provincia ſe rezaſſe delle ſub duplici. A meſma graça impetrou pera as feſtas da Coroa de Chriſto, e Degolaçaõ do Bautiſta.

1525. Entrado o Anno de 1525. achavaſe a Madre envelhecida, e cançada dos trabalhos da vida, e tambem do governo, e a idade era já taõ creſcida, como de quem naſcera no Anno de 1449. Deuſe por vencida a força, e robuſteza natural, que todavia era grande, acudindolhe huma forte doença: mas com ſer tal, nunca lhe pode diminuir o vigor do juizo; até a ultima hora o conſervou inteiro. E foy bom indicio, que acontecendo enfraquecer hum dia muito notavelmente, e tratando a Suprioreſſa, que ſe juntaſſe a Communidade pera o officio da agonia, acudio a enferma com gravidade, e ſegurança de quando mais ſam eſtava, e diſſe, que naõ era tempo: quando o foſſe aviſaria. E como ſe em ſua maõ tivera as horas da vida, aſſi paſſadas algumas, chamou, e advertio, que começaſſem o officio; e no meyo delle rendeo o eſpiritu: quando amanheceo acudiraõ do Moſteiro dos Capuchos a perguntar pollo eſtado da Prioreſſa, que ſabiaõ eſtava enferma, e lhe dezejavaõ ſaude, como a bemfeitora, e devota ſua: quando ouviraõ, que era fallecida, tornaraõſe depreſſa a caſa, e o Guardiaõ fez ſaber às Madres, que na meſma hora, que diziaõ entrara em paſſamento, fora ouvida por todos os ſeus Frades huma Ladainha ſuaviſſimamente cantada, e reſpondida com ora pro ea; ſem poderem atinar onde ſeria; e por eſſa rezaõ ſe movera a mandar perguntar em que eſtado eſtava a bemdita Prioreſſa. Piadoſamente podemos crer, e aſſi o julgavaõ aquelles Religioſos, que os Sanctos de ſua Ordem lhes quizeraõ moſtrar em tal muſica hum final de agradecimento das muitas charidades, que a defuncta lhes fazia.

CAPITULO XVI.

Das Madres Sor Iſabel Luis, e Sor Violante Nunes.

A Madre Sor Iſabel Luis foy das primeiras companheiras, que a Fundadora Brites Leytoa admittio, tanto que ſe fez moradora de Aveiro. Fallecera ſua mãy, deixandoa de muito pouca idade: e o pay dezejoſo de dar a Deos o que lhe ficava de vida, tomara o habito da noſſa Ordem. Continuando no eſtado ſancto, e conhecendo por experiencia, a ſuavidade do Maná, com que o Senhor apaſcenta ſeus amados na Religiaõ: Maná celeſtial, e ao mundo encuberto: dezejou pera a filha o meſmo bem, que poſſuhia. E ſem embargo, que tinha dote competente pera ſegundo ſeu eſtado poder caſar, e viver entre ſeus iguais: e na idade naõ paſſava de nove annos: procurou, que a Madre Brites Leytoa a levaſſe logo pera ſy, e ſeguiſſe ſuas piſadas. O que ſoube fazer com tanto cuidado, que ſendo nos trabalhos primeiros da caſa, que foraõ muitos, e grandes, era igual a força do eſpiritu com que os levava, e com que acu-

acudia aos voluntarios das vegias, jejuns, e penitencias, em que ſua grande Meſtra a inſtruhia, naõ ſó de palavra, mas com obras, e exemplo. Entrara Sor Iſabel minina, e em Moſteiro fechado pera todo trato do mundo: eſtava na ultima velhice, e naõ ſabia tratar, nem fallar mais, que de Deos, e com Deos. Aſſi quando no Anno de 1518. mandou elRey Dom Manoel, que foſſem religioſas deſta Caſa fundar a da Annunciada em Lisboa, a Prioreſſa Dona Maria, que entaõ era, deſpachou ſinco pera o effeito, deu mais Sor Iſabel, que foſſe como Mãy, e Meſtra de todas, porque ſe criaraõ juntas, e ſabia o que tinha nella.

Deſpois de muitos annos, que eſta Madre reſidio em Lisboa, dezejou acabar a vida entre as paredes, que ajudara levantar, e em que ſe criara: tornou pera Aveiro: e com quanto parecia eſtar já entaõ às portas da morte, porque paſſava muitos annos dos ſetenta, pera os exercicios da Religiaõ vivia taõ inteira, que ſe aventajava às mais vigoroſas, e que mais ſe eſmeravaõ nelles. Era ſua occupaçaõ nas horas, que lhe vagavaõ no choro, e oraçaõ, eſcrever livros de Canto pera a ſacriſtia, e ſabiao fazer por excellencia, porque ſendo moça a empregara o ſſin a Obediencia. Veyo em a deſatarſe da carne aquelle bom eſpiritu pollos an-
1542. nos do Senhor de 1542. tendo de idade mais de noventa, ſem mais doença, que a de tanta velhice, que por ſy o era baſtante. Cahio em cama ſem febre, nem frio pera ſe entregar à morte, que ſentia vezinha. Hum dia, acompanhandoa muitas religioſas, deulhe nas orelhas hum grande rumor, como de gado junto, e porcos, que grunhiaõ: ficando todas inquietas, e cheyas de medo, diſſelhes a boa velha, que naõ tiveſſem pavor, que eraõ artificios, e maldades do Demonio, que pretendia eſpantalla naquelle trance, que eſperava, taõ digno de ſer temido por ſy. Esforçou logo a voz, e diſſe com muita ſegurança: Andar dahy Proviſo, andar maligno: que em meu Senhor Jeſu Chriſto confio, que aſſi como Sam Martinho em ſemelhante paſſo a eſte affirmava, que naõ havias de achar nelle nada, em que fazer preſa; tambem em mym, pollos merecimentos de ſua ſacratiſſima Paixaõ, naõ acharás couſa, que me condene. Na hora que eſpirou, ſoou polla caſa huma ſuave melodia de orgãos bem tocados, que ſendo ouvida de todas, e como em hora de juſto ſentimento reprovada, mandou a Prelada, que foſſem correndo ao choro, e reprendeſſem o deſconcerto. Foraõ depreſſa, porque a muſica naõ ceſſava. Acharaõ o choro ſó, e a caixa dos orgãos fechada. Entaõ cahiraõ, que era obra, e maravilha do Ceo, que aſſi coſtuma receber as almas dos que bem ſervem ao Senhor delle; que ſe a hum peccador convertido ſabemos, que faz feſta, que ſeria a quem por tantas vias tinha merecido a Coroa. Falleceo em dia das onze mil Virgens, de que era particularmente devota.

Que diremos dilatarſe tanto o premio a eſta boa Velha, e alcançallo como polla poſta huma moça, e taõ moça, que toda ſua vida naõ foy mais, que de vinte, e tres annos? Chama-

vaſe eſta Violante Nunes. Entrou na Religiaõ de pouca idade, pera ſe criar nella; era de ſua natureza ſimples, e nos coſtumes huma Pomba ſem fel, aprazivel com todas, e de todas amada. Do mundo naõ ſabia nada, e pera ſaber menos padecia continua perſeguiçaõ de doenças: quando eſtas lhe davaõ tregoas, ſua vida, e deſcanço era o choro, ou pera orar, ou pera ajudar nelle a Communidade com huma voz de Anjo, que tal a tinha; porque tudo diceſſe com ſua innocencia, e virtudes. Aos vinte dous annos de idade foy ſalteada de humas febres, que achando a natureza debil, deraõ com ella em tizica. Lançava muito ſangue polla boca, e hiaſſe mirrando, e conſumindo; mas reſiſtia ſuſtentada do vigor da mocidade: paſſados alguns mezes na enfermaria, onde era naõ ſó curada, mas ſervida com particular charidade, acordou hum dia de hum leve ſono, chamou por huma religioſa, e diſſelhe, que daquelle dia a ſinco primeiros ſeguintes, que era a feſta da Invençaõ da Sancta Cruz, havia de hir ver o bom Jeſu: e acreſcentou, que o meſmo Senhor lho prometera. Logo, como quem eſtava certa no que havia de ſer, pedio os Sacramentos com efficacia, e os recebeo com devaçaõ, ajudando a rezar os Pſalmos quando a ungiraõ, com voz taõ inteira, que ninguem ſe perſuadia, que teria effeito taõ depreſſa o que tinha dito: ſenaõ quando chegou a veſpara da Cruz anoitecendo, começa a boa enferma a deſpregar a lingua em louvores divinos com huma corrente de razoens celeſtiaes taõ altas, que naõ parecia menos, que Agoſtinho, ou Chryſoſtomo. Paſmava a Communidade, e em particular as que a coſtumavaõ tratar, que ſabiaõ de ſua ſimplicidade, e do pouco conhecimento, que tinha das couſas: eſtavaõ atonitas da ſoberania dos conceitos, e concerto das palavras; e naõ ſabiaõ que cuidar, ſenaõ que os Anjos lhe moviaõ a lingua, e era já doutrina ſua inſpirada áquelle eſpiritu, que brevemente haviaõ de ter entre ſy. Deſpois de ter dito muito, pedio que a deixaſſem, que queria ver ſe podia repouſar hum pouco: pareceo couſa de graça querer dormir, quem tinha a morte aprazada pera o dia ſeguinte: e ouve algumas, que fingindo hirſe, ficaraõ com curioſidade eſpreitando por detraz das cortinas o que fazia: e viraõ, que deſpois de rezar algumas devaçoens, que coſtumava, quando ſe recolhia de noite, todavia encoſtou a cabeça com a mayor quietaçaõ, e deſcuido que ſohia, quando ſam: mas a pouco eſpaço eſpertou ſobreſaltada, e queixoſa. E parecendo às enfermeiras, que ſeria mal de coraçaõ, que a miude a tomava, apercebiaõ epitimas pera lhe applicarem, mas ella afadigada, repetia muitas vezes o Verſo: *Maria Mater gratiæ, &c.* e dava de maõ aos remedios. Perguntaraõlhe entaõ, que ſentia; reſpondeo ſingellamente, palavras formais: Aquella Beſta féra vinhaſe a my; mas eu fizvola fugir com *Maria Mater gratiæ, &c.* Quizeraõ todavia porlhe as epitimas, e ella lançandoas fóra por ſua maõ, Tirai lá, dizia, eſtas miſerias, que já naõ tenho dellas neceſſidade, nem de

ne-

nenhuma couſa deſſe enganoſo mundo. O que ſó quero, e dezejo, he verme já com meu Senhor Jeſu Chriſto: e em toda a noite naõ quiz levar nenhuma ſuſtancia, nem outra couſa das com que nos dias atraz a hiaõ alimentando: e ſó repetia ſuſpirando, que naõ queria mais, nem havia miſter mais, que ver chegada ſua hora, e cumprida a promeſſa, que tinha do bom Jeſu. Eſpantava eſta conſtancia a todas; mas muito mais de huma nova extraordinaria fermoſura, que ſeu roſto repreſentava. Até o dia atraz verde, como ervas, e ſeco, como de huma notomia; agora groſſo, cheyo, e acompanhado de duas roſas encarnadas nas faces. Sem duvida parecia, que reverberavaõ já naquelle geſto os rayos do Divino Sol, porque tanto ſuſpirava, e que no fervor, e ſanctidade de ſuas palavras ſe enxergavaõ. Eſtas tornou a continuar com huma eſtranha eloquencia, e eſpirituada pronunciaçaõ: e onde os que aſſi acabaõ, ſe ſujeitaõ aos aviſos, e conſolaçoens dos aſſiſtentes, ella ſem dar lugar a que as religioſas a animaſſem, fez eſte officio conſigo, como ſenaõ fora a que morria, e eſtivera com perfeita ſaude; e nelle perſeverou até o praſo, que lhe devia ſer dado: que foy às ſinco da manham. Entaõ eſpirou abraçada com hum Crucifixo, e repetindo o Verſo: *In manus tuas Domine, &c.* Notouſe, que até a hora, que a deraõ à terra, que foy no meſmo dia, por eſtar o tempo calmoſo, naõ trocou ſeu roſto as roſas, e parecer, que diſſemos: nem as madres perderaõ em muitos annos da memoria a doutrina, e ſanctas amoeſtaçoens, que lhe ouviraõ.

CAPITULO XVII.

Das Madres Sor Iſabel Rodrigues, Sor Catherina Gomez, Sor Catherina Gonçalves, Sor Maria Juſarte, Sor Catherina da Cunha, e Sor Britez de Menezes.

TEmos na Madre Sor Iſabel Rodrigues huma vida ſancta, rematada com huma cruel, e trabalhoſa morte. Aqui cabe pera advertencia dos que vivemos com frouxidaõ, e deſcuido o dito do Redemptor: *Si ſic in viridi ligno, quid fiet in arido?* Se aſſi ſe trata quem em virtudes era huma arvore verde, e florida, que ſe fará a quem for madeiro ſeco de todo bem? Era muito devota da Paixaõ, e das dores que o Senhor padeceo na Cruz. Hum dia de Ramos, em que a Igreja começa a celebrallas com a liçaõ da paixaõ de S. Mattheus, foy Deos ſervido, que ſe viſſe ſalteada de tantas, e taõ apertadas dores por todos os membros, e principalmente do eſtamago, onde qualquer ſe faz mais ſentir, que o medico deu a doença por mortal: e ſendo tal a afflicçaõ, que paſſava, que naõ tinha momento de alivio, creſceo com a ventagem à terça feira, na hora da ſegunda paixaõ: e quando veyo à quarta, naõ havia já ſenaõ perder o juizo: porque as ancias, as vaſcas, e martyrios eraõ taõ fóra de medida, que arremetia a ſe lançar fóra do leito, e ſem ſaber, que conſelho tomar, troſia as mãos, e arrebentava em queixas, dizendo: Ah Senhor, porque a my mais, e taõ de ſubito?

to? E logo parecendolhe genero de impaciencia, tornava ſobre ſy arrependida, e magoada, e dizia com ſentimento, e as mãos ao Ceo alevantadas: Meu Senhor cumpraſſe em my voſſa ſancta vontade, façaſe em my tudo o que voſſo ſancto ſerviço for. Mas o Senhor queria provar em mais ſua ſerva: e aconteceo, que olhando pera os pés do leyto vio tal fantaſma, que diſſe alto: Oh inimigo? E voltou pera as religioſas, pedindolhes, que a ajudaſſem com ſuas oraçoens. Paſſado pouco eſpaço, eſtendia os braços pera o meſmo lugar, fechava as mãos ambas com figas, e dizia: Agora me diz que ſou grande peccadora: e eu madres bem ſey, que o ſou, mas tambem ſey, que a miſericordia de Deos he mayor que todos os peccados do mundo juntos: e conheço, que naõ me hey de ſalvar por quem ſou, quando bem fora a que devia, ſenaõ pollos merecimentos, que meu Senhor Jeſu Chriſto me ganhou com ſeu ſangue, e morte precioſa. Iſto repetia muitas vezes, e abraçandoſe com huma Cruz, pedia a Deos, que a ſalvaſſe, e aſſi eſpirou. Como ſaõ varios os caminhos, por que Deos leva ſeus eſcolhidos: e tudo, o que de ſua Divina Maõ nos vem, he pera mais bem noſſo, ou na vida prezente, ou na futura, que eſperamos: nem nos devem fazer medo as carrancas dos trabalhos, nem alegrarnos demaſiado os mimos, e favores. No que padeceres verás como es amada, diſſe Deos a huma boa alma de noſſos tempos. E as primeiras novas, que manda dar a hum Paulo deſpois de convertido, ſaõ do muito que lhe convinha padecer pollo nome de quem o convertera. E elle dizia. *Libenter gloriabor in infirmitatibus meis*, como ſe diſſera. Se o mimo, que ſe faz aos ſoldados valentes, he quando ſeu Capitaõ fia delles o mór perigo; porque me naõ alegrarei, e jactarei eu do mal, que o Senhor quer, que eu padeça? Contámos de huma attribulada em corpo, e eſpiritu: digamos agora de algumas, cuja vida foy nadar em favores divinos, e até na morte acharem particular benignidade no Senhor: trazendoas em todo tempo, como a filhinhas pequeninas, e enfermas, em ſeus braços, e entre os peitos de ſua Divina miſericordia: por naõ faltar no que diſſe pollo Profeta: *Ad vbera portabimini.* Act. Ap.

P. 1. deſta Chron.

Saõ primeiras duas Catherinas: huma Gomez, e outra Gonçalves: gente conforme aos nomes pouco conhecida na terra; mas muito no Ceo. Da primeira ſe eſcreve, que era cega de naſcimento: porém via tanto com os olhos d'alma, que era hum extremo de virtudes. Particularmente tinha tanto ponto em acudir ao choro, e aſſiſtir com a Communidade a todas as horas, que ſe deſconſolava muito, ſe entendia, ou ſabia, que ſe lhe anticipara alguma religioſa, deſpois que o ſino dava ſegundo aviſo. Começoulhe a inchar hum peito: ouve certeza de ſer Cancro; trataraõ de a curar: naõ ouve quem acabaſſe com ella, que conſentiſſe em tal. Reſpondia, que ſeu Pay teria cuidado de lhe dar ſaude. Chamava pay a hum devoto Crucifixo que tinha: eſte abraçava conſigo, e punhao ſobre o peito muitas vezes; e emfim, ſem outro

reme-

remedio, deſappareceo a inchaçaõ, e todo mal. Quando muitos annos deſpois veyo a fallecer de huma doença ordinaria, deſda hora, que recebeo os Sacramentos, até que acabou, aſſiſtio ſempre junto de ſeu leyto huma Pombinha, ſem ſe apartar delle, ſenaõ quando a levaraõ à ſepultura; porque entaõ foy caminhando, como a paſſos contados diante da Communidade, e chegando ao lugar da cova ſaltou ſobre huma trave da varanda, onde eſteve, como aſſiſtente do officio da ſepultura; e tanto que foy acabado, e as Freiras recolhidas, deſappareceo ſem mais ſer viſta.

Quaſi o meſmo aconteceo à ſegunda Catherina para ſe conformarem ambas nos ſucceſſos, como nos nomes. Paſſara longos annos na Religiaõ com grande paz, e ſoſſego d'alma, huma vida em que ninguem notava culpa, quando veyo a deixar o deſpojo mortal: tres dias antes de ſer ſepultada, appareceo defronte della huma Pomba, e naõ largou o poſto até que deu a alma ao Creador. Puzeraõ as Madres antigas em memoria eſtes tranſitos: porque podendo ſer couſa accidental o caſo das Pombas, com tudo, viſta a conjunçaõ, e circunſtancias referidas do tempo em que vieraõ, e aſſiſtiraõ, naõ havendo em caſa criaçaõ de Pombas, nem pombais, e junto tudo com a qualidade das defuntas, pareceo que naõ careciaõ de myſterio.

Por differente via quiz o Senhor dar ſinal do muito, que ſe agradava da innocencia, e bondade, que outras duas religioſas deſte Moſteiro conſervaraõ em huma grande temporada de annos, que viveraõ. Adoecendo a primeira (era ſeu nome Sor Catherina da Cunha) vioſe alguns dias antes de ſeu tranſito huma fermoſa luz no tecto da caſa em que ſe curava, que nenhuma differença fazia das Eſtrellas mais luminozas do Firmamento. Pareceo a quem primeiro a notou, que naõ era outra couſa, e que no tecto haveria alguma abertura, que deſſe viſta do Ceo: querendoſe ſatisfazer, ficou mais enleada; porque buſcou o Ceo, e achouo todo eſcuro, e toldado: e tornando pera a doente, a eſtrella naõ faltava onde primeiro. Aſſi averiguaraõ, que tinha ſeu aſſento das telhas abaixo; e no meſmo tecto, que cubria a enferma: e logo ſe deixou entender, que à ſua conta luzia, porque perdeo a luz, e deſappareceo na hora, que a enferma perdeo tambem a luz de ſua vida.

Iſto meſmo ſem nenhuma differença foy viſto por todo eſte Moſteiro na morte da Madre Sor Maria Juſarte. Era igual em virtudes, e no exercicio dellas, em longo diſcurſo de annos. Naõ quiz o Senhor differençallas na honra aos olhos do mundo pera exemplo noſſo, e gloria ſua, quando chegava a hora do mais alto premio.

Sem prodigios do Ceo, moſtrou o meſmo Senhor em outra ſerva ſua, que ſempre eſtá perto, como o diz o Pſalmiſta, de todos aquelles, que com elle tem juſtos, e ſanctos requerimentos. A Madre Dona Britez de Noronha, era irmam de Dom Leaõ de Noronha, que por ſuas raras virtudes foy neſte Reyno muy conhecido, e por Padroei- Pſ.

ro

ro do noſſo Moſteiro do Salvador de Lisboa. Eſta Madre fazia extremos de devaçaõ com huma Imagem de Chriſto à Columna, que as madres tem dentro. He a Imagem pequena, mas naquelle tamanho repreſenta com perfeiçaõ tudo o que em tal paſſo póde mover as almas a ſentimento, e magoa: o roſto cahido, e mal tratado, as cores perdidas, os olhos piſados, o cabello revolto de arrepelado, as carnes parte aſperamente abertas dos açoutes, parte aſſineladas de vergões negros. Viſitavao a toda hora, que tinha de ſeu: chamavalhe ſempre com termo ſentido, e mavioſo, o ſeu doentinho, como quem na alma ſe dohia do que alli via repreſentado; e paſſava tanto adiante neſte affecto, que pera tomar parte nas dores do bom Senhor, jejuava a paõ, e agoa a ſua quarentena da Columna, que os devotos fazem de dia de Reys até o de S. Valentim: e pera fugir vamgloria, ſabiaſe tam bem fingir, no refeitorio, que nem as Freiras mais vezinhas deraõ fé em muitos annos de ſua abſtinencia. Deſta Madre ſe ſabia, e era publico na caſa, que pedia ſempre a Deos, que a naõ levaſſe de doença prolongada: e era a rezaõ, naõ por ſe forrar do trabalho, que os males compridos daõ a quem com elles ſe alarga a vida: mas porque de ſua condiçaõ era taõ branda, que ſentia ſer penoſa a qualquer peſſoa, quanto mais a huma Communidade inteira. Chegou hum dia de S. Valentim, que coſtumava feſtejar por cabo de ſua quarentena, com confiſſaõ, e communhaõ. Ao entrar no confeſſionario foy ſalteada de hum accidente taõ violento, e mortal, que lhe naõ deu mais tempo, que pera ſe confeſſar: e ſem poder receber o ſancto Viatico, ſe foy gozar delle no Ceo, com a preſſa, que lhe pedia, e dezejava.

CAPITULO XVIII.

Da Madre Sor Britez das Chagas, por outro nome Ferraz.

ESta Madre fez profiſſaõ nas maõs da Prioreſſa Dona Maria de Atayde no Anno de 1519. e tal foy o cuidado com que deſte dia em diante ſe ſoube applicar a todos os particulares de perfeita Obſervancia, que aos dez annos de profeſſa igualava em tudo às mais aproveitadas do Moſteiro; e por iſſo foy huma das que a obediencia eſcolheo pera hirem fundar o Moſteiro de S. Joaõ de Setuval, à peticaõ do ſenhor Dom Jorge Meſtre de Sanctiago. Paſſados tres annos, que alli reſidio, tornouſe para eſta Caſa, e foy eleyta em Prioreſſa na primeira occaſiaõ, que o tempo deu. Nenhuma couſa deſcobre mais pera quanto he huma peſſoa, que cargo de ſuperioridade, e independencia. Vida debaixo de obediencia, he luz encuberta, de que pouco ſe ſabe. Prelacia he luz ſobre caſtiçal, de todos julgaõ. Naõ ſe póde bem dizer, quanto valor foy deſcobrindo Sor Britez, tanto que eſteve no officio: e quanto adiantamento em todas as virtudes. Particularmente ſe conta, que reſplandecia nella huma entranhavel compaixaõ de gente affligida. Qualquer, que foſſe o trabalho, dezejava de ſe deſpen-

1519.

der

der toda, por remediar, por acudir, por ſoccorrer, e conſolar, trazendo diante dos olhos aquelle Senhor, que ſe deu por todos: e que chama bemaventurados òs miſericordioſos, e lhes promete, que alcançaràõ miſericordia. Entrou hum Anno de fome, padeciaſe muito na Villa, aſſi entre o povo, como em caſas mayores. Juntavaſe na portaria grande numero de pobres: a todos ſe dava eſmolla: e naõ ſe contentava com menos a Prioreſſa, que repartilla por ſua maõ, pollo goſto, que tinha de dar. Mas além deſta repartiçaõ publica, fazia outra em ſegredo por caſas honradas, que ſabia padecerem muito. E com os Padres de Sancto Antonio, que tem ſeu Convento na Villa, era a liberalidade dobrada, fazendo conſideraçaõ, que como a fome era geral, haviaõ de ſentir muita falta no ſeu petitorio do alforge. E notaraõſe neſta conjunçaõ duas couſas de grande gloria de Deos. Foy a primeira, que dando a Prioreſſa ſempre, e a toda hora, e ſem conta, nem ordem do meſmo paõ, que a refeitoreira recebia pera o provimento do jantar; e cea da Communidade, que ordinariamente ſe dá por conta de apouco mais, ſegundo o numero das bocas: e advertindo ſempre a Refeitoreira, que andaſſe com cuidado, e viſſe ſe ficava baſtante conta pera a Communidade, o que ſabidamente era impoſſivel, ſegundo o muito, que lhe paſſava pollas mãos, e deſpendia com os pobres: nunca a Refeitoreira contando o que ficava, que ſempre o contava, deixou de achar o que era neceſſario pera a meſa. A eſte creſcimento claramente miraculoſo, ſe ajuntava outra maravilha; e era, que todas as Religioſas em geral, em quanto durou a neceſſidade apertada da Villa, e a repartiçaõ charidoſa da Prioreſſa achavaõ huma notoria, e conhecida ventagem no paõ, que eſtes dias comiaõ, em viſta, e ſabor, ſem poderem atinar donde procedia a novidade: porque naõ acabavaõ de cahir na virtude, que lhe punha o Senhor dos Ceos, que delle participava em ſeus pobres: e eſta entenderaõ deſpois de paſſada a furia do trabalho, que ceſſou tambem a largueza das eſmollas, e tornou o paõ de caſa a ſer, e parecer o que era dantes, e no tempo da fartura. Mas entaõ obrava Deos outras miſericordias com ſua ſerva, que ſem ſaber donde, lhe entravaõ cada hora por caſa muitas cargas de trigo: e tudo era pouco em comparaçaõ dos caſos, que logo diremos.

Chegou hum dia à Roda huma pobre mulher em hora, que ſe achava a Prioreſſa nella. Pedio pollas Chagas de Chriſto hum pouco de azeite pera huma mezinha, quando a Prioreſſa ouvio a neceſſidade, e a interceſſaõ, que ſe lhe juntava, derreteraõſelhe as entranhas: quizera dar a caſa toda. Mas parece, que foy tentaçaõ do Ceo pera prova da charidade: porque havia poucas horas, que a procuradeira lhe diſſera, que era neceſſario mandar buſcar azeite fóra; porque o que tinha naõ baſtava pera a cea da Communidade, que era de peixe. Chamou com tudo a Madre, pediolhe que partiſſe do que havia com a pobre, porque naõ foſſe deſ-

deſconſolada. Mandou ella vir diante da Prelada o vazo em que o tinha, que era huma almotolia de folha de Frandes : e havendo nella couſa bem pouca ſatisfez a quem pedia , e a quem mandava, com lhe ficar nas mãos, quaſi vazia. E foy o caſo de notar, que a procuradeira quando hia lançando o azeite na vazilha da pobre, a affligiaſe, e hia perguntando por momentos à Prioreſſa ſe baſtava : e porque ella callava, chegou quaſi a lho dar todo; e por remate , como accuſando a liberidade , que julgava por indiſcreta. Agora, diſſe, eſtará V. R. contente , e na verdade aſſi foy : porque a Prioreſſa ficou taõ alegre , e confiada em Deos com aquella eſmolla, como a ſubdita deſconfiada , e ſentida , pollo que tocava a ſeu officio. Naõ tardou muito o ſignal da cea : e porque ella deſappareceo por naõ ſer preſente ao deffeito , a ſervidora , que a ajudava , começou a aparelhar o que convinha : e ſem ſaber o que era paſſado , lança maõ da almotolia , e começa a prover as ſalſeiras , maravilhas do poder Divino; naõ ſó ouve azeite pera a primeira , e ſegunda meza; mas averiguouſe , que ſervira pera muitos dias. Aqui temos o
Reg. lecyto da velha de Elias; e naõ he de eſpantar , que taõ poderoſo he hoje Deos , como entaõ, e muito mayores miſericordias uza de prezente com ſua Igreja em virtude do ſangue precioſo de Jeſu Chriſto ſeu Filho , que nella temos.

Andava o Senhor como em contendas de cortezia , e charidade com a boa Prioreſſa. Ella a dar de boa vontade iſſo pouco que podia ; e o Senhor a pagarlhe com aventagens. Grande , e ſoberano mimo , que acreſcentava a virtude : e aſcendia o amor. Eſtava huma tarde na Roda tomando hum recado , deſpois de cantadas completas no choro. Pediolhe hum pobre eſmolla , obrigandoa com as Chagas do Bom Jeſu. Acertou de ſer preſente a Procuradeira : mandoulhe , que o conſolaſſe , eſcuſouſe , affirmando , que os ſobejos tinha já dado na porta ; e de dinheiro naõ havia em ſeu poder , nem em toda a caſa , mais que tres modas de tres reis cada huma , que faziaõ nove reis. Tomoulhas a Prioreſſa , e com magoa de ſer taõ pouco , deuas ao pobre. Era junto da noite : naõ ſe tinha mudado da Roda. Eis que ſervia nas marinhas , e deixava vendido , e entregue hum pouco de ſal , e trazia o dinheiro , que logo lhe poz na Roda , com conta feita do que montava : recebeo a Prioreſſa o dinheiro ; e contandoo , achou de mais nove toſtoens. Chegaraõſe Freiras , mandou que o contaſſem de novo : conformando todas no creſcimento , chamou o criado , diſſelhe o que paſſava , e que levaſſe o que vinha de mais ; porque naõ queria dinheiro alheyo. Paſmado o homem ; porque ſabia , que trazia certo o que ſe montava no ſal , e naõ tinha de ſeu nenhum dinheiro , que ſe pudeſſe miſturar com o do Moſteiro. Deſpois que o contou , e recontou , e vio , que todavia creſciaõ os nove toſtoens , entregou tudo outra vez à Prioreſſa , dizendo , que eſtava ſeguro , e certo , que naõ trouxera ahy mais dinheiro , do que era a valia do ſal , que vendera , que pois creſcera entrando

no

no Moſteiro, no Moſteiro ficaſſe, que elle tambem naõ havia miſter, nem queria dinheiro aheyo. Naõ faltou quem notaſſe, que os nove reis, que a Prioreſſa mandara dar ao pobre, naõ havendo em caſa outro dinheiro, lhe pagara Deos logo a cento por hum, ſegundo ſua Divina promeſſa, dandolhe por nove reis, nove centos reis. E logo ſe vio o caſo confirmado com outro de mais eſpanto.

Nos primeiros tempos deſte Moſteiro, uzavaõ as Religioſas eſcapularios compridos de pano groſſo: foyſe trocando o coſtume, no que agora dura, e era já de todo acabado, quando a Madre Sor Britez entrou no cargo de Prioreſſa. Com tudo por honra da antiguidade, quando alguma Noviça profeſſava fazialhe a cerimonia com hum ſemelhante aos do tempo antigo, que a eſſe fim ſe guardava na cella das Prioreſſas. Succedeo hum dia pedirlhe hum pobre hum pedaço de pano pera ſe remendar, e fazer chegar ao anno os farrapos, que cobria. Como ardia em charidade, foy correndo à cella a buſcar que lhe dar. Revolvendo huma arca, encontrou com o Eſcapulario das profiſſoens: pareceolhe a propoſito pera remediar a neceſſidade; porque tambem naõ achava outra couſa: e ſem mais advertir, deſcoze huma das abas, dobraa, e metea na maõ do pobre. Paſſaraõ dias, offereceoſe huma profiſſaõ: pedio a Meſtra das Noviças hum eſcapulario, a quem tinha cargo da cella da Prioreſſa, que ficou em lembrança, era Sor Jeronyma de Caſtro. Naõ ſabia ella o que era paſſado, achou a aba dobrada, aſſi como a deixára a Prioreſſa, aſſi a entregou; e foy a graça, que o eſcapulario eſtava inteiro: e a Prioreſſa, que de ſuas mãos o lançou à profeſſa, naõ cahio na maravilha, ſenaõ algumas ſemanas deſpois, que tornou à arca, e a caſo o deſenvolveo, e achou inteiro: lembrando entaõ que por ſua maõ o deſcozera, e dera ametade ao pobre, entrou em colloquios de humildade, e conhecimento proprio com Deos, e naõ eraõ menos, que dous rios as lagrimas, que ſeus olhos brotavaõ, queixandoſe deſconſoladamente; porque aſſi honrava a quem taõ pouco merecia. Neſta conjunçaõ acertou de entrar Sor Jeronyma, e parecendolhe couſa de importancia, a que aſſi a affligia, fez inſtancia porque lhe communicaſſe o que era, e tanto a importunou, que em fim lhe confeſſou tudo, tomandolhe a palavra, que em ſua vida o naõ contaſſe a ninguem.

Eſta Madre viveo longos annos, e enfraquecendo a natureza, deulhe hum genero de parlezia na boca, e no entendimento nunca ouvido: perdeo a falla, e juntamente a memoria de tudo o que era lingoagem Portugueza, excepto eſtas duas ſyllabas; ſy, e naõ. Ficoulhe memoria, e pronunciaçaõ inteira, de tudo o que pertencia ao Officio Divino, e às couſas da Religiaõ, taõ eſpevitadamente rezava tudo o que huma Freira he obrigada no choro, e fóra delle, e no Refeitorio, como quando mais ſam eſtava. Aſſi muda pera tudo o mais da vida (grande, e boa ventura) cumpria com todas as obrigaçoens de Freira: e reſervoulhe a Miſericordia Divina o ſy, e o naõ pera ſe po-

der confeſſar, e ſer abſolta por perguntas. Parecia couſa impoſſivel ao juizo de muitos tal ſorte de infirmidade, que de meyas paraliticaſſe a lingoa, e a memoria. Quizeraõ humas madres provar huma couſa, e outra, rezando com ella: trocavaõ de propoſito huma Antifona, ou Pſalmo; e ella acudia logo com o Portuguez, que o mal lhe deixara livre: naõ, naõ, e juntamente com a Antifona, ou Pſalmo, que alli tinha ſeu lugar. O meſmo aconteceo hum dia ao Confeſſor: como lhe ouvio dizer com boa expreſſiva a confiſſaõ geral, que como parte do Officio Divino naõ perdera da memoria, fezlhe pergunta ſe cometera hum peccado grave, declarando a qualidade. Acudio ella logo com o ſeu, naõ, muitas vezes, e com efficacia repetido: e a poz o naõ ſeguiraõ os olhos com tal abundancia de lagrimas, que naõ havia couſa, que lhas enxugaſſe, como ſentindo poderſe cuidar della, pois era perguntada, que tal offença cometeſſe contra Deos.

Neſte eſtado tinha cuidado della huma ſervidora: dezejou agradecer o trabalho, e charidade com que lhe aſſiſtia. Poz em obra, porque a ſervidora naõ ſabia ler, enſinarlhe de cór as horas de Noſſa Senhora: tanto pode a continuaçaõ, e bom eſpiritu que lhas meteo na cabeça; e a poz as horas enſinoulhe tambem o Cantico grao, os Pſalmos penitenciais, e a Bençaõ da meza ſem poder nunca pronunciar huma ſó palavra em Portuguez. O meſmo ſe vio, quando Deos a quiz levar pera ſy no oficio da ſancta Unçaõ. Dizia toda a Communidade hum Verſo, e ella outro, tambem declarado, e em tal alta voz, que de todas era ouvida com eſpanto. Poucos dias antes do fim, moſtrou Deos a duas Religioſas diſtinctamente o lugar em que havia de ſer ſepultada, e com que honra; pera que vejamos o cuidado, que em vida, e morte, tem de quem o bem ſerve. Tinha a boa velha particular lugar no choro em que aſſiſtia aos Officios Divinos ſentada em huma pequena tripeſſa. Neſte ſitio viraõ ambas huma cova aberta, e multidaõ de gente junta, homens, e mulheres, que aſſiſtiaõ ao enterramento: do que muito ſe eſpantavaõ por ſer no choro, e naõ verem Frades. Aconteceo deſpois no dia, que falleceo, haver duvidas onde ſeria bem enterrarſe. Lembrou huma ſobrinha ſua, que lhe deſſem na morte o meſmo lugar, que muitos annos occupara em vida. Pareceo juſto, e aſſi ſe fez, cumprindoſe o que as Religioſas tinhaõ notado da cova, e da Freira morta. Faltava ſo concurſo do povo, que tambem eſte ficou entendido, mais, que viſto: porque, ſendo como era, notorio ſer a Madre devota com extremos das onze mil Virgens, e dos ſanctos dez mil Martyres, julgavaõ deſpois de relatada a viſaõ, que elles, e ellas lhe vieraõ ſolemnizar as exequias, juntando ao que ſabiaõ de ſua devaçaõ, huma extraordinaria melodia de canto, e vozes, que por toda a caſa foy ouvida na hora que eſpirou.

CAPI-

CAPITULO XIX.

Das Madres Sor Ines Pacifica, por outro nome Louſada; e Sor Guiomar Ferreira.

1533. POr Outubro do Anno de 1533. profeſſou a Madre Sor Ines Pacifica, taõ parecida com o nome na condiçaõ, que já mais de ſua boca ſe ouvio palavra de ira, ou pouco ſofrimento. Só conſigo naõ ſabia ter a paz, que guardava com outrem, fazendoſe guerra continua com duras penitencias. Jejuava a paõ, e agoa todas as quartas, e feſtas feiras do Anno; com o meſmo rigor levava toda a quarentena da Columna, que começa, como atraz fica dito, em dia de Reys, e acaba por Saõ Valentim. Quaſi todas as noites tomava diſciplinas, e eſtas eraõ tays, que a caſa fazia publico de dia o que della ſe fiava por ſegredo no alto ſilencio da noite: amanhecia alagada em ſangue. He grande companheira da penitencia a oraçaõ: davalhe muitas horas, e com muito fervor, e via nella grandes couſas. Hum dia ſe lhe repreſentaraõ algumas Freiras defunctas, que conhecera vivas: e vio, que alegre, e airoſamente teciaõ entre ſy huma gracioſa dança, e hiaõ tirando pera ella outras, que conhecia no Moſteiro, e de preſente viviaõ com boa ſaude, e forças; e ultimamente vio, que tambem a convidavaõ, e dandoſe as mãos dançavaõ todas. Naõ cahindo por entaõ no que ſignificava a viſaõ, o tempo lha foy declarando: porque notou, que foraõ morrendo todas as que vio tirar pera a dança: huma a poz outra, polla meſma ordem, com que as vira entrar nella. Donde ficou entendendo, que era aviſo do Ceo, pera ſe aparelhar: e fazendo conta, que naõ eſtava ſua hora longe; porque ſe ajuntava eſtar muito adiante nos annos: foyſe a Enfermaria, e pedio a quem a tinha a cargo, que lhe deixaſſe concertar hum leyto, porque logo ſe queria pera elle paſſar. Acudiraõ as amigas, reprenderaõna de ſe querer agourar mal quando andava ſam, e bem. Mas ella ſem dar por nada, compoz o leyto por ſuas mãos: e logo no dia ſeguinte foy demandar a Prioreſſa, que era a Madre Sor Jeronyma de Caſtro, e achando no locutorio occupada com huns ſeculares, diſſelhe todavia, que tinha couſa de importancia, que lhe communicar, e que cumpria brevidade. A Prioreſſa, ou que tiveſſe por mais importante o negocio, em que eſtava; ou julgando por effeitos de velhice a preſſa, que lhe dava, reſpondeo, que levantandoſe dalli, a ouviria: e ella deſpedindoſe, replicou deſconſoladamente, que por ventura naõ haveria deſpois tempo. E como quem ſabia, que naõ tinha vida pera chegar às horas da collaçaõ da Communidade, pedio licença à Prioreſſa pera hir tomar a ſua, e dalla a hum pobre: e diſſelhe ultimamente, que mandaſſe ter advertencia, que no ſeu leyto deixava ſobre hum eſcabello habito, eſcapulario, e véo, com tudo o mais, que pera huma mortalha era neceſſario. Chegou ao Refeitorio, tomou ſua pobre pitança: caminhava pera a roda: eis que cahe ſubitamente, tomada de taõ forte accidente,

e tal, que dalli foy levada em braços pera a Enfermaria, e lançada no meſmo leyto, que por ſua maõ, e pera ſy concertara. Eraõ horas, que a Prioreſſa eſtava inda no locutorio. Deraõlhe recado depreſſa; mas cumprioſe o que a ſancta velha tinha dito: porque nem teve lugar de a ouvir, como convinha, nem ouve mais tempo, que pera lhe miniſtrarem os Sacramentos. Aſſi acabou no leyto, que eſcolheo, e foy amortalhada no fato, que tinha preſtes, que ſe achou na forma que tinha advertido.

Succedeo paſſados poucos dias a huma Religioſa de authoridade, e credito, que acordando de noite, ſentio fallar no leyto da Prioreſſa, que lhe ficava defronte; e eſpantada por huma parte de que naõ ſentira paſſar ninguem pollo dormitorio; e por outra de que a falla lhe parecia taõ ſemelhante com a de Sor Ines, que ſe naõ ſoubera ſer morta, a dera por ſua: quando foy manham deu conta à Prelada do que ouvira, e pediolhe quizeſſe tiralla daquella duvida. Vendo ella ſinais conhecidos, e em tal peſſoa, confeſſoulhe, que naquella hora lhe apparecera a defuncta: e ſem embargo, que naõ recebera muito pavor, com tudo lhe dera as coſtas, virandoſe pera a parede: e aſſi ouvira della algumas couſas, que tocavaõ ao Convento: e pera confirmaçaõ lhe diſſera outras, que affirmava ſuccederiaõ pollo tempo adiante. Tal foy eſta Madre, que nem deſpois de morta quiz faltar no que devia ao bem de ſua Communidade: e o que naõ pode fazer em vida, alcançou de Deos fazello deſpois. E aſſi ficou em lembrança, que as couſas, que advertira à Prioreſſa foraõ de muita importancia: e as que revelara que haviaõ de ſucceder tiveraõ pontual cumprimento.

A Madre Sor Guiomar Ferreira foy natural deſta Villa, e dos melhores della. No dia, que profeſſou, cerrou contas com tudo o que no mundo tinha; com tanta reſoluçaõ, que nenhuma amizade, nem converſaçaõ tinha, nem trato admittio mais de peſſoa viva das portas a fóra. E he couſa averiguada, que ſó com huma irmã ſua a puras importunaçoens fallou algumas vezes, mais por obra de miſericordia pera a conſolar em trabalhos, que padecia, que por goſto ſeu. Era taõ dada à oraçaõ, e contemplaçaõ, que nenhum goſto tinha mayor, que aſſiſtir, dia, e noite no choro. Ajuntavalhe graviſſimos rigores de penitencias, muitos jejuns de paõ, e agoa, aſperos cilicios, e diſciplinas. O que mais eſpanta he, que ſendo o ſujeito de ſua natureza fraco, e enfermo, aſſi o mortificava, como ſe fora robuſtiſſimo. Eſtava ethica confirmada, e taõ perſeguida de toſſe, e ſangue pollа boca, que no choro naõ podia muitas vezes continuar os officios com as Religioſas: e com tudo faziaſe força, e perſeverava: e ſe era mandada, eraõ tantas ſuas lagrimas, que lhe alcançavaõ da Prelada poder ficar: porque achava, que naquella companhia, e oraçaõ commua recebia grandes mimos, e favores do Ceo. Naõ tinha mais, que ſeis annos de profeſſa, quando ſe vio chegada às portas da morte; entaõ por obediencia afrouxou hum pou-

pouco de ſeus rigores; mas era tanto o goſto, que levava de ver, que ſe lhe abreviava a carreira da vida, que em todas as palavras, e obras ſe lhe enxergava huma extraordinaria alegria, que eſpantando a todas, tambem as forçava a alegrarſe, por mais triſtes, e deſconſoladas que eſtiveſſem. Huma ſegunda feira, primeira oitava de Pentecoſte, aconteceo amiudarſelhe accidentes, e dores de coraçaõ, e ſobrevindolhe hum deſmayo grande, cuidaraõ as que a vigiavaõ, que era paroxiſmo de morte, e começaraõ a fazer final coſtumado com as taboas: e ella tornando alegre, e rizonha, dizia pera a Prioreſſa, que achou à cabeceira: Vio V. R. madre Prioreſſa tamanha graça, que por me verem dormir acudiaõ já com o Credo, fazendo conta, que acabava? Pois quietemſe, que ainda agora naõ ha de ſer, lá pera quinta feira. Quando veyo a quarta pedio de novo os Sacramentos; e fez paſmar, deſpois de recebidos, a graça, e fermoſura de roſto com que ficou: ſendo aſſi, que com a doença eſtava toda desfigurada, inda que moça, e noutro tempo gentil mulher: e eſtava tanto em ſy, que mandou chamar nomeadamente duas Religioſas, e lhes diſſe, que por entender dellas, que teriaõ animo, e forças pera lhe aſſiſtirem no penoſo trance, que eſperava, por iſſo as eſcolhia antes que outras, que de boa vontade ſe lhe offereciaõ. Entrando em artigo de morte, começou huma Religioſa o Verſo, *In manus tuas Domine commendo ſpiritum meum*: e acudiraõlhe tantas lagrimas, que naõ pode paſſar adiante: e ella abrindo os olhos continuou alegremente, e com hum extremo de devaçaõ: *Redemiſti me Domine Deus veritatis*. Logo poz os olhos em hum retabolo de Noſſa Senhora; e tendo com ella, e com o Minino Jeſu hum humilde, e devoto colloquio, dormio no Senhor, ficandolhe no geſto tanta graça, e boa ſombra, que enganava com repreſentaçaõ de vida, e viva.

CAPITULO XX.

Das Madres Sor Felippa de Gouvea, Sor Maria Correa, Sor Felippa Botelha, e Sor Iſabel Gomez.

DAs Madres Sor Felippa de Gouvea, e Sor Maria Correa, ficaraõ em memoria duas profecias aſſaz eſtranhas: que juntas com o muito, que ſe ſabia da virtude de ambas, callificaõ bem ſeus merecimentos, pera nos naõ ficarem fóra deſtes eſcritos. Tratavaõ hum dia algumas Religioſas juntas em boa converſaçaõ, quam proveitoſa fora neſte moſteiro huma fonte de agoa: acudio a Madre Felippa de Gouvea, que as ouvia, dizendo: Deſſa maneira muita feſta faraõ quando eu morrer: porque da cova, que ſe abrir pera me enterrarem, ha de correr abundancia de agoa. Foy materia de riſo por entaõ o dito: e naõ o foy menos paſſados poucos dias, adoecendo levemente a meſma Madre, pedir os Sacramentos com preſſa, e reſoluçaõ: e naõ vindo niſſo a Prelada por conſelho do Medico, que affirmava naõ ſer o mal de conſideraçaõ, quanto mais de morte; ella ſe ratificou, que no meſ-

meſmo dia, e antes da meya noite havia de morrer: e ambos os ditos vio logo todo o Moſteiro cumpridos, naõ ſem grande eſpanto: porque ella naõ durou mais horas, que as que baſtaraõ, pera receber os Sacramentos, que todavia lhe foraõ miniſtrados, polla efficacia com que os pedio, e requereo: E da cova, que no dia ſeguinte ſe começou logo em amanhecendo a abrir, brotou huma vea de agoa taõ copioſa, que procurando o official eſgotalla, ſe encheraõ muitos vaſos, e taõ clara, que aproveitou pera enſaboados, e outros ſerviços de caſa, e em fim, foy forçado fazerſe outra cova, pera agaſalhar a defuncta; e tal cumprimento teve o dito, que primeiro pareceo couſa de riſo.

Mas naõ foy menos prodigioſo o que logo diremos da Madre Sor Maria Correa. Começavaſe a trabalhar na primeira cova de Sor Felippa: ſendo ouvidas as primeiras enxadadas de certas Religioſas, que eſtavaõ juntas, diſſe a Madre Sor Maria: Debalde de canſa o coveiro; porque aquella cova naõ ha de ſervir à defuncta pera quem ſe faz, ſenaõ a outra que hoje eſtá viva, e ſam: e porque ninguem ſe malencolize, eu meſma, que o digo, ſou a que a hey de eſtrear. Naõ tardou muito, que viraõ a primeira parte cumprida por razaõ da agoa, como temos contado: nem tambem tardou muito em adoecer a Madre, e fallecer: e porque a cova da agoa, que ainda eſtava aberta, tinha deſenganado os officiaes deſpois de muitas diligencias, que ſe fizeraõ, que naõ havia que eſperar della, antes eſtava de todo ſeca: pareceo à Prioreſſa, que ſe entulhaſſe, ſepultandoſe nella, quem o profetizara.

Mas caſo diremos logo, que tem muito mais de maravilha, e mais de louvor do Autor da natureza. Entrou neſta caſa a Madre Sor Felippa Botelha pera Freira do choro: porque por partes de habilidade, nobreza, e fazenda, o merecia. Mas era tanta ſua humildade, que fez extraordinarias diligencias com hum irmaõ ſeu, porque lhe alcançaſſe licença dos Prelados mayores pera ficar no eſtado das converſas; e entre tanto naõ tinha mór goſto, que occuparſe nos officios dellas: mas o tempo, que alcançava livre, gaſtava todo no choro, com tanto ſabor, e deleytaçaõ do que ſua alma alli ſentia, que em nenhuma outra parte achava deſcanço. Communicavalhe o Senhor aquelle Maná celeſtial, e inviſivel, mais ſuave, que tudo o que no mundo ſe eſtima por muito ſaboroſo, com que coſtuma banquetear ſeus amados. Buſcavao ella, e continuavao, e a continuaçaõ naõ ſó naõ enfaſtiava, como fazem as comidas da terra; mas accendia o goſto, e eſte lhe grangeava novos favores da maõ Divina, Maõ ſempre liberal, e favores ſempre largos com quem os ſabe eſtimar. Hum dia, deſpois de ter gaſtado longo eſpaço na Oraçaõ, ſahiolhe ſubitamente do peito hum grande gemido, pedindo miſericordia, com huma voz muito alta, e ao parecer forçada. Acudiraõ algumas Religioſas, que andavaõ perto, acharaõna poſtrada em venia, e toda treſpaçada: quizeraõ ſaber

a cau-

a cauſa; mas os Sanctos ſaõ muy avaros de dar conta de ſy: ſoubeſe de ſeu Confeſſor deſpois de morta. E foy o caſo, que vio ſahir do Sacrario hum rayo de luz immenſa, e porſelhe ſobre a cabeça: e daqui naſceo, ſentindoſe indigna de tanto bem, levantar a voz na forma, que ſe lhe ouvio. Grande couſa he ſervir amo rico, e bem acondicionado; vem as merces a montes. Commungava eſta Religioſa huma manham com a Communidade: miniſtravalhe o Sacramento o meſmo Confeſſor, que era hum Padre de grande nome em virtudes (chamavaſe Frey Joaõ de Aveiro) levantando huma fórma pera lha pôr na boca: eis que ſubitamente ſe acha ſem ella: ſobreſaltouſe todo, cuidando que lhe cahira da maõ. Inquietaſe, revolveſe, buſcandoa; e querendoſe abaixar ao chaõ. Neſte paſſo cortou a Religioſa pollo eſcrupulo, que lhe fazia ſua humildade, por acudir à inquietaçaõ do Confeſſor: e diſſelhe que ſe podia ſoſſegar; porque ella tinha commungado, e fallaria deſpois com elle. Iſto baſtou pera o Padre ficar deſaſſombrado, e ſatisfeito: porque ſabia tanto de ſuas virtudes, e das muitas mercês, que recebia cada hora de Deos, que ficou logo cahindo na preſente: que ao ſabido foy, que o Divino Sacramento por ſua miſericordia, e e polla devaçaõ de quem o recebia, quiz anticipar aquelle breve eſpaço em a conſolar, e entrar na horta de ſeus deleytes: que tal he pera o Senhor toda a alma pura; e paſſouſe das mãos do Miniſtro ao ſacrario da boa ſerva: e o meſmo Miniſtro foy o que deſpois de morta eſta Madre, deu noticia do caſo, affirmando juntamente della tal pureza de conſciencia, que nunca lhe achara peccado mortal.

Coſtumava eſta Religioſa, entre outras muitas devaçoens, e penitencias, que fazia, ſaudar todas as noites ſem vezes a Virgem Maria, à honra de ſua pureza Virginal, e naõ ſe deitar em cama a noite antes do dia em que havia de commungar. Huma grande amiga ſua, a quem deſcubria alguns ſegredos dalma, indo hum dia buſcalla à cella, vio dentro taõ grande claridade, que temeo foſſe algum fogo: e entrando aceleradamente com a confiança, que lhe dava a amizade, e o medo do perigo, achoua lançada por terra em vénia; e perguntandolhe polla cauſa da luz, e daquella poſtura, lhe confeſſou, deſpois de apertadas inſtancias, que lhe fizera mercê de ſe deixar ver de ſeus olhos peccadores a glorioſa Raynha dos Ceos com o Minino Jeſu nos braços. Foy eſte caſo pouco antes de ſua morte, e como em denunciaçaõ, e aviſo della; e naõ tardou muito a enfermidade que lha trouxe: que foy tal, que logo ſe deixou entender era a derradeira. Mas naõ lha deixava crer o goſto, que tinha de acabar contas com o mundo, e com a vida: e pedia a Deos com efficacia, e oraçaõ continua, acabaſſe de a livrar do deſterro; e porque o muito, que ſe dezeja, ſempre acode ao penſamento, e à lingoa: tratando hum dia com huma Religioſa, que ſempre a acompanhava, e ſervia, por nome Sor Angela, peſſoa de muita virtude, prometeolhe boas aluiſſaras pera o dia,

dia, que lhe deſſe novas de ſer chegada a hora de ſeu tranſito, e ſua liberdade. E porque Sor Angela ſabia bem com quem o havia; tanto que os Medicos declararaõ, que eſtava no ultimo, com a meſma confiança lho diſſe, que ſe lhe levara huma nova de muito goſto; e ella lha ſoube agradecer, e cumprir a promeſſa, dandolhe huma bolſinha de reliquias, que toda a vida muito eſtimara.

O meſmo favor, e maravilha, que acabamos de contar, que o Diviniſſimo Sacramento uzou com a Madre Sor Felippa Botelha, ficou em memoria, que alcançava a Madre Iſabel Gomez quaſi todas as vezes, que commungava: e contaſe pera prova de taõ alta mercê, e dos merecimentos, que ſuas virtudes, e devaçaõ tinhaõ com Deos, que alguns annos deſpois de fallecida, abrindoſe a ſua cova pera nella ſe enterrar a Madre Sor Margarida de Souza, affirmavaõ os Miniſtros, que a puzeraõ nella, que aſſentando dentro os pés, lhes parecia, que naõ piſavaõ terra, mas que os traziaõ no ar, naõ atinando como tal podia ſer. Mas o tempo declarou brevemente a rezaõ, e ſoltou a difficuldade do Enima. E foy aſſi, que ſobejando terra da ſepultura, deſpois de cuberta a defuncta, foy lançada junta em hum terreiro que ha dentro do Moſteiro. Deſdo meſmo dia ſe notou, que no lugar della appareciaõ huns lumes, como de candeas muito vivos, e mais reſplandecentes nas noites mais eſcuras. Viſtos muitas vezes, e por muitas Religioſas, dandoſe rebate humas às outras, e aſſentando, que era ſobre a terra, que ſahira da ſepultura, ouve curioſidade pera a revolverem de dia, como ſabiaõ donde ſahira; e acharaõ nella alguns oſſinhos miudos: os quais ſendo eſcolhidos com cuidado, e reſpeito, e levados à meſma ſepultura, ceſſaraõ de todo as luzes, e confirmaraõ, ceſſando, o que luzindo deſcubriaõ dos meritos da defuncta Iſabel Gomez.

CAPITULO XXI.

Das Madres Sor Violante da Sylva, Sor Margarida de Tavares, Sor Joanna de Andrade, Sor Joanna de Vilhena, Sor Catherina de Souza.

A Madre Sor Violante da Sylva foy muitos annos Prioreſſa com muita ſatisfaçaõ das Religioſas, que a elegiaõ, e dos Prelados, que a confirmavaõ; porque ſobre muitas virtudes, em que com excellencia ſe eſmerava, era incanſavel zeladora do rigor, e obſervancia, em que aqui ſe criara. Nunca deſpois de Matinas deixava o choro: todas as vezes, que alguma Madre, ou ſervidora entrava em artigo de morte, ſabido tinha por devaçaõ tomar huma riguroſa diſciplina, e continualla ſem ceſſar, até que eſpirava. A eſte genero de penitencia, ajuntava outras muito trabalhoſas: rezava todos os dias mil, e quarenta, e quatro vezes a oraçaõ do Pater Noſter, em honra dos Sanctos Innocentes, de que era muito devota: ſobre tudo tinha particular devaçaõ com o ſagrado Naſcimento de Chriſto, e com o ſancto Preſepio, e com cada huma das

tres

tres Peſſoas, que nelle ſe acharaõ, derretendoſelhe a alma na grandeza do Senhor, e no extremo da pobreza, e deſemparo, que quiz experimentar: e por eſte reſpeito ſolemnizava com grande attençaõ todo o ſancto tempo do Advento, rezando de feria todos os dias, inda que intervieſſem Sanctos de obrigaçaõ de duplex, e totum duplex, com que fazia duas rezas: e os ſabbados delle jejuava a paõ, e agoa, e rezava em cada hum mil Ave Marias; com igual promptidaõ celebrava o myſterio ſagrado da Paixaõ, acompanhandoo com profundo ſentimento, e abundancia de lagrimas: no meyo das quais, com a força do eſpiritu, rompia algumas vezes neſtas palavras: Ay, ay, que eſte he o Minino do Preſepio. Juntava os principios com os fins; accendiaſe a devaçaõ, creſcia a dor. Vindo a fallecer, viraõſe em ſeu tranſito tais couſas, que todas as Religioſas ficaraõ perſuadidas, que a vieraõ conſolar, e acompanhar nelle o Sancto Ayo do Salvador S. Joſeph, e os ſanctos Innocentes.

Seſſenta annos tinha de profeſſa a Madre Sor Margarida de Tavares, e ora ſegunda vez Prioreſſa, quando foy chamada pera a vida eterna: taõ ſancta, e puramente viveo, que teve noticia da hora preciſa em que havia de acabar: e ſe he verdade, que a bondade do dia ſe julga por qual he a tarde, e o fim delle, conforme ao Proverbio Italiano: *Il di loda laſera*: naõ ha pera que buſquemos, qual foy o diſcurſo, e particulares de ſua vida. Tays maravilhas ſó em grande innocencia ſe achaõ. Chamou hum dia a Suprioreſſa, que era a Madre Sor Cecilia de Tavora: fezlhe huma larga, e devota practica, encomendandolhe a caſa, de que ficava por ſua morte Vigaira in capite, com muitas, e ſanctas advertencias: e por fim mandou, que na manham ſeguinte tiveſſem cuidado de lhe dar recado, quando no Convento dos Frades ſe fizeſſe ſinal pera a Miſſa de Noſſa Senhora, que ſe diz de madrugada. Eſtava apercebida de todos os Sacramentos. Avizaraõna quando ſoou o ſino: reſpondeo com muita paz, e inteireza, palavras formais: Pois ſus he tempo: façaõme o officio; ſoaraõ logo as taboas, juntouſe a Communidade; começaraõ o officio da Agonia; no meyo delle levantou as mãos, e olhos a huma Imagem de Noſſa Senhora, e começou a rezar a antifona, que começa: *Ave Stella Matutina*, e proſeguio com devaçaõ, e attençaõ; e quando acabou as ultimas palavras, que ſaõ: *O Sponſa Dei electa, eſto nobis via recta ad æterna gaudia*: que querem dizer: O' eſcolhida Eſpoſa de Deos, ſedenos guia, e caminho direito pera os eternos gozos, acabou tambem a vida. Foy eſta Madre filha de Simaõ de Tavares, que deſpois de ſeſſenta annos de mundo ſe acolheo à Igreja: tomou o habito de S. Franciſco em Aveiro; e lograndoo até os oitenta, morreo nelle ſanctamente. Foy ſeu filho Franciſco de Tavares, que lhe ſuccedeo na caſa, e herança.

A Madre Sor Joanna de Andrade, andando ſam, e bem diſpoſta, diſſe hum dia a algumas Religioſas, que eſtavaõ juntas, que paſſados quinze dias as deixaria pera ſempre, e teria fim

ſua peregrinaçaõ. Era huma ſeſta feira quando o diſſe: chegando a outra em que ſe cumpria o termo, deulhe taõ forte accidente, que no meſmo dia a poz na outra vida, ſem ter mais lugar, que pera ſe armar das armas dos Sacramentos, e entrar logo na ultima batalha.

Naõ eſpantou menos o que aconteceo a outra Joanna, era o appellido Vilhena. Acabava eſta Madre conſumida de extrema velhice mais, que de doença; e havia dias, que naõ tinha mais de viva, que a reſpiraçaõ, eſando em toda outra operaçaõ, como ſe fora hum tronco. Neſte eſtado foy Deos ſervido tornarlhe tudo, o que tinha perdido, juizo, falla, e forças, como por hum lucido intervallo, e ſuccedendo vir na meſma conjunçaõ à Villa, e publicarſe hum jubileo de Roma pleniſſimo: valeoſe da mercê de Deos naõ cuidada. Confeſſouſe, e commungou de novo por elle, e ganhadas todas as indulgencias, falleceo logo, como ſe outra couſa naõ eſperara mais, que o beneficio daquelle Divino ſoccorro. Grande miſericordia do Senhor, ſuſtentarlhe a vida até que chegou: reſtituirlhe os ſentidos tanto que ſe publicou: deſpenalla, como ſe aproveitou. Por iſſo o eſcrevemos pera gloria ſua.

Grandes ſaõ as maravilhas, com que Deos honra na terra ſeus ſervos, ſobre os bens da gloria infinitos. Havia muitos annos, que era fallecida a Madre Sor Catherina de Souza, e tantos, que já naõ havia memoria de ſuas virtudes particulares, ſó durava huma tradiçaõ já eſcura, e cega, de que fora grande, e admiravel em todas, e do lugar, que ſe lhe dera na morte. Succede o mandarſe abrir huma cova junto delle: deraõ os officiaes com hum caixaõ muito ſaõ, e inteiro: do qual ſem ſer aberto ſahia hum cheiro taõ vivo de roſas, e violas, que fazia crer naõ havia nelle outra couſa. Mandado abrir, achouſe eſta ſancta Madre toda inteira com ſeus habitos, e toucados ſãos, como a primeira hora, que foy ſepultada. Aſſi coſtuma tratar a terra, aos amados do Ceo: e aſſi quer o Senhor, que ſenaõ perca a memoria de quem o bem ſerve; conforme ao que eſtá eſcrito: *In memoria æterna erit juſtus*: traça foy ſua deſcubrirſe por meyo taõ eſtranho, pera chegar a ficar immortal neſtes eſcritos.

A Madre Sor Felippa da Columna foy filha do Regedor da Caſa da Supplicaçaõ Joaõ da Sylva. Em[illegible]aõ humilde, que competia nos extremos deſta virtude com a nobreza de ſeu ſangue: nunca ſe achou, que pera officios baixos ſe negaſſe. Querendo a Communidade toda com muito goſto darlhe o cargo de Prioreſſa, tantas inſtancias fez contra a eleyçaõ, que emfim alcançou deixaremna livre, e votar em outra. Sobre muitas virtudes, de que foy dotada, deuſe tanto à oraçaõ, e a huma continuada aſſiſtencia diante do Sanctiſſimo Sacramento, que do trabalho, que lhe cuſtava, ſe lhe occaſionou huma doença, que veyo a parar, em ficar tolhida de todos os membros: e viveo ſinco annos neſte martyrio; moſtrando na humildade, e paciencia, com que o levava, altos quilates de eſpiritu: mas naõ ſofria o inimigo do genero humano,

no vir ao mundo outro Job no ſofrimento, ſem o ſer tambem em perſeguiçaõ. Dá huma noite com ella em huma torre, que tem o Moſteiro : alli foy ſobre a pobre entrevada hum exercito de corvos, e curujás, que toda a atenazaraõ com picadas, e dentadas, que no dia ſeguinte lhe foraõ viſtas, acompanhadas de muitas nodoas negras, e foraõ cauſa, que a entrevada contaſſe o caſo, apontando autores, e lugar. Vindo a fallecer, pouco antes d'acabar, eſtando já ungida, huma das Religioſas, que a acompanhavaõ, lançou maõ da Cruz do Moſteiro, que viera pera a Unçaõ, pera a tornar a ſeu lugar ; e ella perguntou onde a levavaõ, e reſpondendolhe, que ao choro, replicou a enferma, dizendo: Tres cruzes eſtaõ ahy : huma pera mym, e outra pera Dona Elena : e proſeguio com palavras formais, e ditas inda naquelle eſtado com graça, porque tinha muita. Mas quem lhe dará eſtas novas ? E ſerá em dia, que a Igreja, e choro eſtejaõ de feſta. E naõ diſſe mais. Acontece algumas vezes fallarem ao certo das couſas futuras os que eſtaõ pera deixar de todo as preſentes: ou porque a triſteza da morte traz conſigo adivinhar: ou porque eſtando pera entrar na terra das verdades, começaõ já a deſcobrir algumas. Perguntada polla terceira cruz a quem pertencia; reſpondeo, que era pera Dona Anna. E vioſe o cumprimento tanto a ponto, que a Madre Dona Elena morreo dahy a ſeis mezes, e em dia de noſſo Padre S. Domingos, que tudo ardia em feſtas, como he coſtume ; e a outra Madre acabou por fim de Dezembro do meſmo anno.

Ariſt.

CAPITULO XXII.

Das Madres Prioreſſas Sor Angela do Paraiſo : Sor Cecilia da Aſcençaõ, e Sor Joanna dos Sanctos.

SErá eſte Capitulo de tres Religioſas, que com grande honra deſta Caſa foraõ Preladas nella, e noutras. Seja a primeira, inda que pervertamos hum pouco a hordem dos tempos, a Madre Sor Angela do Parayſo filha de Dom Leaõ de Noronha : que veyo aqui tomar o habito, com occaſiaõ de huma tya ſua, que foy a Madre Dona Brites de Menezes, de quem atraz eſcrevemos. Aprendeo eſta Madre de ſua tya, e herdou de ſeu Pay ſer devota, e penitente. E paſſou tanto adiante neſtas virtudes, que veyo a deixar atraz nellas a Meſtra, e o Pay. Era incanſavel a aſſiſtencia, que fazia diante do Sanctiſſimo Sacramento : e polla grande reverencia, que lhe tinha, guardava nos dias da communhaõ inviolavel ſilencio. Trouxe muito tempo huma cadea de ferro à raiz da carne, uzando tunicas de burel, e juntando a crueis diſciplinas muitos jejuns de paõ, e agoa. Sobre tudo era grande o extremo com que amava os pobres, e a pobreza. A pobreza eſtimava tanto, que era lingoagem ſua pedir a Deos a chegaſſe antes da morte a tamanho deſemparo, e falta de tudo, que nem tiveſſe o que preciſamente foſſe neceſſario pera a vida : e chegaſſe a viver de eſmollas. E iſto lhe aconteceo muitas vezes;

porque veyo a eſtado, que ſenaõ cubria, nem veſtia, ſenaõ do que as outras Freiras lhe davaõ por eſmolla: e era mais de louvar eſta pobreza; porque lhe naõ vinha do Ceo, nem accidentalmente, ſenaõ procurada por ella muito de propoſito. Sobre boa tença, que poſſuhia, tinha pay, e irmaõ muito ricos, que a miude lhe acudiaõ: mas era tudo pouco pera a charidade, e animo liberal com que o deſpendia entre os pobres de Chriſto. Parecialhe genero de furto poſſuir, ou guardar pera ſy couſa alguma, quando via proximos neceſſitados. Aſſi chegava muitas vezes a eſtado de ficar ſem váſquinha, e ſem cubertor na cama por lhes acudir: e dando raro exemplo às que tendo tenças groſſas (que hoje ha muitas por todos os Moſteiros) inda ſe queixaõ de naõ terem que lhes baſte: tanto cortava por ſy, que ſabendo de huma orfam pobre, e virtuoſa, chegou a lhe fazer dote, e caſalla: porém inda lhe parecia, que ſe eſtendia a mais a obrigaçaõ de verdadeira charidade. Muito acontece padecerem os que a miſeria da vida tras arraſtados por portas alheias. Mas tudo he pouco, e facil de paſſar, em comparaçaõ do que padecem as almas dos defunctos, que naõ tem na terra quem lhes valha, ou queira valer: porque nenhum eſtado do mundo, por triſte, e miſeravel que ſeja, ſe póde igualar em pena ao que tem no fogo do Purgatorio as almas deſemparadas. Aſſi fazia por ellas continua oraçaõ, e eraõ tantas as Miſſas, que lhes mandava dizer, que acontecia empenharſe em quantias groſſas: e dizendolhe as amigas, que fazia temeridade, porque ſe arriſcava a morrer com dividas, reſpondia com grande confiança, que por muito, que ſe deſpendeſſe em tays empregos, eſperava em Deos, que quando a levaſſe pera ſy, naõ havia de faltar dinheiro no ſeu depoſito pera tambem ſe fazer bem por ſua alma.

Eſta Madre foy mandada por Prioreſſa ao noſſo Moſteiro de Corpus Chriſti do Porto: e deſpois ſervio o meſmo cargo neſte de que era filha; e em ambos procedeo com grande prudencia, e fez muitos ſerviços a Noſſo Senhor; mas como ſe vio outra vez no eſtado de Freira particular, e ſendo já entrada em dias, começou huma nova ordem de vida, com que muito eſpantou, e edificou a Communidade. Tinhalhe moſtrado a experiencia, que ſó com a humildade ſe ſóbe ao alto monte da perfeiçaõ: fez conta de entrar de novo na eſcolla della: e porque o reſpeito antigo de Prelada a fazia veneravel entre as Madres, buſcava meyos que a fizeſſem deſeſtimada: e ſuccedendolhe alguns, nenhuma couſa recebia com mais goſto. Em particular, ſendo dotada de bom entendimento, fazia, e dizia algumas couſas, de que ſe podia inferir, que o tinha ou perdido, ou muito trocado: com que hia alcançando perderſelhe o reſpeito do tempo paſſado. Ajuntava a eſte genero de vida hum ſilencio quaſi perpetuo, com tal eſquecimento de tudo o que no mundo havia, que nada delle procurava, nem queria ſaber; e ſó de Deos, e de ſua alma tratava. Vida celeſtial, e qual deve ſer a de toda creatura,

tura, que buſca os bens da Religiaõ. Aſſi ſe fez odioſa ao inimigo de toda bondade: e era delle perſeguida quanto adiantava com Deos. Veyo a cahir em cama, e eſteve alguns mezes entrevada, no cabo da idade, que niſto pára de ordinario quando ſe eſtende demaſiado. Mas nem neſte eſtado lhe dava paz Lucifer: entroulhe huma manham na cella em figura de hum homem robuſto, e fero, e naõ ceſſou de a moer com pancadas, até que entrou huma Religioſa, que a ſervia: entaõ deſappareceo, e deixou claro deſengano de quem era. Ficou a pobre entrevada ſentida, e queixoſa: mas Deos, que tal licença dava ao inimigo, davalhe com amiudados favores do Ceo, e com huma continua uniaõ em que tinha conſigo ſeu eſpiritu.

Achouſe hum dia ſem o ſeu Roſario, tinhalhe amor por inſtrumento de ſuas devaçoens, ſentio a perda: occupou todas as amigas em lhe revolverem o leyto, e buſcarem tudo. Mas foy tempo perdido, porque pollo ſucceſſo ſe vio que fora furto, e treiçaõ do inimigo infernal, ſentido do bem que ganhava com elle aquella alma pera ſy, e pera muitos. Quando amanheceo o dia ſeguinte, achouſe com o ſeu Roſario nas mãos: e perguntada como o achara, reſpondeo, que hum Fradinho de Sancto Antonio (he Convento vezinho da Villa) lho trouxera: e todas entenderaõ, que fora o meſmo Sancto, de que era muito devota. Outra vez veyo a ella huma Religioſa que a ſervia, queixandoſe com deſconſolaçaõ de naõ achar empreſtado em toda a caſa hum pouco de dinheiro pera acudir a certa neceſſidade preciſa de peſſoa de fóra, que muito lhe tocava: e encarregoulhe apertadamente, que pediſſe a Deos lho deparaſſe por alguma via. A entrevada animandoa com muita fé, e ſegurança, reſpondeo, que eſperaſſe em Deos, e creſſe, que ſem duvida lhe acudiria, e acreſcentou, que eſtiveſſe certa, que do Ceo lhe viria o remedio. Quando a neceſſitada ouvio fallar em Ceo deſconſolouſe de novo: como ſe lhe diſſera, que havia de cahir do Ceo o dinheiro, que havia miſter. Mas a boa velha replicou, reprehendendoa, e mandandolhe, que pediſſe a Deos muitos perdoens da pouca fé: e foy a ſua taõ grande deſpois da Oraçaõ que fez, que caminhando a Religioſa pera a Roda a ver ſe acharia fóra de caſa remedio, que naõ achara dentro; quando chegou lhe fallou de fóra huma peſſoa, que naõ conheceo, que pedindolhe hum doce pera hum doente, lhe deixou nella o dinheiro, que buſcava. Mas chegavaſe o remate da vida à ſancta velha: entraraõ hum dia as amigas a viſitalla, e achaõ, que eſtava triſte, e fallando ſó conſigo, dizia com voz choroſa eſtas palavras: Coitadinha da Freira, que ha de morrer ſó ſem ninguem. Como todas tinhaõ grande conceito della em tudo o que dizia, e fazia, procuraraõ muito ſaber quem ſeria a que tal fim havia de ter. Parece, que lhe foy tolhido declararſe por palavra: porque acabo de poucos dias o fez por obra, ſendo ella a propria de quem fallava: que foy

acha-

achada morta huma manham? Grandes, e impenetraveis ſaõ os juizos Divinos: mas ſe o paſſado, e prezente faz acertados juizos no futuro, naõ ſe deve aqui julgar, ſenaõ que quiz o Senhor dar a eſta alma o premio de ſuas grandes virtudes ſem o tormento, e agonias de huma morte conhecida, e prolongada.

Das outras duas Prioreſſas diremos juntamente, porque ambas conformaraõ tanto em todas as virtudes, que fazem huma boa Religioſa, e ſingular Prelada, que lhe faremos aggravo ſe as dividirmos. Ambas, ſobre outras qualidades de muita eſtima, foraõ louvadas de grande ſofrimento, parte principal de quem governa, de grande animo nos trabalhos, de grande brandura com as ſubditas. A Madre Sor Cecilia da Aſcençaõ, de que diremos primeiro, governou eſta Caſa em tempo de grandes apertos, qual foy o das alteraçoens do Reyno, Anno de 1580. em que eſteve a ponto de ſer ſaqueada, e afrontada, e lhe valeraõ muito a virtude, e oraçoens da Prelada. Acabado ſeu tempo foy mandada polla obediencia com o meſmo cargo pera o Moſteiro da Annunciada de Lisboa, e lá acabou.

A Madre Sor Joanna dos Sanctos, foy primeiro levada por Prioreſſa a Sancta Anna de Leyria; e deſpois a Sancta Catherina de Evora. O exemplo, e Religiaõ com que ſe governou em ambos eſtes cargos, lhe grangeou elegeremna duas vezes pera o deſta Caſa, tanto que a ella tornou: e ſe fora em tempo de Preladas perpetuas, nunca deixara de governar. Todas a tinhaõ por mãy mais, que por Prelada: e neſta parte era hum retrato de S. Domingos, do qual era em tanto extremo devota, que lhe fazia antes do ſeu dia hum advento, que jejuava: e deixou exemplo pera fazerem inda hoje em dia o meſmo muitas Religioſas. Tambem alcançou do Padre Geral, celebrarlhe o dia oitavo da feſta, como totum duplex, e aſſi as terças feiras de todo o Anno. E teve o Sancto cuidado de ſe moſtrar com ella agradecido em muitas couſas por todo o diſcurſo da vida: e principalmente na hora da morte, em que foy opiniaõ conſtante das que com ella ſe acharaõ, que lhe apparecera veſtido de roupas de gloria, como quem pera ella a vinha acompanhar.

CAPITULO XXIII.

De algumas couſas notaveis, que ha neſte Moſteiro.

NO Altar do Capitulo deſta Caſa ha huma Imagem de Noſſa Senhora ſem particular invocaçaõ: e por iſſo lhe chamaõ a Senhora do Capitulo, com quem todas as Religioſas tem affectuoſiſſima devaçaõ; naõ ſó polla geral obrigaçaõ de filhas de S. Domingos; mas por muitas, e quotidianas mercês, que por ſeu meyo recebem do Senhor em todo genero de neceſſidades. E he ordinaria lingoagem entre todas, que eſta Senhora he ſeu Medico nas enfermidades, e ſeu remedio nos trabalhos. Arde diante della huma alampada perpetua: ſaõ infinitos os milagres, que tem feito

feito o ſeu azeite até em males incuraveis: e por ſerem tantos, deixamos de os referir.

Tem eſtas Madres por particular avogado deſta Caſa, de muitos annos atraz, o Apoſtolo S. Simaõ: e foy a occaſiaõ a que agora diremos. Ouve neſte Reyno pollos annos de 1506. huma terribel contagiaõ de peſte, que chegando a Aveiro fez cruel eſtrago. Terra baixa, retalhada de eſteiros do mar, affogada de humidades, e vapores, he verdadeira iſca pera receber, e fomentar o mal. Era Prioreſſa Sor Iſabel de Caſtro. Aſſombrouſe com medo: determinou valerſe dos remedios do Ceo: manda fazer hum rolo de cera de tantos palmos, quantos o Moſteiro tem de circuito: parteo em doze partes iguais, e feitas doze candeas, offereceas aos doze Apoſtolos, com o nome de cada hum em ſua candea: e precedendo humildes oraçoens de toda a Communidade junta no choro, manda dar fogo a todas doze juntamente, declarando que aquelle eſcolhiaõ por Padroeiro diante de Deos, no trabalho, e perigos preſentes, cuja candea ſe gaſtaſſe menos, e ſuſtentaſſe mais o fogo no eſpaço, que alli ſe detiveſſem. Detiveraõſe largamente, continuando de joelhos, e naõ ſem lagrimas. Foy o Senhor ſervido, que a que ardia em nome de S. Simaõ, ſe gaſtaſſe notavelmente menos, que todas: e pareceo que naõ viera eſta ſorte ſem myſterio; porque ſó deſte Apoſtolo havia na Igreja hum retabolo, e taõ antigo, que o era mais, que a clauſura do Moſteiro. Fez logo voto a Prioreſſa em nome de todas as Religioſas preſentes, e futuras, de celebrarem o dia do Sancto todos os annos com huma grande feſta, e prociſſaõ ſolemne, e jejuaremlhe as veſparas a paõ, e agoa, e lavrarem-lhe Capella: ſeguiraõ obras as palavras: levantouſe a Capella, paramentouſe ricamente: e no que toca a feſta, e jejum prometido, he grande a pontualidade, que dura entre as ſucceſſoras: e o Sancto tem moſtrado em occaſioens de muito perigo, e neceſſidade, que naõ eſtá eſquecido de ſua protecçaõ. Particularmente ficou em memoria, que no meſmo tempo, que na Villa durava a peſte, foy viſto por muitas peſſoas ſeculares rodear a Igreja todas as noites, hum homem de veneravel preſença, cuberto de hum manto vermelho, e hum grande bordaõ nas mãos: e outras vezes entrava no alpendre, onde ſe agaſalhavaõ os pobres, e com o bordaõ fazia afaſtar os feridos dos ſãos. E vindo eſta viſta a cauſar eſcandalo, em fim ſe veyo a entender pollos ſinais, que conformavaõ com a pintura, que diſſemos, que queria o Sancto publicar ſeu agradecimento, e cuidado guardando o Moſteiro. Ajuntavaſe, que naõ havia em toda a Villa peſſoa, de quem ſe pudeſſe eſperar ſemelhante occupaçaõ, e mais em tempos de tanto medo.

Mas muito mais ao claro, e em occaſiaõ naõ menos arriſcada, moſtrou o Sancto muitos annos deſpois ſua aſſiſtencia, e vigilancia ſobre eſta Caſa, e em favor de toda a villa. Eſtava o Reyno todo alterado com a morte d'elRey Dom Henrique, e com a duvida, que eſ-

tava

tava em pé, da ſucceſſaõ, que muitos pretendiaõ; ſuccedeo juntarſe neſta Villa hum groſſo numero de ſoldados de fóra contrarios em opiniaõ ao pouco: e como em tempos ſemelhantes anda ſolta de todo a licença dos revoltoſos, ſem reſpeito à virtude, nem chriſtandade, determinaraõ dar ſaco ao Moſteiro, ſabendo, que nelle tinhaõ junto tudo o que havia de preço na villa. Juntaõ inſtrumentos pera arrombarem as portas, poemlhe ferro, e forças: porém aſſi lhes ſuccedeo o intento, como ſe foraõ mininos, ou trabalharaõ contra portas de bronze: e contavaõ deſpois os que mais cabedal meteraõ no inſulto, que ſem ſaberem como, ſentiaõ huma certa força, que os encontrava, e lhes cortava os braços: o que tudo foy com muita rezaõ attribuido ao ſancto Protector.

Aconteceo tambem ſentirſe huma Religioſa ſalteada do mal (naõ nos conſtou em que tempo: mas ficou em lembrança o nome, chamavaſe Sor Joanna dos Sanctos) eraõ os accidentes mortais, e pera naõ duvidar da cauſa, tinha já hum braço cativo de temeroſa naſcida. Animouſe, caminha pera a Capella do Sancto, pedelhe remedio, toca o braço com a borda do ſeu manto, e cheya de ſancta confiança do muito, que os Sanctos podem diante de Deos, dizlhe que dalli ſenaõ ha de apartar, ſenaõ com ſaude perfeita; foy couſa certa, e averiguada, que ſe levantou ſam, e livre totalmente do mal.

Ha no Moſteiro huma reliquia do Martyr S. Pantaliaõ, que nelle tem obrado grandes maravilhas: he hum dedo polegar. Diremos algumas por honra de Deos, e do Sancto. Havia ſinco annos, que era doente a Madre Sor Iſabel dos Reys de hum mal taõ extraordinario, que nem mitigava com remedios, nem os Medicos podiaõ entender a rayz delle. Era todo ſeu tormento no eſtamago. No cabo dos ſinco annos começaraõlhe huns deſmayos, que lhe tolhiaõ dar hum paſſo: e logo a paſſaraõ a outro genero de infirmidade nunca viſto: a qualquer pequeno rumor, que ſentia de perto, inda que naõ foſſe mais, que correr hum ferrolho, ou cerrar huma janella, tamanho tremor lhe acudia ao eſtamago, que aballava o leyto, e apoz iſto perdia a falla, e ficava ſem pulſo: eſte trabalho a poz no extremo dentro de hum mez: porque creſceo tanto tanto, que chegou a ter na cabeça os meſmos tremores, que no eſtamago, tomarſelhe o folego, e com agonia do coraçaõ, quaſi naõ poder fallar, e parecer que morria: por rezaõ do que lhe foy miniſtrado o ſancto Viatico, e ſe tratou de a vigiarem com cuidado. Havia na caſa outra Religioſa, que lhe queria muito, e naõ ſofria vella acabar entre tantos males: requereo que lhe trouxeſſem a reliquia de S. Pantaliaõ; veyo, puzeraõlha na cabeça, e ſobre o eſtamago; e deraõlhe a beber agoa tocada nella. Eſtava junta toda a Communidade, pedindo de joelhos a Deos o remedio. Foy caſo nunca viſto, nem ouvido: diante de todas parou de ſubito, e deſappareceo juntamente todo o mal: ceſſaraõ os tremores, reſtituhioſe-

lhe

lhe a reſpiraçaõ, fallou deſembaraçadamente, quietou, e aſſentou o pulſo. Em fim ficou ſam; e tanto outra do que eſtava, que pedio ſeus veſtidos, e ſe veſtio, e levantou logo. E pera que ſe viſſe claramente, que o Sancto lhe alcançara a ſaude, ſuccedeo, que pondoſe hum paynel ſeu no leyto da doente, ſubitamente ſe ſoltou do prego, e veyo ao chaõ com tamanho eſtrondo, que fez eſtremecer tôdas as preſentes: e ſó ella, que com menos rumor ficava ſem falla, nem pulſo, nenhum movimento ſentio em ſy. Era iſto ſobre tarde, pedio de cear, comeo alegremente, e ſem faſtio, a que dantes, nem huma colher de caldo eſforçado podia paſſar, e ſe o levava, logo era vomitado. No dia ſeguinte ordenou a Prelada huma ſolemne prociſſaõ de graças polla Craſta; levou ella a ſancta reliquia, e a que fora doente hum retabolo do Martyr: e o meſmo Prior, que no dia de antes lhe dera o Sanctiſſimo Sacramento por viatico, e em principio de caminho pera a outra vida, lhe veyo cantar a Miſſa do Sancto, e a vio no choro com perfeita ſaude. Succedeo eſta maravilha por Agoſto do
1568. anno de 1568. e viveo a Madre deſpois della vinte oito annos: e foy ſer Prioreſſa no Moſteiro de Sancta Anna de Leyria, onde acabou em boa velhice. Muito antes deſte caſo tinha o Sancto dado ſaude em hum peçonhento Cancro, mal que ordinariamente he incuravel, à Madre Sor Iſabel Gomes, de quem fallamos atraz no Capitulo 20.

Mas naõ quiz o Sancto hum ſó, nem dous teſtemunhos do muito, que val com Deos. Eſtava quaſi entrevada de huma ciatica huma mulher ſecular, que por certa occaſiaõ ſe recolhera no Moſteiro, e era mal de muitos dias. Deraõlhe a beber da meſma agoa, que diſſemos ſe deu à Madre Sor Joanna, repentinamente ſe achou ſam, e ſem nenhum mal: e o meſmo ſuccedeo deſpois a algumas Religioſas em varias indiſpoſiçoens. E he muito de notar pera gloria de Deos, e da religiaõ deſta Caſa, que ſaõ grandes as maravilhas, que a interceſſaõ dos Sanctos tem obrado em favor das moradoras della: com que puderamos encher muito papel, ſe naõ fora divertirmonos com demaſia de noſſo intento. Com tudo naõ he pera eſquecer o que ſe conta de huma Laranja, que no anno de
1465. 1465. foy mandada de Roma à Fundadora Brites Leytoa. Era de huma larangeira, que dizem prantou por ſua maõ noſſo Padre S. Domingos no Convento de Sancta Sabina: e durou ſem corrupçaõ cento, e doze annos, até o de 1579. no qual por deſaſtre ſe quebrou.

Suſtenta eſte Moſteiro de ordinario, a fóra converſas, e ſervidoras, ſeſſenta Religioſas, entre profeſſas, e noviças; e mantém muitas ſervidoras leygas; porque ſem ellas ſenaõ poderáõ bem ſervir. E como he muito antigo, e foy ſempre favorecido dos Principes; poſſuhe boas rendas em dinheiro, e algumas peças de fazenda bem importantes. A Capella mór he dos de Tavares: tomoua pera ſy, e pera ſua mulher Dona Joanna de Tavora, Franciſco

de Tavares : peſſoas que por ſua virtude, e qualidades nos daõ occaſiaõ de eſtendermos eſte Livro com mais hum Capitulo.

CAPITULO XXIV.

Daõ as Religioſas a Capella mór a Franciſco de Tavares. Contaſe hum myſterioſo caſo, que ſe vio na tresladaçaõ, que a ella ſe fez do corpo de ſua mulher Dona Joanna fallecida fóra do Reyno.

NO anno de 1500. entrou em Aveiro a caſa dos de Tavares. Foy a rezaõ de ſua vinda a eſta Villa, que poſſuindo de tempos antigos as Alcaidarias móres de Portalegre, e Alegrete, e Aſſumar em Alentejo, com as rendas Reays, veyo elRey Dom Joaõ Segundo a entrar no Senhorio deſtas terras, com a occaſiaõ das guerras de Caſtella, e de eſtarem junto à Raya: era ultimo herdeiro dellas Pedro de Tavares, requeria a elRey com efficacia, e continuaçaõ. Naõ lhe deferindo em mezes, e annos, abalançouſe, como velho que era, e confiado em bons ſerviços, a hum auto de valor, e liberdade Portugueza antiga. Eſtava elRey pera commungar em hum dia ſolemne, chegouſe o Vaſſalo à ſagrada Meſa, e com palavras claras, e diſtinctas, requereo ao Capellaõ naõ admittiſſe a ella a elRey, ſem primeiro reſponder com effeito, e juſtiça à ſua queixa. Era elRey grande Chriſtaõ, e muito valeroſo: com o valor tolerou, e digerio o que parecia, e era deſcomedimento : com a chriſtandade, e amor de Deos, fallou ſoſſegadamente a Pedro de Tavares, dizendo; que deſiſtiſſe de tal termo; e fiaſſe delle lhe mandaria reſponder com brevidade. Eſte caſo pollos meſmos termos attribue o Padre Antonio de Vaſconcellos da Companhia de Jeſus, ſem lhe dar Autor, a elRey Dom Joaõ Terceiro, nos ſeus elogios latinos: mas foy engano; porque já neſte tempo, nem havia vaſſallos taõ livres, nem Reys taõ ſofridos. Daqui naſceo (porque os Reys ſoltaõ mal lugares, e vaſſallos em que huma vez empolgaõ) daremſelhe deſpois em ſatisfaçaõ humas terras junto a Aveiro, e os direitos Reays do peixe, que entra na Villa, ſatisfaçaõ pouco equivalente por entaõ : mas que o diſcurſo do tempo levantou a huma groſſa, e honrada renda. Foy o primeiro que a começou a lograr Gonçalo de Tavares, filho do meſmo, que a ſoube com tanta vehemencia requerer, e paſſouſe de Portalegre, onde tinha ſua morada, pera Aveiro no anno, que atraz diſſemos: vindo a fallecer, como ſe adevinhara o que deſpois havia de ſer, mandouſe ſepultar na Capella mór deſte Moſteiro. Eraõ os tempos ſingellos, o Moſteiro pouco neceſſitado, foy recebido nella por honra da peſſoa ſem obrigaçaõ, nem contrato algum de parte a parte. Vindo a ſucceder na caſa, e na renda Franciſco de Tavares ſeu neto, e recolhendoſe à villa no cabo da idade com ſua mulher, e familia, contratou com as Freiras daremlhe a meſma Capella mór pera ſeu jazigo, e de ſua ſucceſſaõ, e huma Miſſa quotidiana,

na, com obrigaçaõ de quando faltaſſe ficar em ſeu lugar a mayor. Eſta pagou com hum Padraõ de juro de vinte ſinco mil reis, que logo deu ao Moſteiro; e de mais reparou de novo edificio a Capella, pozlhe ſuas armas, e letreiro, e carneiro, em que jaz deſpois de longos, e pacificos annos, que gozou de vida. Naõ foy aſſi a de Dona Joanna ſua mulher, querendo Deos afinar huma virtude mociſſa com montes de trabalhos, anguſtias, e deſconſolaçoens; e em fim permittindo, que acabaſſe ſeus dias por terras alheyas. Ficara acompanhada de ſeu ultimo filho Antonio de Tavares Conego da Sé de Lisboa, que a ſervia, como bom filho. Succedeo vir elle a ſer prezo em Caſtella, ouveſe a boa Senhora por obrigada fazer officio de requerente por tal filho. Pozſe a caminho, deſpois de muitas lagrimas, ſobreſaltos, e afflicçoens, que o negocio lhe tinha cuſtado: appareceo a Valhedolid no anno de 1604. diante d'elRey. Fez laſtima a toda a Corte huma Matrôna graviſſima, deſterrada no cabo da vida. Liaõſelhe no roſto as dores com que de novo paria o filho, e creſceraõ tanto, que em breves dias lhe tiraraõ a vida. Falleceo dentro de hum mez deſpois de chegada: receberaõna em depoſito os Padres de S. Franciſco no ſeu Capitulo, que he dos Duques de Seſſa. Convem dizermos, como foy enterrada pera clareza do que adiante ſe ha de contar. Fezſe hum caixaõ grande, nelle a puzeraõ veſtida no habito Franciſcano; e porque acertou de faltar cal (que tudo falta a hum deſterrado) ateſtaraõno de terra. Foy graõ caſo, que acabou Dona Jonna morta, o que por ventura naõ acabaria viva. Bom final de quais eraõ ſuas virtudes, qual ſeu eſpiritu. Aſſi pertendia noſſo Sancto Patriarcha enxugar as lagrimas dos filhos em ſeu tranſito, afirmando, que mais lhes havia de valer morta, do que fazia vivendo. Iſto experimentou bem Antonio de Tavares na morte de ſua mãy, tendo na terra tudo contra ſy: em fim ſahio com honrada ſentença, ſolto, e livre. Paſſados dez annos, porque antes naõ pode ſer, tratou de ſe moſtrar agradecido a tal mãy, ordenando, que vieſſem ſeus oſſos deſcançar em terra de Portugal. Mandou criados, dezenterrouſe o caixaõ com hum ſolemne officio de defunctos. Deſcuberto, onde eſperavaõ achar oſſos ſecos, e mirrados de dez annos, achouſe hum corpo inteiro, naõ gaſtado, nem comido em parte nenhuma: ſem apparecer raſto, nem ſinal do habito, e mortalhas em que fora enterrada, que tudo eſtava conſumido. Chamaraõſe por honeſtidade duas Freiras terceiras, que á portas fechadas alimparaõ da terra, e veſtiraõ de camiza, e habito, e o paſſaraõ a hum Baul, em que havia de caminhar. Neſte eſtado o vio a Communidade dos Frades, dando graças ao Senhor por taõ grande maravilha. Notavaſe, que palpado por ſima do habito, ſe ſentia a carne muy cheya, e ſolida, e dura: e da meſma ſórte eſtava a que ſe deſcobria em mãos, e pés, e naõ eſpantava menos, que eſtava taõ mociſſo, e forte, que ſe mudava,

como ſe foſſe de madeira, e de huma ſó peça: e juntamente taõ leve, que naõ deixava fazer juizo ſe havia alli carne, e oſſo: porque totalmente parecia de pena, ou de cana, e com eſtas qualidades lançava de ſy hum agradavel cheiro. Eſtava neſta conjunçaõ o Conego ſeu filho em Madrid: e alegre de ſe ver filho de mãy ſancta; mas temeroſo de algum vento de vamgloria, fez ſegredo do que fora rezaõ ſe publicara, e authorizara com eſcrituras, e teſtemunhos de muitos olhos: contentouſe com lhe fazer novo caixaõ, forrado por dentro de ſetim branco, e cuberto de veludo azul, atraveſſado de cruz branca, cravaſaõ, e fechaduras douradas, pera o trazer à ſua Capella com toda a veneraçaõ devida. Ao trocar dos caixoens, quiz o Senhor moſtrar nova maravilha: permittio que ouveſſe engano na medida do ultimo; de que naſceo, que ao recolher do corpo ſe lhe quebraraõ alguns dedos dos pés, nos quais ſe enxergava huma côr vermelha de carne, ou ſangue deſcorado. Mas porque naõ ouveſſe duvida, em ſer ſangue puro, e liquido, ſuccedendo com as mudanças dividirſe a cabeça do corpo, ficou junto do peito tinta a camiſa de muitas manchas de hum ſangue deslavado, mas claro, e com huma viveza de grande eſpanto. Neſta fórma, e eſtado, foy levado a Aveiro por ſeu filho, que de caminho o moſtrou em Cabeça de Vide a Dona Joanna de Tavora, néta da Sancta, e mulher de Luis de Miranda Henriques Eſtribeiro mór d'elRey em Portugal, e a toda ſua familia, e em Coimbra a muitas parentas, que tinha no Moſteiro de Cellas. E ultimamente foy viſto, e conſiderado com muito vagar, e admiraçaõ, por toda a Communidade das Religioſas de Jeſu de Aveiro, e muitas peſſoas ſeculares, que ſe juntaraõ. E porque naõ era rezaõ juntarſe com outros corpos hum, em que Deos tinha feito tamanha differença, ficou com bom conſelho collocado dentro do preſbiterio da parte do Evangelho. Quando o Ceo teſtemunha, offenſa fará a terra em querer tambem dar ſeu voto. Muito puderamos dizer da rara bondade, e vida inculpavel deſta Matrona. De tudo nos deſobriga o prodigio referido.

Fim do Livro quarto.

SEGUN-

SEGUNDA PARTE

DA HISTORIA DE S. DOMINGOS, PARTICULAR DO REYNO DE PORTUGAL.

LIVRO QUINTO.

CAPITULO I.

Do naſcimento, e criaçaõ, e principios de vida da Princeſa Dona Joanna.

PErtence ao Moſteiro de Jeſu de Aveiro a Princeſa Dona Joanna, como qualquer filha de profiſſaõ delle: porque ainda, que naõ chegou a profeſſar ſolemnemente, impedida primeiro por ſeu Pay, e Irmaõ, e por todo o Reyno: e deſpois por eſcrupulo proprio de ſe ver cercada de muitas enfermidades: com tudo em ſeu animo, e obras, foy verdadeira Religioſa. E como nos honrou a caſa com ſua peſſoa, rezaõ ſerá, que honremos tambem eſtes eſcritos com a relaçaõ de ſua vida. Tardava elRey Dom Affonſo Quinto em alegrar o Reyno com ſucceſſaõ, ſendo cazado de muitos dias: buſcou os meyos do Ceo. Viſitou com devaçaõ huma hermida de noſſo Sancto Patriarcha, que chamaõ S. Domingos da Queimada no Biſpado de Lamego. Tem toda aquella Comarca fé, e experiencia, que por interceſſaõ do Sancto alcançaõ remedio os caſados, que ſe temem de eſterilidade. Aſſi o alcançou elRey; porque aos nove mezes deſpois da romaria, pario a Raynha huma filha, cuja vida, e coſtumes foraõ tais, que bem moſtrou Deos nella, que fora dadiva ſua. Naſceo eſta Senhora no anno de 1452. e foy logo jurada por Princeſa por todos os Eſtados do Reyno, que acertaraõ a acharſe juntos na conjunçaõ de ſeu naſcimento. Quiz Deos, que ſó eſte titulo tiveſſe o mundo della, tudo o mais foſſe ſeu: e aſſi ſe vio, tanto que foy creſcendo na idade, e lume da rezaõ. Aos ſete annos, notavel inclinaçaõ, e affeiçaõ pera as couſas de Deos. 1452.

Aos

Aos dez recolhimento; eſtudo, e devaçaõ. Aos doze, o que de antes ſó parecia inclinaçaõ, era já fervor, e fogo do Ceo, que a enſinava a deſprezar o mundo, e conhecer por falſo, e ſem ſubſtancia tudo o que nelle ſe eſtima: já ſe recolhia em hum Oratorio, lia, e conſiderava as vidas, e martyrios das Virgens: e tanto ſe agradava da liçaõ, que naõ queria fallar, nem ouvir fallar doutra couſa: ſendo eſtas partes ſó per ſy baſtantes pera lhe darem nome, e reputaçaõ, juntou a natureza as ſuas, dandolhe gentileza no roſto, grande ar, e graça na diſpoſiçaõ, e meneyo; prudencia, e diſcriçaõ nas palavras: qualidades, que eſpalhavaõ ſua fama até por Reynos eſtranhos: de ſorte, que ſe affirma vieraõ pintores famoſos a vella, e retratalla. E contaõ de Ludovico Undecimo Rey de França, que vendo hum retrato deſtes, com os joelhos em terra, deu graças a Deos por criar no mundo couſa taõ bella: e eſte foy o meſmo, que poucos annos deſpois a pedio com efficacia pera mulher do Delfim ſeu filho, como logo diremos. Era já de quinze annos quando falleceo a Raynha ſua mãy. Como elRey conhecia ſeu grande talento, mandou, que nenhuma alteraçaõ ouveſſe no trato, e governo da caſa Real; e toda lhe ficaſſe entregue aſſi como a tinha a Raynha. Eſta confiança, e liberdade lhe acreſcentou a que muito dezejava ter no ſerviço de Deos. Havia no Paço duas Donas da criaçaõ da Raynha, de cujo ſerviço, e partes tinha ſatisfaçaõ: eſtas fez ſecretarias da nova vida, que com o mayor eſtado determinou ſeguir: e foy o principio, mandarlhes que lhe fizeſſem humas tunicas de eſtamenha groſſa, e aſpera. Eſtas foy logo uzando debaixo das de Olanda fina, e das roupas Reays, e pompoſas: e porque lhe pareceo pouco eſquiva a lam, acompanhouas com hum duro, e aſpero cilicio de ſedas de cavallo. Bem ſe nos repreſenta já eſta Senhora outra Sancta Cecilia: podemos dizer, que lhe naõ faltava mais, que o martyrio pera ficarem iguais; mas eſte foy logo procurando com hum firme propoſito de viver, e morrer em Religiaõ: martyrio verdadeiro de vontade, ſenaõ de ſangue. Aſſi aſſiſtia nos Saraos com elRey ſeu pay, e com o Principe ſeu irmaõ, e ſeus tyos os Infantes. Dançava com elles, cobrindo com joyas, e panos de ouro, os inſtrumentos de penitencia: e quando a deixavaõ buſcava o ſeu Oratorio: e alli pedia a Deos com larga oraçaõ, e lagrimas lhe abriſſe caminho pera o ſervir em pobreza, e humildade, livre daquellas pompas, e obrigaçoens, que já tinha por cativeiro. Deitavaſe deſpois em ſeu leyto à viſta das ſenhoras, que a ſerviaõ. Mas como creſcia em fervor de eſpiritu, tanto que a deixavaõ ſó, tornavaſe ao Oratorio, e alli paſſava a noite, parte de joelhos em oraçaõ, parte deitada em terra, ſó com a cabeça em huma almofada, e muitas vezes tomando crueis diſciplinas, e algumas de ſangue: eſta era ſua vida ordinaria. Porem entendendo com ſua muita prudencia, que a continuaçaõ do dormir no chaõ, e veſtida, de força lhe ha-

via de prejudicar à ſaude por ſer, como era, de muy fraca, e delicada compreiçaõ; e por eſſa via ſe lhe viriaõ a deſcobrir, e eſtorvar as mais penitencias, a que todavia queria hirſe acoſtumando: ordenou nova fórma de cama por eſte modo. Havia debaixo da camara em que dormia huma boa caſa como entreſolho: a eſta mandou tapar de fóra, portas, e janellas, e abrirlhe emſima hum alçapaõ com ſua eſcada: e ordenou às ſuas ſecretarias, que nella lhe puzeſſem huma cortiça com ſeu colchaõ emſima, que melhor diriamos enxergaõ; porque era cheyo de eſtopa groſſa, e com ſuas aréſtas vivas, mais pera dar tormentos, que alivio, e ſono: por lençois duas mantas de ſaco, e hum cobertor do meſmo: e com tal cama julgava, que fazia favor à fraqueza de ſua indiſpoſiçaõ. Soubeſe largamente della ao entrar do Moſteiro: porque entregando ſe entaõ às Freiras huma grande arca com mais cautella, e ſegredo, que outras partes de ſua recamara, fez parecer a diligencia, que ſeria theſouro, e peças ricas: e aberta, acharaõſe as que temos dito, com as tunicas de eſtamenha, e outras alfayas de verdadeira penitente, que muito eſpantaraõ. A tays noites ajuntava a Princeſa muitos dias de jejum a paõ, e agoa; e particularmente todas as ſeſtas feiras: e porque naõ foſſe entendida a abſtinencia, humas vezes comia com tal diſſimulaçaõ, que fazia parecer, que comia de tudo o que lhe punhaõ diante, e na realidade ficava ſó com paõ, e agoa: outras fingiaſe indiſpoſta, e naõ comia publico. He verdadeiro meſtre de boas almas o Eſpiritu Sancto: delle aprendeo, que tambem lhe era agradavel, e precioſo jejum o da falla, como o da comida, e o dos penſamentos, como o das obras: tal temperança guardava no fallar, que ſe naõ era muito neceſſario, outra couſa ſe lhe naõ ouvia, em todo o dia. O penſamento entaõ applicava todo a conſiderar os paſſos da ſagrada Paixaõ, e em particular as penas da Virgem bemditiſſima, quando, deſcido da arvore da Cruz o ſagrado Fruito do ſeu vente Jeſu, o teve em ſeus braços defuncto. Neſtas meditaçoens acontecia accenderſe tanto, que muitas vezes naõ podendo reprimir o impeto do eſpiritu, ſoavaõ por fóra os gemidos, e ſolluços, que lhe cauſavaõ. Ficou em memoria, que deſde muito tenra idade ſe coſtumara a tomar cada dia huma hora, em que ſe recolhia a meditar o paſſo do Horto: e fazendo conta, que ſe achava nelle, e diante do Senhor, já ſe proſtrava em terra com o roſto pegado nella: já ſe levantava, e tornava a debruçar, repetindo com dor, e lagrimas as palavras, que o Senhor diſſe ao Pay Eterno. Eſtes paſſos tinha pintados em hum paynel, que por iſſo trazia ſempre conſigo, porque a viſta continua ajudaſſe a lembrança, que nunca queria perder delles; e polla meſma rezaõ eſcolheo huma empreſa, que ſempre lhos eſtiveſſe repreſentamdo. Sempre foy coſtume dos Principes, e inda hoje naõ eſtá eſquecido, declararem ao mundo ſeus penſamentos por meyo de diviſas, que cada hum toma. Aqui ſe referem as Aguias,

os

os Grifos, as Fenix, os Leoens rompentes, os Tigres, as Panteras, as Columnas, os Diamantes, as Piramides, e todas as mais que vemos acompanhar as armas dos Reys, e Reynos. A Princeſa naõ ſe quiz deſobrigar deſte uzo commum: mas no coſtume do mundo buſcou empreza do Ceo, que foy huma coroa de eſpinhos. Eſta mandou pintar em todos ſeus apoſentos ſobre as portas, e eſmaltar em ſuas joyas, e gravar em ſua prata.

He ſancta companheira do jejum a eſmolla: que jejuar ſem fazer bom emprego do que ſe deixa de comer jejuando, avareza he, naõ abſtinencia, poupar he, mais que fazer penitencia. Andava no Paço hum bom velho virtuoſo, e ſeſudo, que ſervia a Princeſa, do que hoje chamaõ guarda joyas. Deſte fiava ella ſuas eſmollas ſecretas, que eraõ muitas, e feitas com grande ordem. Havia livro que continha os nomes dos neceſſitados, as qualidades de cada hum, as quantias, e os tempos do provimento. Juntamente mandava acudir às cadeas, e hoſpitaes: e naõ ſe eſquecia dos Moſteiros dos Frades, e Freiras. Mas quando vinha a ſemana Sancta, eſte criado lhe trazia doze mulheres pobres, e polla mór parte eſtrangeiras (que aſſi o mandava ella) e das mais deſemparadas, e com grande ſegredo, e ſem ellas, nem outras o entenderem, lhes lavava os pés à quinta feira, e lhos beijava, e as deſpedia veſtidas de novo, e ſua eſmolla de dinheiro na maõ. E deſte dia até o de Paſcoa, nem ſe deſpia, nem fallava, nem ſe deitava, nem deixava de acompanhar o Sanctiſſimo Sacramento. Eſtas virtudes juntas a outro genero de grande charidade, que era procurar, que ouveſſe paz, e amizade, naõ ſó entre os criados, que a ſerviaõ, mas em todo o Reyno, e entre alguns Grandes, que ſe deſgoſtavaõ com elRey, a faziaõ amada geralmente do povo; mas muito mais d'elRey ſeu pay, que pollo meſmo caſo lhe naõ punha limite em nada do que queria: ſó em huma materia teve muito deſabrimento com ella; porque nunca a póde dobrar à ſua vontade. Sérá pera o Capitulo ſeguinte.

CAPITULO II.

Pede elRey de França a Princeſa pera eſpoſa do Delfim ſeu filho. Deſvia a Princeſa a practica: reſolveſe em buſcar a Deos na Religiaõ. Pede licença a elRey: vay pera o Moſteiro de Odivellas.

ENtraraõ neſta conjunçaõ em Lisboa Embaixadores d'elRey de França Ludovico Undecimo. Era a ſuſtancia da embaixada, que elRey ouveſſe por bem, que pera mais firmeza de amor, e paz, que entre as duas Coroas havia, intervieſſe novo vinculo de ſangue, contrahindoſe matrimonio entre a Princeſa Dona Joanna, e o Delfim de França (tal he o titulo dos Principes daquelle Reyno.) Naõ havia quem duvidaſſe em eſtar bem o negocio a elRey Dom Affonſo ſeu pay, e ao Reyno, e à meſma Princeſa: ſó ella, quando ſeu pay lho communicou pera ſaber ſua vontade, ficou

cou dentro em ſua alma com ſobreſalto, e deſconſolaçaõ. Mas ſem dar a entender o que ſentia, deſviou o trato com rezoens taõ ſabias, que elRey ficou ſatisfeito dellas, e de ſua tençaõ, naõ deſcontente. Diſſe, que o Principe Dom Joaõ ſeu irmaõ era moço, e enfermo: e parecia temeridade em quanto naõ tinha idade pera caſar, nem diſpoſiçaõ, e ſaude firme, deſterraremna a ella pera taõ longe, ſendo, como era herdeira, e ſucceſſora do Reyno: que ſe podia reſponder aos Franceſes com palavras gerays de boa amizade, e goſto do parenteſco: porém differindo a reſoluçaõ, e dando por cauſa os poucos annos do Delfim, que naõ eraõ mais de quinze, e tambem os della: que havia miſter ſer mais creſcida, e ter mais practica do que lhe convinha ſaber pera tal eſtado, e pera em terras eſtranhas. Inſtou elRey todavia, e aporfiou, porque naõ tinha por acertado perder tal occaſiaõ. Mas emfim, conſiderando de vagar a repoſta da Princeſa, foy julgada por mais conveniente, e ſeguida por todos os do Conſelho.

Por eſte meyo ſe livrou a Princeſa deſta vez. Mas ficando cheya de medo, que naõ tardaria ſegundo combate, pollo amor, que ſeu pay lhe tinha: e favor, que imaginava lhe fazia no caſamento, ſeguindo os eſtylos do mundo: recorria com efficacia à oraçaõ. Pedia a Deos lhe eſtorvaſſe todo eſtado mundano, e foſſe ſervido abrirlhe caminho pera o da Religiaõ, que ſó dezejava. Acudio o Senhor miſericordioſo a favorecer taõ ſanctas petiçoens com hum principio de grande conſolaçaõ, que foy darlhe noticia de hum raro eſpiritu, que com ſemelhante inſpiraçaõ à ſua, tratava tambem de renunciar grandes bens da terra, e quietar ſua alma em deſerto, e pobreza. Era Dona Leonor de Menezes filha do Conde Dom Duarte de Menezes: da qual temos eſcrito atraz, e he forçado continuarmos agora alguma couſa. Anima muito huma boa companhia pera a obra, e pera o bem, como acontece inclinarem, e levarem as más pera o mal. Tanto que a Princeſa ſe certificou de ſua ſancta determinaçaõ, logo ſe carteou com ella, communicandolhe a ſua, e pedindolhe, que fizeſſe diligencia por averiguar, que Moſteiros eraõ os que mais reformaçaõ ſeguiaõ no Reyno; e que com todo ſegredo, porque temia muito ſer entendida, lhe déſſe aviſo. Entre tanto quiz viſitar o Moſteiro de Odivellas, pera ver como nelle ſe vivia: e ainda que achou muita Religiaõ, naõ ſe lhe inclinou: porque como buſcava grande rigor, e aperto, parecialhe que poderia achar mais; e tanto que por cartas de Dona Leonor teve informaçaõ de como ſe vivia no novo Moſteiro de Jeſu de Aveiro, humas eſcritas quando ſe reſolveo em hir pera elle, outras deſpois de viſto, e experimentado o que lá paſſava, abraſouſe em ſancta enveja da boa amiga, que lhe hia diante, e fez propoſito conſtante, e determinado de naõ buſcar pera em vida, e morte outra caſa. Naõ deixava de entender, que havia de ter montes de contraſtes, e difficuldades: porém, como fazia conta

que a cauſa era de Deos, offerecialha, e punhaa em ſuas Divinas mãos eſperando, que elle lhe daria proſpero fim; e com eſta confiança, começou a diſpor da familia, e de todos os que a ſerviaõ, como ſe já eſtivera de caminho pera o Moſteiro. Caſou as Damas com bons dotes, e repartio entre ellas ſeus veſtidos, e joyas: deſpachou com elRey os fidalgos, e officiais com a mayor aventagem, e favor, que pode.

Aſſi hia a ſancta Princeſa pondo ſuas couſas em ordem pera ficar livre, e deſembaraçada de tudo o da terra, e ſe entregar toda ao Senhor, que a chamava, quando o meſmo Senhor lhe trouxe occaſiaõ, qual ſe podia dezejar pera ſe declarar com ſeu Pay, e alcançar com ſua bençaõ bom fim no que dezejava. 1471. Era no anno de 1471. quando elRey Dom Affonſo paſſou em Africa com huma poderoſa armada; navegou preſperamente; tomou por força de armas Arzilla; fezſe Senhor de Tangere: tornou a Lisboa brevemente alegre, e vencedor, e ganhado o titulo de Africano. Ficara a Princeſa governando o Reyno por ſua auſencia: porque o Principe, que era hum Rayo de valor, naõ quiz deixar de acompanhar a ſeu Pay na jornada. Quando ſoube, que os tinha no Porto: determinou feſtejar a vinda, e a victoria com todo o mayor aparato: e porque queria pedir como outra Eſther, e vencer como Judith: pedir contra o inimigo das almas, vencer ſeus capitaens, e exercitos: deſpois de larga oraçaõ, cubrio os cilicios, e tunicas de ſaco com os atavios mais ricos, e que mais graça lhe davaõ em cores, e feitio: acompanhouos da melhor pedraria, e mais ricas joyas, que havia no theſouro d'elRey: e ſobre tudo de ſua graça, e ar natural, que parece acreſcentou Deos neſta hora, pera que nada ſe lhe negaſſe. Aſſi ſahio a receber os vencedores, e beijando a maõ a elRey ſeu pay, deſpois de lhe abraçar com humildade os pés, começou a propor aſſi. Ficaraõ ſuſpenſos todos os prezentes, eſperando quais ſeriaõ as palavras de quem já com a viſta, e geſto os encantava. Tenho lido, que foy coſtume dos grandes Reys, e Capitaens antigos quando, acabada alguma famoſa empreſa, tornavaõ a ſua caſa, offerecerem ao Deos, que veneravaõ, as melhores, e mais eſtimadas couſas, que em ſeus Reynos havia: e no dia, que entravaõ, à honra do triunfo faziaõ mercês, e concediaõ liberalmente tudo quanto ſe lhes pedia. Empreſa foy ſobre maneira arriſcada a que Voſſa Alteza cometeo: glorioſiſſimo o fim, que por ſua maõ lhe deu. Conquiſtou duas cidades em Reyno eſtranho, e muito longe do ſeu, matou infinitos inimigos da Fé, tudo à cuſta de muito perigo, e trabalho ſeu; mas de pouco ſangue dos ſeus (que he o mayor louvor de bom, e ſabio Capitaõ:) obrigado fica, como Principe taõ ſancto, e taõ Catholico, moſtrarſe agradecido por alguma nova maneira ao Senhor dos exercitos: obrigado a alegrar hoje ſeus vaſſallos, enchendoos de mercês a todos: e naõ negando nenhuma a quem lhe ſouber pedir couſas juſtas. Dizia

zia eu, Senhor, que ſe o agradecimento ha de ſer igual ao riſco, que ſe paſſou ; e à honra, que a jornada tem rendido pera Voſſa Alteza, e pera todo eſte Reyno: naõ póde, nem deve ſer outro, ſenaõ offerecer Voſſa Alteza a Deos huma filha, que muito ama. Se lha der, ſó niſto ſe enxergará verdadeiro reconhecimento da mercê, que tem recebido : e eu, que ſou eſſa unica, e amada filha, e aquella, a quem mais cuſtou a jornada, de lagrimas, e medos, ſou a meſma, que peço a Voſſa Alteza por mercê, e dom ſingular, que a cumpra. O que ſerá, dandome licença, pera eſcolher hum Moſteiro em que dedique a Deos a vida, a liberdade, e o goſto. Naõ póde Voſſa Alteza em tal victoria eſcuſarſe de dar a Deos graças com huma obra grande : nem em dia taõ alegre, negar a huma ſó filha, que tem, huma mercê, que lhe pede. Concluindo a Princeſa, vioſe logo nos ſembrantes dos circunſtantes, que a nenhum aprazia tal petiçaõ. E com tudo, elRey, como amava tenramente a filha, naõ ſe atreveo a deſgoſtalla em tal tempo, e em acto taõ publico : deuſe por vencido das boas rezoens, e do geito, e pronunciaçaõ, com que foraõ repreſentadas, e lançandolhe os braços ſobre o peſcoço, deixando juntamente correr algumas lagrimas em teſtemunho do que ſentia tal determinaçaõ, diſſe que lhe outorgava a licença. Naõ eſperavaõ tal repoſta os Senhores, que acompanhavaõ a elRey, e todos juntamente acudiraõ a reclamalla ; proteſtando em nome do Reyno, que em tal couſa naõ conſentiriaõ nunca. Mas ella em final, que aceitava a mercê, inclinouſe de novo, e beijou a maõ a elRey cheya de contentamento, e dando em ſua alma graças ſem fim ao Senhor.

Paſſaraõ alguns mezes, porque naõ quiz a Princeſa aguar as feſtas, e alegrias da victoria com ſeus requerimentos, que já via ſerem odioſos a todo genero de gente ; e achando hum dia boa conjunçaõ, lembrou a elRey a palavra que lhe tinha dado, e ella aceitado. Sobreſaltouſe elle ; deulhe muitas rezoens por onde naõ convinha fallarſe em tal materia : que era o Principe enfermo, ella deſpois delle unica herdeira, e huma ſó eſperança do Reyno. Mas ella ſoube replicar a tudo com tanto aviſo, que elRey emfim lhe diſſe, que naõ era ſua tençaõ encontrar os movimentos do Ceo : nem menos a palavra, que tinha dado : e ſó queria ſaber, que Moſteiro era o que tinha na vontade. A Princeſa vendo, que tratava negocio em que naõ tinha ninguem por ſy na terra : e que convinha levallo com muito arteficio, e prudencia ; reſpondeo, que de preſente naõ faria mais aballo, que até Odivellas : e que pera poder hir mais livre de cuidados, pedia a Sua Alteza, pois lhe fazia a mayor mercê, que no mundo podia eſperar, mandaſſe dar cargo de tudo, o que havia no Paço, a huma peſſoa que lhe pareceſſe : porque ella neſta mudança naõ fazia conta de ſe acompanhar, ſenaõ de poucas peſſoas, e eſſas tais, que ſe atreveſſem a ſeguilla na meſma fórma de vida, que pera ſy tomaſſe. Mas naõ ha bem lingoagem,

que poſſa bem declarar as queixas, as deſconſolaçoens, as lagrimas, que ouve em todo genero de gente, tanto que eſta nova foy publica no Paço. Naõ fizeraõ mais extremos, ſe viraõ enterrar a Princeſa: porém ella cheya de alegria em ſua alma, naõ deixava de ſentir a pena de ſuas criadas, pollo muito que as amava, e como era de natureza benigniſſima, pagava com lagrimas de amor as que nellas via de dor. A todos, e todas conſolava com huma ſó rezaõ: que ſe choravaõ deſemparo proprio, naõ tinhaõ que temer; porque elRey ſeu pay lhe tinha prometido de os remediar como a filhos, e ella naõ ficava longe pera o requerer: ſe ſentiaõ ſua hida della, faziaõ aggravo ao muito amor que lhe deviaõ: pois parecia hum genero de enveja do ſeu mayor bem, que com muito goſto hia buſcar em Chriſto. E por atalhar mais laſtima, fez ſua partida de noite, e com pouca companhia, que foy ſó de ſinco mulheres, que com ella ficaraõ, duas, que de longos tempos ſabiaõ ſua vida, e determinaçoens; e as tres pera a ſervirem. E pera ſe deſpegar de huma vez de tudo, o que no mundo lhe podia dar goſto, ou eſpertar affeiçaõ, e ficar de todo em deſerto, deixou ordem, que nenhuma das que ficavaõ procuraſſe mais vella, nem buſcalla.

CAPITULO III.

Sahe a Princeſa de Odivellas, caminha elRey com ella pera Coimbra: deixaa recolhida no Moſteiro de Jeſu de Aveiro. Daſſe conta de hum prodigioſo ſinal, que ſobre o Moſteiro appareceo; e do fim que teve.

HIa a Princeſa fazendo ſeu negocio com paſſos vagarosos, e prudentes; e aſſi obrigava a ſeu Pay a concederlhe tudo o que queria. Deſpois de eſtar dous mezes em Odivellas, onde d'elRey, e do Principe, era a miude viſitada: diſſe hum dia a elRey, que bem ſabia Sua Alteza, que ſua vinda pera aquella caſa, naõ fora pera effeito de ficar nella, ſenaõ pera della mais a ſeu ſabor buſcar morada, e conſolaçaõ perpetua: e por tanto foſſe ſervido de a deixar hir pera outra parte. Naõ fez elRey duvida, nem lhe perguntou em que Caſa tinha vontade. Só lhe diſſe, que ſeria bem hir pera Coimbra, que tambem era Moſteiro Real, e morada de muita gente da mais illuſtre do Reyno. Com eſta palavra, e conſentimento de poder fazer mudança, naõ quiz a Princeza por entaõ replicar, nem contradizer no ponto de Coimbra, guardándoo pera melhor conjunçaõ. Mas nomeou logo dia pera a partida, eſcrevendo primeiro à Madre Brites Leytoa, que ſeu animo era hir ſer ſua ſubdita: porém, que convinha valherlhe diante de Deos com muita oraçaõ; porque ſeu Pay fazia differente conta. E aſſi ſuccedeo eſcrever elRey no meſmo tempo à Abbadeça de San-

Sancta Clara de Coimbra, que ſe a percebeſſe pera receber no Moſteiro a Princeſa. Era por
1472. Junho do Anno de 1472. quando a Princeſa deixou Odivellas, acompanhada d'elRey, e do Principe; ella com penſamentos, e olhos em Aveiro: elles em Coimbra. Faziaõ jornadas curtas, e paravaõ dias em alguns lugares, reſpeito do tempo calmoſo. Mas chegando a Pombal, como alli ſe apartavaõ as eſtradas, foy força declararſe d'alguma maneira com ſeu Pay. E procedendo com ſeu coſtumado artificio, diſſelhe, que eſtimara muito, pois eſtavaõ em caminho, poder ver hum Moſteiro taõ gabado de obſervante, e religioſo, como era o de Jeſu de Aveiro: e correndo a practica, foylhe dando a entender com boas rezoens, que por nenhum caſo diria bem com ſua peſſoa, e authoridade ficar em Sancta Clara, onde havia mulheres, que viviaõ com eſtado: e ella naõ pretendia a Religiaõ, ſenaõ pera viver em toda pobre-
Sap. za, e humildade. Bem ſe diz, que os coraçoens dos Reys eſtaõ na maõ de Deos. Obrou elle de maneira, que com muita facilidade veyo elRey em a levar a Aveiro; ſendo couſa totalmente encontrada com ſeu entendimento, e de todos os da companhia, ficar ella em tal lugar: e trasluzindoſe já, que em nenhum outro tinha vontade. Emfim, mandou elRey guiar per Aveiro.

Neſte tempo, conta a Hiſtoria antiga, que temos deſta Senhora eſcrita de maõ, e guardada como theſouro no Cartorio do Moſteiro, que apparecia ſobre elle hum eſtranho ſinal do Ceo. Era huma exalaçaõ, que repreſentando ſer eſtrella, que lançava de ſy hum claro, e reſplandecente rayo, grande em largura, e taõ eſtendido, que aos olhos de quem eſtava na Craſta tomava todo o ceo della. Na primeira viſta ameaçava ſer Cometa, e como tal fazia medo; mas conſiderado bem o apparecimento, e mudanças de cada dia, moſtrava ſer outra couſa: porque apparecia todos os dias acabada Completa ſobre o Moſteiro, e permanecia toda a noite até polla manham, ſem fazer mais differença, que inclinarſe humas noites contra a caſa, que agora he ſacriſtia, e outras ſobre o ſitio, em que deſpois ſe edificou apoſento pera a Princeſa: e tinha outra novidade eſpantoſa, que ainda que o Ceo eſtiveſſe toldado de nuvens, ou nevoas, e eſcuro, e ſem eſtrellas, ou chovendo, ſempre ſe deixava ver da meſma maneira. E tinhaſe começado a notar deſde entrada de Março deſte, e durava por fim de Julho, que foy quando elRey chegou a Aveiro.

Recreouſe a Princeſa com ſe ver no lugar, que tanto dezejava, e tanto lhe tinha cuſtado chegar a ver: e vendo, que tinha taõ perto a feſta de noſſo Sancto Patriarcha, quiz eſperar pera entrar em ſua veſpera. Na veſpera polla menham fez ſolemne entrada: acompanhoua elRey, e o Principe, e a ſenhora Dona Felippa ſua tya, irmam de ſua mãy, e huma Religioſa que conſigo trouxe de Odivellas, peſſoa de grande virtude, e eſpiritu (chamavaſe Dona Mecia de Alvarenga.) Era de ver a differença de affectos, que

ſe

ſe enxergavaõ nos ſemblantes de todo eſte ajuntamento. Em cada huma das Freiras, e principalmente na ſancta Prelada Sor Brites Leytoa, brotava o gozo por roſto, e olhos, ſem baſtar ſua grande modeſtia pera o diſſimular; polla honra que ganhavaõ com tal hoſpeda. ElRey eſtimando ter dado conſolaçaõ, e goſto a huma filha, que tanto merecia, ſentia todavia graviſſima pena de ſe ver ſem ella: e a eſte modo ſe via em toda a Corte huma profunda triſteza: mas por naõ offenderem a ſeu Rey, ſem vozes, nem lagrimas, ſó o Principe, como ardente, que era de condiçaõ, naõ diſſimulava o deſgoſto, que tinha deſta entrada; e por mais branduras, que a Princeza lhe dizia, ſe declarou com ella, julgando pollo paſſado, que era genero de engano quanto lhe ouvia: que ſe intentaſſe mudar eſtado, ſoubeſſe de certo, que elle em peſſoa a havia de vir tirar do Moſteiro. Entre eſtas ondas de triſtezas, e alegria, eſpantava a compoſiçaõ, e aviſo, com que a Princeſa ſe governava, naõ ſe moſtrando alegre aos triſtes, nem triſte a quem com ſua companhia ſe alegrava. Deixou elRey aſſentamento à Princeſa pera ſeu prato, e gaſto, que o Principe ſeu irmaõ, depois que foy Rey, accreſcentou, dandolhe o Senhorio, e rendas da Villa, e quaſi de toda a Comarca: e tambem lhe dava a juriſdicçaõ; mas eſta naõ quiz nunca aceitar: ficando aſſi rica das portas a fóra do Moſteiro: dentro nenhuma Freira era mais pobre: porque naõ meteo conſigo nenhum genero de ſerviço, e ſó ficou em ſua companhia a Madre Dona Mecia de Alvarenga. As ſinco mulheres, que tinha em Odivellas, mandou ficar na villa, mais por amor, e pera lhes fazer bem, e mercê, que por neceſſidade, nem goſto de ſeu ſerviço. Ficou tambem a ſenhora Dona Felippa ſua tya em humas caſas junto do Moſteiro; porque ſenaõ atrevia viver longe della. Era o Moſteiro muy eſtreito pera apoſentar huma Princeſa; mas ella entrou taõ humilde, que tudo lhe parecia grande: concertaraõlhe huma caſa, que ficava junto à Capella mór: aqui fez logo armar hum Oratorio, e na parede abrir huma pequena freſta, que lhe ſervia de tribuna pera ouvir os officios Divinos. E pouco tempo deſpois comprou hum pumar, que partia com o Dormitorio, e nelle mandou lavrar hum moderado apoſento pera ſy; e no ſitio, que ſobejou, ganhou largueza, e recreaçaõ pera as Freiras. Seu trajo era já Dominico quando entrou, váſquinha branca, e ſayo preto, de pano pouco cuſtoſo; os cabellos ennaſtrados, recolhidos em coifa de lenço, e toalha lançada: como tudo era taõ honeſto, naõ mudou nada. Nas feſtas deſcia muitas vezes ao Choro, e tomava aſſento no eſquerdo, entre as Noviças, e nas ultimas cadeiras. Era eſta Senhora de ſua natureza muito amavel, juntandoſelhe tamanha humildade, cativava os coraçoens de todas as Religioſas: e muito mais deſpois que viraõ, que deſdo dia, que por ſuas portas entrou, ceſſaraõ os medos do Cometa, que atraz diſſemos: porque continuando até a noite antes da veſpara de noſſo Padre, logo na

ſeguin-

ſeguinte deſappareceo, e naõ foy mais viſto; com que ſe acabou de verificar, que naõ fora Cometa, ſenaõ ſó huma luz myſterioſa, e ſignificadora da que a Princeſa havia de dar a eſta Caſa com ſuas virtudes, como lemos, que ſe viraõ muitas ſemelhantes no naſcimento de alguns Sanctos.

CAPITULO IV.

Toma a Princeſa habito de Noviça. Daſſe conta da vida que fazia.

SEndo a Princeſa verdadeira Religioſa, no recolhimento, e em todo rigor, vida, e obras, que fazia, davalhe grande afflicçaõ de animo, faltar na ſolemnidade do habito, e profiſſaõ. E vendo paſſados dous annos, e meyo deſpois de ſua entrada, e ſabendo, que andava em practica caſamentos do Principe, julgava, que pera o que de ſy quizeſſe ordenar, naõ haveria já as contradiçoens do tempo paſſado. Pollo que entrado o anno de 1475. publicou o que até entaõ com grande cuidado diſſimulara: e diſſe à Prioreſſa diante de toda a Communidade, que ſua determinaçaõ nunca fora outra, nem a outro fim viera áquella Caſa, ſenaõ pera viver, e morrer nella, e no habito de S. Domingos, que por iſſo queria logo tomallo, e começar ſeu anno de provaçaõ: e ſinalou dia, o da Converſaõ de S. Paulo a vinte ſinco de Janeiro do meſmo anno. Chegou o dia, e bem podemos dizer, que foy o mais fermoſo, e o mais alegre, que nunca aquella Caſa teve. Vioſe nelle huma Princeſa jurada de hum Reyno; ſendo encontrada de pay Rey, e irmaõ Principe, tyos Infantes, e a deſpeito de toda huma Provincia, buſcar a pobreza, e humildade de Chriſto: lançarſe por terra, e aos pés de huma pobre mulher, pedirlhe por miſericordia huma mortalha. Começouſe a cerimonia deſpois de huma devota practica da Prioreſſa, com ſe chegar a ella a Princeſa, e offerecerlhe a cabeça pera dar os cabellos d'ouro em penhor, e premicias do ſacrificio, que de ſy fazia a Deos. Cortoulhos a Prioreſſa; mas com tantas lagrimas, que quaſi nem os olhos viaõ, nem as mãos acertavaõ o que faziaõ. Naõ eraõ menos as de toda a Communidade, nem as da Noviça: porém com eſta differença, que as da Noviça eraõ de conſolaçaõ, e alegria; as da Prelada, e ſubditas de devaçaõ, de eſpanto, de compunçaõ. Com as meſmas lhe foy veſtido o habito; e por remate, abraçando, e dando paz com humildade a todas, ſe foy com ellas em prociſſaõ ao Altar: onde com os joelhos em terra, batia com grande força nos peitos, offerecendoſe ao Divino Eſpoſo, naõ ſó por eſpoſa, pois tanta mercê lhe chegara a fazer, mas por verdadeira eſcrava.

Começou a Princeſa deſde eſte dia hum muy auſtero, e eſquivo genero de vida, naõ ſó pera qualidade taõ alta, e compreiçaõ taõ delicada, como era a ſua: mas pera quem no naſcimento tivera humilde ſorte, e nas forças muita robuſteza. Eſpelho, em que ſe deviaõ ver, e a elle compor vidas, e coſtumes todos os ſogeitos que buſcaõ

caõ a Religiaõ: Os que naſceraõ grandes pera ſe ſaberem humilhar; e os pequenos pera ſe lembrarem ſempre da pobreza de ſeu pô, e naõ pretenderem incharſe, onde os mayores ſe abatem. Que os grandes do mundo, eſtando nelle, queiraõ viver de brio, e reſpeito, e eſtima, ſeja embora; que eſſe he o eſtylo da terra, que os faz conhecer, e differençar do commum da outra gente. Mas que eſſes meſmos vindo buſcar a humildade de Chriſto naõ queiraõ ſujeitarſe a todas as leys della no trato, no veſtido, na comida, na clauſura, no trabalho, no abatimento! Deſenganemſe; que iſto he manter no hermo os fumos de Babilonia: he ſer profanadores da Religiaõ, naõ Religioſos: porque a verdadeira nobreza, quando buſca a Deos, tanto deſce, e tanto ſe deixa ſumir debaixo dos pés de todos por vontade, quanto por ſangue, por riqueza, e potencia ſobre todos ſe levanta antes de o buſcar. Famoſo exemplo nos deixou eſta Princeſa: do dia que veſtio o ſancto habito, nunca mais ſe deixou viſitar, nem tratar de nenhum ſenhor, nem outro ſecular do Reyno: nunca mais trouxe peça de ouro, nem de prata: e até o titulo de Infante quizera deixar (porque o de Princeſa muito tempo havia, que o tinha deixado) ſe a Prioreſa lho naõ tolhera. No habito, nas tunicas, na cama, e em todo o trajo; no ſerviço do Choro, e Communidade nenhuma differença fazia da mais pequena, e humilde Noviça. Habito curto, e ſem fralda, tunicas de ſarja, cama ſem nenhum genero de lenço, pantufos baixos de inverno, çapatas de ſola no veraõ (quem crera iſto hoje, ainda em huma mulher ordinaria?) No Choro fazia todos os officios das mais Noviças, aſſi como lhe cabia por ſeu turno: dizia Verſos, e Antifonas, regiſtrava os livros, cantava kalendas, accendia as vélas, levava os ciriais, e cruz, e agoa benta: no Refeitorio ſervia quando lhe tocava, ajudando a companheira quanto ſuas forças, que eraõ muy poucas, abrangiaõ. Ao comer tomava ſua pitança, como cada huma das outras Noviças: ſe lhe punhaõ diante mais alguma couſa, como era fazer differença em reſpeito de ſua peſſoa, ou a dava à Freira mais vezinha, ou a deixava ſem lhe tocar. Por naõ faltar em nenhuma occupaçaõ da Communidade, aprendeo a fiar, e a cozer, e lavrar. E como o ſangue nobre pera tudo he mais habil, ſe ſe applica, ſahio grande meſtra; e do ſeu fiado ſe faziaõ corporais pera os altares. Tambem tecia cilicios, e dava traças pera diſciplinas de ſangue com roſetas de aſſo, e prata, em que eſtava experimentada, porque as coſtumava tomar, e com ſeu exemplo faziaõ muitas Freiras o meſmo: as quais ella curava por ſuas mãos com ſegredo, e com huma charidade Angelica. Mas naõ parava aqui: chegou a amaſſar o paõ, lavar a roupa, varrer as caſas, pera que correſſe o trabalho igualmente por todas; e ſe acontecia meterſe lenha em caſa, ou trigo, e ainda que foſſe tijolo, telha, e barro, que as Religioſas, por naõ entrarem dentro ſeculares, e porque naõ uzavaõ inda entaõ ſervidoras,

nem

nem de eſcravas, coſtumavaõ por ſuas mãos acarretar, acudia com alegre roſto a ajudar, e levar ſua parte, louvando humas, e animando outras, e dando exemplo de humildade a todas. A ſogeiçaõ, que tinha à Meſtra de Noviças, era tanto da alma, que à ſua conta naõ havia nenhuma, que deixaſſe de ſer ſogeitiſſima. Na confiſſaõ, e communhaõ nunca deixava de acompanhar as irmãs: ſó lhes ganhava em mais devaçaõ, e mais lagrimas naquelle acto, e no aparelho de oraçaõ, e ſilencio, com que ſe deſpunha pera elle. Mas nas horas que dava a Prelada de recreaçaõ, a mayor que tinhaõ todas, era o amor, brandura, e affabilidade com que as tratava: eſta meſma uzava com qualquer que adoecia, ou tinha alguma occaſiaõ de deſgoſto, aconſelhava, conſolava, e animava: e ſe ſentia em alguma Religioſa afflicçaõ interior, ou trabalho eſpiritual, naõ lhe acudia ſó com laſtima, e compaixaõ de ſeu mal diante dos olhos; mas tambem com lagrimas diante de Deos. E eraõ tais os effeitos dellas, que muitas Religioſas ſe viraõ livres por ſeu meyo de grandes deſconſolaçoens, quaſi milagroſamente. E naõ ficavaõ ſó encerradas nos clauſtros do Moſteiro as virtudes deſta Senhora, paſſavaõ fóra, e chegava o zelo, em que que ardia da honra de Deos, a procurar com efficacia que naõ ouveſſe na Villa quem viveſſe com eſcandalo, ou em máo eſtado: e tendo noticia de algum, davalhe remedio com ſeu poder, e cuidado. E porque tinhaõ nome de ſeus alguns Mouros, e Mouras, que elRey ſeu pay lhe trouxe, vindo da tomada de Arzilla: e naõ lhe ſofria o fogo da charidade haveremſe de perder aquellas almas, tanto mandou trabalhar com elles com prégaçoens continuas, e com mimos, e até com oraçoens ſuas, e com ſacrificios, que emfim os livrou da infidelidade. E como ſoube ſerem bautizados, mandoulhes dar ſuas cartas de liberdade, e caſandoos, deulhes com que viveſſem. Porém foraõ grandes as tempeſtades, que levantou contra ſy com eſta mudança de vida; vellashemos no Capitulo ſeguinte.

CAPITULO V.

Do grande deſcontentamento que ouve no Reyno por eſta determinaçaõ da Princeſa: e do que fizeraõ os povos, e o Principe por rezaõ della.

ESteve muitos dias em ſegredo o novo eſtado da Princeſa: porque era tal o aperto do Moſteiro, que nenhuma peſſoa de fóra a via: os locutorios, em que fallava a ſuas criadas, eraõ cubertos de pano preto; e até pera a ſenhora Dona Felippa ſua tya, naõ havia outros. Mas que couſa ha, que o tempo naõ ponha na praça, por occulta que ſeja? Veyoſe a ſaber na Villa, e logo por todo o Reyno, que eſtava Noviça, com cabellos cortados, e habito veſtido. Foy eſtranho, e nunca viſto o ſentimento, que por toda parte cauſou. Entre os moradores da Villa ouve pranto geral. Os criados, e criadas ſe encerraraõ, e veſtiraõ de panos de dó, como ſe a viraõ enterrar. A ſenhora Dona Felip-

pa naõ quiz mais viſitalla, ou de ſentida do feitio, ou de recear ſer havida por conſentidora nelle: e poucos dias deſpois ſe foy da Villa; e deu ordem com a Prelada de Odivellas, que lhe tiraſſe a amiga Dona Mecia de Alvarenga. Paixaõ, e vingança contra ambas: e tal foy o primeiro golpe, e primeiro golpe deſta perſeguiçaõ. Foy o ſegundo juntaremſe em Aveiro, e deſpois nas portas do Moſteiro, Procuradores das cidades, e villas principais de todo o Reyno, e moſtrandoſe zeloſos do bem publico, chamarem a Prioreſa, queixaremſe agramente della, e com palavras peſadas eſtranharemlhe atreverſe a admittir ao habito, ſem licença d'elRey, e ſem conſentimento da Republica, huma Princeſa, que era unica eſperança della. Seguiraõ logo requerimentos, que lhe deſpiſſe o habito, e lha entregaſſe: e porque a Prelada reſpondia a tudo com muita brandura: mas defendendo, e abonando a tençaõ, e obra da Princeſa: e deixandoſe entender, que nenhuma couſa a faria tornar atraz no começado: ouve vozes de alguns atrevidos, que poriaõ fogo ao Moſteiro: e os mais reportados chamaraõ officiais de juſtiça, e proteſtaraõ em fórma de Direito, que a todo tempo, que a Princeſa foſſe neceſſaria pera continuar a ſucceſſaõ do Reyno, a tirariaõ do Moſteiro, ſem embargo de qualquer acto Monaſtico, que por ella ouveſſe paſſado por mais grave que foſſe, que deſde logo davaõ por nullo, e de nenhum vigor. E de tudo pediraõ fé, e autos juridicos pera levarem às Camaras, de que eraõ enviados.

Muita torvaçaõ receberaõ as Religioſas (como em mulheres, onde he natural o medo, baſta pouco pera fazer grande abalo) com eſta deſcompoſtura dos povos. Mas pouco tardou outra, que as poz em mayor aperto, e mais deſconſolaçaõ. Entrou o Principe pollo Moſteiro cuberto de dó, com a barba, e cabello creſcido, teſtemunhando, neſta, e noutras moſtras de dôr, a muita que trazia na alma. Sahio a recebello a Princeſa, fazendoſe força por moſtrar alegria com ſua vinda: parou elle, pondo os olhos nella; e quando lhe vio o roſto ſeco, pallido, e infiado, effeitos do rigor com que vivia: e notou a pobreza do veſtido, a novidade do toucado (que nenhuma mudança quiz fazer o animo conſtante da ſerva de Chriſto) naõ póde ter as lagrimas: e trocada a paixaõ de ira, com que vinha, em huma naõ cuidada brandura: falloulhe amoroſamente, pedindolhe quizeſſe deixar aquelle genero de vida, e trajo, com que tinha deſgoſtado a ſeu Pay, e a elle, inquietado, e alterado todos os Eſtados do Reyno: que lhe lembraſſe a neceſſidade, que havia de ſua peſſoa pera em falta delle Principe: caſo, em que eſtava obrigada, naõ ſó a cortar por ſeu goſto, pollo dar a tantos, mais inda a ſacrificarſe. Que folgaſſe de agradar em obedecer a hum Pay velho, que muito lhe queria; fazer a vontade a hum irmaõ enfermo, e ſem filhos, e naõ deſprezar os requerimentos de hum Reyno inteiro. Reſpondeo a Princeſa com poucas, e humildes palavras, como

como a Principe, que reconhecia por Senhor, e como a irmam, que muito amava: que bem ſabiaõ elRey ſeu Pay, e elle, que era taõ antigo nella o amor da vida religioſa, como o uzo da razaõ: que a eſta conta de beneplacito de ambos, e com ſua boa licença, de longo tempo requerida, viera pera aquella Caſa. E ſendo aſſi, bem deveraõ entender, que naõ podia eſtar bem a ſua peſſoa, entrando em companhia de profeſſoras de eſtado auſtero, e riguroſo eſtar à viſta de ſeus trabalhos, ſem tomar parte nelles; e viver em caſa de religiaõ, izenta das obrigaçoens della: que fazendo conta, que ambos diſſo eraõ contentes, começara aquella vida, vida que buſcara com vontade, e proſeguia com goſto; e ajudandoa Deos levaria ao cabo, com a firmeza, e conſtancia, que devia a ſeu ſangue: e aſſi pedia a Sua Alteza foſſe ſervido parecerlhe bem. Eſtas rezoens, e humas lagrimas piedozas, com que as acompanhava, atalharaõ o Principe de ſórte, que naõ fez mais inſtancia. Mas tomando a Princeſa polla maõ levoua pera huma varanda. Alli chamou o Biſpo de Evora Dom Gracia de Menezes, que com outros Senhores o viera acompanhando, e queixouſelhe da dureza, que achara nella. Tomou entaõ o Biſpo a maõ: e como era dotado de ſingular eloquencia, de que até noſſa idade chegaraõ veſtigios (devia cuidar, que eſperava o Principe delle déſſe fim a eſta empreſa) começou a proporlhe com elegantes, e bem aſſentadas palavras toda a ſubſtancia das que o Principe tinha dito, e ajuntando outras rezoens, de vivo, e eſperto engenho: e emfim reſolvendo com termo demaſiado livre, que ſe todavia inſiſtiſſe em proſeguir hum genero de vida, que tinha mais de appetite, e mininice, que de prudencia de Princeſa, e em querer paſſar os termos da obediencia, que devia a elRey, como filha a ſeu Pay, e como qualquer vaſſallo a ſeu Rey, e Senhor natural, que pera iſſo eſtava alli o Principe pera lhe naõ ſofrer, que tiveſſe mais habito, nem Religiaõ, nem Moſteiro. Vioſe neſte paſſo o que tanto de antemaõ aviſou Chriſto a ſeus Diſcipulos no ſancto Evangelho; quando por cauſa ſua ſe achaſſem diante dos Reys, e Grandes do mundo, naõ ſe mataſſem por eſtudar repoſtas a ſeus ditos, que elle ſe obrigava a darlhas feitas, e poſtas nas lingoas. Reveſtioſe a Princeſa de hum brio Real, e valor ſenhoril, que bem pareceo communicado do Ceo, e reſpondeolhe aſſi: Biſpo reverendo, tudo o que me tendes dito, devo, e quero crer por obrigaçaõ de chriſtam, que volo faz dizer o zelo que tendes do ſerviço d'elRey meu Senhor, e Pay, e do bem de ſeus povos, e por eſta parte naõ mereceis reprehençaõ: mas que conta haveis de dar a Deos, ſendo ſucceſſor de Chriſto Jeſu ſeu filho no habito de Sacerdote, e profiſſaõ de Prelado, atreverdeſvos a perſuadirme huma couſa taõ encontrada com as obrigaçoens, que prometeſtes, que juraſtes? Como havieis de deſculpar com voſſa conſciencia atiſſardes o fogo da ira do Principe meu Senhor, e irmaõ, com rezoens Matth.

mais apparentes, que verdadeiras, mais artificioſas, que bem fundadas, ſó porque vos parece, que o agradais niſſo? Vós, que tinheis obrigaçaõ, como Padre eſpiritual, de o mitigar, e trabalhar, que naõ chegaſſe a colera a inficionarlhe a alma, e cometer culpa contra Deos: vós, que como outro Ambroſio devereis aconſelhallo, que temeſſe entrar por eſtes Clauſtros ſagrados, ſe naõ foſſe a honrallos, e venerallos: e fazeilo tanto ao revés, que em ſua preſença, e minha, tendes boca pera fallar em tirar habito, e religiaõ: e naõ tendes conſideraçaõ pera ver, que o haveis com hum Deos, que a vós póde caſtigar (e temeyo muito) ſó pollo que dizeis: e a elRey meu Senhor ſó por me conſervar neſte Eſtado, que com ſua licença buſquey, havieys de ter por fé (ſe ſentis bem della) que dará vida, e honra, e novas victorias: e ao Principe muitos filhos, e nétos, e ſaude, e vida pera os ver, e lograr. Se os Eccleſiaſticos naõ diſcurſaõ, como Eccleſiaſticos, naõ fallaõ como Eccleſiaſticos, que ſe ha de eſperar do vulgo? Se a voſſa Theologia vos enſina, que nem nas couſas humanas ſe move a folha de huma arvore ſem vontade de Deos, como nas Divinas, e no que foy inſpiraçaõ do Ceo, e quaſi naſcida comigo, haveis de pôr nome de appetite? Eſtando eſcrito, que nem o nome de Jeſus podemos pronunciar, nem vós, nem eu, ſem eſpecial movimento do Eſpiritu Sancto. Se iſto ignoraveis, naõ merecieis de mym repoſta: e ſe o ſabieys, como ſey, que ſabeis: mereceis nome de adulador pera com o Principe, e de enganador pera comigo. E qualquer que ſeja voſſa tençaõ, e entendimento, ſabei de certo (e com iſto concluo) que a cauſa he de Deos, que ſenaõ ſogeita a poderes humanos: e polla meſma rezaõ naõ haverá nenhum na terra, que me tire o proſeguilla: e ſe elle for ſervido, que me cuſte a vida tal demanda, iſſo terey por ventura, por Reyno, e por Imperio. Aſſi concluhio a Princeſa, e com a ultima palavra fez final de ſe querer recolher, porque enxergava no geſto do irmaõ infiado ondas de nova paixaõ. Parece que ouve por dito contra ſy tudo o que a Princeſa reſpondeo ao Biſpo; ſentioſe, e deſconfiou de ver ſua inteireza, e liberdade; e ver juntamente ficar o Biſpo corrido, e pouco ayroſo com o que ouvira. Dizem, que ſoltou contra ella muitas palavras peſadas; e foy huma, que em pedaços lhe havia de tirar o habito: e aſſi a deixou.

CAPITULO VI.

Adoece a Princeſa antes de acabar o anno de provaçaõ. Poem em conſulta de Theologos ſe profeſſará. Sahe do Moſteiro por medo da peſte da Villa. Torna a elle paſſados alguns mezes.

DEsbaratаõ muito a ſaude corporal deſgoſtos da alma, e ſe eſtes cabem ſobre vida acoſſada de trabalhos, como achaõ materia diſpoſta, ſaõ os effeitos mayores, e mais nocivos. Tinha eſta Senhora paſſados alguns mezes de noviça com taõ riguroſo tratamento de ſua peſſoa, que toda a Communida-

nidade havia por impoſſivel chegarem ao cabo do anno membros taõ fracos, e compreiçaõ taõ delicada. E com tudo a força do eſpiritu, e goſto, que tinha de ſe dar a Deos, fazia, que levaſſe alegremente tudo, e ſe venceſſe a ſy meſma. Mas como ſe juntou o ſobreſalto dos povos, e deſemparalla ſua tya, e a indignaçaõ do Principe, rendeoſe, e acurvou a natureza, opprimida de tantos males juntos: como acontece ſoçobrar o navio com demaſiado peſo, e arrebentar a peça de Bronze, ſe lhe lançaõ mais carga daquella com que póde. A poucos dias, deſpois de hido o Principe, adoeceo gravemente. Foy o principio cubrirſe toda de huns inchaços, e poſtemas de má qualidade, acompanhadas de febre ardente, que ſe veyo a fazer continua, e deſcobrio outros achaques, e complicaçaõ de males, que os Medicos averiguavaõ teremlhe corrompido toda a maſſa ſanguinaria, e que ſe com tempo naõ largava de todo a comida de peixe, o jejuar, e veſtir lam, daria, quando bem livraſſe, em huma lepra, ou outra infirmidade incuravel. Recorreraõ as Religioſas a Deos com oraçoens, e penitencias; ſobre grande vigilancia na cura. Foy couſa, que pareceo milagre: porque a peſar das Filoſias, e juizos da medicina, guareceo de todos os achaques, e ceſſou a febre: ſó ficou cativa de huma extrema fraqueza, que todavia lhe dava muito cuidado: porque ſendo acabado o anno de provaçaõ, e dezejando de todo coraçaõ profeſſar, fazialhe contradiçaõ a neceſſidade em que ſe achava de continuar com o trato de doente, contrario em tudo à Regra, e Conſtituiçoens da Ordem. Acudialhe por huma parte o eſcrupulo de emprender vida, que ſua diſpoſiçaõ lhe eſtava claramente moſtrando ſer impoſſivel levalla avante: que era tornar ao peixe, e à força dos jejuns, e vigias. Por outra parte tornou elRey a entender na teima antiga, com a occaſiaõ da doença, mandando Prelados, que lhe fallaſſem, e aconſelhaſſem, e deſviaſſem de fazer profiſſaõ: no que muitos ſe moſtraraõ zeloſos, fazendolhe cargo de conſciencia entrar voluntariamente em manifeſto perigo de vida. Cercada de duvidas, e perplexidades, como chriſtam, e prudente, chamou o Padre Frey Antaõ de Sancta Maria, Vigairo geral da Obſervancia, de cujas raras virtudes dizem grandes encarecimentos as eſcrituras, que temos daquelle tempo: e fiando delle ſua alma, como de Varaõ, que tinha por ſancto, pediolhe que fizeſſe huma junta de'outros, que julgaſſe por tais em letras, e eſpiritu, e izençaõ de reſpeitos, e conſultaſſem o que ſeria rezaõ fizeſſe. Sendo aſſi, que nenhuma couſa mais dezejava, que viver, e morrer religioſa. Teve elRey noticia do que ſe tratava, quiz que foſſe a junta em ſua prezença. Acharaõſe com o Vigairo geral os melhores ſujeitos, que havia na Obſervancia, e na Provincia. Decretouſe, que viſto eſtar taõ debilitada por doença, e ſer taõ fraca de natureza, que manifeſtamente ſe via, naõ poderia cumprir com os encargos, e auſteridades da Ordem, ficava em conſciencia obrigada a dei-

deixar a pretençaõ, que tinha de profeſſar nella; e eſta reſoluçaõ lhe levou o Vigairo geral. Ouvioa ella com muita dôr de ſua alma: mas com grande animo lhe affirmou logo, que ſe bem a lançavaõ da profiſſaõ de Freira, eſperava em Noſſo Senhor de ſer Freira ſem profiſſaõ naquella Caſa, e nella viver, e morrer, ſem ſahir nunca pera outro eſtado; e porque ſe viſſe, que nem ſuas determinaçoens antigas foraõ levemente tomadas, e por iſſo as mantivera até cahir com a carga, nem repugnava ao Decreto preſente, que tinha por ordem mandada por Deos, pois ſahira do entendimento, e acordo de ſervos ſeus: fez hum Auto publido de deſiſtencia da pretendida profiſſaõ; e foy na fórma ſeguinte. Chamou a Prioreſſa ao ſeu Oratorio, e diante della deſpio o habito, dobrouo por ſuas mãos, beijouo, e collocouo ſobre o Altar, tudo com hum termo, e reſpeito taõ devoto, que declarava bem lhe cuſtava muito deixallo. Apoz iſto cubrio huma mantilha, e envolta nella, deu viſta à Communidade: andando hum eſpaço pollo Moſteiro, pera que geralmente conſtaſſe, que já naõ era noviça, nem pretendia profeſſar, em cumprimento da determinaçaõ do Vigairo geral. Paſſadas algumas horas, que aſſi eſteve, e lhe pareceraõ baſtantes pera perfeiçaõ daquella cerimonia, de que ſe havia de dar conta a elRey, e aos Prelados, tornou ao Oratorio, ſeguida de todas as Religioſas: entaõ repetindo, e ratificando diante dellas, as meſmas palavras, que tinha dito ao Vigairo geral, lançou de novo maõ do habito, abraçouſe com elle, e pondoo nos olhos com tanto goſto, e alvoroço, como ſe entaõ o recebera a primeira vez, veſtioſe nelle, e dizia com devaçaõ: Bem conheço, habito ſancto, que naõ merecia eu trazervos, nem por cerimonia, quanto mais acompanhado dos ganhos, e riquezas eſpirituais de profeſſa: mas eu prometo neſta pobreza em que fico, naõ vos deixar já mais, ſenaõ for na ſepultura. E dizia pera as Religioſas: Ao menos, Madres, já que meu Senhor Jeſus Chriſto ſenaõ quiz ſervir de mym, naõ me tirará ſervirvos eu a vós, em quanto eſta alma governar eſtes membros taõ fracos, e taõ pera pouco. Aſſi o farey, e terey por favor, e mercê ſua, que ſirva ſuas ſervas. Se fico forra de obrigaçoens, às vezes ſervem tam bem eſcravas forras, como as cativas. Como o diſſe a Princeſa, aſſi o cumprio logo: porque como ſe com aquella liberdade ficara obrigada a trabalhar mais, tornou a correr com todos os rigores antigos, ſalvo no que era comida, que foy ſempre carne; por naõ encontrar a prohibiçaõ dos medicos, e por acudir a ſua fraqueza, que nem aſſi tornava a cobrar as primeiras forças.

Contentouſe elRey, e mitigouſe o Principe, quando ſouberaõ, que acabara a força da doença, o que as ſuas Reays naõ puderaõ: e aſſentaraõ darlhe de novo Caſa, Eſtado, e criados, que de fóra eſtiveſſem a ſeu mandar, e rendas pera os governar. Eſtas foraõ todas as da meſma Villa, com a juriſdicçaõ della. Mas aceitando as rendas pera poder fazer bem a mui-

muitos, e em particular ao Moſteiro, a juriſdicçaõ ſó refuſou por fugir a todo reſpeito, e mais authoridade. Com eſta renda mantinha Capellaens, que procurava foſſem de boa vida, e exemplares: ſuſtentava Capella, provida de prata, e ornamentos, que ſe guardavaõ no Moſteiro, onde os Capellaens vinhaõ rezar, e celebrar os officios Divinos, como em Capella Real.

Mas nova tribulaçaõ eſtava guardada à ſancta Princeſa pera nova coroa de gloria. Paſſaraõ tempos, entrou o anno de 1479. e com elle huma furioſa peſte no Reyno, que chegando a Aveiro, ateou grande fogo. Era eſta Villa entaõ couſa taõ pobre em povo, e ſubſtancia, que havia elRey por genero de abatimento da authoridade Real, viver nella a Princeſa: e naõ foy eſta a ultima das rezoens; porque tomava mal em tempos atraz recolherſe ella aqui. Sabendo agora, que eſtava inficionada da contagiaõ, eſcreveolhe, que ſem alegar eſcuſa nenhuma, ſe ſahiſſe logo pera qualquer outro lugar: e o meſmo fez o Principe, aviſando aos Biſpos de Coimbra, e do Porto, e alguns Senhores principais, e vezinhos, que a foſſem acompanhar. Nenhuma couſa pudera entaõ ſucceder mais encontrada com o goſto da Princeſa que eſta; porque como ſabia o pouco que elRey ſempre tivera daquelle ſeu recolhimento, perſuadiaſe que ſe huma vez o deixaſſe, nunca mais tornaria a elle. Replicou huma vez, e outra, hora rogango, hora diſſimulando: porém como o mal naõ ceſſava, teve carta d'elRey com mandado expreſſo, que ſem mais replica deſpejaſſe o Moſteiro, e a Villa: e porque naõ cuidaſſe que era artificio pera a tirar da Religiaõ, ajuntava elRey, que eſcolheſſe ella qualquer outra terra do Reyno, que foſſe de mais qualidade, e logo lhe edificaria Moſteiro nella: e ſe quizeſſe eſtar em Lisboa, lhe fazia a ſaber, que ſó à ſua conta tinha impetrado licença da Sé Apoſtolica pera povoar de Freiras o Moſteiro de S. Vicente de fóra. Foy força obedecer, porque ſe juntou fazerlhe apertada inſtancia o Prelado da Obſervancia: e rogaremlhe todos os Conventos della, que ſenaõ detiveſſe mais onde ſua ſaude, que a todos importava, corria tanto riſco: e emfim veyo a ſahir do Moſteiro em vinte ſete de Setembro deſte anno de 1479. acompanhada da Prioreſſa Brites Leytoa, que amava como a mãy, e venerava como a Prelada, e de outras ſeis Religioſas, e duas mininas, que ſe criavaõ no Moſteiro. Com as que ficavaõ fez na partida extremos de ſaudades, abraçando a cáda huma com tanto affecto, como ſe foraõ irmans, e ſangue ſeu. Meteoſe em humas andas cubertas, com a Prioreſſa: e as oito companheiras em huma grande carreta, toldada, e cercada de pano por fóra, e de couro por dentro. Começou ſeu caminho contra Alentejo, ſeguindoa os Biſpos, e Senhores, que diſſemos, e com elles o Vigairo geral da Obſervancia. A ordem que levava era, em qualquer lugar que paravaõ, como foſſe pera mais de hum dia, ſepararſe logo a caſa, e concertarſe pera Oratorio. Nella rezava

1479.

1479.

zava ſuas horas com a Prioreſſa, e mais Religioſas em Communidade, e ſem faltar em nenhuma cerimonia do Moſteiro. Foy a peregrinaçaõ comprida, e por muitos lugares: chamavalhe a Princeſa o ſeu deſterro, pollo muito que a ſentia; e porque lhe naõ faltaſſem novas magoas, foy o Senhor ſervido tirarlhe todo o alivio da jornada, que era a Prioreſſa, levandoa pera ſy de huma forte doença, que lhe deu em Aviz, e a foy enterrar em Abrantes, com outra Religioſa, que tambem falleceo na meſma Villa. Aſſi perſeguida de nojo, e deſgoſtos, fez a Princeſa volta pera Aveiro, onde entrou no anno
1480. ſeguinte de 1480. paſſados onze mezes, que deixara o Moſteiro.

CAPITULO VII.

Aceita a Princeſa criar no Moſteiro hum filho baſtardo do Principe ſeu irmaõ. Faz voto ſimples. Daſſe conta como foy de novo p dida de dous grandes Principes por mulher: e dos trabalhos, que por iſſo padeceo: e dos meyos, porque ficou l vre.

HE noſſa vida taõ mizeravel, que poucas vezes ſuccede hum trabalho, ou deſgoſto nella, que naõ ſeja logo ſeguido de outro; donde naſceo o coſtume, que paſſa já em proverbio, de darmos graças ao mal quando vem ſó. Entrou o anno de 1481. falleceo nelle
1481. elRey D. Affonſo com graviſſimo ſentimento da Princeſa, pollo muito que della era amado, e pollo deſemparo em que ſe via com ſua falta, lembrandolhe, que perdia hum pay, em quem ſempre achara humanidade, e brandura; e entrava por Rey, e Senhor abſoluto hum irmaõ, que do que tomava em vontade, era executor azedo. Aſſi aggravavaõ o nojo, receyos, e imaginaçoens triſtes, quando ſuccedeo couſa, que d'alguma maneira lhe deu eſperança de alivio: e foy, que no meſmo tempo da morte de ſeu Pay, lhe naſceo ao Principe hum filho baſtardo, ao qual por eſcuſar deſgoſtos cazeiros, determinou tirar diante dos olhos; e havendo, que em nenhuma parte teria criaçaõ mais acommodada, e authorizada, que em poder de ſua irmam, pediolhe quizeſſe tomar cargo delle, e tello conſigo, ſem mais companhia, que da ama, que o criava: porque aſſi ſe eſcuſaria dar pena, ou pejo às Religioſas. Aceitou a Princeſa o cuidado de boa vontade, conſiderando, que fazia ſerviço a elRey ſeu irmaõ, de que moſtrava goſto; e que juntamente tinha já alli hum herdeiro do Reyno, viſta a grande qualidade da mãy pera o dar por ſy, quando ſuccedeſſe tornarem ſobre ella as importunaçoens da ſucceſſaõ, que tanta guerra lhe tinhaõ dado noutro tempo. Era o minino de taõ pouco tempo naſcido, que quando chegou a Aveiro, naõ paſſava de tres mezes: chamavaſe Dom Jorge, e foy deſpois Meſtre de Santiago, e Duque de Coimbra, e fundador da grande Caſa de Aveivo.

Havia já neſte tempo herdeiro legitimo do Reyno, que era o Principe Dom Affonſo filho d'elRey Dom Joaõ; havendo

do mais o minino Dom Jorge. Julgava a Princeſa, que podia já tratar de ſy com inteira liberdade, e conſagrarſe ao Eterno Eſpoſo, ſe naõ com o voto ſolemne das Religioſas, entre quem vivia, ao menos com o ſimples. He couſa taõ natural, e propria, e obrigatoria no ſangue illuſtre a virtude da caſtidade, que parece naſce a promeſſa della com a nobreza: em tanto gráo, que podia qualquer mulher nobre ter, em certo modo, por genero de afronta, darſelhe louvor de honeſta, viſto ſer gabo, a que como juro eſtá obrigada por quem he. Eſta rezaõ corre com mais força nos animos Reays pera ſua mayor alteza: e com tudo a fé, que profeſſamos, nos enſina que tem aventejado preço diante de Deos qualquer virtude, que com vinculo de voto, e obrigaçaõ lhe offerecemos. Sabia iſto a Princeſa, e dezejava fazer tal ſacrificio a Deos, porque ficava juntamente por eſta via, renunciando por elle todos os Reynos, e Eſtados do mundo. Aſſi era continua petiçaõ ſua, que foſſe ſervido darlhe hum eſpiritu taõ abraſado no Divino Amor, que a offerta, que dezejava fazer de perpetua pureza, foſſe aceita no Ceo, e lá ſe ordenaſſem as couſas da terra de maneira, que a pudeſſe conſervar em paz, e livre dos combates antigos da ſucceſſaõ entre os naturais, e das pretençoens dos Reys eſtrangeiros. Com tal animo deſpendeo muitos dias em fervoroſas oraçoens: e emfim hum dia de Sancta Catherina Martyr, a quem tinha particular devaçaõ, deſpois da Miſſa conventual dita, e deſpejado o Choro, proſtrouſe diante do Altar, e fez ſeu voto, acreſcentando, que prometia guardallo, como ſe ſolemnemente, e com profiſſaõ de verdadeira Religioſa o fizera. Deſta hora em diante, como ſe a veſtira hum novo eſpiritu do Senhor, aſſi eraõ ſuas practicas cheyas de fogo do Ceo, que o pegava a todas com tudo o que dizia, e fazia: e em todo genero de virtude creſceo com tanta ventagem, como ſe com o voto entrara em novas obrigaçoens.

Mas eſcrito eſtá, que convem aperceberſe pera a tentaçaõ, quem buſca os caminhos de Deos; que eſta nunca falta, nem na mayor perfeiçaõ. Ceſſara a perſeguiçaõ de caſa, entrou a de fóra. Foy a primeira de Alemanha. Era Rey de Romanos Maximiliano filho do Emperador Federico, e da Infante Dona Leonor, irmam d'elRey Dom Affonſo: como naſcido de Portugueza, e affeiçoado ao Reyno, dezejou caſar nelle. Ouve de ſua parte muitas inſtancias, que a Princeſa rebateo com ſeu valor, e emfim as deſviou outro caſamento, que ſe offereceo ao Pretenſor, e teve effeito com herança do Senhorio de Borgonha, e Frandes: porém naõ tardaraõ outras, que lhe deraõ mais cuidado. Eſtava herdado elRey Carlos Oitavo de França, pera quem fora pedida em vida de ſeu Pay Luis Undecimo, como atraz eſcrevemos; pedioa agora de novo. Pareceo a elRey, que armava muito a ſeu Reyno a liança com taõ poderoſo Principe pera continuaçaõ da paz antiga, e ſegurança das navegaçoens Portuguezas. Eſcreveo apertadamente Sap.

mente à Princeſa, encarecendo-lhe a importancia, e bom acerto do caſamento. Eſtava ella firme em ſeu antigo propoſito, e mais conſtante com a obrigaçaõ do voto: foyſe eſcuſando com muita brandura, e rodeyos de boas rezoens. Mas quando vio, que nenhuma lhe valia em hidas, e vindas, que faziaõ correyos, reſpondeo reſolutamente, que inda, que ſuas indiſpoſiçoens lhe tinhaõ tolhido a profiſſaõ, nenhuma fora poderoſa pera lhe tirar a firme determinaçaõ em que vivia de ſervir a Deos naquelle canto da religiaõ, que naõ trocaria por nenhum grande Eſtado do mundo. Naõ ſe pôde bem declarar a força de paixaõ, que levantou no peito d'elRey eſta repoſta: paſſou a ira, e eſcandalo, e como de ſeu natural era acelerado, e colerico, eſcreveolhe peſadamente, dizendo, que encontrava a paz, e bem do Reyno, e daria occaſiaõ a ſe romper guerra entre elle, e o de França: e que ſe tal ſe atrevia a tomar ſobre ſua conſciencia, nem era Religioſa, nem ſabia em que conſiſte a religiaõ: e pois o amor do Moſteiro lhe tirava o reſpeito, que devia a ſeu irmaõ, e a obediencia a ſeu Rey, elle tambem faria no caſo o que entendeſſe, que ſeria, naõ lhe conſentir mais eſtar em Moſteiro, nem fallar com Freiras. Ficou cheya de medo, e confuſaõ a manſa cordeirinha; porque naõ duvidava, que ſeriaõ obras as palavras de ſeu irmaõ. E como o outro Rey, que tomou a carta
Reg. afrontoſa do Aſſirio infiel, e apreſentou no templo pera que Deos acudiſſe por ſua honra, e por ſeu povo, encerrouſe em ſeu Oratorio, lançouſe por terra, e com lagrimas e gemidos poz diante do Senhor ſua tribulaçaõ, e a força com que era combatida, e pedialhe remedio pera ſe conſervar em ſeu voto; e juntamente palavras pera reſponder à dura reſoluçaõ, e ameaças de ſeu irmaõ. Eſperavaõ os meſſageiros, e requeriaõ com efficacia, naõ ſer detidos. Eis caſo novo, e eſpantoſo: a que dantes como deſpavorida cerva entre os ſabujos, temia, e tremia, ſahe do Oratorio cheya de animo, e confiança, e mandalhes, que digaõ a ſeu irmaõ, que eſtá preſtes pera obedecer a ſeus mandados, e conſente no trato do matrimonio, ſe naquelle dia, e hora, que tal conſentimento dava, eſtiveſſe elRey Carlos vivo: mas em caſo, que foſſe morto, ouveſſe Sua Alteza por bem deixalla livre pera em nenhum tempo mais ſe lhe fallar em mudanças de eſtado. Da ſegurança, e boa ſombra com que a Princeſa reſpondeo, e do que apoz a repoſta ſuccedeo, ſe vio claramente, que tivera revelaçaõ do Ceo. Louvemvos os Anjos, Rey da gloria, que ſe tentais os que vos ſervem com tribulaçoens, he pera provar, e naõ deſemparar: e ao meſmo paſſo acudis, naõ ſó a conſolar, mas a fazer mimos. Deuſe elRey por ſatisfeito, contentou o Embaixador com palavra do matrimonio, como quem ignorava o que a ſua irmam fora manifeſtado. Mas naõ paſſaraõ muitos dias, que lhe veyo nova de ſer morto o que ja tinha por cunhado: e que acabara de morte ſubita, e antes do termo em que a Sancta dera ſeu conſentimento.

CAPI-

CAPITULO VIII.

Da nova, e grande tribulaçaõ, que a Princeſa padeceo ſendo requerida pera caſar com elRey de Inglaterra.

DAva a Princeſa graças ſem fim ao amoroſiſſimo Eſpoſo Jeſus, pollo que tinha viſto em caſo, que parecia deſeſperado: e polla meſma rezaõ fazia juizo, que eſtava livre pera o diante de ſemelhantes apertos: porém inda o Senhor quiz fazer experiencia, como peleijava em terceiro campo. Tinhaſe feito Rey, e Senhor de Inglaterra o Conde Henrique de Rixemont, vencendo em batalha ao Duque de Cloceſtra Ricardo, que contra elle injuſtamente ſe levantara. Prezavaſe de Portuguez, porque trazia ſua deſcendencia da caſa Real de Portugal. Tanto que ſe vio Rey pacifico, dezejou renovar o parenteſco; e juntamente a paz, e amizade, que ſeus anteceſſores tinhaõ com eſte Reyno. Deſpacha Embaixadores, offerece pazes com particularidades de importancia, e pera firmeza, pede a Princeſa D. Joanna por mulher. Pareceo no Conſelho de Portugal, que nenhuma couſa por entaõ armava mais ao Reyno, e ao Rey: o Rey mal havindo com muitos vaſſallos poderoſos; o Reyno pollo meſmo caſo alterado, e temoroſo de poderem ſer favorecidos de Caſtella os mal contentes. Aſſentouſe, que pera cortar toda duvida, e dilaçaõ, partiſſe elRey pera Alcobaça, mandaſſe alli vir a Princeſa, e lhe tomaſſe logo palavra do caſamento. Succedeo o acharſe ella na cidade do Porto, aonde ſe fora fugindo de Aveiro por ſe tornar a inficionar de peſte: e elRey lhe ter mandado deixaſſe a Villa, e Moſteiro. Chegaraõlhe as cartas: dizia nellas elRey, que ſe offerecia negocio de importancia pera lhe communicar; que ſeria bem, pera eſcuſar dilaçoens, partirem o caminho pollo meyo, e juntaremſe em Alcobaça; e pera que tomaſſe o trabalho de melhor vontade, levaria conſigo a ſenhora Dona Felippa ſua tya. Pozſe a innocente ſenhora a caminho, taõ enganada em ſeu penſamento, que nenhuma couſa temia menos, que materias de caſamento: aſſi foy tamanho o ſobreſalto, que ſua alma recebeo, quando ouvio fallar em terceiras vodas, e em Inglaterra, que foy muito naõ perder o juizo. Achou ſeu irmaõ, e ſua tya feitos num corpo, e ambos procuradores do Ingres: viaſe aſſi poſta em ſeu poder, e fóra do caſtello do ſeu Moſteiro: abafava com dôr, e naõ ſabia que conſelho tomaſſe. Com tudo, levantando alma, e olhos ao Senhor, que ſempre fora em ſeu favor, pedio tempo a elRey pera reſpirar, e pera deliberar: e a primeira couſa, que fez, foy deſpachar cartas pera o ſeu Moſteiro, pedindo à Prioreſſa lhe acudiſſe com oraçoens de toda a Communidade, porque ficava na mais perigoſa, e apertada neceſſidade, que nunca já mais exprimentara; e ſendo deſpois requerida d'elRey por repoſta, e reſoluçaõ, tirou forças de fraqueza, e diſſe animoſamente, que ella eſtava livre pollo partido,

tido, que com elle aſſentara no negocio de França; que Sua Alteza tinha obrigaçaõ de o cumprir: e ſe o naõ quizeſſe fazer, cumpriria ella o que com Jeſus Chriſto tinha aſſentado de o naõ deixar, inda que foſſe à cuſta de mil vidas. Offendeoſe el-Rey ſobre maneira, ouvindo repoſta taõ livre, e determinada; agaſtouſe, queixouſe, e dizia, que já naõ era muito achar deſamor nos vaſſallos, quando o achava no proprio ſangue; e até huma ſó irmam, que tinha, era inimiga de ſua vida, e ſe lançava de parte de ſeus inimigos; porque o meſmo era ajudallos, que naõ querer aparentallo com hum Rey de quem eſperava ajuda contra elles: que pois aſſi era, elle ſe faria obedecer ſem lhe ficar devendo nada, e a entregaria aos Embaixadores, que a pediaõ: e logo pera lhe fazer mais medo, e moſtrar braveza, mandou a duas Religioſas, que com ella aſſiſtiaõ, que a deixaſſem, e a naõ viſſem mais, pois ſua companhia era cauſa de ſenaõ ſujeitar ao que lhe pedia: e naõ foy ſó ameaçar; fez que deſpejaſſem a caſa, e a deixaſſem ſó: e elle ſe foy tambem pera ſeu apoſento, e levou conſigo a ſenhora Dona Felippa. Mas já era tempo, que acudiſſe o ſoccorro Divino; pois o mundo de todo a tinha deſemparado. Ficou a Sancta ſó; porém nunca melhor acompanhada: porque, ſe bem a cercavaõ mares de anguſtias, e penas, naõ eſtava longe aquelle Senhor, que diz ao juſto affligido: *Cum ipſo ſum in tribulatione*: Com elle eſtou tomando parte em ſeu trabalho. Vendoſe a Sancta ſó, recolheoſe toda com o Divino Eſpoſo, que ſempre trazia diante dos olhos d'alma; e ſoltando dos corporais dous rios de lagrimas, dizia deſconſoladamente: Contra mym, Senhor, ſe tem armado o mundo todo, Rey, vaſſallos, parentes, e amigos; até as irmãs do habito me tem tirado, pera que toda conſolaçaõ me falte: mas ſe vós bom Jeſus por mym eſtiverdes, que poſſo eu temer? Vós dizeis, que amais tanto voſſas Eſpoſas, que até no monte as andais eſpreitando por detraz das ſebes, e cancellas paſtoris. Se me eſperaveis attribulada, já as agoas da afflicçaõ chegaõ ao centro d'alma. Pois como vos alongais de mym? e ſe eſtais perto, como me naõ valeis? Fóra eſtou dos voſſos muros, e da fortaleza religioſa, aonde me chamaſtes. Enganada vim a eſtes campos: nelles ſou combatida de todos, e de tudo, ſem haver quem ſeja por mym. Pois, Senhor, aonde eſtaõ voſſos olhos, porque dormis Senhor, quando os voſſos correm tormenta? Acudime vós, que ſó podeis. Aſſi ſe queixava com outras muitas palavras, que rematava offerecendo a Deos ſua alma, e ratificando ſeu voto com promeſſa de dar por elle o ſangue, e a vida. Mas o Senhor, que ſe deleytava no valor da ſancta Eſpoſa, naõ tardou em lhe acudir com o cumprimento de ſuas ſanctas palavras. Deulhe hum leve ſono, que às vezes o provocaõ triſtezas; nelle fez que viſſe hum fermoſo Mancebo, que no reſplandor do roſto excedia à luz do Sol, e na alvura do veſtido à neve: e com alegre, e riſonho ſembrante lhe dizia: Naõ temas,

Pſ.

Cantic. Cant.

naõ

naõ eſtejas triſte, que morto he quem te foy cauſa de tanta fadiga: e de hoje em diante naõ haverá mais quem teus ſanctos propoſitos encontre. Foraõ palavras de virtude celeſtial nos effeitos: porque ſubitamente lhe deſterraraõ toda a malencolia do coraçaõ, e deixaraõ em ſeu lugar huma taõ extraordinaria ſegurança, e conſolaçaõ, que nenhuma duvida lhe ficou de que fora o aviſo do Ceo. No dia ſeguinte quiz elRey deſaſſombralla dos medos, que lhe fizera; foya viſitar todo trocado de geſto, e palavras: e com muita brandura começou a pedirlhe, que ſó por ſeu amor, ſem outra conſideraçaõ, quizeſſe fazer o que eſtava bem a todos, e conformarſe com ſeu parecer: ella o recebea com taõ differente graça dos dias atraz, que ſe lhe affigurou a elRey, que a tinha trocado, e rendida: e eſperando com alvoroço a repoſta, que imaginava, de conſentimento, e concluſaõ dos deſpoſorios, ouvio com eſpanto ſer morto, e enterrado o meſmo pera quem os buſcava: e accreſcentou a Princeſa, que tiveſſe por certo, que o meſmo aconteceria a todo outro, que a pretendeſſe. A boa ſombra, ſoſſego, e ſegurança deſtas palavras, obrigou muito a elRey, pera cuidar, que poderia ſer o que dizia, lembrado de caſo ſemelhante na pretençaõ do Rey Frances, que atraz fica eſcrito. E naõ tardou mais que ſeis dias em ſe verificar por cartas dos meſmos Embaixadores, que eſtavaõ em Lisboa. Deſte dia em diante ficou a Princeſa correndo com ſua vida, e exercicios ſanctos, ſem mais padecer nenhum deſaſſoſſego nelles.

CAPITULO IX.

Da origem, e cauſas, que ſe davaõ da doença da Princeſa: e do muito que no diſcurſo della padeceo: e como ſe deſpedio do Jenhor Dom Jorge.

TOdos os que eſcrevem a morte da Princeſa, attribuem a cauſa original della à peçonha, que lhe foy dada, e contaõ deſta maneira. Nos primeiros annos, que eſta Senhora ſe recolheo em Aveiro, e ſeu Pay lhe deu a Villa, e rendas della, como atraz contamos, inda que naõ aceitou a juriſdicçaõ, eſtendeo ſempre os cuidados a procurar boa, e virtuoſa vivenda nos moradores. E tendo noticia, que certa Dona, que em poder de fazenda, era do melhor do lugar, vivia com ſoltura indigna de quem era, tratou reduzilla por todas as vias poſſiveis: primeiro com ſecretos aviſos, deſpois com publicas, e apertadas lembranças: e ultimamente vendo, que nada montava, mandou que ſe ſahiſſe da Villa; e executouſe o mandado. Paſſaraõ annos, ſuccedeo ſua hida a Alcobaça: querendo fazer volta pera Aveiro, ſoube que durava inda o fogo da contagiaõ em lugares vezinhos, foyſe a Coimbra pera eſperar alli, que melhoraſſem. Como teve novas, que havia ſaude, naõ quiz dilatar verſe no ſeu Moſteiro. Neſte caminho, paſſando por certo lugar em hora de calma, mandou parar, e pedio de beber. Naõ era o tempo de cerimonias, nem de buſcar apparatos, quem por goſto profeſſava eſtreita pobreza. Entraraõ

os

os criados na primeira caſa, de que pareceo poderia ſer milhor ſervida: pediraõ hum pucaro de agoa: bebeo a Sancta; mas a bebida foy tal, que na meſma hora ſe ſentio revolver, e penetrar toda de grande mal; e quando veyo a noite, paſſoua inteira em huma corrente continua de vomitos, e camaras, com vaſcas, e apertos no coraçaõ, que abafava. Como o accidente foy ſubito, e novo, e ſe ſoube logo, que a agoa ſahira de caſa, e mãos da deſterrada, que atraz diſſemos, da qual era publico, que naõ tendo animo pera ſe emendar, como devera, ſempre o teve de ſe vingar, ſe o tempo lhe deparaſſe occaſiaõ: ninguem ouve, que duvidaſſe, que ſe juntariaõ, ella, e o Diabo a mexer aquella bebida. Seguiraõ logo outros effeitos, que foraõ confirmando as ſoſpeitas do veneno: porque lhe começou a inchar o eſtamago, emmagrecia, e mirravaſe, e juntamente perdia a vontade de comer, e com o faſtio as forças. Porém alegre de ſe ver na ſua Villa, que chamava ſua pequena Liſboa, e no ſeu Moſteiro, a que chamava ſua alma, moſtrava tanto animo, e aſſi ſe entregava a todos os rigores Monaſticos, como ſe nenhum mal tivera. Vencia, e ſobrepujava o vigor do eſpiritu, onde o dos membros faltava. Obra he da natureza esforçarſe nos fins: e na verdade bem ſe enxergava nella, que tinha ſabido, e como contado pollos dedos o numero de ſeus dias: quero dizer revelaçaõ certa, que ſeriaõ breves: porque ardia em dezejos da eternidade, e de ſe ver livre do peſo da carne: e hum dia eſtando na caſa, que agora chamaõ de lavor, diſſe contra a Madre Clara da Sylva, que trouxera conſigo de Sancta Clara de Coimbra, peſſoa de grande eſpiritu: *Clara, hæc requies mea in ſæculum ſæculi.* Como ſe diſſera: Irmam Clara, aqui ſerá meu deſcanço pera ſempre. E cumprioſe eſte dito taõ pontualmente, que na meſma caſa, e lugar veyo a fallecer.

Moſtra o Senhor, que faz grande caſo de qualquer bom ſervo, que tem na terra. Naõ ſó quiz aviſar eſta Sancta de ſeu bem, antes do termo: mas deu o meſmo aviſo por differentes modos a tres Religioſas das primeiras, que tinhaõ tomado o habito neſte Moſteiro, peſſoas todas de provada virtude. Naõ proſeguimos as particularidades, porque andaõ já em varios livros: ſó diremos, que foy huma das tres a Prioreſſa Sor Maria de Ataydè, a quem o Senhor, entre ſinais de morte da Princeſa, moſtrou juntamente muitos da gloria, que a eſperava: recompenſando aſſi a perda, e o deſgoſto.

Paſſados alguns annos, que a Princeſa andou ſempre cahindo, e alevantando ſem nunca convalecer de todo, abrio principio à ultima doença, que a levou, hum temeroſo eclypſe da lua, ſuccedido aos 8. de Dezembro de 1489. que começando às duas horas deſpois de meya noite, durou até as ſinco. Como eſte Planeta faz naturalmente muita impreſſaõ nos corpos elementares, e o da Princeſa trazia tantos achaques dentro em ſy, vieraõ a arrebentar todos com a malignidade do eclyp- 1489.

eclypſe. Começou o mal por huma grande febre, acompanhada de vomitos, e camaras, que foy renovaçaõ formada do accidente antigo: e deſte dia em diante, até que Deõs a levou, naõ teve mais hora de melhoria. Inchou muito, creſceo o faſtio, e com elle huma ſede inſaciavel; a febre aceſa, e continua, ſinais certos de muitos males juntos, e infirmidade mortal. Com todo o trabalho, quando foy veſpera de Natal, levantouſe, e aſſiſtio nas Matinas, kalenda, e Capitulo com grande goſto, e com a ſua devaçaõ: e com a meſma ſe achou na Miſſa, e commungou em companhia das irmãs. Obrigoua eſte exercicio, e ſua fraqueza a ſe tornar à cama: mas naõ lhe pode tirar, acudir deſpois às Matinas da noite Sancta, em que eſteve ajudando o Choro, e cantando com tanta viveza, e attençaõ, que naõ parecia doente mais, que em eſtar aſſentada; porque o extremo da fraqueza a impoſſibilitava a terſe em pé. Aſſi continuou todo o dia com o Officio Divino; e podemos dizer, que foy o ultimo de ſua vida, inda que viveo deſpois alguns mezes; porque ſenaõ pode mais levantar, nem acudir à Miſſa conventual, que era toda ſua recreaçaõ. Creſceo o mal com tanta força, que os medicos o naõ entendiaõ, nem ſe entendiaõ com elle. Applicavaõ remedios interiores, e exteriores: nenhum refuſava, e nenhum aproveitava: vieraõ a tolherlhe a agoa, que era ſó o em que tinha deleitaçaõ. Obedecia com paciencia, e humildade: e de ſofrida ſe lhe vieraõ a fazer chagas na boca; de que procediaõ tais dores, que quanto comia, e bebia, era miſturado com lagrimas: mas ſem mais queixas, que chamar por Deos, darlhe graças, e offerecerlhe por ſuas culpas o que padecia. Entre as Religioſas naõ havia nenhuma, que deixaſſe de eſtar occupada em a ſervir, ou aſſiſtindolhe na cura, ou orando por ella no Choro, e em todo lugar. A Prioreſſa mandava dizer muitas Miſſas fóra; e fazer prociſſoens em caſa, com muitas penitencias, e jejuns. Aſſi ſe paſſou o mez de Janeiro de 1490.

1490.

Entrando Fevereiro, aggravouſe a doença com creſcimento notavel em todas as circunſtancias do que padecia. Fezſe mayor a inchaçaõ do eſtamago, ſubindo até os peitos, os dezejos de agoa, como ſe ardera em fogo: e igual o aborrecimento da comida, eſpanto fazia, como podia viver com tanto martyrio, e com tudo ainda o mal achou por onde creſcer nos dous mezes ſeguintes, de Março, e Abril: como naõ comia quaſi nada, aſſi era tambem o dormir, pera ficar ſem nenhum genero de alivio. Ajuntouſe tornaremlhe os vomitos antigos, que lhe davaõ tormento grande; porque naõ havendo no eſtamago, que lançar, paravaõ em anguſtias, e em fazer forças, ſem mayor effeito, que debilitarſe mais. Seguio a eſtes trabalhos huma chaga de grandes dores, que ſe lhe fez em hum quadril do jazer continuo, e de eſtar de todo deſcarnada. Mas era de ver como ſe havia em tal purgatorio hum corpo de tantas maneiras atormentado. Eſtava qual outro Job, levantando

tando mãos, e olhos ao Ceo, e ſoltando a lingoa em louvores Divinos. Hora pedia perdaõ de peccados, hora brádava por miſericordia pera as dores, que venciaõ a paciencia: e como apertavaõ muito, tomava por antidoto de todas o Verſo: *Sit nomen Domini benedictum.* Pronunciando com hum affecto da alma taõ ſentido, que naõ havia olhos, que ſenaõ desfizeſſem em lagrimas. Nunca ſe ouvio de ſua boca palavra de agaſtamento: edificava com o ſofrimento, confundia com a humildade, taõ leve com as enfermeiras, taõ affabel com as que a viſitavaõ, e conſolavaõ, taõ obediente a tudo o que lhe mandavaõ tomar, ou fazer, como ſe com inteira ſaude ſe achara.

Chegou a ſemana Sancta, e como ſenaõ podia levantar, nem tinha forças pera nenhuma das obras de ſanctidade, e penitencia, que coſtumava fazer nella, e todavia dezejava ouvir os officios da quinta feira, mandou abrir todas as portas, pera que ao menos lhe chegaſſem os eccos daquella muſica ſancta. No meyo delles brádava a eſpaços, chamando pollo nome de Jeſus, e offerecendolhe com as dores de todo o corpo, a que ſentia no coraçaõ de o naõ poder acompanhar em tal ſolemnidade. Mas naõ pode acabar conſigo faltarlhe no dia ſeguinte: pedio, que em todo caſo a veſtiſſem, e levaſſem ao Choro. Aſſentouſe na ſua cadeira, adorou a Cruz com rios de lagrimas, ajudou a cantar os Hymnos da adoraçaõ, e todo o mais officio, ſuſpendendoſe a graveza das dores com o fervor do eſpiritu. Ao dia de Paſchoa armaraõlhe hum Altar no Choro, diceſſe Miſſa, e commungoua nella o Prior do Convento: quando a quizeraõ tornar à cama, paſſou os olhos por todo o Choro: e como quem ſabia, que o naõ havia de ver mais, diſſe banhada em lagrimas. Ficaivos com o Senhor, aſſentos dos Anjos, que já naõ ſerey digna de me achar mais em taõ ſancto lugar.

Como eſta doença foy taõ prolongada, e ſempre a deraõ os medicos por mortal, moſtrou todo o Reyno o grande amor, que a ſuas virtudes, e merecimentos tinha: fazendoſe por humas partes devotas prociſsoens; porque Deos lhe deſſe ſaude; acudindo de outras viſitalla muitas peſſoas de grande qualidade. Veyo primeiro a ſenhora Dona Felippa ſua tya, acompanhada de ſua antiga amiga, e companheira, a Madre Dona Mecia de Alvarenga de Odivellas, e de outras tres Religioſas do meſmo Moſteiro. Viſita de goſto, ſe o naõ tivera já perdido pera tudo o da terra. Acudiraõ tambem o Arcebiſpo de Braga Dom Jorge da Coſta, e o de Coimbra Dom Jorge de Almeida, e o do Porto Dom Joaõ de Azevedo. Da viſta deſtes Prelados, porque tinhaõ licença pera entrar na Clauſura, moſtrou agradarſe muito. Fallavaõlhe de Deos, e ella, como ſe ſentia acabar, naõ conſentia, que de outra couſa ſe trataſſe em ſua preſença. Aſſi foy paſſando até entrada de Mayo: entaõ mandou, que lhe troũxeſſem diante o ſenhor Dom Jorge: e deſpois de lhe encommendar o amor, e temor de Deos com huma devota practica. Filho, diſſe, peçovos muito, que vos lembre

ſem-

ſempre, que vieſtes pera eſta Caſa de tres mezes, e nella vos criey, chorando, e cantando, e veſtida de burel, tende ſempre della lembrança; porque ella he a minha alma, e tambem o ſaõ eſtas Madres, que vos ajudaraõ a criar, como ſe cada huma fora voſſa mãy. Dito iſto, mandou que o levaſſem, e naõ tornaſſe mais a vella.

CAPITULO X.

Como a Princeſa foy ungida, e de ſeu ſancto tranſito, e teſtamento: e de hum prodigioſo caſo, que ſe vio em ſeu enterro.

AOs ſeis dias de Mayo, dia em que a Igreja celebra a feita de S. Joaõ Evangeliſta, Anteportam latinam, mandou a Princeſa, que ſe lhe diceſſe Miſſa na meſma caſa; porque tinha particular devaçaõ ao Sancto. Confeſſouſe geralmente, e commungou: e naõ eſpantando o grande eſpiritu, e attençaõ, com que em tudo aſſiſtio; ſó fazia paſmar o impeto, e força, com que batia nos peitos, pedindo miſericordia, hum corpo de todo ponto exhauſto do vigor natural. Parecia neſte effeito, que eſtava inteiramente ſaõ, com eſtar tanto no cabo, que no meſmo dia pedio o Sacramento da Unçaõ. Tambem eſpantou, e compungio muito o eſforço, e alegria, com que moſtrou, que eſperava o fim da vida, de que era aviſo, e embaixada certa, aquelle ultimo ſoccorro da ſancta Igreja. Mandou, que lhe lavaſſem mãos, e roſto, e lhe puzeſſem na cama outra roupa, e na cabeça outro toucado, como por feſta: e quando fez final o ſino do Moſteiro pera a ſancta Unçaõ, levantou as mãos, dando com notavel contentamento graças, e louvores a Deos. Eſtava em todo ſeu perfeito juizo, e com todos os ſentidos muy eſpertos, e aſſi os teve até o ultimo ſuſpiro. Fez a confiſſaõ com huma voz viva, e clara, e batendo nos peitos com aquellas mãos meyo mortas, a quem o fervor da alma communicava a força, que já naõ tinhaõ: dizia ſua culpa primeiro à Prelada, que eſtava junto della, e deſpois a toda a Communidade, que pedio ſe juntaſſe, dizendo huma, e muitas vezes: minha culpa irmãs, perdoaime. Começou o officio da Unçaõ, dezejava acompanhallo com lagrimas: mas naõ havia já humor naquelles membros mirrados, e aſſados do fogo da febre: ou lhas enxugava o Ar, que já lhe dava nos olhos, dos montes da eternidade. Queixouſe à Prioreſſa, dizendo: Madre noſſa, que he iſto, que naõ poſſo chorar por meus peccados? Acabado o officio, pedio ao Prior, que o miniſtrara, que no ſermaõ, que havia de fazer ao Domingo ao povo, lhe pediſſe em ſeu nome perdaõ geralmente: e declaraſſe, que havendo quem della, como Senhora, que era da terra, ou de ſeus miniſtros, algum aggravo tiveſſe, acudiſſe logo ao Moſteiro, e ſem falta ſeria ſatisfeito; e o meſmo mandou advertir ao Vigairo da Villa, que publicaſſe na ſua eſtaçaõ. Era iſto à quinta feira, e durou ainda até á terça, que foraõ onze do mez. Foraõ ſeis dias de purgatorio continuo: porque em tudo padecia, e tudo lhe dava pena: o jazer, o vol-

voltarſe, o tomar hum pouco de apiſto, ou agoa, em que ſe ſuſtentava: ſó o coraçaõ eſtava quieto em Deos, empregando a lingoa em lhe dar louvores, ou em conſolar as Madres com palavras, e doutrina do Ceo. A terça feira, entrando os medicos polla menham, diſſe, que já naõ havia miſter mais medicina, que a eſpiritual; e mandou, que ſe déſſe aviſo aos ſeus Capellaens, e aos noſſos Frades, e a todos os mais ſacerdotes da Villa, que celebraſſem por ella. Juntamente pedio à Prioreſſa, que ouveſſe por bem darſelhe ſepultura no Choro debaixo; porque quando a viſſem as Madres, ſe lembraſſem de a encommendar a Deos: como ella prometia fazer por todas diante da Divina preſença, ſe na hora temeroſa, que eſperava (foraõ palavras ſuas) ſe achaſſe bem. Paſſado o jantar, acudio a Communidade a viſitalla, fez ſignal, que ſe alegrava; mas diſſe, que ſe foſſem repouſar, porque aquella noite havia de ter muita neceſſidade, e pera entaõ as queria eſpertas, e deſcançadas. Tornaraõ os medicos ſobre tarde, agradeceolhes com boa ſombra o trabalho, que com ella tinhaõ levado: e acreſcentou, que bem ſabia, inda que elles outra couſa cuidavaõ, que no dia ſeguinte já naõ eſtaria naquelle lugar: por onde naõ havia pera que trataſſem mais della. Deſpedidos os medicos, lembrou que ſe déſſe recado ao Prior do Convento, e ao ourro Padre, que tambem a confeſſava algumas vezes, que pera aquella noite eſtiveſſem advertidos, que os havia de haver miſter: e aos Biſpos de Coimbra, e Porto, que lhe naõ faltaſſem nella com ſuas oraçoens. Como foy anoitecendo, perguntava a miude, que horas eraõ: quando ſoube, que eraõ as dez, diſſe à Prioreſſa, que chamaſſem os Padres: entraraõ logo, porque eſtavaõ já no Oratorio: entrando, pedio que a abſolveſſem por Bullas, e confeſſionarios, que tinha dos Summos Pontifices. Apoz a abſolviçaõ tomou nas mãos hum Crucifixo, e beijandoo, diſſe com hum alto gemido: ò Senhor Deos meu, Deos de miſericordia, *Averte faciem tuam à peccatis meis.* Era oraçaõ, que fazia todas as vezes, que via algum Crucifixo. Neſte paſſo começou a ſentir huma nova tempeſtade de dores, que abrandando a cabo de duas horas, foraõ ſeguidas de grandes ſuores. Pedio entaõ, que lhe leſſem a Paixaõ, por S. Joaõ; e quando ouvio o paſſo da bofetada, que ſe deu ao Redemptor, acenou que lhe levantaſſem o braço, e deu em ſy huma taõ grande, que ſoou por toda a caſa, e eſforçando a voz, que nunca lhe faltou viva, e clara, continuava palavras de contriçaõ, e amor de Deos, ou rezava Pſalmos, e Hymnos. Foy ultima couſa o Credo, que foy dizendo com os Padres: o qual acabado, diſſe com muito repouzo, que era tempo de tangerem as taboas, porque queria tornar a ver a Communidade junta, antes de acabar. Quando vio a caſa cheya, deſpedioſe de todas com muito amor: dizia, que tomava a Deos por teſtemunha, que nunca na vida tivera melhor hora, nem de mais goſto, que quando as via juntas, e a ſy entre ellas: e

pollo

pollo meſmo caſo, levava de prezente grande conſolaçaõ; porque ſe via morrer em ſua companhia, e em ſeus braços. Sem mais dizer, começou a proteſtaçaõ da Fé do *Quicunque vult, &c.* & acabandoa com boa pronunciaçaõ, e diſtinçaõ, diſſe ao Prior, que começaſſe o officio da Agonia, e juntamente eſtendeo o braço, e tomou da maõ do Padre companheiro a candeya. Eſtavaõ as Religioſas lançadas ao redor da cama, ajudando a Sancta com ſuas oraçoens: mas muito mais com lagrimas vivas no coraçaõ, e diſſimuladas quanto podiaõ no roſto, polla naõ perturbarem. Alli notavaõ duas couſas com admiraçaõ, e naõ ouve nenhuma, que deixaſſe de cahir nellas. Primeira, que ſendo a hora de medo, e confuſaõ, certa, e no tempo muito incerta, aſſi mandava, e governava tudo, como ſe tivera em ſua maõ os termos, e momentos da vida: e taõ deſaſſombradamente o fazia, como ſe negoceara mortalha d'outrem. Foy a ſegunda, que deſdaquella tarde ſe reveſtiraõ ſeu roſto, e olhos de huma nova côr, e luz, em fórma, que parecia tornada aos primeiros annos de ſua mocidade, e de quando alli entrara. A côr, que era pallida, e de muito atereciada, tirava a hum verde eſcuro, tornouſe de criſtal: os olhos, que ſuas penitencias, e a doença tinhaõ ſumidos, e piſados, e eſcurecidos de ſombras de morte, eraõ eſtrellas no reſplandor, e duas eſmeraldas na côr, que tal era a ſua natural. Todas paſmavaõ, e os Frades arrebatados em admiraçaõ de tal novidade, naõ ſabiaõ que cuidar, ſenaõ que ſe communicavaõ já rayos de gloria, àquella alma, e della reverberavaõ nos ſanctos membros, como fazem os do ſol em luzentes eſpelhos. Chegavaſe a derradeira hora, e eraõ quaſi duas deſpois de meya noite. Diſſe entaõ baixo, digaõ a Ladaynha: começou o Prior em voz alta, reſpondiaõ as Madres, e ſeu companeiro: quando chegaraõ a dizer: *Omnes ſancti Innocentes*: abrio os olhos, e levantandoos por hum pequeno eſpaço ao Ceo, deſpedio a innocente alma em companhia dos ſanctos Innocentes. Cerraraõſelhe os olhos logo, e deſappareceo com a luz da vida, e da viſta a que lhe reſplandecia no roſto, e niſſo ſe entendeo ſer fallecida; porque no roſto parecia mais adormecida, que defuncta: e as maõs, e braços ficaraõ taõ brandos, e meneaveis, como de peſſoa viva. Tinha eſta Senhora de idade trinta, e oito annos, e tres mezes: era grande de corpo, roſto redondo, olhos verdes, naris proporcionado, boca groſſa, a côr muito alva, e roſada, aſpeito ſenhoril, muito ar, e graça na diſpoſiçaõ, e em todo o meneyo.

O ſentimento, que ſe fez no Moſteiro, e na Villa; excedeo todo encarecimento. Só ouve nelle huma differença, que na Villa era por todas as caſas pranto popular em gritos, e alarida; porque naõ havia nenhuma, que por alguma via, ou titulo naõ eſtiveſſe obrigada à Princeſa. No Moſteiro o emmudeceo a dôr a todas; ſó lagrimas ſe viaõ; ſuſpiros, e oraçoens ſe ouviaõ: e durou tanto eſte magoado ſilencio, que

dizia a Prioreſſa, que receava, naõ ſoubeſſem já fallar, nem rir as ſuas Freiras. Abrioſe o teſtamento, e deu nova occaſiaõ de magoa, pollo amor, e palavras com que nomeou por herdeiro de todos ſeus bens o Moſteiro: e polla humildade com que ſe reſignava na vontade da Prelada, quanto à ſu ſepultura, e ſuffragios. Juntaraõſe ſendo manham os dous Biſpos no Moſteiro, com tudo o que havia na Villa de Clerigos, e Frades, a celebrar as exequias, que ſe fizeraõ com toda ſolemnidade, e decencia, que a tal peſſoa era devida: e ſuccedeo nellas hum dos mais portentoſos, e extraordinarios caſos, que de memoria de homens ſe contaõ. Reveſtiraõſe quatro Religioſos dos mais velhos do Convento; e poſto o ſancto corpo em hum caixaõ cerrado, e pregado, começaraõ a caminhar com elle pera o Choro debaixo onde havia de ſer ſepultado: hiaõ diante em prociſſaõ os Frades, e Freiras, ficaraõ os Biſpos no couce. Com eſta ordem foraõ pollo jardim da Sancta pera entrarem polas Craſtas no Choro. Na hora, que o ataude tocou o jardim da Sancta, e comeſſou a paſſar, ſubitamente, à viſta, e olhos de todo o acompanhamento, começaraõ a murchar todas as arvores, prantas, ervas, e flores. Eſtavaõ como em primeiros de Mayo, que aquella manham ſe contavaõ doze, humas cubertas de flores, outras já com fruito, todas veſtidas da mais gracioſa verdura de todo o anno: ſeguio ao murchar, hir cahindo, como em Outono, folha, e fruitos; e foy mais, que ſecaraõ até os troncos de ſorte, que por muitas diligencias, que deſpois ſe fizeraõ, nenhuma tornou em ſy. Ficou em memoria, que as arvores mais chegadas à paſſagem, eraõ marmeleiros, e ſidreiras muito creſcidas, muito freſcas, e verdes.

CAPITULO XI.

De alguns ſinais que ouve entre peſſoas virtuoſas da gloria da ſancta Princeſa.

HE taõ peregrino o ſucceſſo, que acabamos de contar, e eſtá taõ authentico neſte Moſteiro por eſcritura antiga, que logo entaõ ſe fez por maõ de huma Religioſa, que ſe achou preſente, e ſe guarda no Cartorio commum como hum theſouro, que de força o devemos confeſſar por miraculoſo, e permittido da Omnipotencia Divina pera honra de ſua ſerva; e pera moſtrar ao mundo quanto ſe eſtima no Ceo, e ſe deve eſtimar na terra huma verdadeira virtude; pois até as plantas inſenſiveis, ſe ſe lhes dá licença, fazem, e declaraõ ſentimento na maneira que pódem, quando falta. De tempos antigos achamos poſto em memoria, que ouve alguns animais, que a natureza, como com nenhum he madraſta, fez taõ lembrados de beneficios recebidos, ou taõ agradecidos da criaçaõ, e companhia, ou taõ levados de eſtimaçaõ propria, que deraõ claros indicios de conhecimento muy ſemelhante ao animo humano. Hum Leaõ faminto reconheceo no Amphyteatro, e nos olhos de toda Roma hum homem condenado a ſer paſto ſeu;

Aul. Gell. citado por D. Antonio de Guevara Biſpo de Mondonhedo.

seu ; de sorte, que em lugar de lhe lançar as unhas , e beber o sangue , o agasalhou com affagos, e mostras de alegria. Soubese logo , que fora a rezaõ, memoria , e agredecimento de certo beneficio em tempos passados recebido do mesmo. Este pode com a Féra mais , que a fome : e rendeo ao condenado alcançar tambem perdaõ dos homens, e ficar livre. De outros animais se escreve, que naõ quizeraõ viver , vendo que morriaõ seus senhores. E de hum Elefante sabemos , que sendo reprendido de fraqueza em certa occasiaõ de trabalho, fez tanta força , estimulado do ponto da honra, que perdeo a vida por vencer o que lhe foy mandado. Mas naõ lemos de nenhuma arvore , nem outra pranta , semelhante caso , senaõ nestas da Princesa , que com se despojarem de folha, e fruito, e flor, na passagem da sua tumba , mostraraõ , ou querer reverencialla com tudo o que tinhaõ de seu , em memoria do favor , e honra , que lhes costumava fazer, regandoas, e cultivandoas com mãos sanctas : ou deixarem aquella vida vegetativa, que viviaõ, secandose , pois ella deixava a sua , e as desemparava. Maravilha foy sobrenatural , mas logo ouve outras em claro testemunho da gloria da Sancta , com sinais do Ceo , que fizeraõ espantar menos os da terra.

Fr. Joaõ dos Santos Etiopia Oriental l. 3. c. 15.

De muitas maneiras quiz o Senhor manifestar os altos gráos de bemaventurança , a que levantou sua serva por honra de suas grandes virtudes , e pera consolaçaõ das pobres , e muy religiosas irmãs , de quem era sem fim amada. Diremos só tres: as mais se acharáõ nos livros, que andaõ de sua vida. Era seu Capellaõ hum Pedro Lourenço, de vida taõ exemplar e differente da commum, que por isso fazia delle muita conta , e lhe tinha encarregado , que tanto, que Deos a levasse , fosse por ella em romaria a Nossa Senhora de Guadelupe. Na noite de seu transito , e na mesma hora delle, succedeo estar o bom Sacerdote em oraçaõ por conta da mesma Senhora: e subitamente se lhe poz diante dos olhos huma coroa de espinhos resplandecente , e fermosa , borrifada toda de sangue muito fresco, e vermelho , e com huma gota grande nas pontas de cada espinho. Sobresaltouse na primeira vista : mas sentindo deleytaçaõ na fermosura , e luz , que de sy lançava , que era tanta, que lhe naõ podia ter os olhos direitos , estava cheyo de espanto, e dezejos de entender o que queria significar a visaõ: quando a cabo de hum quarto de hora, vio que se levantava, e desaparecia, deixando no aposento hum suave cheiro : e seguia huma voz , que brandamente dizia: Já falleceo : acabado he. Ficando entaõ com grande pavor , soou no Mosteiro o primeiro final do sino , ao espirar da Sancta : prostruse logo por terra , dando infinitas graças a Deos, que polla coroa de espinhos , amada divisa da Princesa , banhada de sangue , e resplandecente luz do Ceo, lhe quizera significar a que ella hia gozar, e possuir. Este Padre naõ tardou em cumprir a romaria encomendada : e à vinda falleceo sanctamente no caminho. Testemunhava delle seu Confessor

feſſor grandes virtudes, e conſervaçaõ inteira de pureza virginal.

A Prioreſſa D. Maria de Atayde era grandemente amada, e eſtimada da Princeſa. Aſſi eraõ ſuas ſaudades ſem conſolaçaõ, e as lagrimas, com que as acompanhava, ſem fim. Huma noite deſpois de Matinas, eſtando em oraçaõ, roubados levemente os ſentidos de huma imagem de ſono (porque com a dôr tinha perdido o dormir) repreſentouſelhe a ſancta Princeſa, veſtida num habito mais alvo que neve, que amoroſamente a reprehendia de chorar por morta quem vivia vida ſegura, e bemaventurada: e acreſcentava: Naõ me chore ninguem: que cedo vereis couſas, que vos faça dizer, que fuy ditoſa em acabar. Confirmouſe eſta viſaõ, paſſados quatorze mezes, com o ſucceſſo da morte deſeſtrada do Principe Dom Affonſo em Sanctarem; que ſe achara a Princeſa viva, ſem duvida lhe ouvera de ſer cauſa de nova guerra com os povos, polla trazerem à ſucceſſaõ do Reyno.

Naõ podia deixar de acudir a charidade da Sancta às irmãs, que unicamente amava, pois ella ſe achava onde valia muito: e ellas em eſtado, que já naõ podiaõ viver com a dôr, que ſua abſencia lhes cauſava. Aos quatorze dias deſpois de ſeu tranſito, vindoſe recolhendo de Matinas pera ſeus leytos appareceo claramente a todas, e conſolou a todas; de ſorte, que cada huma contava com alegria, como a vira, e o que vira nella, e a lembrança, que lhes fizera de naõ andarem triſtes; e tratarem ſó de merecer com boas obras a gloria, que ella já tinha. Mas duas differaõ mais. Affirmaraõ, que a Sancta as aviſara em particular, que pera algumas tinha alcançado de Deos hirem cedo acompanhalla entre os bemaventurados. E a huma dellas ſe repreſentou, que a Sancta lhe moſtrara os nomes eſcritos em hum papel: e foy a revelaçaõ taõ certa, que dentro no meſmo anno de 1490. falleceraõ ſete das mais Religioſas, e mais eſpirituais.

CAPITULO XII.

De alguns caſos milagroſos, que ſe referiaõ à ſanctidade, e interceſſaõ da Princeſa.

NAõ ſe contentou eſta Sancta de remediar ſó os males da triſteza, de que era cauſa no ſeu Moſteiro. Aos outros mayores lhe acudio, com que moſtrou juntamente, e com mais eminencia o eſtado glorioſo, que poſſuhia. Saõ caſos milagroſos, e glorioſos, dignos de eſpanto, e de memoria. Diremos alguns poucos por honra de Deos, e de ſua ſerva, fazendo a ſaber a quem os ler, que ſe quizeramos apontar todos os que ſe contaõ, fora neceſſario muito tempo, e muito papel. Huma Religioſa antiga, de que naõ ficou o nome, ſentindoſe ferida de peſte, e cercada de accidentes, e dores mortais (faltavaõ de todo os remedios humanos, porque os medicos com medo tinhaõ deſemparado a terra) ſoccorreuſe a Deos, e à interceſſaõ, e poderes da ſancta Princeſa, mandou por terra de ſua ſepultura, beijoua com devaçaõ, e applicoua às poſtemas com

com confiança: ſubitamente ſentio a maynar as dores, mitigarſe o ardor da febre, e a poſtema foy abaixando: e em fim ſe reſolveo de todo, e ſem outro remedio ſarou perfeitamente.

A Madre Sor Paula de S. Jeronymo padecia humas fortes maleitas, com duas fezoens cada dia. Valeoſe da terra da Sancta, e teve logo ſaude.

Sendo Noviça Sor Anna da Preſentaçaõ, padecia huns accidentes, que a privavaõ de todos os ſentidos. Trouxeraõlhe hum retrato da Sancta, encommendouſe a ella: deſta meſma hora naõ ſentio mais ſemelhante mal em toda a vida.

Eſtava na Villa apertado de fezoens dobres hum ſobrinho deſta Noviça, buſcou a ſua mezinha lançando huma reliquia da Sancta ao peſcoço: iſto baſtou pera fugirem logo as fezoens della, e delle, e ficar ſaõ.

Com a meſma preſteza recebeo ſaude a Madre Sor Franciſca da Cruz, ſendo gravemente opprimida de huma furioſa febre, e freneſis confirmados: ſó com lhe porem na cabeça hum cilicio, que fora da Sancta.

Outra Religioſa eſtava em cama havia tres mezes, começara o mal por hum ſangue prioriz, e hiaſe fazendo thiſica: porque perſeverando a pontada, ſem dar hora de alivio: e naõ ſabendo a Fiſica outra cura, ſenaõ a da lanceta; veyo a ficar exhauſta da fonte da vida, que he o ſangue, e conſumiaſe ſem remedio. Neſte eſtado, ouve huma amiga, que a cingio com hum orelo, que fora das alfayas da Sancta: eſte fez a cura perfeita, tirou a pontada, reſtituhio a vida.

A Gaſpar Rodrigues morador na Villa de Aveiro, eſtando já ungido, foy ſaude huma pouca de terra da ſepultura da Sancta.

A Anna Barboſa moradora em Eſgueira, que entrava em artigo de morte, deſpois de grande doença, baſtou pera a livrar levaremlhe a correa, que a Sancta cingia.

A Luiz Freire de Andrade, que ardia em hum purgatorio de febres, e frios, de importunas maleitas, lançaraõ ao peſcoço huma reliquia da Sancta, que no meſmo ponto lhas lançou fóra, e foy o meyo huns vomitos, que lhe acudiraõ.

Adoeceo gravemente hum pobre homem, que ſervia no moynho do Moſteiro; e eſtava chegado às portas da morte, mandaraõlhe as Madres huma reliquia da Sancta: teve ſaude taõ repentinamente, que pareceo reſuſcitar, mais que convalecer, levantouſe logo.

Da Ilha da Madeira mandou hum doente de muitos dias, pedir a eſte Moſteiro alguma reliquia da Sancta, allegando, que lhe fora dito em ſonhos, que com ella cobraria ſaude. Averiguouſe, que chegandolhe a reliquia, ſarou logo.

Deixo mais caſos, porque ouve vida de tantas virtudes, e por tantos trabalhos provada, mais eſpanto fora faltarem milagres, que contarmos muitos, e grandes. Mas naõ ſerá rezaõ, que nos fique por dizer, o que aconteceo à Madre Dona Jeronyma de Caſtro, que foy algumas vezes Prioreſſa deſta Caſa. Sendo muito enferma, e padecendo particularmente cada oito dias huma Eſimera, que nunca

ca lhe faltava neſte termo, e lhe dava muito tormento, e cuidado de a eſperar, e muito trabalho a efficacia com que vinha ſó, com ſe encommendar à Sancta, foy livre de todo mal. Eraõ paſſados longos annos deſpois de ſua morte; quiz moſtrarſe com ella agradecida, como nobre. Naõ vio couſa mais proxima, que cubrirlhe a ſepultura com hum pano de ſeda de côr pera o fazer, tiroulhe o antigo, que a cubria, que era de lam, e negro. Foy caſo de grande maravilha o que nelle ſe vio. Havia noventa annos, que alli fora lançado, eſtava quando ſe tirou, que foy no anno de 1580. taõ inteiro, e ſaõ, que parecia poſto daquella hora. Julgavaõ as Religioſas, que lhes queria ſignificar niſto a Sancta, que podiaõ os membros vivos daquella caſa eſperar muito de ſua interceſſaõ, quando aſſi conſervava as partes inſenſiveis, e mortas.

Fim do Livro quinto.

SEGUN-

SEGUNDA PARTE

DA HISTORIA DE S. DOMINGOS, PARTICULAR DO REYNO DE PORTUGAL.

LIVRO SEXTO.

CAPITULO I.

Que contém certas graças, que o Cabido da ſancta Sé de Lisboa pedio ao Meſtre Geral da Ordem, & elle lhe concedeo.

PORQUE daqui em diante ſe nos haõ de offerecer algumas couſas, que neſte Reyno ſuccederaõ com dependencia da Provincia, e Religioſos, della, que polla meſma rezaõ parece juſto naõ ficarem eſquecidas neſtes eſcritos, ſem embargo de naõ pertencerem em parte alguma às fundaçoens, que vamos proſeguindo dos Conventos, como intento noſſo principal, e tronco, e ſubſtancia deſta Hiſtoria toda; advertimos ao Leytor, que as hiremos apontando ſegundo os annos em que ſuccederem, ſem deixar nenhuma das que à noſſa noticia chegarem. E porque nos cahe huma de importancia, e muito honrada da Ordem, entre o anno de 1461. que demos por principio da fundaçaõ do Moſteiro de Jeſus de Aveiro, e o de 1472. em que teve ſeu principio, e origem certa o Convento de Frades de Noſſa Senhora da Conſolaçaõ da Villa de Abrantes, começaremos com ella eſte ſexto Livro. He pois de ſaber que no anno de 1467. ſendo Meſtre Geral da Ordem o Padre Marcial Auribelli, da ſegunda vez, que tornou ao governo della, paſſou Carta de irmandade ao muy illuſtre Cabido da Sé Metropolitana de Lisboa, e com ella huma notavel graça, que foy conceder-lhe que pudeſſem eſcolher, naõ ſó neſta Provincia, mas em qualquer outra da Ordem, hum Religioſo pera Prégador da ſua Igreja, que ſendo por elles chamado, ſem mais reſpeito dos Prelados inferiores, Provinciaes, e Priores, ficaſſe logo

aſſinado no Convento de Liſboa, e obrigado ao ſerviço da Sé, com outras particularidades, que conſtaõ da Patente, que lhes mandou; della daremos o treslado, com ſua traducçaõ pera que ſe veja a grande opiniaõ, e credito em que eſtava a Provincia, quando gente de tanta qualidade, letras, e virtudes, como ſe junta ſempre naquelle Cabido, tiveraõ por digna delle tal negoceaçaõ, e bom indicio do que eſtimavaõ as letras, e letrados della, quererem ver cada dia no pulpito o habito de S. Domingos. A Patente tirada do original, que ſe guarda no Cartorio da Sé, he a que ſe ſegue.

HOnorabilibus, et in Chriſto ſibi venerabilibus patribus, Dominis Decano, cantori, canonicis, totique capitulo Eccleſiæ Cathedralis Vlixbonenſis, præſentibus, & futuris. Fr. Martialis Auribelli de Auinione, ſacræ Theologiæ profeſſor, totius Ordinis Prædicatorum Generalis magiſter, et ſeruus, ſalutem, & omnium virtutum plenitudinem. Veſtræ deuotionis affectus, quem audiui vos habere ad noſtrorum orationes, ſpecialem, exigentia digna requirit, beneficia â copioſa clementia Redemptoris, noſtro collata Ordini, vobis gratioſius impartiri. Quapropter uobis omnibus, & ſingulis, præſentibus, & futuris, omnium Miſſarum, orationum, vigiliarum, jejuniorum, abſtinentiarum, prædicationum, laborum, cæterorumque bonorum, quæ per Fratres, & ſorores noſtri Ordinis Dominus noſter Jeſus Chriſtus per mundum fieri dederit vniuerſum, participationem concedo ſpecialem in vita pariter, & in morte, vt multiplici ſuffragiorum præſidio, & hic augmentum gratiæ, & in futuro mereamini æternæ vitæ præmium poſſidere. Cæterum veſtris paternitatibus eodem tenore præſentium literarum concedo, vt quandocunque judicaueritis expedire, vnum Fratrem idoneum cujuſcunque Conuentus, & Prouintiæ Ordinis noſtri in prædicatorem Eccleſiæ veſtræ, atque collegii, vobis gratum, & placibilem eligere, & retinere: & talem mutare atque alium loco ſui ſubrogare, abſque contradictione alicujus mei inferioris, libere valeatis: mandans Præſidenti Conuentus Vlixbonenſis, qui pro tempore fuerit: (in quo Conventu dictum Fratrem per vos in prædicatorem electum, ex nunc pro ex tunc aſſigno pariter, & deputo) ſub pæna tranſgreſſoribus præcepti-

cepti debita , quatenus præfatum Patrem benigne recipiat , & charitatiuè pertractet , in cujus conceſſionis teſtimonium , ſigillum officij mei duxi præſentibus appendendum. Valeant in Domino paternitates veſtræ , quibus Ordinem mihi commiſſum ſerius recommendo. Dadum Auinione die 24. menſis Septembris. Anno Domini 1467. 1467.

Segueſe a traduçaõ.

AOs honrados , e veneraveis em Chriſto Padres , os ſenhores , Deaõ , Chantre , Conegos , e todo Cabido da Igreja Catredal de Lisboa , preſentes , e por vir. Frey Marcial Auribelli , natural de Avinhaõ , Meſtre em ſagrada Theologia , Geral , e ſervo de toda a Ordem dos Prégadores , ſaude , e cumprimento de todas as virtudes. O eſpecial affecto , e devaçaõ , que ſou informado tendes , às oraçoens de noſſos Religioſos , eſtá pedindo , que por rezaõ , e obrigaçaõ , folguemos de partir comvoſco , dos beneficios , e mercês , que a miſericordia do Redemptor , à noſſa Ordem largamente communica. Pella qual rezaõ vos concedo a todos , e a cada hum em particular , aſſi aos preſentes , como vindouros , eſpecial participaçaõ pera em vida , e em morte , em todas as Miſſas , oraçoens , vigilias , jejuns , abſtinencias , prégaçoens , trabalhos , e finalmente em todas as mais boas obras , que Noſſo Senhor Jeſus Chriſto for ſervido fazeremſe pollos Frades , e Freiras deſta Ordem univerſalmente em todo o mundo , pera que ajudados de multiplicados ſuffragios , mereçais alcançar neſta vida augmento de graça , e na outra o galardaõ da vida eterna. Além do que concedo mais a voſſas Paternidades pollo theor deſtas meſmas letras , que todas as vezes , que entenderdes vos eſtá bem poſſais eſcolher de qualquer Convento , e Provincia de noſſa Ordem pera Prégador deſſa Igreja , e Cabido , hum Padre de voſſo goſto , e o meſmo reter , ou trocar , e outro em ſeu lugar ſubſtituir , o poſſais fazer livremente , ſem vos ſer poſto embargo , nem contradiçaõ alguma por parte de nenhum meu inferior ; e deſ-

dagora pera entaõ aſſino o dito Padre no Convento de Lisboa. E juntamente o nomeyo, e dou por voſſo prégador: mandando a quem quer, que nelle preſidir, ſob a meſma pena, que encorrem os que quebraõ preceitos, que o aceite com benignidade, e o trate com charidade. Em fé da qual licença determiney corroborar eſtas letras com o ſello pendente de noſſo officio. Guarde o Senhor a voſſas Paternidades, a quem encomendo encarecidamente eſta Ordem, que eſtá à minha conta. Dada em Avinhaõ a 24. de Setembro de 1467.

Foy taõ eſtimada do Cabido a Patente do Geral, e a licença por ella outorgada, que a foraõ confirmando pollos Gerais ſucceſſores; e eſta lhe deu eſperança pera alcançar outra ao parecer mais difficultoſa, mas muito importante pera bom ſerviço da ſua Igreja. Havia naquelle tempo entre nós grande cuidado de trazer os Religioſos occupados, ſem lhes dar hora de ocioſidade, que na verdade eſta he a mãy de toda a relaxaçaõ. Quem tinha letras, e bom natural pera a prégaçaõ, exercitavaſe nella ſem ter momento de reſpirar: porque, como entaõ havia poucos Prégadores nas outras Religioens, e na noſſa ſempre ouve muitos, eraõ os noſſos muito buſcados: como he de ver de huma carta da Raynha Dona Catherina mulher d'elRey Dom Joaõ Terceiro, que quaſi cem annos deſpois deſte em que vamos, quando já todas floreciaõ em letras, affirma ao Summo Pontifice, que ſahiaõ do Convento de S. Domingos de Lisboa pera a Cidade vinte, e tantos Prégadores. He a carta feita em nome d'elRey Dom Sebaſtiaõ. Em outra parte deſta Chronica temos dado o treſlado: e naõ faltaõ memorias, que era ordinario na meſma Caſa haver nos dias ſanctos tres prégaçoens: huma na Igreja, outra na Craſta, e a terceira no Roſſio. Porém os que no eſtudo das letras aproveitavaõ pouco, eraõ conſtrangidos a ſeguir outras Artes, inda que mais humildes, tambem de louvor de Deos, e ſerviço da Religiaõ, eſcreviaõ livros de ſolfa pera ornamento do Choro, e dos Conventos; ou faziaõſe deſtros em muſica de tecla pera acompanhar, e deſcançar o noſſo canto, que como he muito chaõ, recebe luſtre, e viveza do orgaõ bem tocado. Daqui naſcia haver pollos Conventos muitos homens famoſos em tal miniſterio: em tanto gráo, que cubiçaraõ os meſmos Conegos aproveitarſe delles pera a ſua Igreja (naõ póde ſer mayor encarecimento de quaõ adiantados eſtavaõ na Arte) e vieraõ a pretender pera eſta muſica dos ouvidos, o meſmo que tinhaõ impetrado dos Padres Gerais pera a das Almas: quizeraõ tangedor de Orgãos frade, aſſi como o tinhaõ já Prégador: concederaõlho os Padres, e alguns annos adian-

P. 1. l. 3. c. 40.

te ao em que vamos, o Meſtre Geral Joachim Turriano com a meſma liberalidade, que ſeus antepaſſados, confirmou a graça, e ajuntou licença para que ſe pudeſſe confirmar pollo Summo Pontifice. Tudo parece da Patente, que vay ſem traduçaõ: porque já fica declarada ſua ſuſtancia.

VNiuerſis, & ſingulis venerabilibus, & circunſpectis viris Dominis Decano, nec non Canonicis totius Capituli almæ Eccleſiæ Vlixbonenſis, Frater Joachimus Turrianus ſacræ Theologiæ profeſſor, ac Ordinis Prædicatorum humilis magiſter, & ſeruus, ſalutem, & Spiritus Sancti conſolationem. Cum à prædeceſſoribus meis Ordinis noſtri Magiſtris Generalibus, conceſſum, & benignè admiſſum ſit, vt quemcunque Fratrem noſtri Ordinis idoneum aſſumere, & acceptare poſſitis ad officia prædicationis Verbi Domini, ac etiam pulſationis organorum in Eccleſia veſtra, idcirco vt veſtris juſtis rogatibus morem gererem ac conſolationi, tenore præſentium ipſam concedo, quatenus Fratrem quemcunque, vt præfertur, pro talibus officijs, idoneum, libere abſque alicujus mei inferioris impedimento, ſeu moleſtia acceptare, & aſſumere valeatis: in contrarium facientibus, non obſtantibus, quibuſcunque etiam reformationis noſtris Conuentus veſtræ ciuitatis. In quorum omnium fidem, & teſtimonium, ſigillum officij mei duxi præſentibus apponendum. Bene valete, & Deum pro me orate. Datum Romæ die 13. *menſis Februarij* 1488.

Abaixo ſe lêm mais as regras ſeguintes.

REuerendiſſimus Magiſter Ordinis, videlicet Magiſter Ioachimus Turrianus Venetus, & confirmauit, & de nouo conceſſit omnia ſupradicta, quantum ad omnes ejus particulas, & vult in ſuo ſemper robore permanere, ac per Summum Pontificem confirmari. In quorum fidem ſigillum ſuum paruum, quo vtitur, juſſit apponi præſentibus. Datum Romæ prima Martij 1488.

CAPI-

CAPITULO II.

Fundaçaõ do Convento de Noſſa Senhora da Conſolaçaõ da Villa de Abrantes.

COmo nenhuma couſa dá mais luſtre nas Cidades, e lugares grandes, que os Templos, e caſas dedicadas ao Culto Divino: quiz Dom Lopo de Almeyda primeiro Conde de Abrantes, tanto que teve a dignidade, edificar hum Moſteiro, que emnobreceſſe a Villa com o edificio, e foſſe de proveito aos moradores com a doutrina. A Ordem quiz, que foſſe de S. Domingos: e o ſitio a varzea, que ſe eſtende pollas raizes do Monte, em que a Villa eſtá ſentada na parte onde antigamente ſe chamava Rio Pombal, e deſpois da obra feita, Ribeiro de Frades, e agora polla rezaõ, que diremos logo, Moſteiro velho. Do anno certo, em que aqui foy começado a fabricar, naõ ha noticia: mas certeza temos, que alguns
1472. annos antes do de 1472. era já povoado de Frades: e por ſer o poſto pouco ſadio, e adoecerem, e morrerem muitos nelle, foy mandado algumas vezes deſpejar pollo Provincial Frey Diogo do Porto, e paſſar os Religioſos a outros Conventos. Governou eſte Padre a Provincia dezaſeis annos, como atraz fica dito: e foy quarto Provincial deſpois da ſeparaçaõ de Caſtella, eleyto no anno de 1456. por morte do P. Fr. Joaõ Martins. Entendia o Conde, que aſſi como lho deſpejavaõ muitas vezes, reſpeito de annos mais enfermos, viria algum Prelado, que o mandaſſe deſpovoar pera ſempre: determinou paſſallo pera lugar mais alto, cahindo tarde, que o dano lhe vinha de eſtar em lugar baixo, pollo meſmo caſo era apaulado, e humido em demaſia. Veyolhe a propoſito mandallo elRey Dom Affonſo Quinto por ſeu Embaixador a Roma, porque lembrandoſe do ſeu Convento, e doença dos moradores, impetrou licença pera a tresladaçaõ do Papa Xiſto Quarto: e eſta he a cauſa de tomarmos por origem, e primeira antiguidade delle o anno de 1472. em que teve licença 1472.
da Sé Apoſtolica pera o mudar. Mandou o Conde entender logo na obra, mas naõ teve melhor ſucceſſo que na primeira; porque, ou foſſe culpa dos Miniſtros, fundada em cubiça de encurtar deſpeſa, aproveitandoſe ao perto dos materiaes da que desfaziaõ; ou entenderſe, que com pouca diſtancia ficaria livre dos inconvenientes da primeira, inda que o aſſento foy mais alto alguma couſa, naõ ſe ganhou nada, quanto à ſaude, que era a cauſa principal da mudança. Adoeciaõ, e morriaõ os Frades, tanto que entravaõ as calmas, ſem nenhuma differença, de quando eſtavaõ no mais fundo do vale: porque a diſtancia naõ foy baſtante pera os livrar dos máos vapores delle.

Trinta, e ſinco annos aturaraõ os pobres Frades eſta ſegunda vivenda, pagando com as vidas os erros da Avareza, ou do pouco entendimento dos edificadores: até que Deos foy ſervido, que tiveſſe principio a terceira morada dentro da Villa, que he a que hoje dura. Foy gran-

grande requerente, e autor della o Padre Frey Joaõ de S. Vicente, que com ſua agencia, e diligencia a poz em ſua perfeiçaõ deſdo anno de 1509. até o de 1517. Ajudounos elRey D. Manoel com muitas eſmollas, que na verdade os Reys de Portugal ſempre foraõ os verdadeiros Padroeiros de todos os grandes Templos, e Moſteiros de ſeus Reynos: porque ſaõ muy poucos os que às ſuas mãos, e liberalidade, naõ devaõ o todo, ou a melhor parte, como tambem o cuidado de andar a Religiaõ em ſubido ponto. Pera eſta ultima tresladaçaõ deu ſua licença o Papa Julio Segundo: e porque os tempos eraõ de grandes eſterilidades, e careſtia de tudo, deſpachou hum Breve de grandes indulgencias pera quem ajudaſſe a obra com a quantia de hum groſſo, moeda Italiana, que reſponde a meyo vintem da Portugueza; ſegundo a declaraçaõ, que fez o Arcebiſpo de Lisboa executor do Breve. Mas ſendo pouco o que ſe juntava, acudio o Pontifice Leaõ Decimo com outra graça mayor, e eſta foy a que poz o edificio em remate. Deu licença pera os peſcadores exercitarem a peſcaria em beneficio delle todos os Domingos, e dias ſanctos do anno, excepto as quatro feſtas mayores. Vendiaſe o peixe, entregavaſe o rendimento aos theſoureiros da obra. Mereciaõ os peſcadores no eſpiritual, e naõ ficavaõ de todo ſem proveito no temporal.

Havia na Caſa velha huma Imagem da Virgem glorioſa mãy de Deos, muito devota no feitio, e muito mais no nome, que era da Conſolaçaõ. Acudiaõ a valerſe della, e viſitalla em ſuas neceſſidades os vezinhos, e muita gente de longe, e todos com offertas de ſuas eſmollas, em graça dos beneficios, que eſperavaõ, e já levavaõ. Eſta Imagem veyo pera a Caſa nova: e he a que dá titulo ao Moſteiro, e temos teſtemunho da devaçaõ antiga nas letras do Papa Xiſto IV. quando foy a ſegunda tresladaçaõ, que dizem aſſi em huma clauſula: *Ad quam habitantes dictæ villæ, atque alij regni incolæ de diuerſis partibus, ad eccleſiam, & domum præfatas deuotionis cauſa concurrunt, & Diuinus Cultus inibi viget.* Querem dizer: A' conta da qual Imagem concorrem a eſta dita Igreja, e Convento por devaçaõ os moradores da Villa, e outros naturais do Reyno de varias partes, e he muy frequentado o Culto Divino.

Sobre a porta da Igreja teve o Prior cuidado de nos deixar memoria de ſeu trabalho, e do tempo delle, entalhada em marmore, que he a ſeguinte.

ElRey D. Manoel o Primeiro ouve por bem mudarſe eſte Moſteiro donde eſtava longe da Villa, edificado pollo Conde D. Lopo de Almeyda, por ſer lugar doentio: e iſto a requerimento de Fr. Joaõ de S. Vicente Prior delle; o qual com eſmollas do dito Senhor Rey, e poderes pera outras pedir, o fez na Villa. Começouſe o derradeiro dia de Janeiro de 1509. e acabouſe a vinte de Março de 1517.

Acreſcentouſe eſte Convento em renda, deſpois que a Villa tornou à Coroa, e ſendo dada

dada por elRey D. Manoel ao Infante Dom Fernando ſeu terceiro filho, tinha o Infante aqui ſua caſa, deſpois que cazou com a ſenhora D. Guiomar, filha, e herdeira do Conde de Marialva Dom Franciſco Coutinho, Caſa tamanha em renda, terras, e ſangue, que ſe ouve por bem empregado nella hum Principe de tais partes, que o faziaõ digno de Reynos. Vindo a fallecer na meſma Villa por Novembro de 1534. foy enterrado na Capella mór deſte Moſteiro, e a Infante Condeça com animo Real offereceo de eſmolla em ſuas exequias duzentos mil reis de juro perpetuo, aſſentado, e pago na meſma Villa, ſem nenhum encargo de Miſſa, nem ſuffragio, nem outra obrigaçaõ: e he a parte melhor, e mais groſſa da ſuſtentaçaõ dos Frades, que quaſi de ordinario ſaõ continuos moradores até quatorze. Tardou pouco em ſeguir o marido a viuva Infante, fazendo officio de apreſſado, e mortal veneno a dôr de tal perda: e como o ſeguio na morte, que foy dentro de hum mez, fez o meſmo na ſepultura: mandouſe enterrar junto delle.

1534.

Ficou viva por ſeu fallecimento a Condeça Dona Britez de Menezes ſua mãy Condeça de Loulé, e propriedade, e de Marialva em titulo. Eſta Senhora em memoria de tal genro, e tal filha, enriqueceo a Sacriſtia do Convento com muita prata lavrada, parte dourada, e parte branca, de que ſervia na Capella do Infante, que chegou a noventa marcos. Entraraõ nella duas cruzes, huma de dezaſeis marcos, e outra mais pequena, dous calices, thuribulo, naveta, portapaz, caixas de hoſtias, dous pares de galhetas, quatro caſtiçais de pé alto, caldeira, e hyſope, pera agoa benta, e hum frontal, e veſtimenta de brocado. Naõ foraõ deſcuidados os religioſos em moſtrarem agradecimento a tantos beneficios. Fizeraõ aſſento com licença do Provincial, que era o Padre Frey Amador Henriques, que foſſe perpetua deſtes Senhores a Miſſa Conventual cantada, com reſponſo por ſuas almas no fim, e na ſemana dos Sanctos hum officio de nove liçoens.

CAPITULO III.

Do que aconteceo na morte deſte Infante, e ſua mulher, e filhos; e como foy tresladado pera o enterro Real de Belem: referemſe alguns milagres, que ouve neſta Villa na feſta de S. Jacinto.

HUm eſtranho caſo ſe conta que aconteceo na morte deſtes Infantes, e por ſer tal naõ indigno de ficar neſta Hiſtoria. Achavaſe a caſo o Infante na Villa da Azinhaga. Da occaſiaõ naõ conſta. Levantandoſe huma manham, referio aos fidalgos, que o veſtiaõ, que ſonhara aquella noite, que vira ſahir de ſua caſa em Abrantes tres tumbas juntas, e cubertas de negro. Era o Infante de animo grande, bom chriſtaõ, e nada agourento: nenhum caſo fez do ſonho. Ao ſegundo dia chegoulhe recado de ſer fallecida a Senhora Dona Luiza ſua unica filha, que já naõ tinha outra. Era por Outubro do anno de 1534. foy correndo a con-

conſolar a Infante, que amava com grandes extremos. Adoeceo logo: e falleceo aos ſete do mez de Novembro ſeguinte; e a Condeſſa ſua mulher foy apoz elle, ſem ſe meter mais tempo em meyo, que quanto ouve de ſete de Novembro, até nove de Dezembro. De ſorte, que no eſpaço de pouco mais de dous mezes; ſe vio cumprido o ſonho das tres tumbas: porque a primeira ſahio a tres de Outubro, que foy a da filha; e a ultima, que foy a da mãy, em nove de Dezembro, como temos dito. Caſos muy prodigioſos nos deixou a antiguidade eſcritos neſta materia. Sonhou Artorio Medico, que lhe diziaõ advertiſſe a Auguſto Ceſar, que ainda que eſtava gravemente indiſpoſto, naõ deixaſſe de entrar na batalha, que no dia ſeguinte ſe havia de dar a Bruto, e Caſſio. Obedeceo Auguſto, e mandouſe levar em huma cadeira: e valeolhe a vida, que ſem duvida perdera, ſe ficara nos Arrayaes, porque foraõ ganhados, ſaqueados, e deſtruidos por Bruto. Dizem que obedeceo, lembrado, que Calfurnia mulher de Julio Ceſar, na noite antes, que o mataſſem, ſonhou, que o via em ſeu regaço atraveçado de punhaladas, e rogandolhe polla manham, que naõ ſahiſſe de caſa aquelle dia, todavia ſe foy ao Senado porque ſenaõ diceſſe, que o deixava de fazer por medo do ſonho. Indigna couſa he de homem chriſtaõ dar credito a ſonhos, como a certezas infalliveis: porém naõ approvo deixar de fazer caſo delles totalmente, na parte, que podem aproveitar pera remedio, ou beneficio da alma. Sonha hum homem, que morre, ou que o mataõ; póde ſer couſa natural, e effeito de humores malencolicos; mas obra ſerá de prudencia porſe bem com Deos, concertar a vida, e o que toca a ſua alma. Se o Infante temera o ſeu ſonho, pudera tirar delle proveito com fazer teſtamento, que naõ fez.

Val. Max. lib. 1. c. 7.

Poſſuhio o Infante eſte jazigo até o anno de 1582. no qual elRey Dom Felippe Primeiro deſte nome em Portugal, e Segundo em Caſtella, eſtando em Lisboa, e querendo reduzir ao enterro Real de Belem, Convento de Monges de S. Jeronymo, todos os filhos, e ſucceſſaõ defuncta d'elRey Dom Manoel, eſcreveo em trinta de Novembro ao Doutor Martim Pinheiro, que governava o Biſpado da Guarda por auſencia do Biſpo Dom Joaõ de Portugal, e ao noſſo Provincial, que era o Padre Frey Antonio de Lacerda, que pera certo dia ſe achaſſem neſte Convento, e tiraſſem delle os oſſos do Infante, e os entregaſſem a certos fidalgos, que mandaria pera os levarem aonde tinha ordenado, viſto como naõ havia teſtamento, nem codicillo, nem outra lembrança, polla qual ſe colligiſſe, que o Infante eſcolhera aquella ſepultura: e naõ ſe boliſſe com a Condeſſa ſua mulher, que conſtava eſtar por ſua vontade ultima alli enterrada com ſeus filhos. Entraraõ pouco deſpois no Convento de mandado d'elRey huma moderada companhia de Fidalgos, e Capellaens de ſua Capella, e receberaõ a oſſada em hum caixaõ forrado de veludo roxo, e

1582.

a levaraõ pollo rio abaixo até Almeirim. Alli tomaraõ de caminho a de elRey Dom Henrique, que naquella Villa fallecera por fim de Janeiro do anno de 1580. e foraõ entregar ambas no Convento de Belem. Entre os Fidalgos, que neſte ſerviço ſe acharaõ, foraõ de Lisboa Joaõ Gonçalves de Atayde, Conde que agora he da Atougia; e de Sanctarem Dom Manoel Maſcarenhas, e Ruy Lopes Coutinho irmaõ mais velho de Frey Luis de Souza, que iſto eſcrevia. Parece que ſe teve reſpeito a que elRey Dom Henrique, pouco antes de fallecer, tinha dado cargo a eſtes tres Fidalgos de lhe fazerem guarda naquella Villa cada hum com ſua companhia de ſoldados.

1580.

Naõ coſtuma eſte Convento a ter criaçaõ de noviços, porque lhe tiraõ o trabalho duas caſas taõ grandes, e naõ muito diſtantes, como ſaõ a da Batalha, e Sanctarem. Aſſi naõ ha filhos della, de que poſſamos fazer relaçaõ; mas em lugar delles, faremos outra, que tambem reſulta em louvor da Ordem, e da Caſa, e da Villa.

No anno de 1595. feſtejou o Convento a canonizaçaõ do noſſo grande, e antigo Religioſo Pollaco S. Jacinto. Ajudou a terra à feſta com tudo o bom que poſſuhiaõ de alfayas em ſuas caſas, e com devaçaõ, e affecto das almas, que os Sanctos mais eſtimaõ. Aconteceo o meſmo em todos os lugares do Reyno, em que havia Conventos da Ordem: e aſſi foraõ grandes os ſinais, que o Sancto deu de agradecimento por toda a parte. Neſta Villa, e ſeu Biſpado, que he o da Guarda, ſe viraõ muitos milagres logo. Diremos de alguns da Villa pera honra de Deos, e do ſeu Sancto; pois, ſendo Dominico, deu a elles occaſiaõ o Convento de S. Domingos.

1595.

Levavaõ os Religioſos huma devota Imagem do Sancto na prociſſaõ da feſta. Ao paſſar della eſtava em huma janella huma mulher com hum filhinho nos braços, o qual era quebrado de ambas as virilhas, e taõ perſeguido de accidentes mortais nas conjunçoens da lua, que, com naõ ter outro filho, pedia a Deos o levaſſe pera ſe ver livre a ſy, e a elle do martyrio, que ambos padeciaõ com ſeu mal. Quando a Imagem chegou a emparelhar com a janella offereceolhe o minino: e pediolhe de todo o coraçaõ ſe apiedaſſe delle, e foſſe interceſſor diante de Deos pera que tiveſſe remedio. Mas ſuccedeo, que na meſma ſemana, ſem haver conjunçaõ de lua, lhe ſobrevieraõ dous fortes accidentes. Era a mulher prudente, conſiderou o caſo; diſſe alegre, e confiada: hora Sancto bem vos entendo, iſto he quererdes provar minha fé. Pois volo hey de levar ao voſſo Altar: levouo, eſtendeo nelle, trouxeo pera caſa perfeitamente ſaõ da quebradura, e ſem mais ſentir nenhum mal della.

Outra mulher tinha tambem hum filhinho quebrado: era de quatro annos. Moveo Deos a lingoa innocente pera dizer à mãy, que o levaſſe ao altar do Sancto: levouo, e delle tornou ſaõ.

Mecia Dias ſe chamava huma mulher da meſma Villa, taõ atormentada de mal de pedra,

e das

e das intoleraveis dores, que lhe cauſava, que toda a rua, e vezinhança padecia trabalho com ella, polla continuaçaõ dos gritos, que dia, e noite dava. Sentindo, e ouvindo na cama, em que jazia, o alvoroço, que hia na Villa com a feſta do Sancto, encomendouſe a elle com devaçaõ; e porque lhe naõ ſabia o nome, chamava em gritos pollo Sancto novo de S. Domingos; e naõ foy de balde: lançou duas pedras do feitio, e tamanho de duas grandes amendoas, quando eſtaõ verdes, e cubertas de caſca. Ficou logo de todo ſam, e ſem nunca mais ſentir nenhum mal. E he couſa ſabida, que quando buſcou a interceſſaõ do Sancto, eſtava já ungida, e ſem eſperança de vida.

Duas mulheres, que viviaõ juntas em huma caſa, foraõ ambas feridas de peſte. Havia na Villa bom governo, e rigor em lançar fóra della os inficionados, que he ſó o remedio, com que ſe atalha eſte fogo. Temeraõ as pobres, verem-ſe fóra de ſeu lár: quizeraõ arriſcarſe a morrer ſem cura antes, que manifeſtarſe, e deixallo: e tomaraõ por valedor do ſegredo, e do mal, o Sancto de quem ſe contavaõ maravilhas. Encomendavaõſe a elle, e untavaõ as poſtemas com azeite, que mandavaõ buſcar de ſua alampada; ſem outro beneficio ſararaõ ambas.

CAPITULO IV.

Fundaçaõ do Convento de Noſſa Senhora da Luz do Pedrogaõ Grande.

GOvernava a Provincia o Padre Frey Alvaro Correa, que em algumas eſcrituras achamos com o nome eſtirado a Correano, eleyto em Provincial por fallecimento do Padre Frey Diogo do Porto; quando ſe deu principio ao Convento, que a Ordem tem na Villa do Pedrogaõ Grande do Biſpado de Coimbra, polla maneira ſeguinte. Era natural della Fr. Joaõ Domingues Frade noſſo, quiz empregar em ſerviço dos ſeus huma Quareſma, as letras, e eſpiritu, que alcançara na Ordem: ſem duvida foy mais devaçaõ, e verdadeira charidade, que oſtentaçaõ, ou dezejo de ſe moſtrar Profeta na Patria. Vioſe nos effeitos, que reſultaraõ do trabalho: porque deixou nos animos de todos taõ impreſſo o goſto, e ſabor da doutrina Dominicana, e por meyo della o amor do habito, que paſſada a Quareſma, ſe juntou o melhor do povo, e ordenaraõ huma ſupplica ao Padre Sancto, cuja ſuſtancia foy pedirlhe licença pera edificarem à ſua cuſta hum templo da invocaçaõ de Noſſa Senhora da Luz, que juntamente foſſe Moſteiro da Religiaõ de S. Domingos; allegando a falta, que padeciaõ do mantimento eſpiritual; e o dezejo, que todos tinhaõ de ſe conſolarem com a prégaçaõ dos Religioſos. Era Pontifice Xiſto Quarto. Mandoulhes dar hum Breve, paſſado em 28. de De-

zembro de 1475. com commiſſaõ ao Arcebiſpo de Lisboa, e ao Biſpo de Evora, e ao Abbade de Ceiça da Ordem de S. Bernardo, no Biſpado de Coimbra; pera que vendo o lugar, que os moradores apontaſſem, e achando ſer conveniente, e honeſto, paſſaſſem a licença em nome da Sé Apoſtolica. Preſentadas as letras aos Commiſſarios, hia Frey Joaõ negoceando a paſſo igual a aceitaçaõ do Provincial, e conſiderando ſitios, e o que mais convinha pera a fabrica. He a Villa de tempos muito antigos ſujeita em propriedade ao apellido dos de Vaſconcellos, apellido illuſtre no Reyno; e chamavaſe Joaõ Rodrigues de Vaſconcellos, o que neſta conjunçaõ a poſſuhia juntamente com a Villa de Figueiró. Tendo eſte Fidalgo noticia do que ſe tratava, chamou o Frade, offereceolhe humas herdades ſuas por baixo do lugar, e naõ muito longe delle, onde chamavaõ as Mayas, de aſſento, e capacidade baſtante pera hum bom Convento, com ſeus pumares, regados de huma fermoſa fonte de muita, e boa agoa. Naõ ſe pudera dezejar poſto mais acommodado por todas ſuas qualidades em tal terra. Paſſouſe a Doaçaõ em nome dos ſenhores da terra, Joaõ Rodrigues de Vaſconcellos, e Dona Branca da Sylva ſua mulher por eſcritura publica, com huma condiçaõ muito juſta: que foy, que ſe por algum caſo ſuccedeſſe mudarſe, ou extinguirſe o Convento, tornaſſem as herdades no eſtado, em que eſtiveſſem, à linha dos Doadores. Em virtude deſta Eſcritura tomou poſſe o Padre Frey Joaõ Domingues a doze de Setembro de 1476. e eſte he o anno, e antiguidade, que damos a eſte Convento. 1476.

Corria neſta Villa por tradiçaõ muito antiga, recebida de pays, e avós, que huma boa velha dizia muitas vezes, vindo a eſte ſitio, e fonte, hum genero de profecia, que o ſucceſſo veyo a confirmar, e fazer eſtimada, e verdadeira. Eraõ as palavras della: Fonte das Mayas, quem viver, verá as maravilhas, que Deos em ty ha de obrar. Eſtas eſtavaõ guardadas pera o tempo, em que a Ordem de S. Domingos vieſſe beberlhe a agoa, e povoar a terra: porque foy aſſi, que tanto, que Frey Joaõ levantou a Igreja, que foy a primeira couſa em que poz a maõ, e collocou no Altar mór huma Imagem de Noſſa Senhora com o titulo da Luz, que foy em conformidade da narrativa do Breve Apoſtolico, ſahio a Imagem taõ devota em feitio, e com tal graça nos olhos de todos, que arrebatava, e enlevava os olhos, e animos; e eſtendendoſe a fama della, começou a ſer viſitada de muita gente de perto, e de longe: e como a eſta Senhora, ſegundo o dito de ſeu devoto Bernardo, nem falta poder, nem póde faltar vontade pera remediar peccadores, que ſeu Filho no teſtamento da Cruz lhe deixou por filhos, foy reſpondendo ao affecto piadoſo dos que a buſcavaõ com tantos milagres, que ſe vio com eſpanto cumprida a profecia da Velha. Continuou a Romaria por muitos annos, e de muitas partes do Reyno, em eſpecial das S. Bern.

terras

terras do Alemtejo, donde ainda hoje acodem muitos devotos, que com ſuas eſmollas, e offertas ajudaõ a viver os Religioſos.

Dos milagres, como foraõ creſcendo, ouve cuidado nos Religioſos de fazer livro pera honra, e gloria de Deos, e da Senhora, foraõſe apontando nelle muitos; e deranos materia, ſe permanecera pera honrarmos eſta Caſa com boa leytura: mas naõ foy Deos ſervido, que chegaſſe ao tempo preſente. Perdeoſe, como de ordinario acontece a muitas couſas boas, inda onde a gente he muito cuidadoſa. Aſſi diremos ſómente alguns, que em noſſos dias ſuccederaõ, que fazem boa fé aos antigos.

Huma mulher do termo da Villa de Anſiaõ em cabo de boa doença veyo a perder a viſta: como corria a fama dos muitos milagres deſta Senhora, e o ſeu nome da Luz convidava a quem tinha falta della, encomendouſelhe de coraçaõ, e fez promeſſa de hir ter huma novena em ſua caſa, ſe lhe tornava a viſta. Acudiolhe a Senhora com ſeu poder, e deulha perfeita. Naõ ſe eſqueceo ella do agradecimento, quanto à hida; mas encurtou tanto a novena, como ſe a prometera de momentos, e naõ de dias. Naõ fez mais, que viſitar a ſancta Caſa, e logo fazer volta pera a ſua. Mas permittio o Senhor pera enſino ſeu, e noſſo, que na hora, que chegou à ſua morada, tornou a ficar de todo cega: cahio entaõ na falta que fizera: fezſe levar ao Moſteiro, cumprio ſeus nove dias diante da Senhora, cobrou luz nos olhos, e tornou ſem guia.

Da meſma Villa de Anſiaõ era hum velho, que vindo a perder os olhos, perdia tambem a vida, porque naõ podia ſem elles grangear o remedio pera ella. Juntavaõſe contra o cego, doença forte, e natureza enfraquecida com os annos. A tudo acudio a Senhora, chegando o pobre a vallerſe della neſta ſua caſa. Veyo, vio; e vencido o mal da doença, e da idade, tornou ſaõ.

Pedrafonſo lavrador no termo de Elvas, da Freguezia de Villaboim, ſentia muito ver cega huma filha, que amava: como ſabia dos milagres deſta Senhora, que por Alentejo tem muito nome, encommendoulha com devaçaõ, e alcançoulhe viſta perfeita.

No anno de 1569. entou neſta Igreja Dona Iſabel Boccarra, natural de Coimbra, e mãy do Padre Frey Antonio de Alpoem Frade noſſo, a cumprir huma novena, e peſar a trigo huma filha minina por voto: porque naſcendo com huma bellida em hum olho, que lhe tolhia a viſta, e fazia deſar, que igualmente ſentia: com a encomendar, e prometer a eſta Senhora, lhe cahio, ou deſappareceo de ſorte, que lhe ficaraõ os olhos ambos limpos, e claros.

Eſtranho, e poucas vezes ouvido foy o caſo de huma mulher nobre da Villa de Thomar. Sahiolhe huma tripa de duas varas de comprido, que parecia feya cobra; naõ andava nos livros da Fiſica tal genero de enfermidade: deſemparada de remedios humanos, naõ tratou de mais, que encommendarſe com devotas lagrimas à Virgem

da

da Luz, que lhe valeo, recolhendoſe a tripa por ſy. Em graças, foy em peſſoa offerecerlhe em ſeu altar hum cirio de duas varas.

Na meſma Villa do Pedrogaõ tinha Domingos Thomas hum filho moço apertado de grande doença: aggravouſe o mal, entrou em paroxiſmos de morte, meteraõlhe a candeya na maõ pera acabar. Vendo a mãy em tal eſtado quem era o lume de ſeus olhos, bordaõ de ſua velhice, eſperança de ſua ſucceſſaõ, deu hum grito ſahido do centro da alma, que chegou às nuvens, chamando por Noſſa Senhora da Luz: grito foy, que ſubio ao Ceo, naõ ſó às nuvens, e nelle taõ bem ouvido, que no meſmo momento tornou o moço da morte à vida, e acompanhou a mãy a dar graças à Virgem, e offerecerlhe ſaõ a candeya, que tivera nas mãos pera morrer; e a mortalha, que lhe tinhaõ preſtes pera o enterrar.

Mas tornando à fabrica do Moſteiro, foy a Igreja no principio muito pequena, como obra de povo, e povo de montanha, naõ grande, nem rico. Juntoulhe Frey Joaõ hum eſtreito apoſento pera ſy, e pera mais dous, ou tres companheiros que o ajudavaõ: vivendo todos das eſmollas dos fieis, e trabalhando no miniſterio da prégaçaõ, com exemplo, e cuidado de bons filhos de S. Domingos: mas nunca chegaraõ a ver o edificio muito adiantado; porque ſuccederaõ annos de fome, e peſte, grandes eſterilidades, e careſtia de tudo: e aſſi acabaraõ primeiro, que tiveſſe forma de Convento. Valeonos pera ſe acabar hum ſucceſſor do meſmo Fidalgo, que tinha dado o ſitio; impetrando hum Breve do Papa Leaõ Decimo pera que aſſiſtiſſe nelle hum Vigairo perpetuo, que naõ pudeſſe ſer mudado até o Convento ficar em perfeiçaõ. Importa muito em caſa de obras aſſiſtencia continua de hum ſó; porque he couſa rara haver quem folgue de proſeguir principios de mãos alheyas. Frey Nuno Galvaõ ſe chamava o Vigairo, que aceitou a empreſa pollas letras de Roma: e foy o conſelho acertado; porque entrando no cargo pollos annos de 1515. quando o deixou, deixou tambem a caſa de todo acabada; e achamos eſcrituras do anno de 1518. pera diante, que nomeaõ por Priores Frey Mattheus da Vitoria, e Frey Bertholameu de S. Domingos, e Frey André Pinheiro; e no anno de 1540. Frey Simaõ de Sanctarem; e no de 1554. ao Doutor Frey Diogo da Barreira. Mas como iſto ſaõ eſcrituras de tabaliaens ſeculares, e de terras pequenas, que ordinariamente ſaõ gente idiota, e pouco practicos nos eſtylos da Religiaõ, e até nos de ſeu officio, ſeguramente podemos crer que por inadvertencia davaõ titulo de Priores, aos que naõ eraõ mais que Vigairos. Confirmaſe eſta verdade com o que diſpoem as Actas do Capitulo da Batalha, em que foy eleyto o Meſtre Frey Luis de Granada, anno de 1557. as quais entre as Ordenaçoens levantaõ eſta Caſa a Priorato (final que nunca o fora até entaõ) e dandolhe por primeiro ao Padre Frey Antonio de Caria, encomen-

1515.

1557.

mendaõ ao Provincial, que ſendo acabadas certas officinas que ainda naõ tinhaõ perfeiçaõ, proveja a caſa de baſtante numero de Frades: por onde parece, que pois inda entaõ havia officinas imperfeitas, menos capaz eſtaria nos annos atraz, do titulo, e authoridade de Priorado.

CAPITULO V.

Compoemſe o Convento pera correr em fórma, e titulo de Priorado; e ter criaçaõ de Noviços. Daſſe conta de huma eſtranha tempeſtade, que ſuccedeo na Villa.

COmo o Padre Provincial Frey Luiz de Granada eſtava obrigado pollas Actas do Capitulo, que atraz apontamos, a compor eſta Caſa pera Priorado, quiz vella por ſeus olhos, tanto que lhe deraõ lugar occupaçoens mayores. He o aſſento da Villa coroa de huma alta, e deſcompoſta ſerra, e fica o Moſteiro em meyo de huma ladeira, que della deſce pera o Rio Zezere, acompanhada de penedia, e arvoredo ſylveſtre, e taõ ingreme, e dependurada, que de qualquer parte, que ſe olhe pera baixo, faz tremor nos joelhos, e medo na viſta: e creſce o pavor com a corrente de dous Rios, que no fundo ſe ajuntaõ, que ſaõ o Zezere muito poderoſo de agoas, e o Pera que aqui, como he mais pequeno em tudo, entra, e perde o nome nelle, e deixaõ feito hum angulo de pedra viva por baixo do Moſteiro: de ſorte que fica como cercado de ambos, tendo da maõ direita o Pera, e da eſquerda o Zezere. E como cada hum traz grande impeto, e ſe vem furioſamente quebrando por entre penhas, e lageas, levantaõ hum medonho roído, que ſe faz ouvir de muito longe; quem de fóra conſidera a poſtura do Moſteiro, os penedos, e mattos que o cercaõ, a profundeza, e eſcuridade com que nas raizes dos montes ſe apertaõ os Rios, o eſtrondo continuo que de ambos reſulta, fazendo conſonancia triſte, o groſſo, e grave do mais caudaloſo, com o agudo, ou menos grave, do pequeno: quem olha pera as ſerras, de que vem cercados, humas ao longe, que ſobem a ſe eſconder nas nuvens, outras ao perto mais baixas, que com brenhas eſpeſſas ſaõ morada de Javalis, e Lobos, e outros animais bravos que até junto da Villa chegaõ a fazer ſuas preſas, repreſenta tudo junto aquelle vaſto horror, que os Sanctos antigos nos deixaraõ em ſeus eſcritos debuxado, dos deſertos de Scythia de Thebayda: horror, que recolhe o entendimento, provoca devaçaõ, e convida o eſpiritu a deſprezar a terra, buſcar, e penetrar as eſtrellas, de que ſe acha vezinho, e naõ deſcançar, ſenaõ com o Senhor dellas. Aſſi o julgou o Provincial, quando aqui ſe vio: e como era Varaõ taõ eſpiritual, como ſabemos, naõ tratou ſó do que nas Actas lhe fora encarregado, mas julgando no ſitio propriedade pera fazer gente ſancta, propoz conſigo de aſſentar nelle Caſa, e criaçaõ de Noviços, e povoallo dos melhores ſujeitos da Provincia. Em quanto aqui ſe deteve, eſcondiaſe

diaſe muitas vezes com grande recreaçaõ da alma, entre huns penedos que ficaõ por baixo do Convento, orava, e meditava com goſto, e naõ havia quem o tiraſſe delles; e tal ſabor lhe ficou das horas deſte emprego, que todas as vezes que deſpois fallava no Pedrogaõ, ſempre os nomeava com ſaudade. Daqui naſceo conſervarem inda hoje o ſeu nome. Chamaõlhe os penedos do Granada. Logo foy provendo, e mandando Frades: e antes que Frey Antonio de Caria acabaſſe ſeu tempo, deu ordem que foſſe eleyto em Prior Frey Jeronymo Borges, peſſoa de grandes partes, e que por ſer tal, era Meſtre dos Noviços no Convento de Lisboa, e deſpois de acabar aqui, foy continuar as obras de Sancta Cruz de Viana, em lugar do Padre Frey Eſtevaõ Leytaõ, com que fica bem provada a opiniaõ de ſuas virtudes, e eſpiritu. Com elle mandou o Provincial Noviços, e tambem alguns irmãos profeſſos de pouco. Foraõ os profeſſes, porque ſe viſſe o goſto que tinha da caſa nova, moços que já davaõ de ſy grandes eſperanças; entre elles Fr. Antonio de Souza, que deſpois foy Provincial deſta Provincia, e Vigairo geral da Ordem, e morreo Biſpo de Viſeu: com elle foy Frey Ignacio de S. Domingos, que pollo tempo em diante deu eminente prégador, e nas letras famoſo Meſtre. Pareceo digno de ſe pôr em lembrança aos que deſpois vieraõ eſte favor, e achamolo notado em hum livro com as palavras ſeguintes.

ANno Domini 1557. menſe Octobris celebrato Prouinciali Capitulo in Conuentu de Bello, cum jam á centum viginti annis, & vltra domus hæc Dominæ noſtræ de Luce do Pedrogaõ á Summo Pontifice Ordini eſſet conceſſa: ſed ob ſummam inopiam, & circunſtantis loci aſperitatem, adjacentiſque regionis tenuitatem competenti fratrum numero careret, tandem opera, & induſtria Reu. P. Fratris Ludouici Granatenſis, qui tunc forté Prouintiæ præerat, tam ædificijs, copijs, quam Fratrum multitudine aucta, inter Prouintiæ Conuentus ſolemniter eſt recepta, & annumerata. Perfecto vero opere 21. Maij 1560. anni, completo Religioſorum numero adornata Priorem juxta formam Canonicam elegerunt, cujus ſolicitudine non pigra ad arctiorem viuendi normam in breui redacta, jam modo cum totius prouinciæ celeberrimis conuentibus, moribus, religione, regulæ, ac conſtitutionum obſeruantia, prædicationum frequentia, animarum zelo, exemplo, nouitiorumque educatione audeat decertare.

Como

Como iſto he relaçaõ do que o Provincial fez na Caſa, que já vay diſtinctamente apontado, eſcuſamos traduzilla. Advertindo ſómentes que os Padres, que eſcreveraõ a memoria, ſe enganaraõ no ponto dos cento, e vinte annos, que daõ de antiguidade à Caſa até a eleyçaõ do Padre Frey Luis de Granada: deveraõ pôr oitenta, e dous; porque naõ ſe contaõ mais da conceſſaõ do primeiro Breve até o anno do Capitulo.

Tambem advertimos que nos annos, que correraõ atégora, ſe tem trocado, e eſtá muy differente a face deſte ſitio, do que tinha de bravio, e ſelvatico, foraõſe roçando os mattos, arroteando a terra por entre os penedos, prantando arvores fructiferas, que reſpondem com notavel fertilidade: e os noſſos Frades tem aproveitado a ladeira com arte, compondoa com taboleiros que regaõ com as agoas de hum Ribeiro de todo o anno, que deſce da Villa, e como a queda he tanta, ſegue as mãos curioſas, e vay torcendo o paſſo, e ſervindo, como, e onde querem. A meſma differença ſe vê de prezente no edificio da Caſa. Foy Prior della o Padre Frey Simaõ de Sancta Maria, Varaõ muito religioſo, e igualmente curioſo. Determinouſe em fazer a Igreja de novo: ſeguio o effeito a determinaçaõ. Sahio de ſuas mãos acabada com ſeu choro, e cadeiras, obra pequena, e proporcionada com a terra, mas em ſeu tanto polida.

Seja ultima advertencia pera os que lem, que eſte he o Convento, que o Senhor Biſpo de Monopoli chama Petragoria na ſua Quinta Centuria, e diz, que he hum dos honrados Conventos da Provincia: e diz bem, ſe teve reſpeito, a que entre os Religioſos a mayor honra ſe acha, onde ha mais trabalhos, menos commodidades, mais faltas, e menos pompa. Porém na reputaçaõ ordinaria da Provincia, he o infimo della. A caſa de Noviços lhe durou taõ pouco, que naõ temos ſujeito, de que fazer Hiſtoria: e a renda he taõ curta, que ſuſtenta mal dez Religioſos, e de ordinario naõ reſidem nelle mais de ſete, e poucas vezes oito. Eſtes poucos pera poderem viver ſe ajudaõ de hum grande fato de cabras, que ſe ſuſtentaõ dos eſpinhos, e mattos que naſcem entre aquelles penedos, e ao redor do Convento que recebem da vezinhança da Senhora tal virtude, que affirmaõ todos os Padres que alli reſidiraõ, que párem duas vezes no anno, e ſempre fruito dobrado.

Cerraremos eſte Capitulo com relaçaõ de huma prodigioſa tempeſtade, que ſe vio neſta Villa, e Convento no anno de 1590. que naõ he indigna deſta Hiſtoria; pera que nos enſinemos a temer a Deos, que he principio da verdadeira Sabedoria, e o fim principal de tudo o que eſcrevem as pennas religioſas. Ultimo dia de Agoſto ſobre tarde, correndo tempo claro, e ſereno, ſe toldou ſubitamente o Ceo, eſcureceo o ar, começaraõ a cahir rayos, ſoar trovoens, com força, e continuaçaõ taõ deſuzada, que faziaõ repreſentaçaõ quererſe deſatar a maquina do mundo: porque o afuſilar dos relampagos, parecia raſgar o Ceo até

o Firmamento ; o eſtrondo, e bombardadas dos trovoens aſguravaõ abrirſe a terra até o centro. Com iſto viaſe arder o ar todo com braſas vivas ; e aſſopraraõ ventos taõ furioſos, e nunca viſtos, que arrebatavaõ da terra, e levavaõ pollos ares homens, e animais ; arrancavaõ de raiz arvores de fruito, e ſylveſtres, e tudo o que encontravaõ. Seguiaõ a miude chuveiros com pedra de grandeza extraordinaria, e ſoavaõ por entre elles vozes medonhas, como de gente que ſe animava a deſtruir, e aſſollar : e pera o dizermos em huma palavra, tal foy a tormenta, que naõ havia memoria de homens, que de outra ſemelhante ſe lembraſſe, e ſegundo a circunſtancias, e ſucceſſos que por algumas partes a ſeguiraõ, por certo podemos ter, que naõ foy couſa natural. Quiz Deos moſtrarnos em termo de tres horas (que naõ durou mais) hum retrato do fim do Mundo, ou do horror ſempiterno das moradas infernais. E na verdade, ſe durara mayor eſpaço, fora hum genero de diluvio ſem agoa, que acabara tudo. Iſto foy em geral, o que ſe vio, e ſentio nas tres horas que temos dito. Os caſos particulares paſſaraõ muito adiante em eſtranheza.

Começou a tempeſtade junto da Villa de Dornes, foy ſubindo pollo Zezere aſſima, e coſteando pollo fundo, e gargantas dos montes, em que vay entalado, chegou com a meſma força até a Villa da Covilham, que he grande numero de legoas ; mas naõ ſe alargou mais das margens do Rio, que até legoa, e meya por banda. Junto à Villa de Dornes affirmou hum Sacerdote, ou foſſe força de medo, ou verdadeira viſaõ, que vira no ar hum eſquadraõ de gente armada, diſforme, e horrenda, em corpos, viſagens, armas ; e fez o dito certo, com que ſem poder pronunciar mais palavra, de atonito, e confuzo, eſpirou, na menham do dia ſeguinte. Mayor caſo foy, que junto ao Pedrogaõ ſe ouviraõ vozes pollo alto, que diziaõ em grita, palavras formais : Fazei lá por voſſa parte, que cá faremos polla noſſa, e lembraivos de voſſo comprade Foaõ : e foy ouvido o nome, e era peſſoa conhecida, e de quem corria fama publica ter taõ pouca conta com ſua alma, e particularmente em materia de juramento (por aqui ſe julgue o mais) que qualquer, que foſſe o caſo, ſendo chamado por teſtemunha, aſſinava tudo, ſem fazer duvida. A lembrança que as vozes pretendiaõ, ſe vio no dia ſeguinte, que achandoſe todas as vinhas, que a tempeſtade tocou por eſte deſtricto ſem fruito, e ſem vara, e tais, que dous annos naõ deraõ novidade, ſó as deſte homem ficaraõ taõ floridas, e fermoſas, e carregadas de uvas, como eſtavaõ antes da tormenta. Mas ſobre tudo eſpantou o aſſolamento de huma Aldea vezinha à Villa. Veyo ſobre ella hum Rayo, deu em caſas cubertas de palha, e colmo, num momento foy ſorvida, e conſumida do fogo, ſem ficar couſa viva de gente, nem gado ; ſenaõ foy ſó huma pobre mulher, que naõ querendo mais ver o lugar, em que deixava feito cinza tudo, quanto na vi-

da

da amava, marido, filhos, parentes, fazenda, hia deſeſperada, correndo ao Rio pera acabar na agoa, a vida perdoada do fogo. Foy ſua ventura, que encontrou com os noſſos Religioſos, que acudiraõ à Aldea, paſſada a força da tormenta, e eſcapou com bom conſelho, e animo que lhe deraõ. Naõ perdoou a tempeſtade ao Rio: do fundo delle arrancou muito peixe, que ſe achou pollas prayas morto, e com as bocas cheyas de arêa. No meſmo dia ſe vio na craſta do Convento quantidade de pedrada, que lançavaõ os chuveiros, que era do tamanho de ovos; e por ſer taõ groſſa, ſe naõ acabou de desfazer, ſenaõ no fim do ſeguinte, com ſer a calma exceſſiva.

CAPITULO VI.

De varias jornadas, que os Religioſos de S. Domingos fizeraõ às terras de Guiné nas coſtas de Africa, e Ethiopia Occidental, em ſerviço, e honra da Fé.

COmo a Religiaõ de S. Domingos foy a primeira, que deſpois da reſtauraçaõ de Eſpanha, começou a prégar em Communidade pollas terras de Africa a Fé de Chriſto: o que foy por meyo do Convento, que elRey Dom Joaõ o Primeiro, ganhando a Cidade de Ceita, lhe deu nella, parece que ficou, como herança, ou obrigaçaõ ſua, acudir a exercitar o meſmo officio em qualquer Reyno, ou Provincia, que pollas meſmas partes ſe foſſe deſcobrindo de novo. Proſeguia elRey Dom Joaõ Segundo com aceſa vontade os deſcobrimentos daquella Coſta contra o Sul, que o Infante Dom Henrique irmaõ de ſeu avô elRey Dom Duarte animoſa, e vinturoſamente começara: e eſtendia já o eſpiritu aventar ſe por eſta via poderia abrir caminho pera a India Oriental. Mandava navios, huns traz outros, que lhe foraõ deſcubrindo della tanto adiante, que fundando povoaçoens, e fortalezas, em lugares acommodados, e ſujeitandoſelhe alguns Reys, e Senhores de grandes Provincias, ajuntou com muita rezaõ aos titulos antigos de ſua Coroa, o titulo de Senhor de Guiné, debaixo do qual quiz comprehender toda a eſtendida coſta de Africa, e Ethiopia Occidental, que corre deſdo mar Atlantico até o Cabo da boa Eſperança: e paſſa além da linha Equinocial, contra o Polo Antartico, poucos menos gráos dos que ſaõ os em que eſtamos deſta banda do Artico, que he hum numero infinito de legoas, ſe as contarmos por coſta, aſſi como a terra vay, hora cortando o mar com grandes pontas, e promontorios, hora recolhendo, e abrindoſe em largas, e eſtendidas enſeadas. E naõ he grande o encarecimento; pois pollas regras da navegaçaõ, contados os gráos, que ha deſdos trinta, e nove, e dous terços, em que eſtá Lisboa da parte do Norte, até os trinta, e ſinco em que jás o Cabo de boa Eſperança da banda do Sul, fazem ſoma de ſetenta, e quatro gráos, e dous terços, os quais multiplicados por dezaſete legoas, e dous terços, que leva cada gráo em rumo direito, quero

quero dizer, navegandoſe de Norte a Sul, lançaõ mil, trezentas, e vinte legoas: e tantas corria o navio, que ſahe de Lisboa, até emparelhar com o roſto do Cabo, quando tais tempos tiveſſe, que navegaſſe ſempre por rumo direito. Aſſi foy trabalho mais, que de homens o daquelles primeiros navegantes, pollo numero de legoas, quaſi ſem numero, que de força navegavaõ, coſteando cabos, e enſeadas, ſem ſe alargarem ao mar por falta de inſtrumentos nauticos, que deſpois inventou a neceſſidade, e o engenho: mas inda foy de mais gloria a conſtancia de quem o mandava, que eraõ os noſſos Principes, que com largueza nas deſpezas da navegaçaõ, com fazer grandes mercês aos que ſe arriſcavaõ, com naõ deſconfiar nas difficuldades, e aturandoas por longo diſcurſo de annos, em fim venceraõ o que de ſeu parecia impoſſivel, e invencivel.

Neſtes continuos, e cuſtoſos trabalhos, ſempre foy a tençaõ dos Principes Portuguezes cultivar a fereza barbara, mais no eſpiritu, que nos corpos; ganhar almas, mais que ſerviço de gente torpe, em cores, ſalvagem nos juizos. E tanto que ſe offereceo occaſiaõ, começaraõ a mandar Prégadores, que a inſtruiſſem, e encaminhaſſem pera o Ceo: e ainda que o ſucceſſo da ſementeira naõ reſpondia ſempre à boa diligencia dos Agricultores, nem às eſperanças de quem os enviava, naõ deixavaõ por iſſo de continuar, e aporfiar, juntando ſempre novos jornaleiros. E porque a primeira Religiaõ, que neſte ſerviço ſe empregou, quizeraõ os Reys, que foſſe a do Patriarcha S. Domingos, e como foy primeira a começar, tambem ſegundou muitas vezes, e em varios tempos, e terras, e por mandado de differentes Reys. Faremos huma recopillaçaõ de todas as miſſoens, e jornadas, em que foy occupada, deſda primeira mais antiga que ſuccedeo neſte anno em que entramos de 1486. até a de noſſos tempos: e ſeguiremos nella a meſma ordem, que levamos em tratar dos Conventos, cuja hiſtoria lançamos junta, quero dizer, eſcrevendo ſem interpolar tudo o que achamos pertencente a cada hum: e faça conta o Leytor, que acha neſte paſſo a fundaçaõ de hum Convento, ou Vigairaria da Ethiopia Occidental, como achará nos annos adiante muitas, que temos na Oriental: ſó com eſta differença, que as do Oriente eſtaõ vivas, continuadas, florentes. Eſta de Guiné ſendo muitas vezes começada, e por varias partes cometida por filhos de S. Domingos, naõ foy Deos ſervido, que permaneceſſe em ſua Ordem.

He pois de ſaber, que no anno de 1486. atraz apontado continuando aquellas Coſtas os noſſos navios, e mareantes, Joaõ Affonſo de Aveiro, que era hum delles, trouxe conſigo a Lisboa hum Embaixador d'el-Rey de Beni. He Beni grande, e dilatada Provincia, e muito abundante de gente, entre o Reyno de Congo, e terras que vizinhaõ com o Caſtello de S. Jorge da Mina. Era o fim da Embaixada no publico, pedir Meſtres da ley Evangelica pera nella ſerem doutrinados, elle, e ſeus 1486.

Joaõ de Bairros dec. 1. l. 3. c. 3.

e ſeus vaſſallos ; mas no ſecreto authorizarſe , e fazerſe temer entre ſeus vezinhos , e inimigos , com a companhia , e favor dos Portuguezes : que tambem entre Barbaros ſe practicaõ as leys , e a rezaõ de eſtado (porque as naõ eſtimemos tanto os que conhecemos , e ſeguimos a policia chriſtãa) e ſabem disfarçar intereſſes , com maſcara de virtude. Reynava elRey Dom Joaõ Segundo : como era taõ chriſtaõ , eſtimou o requerimento ; honrou , e encheo de mercês o Embaixador : e logo ſe diſpos a mandar com elle Prégadores. Os Eſcritores do Reyno , que fallaõ deſte feito , naõ declaraõ de que Religiaõ : mas as memorias de noſſa Ordem , dizem , que elRey eſcolheo nella ſujeitos , que além das ſagradas letras , eraõ entendidos nas Mathematicas , pera que nas horas , que lhes vagaſſem da prégaçaõ , foſſem inquirindo alguma noticia da India pollo ſertaõ daquellas Provincias , e do grande Rey do Abexim , que o vulgo chamava Preſte Joaõ : e havendoa procuraſſem chegar a elle. Como em couſa taõ antiga , naõ ficaraõ em lembrança os nomes dos Frades : ſó ſe aponta , que era Provincial o Padre Frey Bras de Evora , que os deſpachou. O ſucceſſo foy , que o Barbaro recebeo os Prégadores com moſtras de amor , e bom gaſalhado ; mas quanto à doutrina , como ſua tençaõ era fundada em reſpeito temporal ; e o deixar vicios arreigados com longo tempo , e goſto , ſeja muy difficultoſo à natureza , e mais entre Barbaros ; vioſe logo que era tempo perdido , o que ſe gaſtava em lhe fazer lembranças do Ceo , e da ſalvaçaõ da alma. E todavia , ſendo certo que naõ foraõ de proveito com o Rey os Religios , entre nós , que fora rezaõ naõ o ignorarmos , ficou eſquecido que fim tiveraõ. O Padre Mafæo diz , que ſe tornaraõ pera o Reyno por mandado d'elRey por eſtas palavras. *Joannis demum accitu in Luſitaniam irriti rediere.* Jornada foy baldada , e perdida : mas ſe foy tal pera com os homens , nunca pera com Deos ſe perdeo o que ſe faz , com a tençaõ , e olhos nelle. Nem o goſto d'elRey Dom Joaõ ſe intibiou pera ſemelhantes empreſas , com o ſucceſſo aveſſo deſta : antes logo no anno ſeguinte lançou maõ de outra , que ſendo de muito mayor cuſto , naõ teve melhor fim , como veremos no Capitulo ſeguinte.

Joannes Maffæus l. 1. Hiſt. Indiarum.

CAPITULO VII.

Da ſegunda viagem , que os Religioſos de S. Domingos fizeraõ a Guiné.

SAõ famoſos Rios da Ethiopia mais Occidental o Gambea , e o Çanagá , de que os Antigos já tiveraõ noticia , e lhes chamaraõ Stachiris , e Daratho. Entre elles ſe comprehende huma eſtendida Regiaõ , que com outras grandes terras , que correm contra o Caboverde , pera os Antigos Promontorio Arſinario , tem nome de Jalofo. Era ſenhor della , antes do anno de 1487. em que entramos , elRey Bemoy , ou Beomij , homem brando , e facil de condiçaõ : e como tal , procedia com taõ bom termo com os Por-

Maffæus l. 1. Hiſt. Indicarum.

1487.

Portuguezes, que em ſeus Portos entravaõ, que elRey Dom Joaõ Segundo, de tudo informado, dezejou, e procurou por varios meyos, de preſentes, e moſtras de amor, trazello ao gremio da Igreja. Mas naõ montando nada muitos officios de cortezia pera o obrigarem a buſcar os remedios da alma, no tempo, que vivia proſpero: huma ſó adverſidade veyo a acabar com elle, que pediſſe com rogos o que de antes naõ aceitava offerecido. Rebellouſelhe hum irmaõ, e achou tanto favor no povo, que ficou Bemoy deſpojado do Reyno; e obrigado do aperto em que ſe via, a tomar por remedio acolherſe a hum navio de Portuguezes que primeiro achou, e pedir, que o trouxeſſem a Portugal. Entrou Bemoy polla barra de Liſboa no anno de 1487. Foy grande o contentamento, que elRey teve com tal hoſpede, extraordinario o apparato, e honra, com que o recebeo, que naõ fizera mais a qualquer Rey da Chriſtandade, que a Lisboa viera: conſolouo de ſua calamidade, e prometeolhe empregar todo ſeu Poder em o reſtituir no Reyno. Parecia a elRey, que naõ poderiaõ deixar de obrigar o Gentio tantos beneficios juntos pera entrar em ſy, e ver, que ſò em quem ſeguia o verdadeiro Deos do Ceo, e da terra, podia morar tanta piedade; e por eſta conſideraçaõ afeiçoarſe à noſſa ſancta Fé: e naõ ſe enganou; porque mandandoo viſitar por varios Religioſos, com ordem de lhe practicarem os myſterios della, em fim abrio os olhos à luz; e pedio o ſancto Bautiſmo. E naõ foy elle ſó: trazia conſigo até vinte ſinco companheiros, gente nobre, e dos melhores de ſua terra: todos ſe determinaraõ ſeguillo na converſaõ. Dado o tempo, que convinha pera ſe catequizarem, quiz elRey ſolemnizar o dia, que pera elle, como taõ pyo, foy de incomparavel goſto: e mandando fazer o auto do Bautiſmo pollo Biſpo de Ceita, e Tangere, Dom Frey Juſto Baldino Religioſo Dominico, de quem atraz fallamos, foy elle o Padrinho; e com eſta honra lhe deu tambem ſeu nome. Chamouſe Dom Joaõ. Os Fidalgos mais honrados da Corte padrinharaõ aos companheiros. Seguiraõ feſtas Reays, de touros, e canas, e outras ſignificaçoens de alegria: dandoſe até o povo os parabens de nos renderem noſſas navegaçoens o ganho de ſujeitarmos à Sé Apoſtolica hum poderoſo Rey de terras taõ deſviadas. Armouo elRey deſpois cavaleiro, e ordenoulhe hum fermoſo braſaõ de Armas; porque em tudo ſeguiſſe, uzo, e coſtumes da Chriſtandade: e elle em reconhecimento de tantas mercês, e honras, ſe fez vaſſallo ſeu, com menagem dada, e promeſſa de obediencia de todas ſuas terras, e das mais, que pollo tempo acquiriſſe. Fez tambem auto de Principe Catholico, que foy mandar ſua obediencia ao Summo Pontifice. Entre tanto hiaõſe fazendo preſtes no Porto de Lisboa vinte caravellas, com muita gente, e armas, e juntamente petrechos pera fabrica de huma fortaleza, que elRey queria ſe fundaſſe na boca do Rio Çanagá. Naõ eſqueceo a elRey, o que ſempre

foy

foy ſeu principal intento ; que foy eſcolher Miniſtros da prégaçaõ da Fé pera allumiarem as trevas daquella gentilidade ; eſtes quiz que foſſem , como os de Beni , Dominicanos. Era ſeu Confeſſor , e Prégador , o Meſtre Frey Alvaro Correa , que havia poucos annos acabara de ſer Provincial da meſma Ordem, homem velho , e de grande nome , em virtude , e religiaõ, como o eſcreve Maffeo por eſtas palavras : *Euangelici quoque præcones impoſiti Aluaro Dominicano præfecto eximiæ virtutis ac ſapientiæ viro , quo Rex ipſe ad ſacras confeſſiones vti conſueuerat.* O meſmo affirmaõ outros Autores. E de crer he , que homem de tays partes naõ ſahiria da ſua cella , ſenaõ obrigado de grande fervor de eſpiritu , e amor de Deos , nem deixaria de levar outros ſemelhantes a ſy. O cargo da armada levou Pedro Vaz da Cunha , Fidalgo honrado , que chamavaõ por alcunha o Obiſagudo. Fezſe à véla o Rey negro , alegre de ver , que achara , e levava muito mais do que ſeu penſamento lhe ſoubera pedir. Mas ha homens , cuja ventura parece , que anda atada com a terra em que ſe achaõ , mais que com a peſſoa. Eſte em quanto eſteve fóra da patria , tudo foraõ proſperidades : tanto que a ella tornou , logo o ſeguio nova tormenta de males. Aportou com bom tempo em ſuas terras : começavaõ os Portuguezes a entender com o edificio encommendado da Fortaleza ; e elle com a pacificaçaõ , e reduçaõ dos vaſſallos. Neſta conjunçaõ entrou em deſconfiança delle o Capitaõ mór : deulhe de punhaladas dentro do navio : do fundamento , que teve , naõ dizem nada os Eſcritores : poſſivel he , que achaſſe (como a fé dos Barbaros he pouco firme) que maquinava contra os noſſos o meſmo , que lhe aconteceo. Recreſceraõ com eſte ſucceſſo tantas alteraçoens na terra , e tambem entre os noſſos , que em fim levantaraõ anchoras , e tornaraõ pera o Reyno ; ſem outro bom effeito de tantas eſperanças. Dos noſſos Religioſos , dizem as memorias da Ordem (que as do Reyno nenhuma mençaõ fazem mais delles) que entraraõ polla terra em proſecuçaõ de ſeu miniſterio , e lá feneceraõ. E com tudo naõ faltaraõ outros , e mais em numero pera terceira miſſaõ , que logo contaremos , como dermos conta de outra jornada muy differente , em que os Vereadores da Cidade de Lisboa (eſte he o nome dos que preſidem no governo popular) occuparaõ pollo meſmo tempo a Ordem : ſervindoſe dos filhos della por terra , como faziaõ os Reys por mar. Foy o caſo , que havendo alguns annos , que ſe padecia no Reyno cruel peſte ; e eſtando na Cidade taõ arreigada , que com nenhum remedio humano , ſe levantava , nem aliviava , determinaraõ acudir aos meyos Divinos ; e quando entrou o anno de 1490. fizeraõ voto a Noſſa Senhora de Guadalupe , ſe foſſe ſervida interceder diante do Tribunal Divino polla Cidade , e alcançarlhe ſaude , mandariaõ em nome della a ſua ſancta Caſa hum Romeiro , e com elle hum cirio , que ficaſſe na Igreja em penhor da humildade , e devaçaõ , com 1490.

que

Maf. l. 1. Hiſt. Ind. Joaõ de Bairros dec. 1. l. 3. c. 8 Reſende na Chr. d'el-Rey D. Joaõ 2.

que ſe lhe encomendavaõ. Feito o voto, foy Noſſo Senhor ſervido levantar o mal, quaſi ſubitamente, e de maneira, que geralmente pareceo couſa de milagre; e a Cidade ſe ouve por obrigada ao cumprimento da promeſſa. Havendo de hir Romeiro, quiz que foſſe hum filho deſta Ordem; e eſcolheo ao Meſtre Frey Antaõ de Sancta Maria, que por ſua devaçaõ fazia o officio de ſacriſtaõ de Noſſa Senhora da Eſcada, deſpois de muito velho, e deſpois de adminiſtrados grandes cargos na Ordem. Levou eſte Padre conſigo ſinco officiaes cirieiros, que lavraraõ o Cirio em Guadalupe de cera branca, e peſo de dez quintais (digna offerta de tal Cidade) no dia, que ſe offereceo à Senhora, prégou o Padre Frey Antaõ; e contou a grande mercê, que eſte povo recebera della. Ficou o Cirio arrimado a hum pilar do cruſeiro, junto à porta da ſacriſtia: e ahi permanecia no anno de 1607. em que o vio quem iſto eſcrevia: e eſtava forrado de madeira: o que dizem ſe fez, porque os devotos, que viſitavaõ a Caſa, hiaõ tirando delle, como por reliquias, e memoria das mercês da Senhora: e ainda que ſe tirava pouco, como era cada hora, e por muitas mãos, em diſcurſo de annos podia vir a ſer o danó conſideravel.

CAPITULO VIII.

Terceira miſſaõ dos noſſos Religioſos a outras terras do meſmo clyma.

SEguimos na ordem, e tempo deſtas viagens a Garcia de Reſende na Chronica d'el-Rey Dom Joaõ Segundo. Na ordem, e tempo, digo: mas naõ na relaçaõ dos que elle diz, que foraõ neſta terceira; porque ſe enganou, tirando aos Frades de S. Domingos, contra o que outros melhor advertidos eſcreveraõ com mais certeza. O ſucceſſo della foy, que perſeverando os noſſos navegantes ſem deſcançar no deſcobrimento daquella Coſta barbara da Ethyopia Occidental, e paſſando ſempre avante contra o Sul, quanto ſofriaõ os tempos, deraõ na boca de hum Rio de tanto poder, e impeto de agoas que faziaõ doces as do mar em muita diſtancia da Coſta. Entraraõ por elle, acharaõ a gente taõ domeſtica, e confiada, que ſem nenhum medo, nem cautella ſubiaõ ao navio, traziaõ dos fruitos da terra, recebiaõ, e comiaõ do que ſe lhes dava: e ſó faltava pera inteira amizade, o comercio da lingoa, em que huns, e outros eraõ mudos; porque de nenhuma maneira ſe entendiaõ. Obrou a continuaçaõ tanta facilidade, que acabaraõ os Portuguezes com alguns, que ſe vieſſem em ſua companhia a Portugal, ficando outros tantos noſſos na terra. Foy alvitre de goſto pera elRey Dom Joaõ a vinda dos negros: porque tendo tomada a lingoa no diſ-

diſcurſo da viagem, davaõ novas de terem hum Senhor grande a quem obedeciaõ grandes terras, de que a cabeça era Congo, o Rio ſe chamava Zayre, navegavel muitas legoas pola terra dentro, acompanhado de Ilhas abundantes de gente, fertiles de mantimentos, ricas de criaçoens de todo gado. Entrou elRey em eſperanças de ſaber por eſta via alguma couſa da India, que era ſeu principal intento: mandou ao meſmo, que os trouxe, ſe aviaſſe com toda brevidade, e fizeſſe volta com elles: chegando ao Rio, entraſſe por elle até ver o Rey, que diziaõ, a quem viſitaria de ſua parte com recados de amizade: notaſſe as terras, procuraſſe ſaber das do Oriente. Deſpachados os Negros, cheyos de mimos de comida, e veſtidos; foy Deos ſervido darlhes taõ boa viagem, que dentro do tempo, que o Meſtre do navio prometera, ſe acharaõ ſãos, e ſalvos, e entre os ſeus. Chegou entre tanto à noticia do Rey o que era paſſado, dezejou ver os noſſos; e o Portuguez naõ tardou em hir darlhe os recados, e viſita que levava. E pollo que os Negros, que foraõ companheiros contavaõ, foy feſtejado mais, como conhecido, e amigo, que como eſtranho. Tinha o Barbaro bom juizo: deuſe por obrigado à pontualidade do Capitaõ do navio, ao bom tratamento, que elRey Dom Joaõ mandara fazer aos Negros, e ao amor, que lhe ſignificavaõ as palavras, que em ſeu nome, e de ſua parte ouvia: tudo junto lhe fez força pera enviar outros Negros de qualidade com embaixada formal, cujo fim, além da amizade, e comercio, era pedir prégadores da ley de Chriſto, que pollo que della tinha ouvido aos Portuguezes, queria recebella, e morrer nella, e o meſmo procuraria, que fizeſſem todos ſeus vaſſallos: pera penhor deſta boa vontade enviava logo huma copia de moços tenros, e de bom natural pera ſe criarem nas eſcollas de Portugal com o leyte da ſancta doutrina, e tornando bem inſtruidos a poderem communicar a ſeus naturais. Vieraõ eſtes, e ſua embaixada a Portugal, e elRey os mandou receber, agaſalhar, e doutrinar com amor de Pay, e dobrado goſto por ver, que começava Deos a abrir o caminho, pera ſua ſancta palavra ſe ſemear por eſtas Provincias. Deſpois os fez bautizar com os Embaixadores, aſſiſtindo elle, e a Raynha Dona Leanor ao auto ſancto.

Apoz o bautiſmo, tratou elRey de os fazer tornar, e ordenou, que foſſem acompanhados de Prégadores da Fé, e juntamente de arquitecto, e officiaes de cantaria, e alvenaria pera edificarem templos ao verdadeiro Deos, fazendo conta que eſtes haviaõ de ſer os mais ſeguros caſtellos pera defenderem os noſſos, e manterem na obediencia da ſancta Igreja, e ſua toda a Provincia. Os Meſtres da prégaçaõ pedio como das outras vezes à Ordem de S. Domingos; e ella deu dez, como nos conſta das lembranças da Provincia; e naõ eraõ muitos, ſegundo a informaçaõ, que havia da largueza das terras. Foy por Prelado, e primeiro Vigairo da Chriſtandade

de Congo o Padre Frey Joaõ de Sancta Maria Meſtre em Theologia, que actualmente era Prior do Convento de Noſſa Senhora da Piedade de Azeitaõ, e filho delle: e porque entre os noſſos Frades havia já experiencia de quaõ contrarios eraõ os ares das terras de negros à ſaude dos brancos, foy logo nomeado pera ſucceſſor em falta do Padre Frey Joaõ, outro filho do meſmo Convento, peſſoa de authoridade, e boas partes, por nome Frey Antonio da Piedade. O Padre Maffeo, que eſcreve eſta miſſaõ, naõ aponta mais, que tres Frades: mas pouco faz ao caſo a differença do numero, quando a naõ ha na ſuſtancia. Saõ eſtas ſuas palavras: *Neque neophiti modó ad ſuos remiſſi, verum etiam e ſanctiſſima Dominicana Familia viri tres probatæ virtutis atque doctrinæ delecti, qui apud eoſdem Æthiopas, & docendi, & initiandi officio fungerentur.* Querendo dizer, que naõ ſó tornou elRey D. Joaõ mandar a Congo os Negros novamente convertidos: mas que eſcolheo da Ordem de S. Domingos tres Varoens de provada virtude, que enſinaſſem a gente, e fizeſſem com ella officio de Prelados. Das Hiſtorias de Joaõ de Bairros ſe collige, que foraõ ſeis Padres. Authorizou elRey a embaixada por credito, e honra da Fé com prezentes de importancia, e hum Fidalgo honrado, que os levou, por nome Gonçalo de Souza, acompanhado de muita, e boa gente de guerra; e partio no anno de 1490.

Maff. l. 1. Hiſt. Ind.

Joaõ de Bairros dec. 1. l. 3. c. 9.

1490. Foy a primeira terra em que apportaraõ de hum Senhor principal, tyo d'elRey de Congo, chamado Maviſono, que he o meſmo na lingoa barbara, que ſenhor do Deſtricto, e terras de Sono. Era homem de muita idade, e bom entendimento, humano, e cortez. Recebeo o Embaixador com toda a honra, e bom gaſalhado, que a terra dava de ſy: e como ſoube que vinhaõ Meſtres da Fé, aſſi ſe pegou com elles, como ſe por outra couſa naõ eſperara (força, e maravilhas da predeſtinaçaõ) pedio, que o enſinaſſem, ouvio a practica dos Myſterios, que confeſſamos; poz ſuas duvidas de homem, que dezejava entender, naõ porfiar: ficando ſatisfeito, naõ quiz perder a occaſiaõ; e como o outro criado de Candaces com S. Felippe, fez inſtancia, que naõ paſſaſſem ſem lhe dar o ſancto bautiſmo. Allegava que era carregado de annos, e que ſe ouveſſe de eſperar pera quando voltaſſem da Corte, como prometiaõ, poderia ſer atalhado da morte: deuſe o Vigairo por obrigado à devaçaõ, e boas rezoens. Foyo inſtruindo até o dia ſancto da Paſchoa, que eſte anno de 1491. cahia a tres de Abril. Chegada a Paſchoa armouſe em meyo de huma eſtendida Varzea hum alto theatro, e nelle tres Altares cubertos de eſpeſſa ramada contra o ſol. Aqui diſſe o Vigairo Miſſa, e bautizou o Velho. Foy a ſolemnidade juntarſe da terra tanto povo, que cubria a Varzea: dizem, que paſſavaõ de vinte ſinco mil almas. Os noſſos vieraõ todos de feſta, luzidos de armas, e veſtidos, acompanhando o Embaixador, e ſeu Capitaõ Ruy de Souza, que

Act. Apoſt.

1491.

tinha

tinha ſuccedido no cargo por morte de Gonçalo de Souza ſeu tyo, que fallecera no mar. Chamouſe o bautizado Dom Manoel com boa eſtrea, e juſta cauſa: pois era o primeiro, que Deos chamava pera ſy de terras taõ remotas, e taõ cegas. Tinha Dom Manoel dous filhos, hum entrado em idade, outro minino. Pedia o mayor o bautiſmo, pediaõ o meſmo todos os nobres, que foraõ preſentes. Foy Dom Manoel taõ prudente, que de todos eſcolheo ſó o filho minino, que ficou bautizado, e com o nome de D. Antonio: e dizia ao outro, e ao mais povo, que viſſem que era fazer aggravo a ſeu Rey deter mais os Religioſos, que eſtava com alvoroço eſperando, e pera o meſmo effeito do bautiſmo: que deſſem primeiro lugar a quem era primeiro na terra, e Senhor de todos: e como elle recebeſſe as ſanctas agoas, poderiaõ elles fazer outro tanto; pois tinhaõ idade, e ſaber, pera requerer, que aquelle minino naõ tinha, e forças pera poder eſperar, que a elle Dom Monoel por muito velho já faltavaõ, e por iſſo acudira com preſſa à impoſſibilidade de ambos.

Por tal modo foy celebrado pollos Religioſos de S. Domingos o primeiro Bautiſmo, que ouve no grande Reyno de Congo, deſpois que Chriſto o inſtituhio: aſſi o diz o Padre Maffeo por eſtas palavras: *Primus ex omni memoria baptiſmus ille in ijs terris incredibili omnium lætitia celebratus eſt anno poſt Chriſtum natum* 1491. Seguio ao bautiſmo outro acto de verdadeira Chriſtandade. Naõ ſe contentou Dom Manoel ſó com o que tinha feito; ſenaõ moſtraſſe juntamente, que abraçava a Religiaõ com toda a vontade, e bom eſpiritu, e naõ por cerimonia. Juntou o povo, fezlhe huma practica, mais de Prégador velho, que de convertido novo. Foy o fim, deſpois de os perſuadir ao amor, e ſeguimento de todas as virtudes, que pois eſtimavaõ a mercê, que Deos lhes fazia com ſeu ſancto Evangelho, que por ſuas portas entrava, ſe conformaſſem deſde logo com elle em lançarem de ſy os Idolos, com que até entaõ andaraõ enganados, que eraõ lenha do Inferno, e cauſa de todos os males. Duro negocio foy pera muitos, mas buſcaraõſe com diligencia, e vindo a publico hum grande numero, foraõ todos feitos cinza, com gloria da Ordem de S. Domingos, que até em taõ longes terras foy logo executando os dous officios, em que Deos a fundou, de Prégadores, e Inquiſidores. Paſſado iſto, chegou recado d'elRey ao Embaixador, e Vigairo, que os eſperava com muita vontade, e lhes pedia, que naõ tardaſſem. Puzeraõſe logo a caminho.

Maffeus vbi ſupra.

1491.

CAPITULO IX.

Paſſaõ o Embaixador, e Prégadores à Corte d'elRey de Congo. Daſſe conta do recebimento, que lhes fez, e como foy bautizado.

TAnto que elRey foy avizado, que o Embaixador, e Vigairo caminhavaõ, deſpachou dous Capitaens, que os

foſſem receber, hum traz outro, a meyo caminho, e quando chegaraõ à Cidade de Ambaſſe, em que tem ſua Corte, e reſidencia, foy couſa de ver o numero infinito de povo, que ſe juntou a recebellos: parecia eſtar todo o Reyno junto, e affirmaſe que eraõ mais de cem mil homens. Sahiraõ poſtos em armas a ſeu modo, partidos em tres bandos, ou eſquadroens; tocando infinitos inſtrumentos, que a naõ ſerem barbaramente dezentoados, arremedavaõ na ordem que traziaõ tres prociſſoens noſſas de muito concerto: porque marchavaõ a dous por fileira; e ao eſtrondo confuſo dos inſtrumentos, ajuntavaõ vozes em louvor do Reyno, e gente de Portugal, começando huns, e ſeguindo outros; e deſpois reſpondendo todos em alarida, que feria no Ceo; como chegaraõ aos noſſos, tomaraõnos em meyo, e fizeraõ volta pera caſa d'elRey; continuando as meſmas vozes, e feſtas. Eſtava elRey em hum eſtrado alto, em cadeira de Marfim, a cabeça cuberta com hum modo de Mitra feita de folha de palma de obra meuda, e naõ deſengraçada: nú da cinta pera ſima, da cinta até os pés cuberto com hum pano de algodaõ, no braço eſquerdo atochada huma manilha de lataõ; do hombro pendurado hum cabo de cavallo branco: e de muita ſeda, peça, e louçainha, que naquellas partes ſò aos Reys pertence; como em Europa coroa de Ouro. Neſta poſtura eſperou o Embaixador, e Vigairo, e recebendoos com honras, e gaſalhados deſacoſtumados, ouvio alegremente a propoſta, e recados gerais da embaixada: e logo apoz elles quiz, que à viſta, e olhos de toda aquella multidaõ lhe foſſe moſtrado o prezente, que elRey Dom Joaõ lhe mandava. Vinha o prezente à conta dos Frades; foraõ elles por ſuas mãos dezencaixando, moſtrando, e entregando tudo. Eraõ muitos veſtidos de ſedas, e panos ricos, varios de cores, e feitios: payneis de boa pintura: baixela de ouro, e prata, e todo o apparato neceſſario pera ornamento da Igreja, e Altares, e officio Divino. Hia elRey notando cada peça, per ſy; e tocando com as mãos as de que ſe agradava, e perguntava meudamente de que ſerviço eraõ. Foy ultima couſa huma Cruz de prata fermoſiſſima por grandeza, e por feitio, lavrada em Roma, e benta ſolemnemente pollo Papa Innocencio Oitavo, e mandada de prezente a elRey Dom Joaõ. Chegouſe o Vigairo à caixa, tiroua por ſua maõ, e leuantandoa direita, proſtraraõ ſe por terra os Religioſos, e todos os Portuguezes, venerando com reverencia o ſinal de noſſa ſalvaçaõ. Inclinouſe elRey juntamente, e o meſmo ſe vio em todo aquelle povo ſem numero, com tanta humildade, e reſpeito, que o adoravaõ com as mãos levantadas, e naõ ſem lagrimas dos Portuguezes, que as derramavaõ de alegria por verem tal effeito naquella gentilidade.

Tratouſe nos dias ſeguintes, deſpois de tomarem hum pouco de alivio, do trabalho do caminho o Embaixador, e ſeus companheiros, do como, e quando ſeria o bautiſmo d'elRey, e

da

da Raynha. Pareceo, que pera mais decencia do Sacramento, e mayor authoridade das peſſoas Reays, ſe celebraſſe com Igreja feita, pois traziaõ pera iſſo officiaes. Mas era inconveniente, e cauſa de muita dilaçaõ, naõ haver pedra em todo aquelle deſtricto, e ſer forçado vir de muito longe. Eſta difficuldade venceo o fervor d'elRey, e do povo: acudindo tanto numero de trabalhadores, que logo ſe foy pondo em ordem a fabrica; e porque eſtava aſſentado, que foſſe o templo da invocaçaõ de Sancta Cruz, e entrava o mez de Mayo, veyoſe a lançar a primeira pedra no meſmo dia em que a Igreja celebra ſua glorioſa Invençaõ. Todavia novo accidente abreviou o bautiſmo. Chegaraõ a elRey novas, que muito o alteraraõ de hum levantameuto de terras de ſua obediencia vezinhas a Congo; e affirmavaſe entrar pollas de Congo fazendo muito dano; gente taõ groſſa, e de tanto poder, que naõ convinha menos, que ſua peſſoa, e muita preſteza pera o remedio: ſabia elRey, que o havia com duro inimigo, tratou de acudir, antes que tomaſſe força, e com tudo quiz hir bautizado; que foy prevenir de armas ſanctas pera todo ſucceſſo. Fezſe o bautiſmo, e em ſinal de amor, e obediencia aos Reys de Portugal, chamaraõſe, elle Dom Joaõ, e ella Dona Leonor, e foraõ juntamente bautizados alguns vaſſallos dos mais principais. Acabado o Sacramento, com a occaſiaõ delle, e da guerra, mandou o Embaixador buſcar hum fermoſo Eſtendarte, que trazia de Damaſco branco, franjado d'ouro, bordada nelle, de huma, e outra parte a Cruz da Ordem de Chriſto, aſſi como a trazem os Cavaleiros della; e ſendo primeiro benta pollo Vigairo, entregoua de ſua maõ, em nome d'elRey de Portugal, ao de Congo, e affirmoulhe, que naquelle final levava a victoria certa, como lhe naõ faltaſſe a fé, e confiança nelle. Caminhou elRey contra os rebeldes, levando diante de ſy, e do exercito, o eſtendarte de Chriſto, e com elle ſeguio verdadeiro effeito as palavras do Embaixador, porque os desfez, e deſbaratou com fermoſa victoria, e tornou pera caſa alegre, e contente.

Celebrouſe o goſto deſte ſucceſſo com o bautiſmo do filho mais velho, herdeiro, e ſucceſſor d'elRey. Naõ o recebera com elle, porque com a primeira nova do levantamento, acudio apreſſadamente a valer aos ſeus. Foy grande a feſta, e ſolemnidade, como o Reyno eſtava victorioſo, e alegre, e foy mayor por ſe fazer o Sacramento dentro na Igreja, que eſtava acabada. Chamouſe Dom Affonſo, que era nome do Principe de Portugal, ſeguindo a meſma conſideraçaõ de ſeu Pay. Eſte ſahio deſpois taõ Catholico, e bom Rey, que ſó a elle ſe deve o adiantamento, e conſervaçaõ da Chriſtandade, que hoje dura neſta grande Provincia, como adiante veremos. Ao revez de hum irmaõ ſeu, com quem naõ baſtou o exemplo de peſſoas taõ chegadas pera querer abrir os olhos à luz da fé.

Neſte eſtado, e proſperidade

de eſtavaõ as couſas da Fé em Congo, quando Ruy de Souza ſe deſpedio, e partio pera o Reyno. Ficaraõ os Religioſos com ſeu Vigairo continuando em doutrinar, e bautizar, e ſacrificando a Deos o amor da Patria, e as ſaudades, que eſpertava a partida do companheiro. Grande merecimento delles, e gloria da Religiaõ de S. Domingos: mas logo foy o Senhor ſervido darlhes mais, que offerecer, e mais que merecer; porque permittio, que ceſſaſſe no Rey aquelle fervor primeiro: e os vaſſallos, como he ordinario, foraõſe traz ſeu Senhor. Aſſoprava o inimigo a tentaçaõ com a lembrança da largueza, e goſtos da vida paſſada, com aſco, e faſtio da prezente, a que os obrigava o rigor da nova ley. Começaraõ a ter aborrecimento à prégaçaõ, e Prégadores, logo fugiremlhe o roſto, deſpois trataremnos mal, andavaõ deſprezados, e deſvalidos, e chegaraõ a padecer falta da ſuſtentaçaõ ordinaria, onde os mantimentos valem quaſi de balde, grande prova, martyrio de fome, onde tantos outros havia, o ſol inſoportavel, a doença, o deſterro, e o deſgoſto do trabalho perdido. Que na verdade, prégarem os Varoens Apoſtolicos, nadando de ſua parte em abundancias do que pertence à vida; e da parte dos doutrinados em amor, e reſpeito da doutrina, he huma felicidade tamanha, que ao parecer, encurta o merecimento. O que mais padeceraõ até perderem todos a vida entre os trabalhos, e o que com ſua morte fructificou ſua ſementeira, naõ parece juſto ficar fóra deſtes eſcritos, pera honra de Deos, e de ſua ſancta palavra, e memoria deſtes ſeus fieis Miniſtros: por tanto faremos mais outro Capitulo, que naõ ſerá deſagradavel neſte argumento.

CAPITULO X.

Das alteraçoens, que ouve no eſpiritual, e temporal do Reyno de Congo, partido o Embaixador de Portugal: e da morte do Vigairo, e ſeus companheiros.

DIſſemos atraz por mayor, a deſcahida, e infelicidade dos novos bautizados, com a boa ventura dos trabalhos, e afflicçaõ dos Prégadores de S. Domingos. Venhamos agora ao particular com a licença, que pedimos no fim do Capitulo paſſado. Tinha recebido aquella Gentilidade com devaçaõ, e goſto, quanto exteriormente ſe podia julgar, os myſterios da Fé, e cerimonias ſanctas. Parecia aos Prégadores, que tinhaõ tudo feito, ſe procedeſſe com o meſmo animo no exercicio das virtudes, e aborrecimento dos vicios: viſto como a fé deſacompanhada de obras, naõ tem vida, nem valia diante de Deos. Mas foyſelhes deſcobrindo, que quaſi todo o povo era o meſmo na materia dos coſtumes deſpois de bautizado, que ſohia a ſer no meyo da cegueira Gentilica. Aſſi roubavaõ, ſem cuidado de reſtituir, aſſi executavaõ a ira, e ſe vingavaõ, aſſi ſerviaõ a todo genero de torpeza, como faziaõ antes do bautiſmo. Começaraõ com zelo Apoſtolico eſtranhar, e reprehen-

hender tudo : e pollo meſmo caſo, em lugar de verem emenda, começaraõ tambem a experimentar aquella bemaventurança, de que o Redemptor tanto antes nos deixou advertidos; dizendo aos Diſcipulos: Matth. *Beati eritis cum exprobrauerint vos & eiecerint nomen veſtrum propter me.* Cahiraõ logo em odio da mayor, e melhor parte da terra, que eraõ os poderoſos, e nobres; e eraõ os que mais afferrados eſtavaõ aos dezatinos antigos. Naõ ſentiaõ menos, que arrancaremlhes as entranhas, haverem de ficar com huma ſó mulher legitima, e deſpedir todas as mais com que eſtavaõ abarregados. Sendo aſſi, que o uzo de antes ſofria terem tantas de ſuas portas adentro, quantas cada hum podia ſuſtentar. O meſmo cuſtava deixar ſortes, e feitiſarias, e huma deſatinada, e quaſi irracional deſtemperança em comer, e beber até perder o juizo. Por vaõ, e inutil julgavaõ a riqueza, ſe lhes naõ havia de ſervir pera ſatisfazer o appetite, e goſto. Foraõ achando de ſua parte o Rey, que envelhecido na vida devaſſa, e torpe, tinha por tormento mortal, viver nos limites da ley Euangelica, e morria com ſaudades da liberdade gentilica. Nem era neceſſario deſvelarſe com elle o Inferno: ſobejavaõlhe tentadores das portas adentro: tantos eraõ, quantas mulheres ſe contavaõ em hum grande bando, que lhe enchia a caſa, que vendoſe deſprezadas, ardiaõ em rayva, e furia: e por todas as vias trabalhavaõ deſviar o miſeravel Rey do caminho da verdade. Por eſta maneira ſe foy perdendo a cauſa de Deos, e tornou a reynar o Diabo. Os Prégadores andavaõ corridos, e deſgoſtados: porque naõ ſó naõ eraõ obedecidos, mas nem eſcutados do Rey, nem dos Grandes. Obrou nelles o deſgoſto interiormente, como por fóra o ar afogueado, e peçonhento. Falleceo primeiro o Vigairo Frey Joaõ; ficou em ſeu lugar o Padre Frey Antonio, que lhe vinha nomeado por ſucceſſor; ſerviolhe a vida mais larga pera ſentir mais afrontas, e deſconſolaçoens, quanto ſe hia mais deſenfreando a malicia no Rey, e nos ſeus. Chegou a padecer falta do neceſſario pera a vida entre ardentes febres, quando convinhaõ mimos pera as ſuportar. Fazia os males mayores a prezença do Gentio Panço filho mais moço d'elRey; publico inimigo do nome Chriſtaõ; e ajudavaſe ſeu poder da auſencia de ſeu irmaõ Dom Affonſo, que era hido às terras do Iſſunde, que o pay lhe tinha largado em vida. Aſſi acabou Frey Antonio, e a poz elle todos os mais companheiros; e como entre barbaros, e inimigos, naõ ficou memoria do tempo, que cada hum viveo, nem como acabaraõ.

Veyo deſpois a dividirſe o Reyno em duas parcialidades. Eſtavaõ por Dom Affonſo todos os de boa tençaõ; os vicioſos, e maos, que eraõ mayor numero, como ſempre acontece, ſeguiaõ a Panço, que favorecia ſuas maldades, e era peor que elles: e tanto ſouberaõ dizer, e fazer diante do Pay com mentiras, e calumnias contra Dom Affonſo, fazendo em ſeu disfavor ſua auzencia (que he grande

de mal pera quem he accuſado, e tem inimigos, naõ apparecer) que eſteve levado pera o desherdar, e ſem duvida executara o penſamento, ſe Deos lhe naõ acudira, pondo no coraçaõ dos que favoreciaõ ſua parte, que fallaſſem por elle ao Velho com liberdade. Eſtes lhe fizeraõ lembrança, do que devia aos merecimentos de Dom Affonſo, e a injuſtiça, que fazia em lhe preferir o mais moço, e menos digno: emfim o pacificaraõ com elle. O que ſabendo Dom Affonſo, reconheceo da maõ de Deos o beneficio, e em graças delle, fez hum auto de verdadeiro, e fiel Chriſtaõ, que foy mandar com pena de morte nas terras que lhe obedeciaõ, que ninguem tiveſſe Idolos em caſa. Aqui tornou o Velho a cegarſe da paixaõ contra elle, ou por lhe parecer, que tomava mais authoridade no Reyno, da que lhe pertencia, em tal mandado: ou por ventura, porque tambem amava os Idolos. Tornava colerico a tratar de vingança: mas como era muito entrado na idade, chegoulhe a hora da morte primeiro, que executaſſe a rayva. Ficaraõ os dous irmãos em briga: Dom Affonſo auzente: Panço à cabeceira do Pay, cercado, e ſeguido dos Grandes, e Poderoſos, e Senhor da Cidade, que era cabeça do Reyno. Foy chamado à preſſa Dom Affonſo polla Raynha ſua mãy, que acudiſſe, antes que Panço tomaſſe mais forças. Veyo correndo, mas taõ pobre de gente, que quando chegou à viſta da Cidade; naõ achou junto de ſy mais que trinta, e ſinco companheiros. Iſto ſe ſoube deſpois por carta ſua. Parece que o dezemparavaõ todos com medo do ſeu irmaõ, que tinha tudo por ſy. Com eſtes poucos, animados com o nome de Chriſto, a quem com verdadeira fé ſeguia, eſperou a Panço, que o ſahio a encontrar com gente ſem numero; e aſſi o venceo, e desbaratou, como ſe de ſua parte tivera dobrado exercito. Milagre claro, e patente, que deſpois ſe publicou, e provou como logo veremos. Fugio Panço da batalha contra o matto, e ſua maldade deu com elle deſanimado em hum laço, que eſtava armado pera Féras do monte, e meyo affogado, foy colhido, e trazido a Dom Affonſo. A poz elle, lhe trouxeraõ tambem prezo hum dos ſeus Capitaens, que mais nome tinha de atrevido, e valente, de quem ſe conta hum caſo digno de memoria. Tanto que eſteve diante de Dom Affonſo pediolhe, que pois havia de pagar com a vida ſua deſobediencia, como tinha bem merecido, permittiſſe que recebeſſe primeiro o ſancto bautiſmo: porque ſegundo o que vira no dia da batalha, a verdadeira Fé, e o verdadeiro Deos eſtava da parte delle Dom Affonſo. Perguntado porque o dizia, affirmou, que no dia que por ſeu irmaõ fora acometido ao tempo, que deraõ ſobre elle, viraõ de ſua parte hum grande eſquadraõ de gente armada, ſinelado cada ſoldado com huma Cruz. Valeolhe eſta confiſſaõ a vida: deulha Dom Affonſo com obrigaçaõ de ſervir na Igreja de a varrer, e prover as pyas de agoa.

Ficou Dom Affonſo pacifi-

co

co ſenhor do Reyno, e foy Rey cincoenta annos. Contaſe delle que lia, e eſcrevia o Portugues, e tinha tomado tam bem a noſſa lingoa, que quando ſe achava com os Frades, que doutrinavaõ o povo, fazia officio de interprete, com os ſeus: e deſpois que o Pay lhe deu as terras do Iſſunde, mantinha a fé nos ſubditos, naõ ſó com poder de Senhor, e Principe, mas tambem como Prégador, enſinando, e doutrinando; e deſpois que ficou abſoluto Rey, e Senhor de todo o Eſtado, quando a idade florida, e liberdade ſenhoril o puderaõ tornar aos vicios de ſeu Pay, eſteve taõ longe de o ſeguir, que antes foy occaſiaõ principal, de que em ſeu tempo floreceſſe a Chriſtandade, e ficaſſe com grandes raizes naquelle Reyno. De que he bom argumento, que vimos pollos annos adiante muitos naturais delle ordenados em Sacerdotes, e alguns conſagrados em Biſpos; por ſerem peſſoas notaveis em virtude, e letras Divinas, e humanas. E em tempo d'el-Rey Dom Joaõ Terceiro, veyo hum a Lisboa, que ſendo azeviche nas cores, e hum criſtal em vida, e alma, teve eſcolla publica de humanidade nos Paços do Caſtello, com ſalario da fazenda Real, e fez muitos, e bons diſcipulos.

Seja remate deſte Capitulo, darmos immortais graças a Noſſo Senhor todos, os que militamos debaixo da bandeira do Patriarcha S. Domingos; porque foy ſervido de tomar por primeiro, e principal inſtrumento da ſalvaçaõ de tantos milhares de almas, como deſde entaõ atégora teraõ ſubido ao Ceo de terras taõ barbaras, a noſſos irmãos. Louvemolos tambem a elles, e tenhamoslhes enveja, pois domeſticando a fereza, e allumiando a cegueira dellas, compraraõ com ſuas vidas pera eſta Religiaõ a honra de ſerem os filhos della ſeus primeiros Apoſtolos: e naõ cuide ninguem que foraõ ſó trabalhos ordinarios os que padeceraõ; acerbiſſimo martyrio podemos com rezaõ chamar o deſprezo, e a eſquivança em paga do leyte da Fé, o mendigar a ſuſtentaçaõ quotidiana, quando nenhuma ley ata a boca ao boy que trilha: o ardor das febres infernais (que tal nome ſe déve a todas as de Guiné) paſſadas ſem conſolaçaõ, ſem emparo, ſem alivio. Finalmente demos graças aos Sereniſſimos Senhores Reys de Portugal, que tendo em ſeus Reynos tanta diverſidade de Religioſos, familias que todas florecem em virtudes, e letras, quizeraõ que a noſſa rompeſſe aquelle matto bravio pera ficar o caminho mais chaõ, e facil, às que traz ella foraõ às meſmas partes. E ainda que todas, as que fizeraõ ſemelhante jornada, trabalharaõ louvavelmente no ſancto miniſterio: paſſados muitos annos tornaraõ os meſmos Reys a empregar nelle o eſpiritu, e braços dos filhos de S. Domingos, como logo veremos pera deixarmos de todo concluida eſta materia de miſſoens Ultramarinas, ſegundo no principio dellas propuzemos.

CAPITULO XI.

Quarta viagem que os noſſos Religioſos fizeraõ a Ethiopia, acompanhando os primeiros conquiſtadores de Angola.

1570. ENtrava o anno de 1570. quando elRey Dom Sebaſtiaõ tendo algumas juſtas conſideraçoens pera pretender conquiſtar o Reyno de Angola, deſpachou ao effeito huma boa armada, de que fez Capitaõ mór a Paulos Diaz de Novais, que tambem o havia de ſer da Conquiſta, por ſer peſſoa de partes, que tudo eſtava bem nelle. Mandou juntamente eſcrever ao Provincial de S. Domingos, que era entaõ o Meſtre Frey Franciſco Foreyro Prégador de ſua Capella, que levaria goſto de ſe embarcarem nella alguns Religioſos da Ordem: aſſi pera conſolaçaõ dos que ſe embarcavaõ, como pera prégarem aos Gentios; e os enſinarem, e bautizarem; porque a conquiſta de almas pera Deos, era a que principalmente encomendava, e queria. Propoz o Provincial à Provincia a vontade d'elRey: offereceraõſe logo tres Padres, e hum Irmaõ leygo. Eraõ os Padres, Fr. Alvaro da Gram, Frey Fernando Machado, Frey Diogo dos Martyres, todos letrados, e Prégadores, e peſſoas de vida exemplar (que ordinario naõ ſe abalançarem a ſemelhantes jornadas de terras já conhecidas por peſtilenciaes pera a ſaude, ſenaõ gente de muito eſpiritu) chamavaſe o Irmaõ Converſo Frey Gonçalo Moreira. Parte o Reyno de Angola com o de Congo, e corre tanto adiante delle contra o Sul, que a povoaçaõ, que hoje poſſuimos na Coſta, que chamaõ Loanda, eſtá em altura de nove gráos da banda do Sul. Como a terra eſtava de guerra, fizeraõ os Religioſos mais ſerviço aos companheiros com a prégaçaõ, e adminiſtraçaõ dos Sacramentos, que aos Gentios: mas por naõ eſtarem ocioſos, paſſaraõ ao Reyno de Congo, onde tudo eſtava de paz, e havia bem neceſſidade de obreiros do Evangelho, ſegundo a terra he grande: e ſerviraõ muito a Deos. Naõ ſe contaõ couſas particulares, que aconteceſſem a eſtes Padres, ſenaõ foy huma bem notavel; e foy aſſi. Acertou de ſe achar hum delles, naõ ſe eſcreve qual foy, nas terras de hum Senhorio de gente catholica, que chamavaõ Sunde, cujo Capitaõ, ou Duque (que já vaõ introduzindo eſte titulo em Congo, onde as juriſdiçoens ſaõ grandes) eſtava de guerra com huns vezinhos Gentios; e ſuccedeo, que fiados eſtes em poder que tinhaõ aventajado, vieraõ demandar as terras de Sunde. Naõ era covarde o Chriſtaõ, ſahiolhe animoſamente ao encontro, com tudo o que havia em ſeu eſtado, e pedio ao noſſo Frade que o acompanhaſſe. Mas quando ſe achou à viſta delles, e reconheceo que trazia poder dobrado, ficou aſſombrado de medo, e duvidou vir às mãos com taõ conhecida deſigualdade. Aqui acudio o noſſo Padre, dizendo, que refuſar a batalha, quando tinha taõ perto o inimigo, naõ podia já ſer ſem total perdiçaõ dos ſeus, na hora que foſſe entendido,

que

que temiaõ: que o remedio era tirar forças da fraqueza, e ſer primeiro em acometer; que o fizeſſem todos com grande animo, e pois eraõ chriſtaons com viva fé, e eſperanças em Deos, que os ajudaria; e tiveſſem por certa a victoria peleijando em ſeu nome. Encheoſe o Negro de esforço com eſtas palavras, e toda a companhia com elle: vendoos o Frade animados, deſcobre hum Crucifixo, que trazia debaixo do manto, e como verdadeiro imitador das obras de ſeu P. S. Domingos, levantouo em alto; e com huma voz, que ſe ouvio por todo o campo, Eya irmaons, diſſe, eſte he o retrato de Chriſto Jeſus crucificado, que confeſſais por voſſo Deos: eſte he voſſo Capitaõ, e voſſa bandeira, naõ haja ninguem que deixe de o ſeguir: e ſem dizer mais palavra, arremete-ſò a todo o correr contra os inimigos. Abalouſe traz elle com o meſmo impeto todo o exercito: e foy tal o valor, que naquella hora lhes communicou Deos aos coraçoens, e tal a força, que lhes poz nos braços, que em pouco eſpaço desbarataraõ aquella multidaõ eſpantoſa, que cubria montes, e valles, e cativaraõ tantos, que ſó os cativos ſe affirma, que em dobro eraõ mais, que os Chriſtaons: por onde foy havida por toda a parte a victoria por milagroſa. Continuaraõ eſtes Padres o miniſterio Evangelico, e nelle acabaraõ o Padre Frey Alvaro, e o Leygo Frey Gonçalo: os outros dous paſſando muito trabalho, e fortes doenças, tornaraõ à Patria gaſtados, e conſumidos da impreſſaõ daquelles ares peſtilenciaes da Ethyopia, do que davaõ bem teſtemunho ſeus roſtos nas cores quebradas, e ſemelhantes a mortos; e naõ tardaraõ, inda que em melhor terra, em ſeguir os companheiros.

CAPITULO XII.

Quinta, e ultima hida, que os Frades de S. Domingos fizeraõ às terras de Guiné.

POllos annos de 1607. reynando em Portugal elRey Dom Felippe Segundo, e Terceiro pera o reſto de Eſpanha, vieraõ Embaixadores a Lisboa de Dom Alvaro Rey de Congo; e entre outras propoſtas, que fizeraõ a Sua Mageſtade da parte de ſeu Rey, foy huma, que ouveſſe por bem mandarlhe alguns Religioſos de S. Domingos pera nelle prégarem, e dilatarem a Fé pollas terras vezinhas. Era o prologo, e fundamento deſte requerimento, lembrar que eſta fora a Religiaõ, que allumiara aquelle Reyno em tempos antigos, e fundara nelle a primeira Igreja; e que em tempo de ſeu Pay delle Dom Alvaro, havia menos de quarenta annos, tornara outra vez a elle, mandada por elRey Dom Sebaſtiaõ; e ſegundo iſto, era como pedir juſtiça, que ſuſtentaſſe a Ordem de S. Domingos, e conſervaſſe a vinha, que por ſuas mãos fora prantada. Era Provincial o Padre Frey Joaõ da Cruz, eleyto ſegunda vez por Setembro do anno ſeguinte de 1608. Mandoulhe elRey fazer ſaber a petiçaõ que tinha de Congo, e que ſeria bem acudirem a ella os ſeus Religioſos; pois eraõ 1607.

chamados, Naõ eſtava eſquecida na Provincia a morte, e trabalhos dos primeiros Prégadores em que os Embaixadores fallavaõ: e lembrava, que dos ſegundos ſó dous tornaraõ aos ares da Patria, e taõ mal parados dos effeitos da torrida Zona, que pouca differença faziaõ de mortos, quando chegaraõ, na figura dos roſtos, e na debilitaçaõ dos corpos: e com tudo naõ faltaraõ outros, que pondo os olhos em Deos, e naõ ignorando as qualidades do clima, aceitaraõ alegremente a miſſaõ. Em 25. de Março de
1610. 1610. ſe embarcaraõ quatro, tres Sacerdotes Prégadores, e o quarto Irmaõ Converſo. Eraõ os Prégadores Frey Lourenço da Cunha, que levava o cargo de Vigairo, Frey Fernando do Eſpiritu Sancto, Frey Gonçalo de Carvalho, e o Converſo Frey Domingos da Annunciaçaõ: chegaraõ com boa viagem, e raras vezes taõ breve, em 3. de Julho à Cidade de S. Paulo de Loanda, porto do Reyno de Angola pera daly fazerem ſeu caminho a Congo por terra. Aviſaraõ logo a elRey, e a ſeus Miniſtros pera ſeguirem as ordens que lhes mandaſſe. Reſponderaõ elRey, e elles ao Padre Vigairo: e porque as cartas ſaõ conceitos do entendimento, que repreſentaõ ao vivo o animo de quem as eſcreve, e ficaõ ſuprindo em parte o officio da Hiſtoria, lançaremos aqui de verbo ad verbum humas, que nos vieraõ às maõs, pera ſe ver a vontade com que os Religioſos eraõ eſperados: e tambem ſeraõ agradaveis, pollo termo com que eſtes negros, Rey, e vaſſallos procuraõ arremedar como bogios, na practica, e trato, o que nos noſſos Reys, e ſeus grandes Miniſtros he cerimonia. A carta d'elRey dizia aſſi.

REverendo Padre Frey Lourenço da Cunha Prior dos Padres de S. Domingos, que pera eſta minha Corte vem. Eu elRey vos envio muito ſaudar, como quem eu dezejo ver neſta minha Corte pera dar ſatisfaçaõ a meus dezejos, e ao amor grande, que tenho ao habito de S. Domingos, aonde me eu criey em companhia dos Religioſos, que a eſte meu Reyno vierãõ em vida d'elRey meu Senhor, e Pay, que Deos tem em gloria, quando a elle veyo o Governador Franciſco de Gouvea de mandado d'elRey Dom Sebaſtiaõ, que Deos tem em gloria. Com eſta eſcrevo ao Duque de Bamba, e ao Capitaõ Dom Lourenço Vieira, dê ordem com toda a brevidade pera que antes das agoas ſejais neſta Corte. E aſſi meſmo mando ao dito Capitaõ da Ilha, dê todos os carregadores neceſſarios, e tambem pera as deſpezas neceſſarias, o que o Duque fará com muita pontualidade. Naõ ha mais: Noſ-

ſo

ſo Senhor &c. De Congo hoje 28. de Julho de 1610. Dom Joaõ Bautiſta meu Secretario mór, e Eſcrivaõ de minha Puridade a fez eſcrever. Rey Dom Alvaro.

Eſcreveo tambem o Secretario d'elRey ao Padre Vigairo, e ſua carta he a ſeguinte.

MUito Reverendo Padre, naõ ſaberey encarecer a Voſſa Reverencia o contentamento, que tive com huma Carta ſua, que recebi a 26. de Julho deſte anno preſente: porque entre as couſas graves, que elRey meu Senhor mandou pedir a Sua Mageſtade ſeu muito amado, e querido irmaõ, foy eſta vinda de Voſſa Reverencia, e dos mais reverendos Padres a eſtes ſeus Reynos, pera nelles prégarem a palavra de Deos Noſſo Senhor, e fazerem muito fruito, como nelle confiamos. Das mais particularidades, que Voſſa Reverencia me eſcreve, naõ trato mais, que dizerlhe ficaõ no meu peito eſcritas pera as communicarmos de perto, que confio em Deos Noſſo Senhor ſerá muito cedo. Meus recados aos mais Religioſos. Deos guarde a Voſſa Reverencia, e os traga com ſaude. De Congo hoje 30. de Julho de 1610. Ao ſerviço de Voſſa Reverencia o Secretario mór Dom Joaõ Bautiſta.

As primeiras terras, em que ſe entra pera Congo, ſahindo de Angola, ſaõ as de Bamba, das quais era Senhor o que a Carta do Rey chama Duque de Bamba, que aſſi ſe vaõ honrando com os titulos arremedados, ou furtados de Eſpanha, e tambem com os apellidos della, porque ſe fazia chamar Dom Antonio da Sylva. Como o Vigairo havia de paſſar por ellas, e por ſua caſa, e ſoube logo, que além de grande eſtado que poſſuhia, tinha tambem o cargo de Capitaõ geral do Reyno, e era valido d'elRey, fezlhe ſaber ſua vinda pera ganhar ſua graça com eſte cumprimento, e reſpeito; reſpondeo elle, e ſua Carta he a que ſe ſegue.

POlla de Voſſa Reverencia, que me fez charidade eſcrever, ſoube de ſua boa chegada a eſſa Loanda de ſaude, com os mais Padres ſeus companheiros, de que me alegrey ſummamente na alma. Permitta Deos Noſſo Se-

Senhor conſervalla ſempre por muy largos annos, pera ſeu ſancto ſerviço, e pera conſolaçaõ eſpiritual deſtes Reynos de Congo. Amen. Sua Alteza elRey meu ſenhor me fez mercê aviſar por Carta ſua, que mandaſſe a Voſſa Reverencia alguns cofos de zimbo, que o dito Senhor lhe manda dar pera ſua deſpeza, e erramba do caminho: os quais lhe naõ mando agora a Voſſa Reverencia por entender lhe naõ ſervem neſſa Loanda. Pollo que os tenho aqui guardados até ſaber o que Voſſa Reverencia mandar ſobre elles: o que peço me faça charidade mandarme logo aviſo: porque com elle farey tudo o que Voſſa Reverencia me ordenar. Novas minhas ſaõ ficar ao preſente de ſaude, Deos louvado pera ſempre, com grandes dezejos de querer ver a Voſſa Reverencia, com os mais reverendos Padres ſeus companheiros, a quem Deos Noſſo Senhor traga todos com muita vida, e ſaude, como eſte ſeu filho dalma dezeja, &c. De Bamba a 20. de Agoſto de 610. annos. De Voſſa Reverencia filho dalma o Duque de Bamba, Capitaõ geral, Dom Antonio da Sylva.

O zimbo que eſta Carta nomeya he hum genero de buzio muito meudo, e creſpinho, e de boa viſta, que ſe peſca no porto de Loanda em Angola; o qual paſſa por moeda corrente por eſtes Reynos de Angola, e Congo: val cada cento hum toſtaõ. O cofo he como medida, que leva dez milheiros, e val dez mil reis. Deſta peſcaria he ſenhor elRey de Congo, e pera a fazer, que he de grande proveito, tem hum Capitaõ na Ilha, que fica defronte de Loanda, onde he a força da peſca, e dalhe reputaçaõ naõ haver por toda eſta coſta ſemelhante buzio.

Nos dias gue os Padres ſe detiveraõ em S. Paulo de Loanda, que he já huma grande, e nobre povoaçaõ de Portuguezes, os mais delles mercadores groſſos, que tem ſeu trato pera Brazil, e Indias Occidentais, foraõ tambem viſtos de toda a terra, e procederaõ nella com termo taõ Religioſo, que os moradores ſe juntaraõ, e lhes pediraõ de maõ commum, que ſe deixaſſem ficar nella; ſe o fizeſſem, ſe offereciaõ a lhes edificar Igreja, e hum commodo recolhimento em qualquer ſitio que eſcolheſſem: reſpondendo o Vigairo, que naõ podiaõ ſahir da ordem, que traziaõ de Sua Mageſtade, e obediencia de ſeus Prelados, que era paſſarem à Corte de Congo, e lá aſſiſtir, quizeraõ moſtrar que offereciaõ obras, e naõ palavras; e em ſinal de ſeu bom animo, lhes fizeraõ o alforge pera o caminho, que naõ foy pouco cuſtoſo; porque além do que era mantimento, e mi-

e mimos, ajuntaraõ muita roupa de linho, enxoval muito neceſſario contra os ardores do ſol, e febres de Congo.

CAPITULO XIII.

Sahem o Vigairo, e ſeus companheiros de Loanda pera Congo. Daſſe conta de como paſſaraõ o caminho: e de algumas particularidades da Cidade do Salvador Metropoli de Congo.

COmo o Vigairo recebeo as Cartas, que referimos, naõ quiz dilatar ſua partida, e aos 16. de Setembro deſte meſmo anno de 1610. ſahio de Loanda com ſeus companheiros: foraõ por mar até entrar a boca do rio Dande; onde acharaõ muitos ſenhores, que os eſperavaõ, dos que tinhaõ ſeus Eſtados perto: os nomes ſaõ barbaros, e groſſeiros, como a terra, mas naõ he bem ficarem ſem memoria, pois ſaõ de quem acudio a honrar os meſſageiros Apoſtolicos. O primeiro, que o Padre Vigairo nomeya em huma Carta, que eſcreveo à Provincia, que temos em noſſa maõ he, Manibumbe, o ſegundo Maniloanda com dous irmãos, Dom Joaõ, e Dom Pedro. Já temos advertido, que o nome de Mani he o meſmo entre elles, que pera nós Senhor: e o que ſegue he o deſtricto, ou comarca de ſeu eſtado. Vieraõ mais Manibingo, Manidande, e Manibama; cada hum trazia ſeu chocalho pendente, que he inſignia ſenhoril. Do rio fizeraõ tres dias de caminho até as terras de Bumbe, e foraõ fazer noite a huma aldea por nome Moala, onde o ſenhor do Eſtado os ſahio a receber por oſtentaçaõ de ſeu poder, com ſeiſcentos homens armados de arcos, e frechas, cabeças empruмadas, roſtos, e corpos almagrados, correndo, e ſaltando, com repreſentaçaõ guerreira a ſeu módo. Ao entrar na aldea ſahio hum povo inteiro de mulheres, e mininos, bailando, e batendo as palmas, e aſſi foraõ agaſalhados. No dia ſeguinte chegaraõ ao deſtricto de Bambá a hum lugar grande, onde tiveraõ o meſmo recebimento; mas a gente era infinita, e o apparato como em caſa de grande ſenhor muito aventajado. Havia hum genero de charamellas de marfim, que melhor diſſeramos bozinas, de diſforme grandeza; porque eraõ feitas de dentes inteiros de Alifante: e huns tambores, ou atabaques, formados de huns páos óccos, de grande barriga, e apertados nas bocas, onde os cobrem ſuas pelles. Tocaõ eſtes com as mãos, acompanhando cada hum com tres chocalhos em lugar de pifaro, de maneira poſtos, que faz cada hum differente ſom: e de tudo reſulta huma toada diſſonante, e confuſa que offende as orelhas coſtumadas a armonia fundada em Arte. Aconteceo aqui pera livrar os Religioſos deſta pena, que naõ era pequena, chegarem novas na meſma hora do recebimento, de ſer morto o Principe do Reyno. Ceſſou logo toda aquella trovoada; e polla meſma rezaõ naõ ſahio de caſa o Duque Manibamba; antes como peſſoa Real ſe encerrou, e mandou receber os Padres por hum criado, que tinha nome de ſeu meſtre; e quando os vio em ſua caſa,

1610.

caſa, fezlhes grandes honras, ajuntando a ellas entregarlhes quantia de duzentos mil reis, que elRey lhes mandava dar de mercê, e ajuda de cuſto pera o caminho. A moeda em que os receberaõ he hum genero de buzio muito meudo, creſpinho, e bem feito, e pardo na côr. Eſte ſe peſca junto a huma Ilheta, que fica defronte da povoaçaõ de Loanda, e lhe faz porto, e he da juriſdiçaõ d'elRey de Congo: e pollo reſpeito da peſca de grande proveito pera elle. Chamaõlhe zimbo, e naõ ſe acha outro ſemelhante por toda a Coſta. A eſta conta tem na Ilha hum Capitaõ, que aſſiſte na peſcaria. Eſte buzio he a moeda mais corrente que ha por eſtas partes: val cada milheiro hum toſtaõ. Acudiraõ logo muitos preſentes dos Senhores vezinhos; e o Duque em particular lhes mandou ſincoenta galinhas, e ſeis cabras, e muita outra carne. Mas eſte favor, e bom gaſalhado lhes foy bem deſcontado no reſto do caminho; porque ſe ſayba, que couſa he tratar com barbaros. Como ha grandes charnecas, e deſpovoados até chegar a Congo, e os negros carregadores, que os levavaõ em redes, e o fato às coſtas a uzo da terra, porque naõ he em cavalgaduras, como ſe viraõ longe de quem lhes pudeſſe fazer força, de criados fizeraõſe ſenhores, e ſenhores inſofriveis: já ſe auzentavaõ, e os deixavaõ ſós, já ſe ſentavaõ ſem quererem dar paſſo adiante, ſurdos a rogos, a mimos, e promeſſas. Chegaraõ a eſtado de naõ poder dar hum paſſo adiante, o que mais ſentiaõ era a ſede, a falta de agoa. Abraſava o ſol os corpos por fóra; aſſava a ſecura as entranhas por dentro: era tormento deſeſperado; e os negros que os acompanhavaõ, e ſabiaõ as fontes, eraõ da condiçaõ daquelles, que o ſancto Biſpo, e Martyr Ignacio eſcreve, que eraõ os ſeus guardas, que com os beneficios ſe faziaõ peores. Em lugar de lhes buſcarem, e trazerem agoa, metiaõſe pollo matto, e faziaõſe inviſiveis, e quando tornavaõ, eſtavaõ já os pobres Religioſos em eſtado, que com a oppreſſaõ da ſecura, naõ podiaõ comer. Ajuntavaõſe medos de animais feros, de que ſaõ povoados aquelles mattos. Tiveraõ aſſaz que merecer, e que offerecer a Deos, de fadigas, e perigos. Em fim arribaraõ à Corte, e à viſta d'elRey Dom Alvaro, com cuja boa ſombra, e gaſalhado ſe reſtauraraõ. Mas muito mais com elRey pôr logo em practica fabricarlhes Igreja, e apoſento, que foſſe como hum bom Moſteiro.

He o aſſento da Corte (ſe eſte nome cabe em tal gente) na Cidade que chamamos o Salvador do Outeiro; e na lingoa da terra, Ambaſſe, povoaçaõ grande, e eſtendida, e taõ povoada de gente, que ſe affirma haverá nella vinte ſinco mil homens de peleija: mas falta de todo genero de policia de edificios. Armaõ cebes de madeira groſſa do matto, tecemnas com outra meuda, como ficaõ enredadas, e eſpeſſas, daõlhes huma maõ de barro por dentro, e por fóra. Haõſe por agaſalhados, ficando quaſi a uzo do ſeu gado encurralados. Pera as cobrirem naõ ſe canſaõ com telhas, nem ladrilhos, do meſmo

matto

matto fazem emparo. De mantimentos ha muita abundancia, porque a terra he grandemente criadora de tudo o que della ſe fia. Em particular reſpondem com grande fertilidade em corpo, e copia todas as plantas, e ſementes de Portugal: as parreiras, de que lá naõ havia noticia, antes de nos conhecerem, daõ fruito duas vezes no anno, e em pouco tempo (tal he o viço da terra) ſe fazem taõ groſſas, e fortes como as noſſas em muitos annos. O monte dá muita caça: as hortas muita hortaliça, boas fruitas, e varias: os campos ſaõ fructiferos de déverſidades de graõ, excepto trigo, e cevada, e regados de fontes, e boas agoas. Como barbaros de todo, naõ conhecem moeda, nem uzo della, em prata, nem ouro, nem em cobre: a que uzaõ, e paſſa por todo o Reyno, e polla terra, he o buzio, que chamaõ zimbo, que atraz diſſemos. Tem a Cidade Igreja collegiada, que lá chamaõ Sé, com doze Conegos, e ſuas dignidades, aos quais todos fazem prebendas os Reys de Portugal de ſuas rendas por honra da Igreja, e por eſſa cauſa he tambem ſua a nomeaçaõ, e provizaõ de todas as Dignidades. Os Reys de Congo pagaõ ſó os Curas, que ha pollo Reyno, que ſaõ muy poucos a reſpeito da grandeza, e povo da Provincia, que requeria milhares. Em tempos atraz era eſta Igreja da obediencia do Biſpo de S. Thomé, polla vezinhança que tem com aquella Ilha. De alguns annos pera cá ſe tem tirado de ſua jurdiçaõ, e eſtá unida à de Angola, e he tudo hum Biſpado com titulo de Congo, e Angola: os Curas que ha pollo Reyno ſaõ taõ poucos, que cada Senhorio, ou Comarca, naõ tem mais que hum ſó, como ſaõ as Comarcas de Bata, Bamba, Sunde, Oando, Pema, Motemo, Sonho, e outras, e até no Reyno de Ocanga, que em corpo, e nome, he Reyno, naõ ha mais que hum ſó. Pera ſuprir eſta falta, entrando a Quareſma, ſahe cada Cura a viſitar ſeu deſtricto, em proſecuçaõ de ſeu officio. Aſſi he grande a mizeria, que por eſtas partes ſe padece nó eſpiritual. Se nas terras politicas, onde ſobejaõ Miniſtros, faz Satanaz continua guerra, que ſerá onde ha tanta mingoa? Podemos dizer que ſaõ eſtas quaſi em todo ſuas, e que naõ ſaõ Chriſtãos mais que no bautiſmo; porque tudo o mais ignoraraõ, e ſaõ ſó ditozos os que a morte colhe no eſtado da innocencia: como ſaõ creſcidos, logo cahem nos coſtumes gentilicos, agouros, e feitiçarias, com que o Diabo os engana, e cega. A gula, e luxuria he ſem freyo. No eſtado do Matrimonio vay em geral grande deſconcerto: huns tem das portas adentro todas quantas mulheres podem ſuſtentar, cohabitando com cada huma, como ſe fora ſua legitima conſorte: outros quando querem cazar, naõ fazem mais que concertarſe com a que eſcolhem, como ſe fora contracto de compra, e venda, e ſem outra cerimonia da Igreja ſe haõ por caſados: e em cabo de annos, ſe acertaõ a ſe deſcontentar della, com a meſma facilidade a deſpedem. A eſte modo enchem a caſa; e ſe os Parochos os obrigaõ a caſar legitimamente,

e ficar com huma ſó, o dia que aſſi caſaõ, que devia ſer occaſiaõ de verdadeiro amor, he principio de odio, e deſavença. A lingoagem commum de todos he, que ſaõ neceſſarios muitos annos pera conhecer a condiçaõ de huma mulher; e polla meſma rezaõ naõ convem receber nenhuma com obrigaçaõ de toda a vida; ſenaõ deſpois de longa experiencia. Reprendia o noſſo Vigairo hum dos honrados da Corte, porque naõ acabava de receber a uzo da Igreja huma com quem vivia paſſava já de doze annos; e elle finandoſe de rizo, reſpondia: Pois Padre Vigairo em taõ pouco tempo quereis vós, que eu tenha alcançado ſua condiçaõ? Com tudo em meyo de tanta pobreza, naõ falta gente boa, e virtuoſa; porque em geral os homens ſaõ bem inclinados, verdadeiros, e fieys no que ſe lhes entrega; e onde ha Miniſtros, tomaõ bem a doutrina: as mulheres ſaõ muito trabalhadoras, cultivaõ a terra, cavaõ, roçaõ, ſemeaõ, ſem terem lugar de ocioſidade. Pera com os nobres, e Grandes, baſta o reſpeito d' elRey pera os fazer proceder bem; porque todos ſaõ como ſeus cativos, e até os Duques, e Senhores mayores, naõ poſſuem rendas, eſtados, e terras, mais que em quanto a elle apraz: de ſorte, que eſtá em practica tomarlhes tudo na hora, que lhe dá na vontade, e vendellos tambem ſe lhe parece.

Naõ ouve tanta diligencia no edificio da Igreja, como o Vigairo quizera: e por naõ tardar de ſua parte nos officios de devaçaõ, determinou aſſentar a confraria do Roſario, antes de ſer de todo acabada. Ordenou huma prociſſaõ: diſſe ſua Miſſa cantada com muſica, e charamellas do uzo de Portugal: prégou, e declarou ao povo os privilegios, e perdoens. Aſſiſtio elRey, e mandouſe aſſentar por confrade com vinte mil reis de eſmolla na moeda dos ſeus buzios, que atraz fica dito o que ſaõ, e ſua valia. O Duque de Bamba foy ſegundo em ſe aſſentar com eſmolla igual, e logo ſeguiraõ todos os nobres com ſuas eſmollas; porque ſaõ grandemente pontuais em ſeguir o que vem a ſeu Rey fazer, havendo que o agradaõ. Mandou elRey a hum primo ſeu, que foſſe Juis da Confraria, e o Duque de Bamba Procurador. Começavaſe a entender no apoſento dos Frades, quando o Inimigo commum envejoſo do bem eſpiritual, que ſe hia dando a conhecer na Cidade, atalhou tudo com huma traça do Inferno: era muito valido d'elRey hum Sacerdote crioulo, (aſſi chamaõ lá os que tem miſtura de dous ſangues: e como raramente eſta maſſa inclina pera a melhor parte, ſegundo o que de ordinario vemos) homem vicioſo publicamente. Eſte tanto que vio em Congo Religioſos Letrados, e Prégadores, e de virtude exemplar, e notou em elRey inclinaçaõ pera elles, deuſe por perdido, fazendo conta, que quanto creſceſſem em authoridade, deminuiria a ſua; e como era idiota, nenhum lugar lhe ficaria com elle. Tanta força teve eſte ciume avivado do meſtre de toda a maldade, que com ver já dous enterrados, e o Vigairo combatido de crueis febres, naõ lhe ſofreo o coraçaõ

çaõ eſperar ſua morte; e tanto ſoube fazer, como o pobre Rey lhe era muito ſujeito, e de natureza facil de enganar, que quando o Vigairo cuidava ter Moſteiro feito, foylhe faltando nos Miniſtros Reays a deſpeza perá os officiaes da obra, com ſer pouco cuſtoſa. O meſmo Rey naõ apparecia nella como dantes, e a poucos lances foylhe faltando tambem a elle a porçaõ, que ſe lhe dava pera ſeu prato ordinario. Sentioſe o Vigairo, fez ſuas diligencias, chegou a requerimentos, e por naõ parecer peſado, ou importuno em pedir, começou a viver de empreſtimo, e andar por caſas dos Portuguezes: e aſſi perſeverava por naõ faltar na obrigaçaõ, que alli o trouxera. Aggravouſelhe a doença com o diſgoſto diſſimulado, determinou deſabafar, mandoulhe dizer, que pois ſeguia conſelhos perverſos contra o que devia a elRey de Portugal, que alli o enviara, e contra o bem eſpiritual de ſeus vaſſallos, e contra ſy meſmo negando a ſuſtentaçaõ a quem de taõ longe o viera ſervir, elle ſe queria hir aonde tiveſſe remedio de vida. Só lhe pedia que pera ter com que paſſar o caminho quizeſſe comprarlhe os livros, que pera o ſervir trouxera conſigo. Era o valido o que dava, e recebia os recados: alegre de ver fructificar ſua traça, fez pagar os livros; e o Vigairo ſe paſſou a Angola, e daly pollo Braſil a eſte Reyno, onde vive, e he Vigairo das Freiras de Montemór o Novo quando iſto eſcreviamos.

CAPITULO XIV.

Fundaçaõ do Moſteiro de Santta Anna de Leyria: contaõſe particulares virtudes de algumas Religioſas delle.

DOm Joaõ Coutinho Conde de Marialva acompanhou a elRey Dom Affonſo Quinto na jornada que fez ſobre Arzilla em Africa no anno de 1471. e no combate, com que foy tomada a terra, ſe meteo nos Mouros taõ denodadamente peleijando, que ficou atraveſſado, e morto de muitas, e grandes feridas. De que foy bom teſtemunho o termo com que elRey honrou ſua memoria, que foy armar cavaleiro ſobre ſeu corpo ao Principe Dom Joaõ ſeu filho, e dizerlhe por fim da cerimonia, que Deos o fizeſſe taõ bom cavaleiro, como o fora quem alli jazia. Era ſua mulher Dona Catherina Condeſſa de Loulé, filha de Dom Fernando ſegundo Duque de Bragança. Eſta Senhora ficou viuva, e ſem filhos: e como ſe vio em tal eſtado, determinou conſagrar a Deos todos os bens, que poſſuhia, fundando com elles hum Moſteiro de Freiras da Obſervancia de S. Domingos. Eſcolheo o lugar na Cidade de Leyria, e comprou junto do Rio, que a rega, todo o ſitio em que hoje eſtá, que ouve de Lopo Peixoto, e Iſabel de Lemos ſua mulher. Edificouſe o Moſteiro de vagar, e entre tanto foy negoceando as licenças de Roma pera lhe virem dar principio ſinco Religioſas do Moſteiro de Jeſus de Aveiro, por meyo do

Padre Frey Joaõ de Aveiro Vigairo geral da Obſervancia. Paſſou o Breve da licença o Papa Alexandre Sexto no anno de
1494. 1494. e nelle faz tanta honra às fundadoras, que chama Hieruſalem à caſa de que eraõ filhas. Foraõ eſtas Madres Sor Maria Diz, que logo foy inſtituida Prioreſſa, Sor Tareja Fernandes de Albuquerque, Sor Ines Annes, Sor Maria Peſſoa, e Sor Iſabel Vaz: e tomaraõ poſſe da caſa no anno ſeguinte
1495. de 1495. Mas porque havia algumas obras por acabar importantes, naõ comeſſou a correr em clauſura, ſenaõ tres annos deſpois, que foy por fim de
1498. Março de 1498. e deſte tempo lhe damos ſua antiguidade. Entraraõ no meſmo dia algumas Noviças, e começaraõ todas huma vida do Ceo, com tanto rigor, e auſteridade, que as Noviças deraõ em breve moſtras de ſerem mais, que diſcipulas na Religiaõ, do que foy bom teſtemunho ſerem buſcadas pera Fundadoras doutros Moſteiros, como logo veremos. Neſte principio admittiraõ as Madres na clauſura tres eſcravas por conſolaçaõ da Condeſſa, que as amava, e as deu pera que as Religioſas entendeſſem ſómente no eſſencial da Religiaõ, e ſerem ſervidas pollas eſcravas.

Deixou a Condeſſa a eſta Caſa todo ſeu patrimonio, bens de raiz, e moveis, ſem nada exceptuar, e mandouſe enterrar nella. As palavras do Teſtamento ſaõ de ver, dizem aſſi:

DEixo, e faço meus herdeiros minha alma, e o Moſteiro de Sancta Anna de Leyria, pera cuja fabrica, fazimento, e ſoportamento das Religioſas, que nelle viverem, e ſervirem a Noſſo Senhor, deixo toda minha fazenda, e bens, aſſi moveis, como raiz, ſegundo a mym pertencem, e de direito devem pertencer, e inteiramente lhe ſejaõ entregues, e hajaõ, e poſſuaõ pera ſempre pera o que dito he: porque de todo faço doaçaõ livre, e izenta à dita Caſa; porque nella haja continua obrigaçaõ, e lembrança de mym, e roguem a Deos por minha alma. Pollo qual lhes peço ſempre eſpecial memoria, e a Caſa ſeja de Freiras de S. Domingos da Obſervancia. Todo o aſſento do Moſteiro de Sancta Anna, e quanto ſe contém do cerco pera dentro, e a vinha que eſtá fóra delle, tudo he meu proprio: e eu o comprey, e paguey ametade a Lopo Peixoto, e a outra a Iſabel de Lemos ſua mulher, e a quinta da Barroſa com todo o que lhe pertence, e outras muitas terras, e olivaes. Todo o movel, todos os ornamentos, cruzes, calices, e toda a prata, que tenho ordenada pera a Capella, panos de

de armar, tapeçaria, nada diſto ſe venda, ou troque, nem dê, nem desbarate. Porque minha vontade he tudo aſſi ficar pera o dito Moſteiro, no qual me enterraráõ dentro no Capitulo, ou na Capella mór, ſe inda naõ for feito. Peço por mercê a todos de minha geraçaõ, que pollo de Deos, e por meu reſpeito hajaõ ſempre eſta caſa de Sancta Anna em ſua encomenda, e no que poderem, a emparem, e ajudem, quando forem requeridos, e naõ conſintaõ lhe ſer feito nenhum aggravo, nem ſem razaõ. E niſto faraõ o que ante Deos, e a cerca do mundo delles ſe eſpera, e a mym faraõ muita mercê, por ſer couſa que mais dezejo. Deixo por meu teſtamenteiro ao Frey Joaõ de Braga Prior de Aveiro, e meu Confeſſor.

Quinze annos viveo, e governou a primeira Prioreſſa Sor Maria Diz, com grande louvor de eſtreita obſervancia, e com a meſma ſe ouveraõ duas companheiras ſuas, que apoz ella ſerviraõ o meſmo cargo, que foraõ a Madre Tareja Fernandes d'Albuquerque, e deſpois Sor Iſabel Vaz. Aſſi ſendo companheiras em tudo, foraõ exemplo de perfeiçaõ pera as ſucceſſoras.

Entre as primeiras Noviças achamos contada Sor Iſabel Lopez: fora criada em caſa da Raynha D. Leonor: e trouxera da vida do Paço, conhecer quanto mais certo emprego he o que ſe faz no ſerviço de Deos, que no dos Principes da terra; ſendo aſſi que ſe querem venerados, e eſtremecidos, naõ ſendo mais que huma pouca de terra, acabando depreſſa, e fazendo pouco por quem melhor os ſervem, aſſi vivia com hum eſtranho cuidado de agradar a Deos naõ faltando até o dia, que acabou, que foy por eſtrema velhice em nenhuma das obrigaçoens da Regra, ajuntando apertados jejuns, aos ordinarios, e duras penitencias às quotidianas da Ordem, com huma entranhavel devaçaõ à ſagrada Paixaõ. Outras muitas couſas ſe viaõ nella, que a faziaõ venerar, e aver por ſancta: porque eraõ eſpantoſas, e fóra do curſo natural: mas ficando aſſi em groſſo eſta tradiçaõ, perdeuſe a memoria das particularidades, ficando ſó de huma, que com ſer em materia de pouca importancia, todavia faz maravilha. Quiz rezar de noite hum Pſalteryo, por huma amiga defuncta, foy a prover o candieiro de azeite, e a caſo lançou maõ de hum vaſo em que tinha arrobe, e encheo delle o candieiro ſem cahir no que fazia. E foy aſſi, que o licor da vide, como ſe fora de Oliveira, alimentou a candeya com taõ boa luz, e claridade, que ſem lhe ſentir differença, rezou, e fez outros ſerviços, e durou tanto no candieiro, que o vi-

o viraõ no dia ſeguinte, e feſtejaraõ o deſcuido com riſo; mas o ſucceſſo com eſpanto. Veyo à acabar eſta Madre com huma morte muito bem aſſombrada, e ſemelhante à vida, morte de ſancta. Deſatouſe, e ſeparouſe por ſy a companhia daquelle corpo, e alma, mais com força de antiguidade, e velhice, que de doença. Ella ſe foy rindo; Satanaz ficou chorando, quero dizer rayvando, e dando bramidos de dor; diſformes, e medonhos, polla que recebe de noſſo bem, que foraõ ouvidos por todas as Madres com aſſaz pavor, e por algumas peſſoas de fóra, e julgados por infernais. Tal opiniaõ ſe tinha de ſua ſanctidade, que naõ duvidavaõ ſeria odioſa ſua morte ao Demonio: e pollo meſmo caſo quando alguma adoecia, ſe valia confiadamente da terra de ſua ſepultura: e o meſmo faziaõ os ſeculares da Cidade; e huns, e outros affirmavaõ, que achavaõ remedio em tal mezinha.

Doutrina he do grande Agoſtinho, que ſe alegra Lucifer quando hum Sancto cahe, ou deixa o caminho da virtude. Bem ſe ſegue logo, que arderá em novas chamas de ſentimento, quando vir almas conſtantes em amor Divino até o ultimo termo da vida: como foraõ as Madres Sor Iſabel, de que acabamos de contar, e Sor Catherina do Evangeliſta, de que agora diremos. Eſta Religioſa, ſendo ſubdita, e deſpois Prelada do Convento, procedeo ſempre com grande cuidado de ſua alma: e foy em toda a vida taõ verdadeira filha de S. Domingos, que naõ havia quem lhe achaſſe nem huma minima tacha nos coſtumes, nem em ſeu trato. Quando veyo a fallecer ouviraõſe por toda a caſa outros roncos temeroſos, como na morte de Sor Iſabel, com ſignificaçaõ horrenda de ſentimento; e as Madres cahindo bem na conta do que ouviaõ, diziaõ com alegria, que eraõ effeitos, da magoa, e deſpeito, com que Deos permittia ſerem de novo os Demonios atormentados, vendo, que huma fraca mulher em virtude do ſangue de Chriſto alcançava com valor, e humildade, o que elles ſendo taõ valentes perderaõ por ſoberba.

No ſegundo anno deſpois da profiſſaõ foy gozar o premio della a Madre Sor Iſabel Ferreira. Contaſe, que foy das primeiras Noviças, que povoaraõ a caſa, e ſoubeſe tambem aproveitar da doutrina de ſuas Meſtras, e Fundadoras, que nos dezoito annos de idade, em que falleceo, era havida por hum eſpelho de toda a virtude: e com iſto eſcuſamos particularizar as excellencias, que tinha em cada huma. Deraõ teſtemunho dellas ſeus Confeſſores, que affirmaraõ naõ lhe ouvirem nunca culpa mortal. Deraõ teſtemunho os Anjos com muſica de vozes, e inſtrumentos, que foy ouvida de muitas Religioſas, que a acompanharaõ em ſeu felice tranſito. Em fim teſtemunhou a terra em que foy ſepultada tanto em favor da pureza, que em ſeu gremio recebia, que deſda hora que a tocou ficou aquelle pó transformado em flores: porque naõ ſahia delle menos, que ſe eſtiveraõ juntos, muitos ramalhetes

tes

tés de boninas cheiroſas, e particularmente violas. E ainda hoje ha quem affirme, que lança de ſy o meſmo cheiro: e tambem ſe diz, que ſararaõ alguns enfermos da Cidade com a terra, que mandaraõ levar da cova.

A Madre Sor Catherina Nunes fez huma vida taõ penitente, que pera homem robuſtiſſimo, e criado no deſerto fora incomportavel. Naõ lhe paſſava dia ſem tomar diſciplina, e à quarta, e ſeſta feiras tomava tres à imitaçaõ de noſſo Padre S. Domingos: e porque os cordeis ſó por ſy por aſperos, que ſejaõ, paſſados os primeiros golpes, ficaõ pouco penoſos: deſpois que com elles ſe caſtigava bom eſpaço, começava novo caſtigo com diſciplina de roſetas, que dando ſobre a carne mohida da primeira, faziaõ correr o ſangue em rios. Deſpois de profeſſa nunca dormio em cama, e ſempre andou deſcalça. Aſſi veyo a perder a côr natural, fezſelhe a tez do roſto negra, de piſado, e queimado, e naõ parecia mulher branca. Ajuntavaſe andar unida com Deos em perpetua oraçaõ mental, e na vocal ſer taõ continua, além das horas do Choro, que todas as noites rezava hum Pſalteyro, e neſtes exercicios nunca interpollados acabou ditoſamente a vida.

CAPITULO XV.

Das Madres Sor Brites Aranha, Sor Antonia de Teive, Sor Mecia primeira, e Sor Mecia ſegunda, Sor Maria de Goes, e outras.

DOus triennios achamos, que foy Prioreſſa a Madre Sor Brites Aranha, e muitos annos Meſtra de Noviças: e tal foy a doutrina, que em todo tempo deu, que o ſeu exemplo era prégaçaõ viva, a ſua oraçaõ, as ſuas penitencias fallavaõ por ella, de ſorte, que naõ tinhaõ as diſcipulas, e ſubditas, pera que ouvir ſeus capitulos, ſenaõ ſó olhar pera ella. A primeira couſa, em que mais vigilancia moſtrava, era na guarda das Conſtituiçoens: que de balde encomendara obſervancia, quem naõ for obſervante, e naõ ſó levemente, ſenaõ com rigor. As quareſmas levava inteiras a paõ, e agoa: e aſſi as ſeſtas feiras por toda a roda do anno. Cama naõ teve nunca, tanto por ſe mortificar, como porque o tempo, que della ſe havia de ſervir, gaſtava em oraçaõ no Choro, onde era mais moradora, que no leyto, nem na cella. A oraçaõ acompanhava ſempre com lagrimas, e com muitas diſciplinas de ſangue: que porque o naõ podia dar a Deos por via de martyrio, como eraõ ſeus dezejos, contentavaſe com lho offerecer por ſuas mãos derramado. Moſtrou o Senhor, que lhe chegava ao Ceo o cheiro de tal ſacrificio, e pagoulho com permittir, que a terra, em que foy ſepultada, ſendo deſpois a caſo tomada nas mãos,

mãos, cheiraſſe a roſas, e ficaſſe muito tempo nella eſta qualidade experimentada, e provada por todas as Religioſas com eſpanto.

Temos na Madre Sor Antonia de Teive outra maravilha como a dos oſſos de Eliſeu; que deſpois de morto fizeraõ ſeus oſſos effeitos de Profeta vivo. Era havida por muito ſancta em vida, moſtrou ſello ao certo deſpois de morta. Succedeo a cabo de muitos annos abrirſe a ſua cova pera ſervir a outra Religioſa defuncta: ao cerrar, como he ordinario, ſobejou terra; e ficou nella hum oſſinho dos mais meudos do corpo humano. Era preſente huma Madre velha, que conhecera a defuncta antiga, lançou maõ delle com tanto alvoroço, como ſe achara huma pedra precioſa: e naõ ſe enganou; porque mandandoo a alguns enfermos, ſe provou, e ſoube de certo, que fizera em todos obra milagroſa.

Na Madre Sor Mecia, de quem as memorias antigas nos naõ daõ ſobrenome, apontando ſó, que era nobre, quiz moſtrar o Senhor quanto o agrada em quem o ſerve o cuidado da oraçaõ, e contemplaçaõ. Tinha muitas virtudes; mas ſobre todas, todo ſeu emprego, e todo ſeu goſto era neſtas. Eſqueciaſe de tudo o da vida na hora, que ſe achava diante de huma devota Senhora da Piedade, que na caſa havia de vulto, ſentada ao pé da Cruz com o defuncto Jeſus nos braços. Dezejava ſentir com ella os fios da eſpada, que naquelle paſſo atraveſſavaõ ſua affligidiſſima alma. Chorava com vivas lagrimas as magoas da mãy, e as dores, e morte do filho, e os peccados do mundo, que de tudo foraõ cauſa; e eſte era ſeu paõ quotidiano. Hum dia eſtando toda embebida, e como tranſportada neſta conſideraçaõ, acompanhandoa com entranhavel ſentimento: eis que ſubitamente vê poſto em ſeus braços o bom Jeſus, aſſi ferido, e chagado, e morto, como eſtava nos braços da Mãy Sagrada. Grande miſericordia, ſoberano favor. Conſtanos do ſucceſſo com certeza; porque ſe verificou por via em que naõ havia engano; mas naõ ficou em memoria, como ſe ouve nelle a humilde, e contemplativa Madre.

Doutra Madre do meſmo nome, e tambem ſem declaraçaõ de apellido, mas com certeza de que foy igualmente nobre, e Prioreſſa neſta Caſa, nos dizem caſo eſtranho as relaçoens antigas. Affirmaõ, que em ſua morte foy ouvida celeſtial muſica: e com iſto eſcuſamos eſpecificar as partes de virtude, e eſpiritu, que tanta honra lhe renderaõ; porque todas ficaõ como cifradas nella. Nas Religioſas dobrou as ſaudades, vendo, que perdiaõ ellas o meſmo em que o Ceo pollos finais moſtrava ganhar muito.

Com ſemelhantes penhores de gloria vio eſte Moſteiro partir da vida a Madre Sor Maria de Goes. Foy eſta Religioſa hum dos raros eſpiritus em pureza de conſciencia, e na guarda do que tinha profeſſado, que na Ordem de S. Domingos ſe criaraõ: e como era unica em tudo o que de huma eſſencial Religioſa ſe póde, e deve eſperar, paſſaõ os que della trataõ pollo particular de ſuas virtu-

virtudes, e aſſaz nos deixaraõ neſta generalidade. Só ajuntaõ, que era com encarecimento devota da glorioſa Sancta Anna: e que de toda a Communidade era em tanto extremo reſpeitada, que paſſava o reſpeito a veneraçaõ. Vindo a fallecer em grande velhice, eſtava cercada de todas, e todas muito ſentidas de haverem de ficar privadas da que tinhaõ por mãy na idade, e emparo na virtude. Eis que lhes fora às orelhas hum ſom de orgãos taõ acordado, e ſuave, que grandemente deleytava; mas pollo meſmo caſo, por ſer em tal conjunçaõ, eſcandalizou; e ficaraõ em lembrança os nomes de duas Madres, que com ſentimento ſe levantaraõ, e foraõ correndo ao Choro, pera reprenderem quem em ponto, que ſe deviaõ deſconſoladas lagrimas, tinha mãos pera inſtrumentos de alegria. Chamavaõſe Sor Madalena de Jeſus, e Sor Briolanja das Chagas: porém tornaraõ mais admiradas, do que foraõ ſentidas; porque acharaõ tudo ſó, e ſem raſto de ſe haver aberto o Orgaõ. Aſſentaraõ ſe com as irmãs, que acompanhavaõ a ſancta Velha; e naõ eraõ bem aſſentadas, quando torna a ſoar a meſma armonia, e naõ ceſſou até, que deſpedindoſe a bemdita alma do corpo, e voando pera o Ceo a levou conſigo.

Da Madre Sor Anna Brandoa ſe teve por certo, e ſem duvida em toda a Communidade, que foy viſitada na hora da morte de noſſos Padres S. Domingos, e S. Franciſco. Foy final antecipado deſta honra além de outros huma vida toda entregue a Deos, ſem nunca deſviar pera couſas do mundo, e grande devaçaõ com eſtes Sanctos. Foy o ſegundo o que deraõ os Demonios com terremotos, e medos, que na meſma hora fizeraõ em caſa, como esbravejando com ira, e enveja, ao modo que tinhaõ feito na morte das Madres Sor Iſabel Lopez, e Sor Catherina do Evangeliſta.

Merece memoria neſtes eſcritos a Madre Sor Elena da Cunha por particular louvor, que teve de grande penitente, porque padecendo grandes miſerias, e immenſo trabalho com hum Cancro aberto, que lhe comia os peitos, naõ podia acabar conſigo deixar da maõ a diſciplina, e fazer penitenciae de grande aſpereza. Dizia qu, o Cancro era mal da naturezas e doença forçada; e por tanto naõ deſobrigava de lhe juntar penitencia voluntaria. Era devotiſſima da Paixaõ, conſiderava as dores dos pés, e mãos do Bemdito Jeſus. Tudo quanto padecia, e fazia, lhe parecia pouco à viſta da Cruz. Como tinha eſpiritu pera ſofrer tanto, quiz a Communidade, que provaſſe tambem o trabalho de governar; deraõlhe o de Prelada, que adminiſtrou com a ſatisfaçaõ, que de ſua virtude ſe tinhaõ prometido.

Muitas outras Religioſas deixaraõ fama de grande ſanctidade neſta Caſa: mas como naõ ouve quem dellas eſcreveſſe, como fizeraõ as Madres de Jeſus de Aveiro, foy o tempo eſcurecendo ſeus nomes, e obras: e eſta he a cauſa, porque ſendo taõ antiga, e fundada na Obſervancia, que com muito cuidado ſeguio, achamos delle pouco, que eſcrever: e o que

temos dito colhemos polla môr parte de algumas Madres muito velhas, que com o zelo da Religiaõ conſervavaõ com firme memoria as obras, e exemplos ſanctos, que tinhaõ viſto, e ouvido em longos annos: entre as quais devemos lembrança à Madre Sor Mecia Brandoa, que deſpois, que huma vez foy Prioreſſa, ficou logrando muito tempo vida quieta, e ſimples, com grande opiniaõ de virtude, e todas as vezes, que ſe offerecia occaſiaõ animava as moças com o muito, que neſta Caſa vira, e ouvira.

De tudo foy bom teſtemunho, que poucos annos deſpois de fundada a Caſa, mandou tres Religioſas a fundar o Moſteiro de Noſſa Senhora da Saudaçaõ de Montemór o Novo: e foy com ellas a Madre Iſabel Vaz huma das Fundadoras deſte. Foraõ as duas Sor Catherina de Goes, e Sor Catherina Soagem.

De ordinario ſe ſuſtentaõ aqui ſetenta Religioſas, numero demaſiado, porque a renda de dinheiro naõ chega a cem mil reis: de trigo, e azeite tem boa quantidade; e eſta junta com a barateza da terra, faz que poſſaõ viver; mas naõ ſem trabalho, e empenhos. Tiveraõ muitas, e boas propriedades; de que humas ſe foraõ perdendo com o tempo, que tudo deſtrue; outras alienou a liberalidade mal conſiderada das Preladas, com boa tençaõ mais que culpa.

Merecenos ficar em memoria neſtes eſcritos huma nobre Dona deſta Cidade por nome Iſabel de Lemos, taõ devota do habito de S. Domingos, que toda a vida o trouxe veſtido, e taõ affeiçoada polla meſma rezaõ a eſte Moſteiro, que ſendo muito rica, lhe deixou por ſua morte quanto poſſuhia; e mandandoſe enterrar na Capella mór, antevio com bom juizo, ou quaſi adevinhou, que podia vir tempo em que com ella deſpejada poderiaõ as Madres ganhar alguma grande herança; e ordenou a eſte reſpeito, que foſſe ſua ſepultura detraz do Altar mór. A herança he couſa ſabida, foraõ quatro caſais, tres olivais, tres moinhos, huns pinhais, e humas caſas, e muito bom movel. E com dar tanto, contentouſe com a Miſſa Conventual da ſegunda feira de cada ſemana, e hum officio de nove liçoens, com ſua Miſſa cantada no Oitavario dos Sanctos. A herança grande, que eſta boa Dona antevio, tardou muitos annos; e emfim chegou no de 1626. em que iſto eſcreviamos, e foy Deos ſervido, que foſſe de peſſoa da Caſa de Bargança, pera que os meyos ſeguiſſem ſua origem, e principios, e ſe cumpriſſem os dezejos da fundadora, e encomenda, que por teſtamento fez a herança. A Senhora Duqueza de Caminha Dona Brites mulher do Duque Marquez de Villa Real, e filha do Duque de Bargança Dom Theodoſio, fallecendo em Leyria, eſcolheo ſua ſepultura entre eſtas Madres.

CAPI-

CAPITULO XVI.

Fundaçaõ do Convento de Noſſa Senhora da Serra em Almeirim.

ENtra com o primeiro anno, que começa a correr o ſecular de mil, e quinhentos do Naſcimento do Redemptor, o Convento da Serra de Almeirim. E como de humildes principios acontece muitas vezes ſahirem couſas grandes: eſte que naõ teve por origem mais que huma pobre hermida, ſituada no meyo de huma charneca herma, e ſeca, he hoje Caſa celebre em Religiaõ, e devaçaõ do povo, em affeiçaõ dos Reys, e em amor de toda a Nobreza do Reyno. Sua origem foy aſſi. Continuando paſtores com ſeu gado a charneca, e correndo tudo, acharaõ na ladeira de hum monte entre deſcompoſta penedia huma Imagem da Virgem Noſſa Senhora, como ſegundo o que atraz deixamos eſcrito, ſe tem deſcuberto outras muitas neſte Reyno, e por toda Eſpanha. Soube a devaçaõ montanheza eſtimar o achado: eſpertoua a Senhora com milagres, e beneficios: juntaraõſe os que habitavaõ nos valles vezinhos, e ſe aproveitavaõ dos mattos pera ſeus gados, e criaçoens; levantaraõlhe hum pobre gaſalhado no alto do monte. Do tempo, que ſe achou a Imagem, e foy edificada a hermida (como entre gente ruſtica) naõ ficou lembrança: ſó conſta, que reynando elRey Dom Joaõ Segundo, já a caſinha tinha nome, e era viſitada, como os Reys começaraõ a continuar a eſtancia de Almeirim; eſtancia deleytoſa nos mezes do Inverno com a occaſiaõ da caça, que he muita, huma de veaçaõ, que offerece o monte na eſpeſſura dos boſques, e mattas: outra de volateria nos campos, que ſe eſtendem a perder de viſta ao longo da montanha, e do grande Rio Tejo. Acontecia viſitarem tambem a hermida, humas vezes à conta do exercicio da montaria, outras por devaçaõ. Succedendo o meſmo a elRey Dom Joaõ Segundo, teve tençaõ de a fazer de novo; e em parte onde cuſtaſſe menos trabalho aos devotos os paſſos, que deſſem pera a buſcar: porque o monte era muito agro, e trabalhoſo de ſubir. Atalhou a morte os bons penſamentos: mas naõ lhe tirou deixallos declarados no teſtamento, e encomendados a ſeu primo, e ſucceſſor elRey Dom Manoel, particularizando, que ſe edificaſſe junto da fonte, e com gaſalhado pera hum hermitaõ. Era o legado facil, e de goſto pera quem folgou de acudir com prompta execuçaõ a outros mais peſados: naõ ſó mandou fazer a caſa, mas tratou de a ornar por muitos modos. Foy o primeiro darlhe hum retabolo, em que ſe mandou retratar com a Raynha Dona Maria; e deſpois todos ſeus filhos, e filhas, que hoje dura. O ſegundo naſceo do creſcimento, que ouve na devaçaõ, e romagem, deſpois, que a mudança, e concerto ſe publicou na Comarca. Do que ſendo elRey informado, e de alguns milagres, que a Senhora de novo fazia, quiz que ouveſſe nella Sacerdotes perpe-

tuos pera mais veneraçaõ da ſancta Imagem, e conſolaçaõ dos que a viſitaſſem. Com eſte ſancto fim fez Doaçaõ da caſa à Ordem, pondolhe obrigaçaõ de ter nella continuos tres Sacerdotes, e huma Miſſa quotidiana, como he de ver de ſua Carta Real, que he a que ſe ſegue.

DOm Manoel por graça de Deos Rey de Portugal, e dos Algarves, da quem, e dalém, mar em Africa, Senhor da Conquiſta, navegaçaõ, e Comercio da Ethiopia, Arabia, Perſia, e da India, &c. A quantos eſta noſſa Carta virem fazemos ſaber, que conſirando nós como a caſa de noſſa Senhora da Serra de junto de Almeirim pudeſſe ſer melhor provida, e nella as couſas do ſerviço de Noſſo Senhor pudeſſem ſer melhor feitas, e a cerca dellas pudeſſe haver quem melhor, e mais continuadamente a fizeſſe, e miniſtraſſe, determinamos fazer da dita Caſa eſmolla ao Moſteiro de S. Domingos da noſſa Villa de Sanctarem. Porém por eſta preſente Carta, por fazer graça, e mercê por eſmolla ao Prior, Frades, e Convento do dito Moſteiro, lhe fazemos pura, e irrevogavel Doaçaõ deſte dia pera todo ſempre da dita Caſa de noſſa Senhora da Serra, com todo ſeu aſſento, e com todas as couſas de ornamentos, e quaeſquer outras, que até o preſente nella eſtem, e tenhamos dadas pera o ſerviço da dita Caſa, aſſi, e taõ inteiramente, como ella, e todo o que a ella he dotado, e ordenado nos pertence, e por qualquer maneira ao diante nos pertencer poſſa: com obrigaçaõ, que o dito Prior, e Frades, e Cenvento do dito Moſteiro ſejaõ obrigados pera todo ſempre ter continuadamente na dita Caſa pera o ſerviço della, e pera os officios Divinos, e couſas do ſerviço de Noſſo Senhor tres Frades, dos quais hum ao menos ſeja de Miſſa: e nella cada dia ſe diga ao menos huma miſſa, de qualquer devaçaõ, Sancto, ou Sancta, que elles mais quiſerem: porque neſta parte naõ queremos, que tenhaõ obrigaçaõ alguma ſómente. E ſe aſſi na dita Caſa os ditos tres Frades naõ eſtiverem, e a dita miſſa ſenaõ diſſer na maneira que dito he, por eſſe meſmo caſo eſta Doaçaõ ficarà nenhuma: e a dita Caſa, e couſas della ficaráõ livremente a

nós

nós pera della provermos , e fazermos o que noſſa mercê for , e aſſi como o era antes deſta Doaçaõ lhe fazermos. Porém mandamos ao noſſo Contador da dita Comarca , e ao noſſo Almoxarife de Almeirim , e a quaeſquer outros noſſos officiaes , e peſſoas a que eſta noſſa Carta for moſtrada , e o conhecimento della pertencer , que metaõ em poſſe da dita Caſa , e de todas as couſas della ao dito Prior , Frades , e Convento do dito Moſteiro , e della , e de todo o della os leixem uzar , e o poſſuir inteiramente , e fazer como de couſa propria da ſua Ordem , ſem duvida , nem embargo algum , que lhe a ello ponhaõ , porque nós lhe fazemos , aſſi de todo doaçaõ , e eſmolla pera todo ſempre com a dita obrigaçaõ na maneira , que dito he. E o dito noſſo Contador faça regiſtar eſta noſſa Carta em o livro dos noſſos proprios da dita Comarca pera em todo tempo ſe poder ſaber como eſta Doaçaõ aſſi fizemos. Dada em a noſſa Cidade de Lisboa aos 16. dias do mez de Abril. Alvaro Fernandes a fez , Anno do Naſcimento de Noſſo Senhor Jeſus Chriſto de mil quinhentos , e hum. Rey.

Por virtude deſta Proviſaõ tomaraõ poſſe da Caſa os Religioſos de Sanctarem , e foraõ em conformidade della correndo com a obrigaçaõ , até que paſſados alguns annos , hindo elRey hum dia viſitalla , lhe pedio o Principe Dom Joaõ , que o acompanhava em idade , que naõ era mais de onze annos , que lhe deixaſſe fazer alli hum Moſteiro da Ordem de S. Domingos. Eſtimou o Pay a inclinaçaõ do filho em annos taõ tenros , como pronoſtico certo daquelle grande zello , com que deſpois , que ſuccedeo na Coroa foy protector , e pay verdadeiro de todas as Religioens ; e alegremente lhe deu a licença. Era de ver o cuidado com que naquella puericia emprendeo o Principe a obra : inda que naquelles tempos corriaõ rios de ouro , e prata , da groſſura , e valia das eſpeciarias , e drogas da India : tambem era de ver , como conſervavaõ os animos Reays a moderaçaõ antiga no deſpender. Acudiaõ elRey , e a Raynha ao gaſto da obra , e ao goſto do Principe ; mas com temperança tal , que o Principe com facilidade de moço , e dezejo de ver creſcer o edificio , inda que pouco cuſtoſo , chegava a valerſe dos fidalgos , pedindolhes parte em ſuas moradias pera que ajudaſſem as paredes , que deſpois haviaõ de ſer commodidade , e recreaçaõ de todos , como na verdade foraõ logo , e pollos annos adiante : porque continuando o monte , hora em companhia dos Reys , hora ſós , quan-

quando acontecia tornarem canſados, e mohidos (que o mór paſſatempo da vida humana ſe compra no fim com quebrantamento do corpo, e faſtio da vontade) achavaõ aqui alivio de trato cortez, e ſancto, com Frades bem entendidos, letrados, e curioſos. E ſe era tempo invernoſo, tinhaõ abrigo de caſas recolhidas, e bom fogo nas chaminés. Eſtas diligencias fizeraõ aparecer depreſſa o Convento feito com todas ſuas partes, e commodidades, de cerca, e horta, e ſua nora: porque a fonte, de que faz mençaõ o teſtamento d'elRey Dom Joaõ, era de taõ pouca ſubſtancia em quantidade, e qualidade da agoa, que os Frades a deixaraõ perder; e pera beberem ſe valem da agoa do Tejo, que recolhem a tempos em grandes talhas de barro. A nora ſerve pera regar a horta, e pera lhe fazer huma fonte de arteficio, e recreaçaõ pera os olhos; porque as agoas deſta charneca geralmente ſaõ groſſas, e pouco ſádias. O Convento ficou com o nome, que lhe deu o primeiro ſitio de noſſa Senhora da Serra, e he o meſmo, que o Senhor Biſpo de Monopoli, quando trata de Portugal chama del Salto, foy culpa de quem lhe deu a informaçaõ, que a fez latina, e latinizou o nome mais do neceſſario.

Dos milagres, que ſe contavaõ da Senhora de tempos atraz, ſe perdeo a memoria particular, que ſe conſervou com a occaſiaõ de hum legado, que em teſtamento deixou Franciſco Pirez lavrador d'alcunha o Gago. Tinha perdido de todo a viſta, encomendouſe a eſta Senhora, cobroua; em graças offereceolhe o que tinha de ſeu, que era huma vinha, que hoje lograõ os Frades.

CAPITULO XVII.

Das indulgencias, que o Principe impetrou da Sé Apoſtolica pera o Convento: e da devaçaõ que elle, e os mais Reys deſte Reyno lhe tiveraõ ſempre.

NAõ ſe contentou o Principe com ver acabado o ſeu Moſteiro no material de pedra, e cal: procuroulhe renda commoda pera viverem os Frades: e ſobre a que ſeu Pay deu, ajuntou outra deſpois, que ſuccedeo na Coroa, com que ſe ficaraõ ſuſtentando vinte Frades: mas primeiro tratou de bens eſpirituais: no meſmo tempo que corria a obra, e ſendo taõ moço, como temos dito, mandou eſcrever ao Embaixador, que elRey tinha em Roma, que em ſeu nome pediſſe algumas graças, e favores eccleſiaſticos pera os que viſitaſſem a caſa, ou ajudaſſem o edificio, e Frades com eſmollas. Concedeulhas o Summo Pontifice, que era Leaõ Decimo: e he de ver a Bulla; porque com ſer liberaliſſimo de tudo o que era temporal, no que tocava ao eſpiritual de indulgencias, procedia com tanta eſtreiteza, que lhe naõ deu mais que ſincoenta annos, e outras tantas quarentenas de perdaõ: e iſto ſómente em quatro feſtas da Senhora, que ſaõ Purificaçaõ, Annunciaçaõ, Aſſumpçaõ, e Naſcimento: e na Epifania, precedendo confiſſaõ, e eſmolla pera o Convento nos que as ouve-

ouverem de ganhar. A Bulla lançaremos aqui eſtendidamente : porque por ella ſe vê, que foy agencia do Principe, e conſta de ſua idade. A traduçaõ eſcuſaremos ; viſto como temos declarado o que contém.

LEo Papa Decimus vniuerſis Chriſti fidelibus præſentes literas inſpecturis ſalutem, & Apoſtolicam benedictionem. Loca ſanctorum omnium, præſertim ſub Beatæ Mariæ Virginis Dei genitricis inuocatione inſtituta, pia ſunt fidelium deuotione celebranda ; vt ipſam Dei genitricem honorantes in terris, nos amabiles Deo reddat, & illius nobis quodammodo patrocinium vendicantes apud ipſum, quod noſtra merita non obtinent, ejus mereamur interceſſionibus obtinere. Cum itaque, ſicut accepimus, dilectus filius nobilis vir Ioannes Princeps Portugalliæ chariſſimi in Chriſto filij noſtri Emmanuelis Portugalliæ, & Algarbiorum Regis illuſtris natus, zelo deuotionis accenſus, ac cupiens Deo ejuſque genitrici Uirgini Mariæ primitias offerre, in quodam ejuſdem Beatæ Mariæ Uirginis ſacello, de ſerra nuncupato, Vlixbonenſis Diœceſis, magnæ quidem deuotionis, ac peregrinorum eó confluentium frequentia percelebri, quandam domum pro perpetuis vſu, & habitatione Fratrum Ordinis Prædicatorum regularis obſeruantiæ amplo ædificio omni opera, & impendio conſtrui, & ædificari fecerit, illamque pro eorundem Fratrum ſuſtentatione, reditibus ſatis competentibus ditauerit: Nos cupientes, vt in dicta domo Dei deuotio, & loci celebritas frequentiori Chriſti fidelibus concurſu magis augeatur, nec non Chriſti ipſi libentius deuotionis cauſa ad domus hujuſmodi ampliationem, conſtructionem, manutentionem, conſeruationem, & reparationem, nec non Fratrum ejuſdem ſuſtentationem, manus promptius porrigant adiutrices, quò ex hoc ibidem dono cæleſtis gratiæ vberius conſpexerint ſe refertos : de Omnipotentis Dei miſericordia, ac beatorum Petri, & Pauli Apoſtolorum ejus authoritate confiſi omnibus, & ſingulis Chriſti fidelibus verè pœnitentibus, & confeſſis, qui eccleſiam dictæ domus in Epiphaniæ Domini, Purificationis, Annuntiationis, Aſſumptionis, atque Natiuitatis

tis Beatæ Virginis feſtiuitatum diebus, à primis veſperis, vſque ad occaſum Solis ſequentium dierum dictarum feſtiuitatum reſpectiuè deuoté viſitauerint, & ad conſtructionem, ampliationem, manutentionem, conſeruationem, & reparationem, nec non ſuſtentationem prædictas, manus porrexerint adjutrices, quinquaginta annos, & totidem quadragenas de injunctis eis pœnitentijs miſericorditer in Domino relaxamus, præſentibus perpetuis futuris temporibus duraturis. Uolumus autem quod, ſi viſitantibus dictam Eccleſiam, & ad præmiſſa manus porrigentibus adjutrices, aut aliás inibi, aliqua alia in perpetuum, vel ad certum tempus nondum elapſum duratura, per nos conceſſa fuerit indulgentia, præſentes literæ nullius ſint roboris, vel momenti. Datum Romæ apud Sanctum Petrum ſub annulo Piſcatoris die X. Maij. M. D. XIIII. Pontificatus noſtri anno ſecundo.

Como em todos, os que vivemos, ſe ache ſempre muy pegada com noſſa natureza aquella inclinaçaõ, que os Gregos chamaõ filaucia, em nós amor proprio, daqui naſce contentarſe todo o homem das obras de ſuas mãos, e amallas; que he a meſma rezaõ, por onde naõ ha ninguem, a quem pareça mal o filho, que gerou, por feyo que ſeja, reprove o livro que eſcreveo, condene o verſo que compoz. Amou elRey D. Joaõ eſta Caſa em quanto Principe, como procedida de ſua traça, e devaçaõ; e naõ lhe foy deſaffeiçoado deſpois de Rey, com quanto fez outras muito mayores em policia, deſpeza, e corpo. Aqui ſe vinha, como eſtava em Almeirim; e pera melhor gozar da eſtancia ſem perturbaçaõ dos Religioſos, e officios da Religiaõ, mandou acreſcentar ao edificio fradeſco outro pera ſy; porém moderado, e como caſa de campo: e tanto que o teve feito continuava com mais goſto, e com grande conſolaçaõ dos Religioſos, que eſtimavaõ terem por teſtemunha de ſeus trabalhos, e de taõ perto, ſeu proprio Rey, e Rey taõ religioſo.

A meſma affeiçaõ moſtrou ſempre a eſta Caſa o Cardeal Dom Henrique ſeu irmaõ, que deſpois foy ultimo Rey deſte Reyno. Achavaſe taõ bem diſpoſto nella, que affirmava era o ſitio muito conforme à ſua natureza, e complexaõ. E foy bom indicio, que naõ ſe contentando de eſtar retratado com ſeu pay, e irmãos no retabolo da Capella mór em idade pueril, ſe mandou retratar deſpois de velho, diante do Crucifixo do Altar de Jeſus; que he no cruzeiro, onde o vemos de joelhos, e bem ao natural. Apoz eſta memoria deixou outra, dando ao Convento huma Cruz de prata dourada, com huma fermoſa reliquia incluſa, que he

outra

outra Cruz feita do Lenho da verdadeira Cruz de Chriſto.

Naõ lhe teve menos devaçaõ elRey Dom Sebaſtiaõ: nem tratava com menos affabilidade os Religioſos della: e pera nos ficar de huma, e outra couſa eterna memoria, e ſaudade, ſuccedeo, que trazendoſe ſeus oſſos de Africa por ordem d' elRey Dom Felippe Primeiro de Portugal pera ſe juntarem em Belem com os de ſeu Pay, e avós, vieſſem primeiro parar aqui. Acudiraõ os Frades a receber feito cinza, quem poucos annos antes agaſalhavaõ vivo, ſaõ, e alegre; entaõ com feſta, e cantos de goſto: agora com vozes funerarias. Tal foy o aballo, que eſta conſideraçaõ fez em todos (eraõ deſaſete os que ſe acharaõ no Convento) que naõ ouve nenhum, a quem naõ cortaſſe o coraçaõ, e do centro delle arrancaſſe deſconſoladas lagrimas. Era preſente Dom Affonſo de Caſtello Branco Biſpo do Algarve (deſpois o foy de Coimbra) que governava eſta Companhia com muitos fidalgos, que cubertos de triſteza o acompanhavaõ: e os mais delles ſe lembravaõ, que o tinhaõ acompanhado, e trazido alli meſmo muitas vezes com grande goſto, e trajos de alegria: cahiraõ na rezaõ, que aos Frades obrigava: renovouſe em cada hum a chaga propria, foy pranto geral.

ElRey Dom Felippe o Primeiro deſte nome em Portugal, ſegundo no reſto de Eſpanha, folgou de ſe parecer com ſeus anteceſſores em honrar tambem eſta Caſa. E ainda que o peſo dos negocios do Reyno novamente acquirido, e ſua idade creſcida, e quebrantada de achaques de gota, quaſi continuos, lhe naõ deraõ lugar no tempo, que em Portugal aſſiſtio pera buſcar por goſto as recreaçoens de Almeirim, e do monte: com tudo tomou occaſiaõ pera ver o ſitio, e entrar no Convento com a vinda da Emperatriz Dona Maria ſua irmam. Vinha eſta Senhora de Alemanha viuva do Emperador Maximiliano fallecido no anno de 1576. e atreveoſe a eſtender a jornada, vindo de taõ longe até eſte ultimo Occidente, por ver o irmaõ velho no Reyno novo. Sahio elRey de Lisboa a recebella: e porque a Emperatriz trazia o caminho por Coruche, tomou por limite eſte Moſteiro, e nelle eſteve tres dias eſperando que chegaſſe, e daqui ſe foraõ ambos embarcar a Salvaterra. Era Prior o Padre Frey Thomas Rebello religioſo ſizudo, e grave: ouveſe elRey por bem ſervido delle, no que ſe offereceo, e ficou taõ ſatisfeito do que entendeo da Caſa, que vendo muitos annos deſpois ao Meſtre Frey Joaõ de Valadares em Madrid, aonde foy por negocios da Ordem, lhe fallou nella com ſignificaçaõ de goſto mais de huma vez. E naõ he pera eſquecer em prova de como a tinha na memoria, que fallando tambem com o Duque de Aveiro, lhe contou algumas vezes por graça o que lhe acontecera nella. Foy o caſo, que os Miniſtros de ſua meza do Eſtado, ou enganados na conta dos dias, que a Igreja tolhe carne, ou nos que Sua Mageſtade ſe poderia alli deter, ſe acharaõ huma menham ſem ter que dar de comer a todo aquel-

le grande acompanhamento, que o ſeguia, por ſer obrigaçaõ, e dia de peixe. Sentioſe a falta, e chegou a noticia della a el-Rey: como ſenaõ podia remediar de longe, advertio elle, que ſe ſoccorreſſem ao Prior, que entre Frades de S. Domingos naõ podia faltar provimento de peſcado. Foy boa ventura, que tinha metido na procuraçaõ poucos dias antes, como ſe adevinhara o ſucceſſo, muitas peſcadas ſecas, e boa copia de litoens; deu tudo, como era em deſerto, ouveraõ os Cortezaõs, que fora banquete de milagre. Aſſi o contava o bom Rey: e ſendo aſſaz favor ſó por ſy a lembrança, montou deſpois ao Convento cento, e ſincoenta cruzados mais de renda, que hoje poſſue, e ſe lhe pagaõ na caſa, e rendas dos Conegos regulares de Sancta Cruz de Coimbra. Hia Sua Mageſtade remindo com pençoens Eccleſiaſticas, algumas quantias, que os Reys paſſados tinhaõ applicado do patrimonio Real aos Moſteiros do Reyno. Paſſavalhe tudo polla maõ, e peſava tudo com aquelle ſeu entendimento, que foy rariſſimo entre todos os Reys do mundo. Chegoulhe huma conſulta de muitos Conventos juntos, que haviaõ de largar o que comiaõ da Coroa. Achando entre elles eſte da Serra, mandou, que em todos os mais procedeſſe a commutaçaõ: e ſó elle ficaſſe gozando o que tinha da Coroa, que eraõ cento, e ſincoenta cruzados, e juntamente a pençaõ que lhe vinha ſineſada de outra tanta quantia, e aſſi ſe fez.

CAPITULO XVIII.

Da vida, e morte do Padre Frey Thomas da Coſta filho deſte Convento.

OUve neſta Caſa em tempos atraz criaçaõ de noviços, que hoje naõ ha; e temos que dizer de hum inſigne filho della, e tal, que naõ ha pera que ſentirmos faltaremlhe outros; porque eſte ſó pera lhe dar nome, e honra ſupre por muitos. Foy o Padre Frey Thomas da Coſta Varaõ taõ famoſo em letras, e pulpito, que elRey Dom Joaõ o eſcolheo por ſeu Prégador em tempo, que neſtas duas qualidades havia muitos homens eminentes. Mas o que mais honra lhe grangeava, era naõ ſer a ſua ſciencia daquellas, que inchaõ, e enchem de preſunçaõ a ſeus donos. Tanta humildade morava em ſeu coraçaõ, que nunca quiz aceitar na Ordem gráo de Meſtre: nem por tal ſe nomeou; ſendo aſſi, que elRey o nomeava por Meſtre todas as vezes, que lhe eſcrevia, ou fallava. E na verdade, que os Reys graduaõ, e podem graduar os que lhe parecerem dignos, como fazem as Univerſidades, polla meſma rezaõ, que dellas ſaõ Pays, e Protectores. Era taõ pouco ambicioſo, que com ſer muito aceito a elRey, e aos Infantes ſeus irmãos, affirmaſe delle, que nunca entrou no Paço a outro effeito mais, que a prégar. Taõ pobre, que ſendo eſtimado de toda a Corte, naõ havia na ſua cella mais apparato, nem mais alfayas, que na de qualquer Frade ordinario.

rio. A ſua prégaçaõ tinha tudo junto o que a natureza, quando he liberal, parte por muitos; aviſo, graça, elegancia, profundos conceitos, provas acertadas, muita liçaõ dos Sanctos, boa voz, boa expreſſiva: e ſobre tudo huma liberdade Apoſtolica em amoeſtar, e reprender. Com eſtas partes, que acompanhava com religiaõ, e virtude mociſſa, levava apoz ſy toda a Corte, obrigava, e movia os ouvintes com facilidade a tudo o que queria: já a devaçaõ, que fazia derreter em lagrimas até os mais deſcompoſtos na vida: já a medo, que naõ havia quem naõ tremeſſe. E o que mais eſpanta, no breve eſpaço de hum ſermaõ acontecia mover os animos a diverſos, e às vezes encontrados affectos. Por onde lhe acommodavaõ com rezaõ o que ſe diſſe antigamente do outro Grego, que trazia os coraçoens dos homens dependurados da ſua boca. Foy argumento de ſua liberdade, dizer a elRey no roſto algumas verdades muy cruas, e peſadas. Aſſi diremos huma ſó, que foy celebrada, polla pena que lhe cuſtou. Prégava na Capella, era dia de Cinza: propoz por thema: *Memento homo quia pulvis es, &c.* e ajuntou: Que novas eu trago pera ſer bem ouvido: e logo proſeguio aſſi: Muito Alto, e muito Poderoſo Rey, e Senhor noſſo. Eſtas palavras querem dizer, que Voſſa Alteza he pó, e cinza, e nella ſe ha de tornar muito brevemente. Devia haver entaõ cauſa, que obrigou ao Prégador a fazer particular o aviſo, que a Igreja dá geral. Della naõ ficou lembrança. Só ſabemos, que elRey mandou, que foſſe degradado da Corte: porque ouve animos cativos, e pera pouco, que julgaraõ por atrevimento huma verdade, que dentro de poucos annos viraõ cumprida. Mas elRey era muito ſabio, e juntamente brando, e humano: conhecia o zelo de Frey Thomas, eſteve taõ longe de o tratar mal, que lhe aſſinou o deſterro pera a meſma caſa de que era filho, que foy conhecido mimo; e hindo hum dia a ella lhe fez honra de entrar na ſua cella. Porém inda alli contaõ, que lhe naõ abateo o favor os eſpiritus. Foſſe a caſo, ou por conſelho, tinha na cella huma eſtatua de eſtranho feitio, roſto ſeco como huma caveira, cabello creſpo, e deſcompoſto, o corpo meyo cuberto, ao parecer de hum couro cru, pernas, e braços nus, e como de huma notomia, que ſe lhe contavaõ os oſſos, veyas, muſculos, e toda envolta em cadeyas. Reparou elRey nella, e perguntou, que couſa era. Reſpondeo com o ſeu brio: Senhor, he o Bautiſta in vinculis por fallar verdade. Se iſto foraõ indicios de animo zeloſo, e livre, tambem puderamos referir muitos do aballo eſtranho, que faziaõ ſuas palavras nos ouvintes: digamos hum. Era fallecido elRey Dom Joaõ: havia tempos, que naõ prégava. Subio hum dia ao pulpito, acudiolhe a Cidade toda. Eſtendeo os olhos pollo auditorio, que era o meſmo, que ſempre o ſeguia; vio que lhe faltava o mayor, e melhor ouvinte: levantou a voz, e diſſe. Onde eſtá elRey Dom Joaõ?

Tal foy o tom da voz, taõ grave, taõ ſentido, tal o meneyo de roſto, e olhos, que arrebentaraõ em lagrimas, gemidos, e ſoluços quantos havia na Igreja, e foy o pranto taõ formado, que naõ ouve lugar pera dizer mais, e ficaraõ por ſermaõ aquellas quatro palavras.

Dizem deſte Padre, que ſobre todos os Prégadores de ſeu tempo, foy inclinado a buſcar o verdadeiro ſentido literal da ſagrada Eſcritura; e nenhum com mais agudeza o penetrava. Tinhalhe enſinado a continuaçaõ do pulpito, que como aquella letra foy dictada pollo Eſpiritu Sancto, aſſi cada palavra encerra em ſy thezouros de altos myſterios. Iſto ſe via em ſeus ſermoens, e deſpois o moſtrou em hum excellente Tractado, que deixou eſcrito, cujo titulo era: *Tropi inſignes veteris, ac noui Teſtamenti, ejuſdemque phraſes.* Nelle pera exemplo tomava entre maõs alguns paſſos do texto Sagrado; e declaravaos com outros do meſmo, com tanto arteficio, e engenho, que juntamente deleytava, e doutrinava, e encaminhava os que ſeguem o pulpito, como ſe devem haver no eſtudo, que fazem pera elle. Naõ chegou o Tratado a luz da impreſſaõ. Deſappareceo viſto de poucos; e foy, que quem teve ventura pera ſe fazer ſenhor delle, como quem acha joya de preço, eſcondeoo, enterrouo, e guardouo ſó pera ſy. O Biſpo Dom Antonio Pinheiro, que o foy de Miranda primeiro, e deſpois de Leyria, ſendo famoſo, e eloquentiſſimo Prégador, pera declarar a ventagem, que a todos os de ſeu tempo levava o noſſo Frey Thomas, uzava de huma comparaçaõ. Nós outros, dizia, comparados com eſte Dominico, ſomos tourinhos de capas, damos cem voltas ao corro, ninguem nos teme, quando muito levamos huma capa nos cornos; raſgamos huma capa velha: Frey Thomas he touro velho, arrimado a hum canto do corro, ninguem ſe lhe atreve, com os olhos faz guerra, com o recacho pavor: deſpejaſelhe a praça, e ſe ha quem appareça, naõ dá carreira, que naõ faça ſangue. Iſto foy teſtemunho em materia de prégaçaõ: no das letras temos hum aſſaz famoſo, de que ſe lembraõ os velhos, do noſſo Eminentiſſimo Meſtre, e Lente jubilado de Coimbra, o Padre Frey Luis de Souto Mayor. Declarava hum paſſo difficultoſo da Eſcritura no mayor concurſo daquella Univerſidade, que o ſeguia: por remate ajuntou palavras formais: E eſte he o verdadeiro ſentido, porque o meſmo lhe ouvi dar ao grande Padre Frey Thomas da Coſta.

Cauſoulhe a morte o meſmo Paço, de que ſempre fugia, e que nunca buſcava, ſenaõ forçado da obrigaçaõ do officio. Accendeuſe hum dia em grande fervor prégando. Como era velho, e canſado, e o trabalho excedeo de ordinario, rebentoulhe huma veya no peito, começou a lançar muito ſangue pollа boca, que em fim o veyo a enterrar no Convento de Liſboa. Sentindo que o chamava a ultima hora, pedio o ſancto Viatico, e antes de o receber, fez diante de toda a Communidade,

dade, que ſe juntou, huma practica, quais eraõ todas as ſuas, douta, eloquente, devota. Foy o intento manifeſtar o intento, que ſempre tivera em ſuas prégaçoens, que fora aproveitar, mais que deleytar, reprehender vicios em commum, a ninguem em particular perſeguir, nem tambem adular. Moſtrou neſta hora como com canto de Ciſne, que a Rhetorica com que admirava o mundo, as palavras, e acçaõ com que ornava, e repreſentava o que dizia, naõ tinhaõ mais tempera, nem eſtudo de arteficio, que a graça natural, graciosamente recebida do Autor da natureza: porque na verdade a hora naõ era de enfeitar rezoens, nem querer ganhar honra. Quando quiz morrer chamou os Noviços, que lhe rodeavaõ a cama; e com a meſma ſegurança, e gravidade, que coſtumava no pulpito, fezlhes huma breve collaçaõ, cheya de bons conſelhos, e ſancta doutrina: lembrandolhes por remate, como Prégador Evangelico, os intentos, que deviaõ ter na prégaçaõ, quando Deos os chegaſſe a ſubir ao pulpito. Foy ſeu tranſito dia da Viſitaçaõ de noſſa Senhora, anno de 1570. No dia ſeguinte, deſpois de dado à terra, amanheceo na parede da cabeceira de ſua ſepultura huma folha de papel grudada nella, em que eſtavaõ eſcritos huns verſos latinos, que os Padres mandaraõ recolher, e guardar: porque, inda que nunca conſtou do Autor, ſabiaſe com certeza ſer ſecular; e ſoſpeitavaſe, que ſeria outro Prégador d'elRey, grande ſeu devoto, e naõ inferior em letras, e pulpito; e polla meſma rezaõ me pareceo juntallos aqui: e ſaõ os ſeguintes. 1570.

O Biſpo Pinheiro.

Hic, quamuis properes, tantiſper ſiſte viator,
Pauca legens noſces, quis jacet in tumulo.
Quem tectum ſaxo tam vili, & paupere cernis,
Stratumque albenti ſub cruce, veſte nigra:
Non tulit hæc ætas talem, non lapſa tulerunt,
Nec forſan terris ſæcla futura dabunt.
Tres diros hoſtes, mundum, & cum carne Sathanam,
Impia deuicit monſtra, Erebique duces.
Dæmona conſilijs, mundum cruce, verbere carnem:
Cœleſtis Patriæ Tartara vicit amor.
Mundus, homo, Dæmon, turba inſcia cedere cedunt.
Legitimo victi non ſine Marte tamen.
Sacra fides, ſpes firma, amor igneus arma dedere,
Almaque paupertas, obſequium, atque pudor.
Doctor erat ſummus, vulgique per ora volabat;
Nomina ſed renuit vana Magiſtrerij.
Exoſus famam, neſciri ſemper amauit,
Regales ſemper tardus inire domos.

Vox

Vox erat: Ite procul tituli, procul eſte Thiaræ,
Nota ſolo peſtis gloria, plauſus vbi.
Qui toties alios, toties ſe vicerat ipſum,
Vincitur, vt belli præmia poſſideat.
Vitales carpebat adhuc pater optimus auras,
Cum lachrymas cœpit fundere turba Patrum.
Ille autem dictis mœrentia pectora mulcens
Lumine per cunctos jam moribunda tulit.
Fratres, filioli, carni nunc debita ſoluo
Vltima, vt Omnipotens ſoluat, & ipſe mihi.
Omnibus ætheriæ, qui munere veſcimur auræ,
Eſt calcanda ſemel mortis acerba via.
Ire domum jubeor, peregrinaque linquere tecta,
Non poſſum magni ſpernere iuſſa Dei.
Non vos, filioli, non fratrum turba meorum,
Chara magis vita deſero, verſo ſolum.

Naõ damos o vulgar deſtes verſos, porque o que contém he huma relaçaõ, e louvor das boas qualidades do defuncto, que já deixamos apontadas.

CAPITULO XX.

Fundaçaõ do Moſteiro de Freiras de noſſa Senhora da Saudaçaõ de Montemór o Novo.

VIviaõ juntas pollos annos de noſſa redempçaõ de
1500. mil, e quinhentos na nobre Villa de Montemôr o Novo, com grande recolhimento, e vida exemplar humas devotas mulheres da meſma Villa naturais: e com forma de Communidade reconheciaõ por cabeça huma companheira, cujo nome era Joanna Diz Quadrada. Morava na meſma terra Dona Mecia de Moura Senhora illuſtre viuva de Dom Nuno de Caſtro. Era rica de bens temporais, e naõ menos de virtudes, e amor de Deos: naõ tinha filhos, nem outro herdeiro forçado. Notando o bom termo, com que procediaõ Joanna Diz, e ſuas companheiras, foy imaginando fazer huma obra ſancta, em que achava juntas muitas outras tambem ſanctas. Foy a primeira fazer de ſua caſa, caſa de Deos, fundando nella hum Moſteiro: foraõ as mais, agaſalhar nella Joanna Diz, e as que a ſeguiaõ; e pois eraõ gente virtuoſa, fazer que de congregaçaõ ſolta, e pouco ordenada, tiveſſem regra, e clauſura, empregar ſua fazenda na ſuſtentaçaõ dellas, que era o meſmo, que offerecella a Deos: e emfim negocear recolhimento honrado pera ſy em vida, e morte. Tratou o penſamento com Joanna Diz, foy ouvida della, e da companhia, como quem lhe dava embaixada do Ceo; e nenhuma de quantas couſas propoz refuſaraõ. Tinha Dona Mecia

cia hum aſſento nobre de caſas em que vivia no alto do lugar dentro da cerca, e muros delle, com largueza de apoſento, pateo, e quintaes, ſitio capaz de hum grande Moſteiro. Paſſouas logo a elle, capitulando, que dentro em tres annos o comporiaõ em Moſteiro Obſervante, com ſua clauſura, e conſtituiçoens, e as licenças neceſſarias da Sé Apoſtolica; ſeria o titulo da Saudaçaõ de Noſſa Senhora, que he o meſmo, que ſua ſagrada Annunciaçaõ. Moſtrou Joanna Diz o goſto com que tinha aceitado o contracto, começando na meſma hora, que ſe vio de poſſe do ſitio, abrir aliceſſes pera Igreja, e fórma de Moſteiro: e Dona Mecia entre tanto procurandolhe mayor acreſcentamento, fez offerta delle a elRey Dom Manoel, pedindolhe o quizeſſe honrar, com ſe dar por ſeu Padreiro, e Protector; e lhe nomear a Religiaõ que havia de ſeguir, na qual deſpois de huma vez recebida, naõ pudeſſe haver nunca mudança, nem entrar na clauſura della mulher homiziada, ou que alguma couſa deveſſe à juſtiça: e neſte ponto nenhum Prelado pudeſſe diſpenſar. Aceitou elRey a caſa por ſua, e com paternal benignidade todas as condiçoens por Dona Mecia propoſtas. O que primeiro fez deſpois de aceitada, foy mandar que deſſe a obediencia à Ordem de S. Domingos: o ſegundo negocear por ſeu Embaixador as licenças neceſſarias da Sé Apoſtolica, e do Meſtre Geral da Ordem. Seguio a eſtes deſpachos, que naõ tardaraõ, o ultimo que mais convinha pera começar o exercicio da Religiaõ. Vieraõ por mandado do meſmo Rey, e ordem do Vigairo da Congregaçaõ reformada, tres Religioſas do Moſteiro de Sancta Anna de Leyria. Foraõ eſtas as Madres Sor Iſabal Vaz, huma das ſinco, que de Aveiro vieraõ fundar alli, como atraz contamos: e Sor Catherina Soagem, e Sor Felippa de Goes. Com ſua vinda naõ quiz Dona Mecia tratar mais do mundo; recolheuſe com ellas, e juntamente ouve licença d'elRey pera lhes doar toda ſua fazenda, e a poſſuhirem, ſem embargo das leys em contrario. A Proviſaõ lhe mandou elRey paſſar em 16. de Mayo de 1506. e eſte anno tomamos por principio de antiguidade da Caſa: por quanto naõ achamos memoria das que as licenças de Roma foraõ deſpachadas, nem o dia certo em que chegaraõ de Leyria as Fundadoras. Por virtude das licenças d'elRey dotou Dona Mecia às Religioſas ſinco herdades, que rendem dezanove moyos de trigo, e oito, e meyo de cevada, e muitas pitanças: e na meſma Eſcritura faz declaraçaõ das caſas, que já poſſuhiaõ. 1506.

Dotoulhes mais vinte quatro mil reis de renda em dinheiro. Aſſi deu eſta Senhora o caſco da Caſa, e a ſuſtentaçaõ, e com tal declaraçaõ, lembro aos que lem as Hiſtorias do Reyno, que haõ de entender o que dizem os Chroniſtas d'elRey Dom Manoel, quando o fazem Fundador deſte Moſteiro: porque o que temos dito conſta de papeis vivos. Mas naõ duvidamos, que creſcia com eſmollas, e mercês ſuas:

Damiaõ de Goes p.4. c.18.

Maris nos Dialog. da Hiſt. na vida d' elRey D. Manoel.

ſu s : viſto como em todo o Reyno ſaõ muy poucos os que naõ devaõ aos Reys grande parte de ſua ſuſtancia, como em outro lugar largamente moſtramos; e inda hoje dura a memoria, e o effeito de huma naõ pequena, que o meſmo Rey lhe fez, que he o hum por cento do que valem as ciſas da Cidade de Evora; paſſouſe a Proviſaõ no anno de 1514. ſaõ as palavras pyas, e ſanctas, e muito dignas de as eſtimarmos os que ſomos filhos de S. Domingos. Diz que ſe cumprirá em quanto o Moſteiro viver na obediencia, e obſervancia de S. Domingos : e pede aos Reys ſeus ſucceſſores, que a guardem; porque aſſi o ha por ſerviço de Deos, e bem delles, e deſtes Reynos; e elle a concedia por honra de Deos, e de noſſa Senhora ſua Madre, e por amor de S. Domingos.

1514.

Ouve tanto que fazer deſpois de juntas as Fundadoras de Leyria com Dona Mecia, e ſuas boas companheiras pera ſe acabar das portas adentro tudo o que cumpria de officinas, e perfeiçaõ pera perfeita clauſura, que naõ foy poſſivel darſe remate a tudo, ſenaõ ſete annos deſpois no de 1513. Neſte ficou em lembrança, que começou a proceder em todo regular concerto em 6. de Mayo, dia celebre com a feſta do Sancto Evangetiſta Joaõ : e delle em diante ſe começou a criar aqui hum jardim de flores do Ceo, que logo foy produzindo em muitos, e raros eſpiritus, fruitos de excellentes virtudes : obra da boa maõ, e ſancta doutrina de quem o plantou, que foy a Madre Iſabel Vaz filha de Jeſus de Aveiro, e aqui primeira Prioreſſa : da qual naõ diremos aqui outra couſa : porque deſpois, que o plantou, e em o cultivar ſe deteve o tempo, que aos Prelados pareceo conveniente, ſe tornou pera Leyria, como atraz fica dito.

Deſte jardim temos muito que dizer : mas naõ he poſſivel abranger a tudo; porque ſeria forçado ſahir os lemites da brevidade, que convem ſeguir em tamanha obrigaçaõ, como temos à noſſa conta. Apontaremos brevemente alguns caſos particulares; pollos quais ſe ficará entendendo a riqueza do theſouro, donde procederaõ : e quem ſouber lançar boas contas, julgando pollos que referirmos, os que ficarem em ſilencio, alcançará baſtantemente o grande valor de todos os ſujeitos com que Deos Noſſo Senhor por ſuas miſericordias quiz emnobrecer eſta Caſa naquelles bons principios, e longos annos deſpois, ſem nos obrigar a muita eſcritura. E ſe acabarmos de entender, o que he verdade infallivel, que a mayor virtude Monaſtica naõ conſiſte em viſoens, nem revelaçoens, nem em mimos, e conſolaçoens eſpirituaes, inda que ſaõ indicios, que ha bem fundamento em quem as tem: ſenaõ ſó em guardar pontualmente noſſas conſtituiçoens, e a ſubſtancia do que profeſſamos; porque ſó iſto baſta pera nos levar ao Ceo : poſſo affirmar, ſegundo o muito que neſte ponto ſe eſmeraõ eſtas Madres, que fora baſtante hiſtoria apontar ſómente ſeus nomes, ſem ajuntar feitos particulares.

Onze

Onze annos governou eſta Caſa com o cargo de Prioreſſa a Madre Sor Iſabel de Quadros, com tanta ſatisfaçaõ de toda a Communidade, que ſe ella por ſy naõ deixara o officio, nunca outra fora eleyta. Queixouſe aos Prelados muito tempo, e com grandes encarecimentos, fez mentiroſo em ſy aquelle goſto de mandar, que taõ pegado he com noſſa natureza: eſcrevialhes cartas cheyas de piadoſas rezoens, retratos da verdadeira dor que lhas fazia notar. Dizia, que o cargo de almas alheyas, lhe tolhia tratar da ſua: que naõ viviria quieta, nem morreria conſolada em quanto entendeſſe com outrem, e naõ conſigo ſó: que tinha contas de longos annos em aberto, contas de longa vida (que ſempre eſtaõ em aberto as que em lugar de lagrimas, e penitencia, ſe embaraçaõ com negocios alheyos) que as queria cerrar, com ſe entregar toda, ainda que tarde, a hum ſó cuidado: e porque a ſoma, em que ſe achava alcançada, e devedora ao Divino Pay de familias, lhe parecia demaſiado grande, havia miſter tempo pera a pagar, ou pera lhe pedir quita, e perdaõ. Se era algum merecimento o trabalho de governar, muitos annos tinha trabalhado; quanto mais que ſempre achara no governo mais laços, e mais embaraços pera a conſciencia; e tantos eraõ, que nos ſetenta annos, que contava de vida, mayor eſcrupulo lhe faziaõ os que governara, que todo o reſto della. Emfim à força de importunaçaõ alcançou liberdade; e tal era ſua vida paſſada, e tal a que começou a fazer na hora que ſe vio aſſolta, que de pura, e religioſa edificava muito; mas naõ eſpantando com os extremos, que ao diante veremos, em outras deu o Senhor teſtemunho em ſua morte do que lhe agrada huma pureza religioſa, e commum, com perfeita guarda da Regra. Ao tempo, que hia perdendo a luz da vida, entrou polla caſa, em que jazia, huma do Ceo taõ eſpantoſa, e ſobrenatural, que ficavaõ as candeyas diante della, como as eſtrellas diante do Sol; e deſpedida a bemdita alma do corpo, deſapareceo a luz traz ella.

CAPITULO XX.

De outras Religioſas, que ouve neſte Moſteiro de ſinelada virtude.

SOr Maria da Saudaçaõ, huma das primeiras Noviças, que neſta Caſa entraraõ, ſobre os exercicios gerays della, foy notavel a applicaçaõ que teve ao da oraçaõ, e contemplaçaõ: podemos dizer que toda ſua vida naõ foy outra couſa, ſenaõ orar, e contemplar; porque em toda a hora, e em todo lugar andava enlevada no Ceo, e unida com Deos. Aſſi ſe contaõ grandes favores, que neſte ditoſo eſtado recebia do Senhor, que deſpois de ſua morte, foraõ por ſeu Confeſſor relatados. Eſtando no fim da vida mandaraõ os Medicos, que ſe lhe acudiſſe com os Sacramentos. Pera receber o ſancto Viatico, diſſe o Vigairo Miſſa na enfermaria, e ella por reſpeito, e veneraçaõ, inda que por

momentos hia acabando, levantouſe, e aſſiſtio a ella com attençaõ de Sancta, e devaçaõ de quem morria. Ao levantar da ſagrada Hoſtia deſcobrioſelhe nella o Senhor poſto na Cruz: e a eſta mercê ajuntou outra, que os Medicos affirmavaõ ſer contra toda a rezaõ natural; que foy eſtenderlhe a vida oito dias inteiros; ſendo aſſi, que naõ levava couſa nenhuma de comida, nem bebida, e eſtava totalmente ſem pulſo. No cabo delles amanheceolhe no roſto huma extraordinaria alegria, com que começou huma Antifona de Noſſa Senhora, e logo diſſe às Madres, que a acompanhavaõ: Madres façaõ reverencia à Senhora do Jubilate (por eſte nome coſtumava ſignificar a Virgem Raynha dos Ceos, em ſinal dos Jubilos, e alegria da alma, com que ſe lhe encomendava.) Naõ duvidaraõ proſtrarſe todas por terra pollo que ſabiaõ de quem as mandava, e foraõ proſeguindo a Antifona: e aſſi ſe foy traz ella em paz.

Celebraraõ com muita rezaõ as memorias deſta Caſa a vida, e ſancta morte da Madre Sor Elvira da Cruz: porque profeſſando na entrada dos deſaſeis annos, antes de os acabar, acabou a carreira mortal; e neſte pouco tempo, ſe deu preſſa a ſubir ao mais alto cume de todas as virtudes, como ſe lhe fora revelada a brevidade com que havia de deixar o mundo; e aſſi dezejava deixallo, como ſe tivera revelaçaõ, que a hora da morte lhe havia de ſer principio de gloria. Neſte eſtado toda ſua occupaçaõ, todo ſeu deſcanſo era empregarſe em amores do Divino Eſpoſo das almas: e conſiderando, como por ellas quiz ſer pregado em huma Cruz, abrazavaſe em dezejos de chegar a lograr ſua viſta. Naõ conſta que o Senhor lhe déſſe nenhuma moſtra de ſy, inviſivelmente, que occaſionaſſe eſtes favores. Mas aquelle Eſpiritu de verdade, que, ſem ſer viſto, aſſetêa coraçoens, quando he ſervido, a trazia taõ ferida, que a cada paſſo, e a todo propoſito, e ſem propoſito, arrebentava, ſem ſe poder reprimir, em ardentes jaculatorias: e a que mais repetia era: *Amor meus Crucifixus eſt*: como ſe diſſera: Quem ha de recear a Cruz, quem naõ ha de amar a Cruz, ſe Jeſus meu amor eſtá nella? Crucificada eſtá com elle minha vontade, meu goſto, e meu amor. Adoeceo; mas naõ imaginava, que havia tanto bem pera ella, como acabar em idade taõ verde. Aggravouſe a doença, deraõlhe aviſo, que a mandava o Medico ungir: entaõ, como com nova certa do que muito dezejava, foy taõ exceſſivo o contentamento, que ſua alma recebeo, que eſtava morrendo, e eſtava rindo, e juntamente pronunciando com a boca cheya de riſo: *Amor meus Crucifixus eſt.* Rendeo o eſpiritu: ficou em lembrança, que ſe chamava ſua mãy Dona Violante Henriques, e ſeu pay Dom Martinho: do apellido ſe perdeo a memoria.

Era muy parecida com Sor Elvira em todo o trato da vida, e pureza della, a Madre Sor Joanna Bautiſta ſua prima com irmam. Fazia ſemelhança nas obras a igualdade do ſangue. Era devotiſſima do San-

ctiſſi-

ctiſſimo Sacramento do Altar: e feſtejava com particularidade o dia de Quinta feira de Endoenças ; porque nelle foy inſtituido : ſuccedeo andando o tempo , ficar de huma forte doença taõ cortada , e fraca de todos os membros , que naõ tinha remedio pera dar dous paſſos , ſenaõ ſobre muletas , e aſſi vivia como paraliticas. Veyo huma ſemana Sancta , encheoſe de ſaudades do tempo , que com ſaude , e alegria , feſtejava a inſtituiçaõ daquelle Maná Divino , recebendoo em companhia de toda a Communidade. Chorou o eſtado preſente , e as lembranças do paſſado : dando graças ao Senhor , de cuja maõ ſe achava preſa , e impoſſibilitada pera ſeguir os favores antigos. Mas amanhecendo o dia de Quinta feira , ſentio em ſy hum taõ vehemente dezejo de ſe achar com as irmãs na ſancta Communhaõ , que ſobre as muletas , e com ajuda das amigas , ſe fez levar à grade ; e com grande conſolaçaõ da alma recebeo com ellas o Divino Paſto. Caſo peregrino , e de grande louvor do Altiſſimo. Na meſma hora , que a enferma lhe deu entrada em ſeu peito , ſentio novo alento , e novas forças , e naõ ſó lançou fóra as muletas ; mas daquelle ponto em diante ficou de todo ſaõ , e como tal foy ſeguindo as Communidades. Eſta meſma Madre a cabo de alguns annos , andando rija , e valente , ſe foy à Prioreſſa , e a requereo , que logo lhe mandaſſe acudir com os Sacramentos , porque ſabia certo , que tinha a conta de ſeus dias cheya ; e que naõ poderia chegar até o ſeguinte. Naõ reſiſtio a Prelada , nem ella tardou em cumprir ſeu dito. Diziaõ as que ſabiaõ muito della , que o Apoſtolo S. Pedro , de quem era devota , lhe fizera a revelaçaõ.

Tambem ſe preſumio , e naõ ſem bons fundamentos , que a Madre Sor Ines da Aſſumpçaõ tivera aviſo da hora , que havia de acabar. Fora doze annos Prioreſſa com ſatisfaçaõ univerſal das ſubditas , e com ſe eſmerar ſempre com entranhavel devaçaõ em ſerviço da Virgem do Roſario. No dia em que falleceo perguntava a meude pollas horas , como chegou à que tinha na memoria , diſſe , he tempo , chamem a Communidade. Aſſi ſe foy logo bemaventuradamente : mas naõ foy eſte ſó o argumento de ſua bemaventurança. Mandouſe enterrar com o ſeu Roſario ao peſcoço , e com hum cordaõ negro , que ſempre trazia conſigo cingido. Diziaõ as Freiras , que por devaçaõ de S. Noutel. Paſſados alguns annos , abrioſe a cova pera outro enterro , foy achado o Roſario , e o cordaõ , taõ ſaõs , e inteiros , como ſe entaõ ſe deraõ à terra.

De Sor Elena da Cruz ſe ſabia , que ſobre os exercicios ordinarios da caſa , em que naõ fazia falta , era taõ devota de Noſſa Senhora , que infallivelmente todas as noites antecedentes a qualquer feſta ſua paſſava inteiras em oraçaõ de joelhos , e ſem fazer mudança delugar. Acreditouſe a devaçaõ na morte , porque a recebeo com alegria , e ſendo defuncta eſpantou as vivas com hum roſto fermoſo , e como de Criſtal , ſegundo ſe eſcreve do glorioſo S. Martinho.

As Madres Sor Maria da Reſurreiçaõ, e Sor Maria do Horto, como eraõ de hum meſmo nome, e ambas muito ſanctas; aſſi as honrou igualmente o Divino Eſpoſo com a meſma maravilha de hum ſuave cheiro, que em ſua morte ſe ſentio. Mas ouve huma differença, que na do Horto eſpirava o cheiro das mãos, e roſto: o da Reſurreiçaõ communicouſe a toda a roupa da cama, e a hum gibaõ, que naquella hora tinha veſtido, de tal ſórte, que durou na roupa muitos dias, e no gibaõ ſeis mezes inteiros, e da hora, que entrou em morrer até que eſpirou, ſe vio ſobre o ſitio da enfermaria huma nuvem muito clara, que o cobria, ſem haver outra no Ceo; e dentro em caſa ſe ouviraõ vozes concertadas de melodia extraordinaria. De ambas eſtas Madres ſe ſabiaõ, e conſtavaõ virtudes raras: nas de Sor Maria do Horto acreſcentavaõ, que a ſua oraçaõ eraõ continuas lagrimas, com firme opiniaõ das que as viaõ, que tinha celeſtial dom dellas.

Seguem tres Franciſcas, todas, e cada huma per ſy dignas de grande louvor: ſeja a primeira em relaçaõ Sor Franciſca de Sancta Maria; eſta Madre tomou o habito minina, e deſde entaõ ſe viraõ nella grandes ſinais de ſanctidade: era por extremo devota do Roſario; e a mayor parte de ſuas oraçoens offerecia pollas almas do fogo do Purgatorio. Eſtando huma noite dormindo, e vazandoſe em ſangue pollos narizes (mal que muitas vezes a cometia) ſentio que a eſpertavaõ, e eſperta vio huma Senhora cercada de reſplandores mais claros que o ſol, que lhe dizia que lançaſſe o Roſario ao peſcoço, que eſtancaria o ſangue, e naõ ſentiria mais tal trabalho. Eſtava Sor Franciſca em eſtado de eſvaecida, e deſemparada daquella fonte de vida, que lhe faltava pouco pera acabar. Fez o remedio, valleolhe pera logo, e deſpois pera toda a vida, como lhe fora dito.

He a ſegunda Sor Franciſca de S. Paulo, que morreo muito moça, mas nos poucos annos, que teve de vida, ſoubeſe tambem aproveitar dos bens da Religiaõ, que muitos dias antes de ſua morte diſſe às amigas o dia, e hora, que havia de ſer; e era couſa publica no Moſteiro: e aſſi a recebeo chegado o prazo, como couſa eſperada, e dezejada, com alvoroço, e contentamento.

A Madre Sor Franciſca de Jeſus, a quem damos terceiro lugar, foy grande Meſtra de Noviças, fazia tudo o que enſinava muito melhor do que o dizia. Sobre aſperas penitencias de jejuns, e diſciplinas, empregava em oraçaõ todo o tempo, que havia de Matinas, em que nunca faltava até Prima: e era publico, que pera ſe mortificar nella tinha ſempre os joelhos nus em terra. Adoçavalhe o trabalho o ſabor da oraçaõ: e era ella tal, que naõ podendo acabar conſigo deixalla, ainda em tempo que andava muito doente, aconteceo hum dia ouviremſe no lugar em que orava vozes, e inſtrumentos de muſica excellente, e acudindo muitas Madres à novidade, acharemna embebida em ſua ora-

oraçaõ, ſem dar fé do que ellas ouviaõ. Eſpantando a maravilha, naõ faltou quem a notou por pronoſtico de haver de morrer cedo, porque no meſmo tempo andava cercada de enfermidades; e aſſi durou pouco deſpois della.

Deunos eſta Madre duas ſobrinhas, imitadoras ambas de ſua oraçaõ, e mais virtudes, e digo que as deu ella, porque foraõ filhas de ſua doutrina, que de ambas foy meſtra. Mas que rezaõ daremos a que ſendo igualmente filhas em tudo, foy o Senhor ſervido tratallas com tamanha differença, que Sor Elena do Eſpiritu Sancto, que era huma dellas, morreo Prioreſſa, e taõ mimoſa do Ceo, que huma vez commungando, e outra rezando no Choro, lhe vio toda a Communidade ſobre a cabeça huma luz como de véla aceza: e quando falleceo foy viſta por todo o Moſteiro huma claridade extraordinaria como de muitos relampagos juntos, que paſſando, foy parar, e apagarſe ſobre a caſa onde jazia. A outra, que ſe chamava Sor Joanna de S. Jeronimo, padeceo ſinco annos hum genero de gota, taõ cruel, que naõ era ſenhora de mover, nem hum dedo da maõ ſem graviſſimas dores, e aſſi acabou.

CAPITULO XXI.

Das Madres Sor Luiſa de Sancto Antonio: Sor Eluira da Annunciaçaõ: Sor Antonia da Cruz: Sor Joanna do Eſpiritu Sancto: Sor Maria Madalena.

MUitas Madres ouve neſta Caſa de que naõ ficou memoria, vivendo, e morrendo ſanctamente: porque, como o mundo eſtima ſó o que eſpanta, em faltando particularidades extraordinaria, e fóra do commum: do ordinario, e do commum nenhum caſo faz. Mas temos hum Deos taõ bom, que diz de ſy, que ſaõ muy differentes ſeus cuidados, e ſuas contas, das contas, e cuidados dos homens: e que traz contados até os cabellos da cabeça de hum juſto, pera que, nem hum cabello de ſeus merecimentos pereça diante delle. Aſſi haveremos de ver grandes, e eſtimados no Ceo muitos, que na terra nenhum lugar, nem nome tiveraõ: e apparecerá entre elles a Madre Sor Luiſa de Sancto Antonio, que vivendo, e morrendo ſem ruido de viſoens, nem revelaçoens, e havendo dez annos, que na memoria de ſuas irmãs eſtava de todo eſquecida: foy o Senhor ſervido de a honrar, e fazer inſigne por modo eſtranho. Abrioſe a ſua ſepultura pera enterrarem outra Madre: viraõſe nella duas couſas juntas, ambas muito eſpantoſas. Foy huma, que ſahio do pó, em que eſtava convertido aquelle corpo, hum ſuave cheiro, e taõ vivo, e penetrante, que encheo todo o Moſteiro: e foy ſahir pollas

las portas mayores ; de ſorte, que os que eſtavaõ na portaria, perguntavaõ, que caçoulas eraõ as que em tal tempo temperavaõ as Madres: e o meſmo cheiro tinhaõ a caveira, e oſſos. Foy a outra acharſe com elles, ſem ſinal de corrupçaõ, nem no páo, nem na inſiadura hum Roſario, que a defuncta levou ao peſcoço num cordaõ de ſeda amarela.

A Madre Sor Eluira da Annunciaçaõ deſpois de ſervir o Moſteiro de Prioreſſa, veyo andando o tempo a tolherſe de todos os membros, e cahir em huma cama miſeravelmente entrevada. Neſte eſtado ganhava merecimentos pera ſua alma, em huma perpetua oraçaõ, junta com grande paciencia, e conformidade com a vontade Divina. E com tudo ſaudoſa do tempo, que aſſiſtia no Choro, e officios Divinos, pedia a Deos, que antes de a levar pera ſy, foſſe ſervido darlhe ſaude pera ſe lograr delles, e delle, inda que foſſe por pouco tempo, pois eſtava no cabo da vida. Valiaſe ſempre, neſte requerimento do meyo da Sagrada virgem do Roſario: e andando nelle muito aceſa, deulhe na vontade pedir, que a fizeſſem mordoma da Confraria, que as Madres tem dentro, conſentiraõ todas. Foy couſa publica, e viſta por toda a Communidade, que na hora que lhe deraõ o officio, e tomou o cargo da Confraria, cobrou alento, e forças, levantouſe, e começou a andar ſem bordaõ, nem outro arrimo, e aſſi perſeverou hum anno inteiro, acudindo ao Choro, e horas, com cordeal conſolaçaõ, até fazer ſua feſta por Outubro. Adoeceo algum tempo deſpois; e conhecendo que a chamava o meſmo Senhor, que lhe dera a ſaude taõ pouco eſperada: conformouſe com elle com huma verdadeira, e humilde reſignaçaõ ; pedio os Sacramentos, e cheya de alegria, e boa confiança deixou a vida.

Da Madre Sor Antonia da Cruz ſe diz, que era taõ humilde de coraçaõ, e taõ pobre de eſpiritu, que quando tinha habito novo, ou outra peça ſemelhante, logo a trocava por outra uzada, e velha. A ſua oraçaõ era ſempre acompanhada de muitas lagrimas, e tantas, que o lugar em que orava, ficava ſinelado, e como regado dellas. Deſpois de ſeſſenta annos de habito, e grande prova de virtudes ; quiz o Senhor provalla de novo com huma longa infirmidade, de que ficou entrevada; e emfim veyo a morrer della. Foraõ extremos de paciencia, os que ſe viraõ na boa velha, em quanto lhe tardou a morte. Chegandoſelhe a hora, e tendo recebidos os Sacramentos: eys que ſubitamente ſe aballa a caſa toda, como ſe tremera a terra: batem com eſtrondo portas, e janellas, como movidas de grande pé de vento. Aſſombraraõſe as Freiras, e ella com ſoſſego diſſe, que naõ temeſſem, que era a Mãy de Deos, que entrava, e que trazia conſigo Sor Joanna de S. Jeronymo ſua irmam. Alegre com tal viſita naõ tardou em ſeguir a Senhora, e acompanhar a irmam, que havia muitos annos era fallecida neſta caſa com naõ menos opiniaõ de perfeita Religioſa, que Sor Antonia.

A Ma-

A Madre Sor Joanna do Eſpiritu Sancto ſe quiz chamar aſſi, porque elle foy o que á trouxe à Religiaõ. Era muito rica de bens da terra; tratavaõ os parentes de a caſar: mas ella conſiderando, que ſeria temeridade tomar eſtado pera toda a vida, ſem o conſultar com o Pay do Ceo primeiro, que com os parentes do mundo; mandou dizer huma Miſſa ao Eſpiritu Sancto, com tençaõ, e petiçaõ (e ſuccedeo ſer em dia do Apoſtolo S. Mathias) que elle lhe eſcolheſſe, e inſpiraſſe aquella ſorte, que mais conveniente foſſe pera ſua ſalvaçaõ. Quanto melhor hiria ao mundo, quanto mais goſto haveria em todos os eſtados, ſe por eſtes meyos foraõ buſcados? Cumprio o Senhor o que nos tem prometido, que he concedernos tudo quanto lhe pedirmos orando. Acudiolhe com hum taõ vehemente dezejo, ou inſtincto de deixar o mundo, e entrar em Religiaõ, que logo deſenganou os parentes: e dando conta de ſy ao Padre Frey Antonio Bernardes Frade noſſo, que deſpois foy Biſpo, tratou por ſeu meyo de tomar o habito neſta Caſa. Nella viveo muitos annos com grande quietaçaõ de alma, e corpo, e com igual exemplo de humildade, e obediencia, e ſendo muy continua na oraçaõ, que ſempre acompanhava com lagrimas. Eſtas virtudes dourava por huma parte com huma rara manſidaõ, e ſingelleza natural, e por outra com grande charidade, e largueza de condiçaõ. Aſſi ſe fazia amar de todas; e como era rica, porque ficou logrando, com licença, parte dos bens que tinha pera caſar, naõ conſentia, que ouveſſe das portas adentro neceſſidade, que por ſua conta ſenaõ remediaſſe; e à Communidade ajudou muito, provendo a ſacriſtia de peças ricas, em que hoje vive ſua memoria. A S. Mathias ſe deu por obrigada toda a vida; e em graças de que em ſeu dia lhe cahio a boa ſorte da Religiaõ, ſolemnizava ſua feſta todos os annos com miſſa, e prégaçaõ, e alegrando a Communidade com hum jantar aventejado do ordinario. Vindo a morrer, notouſelhe no ſembrante huma ſubita, e grande alegria, que obrigou as Madres, que a acompanhavaõ, a lhe perguntarem a cauſa; reſpondeo com humildade, que via muitas couſas, e muito fermoſas, que naõ podia dizer. Mas do prazer, que ellas lhe cauſaraõ, levou o roſto morto ſinais vivos até o darem à terra.

Com ſetenta annos de Religiaõ ſe foy pera o Ceo a Madre Sor Maria Madalena, Prioreſſa que foy deſta Caſa: era devotiſſima de todos os Myſterios da vida de Chriſto, e em eſpecial de ſeu glorioſo Naſcimento. A hora da Kalenda feſtejava, pollas novas, que delle ſe daõ nella, com hum extraordinario alvoroço, e alegria da alma: e com a meſma ſe fingia na noite ſeguinte aſſiſtir ao Portal de Belem, adorando o Minino entre as palhinhas do Preſepio em companhia dos ditoſos Paſtores, primeiras teſtemunhas de noſſo bem. Eraõ eſtes dias pera ella de entranhavel conſolaçaõ, e ſuaviſſimas lagrimas: e polla meſma rezaõ naõ perdia nunca em tal tempo a aſſiſtencia do Choro, nem por doen-

doenças que tiveſſe, nem polla carga dos longos annos. Pagoulhe o Senhor dous dias antes da ultima hora da vida pera alivio, e conſolaçaõ da pena della, com ſe lhe repreſentar defronte do leyto, em que jazia, na meſma idade, e poſtura do Preſepio, mas cercado de roſas, e boninas em lugar da ſecura do feno, em que lá foy reclinado: ficavalhe longe, e naõ cahindo ella meſma, que foſſe viſaõ myſterioſa, pedia às Madres que lho trouxeſſem, e puzeſſem nas mãos. Como ellas naõ viaõ o que ella, naõ ſabiaõ que fizeſſem; e huma, polla ſatisfazer, foy correndo ao Choro, e trouxelhe o de Noſſa Senhora do Roſario: mas a boa Velha apontando pera defronte do leyto, dizia: Aly eſtá o fermoſiſſimo, que vos peço: aly eſtá, trazeimo; naõ o vedes cercado de roſas, e de mil flores? Entaõ acabaraõ de cahir, que era viſaõ do Ceo. Veyo a morrer eſta Madre na meſma noite da Kalenda: e porque naõ pode eſtar preſente a ella em vida como coſtumava, permittio o Senhor, que lhe aſſiſtiſſe defuncta no Choro.

CAPITULO XXII.

Das Madres Sor Anna Bautiſta; Sor Juliana do Roſario; Sor Joanna do Evangeliſta; e Sor Maria de Jeſus.

A Madre Sor Anna Bautiſta era conhecida entre todas por humilde, e caritativa, e grande amiga de ſilencio. Confeſſandoſe por dia de noſſo Padre Sancto Thomas a ſete de Mayo, quando foy a commungar com a Cõmunidade, violhe huma Freira digna de fé ſobre a cabeça hum lume, como de candea; e quando tornou, que vinha de roſto, tornoulhe a ver o meſmo lume em meyo do peito. Sempre o fogo foy bom pronoſtico viſto: no fogo da çarça appareceo Deos a Moyſes: lume das gentes ſe chamou o meſmo Senhor por boca de Simeon; e em lingoas de fogo veyo ſobre os Apoſtolos. Aqui foy pronoſtico de morte; porque no meſmo dia lhe deu a doença, de que falleceo. Como concertaremos eſtes contrarios? Antes naõ ha nenhum: porque, ſe fizermos boas contas, a morte dos juſtos he a ſua boa, e mór ventura, e dia de ſuas honras. E podemos crer, que veyo eſte fogo por luminaria anticipada dellas. Adoeceo, como fica dito, no meſmo dia; e naõ durou mais, que até os vinte quatro do meſmo mez, veſpera de Noſſa Senhora da Annunciaçaõ: e aſſi recebeo a morte, como quem ſabia, que tinha nella todo ſeu bem. Quando ſe lhe deu a Unçaõ, eſteve taõ animoſa, que foy rezando os Pſalmos com a Communidade como ſam, e offerecia as mãos, olhos, e ouvidos ao ſancto miniſterio. Dandolhe deſpois hum deſmayo, quando eſpertou delle, foy com as palavras do ſancto Arcebiſpo Sancto Antonino. *Servire Deo, regnare eſt.* E até que eſpirou naõ deixou de louvar a Deos, com verſos dos Pſalmos, e encarecidos amores, que fallava a hum Crucifixo, que tinha nas mãos. Nos officios, que ſe fizeraõ por eſta Madre, ſe averiguou notavel creſcimento na cera. E naõ

naõ he pera eſquecer em ſeu louvor, que era taõ ſeguidora do Choro, que nunca faltava delle, ſenaõ por grande doença: e tendo muito boa voz, nunca ſe poupou, cantava, e ſoava ſempre.

Da Madre Sor Juliana do Roſario ſe conta, que ſe ſoube tam bem aproveitar de quatro annos de habito, que ſó tinha quando a chamou a morte em idade de vinte ſinco, que diſſe ao juſto o dia em que havia de ſer. Sendo quaſi ſurda, e naõ lendo, nem eſcrevendo no tempo em que veyo à Ordem, tanto que entrou, aſſi aprendeo tudo o neceſſario pera ſervir a Religiaõ, que parecia enſino contra natural; em menos de hum anno foy huma das que milhor liaõ, na penitencia igualava às mais auſteras; na oraçaõ, e contemplaçaõ às mais antigas, e mais aproveitadas. Mas à hora da morte fez paſmar todas, na reſoluçaõ com que ſendo taõ moça, ſe diſpoz: na humildade com que pedio perdaõ a cada Freira, até às ſervidoras: e finalmente na alteza de couſas, que diſſe até o ultimo artigo: couſas que ſó de hum grande Prégador ſe podiaõ eſperar: e nella admiravaõ mais, porque por acto de virtude, e polla falta natural do ſentido de ouvir, guardava quaſi continuo ſilencio.

Em vinte, e hum annos de idade, e tres de profiſſaõ, ſe fez ethica a Madre Sor Joanna do Evangeliſta, ſerviolhe de forte purgatorio a dilaçaõ do mal, e o trabalho delle pera dar exemplo de paciencia. Foy maravilhoſa a contriçaõ com que ſe deſpedio da vida. Tomando nas mãos hum Crucifixo, ſobreſaltouſe toda, effeito natural do medo, que faz a morte. Ao ſobreſalto ſeguiraõ lagrimas, e tal compunçaõ, que pedio com efficacia a huma Religioſa, que ficava mais chegada, lhe déſſe huma pedra, dizendo, que queria quebrar com ella os peitos, e pedir perdaõ, como ſentia, que devia áquelle Senhor. Mas foy grande teſtemunho de ſua innocencia o que agora diremos. Curava della huma ſervidora por nome Cecilia Bautiſta, que poucos annos ha inda vivia, e contava o ſucceſſo. Padecia grande mal de figado; e da força delle havia largos trinta annos que trazia o roſto, mãos, e braços, diſformente cubertos de huma codea perpetua de groſſas boſtelas, feyas na côr, e aſqueroſas na viſta: e padecia juntamente grandes ardores, e febres. Eſtimando a Ethica a charidade que recebia de quem ao parecer naõ padecia menos que ella, deixava de ſe doer de ſy, por ſe doer de ſua fealdade (mal que em mulheres vence todos os males) e diſſelhe hum dia, que como ſe viſſe diante de Deos prometia fazer por lhe alcançar ſaude. Fallecida cumprio ſua palavra com tanta pontualidade, que a ſervidora ſárou em breve, e perfeitamente. Ceſſou o fogo das febres, alimpou a tez do roſto, mãos, e braços, e ficou de ganho, porque ſendo entrada na idade, ficou com hum caraõ, naõ ſó de moça, mas de huma minina de ſinco annos. Era a defuncta devota com particularidade de noſſo Padre S. Domingos, e veyo a fallecer em ſeu dia no anno de 1618.

Tambem ſe fez ethica na flor da mocidade a Madre Sor Maria de Jeſus. Naõ paſſava de dezoito annos de idade, ſumioſelhe a carne, e ſecouſe toda, ficando os oſſos cubertos da pelle como em hum ſaco, que ſe podiaõ contar. Em todo o tempo que ſe lhe dilatou a morte, nunca moſtrou huma hora de triſteza, nem ſe lhe ſentio diſgoſto de nada, nem movimento de impaciencia. Aſſi viveo, e acabou nos dezoito annos com a meſma ſimplicidade, e innocencia, que ſe fora de quatro, e tal repreſentaçaõ fazia ſeu roſto. Eſtando muito no cabo começou a apertar as mãos, e fazer figas pera huma parte, como que via algum aſſombramento do Inimigo. Na derradeira hora, eſtando já deſemparada de forças, e alento, fez hum acto, que cauſou eſpanto; parece que ceſſava de a perſeguir o tentador: encheoſe de eſpiritu, que lhe renovou, e miniſtrou a força, que já naõ tinha: ſó levantouſe, e lançou maõ de hum Crucifixo, que tinha diante, abraçouſe com elle; e aſſi deu a alma. Foy notado de toda a Communidade com edificaçaõ, mas naõ ſem magoa, que ficou ſeu roſto eſpirando alegria, fermoſura, e innocencia, tudo juntamente.

habito. No cargo procedeo com inteireza de boa Prelada, e com brandura de mãy amoroſa, e nelle, e fóra delle com muita religiaõ, e virtude. Aſſi foy em todo o tempo grandemente bemquiſta: faziaſe reſpeitar por inteira, e amar por branda. Nunca, por muito afogada que eſtiveſſe de negocios, deixou as horas, que tinha limitadas pera a oraçaõ: nunca deixou hum coſtume ſancto de toda a vida, que era rezar todas as ſeſtas hum Pſalteiro inteiro: o qual rezava diante do Sanctiſſimo Sacramento, e ſempre de joelhos, à honra da ſagrada Paixaõ de Chriſto, de que era devotiſſima. Eraõ neſte dia ſuas lagrimas infinitas na memoria, e conſideraçaõ das penas, e afrontas, que o bom Jeſus nelle paſſou: e aſſi dizia ſempre, que ſeria conſolada, ſe foſſe ſua morte em tal dia; e no meſmo tinha grande reſguardo, que lhe naõ eſcapaſſe nem huma ſó palavra ocioſa. Teve huma enfermidade, de que ficou aleijada; e na aleijaõ hum duro purgatorio de dores, e trabalhos, que padeceo de muitas maneiras. Mas foy igual a paciencia com que os levava. No meyo delles tinha por coſtume mandarſe levantar todas as manhãs às quatro horas, o que era à cuſta de huma tempeſtade de dores, e eſtava em oraçaõ até às ſeis, e ſete. Era muito devota do noſſo Patriarcha S Domingos: e deſdo tempo que foy Prioreſſa, ficou em coſtume neſta Caſa celebrarſe ſeu dia com muita feſta; porque dizia, que eſte dia era a noſſa Paſchoa. Conheceo ſua morte, e ſoube o dia della alguns antes:

CAPITULO XXIII.

Das Madres Sor Elvira da Annunciaçaõ: e Sor Catherina dos Reys.

DOze annos governou eſta Caſa, e foy Prioreſſa a Madre Sor Eluira da Anunciaçaõ, e paſſou de ſincoenta de

antes : e como aviſada ao certo de quando havia de ſer, aparelhouſe com cuidado , pedio os Sacramentos , e recebidos com hum extremo de devaçaõ, fez huma practica às Religioſas diante do Vigairo , e Capellaens , taõ alta , e com voz taõ esforçada , que os encantou com o modo de dizer , e com as ſoberanas couſas , que diſſe da Gloria , e da noſſa Ordem , e dos Sanctos della. Em final concluhio com eſtas palavras : *Exultant ſancti , qui appropinquant ad palmam* , como ſe diſſera (e podiao bem dizer por ſy , viſto o eſtado em que eſtava) alegraõſe os Sanctos, quando ſe vem chegados ao fim da guerra , e ao premio , e preço da victoria. Tardoulhe tres dias a hora , que eſperava ; e em todos naõ ſe ouvio de ſua boca outra couſa , ſenaõ huma corrente de louvores Divinos , hora em Hymnos , hora em Pſalmos , huns rezados , outros cantados. Emfim pronunciando em alta voz o reſponſo de noſſo Padre : *O ſpem miram , &c.* deu a alma ao Creador ; e foy em ſeſta feira , como dezejava. Era eſta Religioſa irmam do Illuſtriſſimo Senhor Biſpo Inquiſidor geral Dom Fernaõ Martins Maſcarenhas.

Da Madre Sor Catherina dos Reys , podemos dizer que foy naſcida na Religiaõ ; porque entrou neſta de ſete annos : ſeu pay era Dom Joaõ de Almeyda Alcaide mór de Abrantes direito ſucceſſor dos Condes daquella Villa ; ſua mãy Dona Leonor de Mendoça , de quem ao diante fallaremos. Por ſer tal em ſangue , e começar a vida religioſa em idade taõ tenra , ſe deu por obrigada a ſer unica em tudo o que ſe eſpera de hum grande ſujeito : e como ſe eſcreve de Sancta Cecilia , que ſempre trazia o Evangelho no peito , nenhum goſto tinha mayor , que trazer na memoria , e pôr em execuçaõ o que a Regra , e Conſtituiçoens mandaõ : ajuntando aos rigores dellas , outros muitos de jejuns , e diſciplinas ; e outras muitas penitencias voluntarias , e ſecretas , que ainda que trabalhava pollas encobrir com a boa ſombra do roſto , e muita gravidade da peſſoa , que huma , e outra couſa era nella natural , todavia a continuaçaõ as fazia vir a publico : e emfim a morte , que he a verdadeira pedra de toque dos bons empregos da vida , as manifeſtou de todo : porque adoecendo de huma febre frenetica , na hora que acabou de ſe confeſſar , e commungar no Domingo da Paixaõ , que a levou em ſete dias , foy o Senhor ſervido darlhe tanta luz no meyo das furias do humor venenoſo , que ſe póde tornar a confeſſar , com grandes ſinais de devaçaõ , e contriçaõ ; e como por acenos pedio a ſancta Unçaõ. E de tudo ſer huma myſterioſa mercê , e favor de Noſſo Senhor , ſe viraõ as Madres confirmadas , com huma eſtranha , e nova fermoſura , que lhe inveſtio o roſto , tanto , que da alma ficou deſemparado : e porque ſe viſſe , que naõ era natural ſua , veyo acompanhada de luz , e reſplandor que admirava , e alegrava.

Maravilhoſos ſaõ os effeitos , que faz o exemplo em todas as materias. Bem ſe prova do dito : *Cum ſancto ſanctus eris , &*

cum innocente innocens eris; e do que agora diremos. Obrigavaõſe as ſervidoras leygas dos extremos de ſanctidade, que viaõ na Caſa, a procurarem ſerem ſanctas em meyo do trabalho corporal perpetuo. E naõ he eſte o menor louvor deſta Communidade. Ouve ſervidoras de tanta oraçaõ, e tanta penitencia, que ſe contaõ, e andaõ em tradiçaõ maravilhas de algumas. Mas he de ſentir lembrarem as obras, e perderemſe os nomes de quem as fez: ſendo aſſi, que tambem honraõ eſtas a Caſa, como as das mais affervoradas Religioſas. Tal ouve, que a pequeno eſpaço de oraçaõ naõ corriaõ de ſeus olhos menos, que rios de lagrimas; e davaõ ſinal os lagrimais feitos em carne viva, e o roſto todo creſtado da continuaçaõ do humor ſalgado. A outra appareceo a glorioſa Virgem Mãy: e tal era ſua vida, que ſe lhe deu fé quando, vendoa com olhos corporais, pedio às Religioſas, que a acompanhavaõ, que lhe ajudaſſem a feſtejar tamanha miſericordia. Fallecendo outra, ſe ouviraõ no ar vozes de celeſtial melodia.

CAPITULO XXIV.

De algumas Senhoras de grande eſtado, e nobreza que ſe recolheraõ neſte Moſteiro convidadas da ſanctidade delle. Daſſe conta de outras particularidades da Caſa.

OBrigada das couſas, que temos apontado, e de outras ſemelhantes, que deſta Communidade ſabia, como vezinha de muitos annos, Dona Elvira de Mendoça, mulher de Dom Fernaõ Martins Maſcarenhas Capitaõ dos ginetes d'elRey Dom Joaõ Terceiro, e Dom Sebaſtiaõ ſeu néto, e Embaixador do néto no Concilio de Trento, determinou recolherſe com ella. Como ſe vio viuva de tal Varaõ, e ſem filhos, que lhe deſſem cuidado, procurou com muito goſto a eſtreiteza de huma pobre cella, e com nome, e officio, que pedio, de ſervidora, porque ſeu grande eſpiritu a inclinava a eſtimar, e dezejar o gráo mais humilde da Religiaõ; e a idade creſcida, e pouca ſaude lhe tolhiaõ fiar de ſy que poderia com as obrigaçoens mayores, e mais miudas. E ſendo tudo facil de crer de tal peſſoa, naõ ſe ſatisfez com menos, que dar teſtemunhos vivos, que foraõ dar tanta fazenda, peças, e dinheiro ao Convento, que claramente ſe vio, que naõ ouvera de importar tanto o dote de Freira do Choro. Além do que pollo pouco ſerviço, que ſua fraqueza prometia no eſtado, que eſcolhia de antemaõ o ſuprio, e pagou com dar per ſy tres eſcravas moças pera deſcanſarem as Madres das portas adentro; e tres eſcravos homens pera as ſervirem de fóra. Na hora que entrou era de ver huma Matrona, que no mundo mandara ſempre grande familia, governara muita, e groſſa fazenda, aſſentada entre as moças que ſerviaõ o Moſteiro; e aly com hum taboleiro de trigo diante; porque ſuas forças naõ eraõ pera mayor trabalho, eſcolhendo por ſuas mãos o que havia de ſer mantimento de todas; e naõ eſpantava tanto a obra, como o goſto, e conſo-

laçaõ

laçaõ com que a fazia; lembrada do que eſtá eſcrito, que tem premio depoſitado, e certo de Profeta, quem agaſalha o Profeta; e a ſancta Velha inda paſſava adiante: porque tinha por mercê de Deos, verſe naquella quietaçaõ de corpo, e alma, livre de todo o cuidado da terra, e por honra, que o meſmo Senhor lhe fazia no cargo de ſervir gente, que ſó em o ſervir ſe empregava. Com eſtes penſamentos hia paſſando pollas mãos aquelles grãos de trigo; e levantando a alma ao mais alto do Ceo, paſſava muitas horas em oraçaõ mental, e ſancta uniaõ com o Senhor delle. Ficava o trigo eſcolhido, e limpo; e muitas vezes humidicido, e lentejado da agoa, que ſeus olhos eſtillavaõ com o fogo da oraçaõ pera tornar creſcido ao Moſteiro, e mais facil de moer na atafona. Quando ceſſava eſta occupaçaõ, porque naõ deixaſſe nunca de orar, entendia com o ſancto Roſario, rezando vocalmente; e aſſi gaſtava todo o tempo com Deos; e como quem a elle ſó queria, e a elle ſó buſcara, enxergavaſelhe em tudo o que fazia huma profunda humildade. Sentia muito, que as Madres a trataſſem com o reſpeito do tempo de ſecular, como faziaõ, dezejando que de todo ſe perdeſſe entre ellas a lembrança de ſeu eſtado, e de ſeu ſangue. O trato do veſtido era como da mais pobre, e mais humilde; e ſe via alguma mais neceſſitada, logo lhe offerecia o que trazia, e naõ deſcançava até lhe ſer aceitado. Na meza naõ conſentia fazerlhe differença do que ſe dava à Communidade. A pobre pitança recebia com levantar mãos, e olhos ao Ceo, em graça de que lha dava Deos de graça em ſua caſa, e entre ſanctas, e ſervas ſuas, guiſada ſem cuidado ſeu, recebida ſem eſtrondo de criados (miſeria incomportavel dos Grandes do Mundo) e que fazendo conta, que de tanto bem naõ era digna, buſcava modos de a deſtemperar pera que perdeſſe algum bom ſabor, ſe o tinha. Dos exercicios, que uſava mais eſpirituais, era o ſegredo tanto, que ſó os Confeſſores tinhaõ delles noticia. O Padre Meſtre Frey Luis de Granada, que muito tempo a confeſſou, tinha feito hum tratado de ſua vida, que nos honrara eſta Hiſtoria com particularidades de grandes virtudes, e penitencias ſuas, e tambem com favores, e mercês que recebia do Senhor, e ſobre tudo com a eloquencia de ouro do Meſtre. Eſte deſappareceo de ſua cella, quando falleceo: e todavia baſtante prova he do muito, que havia que dizer della, tomar eſte Padre o cargo de ſer ſeu Chroniſta. Foy ultimo acto do grande eſpiritu deſta Senhora, quando Deos a chamou pera ſy, pedir com humildade à Prelada, que por eſmolla lhe quizeſſe dar, como a pobre huma ſepultura entre as ſervidoras, em algum canto da Craſta.

Seguio taõ ſancto exemplo quem naõ era menos illuſtre no ſangue, nem menos levantada no eſtado, que foy Dona Aldonça de Mendoça filha do Capitaõ da Ilha da Madeira, mulher de Dom Joaõ Maſcarenhas irmaõ, e ſucceſſor da caſa, fazenda, e officio de Dom Fernaõ

naõ Martins marido de Dona Elvira, de quem agora diſſemos. Acabara Dom Joaõ com elRey Dom Sebaſtiaõ na jornada de Africa; Rey, e jornada de ſempre triſte memoria. Acolheuſe ella a ſagrado pera cura das magoas geraıs, e particulares ſuas: e achouſe tam bem do conſelho, que lhe valeo eſtender a vida deſabafadamente trinta, e ſinco annos entre aquelles clauſtros ſagrados: que aſſi faz Deos com quem deixa tudo por elle; começa a paga neſta vida, como tem prometido: naõ porque eſta paga temporal tenha valia, ſenaõ pera que ſeja penhor da eterna. Eſta Senhora acabou conſigo deixar fazenda, e eſtado, que pera com muita gente he genero de milagre: mas tudo he pouco em comparaçaõ de deixar filhos, que ſaõ pedaços d'alma, e filhos mininos, que ſe fazem amar mais: e ella acabou conſigo cortar pollo affecto natural, e amor de mãy; por naõ faltar ao de Deos, que a chamava. Recolhida no Moſteiro, naõ ſe atreveo com o eſtado de profeſſa do Choro, nem com o de ſervidora, como Dona Elvira: mas ſem tomar hum, nem outro, vivia de maneira, que ambos parecia guardar perfeitamente. No Choro ſe achava ſempre a todas as horas: no ſerviço do Altar, como vivia ſenhora de alguma renda, com que quiz ficar por naõ pedir a ſeus filhos, como aconſelha o Sabio, e principalmente pera exercitar officios de miſericordia com os pobres, deſpendia largamente, acudindo naõ ſó com o neceſſario de cera, e ornamentos, mas com o ſuperfluo (que nada he ſuperfluo no ſerviço de Deos) de perfumes, caçoulas, e agoas de cheiro por toda a roda do anno, e com aventagem nas feſtas. O meſmo animo, e liberalidade, que tinha pera o Culto Divino, moſtrava com toda a Caſa: acudia com largas eſmollas à Communidade: acudia com particulares a cada Religioſa, e iſto tanto ſem cerimonia, que deſpois de encher de mimos a qualquer que adoecia, naõ ſe contentava com menos, que ficar ſua enfermeira perpetua. Com as que falleciaõ continuava à cabeceira, como ſe fora mãy de cada huma, até acabarem: e deſpois que acabavaõ, tinhaõ della ſinco Miſſas, que logo mandava dizer por cada huma; e o meſmo ſem differença fazia com as ſervidoras. A eſta charidade da terra juntava hum grande, e affervorado amor de Deos, de que ella procedia, e huma particular devaçaõ a todas as feſtas de Noſſo Senhor, e Noſſa Senhora, e de muitos Sanctos. O dia da Sancta Madalena celebrava com grande goſto; nelle, e na veſpera dava taõ cuſtoſo, e eſplendido jantar à Communidade, que ſó niſto moſtrava inda eſpiritus ſeculares. Paſſavaõlhe de trinta, e quarenta mil reis de deſpeſa: e o meſmo fazia no dia, que a Igreja ſolemniza ſua Converſaõ: e nos de Santa Martha, e S. Lazaro, reſpeito de ſua irmã, e de ſerem todos tres agazalhadores do Bom Jeſus, em quanto peregrinou na terra. Foy a morte deſta Senhora ſemelhante a tal vida. Por certo ſe tem, e o ſucceſſo della o moſtrou, que lhe foy revelada:

Eccl.

por-

porque confeſſandoſe por hum dia de finados com o Padre Frey Fernando de Caſtro, que era Vigairo, lhe diſſe duas couſas, que logo ſe viraõ cumpridas. Foy a primeira, que aquella confiſſaõ era da morte, e que por iſſo queria juntamente receber o Santiſſimo Saeramento: e a ſegunda, que naquelle meſmo lugar, em que ſe confeſſava, que era o Choro debaixo, havia de ſer ſua ſepultura. Foy a confiſſaõ hum ſabbado, o principio da doença logo ao Domingo: o mal febre maligna; a morte à ſeſta feira, antes de entrar no ſeteno; e o enterro, e ſepultura no Choro debaixo. Bem nos declara tal morte qual ſeria a vida de quem aſſi acabou; inda que della naõ ſouberamos outra couſa. Mas naõ quiz Deos, que ouveſſe ſó eſte teſtemunho: com outro muito eſpantoſo honrou ſua memoria. Fabricoulhe muitos annos deſpois ſeu filho mais velho Dom Fernaõ Martins Maſcarenhas nova ſepultura. Ao tresladar do corpo, achandoſe todo desfeito, ſó a maõ direita eſtava inteira; por verdadeiro ſinal de que naõ eſqueciaõ no Ceo as eſmollas, com que de cdntino ſe eſtendia pera os pobres.

Mas porque fallamos na ſepultura, ſerá bem dizermos o feitio della, que merece memoria, por qual he, e por quem primeiro a povoou. Contractou ſeu filho Dom Fernaõ Martins com o Moſteiro tomar o Choro debaixo pera jazigo ſeu, e dos ſeus; e profundouo tanto por todo, que lançandolhe huma abobada até o andar que de antes tinha, que tambem he o meſmo da Igreja, ficou formada huma grande ſalla ſubterranea, que melhor merece eſte nome, que o de carneiro. Correolhe em roda hum poyal alto de pedraria pera aſſento das Eſſas, ou caixoens dos defunctos. A entrada ordenou com acertado conſelho, que ficaſſe da banda de fóra. He na Igreja em meyo de hum lageado de boa pedraria, que toma toda a largura da Igreja; onde ſe vê no meyo huma fermoſa campa preſa de quatro argollas de bronze groſſas, e fortes: a qual levantada deſcobre huma larga, e bem lançada eſcada, que deſce, e vay demandar huma porta, que abre na ſalla, porta grande, e firme, lavrada de boa madeira, e ſeguramente fechada. Entre as grades de hum, e outro Choro fica hum letreiro entalhado em pedra muito alva, e fina, que com caracteres dourados declara cujo he o enterro, e quem o mandou fabricar. Mas porque naõ faltaſſe a taõ bom edificio material o eſpiritual mais neceſſario pera as almas, ordenou, além de outros ſuffragios, duas Miſſas quotidianas, que vaõ dizer dous Padres do Convento, que temos no baixo da Villa; do que ao diante fallará a Hiſtoria.

Suſtenta eſte Moſteiro de ordinario com a renda que poſſue, que pera o tempo prezente he aſſaz curta, ſincoenta Religioſas. Tem na feſta de ſua invocaçaõ, que he da Annunciaçaõ de Noſſa Senhora, hum jubileo pleniſſimo deſdas primeiras veſperas até ſol poſto do dia ſeguinte, com licença pera ſe abſolverem os penitentes de todos os caſos reſervados à Sé Apoſtolica, excepto

os

os da Bulla da Cea : e haver commutaçaõ de votos ; como naõ ſejaõ de Hieruſalem , Roma , Sanctiago , Religiaõ , e Caſtidade. Foy a graça concedida pollo Papa Pio Quarto à inſtancia de Dom Fernaõ Martins Maſcarenhas, quando aſſiſtio no Concilio de Trento por Embaixador d'elRey Dom Sebaſtiaõ. Digna conſideraçaõ ſe offerece neſte ponto do muito que pode em tudo a differença dos tempos , cotejando com a largueza deſte jubileo dado à petiçaõ de hum vaſſallo , a eſtreiteza das graças , que pouco ha temos referido concedeo Leaõ Decimo a requerimento de hum Principe de Portugal pera o noſſo Convento da Serra de Almeirim.

Concluamos o que ha deſta Caſa de Montemór com hum milagre de grande gloria de Deos, que nella obrou a interceſſaõ de S. Hiacinto noſſo Sancto , e particularmente milagroſo neſte Reyno, deſpois de ſua canonizaçaõ. Havia tres annos, e meyo, que vivia entrevada a Madre Iſabel do Calvario: fora o mal hum Ar de poplexia, que lhe deu no miolo, e nos olhos, e juntamente nos pés. Ficou taõ curta de viſta, que lhe faltava pouco pera a cegar, taõ fraca da cabeça, que naõ era ſenhora de a manear, com vagados, e deſmayos: aos pés ſe communicavaõ da cabeça , que eſtava tolhida delles, e naõ dava hum paſſo ſem ajuda de duas peſſoas. Chegando o dia da feſta do Sancto , pedio que a levaſſem ao Choro; e nelle eſteve até que as Freiras ſe foraõ pera o Refeitorio. Vindo entaõ duas Freiras pera a levarem pera o leyto , rogoulhes , que a chegaſſem ao Altar do Sancto, que eſtá no Choro , ahy a lançaſſem , e a deixaſſem , que ſe queria encommendar de vagar a elle: deixada , reclinou a cabeça no degráo do Altar , requerendo ao Sancto com devaçaõ , e lagrimas , ſe compadeceſſe de ſua aleijaõ, e lhe alcançaſſe de Deos ſaude pera o poder ſervir , ſem dar toda a vida pejo , e trabalho às que as ſerviaõ. Valeo o favor da interceſſaõ , ajudou a virtude, e neceſſidade de quem pedia ; acudio o Senhor com ſua miſericordia : antes que deſpegaſſe do altar, ſe achou com viſta clara, como quando a melhor tivera ; e livre de todo o mal da cabeça , e com tanta força nos pés , que ſem ajuda nenhuma , e eſpantando a quantas a viaõ , caminhou pera o leyto. Foy milagre taõ patente , que pareceo às Madres, que pera honra de Deos, e de ſeu Sancto ſeria bem authenticarſe. Mandaraõ a Evora: propozſe ao Ordinario , fizeraõſe as diligencias , ficou aprovado pera ſe poder prégar.

Fim do Livro ſexto,

E da Segunda Parte da Chronica de S. Domingos do Reyno de Portugal.

Quam in omnibus , & per omnia ſubdimus , & ſubjacere volumus Sanctæ Romanæ Eccleſiæ cenſuræ.

TABOA-

TABOADA

DOS CAPITULOS DESTA SEGUNDA PARTE da Hiſtoria de S. Domingos particular do Reyno, e Conquiſtas de Portugal.

LIVRO I.

CAPITULO 1. *Do eſtado em que ſe achava a Religiaõ de S. Domingos no Reyno de Portugal*, pag. 1.

Cap. 2. *Da origem, e antiguidade da Igreja do Salvador da Cidade de Lisboa, e do primeiro recolhimento, que nella ouve de mulheres virtuoſas*, 5.

Cap. 3. *Do principio, e rezaõ que ouve pera ſe fundar neſta Igreja Moſteiro da Ordem de S. Domingos; e quem foy o Fundador*, 9.

Cap. 4. *Dá o Biſpo Dom Joaõ Eſtevẽs principio à fundaçaõ do Moſteiro: aceitaſe pollos Religioſos de S. Domingos pera a Ordem: recebem as Beatas o habito da maõ do Prior de Liſboa*, 12.

Cap. 5. *Profeſſaõ as Noviças; elegem Prelada, e officiaes das portas adentro: recebemſe algumas donzellas ao habito. Daſſe conta da eſtreiteza de vida que faziaõ*, 16.

Cap. 6. *De duas myſterioſas viſoens, que ouve neſte Moſteiro deſpois de dado à Ordem. Daſſe conta das rendas que o Biſpo lhe deixou: e dos ſuffragios, que nelle ordenou*, 20.

Cap. 7. *Dos Eſtatutos, que o Biſpo juntou aos da Ordem; e de algumas obrigaçoens, que mais poz*, 24.

Cap. 8. *Daſſe conta da vida, e morte de Dom Joaõ Eſtevẽs; e dos cargos, e dignidades, por que paſſou até chegar à de Cardeal da Sancta Igreja de Roma*, 26.

Cap. 9. *Da reformaçaõ, que ouve no edificio do Moſteiro, e Igreja: e como ſe deu Capella particular ao Sancto Crucifixo, e do que ſuccedeo em duas treſladaçoens que delle ſe fizeraõ*, 30.

Cap. 10. *Daſſe conta do ſitio, e lugar em que eſtaõ as outras duas Imagens: contaõſe huns eſtranhos ſucceſſos, que nellas ſe viraõ*, 33.

Cap. 11. *De huma Imagem que de novo foy achada no ſitio do Moſteiro; e de outra que lhe veyo de fóra com algumas particularidades de conſideraçaõ*, 37.

Cap. 12. *Apontaõſe algumas particularidades, que deſcobrem a reputaçaõ em que eſtava o Moſteiro diante dos Reys, e do povo. Daſſe conta do muito que algumas vezes padeceraõ as Religioſas por naõ largar a Obſervancia, e ſujeiçaõ da Ordem*, 39.

Cap. 13. *Em que ſe apontaõ os nomes das Religioſas, que deraõ principio ao Moſteiro. Contaſe hum eſtranho caſo que a huma dellas ſuccedeo*, 42.

Cap. 14. *De outras Religioſas que por varios caminhos alcançaraõ nome, e reputaçaõ de ſanctas*, 45.

Cap. 15. *Das Madres Sor Hieronyma de Calvos, Sor Luiſa Baptiſta, e Sor Margarida de Mello*, 50.

Cap. 16. *Da Madre Sor Ines da Aſſumpçaõ*, 53.

Cap. 17. *Das Madres Sor Maria Baptiſta, Sor Iſabel do Preſepio, Sor Catherina da Cruz, e Sor Margaida do Eſpiritu Sancto*, 56.

Cap. 18. *Das Madres Sor Hieronyma do Preſepio, Sor Guiomar de Sancto Agoſtinho, e Sor Antonia de S. Paulo*, 60.

Cap. 19. *Das Madres Sor Marianna de Jeſus; Sor Leonor do Roſario; e Sor Catherina das Chagas*, 65.

Cap. 20. *Da grande, e particular devaçaõ com que neſte Moſteiro he ſervido o Santiſſimo Sacramento; e das cauſas, e motivos, que lhe deraõ principio*, 69.

Cap. 21. *Da conſtancia com que as Religioſas ſuſtentaraõ ſua clauſura nos medos, e perigos da ſegunda, e terceira contagiaõ geral à conta da protecçaõ do Santiſſimo Sacramento; e da celebre confraria, que entre ſy lhe inſtituiraõ, e ſuſtentaõ*, 73.

Cap. 22. *De outros particulares caſos em que ſe notou o grande favor, que a devaçaõ do Sanctiſſimo Sacramento tem rendido a eſte Moſteiro. Referemſe alguns exercicios ſanctos, que as Religioſas delle uſaraõ em commum*, 77.

LIVRO II.

Cap. 1. *Do principio, e fundaçaõ do Real Convento de Bemfica*, 83.

Cap. 2. *Que contém a Carta da mercé que elRey fez da caſa, e outra Proviſaõ de importancia. Tomaõ os Religioſos poſſe. Daſſe conta da pobreza, e rigor em que viviaõ, e como foy nomeado por Prelado Frey Vicente*, 87.

Cap. 3. *Deſcreveſſe o Convento de Bemfica*, 92.

Cap. 4. *Parte o Meſtre Fr. Vicente de Lisboa pera Roma por mandado d'elRey: Juccede em ſeu cargo o Meſtre Frey Vicente de Portugal. Tresladaſe o Breve que trouxe do Capitulo, pertencente à obſervancia*, 98.

Cap. 5. *Da vida, e morte, e ſepultura do Padre Meſtre Fr. Vicente de Lisboa*, 105.

Cap. 6. *Dos Padres Frey Diogo Gonçalves Belleagoa, Frey Joaõ de Moura, e outros, que foraõ os primeiros ſeguidores da Obſervancia*, 109.

Cap. 7. *Dos muy antigos Padres Frey Mendo, e Meſtre Frey Lourenço, e Frey Fernando de Braga, e do irmaõ Leigo Frey Pedro Galego filhos deſte Convento*, 112.

Cap. 8. *Do Beato Frey Bernardo*

do Arnao de Rivo, que vulgarmente ſe chama Frey Arnao, 117.

Cap. 9. *De outras maravilhas, que o Senhor foy ſervido obrar por mãos, e merecimentos de Frey Bernardo*, 120.

Cap. 10. *Do Doutor Frey Antonio Freire*, 125.

Cap. 11. *Dos Padres Frey Lopo da Corda, Frey Diogo de Lemos, e Frey Antonio de Azevedo, e do Irmaõ Leigo Frey Reginaldo de S. Maria*, 131.

Cap. 12. *Dos Padres Frey Hieronymo, e Frey Fernando de Tavora, irmãos, e tirados ambos pera Biſpos*, 134.

Cap. 13. *Vida do Padre Meſtre Frey Franciſco de Bobadilha*, 138.

Cap. 14. *Proſegue a vida do Padre Meſtre Frey Franciſco de Bobadilha*, 141.

Cap. 15. *Dos Padres Meſtres Frey Gaſpar Leitaõ, e Frey Manoel Coelho, e do Padre Fr. Sebaſtiaõ de Goes*, 145.

Cap. 16. *Do Padre Meſtre Frey Joaõ de Valadares, e do Padre Frey Fernando da Cruz*, 148.

Cap. 17. *Em que ſe dá rezaõ de algumas antiguidades, que ha no Convento*, 153.

Cap. 18. *Das memorias que neſte Convento permanecem dos Reys. De como lhe foy dada a Ermida de Noſſa Senhora do Cabo de Eſpichel*, 157.

Addiçaõ *à fundaçaõ do Convento de S. Domingos de Bemfica*, 161.

Cap. 19. *Fundaçaõ do Convento, e Vigairaria da Cidade de Ceita, em que ſuccedeo a que a Ordem tem de preſente na Cidade de Tangere*, 171.

Cap. 20. *Proſegueſe a jornada de Ceita*, 173.

Cap. 21. *Purificaõſe as meſquitas: ſagraſe huma com nome de S. Jorge pera Moſteiro de S. Domingos, ficaõ nelle os Frades da Ordem que hiaõ na armada. Daſe conta de dous bravos cercos, que os Mouros puzeraõ à Cidade, e do glorioſo fim que tiveraõ*, 188.

Cap. 22. *Do tempo que os Religioſos de S. Domingos reſidiraõ em Ceita, e como ſe treſladou o Convento pera a Cidade de Tangere*, 192.

LIVRO III.

CAp. 1. *Como foraõ com effeito deſmembrados os Conventos de S. Domingos da Provincia de Portugal da Provincia de Caſtella, e fizeraõ provincia particular per ſy. Apontaõſe os Provinciais, que a governaraõ até o anno de 1513. com o tempo da preſidencia de cada hum*, 197.

Cap. 2. *Do nome, e lugar com que ficou a Provincia Dominicana de Portugal, deſpois de ſeparada de Caſtella: Daſe conta do numero dos Vigarios, que preſidiraõ nos Conventos reformados*, 202.

Cap. 3. *Fundaçaõ do Convento de Noſſa Senhora da Miſericordia da Villa de Aveiro*, 204.

Cap. 4. *Do Padre Frey Antam de Sancta Maria de Neiva, primeiro filho deſte Convento*, 208.

Cap. 5. *Vida, e morte do Padre Frey Bertholameu de S. Domingos*, 212.

Cap. 6. *Dos Padres Frey Eſtevaõ da grande memoria, Frey Payo, Frey Palladio, e Frey Joaõ Dias, primeiro, e ſegundo*, 216.

Cap. 7. *Do Padre Frey Pedro Dias*

Dias Vigairo da Congregaçaõ reformada, 219.
Cap. 8. *Do Padre Frey Balthezar de Guimaraens*, 222.
Cap. 9. *De alguns filhos deſte Convento, que foraõ inſignes em letras, e pulpito*, 225.
Cap. 10. *Do Biſpo da Ordem Dom Frey Duarte Nunes, filho deſte Convento*, 230.
Cap. 11. *Do Biſpo de Malaca Dom Frey Jorge de Sancta Luzia*, 232.
Cap. 12. *Proſegueſe a vida, e outros maravilhoſos ſucceſſos do Biſpo Dom Frey Jorge, e como foy eleito Biſpo outro filho deſte Convento*, 235.
Cap. 13. *De outros Religioſos de bon ſpiritu filhos deſte Convento, Sacerdotes, e Converſos*, 239.
Cap. 14. *Do Padre Meſtre Frey Hieronymo Padilha, e do Padre Preſentado Frey Chriſtovaõ de Valbuena*, 243.
Cap. 15. *Proſegueſe a Vida do Padre Meſtre Frey Hieronymo Padilha*, 246.
Cap. 16. *Fundaçaõ do Convento de S. Domingos de Villa Real*, 249.
Cap. 17. *Fazem os moradores de Villa Real alguns bons officios pera ſe abreviar a vinda dos Frades, e começar a obra. Daſe conta da reformaçaõ com que ſe vivia neſte Convento, e das groſſas eſmollas com que os Marqueſes lhe acudiraõ, tanto que foraõ ſenhores da Villa*, 253.

LIVRO IV.

Cap. 1. *Do eſtado em que eſtavaõ os Conventos da Congregaçaõ reformada, e como corriaõ entre ſy a Provincia, quando ſe aceitou na obſervancia a de Azeitaõ. Daſe conta como o Principe Dom Duarte paſſou Carta de ſeu padroeiro*, 261.
Cap. 2. *Toma o Vigairo da obſervancia poſſe da quinta, por virtude do teſtamento de Eſtevaõ Eſteves*, 265.
Cap. 3. *Do auto, e cerimonias com que ſe deu principio à obra do Convento, e Igreja de Azeitaõ*, 267.
Cap. 4. *Compoem o Rey outra differença entre os Frades, e vizinhos. Daſe conta do trabalho que ouve no Convento até ſe pôr em perfeiçaõ*, 273.
Cap. 5. *De alguns Religioſos filhos deſte Convento, que floreceraõ em virtude, e letras*, 276.
Cap. 6. *Dos Padres Frey Jorge Vogado, Frey Mendo de Eſtremós, Frey Lourenço da Cruz, e Frey Joaõ Pinheiro*, 279.
Cap. 7. *De outros Religioſos filhos deſta Caſa, que a honraraõ com virtuoſos trabalhos, huns mortos, outros que vivem de preſente*, 282.
Cap. 8. *Fundaçaõ do Moſteiro de Freiras de Jeſus de Aveiro*, 286.
Cap. 9. *Deſcreveſe a traça da nova caſa, paſſaõ ſe a ella Brites Leitoa, e ſuas filhas: recebe tres companheiras: trata de fazer Moſteiro: alcança licença deſpois de muitas difficuldades: lança elRey D. Afonſo V. a primeira pedra*, 288.
Cap. 10. *Da diligencia com que corria a obra. Daſe conta de grandes eſtorvos, que intervieraõ até ſe acabar: e como a Fundadora, e companheiras veſtiraõ o habito de Noviças, e começou a correr o Moſteiro em clauſura formada*, 292.

Cap. 11. *Do concerto, e ordem com que começou o novo Moſteiro em ſeu governo: Profeſſaõ as Noviças aſſiſtindo elRey D. Affonſo: morrem algumas: recolheſe no Moſteiro a Princeſa Dona Joanna: ſaeſe por occaſiaõ de peſte acompanhada da Fundadora, que morreo em ſua companhia*, 295.

Cap. 12. *Da Madre Dona Maria Pereira primeira filha profeſſa deſte Moſteiro*, 299.

Cap. 13. *Das Madres Dona Catherina de Ataide, Guiomar Velha, e Brites Velha*, 305.

Cap. 14. *Da Madre Dona Leonor de Meneſes* 307.

Cap. 15. *Da Madre Dona Maria de Atayde, terceira Prioreſſa deſta caſa*, 310.

Cap. 16. *Das Madres Sor Iſabel Luis, e Sor Violante Nunes*, 312.

Cap. 17. *Das Madres Sor Iſabel Rodrigues, Sor Catherina Gomes, Sor Catherina Gonçalvez, Sor Maria Zuzarte, Sor Catherina da Cunha, e Sor Brites de Menezes*, 315.

Cap. 18. *Da Madre Sor Brittes das Chagas, por outro nome Ferras*, 318.

Cap. 19. *Das Madres Sor Ines Pacifica por outro nome, Louſada, e Sor Guiomar Ferreira*, 323.

Cap. 20. *Das Madres Sor Felippa de Gouvea, Sor Maria Correa, Sor Eelippa Botelha, e Sor Iſabel Gomes*, 325.

Cap. 21. *Das Madres Sor Violante da Sylva, Sor Margarida de Tavares, Sor Joanna de Andrade, Sor Joanna de Vilhena, e Sor Catherina de Souſa*, 328.

Cap. 22. *Das Madres Prioreſſas Sor Angella do Paraizo, Sor Cicilia da Aſſençaõ, e Sor Joanna dos Sanctos*, 331.

Cap. 23. *De algumas couſas notaveis, que ha neſte Moſteiro*, 334.

Cap. 24. *Daõ as Religioſas a Capella mór a Franciſco de Tavares. Contaſe hum miſterioſo caſo, que ſe vio na tresladaçaõ que a ella ſe fez do corpo de D. Joanna ſua mulher, falecida fora do Reyno*, 338.

LIVRO V.

Cap. 1. *Do naſcimento, criaçaõ, e principios da vida da Princeſa D. Joanna*, 341.

Cap. 2. *Pede elRey de França a Princeſa pera eſpoſa do Delfim ſeu filho; deſvia a Princeſa a practica, reſolveſe em buſcar a Deos na Religiaõ: Pede licença a elRey, vay pera o Moſteiro de Odivellas*, 345.

Cap. 3. *Sae a Princeſa de Odivellas; caminha elRey com ella pera Coimbra: deixaa recolhida no Moſteiro de Jeſus de Aveiro: Daſe conta de hum prodigioſo ſinal, que ſobre o Moſteiro appareceo, e do fim que teve*, 348.

Cap. 4. *Toma a Princeſa o habito de Noviça: daſe conta da vida, que fazia*, 351.

Cap. 5. *Do grande deſcontentamento, que ouve no Reyno por eſta determinaçaõ da Princeſa: e do que fizeraõ os povos ao Principe por rezaõ della*, 353.

Cap. 6. *Adoece a Princeſa antes de acabar o anno de provaçaõ; poem em conſulta de Theologos ſe profeſſará, ſae do Moſteiro por medo da peſte da Villa: torna a elle paſſados alguns meſes*, 356.

Cap. 7. *Aceita a Princeſa criar*

no Moſteiro hum filho baſtardo do Principe ſcu irmaõ. Faz voto ſimples. Daſe conta como foy de novo pedida de dous grandes Principes por mulher; e dos trabalhos, que por iſſo padeceo, e dos meyos, porque ficou livre, &c. 360.

Cap. 8. *Da nova, e grande tribulaçaõ; que a Princeſa padeceo, ſendo requerida pera caſar com elRey de Inglaterra,* 363.

Cap. 9. *Da origem, e cauſas, que ſe davaõ da doença da Princeſa, e do que no diſcurſo della padeceo, e como ſe deſpedio do Senhor D. Jorge,* 365.

Cap. 10. *Como a Princeſa foy ungida, e de ſcu ſancto tranſito, e teſtamento: e de hum prodigioſo caſo, que ſe vio em ſeu enterro,* 369.

Cap. 11. *De alguns ſinais, que ouve entre peſſoas virtuoſas da gloria da Princeſa,* 372.

Cap. 12. *De alguns caſos milagroſos, que ſe referiaõ á ſanctidade, e interceſſaõ da Princeſa,* 374.

LIVRO VI.

Cap. 1. *Que contém certas graças, que o Cabido da ſancta Sé de Lisboa, pedio ao Meſtre geral da Ordem, e elle lhe concedeo,* 377.

Cap. 2. *Fundaçaõ do Convento de Noſſa Senhora da Conſolaçaõ da Villa de Abrantes,* 383.

Cap. 3. *Do que aconteceo na morte deſte Infante, e ſua mulher, e filhos, e como foy tresladado pera o enterro Real de Belem. Referemſe alguns milagres, que ouve neſta Villa da feſta de S. Hiacinto,* 384.

Cap. 4. *Fundaçaõ do Convento de Noſſa Senhora da Luz do Pedrogaõ grande,* 387.

Cap. 5. *Compoemſe o Convento pera correr em forma, e titulo de Priorado, e ter criaçaõ de Noviços: Daſe conta de huma eſtranha tempeſtade, que ſuccedeo na Villa,* 392.

Cap. 6. *De varias jornadas, que os Religioſos de S. Domingos fizeraõ às terras de Guiné, na coſta de Africa, e Ethiopia Occidental em ſerviço, e honra da Fé,* 395.

Cap. 7. *Da ſegunda viagem, que os Religioſos de S. Domingos fizeraõ a Guiné,* 397.

Cap. 8. *Terceira miſſaõ dos noſſos Religioſos a outras terras do meſmo clima,* 400.

Cap. 9. *Paſſaõ o Embaixador, e Ptégadores à Corte delRey de Congo, daſe conta do recebimento, que lhe fez, e como foy bautizado,* 403.

Cap. 10. *Das alteraçoens, que ouve no eſpiritual, e temporal: partido o Embaixador de Portugal, e da morte do Vigairo, e ſeus companheiros,* 407.

Cap. 11. *Quarta viagem, que os noſſos Religioſos fizeraõ a Ethiopia, acompanhando os primeiros conquiſtadores de Angola,* 410.

Cap. 12. *Quinta, e ultima ida, que os Frades de S. Domingos fizeraõ às terras de Guiné,* 411.

Cap. 13. *Saem o Vigairo, e ſeus companheiros de Loanda pera Congo: daſe conta de como paſſaraõ o caminho: e de algumas particularidades da Cidade do Salvador, metropoli do Congo,* 415.

Cap. 14. *Fundaçaõ do Moſteiro de S. Anna de Leiria: contaõſe particulares virtudes de algumas Religioſas delle,* 419.

Cap. 15.

Cap. 15. *Das Madres Sor Britтes Aranha, Sor Antonia de Teive, Sor Mecia primeira, e Sor Mecin ſegunda, e Sor Maria de Goes, e outras*, 423.

Cap. 16. *Fundaçaõ do Convento de Noſſa Senhora da Serra em Almeirim*, 427.

Cap. 17. *Das indulgencias, que o Principe impetrou da Sé Apoſtolica pera o Convento: e da devaçaõ, que elle, e os mais Reys deſte Reyno lhe tiveraõ ſempre*, 430,

Cap. 18. *Da vida, e morte do Padre Frey Thomas da Coſta, filho deſte Convento*, 434.

Cap. 19. *Fundaçaõ do Moſteiro de Freiras de Noſſa Senhora da Saudaçaõ de Montemór o novo*, 438.

Cap. 20. *De outras Religioſas, que ouve neſte Moſteiro de ſinalada virtude*, 441.

Cap. 21. *Das Madres Sor Luiza de S. Antonio, Sor Elvira da Anunciaçaõ, Sor Antonia da Cruz, Sor Joanna do Spiritu Sancto, Sor Maria Magdalena*, 445.

Cap. 22. *Das Madres, Sor Anna Bautiſta, Sor Juliana do Roſario, Sor Joanna do Evangeliſta, e Sor Maria de Jeſus*, 448.

Cap. 23. *Das Madres Sor Elvira da Anunciaçaõ, e Sor Catherina dos Reys*, 450.

Cap. 24. *De algumas ſenhoras de grande eſtado, e nobreza, que ſe recolheraõ neſte Moſteiro, convidadas da ſanctidade delle. Daſe conta de outras particularidades da caſa*, 452.

FIM,

Ex I 74

B9014119
15 mr 2021